

Aula 1

1. Compreensão e interpretação de textos de gêneros variados.

Língua Portuguesa para Auditor-Fiscal da Receita do Distrito Federal - SEFAZ DF

Prof. José Maria

Sumário

COMO COMPREENDER E INTERPRETAR TEXTOS?.....	3
O QUE É PRECISO PARA SE COMPREENDER E INTERPRETAR ADEQUADAMENTE TEXTOS?.....	3
IDENTIFIQUE O TEMA PRINCIPAL.....	3
IDENTIFIQUE O OBJETIVO PRINCIPAL.....	4
IDENTIFIQUE AS INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS.....	7
CONVERTA A LINGUAGEM CONOTATIVA EM DENOTATIVA.....	8
IDENTIFIQUE OS RECURSOS E AS ESTRATÉGIAS EMPREGADOS.	9
TOME CUIDADO COM OS DISTRATORES!.....	11
TENTE PARAFRASEAR O TEXTO DE FORMA RESUMIDA.....	15
QUESTÕES COMENTADAS.....	21
QUESTÕES COMENTADAS.....	64
QUESTÕES COMENTADAS.....	95
QUESTÕES COMENTADAS.....	138
QUESTÕES COMENTADAS.....	207
LISTA DE QUESTÕES	240
GABARITO.....	278
LISTA DE QUESTÕES.....	270
GABARITO.....	287
LISTA DE QUESTÕES	292
LISTA DE QUESTÕES.....	305
GABARITO.....	347
LISTA DE QUESTÕES.....	355
GABARITO.....	378
LISTA DE QUESTÕES.....	382
RESUMO DIRECIONADO.....	402

Como compreender e interpretar textos?

Não há hoje uma prova de Língua Portuguesa que não priorize Interpretação de Textos. Não há! Todas, mas todas mesmo, abordam exaustivamente a capacidade de o aluno ler e interpretar textos de diversos tipos e gêneros.

Isso é decorrência de uma guinada no foco de estudo da língua. Não se prioriza tanto nas provas atuais a Gramática Normativa no seu estado puro, descontextualizado. O centro das discussões passa a ser o discurso, as relações de sentido, os recursos expressivos. A Língua Portuguesa, portanto, tem como palco o texto! Tudo sai de lá! Inclusive as questões de Gramática! Isso demanda de nós o desenvolvimento das habilidades voltadas para leitura e interpretação.

Ok, professor! Mas como se estuda esse troço? Existe algum livro bom para aprender a interpretar? Moçada, não é bem assim! Faço uma analogia com aprender a cobrar faltas. *Como assim?* Posso eu dar aquela aula show explicando tintim por tintim a teoria acerca da cobrança de faltas: a forma de chutar, a curva da bola, a direção do vento, etc. Posso passar os mais variados vídeos de grandes golaços de falta, apresentar depoimentos de grandes cobradores, etc. Isso de nada vai adiantar se você não praticar. Uma hora ou outra, vai ser necessário você pegar a bola, pô-la no gramado e experimentar os primeiros chutes. No começo a bola vai bater na barreira ou passar longe do gol. Depois, com mais treino e insistência, você começará a acertar o direcionamento do chute. E depois de um tempo, os primeiros gols e golaços.

Da mesma forma é a Interpretação. Só se desenvolve essa habilidade praticando. É preciso ler variados tipos de texto – dos textos jornalísticos às charges e tirinhas; da prosa à poesia; do objetivo ao subjetivo. Claro que o conhecimento de certas técnicas e conceitos há de ajudá-lo a desenvolver essa habilidade. É isso que irei apresentar nesta aula! Vamos trazer exemplos variados, sempre frisando a forma de abordar o texto, quais elementos devemos checar, que pistas podemos no texto explorar.

Nos tópicos a seguir, vamos responder à seguinte pergunta:

O que é preciso para se compreender e interpretar adequadamente textos?

Identifique o TEMA PRINCIPAL

Após a leitura do texto, é essencial que saibamos identificar do que o texto trata, ou seja, qual o assunto nele tratado, qual o tema.

Quanto mais delimitado o tema, diga-se de passagem, melhor! *Como assim?* Muitas vezes o aluno afirma: *Ah, o tema do texto é 'mulher'!* Mas "mulher" é muito amplo! Tente delimitar, ou seja, pôr limites. O aluno afirma: *Ah, entendi! O tema do texto é "A mulher na política".* Legal! Melhorou! Mas podemos delimitar ainda mais. Tente novamente! O aluno, então, afirma: *Ah, o tema do texto é "A discreta representatividade da mulher na política".* Pronto! Agora ficou legal! Bem delimitado.

Vamos trabalhar essa habilidade com dois textos. No primeiro, acredito que você consiga numa boa identificar sua temática. Já no segundo, por se tratar de um texto de caráter literário, acredito que haja mais dificuldades. Vejamos:

A eterna juventude

Conforme a lenda, haveria em algum lugar a Fonte da Juventude, cujas águas garantiriam pleno rejuvenescimento a quem delas bebesse. A tal fonte nunca foi encontrada, mas os homens estão dando um jeito de promover a expansão dos anos de "juventude" para limites jamais vistos. A adolescência começa mais cedo - veja-se o

comportamento de "mocinhos" e "mocinhas" de dez ou onze anos - e promete não terminar nunca. Num comercial de TV, uma vovó fala com desenvoltura a gíria de um surfista. As academias e as clínicas de cirurgia plástica nunca fizeram tanto sucesso. Muitos velhos fazem questão de se proclamar jovens, e uma tintura de cabelo é indicada aos homens encanecidos como um meio de fazer voltar a "cor natural".

Esse obsessivo culto da juventude não se explica por uma razão única, mas tem nas leis do mercado um sólido esteio. Tornou-se um produto rentável, que se multiplica incalculavelmente e vai da moda à indústria química, dos hábitos de consumo à cultura de entretenimento, dos salões de beleza à lipoaspiração, das editoras às farmácias. Resulta daí uma espécie de código comportamental, uma ética subliminar, um jeito novo de viver. O mercado, sempre oportunista, torna-se extraordinariamente amplo, quando os consumidores das mais diferentes idades são abrangidos pelo denominador comum do "ser jovem". A juventude não é mais uma fase da vida: é um tempo que se imagina poder prolongar indefinidamente.

São várias as consequências dessa idolatria: a decantada "experiência dos mais velhos" vai para o baú de inutilidades, os que se recusam a aderir ao padrão triunfante da mocidade são estigmatizados e excluídos, a velhice se torna sinônimo de improdutividade e objeto de caricatura. Prefere-se a máscara grotesca do botox às rugas que os anos trouxeram, o motociclista sessentão se faz passar por jovem, metido no capacete espetacular e na roupa de couro com tachas de metal.

É natural que se tenha medo de envelhecer, de adoecer, de definhir, de morrer. Mas não é natural que reajamos à lei da natureza com tamanha carga de artifícios. Diziam os antigos gregos que uma forma sábia de vida está na permanente preparação para a morte, pois só assim se valoriza de fato o presente que se vive. Pode-se perguntar se, vivendo nesta ilusão da eterna juventude, os homens não estão se esquecendo de experimentar a plenitude própria de cada momento de sua existência, a dinâmica natural de sua vida interior.

Viu, que história é essa? Está tentando pular etapas? Volte e leia tudo, não podemos ter preguiça não! Moçada, é sério, a preguiça mata qualquer possibilidade de sucesso em questões de interpretação, principalmente de concursos. Não podemos ser reféns dela não, ok?

Pronto, agora que você leu tudo, vamos discutir de forma bem objetiva. Se fosse para citar o tema principal desse texto, o que você me diria?

Vamos lá...

O texto em questão, intitulado "A eterna juventude" (*Já é uma pista!*), fala sobre muitas coisas. Por exemplo, faz-se, no 1º parágrafo, referência à lenda da Fonte da Eterna Juventude. No 2º parágrafo, fala-se da indústria da beleza, e como esta consegue tirar bastante proveito (lucro) do culto obsessivo pela juventude (*Opa, tá ficando quente!*). O 3º parágrafo assume uma postura mais crítica no que se refere ao artificialismo daqueles que tentam imitar os mais jovens. No 4º parágrafo, fala-se do medo de envelhecer, como motivador para a manutenção de uma aparência jovem.

Essas informações que listamos estão a serviço de um tema mais abrangente. Como podemos defini-lo? Vamos sintetizar da seguinte maneira: **O CULTO OBSESSIVO DA JUVENTUDE.**

Definimos, assim, o norte do texto. As informações que foram nele mencionadas parágrafo a parágrafo são meros desdobramentos desse tema central, portanto. A menção à lenda da Fonte da Juventude, por exemplo, é apenas um ensejo (motivador) para a tratativa do tema; a referência à indústria da beleza é para evidenciar uma consequência desse culto exagerado da juventude; a crítica ao artificialismo da juventude é um juízo de valor emitido pelo autor; por fim, o medo de envelhecer é apresentado como uma das causas para a juventude ser tão cultuada.

Veja só, todas as informações giram em torno do tema central. Moçada, o que fica claro? Para dar o pontapé no entendimento do texto, precisamos entender do que ele fala, ou melhor, precisamos identificar o seu norte, o seu **TEMA PRINCIPAL**. Não podemos perder esse norte, sob pena de chegarmos a conclusões precipitadas.

Você já iniciou uma conversa entre amigos e aquele assunto inicial foi se perdendo ao longo do caminho? Quando você percebeu, estavam falando de coisas completamente diferentes do assunto inicial da conversa. Pois é, na leitura do texto, não podemos perder o norte da conversa. Vamos identificando as informações e constatando: essa está dentro dessa, que está dentro dessa, que está dentro daquela.

Identifique o OBJETIVO PRINCIPAL

Depois de identificar a temática principal do texto – *já sabemos sobre o que ele fala* -, precisamos entender qual o propósito, qual o objetivo, qual a intenção do autor do texto. A resposta a essa pergunta, muitas vezes, é um verbo. Como assim, professor? Você responde: “O objetivo do texto é informar...” ou “O objetivo do texto é alertar...” ou “O objetivo do texto é criticar...”, etc.

Um cuidado especial deve ser tomado aqui. Muitas vezes, o texto traz informações secundárias que podem confundir o leitor. Por exemplo, o texto conta uma longa história, dando a entender que o objetivo do texto é narrar! Mas, na verdade, a narrativa serve apenas de pano de fundo para uma crítica.

Eis um exemplo bem bobo, mas que explica, de forma didática, a diferença entre as informações secundárias e a informação principal, que consiste na mensagem principal, aquela que resume o texto! Vejamos:



QUESTÕES PARA FIXAR



(EQI 2023)

A alienação

Em meus anos moços, fui caixa de banco. Recordo, entre os clientes, um fabricante de camisas. O gerente do banco renovava suas promissórias só por piedade. O pobre camiseiro vivia em perpétua soçobra. Suas camisas não eram ruins, mas ninguém as comprava. Certa noite, o camiseiro foi visitado por um anjo. Ao amanhecer, quando despertou, estava iluminado. Levantou-se de um salto. A primeira coisa que fez foi trocar o nome de sua empresa, que passou a se chamar Uruguai Sociedade Anônima, patriótico nome cuja sigla é U. S. A. A segunda coisa que fez foi pregar nos colarinhos de suas camisas uma etiqueta que dizia, e não mentia: Made in U. S. A. A terceira coisa que fez foi vender camisas feito louco. E a quarta coisa que fez foi pagar o que devia e ganhar muito dinheiro.

Podemos inferir que o objetivo principal da crônica acima é:

- a) criticar o comportamento de uma minoria da sociedade que se seduz facilmente pela cultura americana.
- b) ironizar o comportamento da sociedade, muito suscetível a modismos.
- c) elogiar a criatividade do pequeno empreendedor, que consegue, com muito esforço, ser bem-sucedido em seus negócios.
- d) criticar marcas que, de forma mentirosa, estampam “Made in U.S.A” em suas grifes.
- e) promover o empreendimento U.S.A. (Uruguai Sociedade Anônima) como exemplo de criatividade e sucesso nos negócios.

RESOLUÇÃO

Professor, de cara, fiquei com uma dúvida! O que significa “EQI – 2018”? Galera, “EQI” significa “Eu Que Inventei”! Rs. Vocês, eu conheço bem, vão resolver todas as questões do mundo e, de vez em quando, precisam de questões novas, não é mesmo?

Brincadeiras à parte, vamos analisar o texto.

Observe que se trata de uma narrativa. Nela, conta-se a história de um camiseiro, que vivia numa situação financeira difícil. Suas camisas eram muito boas, mas poucas eram vendidas. Até que um anjo surgiu num sonho e deu a brilhante

ideia de mudar o nome da empresa para “Uruguai Sociedade Anônima (USA)”. No que o camiseiro estampou nas camisas a etiqueta “Made in USA.”, passou a vender camisas feito água.

Ora, essa história, como você percebeu, é só um pano de fundo. O objetivo principal é criticar a postura da sociedade.

Analisemos as alternativas:

Letra A – ERRADO – De fato, o texto critica o comportamento da sociedade que se deixa seduzir pelos modismos. Observemos que as camisas eram de boa qualidade, mas, como não carregavam uma marca forte, quase ninguém as comprava. Bastou se empregar a etiqueta “Made in U.S.A.”, numa referência bem-humorada a “Fabricado nos EUA”, que rapidamente os produtos encontraram compradores.

O que torna o item errado é um pequeno detalhe. Diz o item que se trata de um comportamento da minoria, o que não é verdade. Essa influência por modismos atinge é a maioria da sociedade, e não uma pequena amostra.

Letra B – CERTO – O verbo “ironizar” quer dizer “fazer pouco caso”, “criticar”, “desdenhar”. O autor do texto, ao fazer uso da narrativa como pano de fundo, critica o comportamento da sociedade que privilegia não a qualidade, mas as marcas, as famas, o “status”.

Letra C – ERRADO – Embora tenha sido criativa a ideia do camiseiro, não é isso o objetivo principal da crônica. A narrativa é apenas um pretexto, um pano de fundo, para se tratar de algo mais amplo, a saber: a influência de grande parte da sociedade por modismos.

Letra D – ERRADO – Como dito antes, a narrativa lida é apenas um pano de fundo para uma discussão bem mais ampla. Além disso, a crítica não é direcionada às empresas, e sim à sociedade.

Letra E – ERRADO – Como dito antes, a narrativa lida é apenas um pano de fundo para uma discussão bem mais ampla. Além disso, o texto tem por finalidade não promover, e sim criticar.

Resposta: B

Identificar o objetivo principal do texto é essencial, principalmente quando se trata de textos longos. Ora, para que vocês não se percam no emaranhado de informações, **QUESTIONEM SEMPRE AO FINAL DO TEXTO QUAL A TEMÁTICA E QUAL O OBJETIVO PRINCIPAL DO TEXTO**. Esses simples questionamentos dão um norte, ajudando na identificação da coluna dorsal do texto, ou seja, seu ponto de sustentação. A partir dessa identificação, torna-se mais fácil responder as diversas questões sobre interpretação de texto.

Peço paciência a vocês para lerem o texto a seguir:

Texto

Com um pouco de exagero, costumo dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consigo eliminar o azar, isto é, o acaso.

E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, “acaso” escreve-se “hasard”, como no célebre verso de Mallarmé, que diz: “um lance de dados jamais eliminará o acaso”. Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se, no entanto, levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta

ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado “pé frio”. Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder “gols feitos”, nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais de santo e pagam promessas a lemanjá. É como se dissessem: treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais de santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalcava o time. O médico da equipe, depois de atender o jogador, disse ao técnico: “Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é”. E o técnico: “Ótimo! Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente”.

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: Folha de S. Paulo, 24/06/2007.)

O autor defende a tese de que

- a) os técnicos de futebol são supersticiosos.
- b) o fator psicológico atua sobre os jogadores.
- c) o tiro de canto é uma jogada que aflige os jogadores do time que o sofre.
- d) o jogo de futebol está sujeito ao acaso, apesar da preparação dos jogadores.
- e) os resultados dos jogos de futebol são somente fruto do acaso.

RESOLUÇÃO

Analisando o texto, conseguimos identificar a temática do acaso. Como já vimos, é muito importante fazer boa delimitação. Quanto mais delimitado o tema, mais facilmente identificaremos seu propósito. Notemos que a temática do acaso se limita aos jogos, em especial aos jogos de futebol.

Toda a exposição de exemplos de lances numa partida de futebol e a descrição dos técnicos de futebol como supersticiosos deixam em evidência o objetivo central do texto: o acaso é fator decisivo numa partida de futebol, suplantando, em muitas situações, até mesmo, o preparo técnico e psicológico dos jogadores.

Analisemos cada uma das opções:

Letra A – ERRADO – Trata-se de um fato, e não uma opinião, serem muitos técnicos supersticiosos. Lembremo-nos de que uma tese (opinião) está sujeita a contrapontos, diferentemente do fato. O autor não precisou argumentar para provar que muitos técnicos são assim. Bastou apenas descrevê-los como tais. Além disso, a superstição dos técnicos não é propriamente a tese, mas sim uma consequência advinda do fator de aleatoriedade presente nos jogos de futebol.

Letra B – ERRADO – Mais uma vez, não se trata de uma tese (opinião), mas de um fato. No trecho “Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte”, o emprego da expressão “como se sabe” atesta o caráter de fato.

Letra C – ERRADO – Trata-se apenas de um exemplo, que serve para a ilustrar a tese de que o acaso atua significativamente numa partida de futebol.

Letra D – CERTO – Como dito no texto, em certas situações, mesmo um time preparado tecnicamente e taticamente pode ser surpreendido pelo acaso.

Letra E – ERRADO – O autor não considera o acaso o único fator determinante de um resultado. Isso fica bem claro no seguinte trecho: Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto do acaso. O que o autor defende é a impossibilidade de eliminar o acaso das partidas de futebol, por mais que haja preparo técnico e tático.

Resposta: D

Identifique as INFORMAÇÕES EXPLÍCITAS E IMPLÍCITAS

O maior desafio da análise textual está na identificação das informações presentes no texto. Não apenas as explícitas, mas principalmente as implícitas. Veja bem, não são informações invisíveis, ok? De jeito nenhum! São informações implícitas, escondidas, mas que podem ser identificadas a partir de algumas pistas deixadas no texto. Como assim, professor?

Observe a seguinte frase:

Fiz faculdade, mas aprendi alguma coisa.

Professor, mas que frase esquisita! Estranha!

De fato, o emprego da conjunção adversativa nos gera uma sensação de estranheza, levando-nos num primeiro impulso a concluir que a frase não tem coerência. Mas calma! Analisemos com mais atenção, por favor!

Primeiramente, identifiquemos as informações explícitas, ou seja, aquelas que estão visíveis. Nessa etapa, não é preciso interpretar, mas apenas ler o que lá no texto está escrito. Há duas informações que já podemos extrair: a primeira é que “Eu fiz faculdade.”; a segunda é que “Eu aprendi alguma coisa.”

Agora vamos em busca dos implícitos, ok? O que no texto vai nos fornecer a pista, o rastro, para que sejamos capazes de “descortinar” a informação implícita? Ora, investiguemos justamente a conjunção “mas”, que tanto nos causou estranheza! Sabemos que o “mas” é adversativo. O que isso significa? Que esse conector estabelece uma relação de oposição entre as ideias que ele conecta. Isso significa que o autor da frase opõe “fazer faculdade” a “aprender algo”. É como se esses dois fatos não combinassem.

Será que já somos capazes de decifrar o implícito?

Faz sentido atestar que essa frase é uma crítica velada (implícita) ao ensino superior? Seria coerente afirmar que, segundo o autor, não se aprende muito nas faculdades? Que seria algo tão atípico (incomum) que ele, por ter feito faculdade e aprendido algo, é uma exceção à regra?

Sim, são as respostas!

A essa habilidade de identificar implícitos, que considero o pilar de sustentação da interpretação, damos o nome de **INFERÊNCIA** ou **DEPREENSÃO**.

INFERIR OU DEPREENDER é deduzir a partir dos implícitos.

Vamos praticar? Veja o exercício a seguir:

QUESTÃO - Analise as frases extraídas de anúncios e assinale a opção cuja inferência é válida:

a) Revista XYZ: uma revista tão boa que as notícias nem precisam ser ruins.”

Inferência: O leitor lê a revista XYZ porque a revista não traz notícias ruins.

b) “Não acredito que você errou essa questão, Fulano!”

Inferência: A questão que Fulano errou era difícil.

c) “Ele era um garoto ajuizado, apesar de jovem.”

Inferência: O autor da frase alega que o jovem geralmente não tem juízo.

d) “Ele foi o único aluno que acertou a questão difícil da prova.”

Inferência: Grande parte dos alunos acertaram a questão difícil da prova.

e) “Não resolvemos as questões que eram difíceis.”

Inferência: Não havia questões de nível fácil ou mediano na prova.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADO – O anúncio dá a entender que o público geralmente considera boas as revistas que trazem notícias ruins – desastres, denúncias, sofrimento, etc. No caso da revista XYZ, ela apresenta tantas outras qualidades, que não precisa trazer notícias ruins. Sendo assim, o leitor lê a revista XYZ, porque ela apresenta outras qualidades.

Letra B – ERRADO – Não necessariamente a questão que Fulano errou era difícil. Simplesmente se esperava que Fulano acertasse a questão, ou por ser fácil ou por ser difícil. O fato é que se julgava Fulano como apto a acertá-la, o que não ocorreu.

Letra C – CERTO – Pode não ter sido a intenção, mas foi isso que o autor da frase disse. Ao estabelecer a relação de sentido pelo conector “apesar de”, dá a entender que não é comum um jovem ser ajuizado, pois “ser ajuizado” e “jovem” são contrastantes.

Letra D – ERRADO – Ora, se ele foi o único, logo somente ele acertou, e não grande parte da turma.

Letra E – ERRADO – Observe que a oração “que eram difíceis” é adjetiva restritiva, dando a entender que nem todas as questões da prova eram difíceis, apenas algumas. Sendo assim, é possível afirmar que algumas questões ou eram fáceis ou eram medianas.

Resposta: C

Converta a LINGUAGEM CONOTATIVA EM DENOTATIVA

Muitas vezes, o texto não diz de forma direta o que quer dizer!

Expressar-se de forma direta é empregar uma linguagem predominantemente denotativa. E o que seria a denotação? Trata-se do sentido literal, ou seja, o sentido dicionário dos termos e expressões.

Mas imagine se a todo momento nos expressássemos de forma literal? O mundo seria muito chato, não concorda? Por isso, costumamos empregar uma linguagem, muitas vezes, conotativa. E o que seria a conotação? Trata-se do sentido figurado, ou seja, o sentido que vai além do literal.

Não é difícil perceber o emprego da linguagem conotativa. Quando você me diz que “está morrendo de estudar”, é claro que não posso imaginar que o estudo esteja levando você a um risco de óbito! Devo entender aí um sentido figurado, atestando que você está estudando muito, certo?

Vamos a um exemplo mais elaborado. Leia o seguinte fragmento e me diga o que exatamente você entendeu, ok?

Se você quer construir um navio, não peça às pessoas que consigam madeira, não dê a elas tarefas e trabalhos. Fale, antes, a elas, longamente, sobre a grandeza e a imensidão do mar. (Saint-Exupéry)

Vem cá, a menção ao navio, à madeira, ao mar, pode ser levada ao pé da letra? É isso mesmo? Será que o ditado acima reproduzido não nos quer dizer algo a mais? Olhe bem, para que falar sobre a grandeza e imensidão do mar? E longamente. Qual o propósito? Professor, eu penso que, se a pessoa se conscientiza do desafio que é navegar por um mar imenso e misterioso, ela se sente bem mais motivada e inspirada a construir suas embarcações. Seria isso? Vamos mais a fundo e resume com uma única palavra o que esse ditado quer nos dizer. Deixe-me ajudá-lo. A palavra que buscamos é ... **MOTIVAÇÃO**.

Vamos traduzir da linguagem conotativa para a denotativa? Fica assim: ***primeiro devemos motivar as pessoas para o trabalho, e não simplesmente passar tarefas sem um propósito bem claro para quem vai as executar.***

Uma maneira excelente de se treinar a habilidade de conversão da linguagem conotativa em denotativa é traduzir alguns dos ditados populares, alguns mais conhecidos, outros nem tanto.

Vejamos:

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

= A persistência leva à superação dos obstáculos.

Antes de se matar a onça não se faz negócio com o couro.

= O indivíduo não deve tomar decisões baseadas na pressuposição daquilo que ainda não ocorreu.

Vamos ver mais um exemplo?

“E agora, José?”

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas – ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, (...)

Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: “E agora?” Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atônitas. “E agora, José?” Grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tônico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Em todo o caso, há situações de tal modo absurdas (ou que o pareceriam vinte e quatro horas antes), que não se pode censurar a ninguém um instante de desconforto total, um segundo em que tudo dentro de nós pede socorro, ainda que saibamos que logo a seguir a mola pisada, violentada, se vai distender vibrante e verticalmente armar. Nesse momento veloz tocara-se o fundo do poço.

SARAMAGO, José. In: _____. A bagagem do viajante. São Paulo: Companhia das Letras

COMENTÁRIOS

O autor usa uma linguagem figurada carregada de significados. A “mola pisada, violentada” faz menção a situações de desalento, desesperança, que, no entanto, são passageiras. Tanto o são que, passados os momentos de tensão, “a mola se distende vibrante”, dando a entender que a situação de desespero cede lugar à sensação de esperança e satisfação. Resumidamente, faz-se menção ao caráter passageiro das adversidades. A expressão “Em todo o caso” relativiza (atenua) o conteúdo do parágrafo anterior, ao afirmar que nem sempre a motivação será uma resposta possível a situações adversas. Há situações em que se toca o “fundo do poço”, resultando numa sensação de desconforto total. Dessa forma, nesses casos, a desesperança é praticamente inevitável.

Identifique OS RECURSOS E AS ESTRATÉGIAS empregados.

Identificado o tema e o propósito principal do texto lido, é preciso detalhar como se chegou a esse resultado, reconhecendo os recursos e as estratégias nele empregados pelo autor. Esse caminho também pode ser invertido. Como assim? Em alguns textos, é mais fácil identificar os recursos e estratégias empregados e, assim, identificar seu tema e objetivos. Fique tranquilo! Trabalharemos exemplos a seguir que ilustrarão essa técnica.

Para cada tipo de texto, assim como para cada propósito, há recursos mais ou menos pertinentes. Por exemplo, se se trata de um texto de caráter jornalístico, cujo objetivo principal é informar da forma mais clara possível, com certeza o emprego de metáforas não é nem um pouco apropriado; seria bem mais adequado o emprego da linguagem denotativa para se cumprir esse propósito. Se se trata de um texto de caráter literário, cujo objetivo é enfatizar um lirismo (sentimento), o emprego da denotação não é nem um pouco bem-vindo (costuma-se dizer que “a denotação é a morte do texto literário”); seria bem mais adequado o emprego das metáforas e outras figuras de linguagem.

Não há, contudo, um gabarito já pré-formatado. Não é possível, de antemão, apenas pela identificação do tipo de texto e do seu objetivo principal, já identificar o recurso ou estratégia empregada no texto. Lembre-se de que a criatividade humana não possui teto. Muitas vezes, entra em cena a originalidade, que dá ao texto um caráter singular ou, até mesmo, inesperado. Quer um exemplo?

Com o declínio da velha lavoura e a quase concomitante ascensão dos centros urbanos, precipitada grandemente pela vinda, em 1808, da Corte Portuguesa e depois pela Independência, os senhorios rurais principiam a perder muito de sua posição privilegiada e singular. Outras ocupações reclamam agora igual eminência, ocupações nitidamente citadinas, como a atividade política, a burocracia, as profissões liberais.

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição.

Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante de nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e “inteligência”, em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do “talento”, com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. E que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe conferimos, inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação.

Numa sociedade como a nossa, em que certas virtudes senhoriais ainda merecem largo crédito, as qualidades do espírito substituem, não raro, os títulos honoríficos, e alguns dos seus distintivos materiais, como o anel de grau e a carta de bacharel, podem equivaler a autênticos brasões de nobreza. Aliás, o exercício dessas qualidades que ocupam a inteligência sem ocupar os braços, tinha sido expressamente considerado, já em outras épocas, como pertinente aos homens nobres e livres, de onde, segundo parece, o nome de liberais dado a determinadas artes, em oposição às mecânicas que pertencem às classes servis.

(Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984, p. 50-51)

No texto, há predominância do tom

- a) saudosista.
- b) crítico.
- c) sarcástico.
- d) cômico.
- e) revoltado.

RESOLUÇÃO

Há no texto uma caracterização daquilo a que costumamos chamar de “inteligência”, bem como uma tentativa do autor de explicar o seu significado sob o ponto de vista da História. Segundo o texto, a súbita transição da vida rural para a urbana, com a substituição das atividades na lavoura pelas atividades ditas liberais, fez surgir um conceito de inteligência associado ao exercício de atividades que não demandassem esforço físico.

Não se tratava, portanto, de valorizar o intelecto, mas sim de distinguir aqueles praticantes de atividades braçais dos afortunados praticantes de atividades nobres.

Isso fica bem claro no seguinte trecho: “O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo, – a verdade é que, embora presumindo o contrário, dedicamos, de modo geral, pouca estima às especulações intelectuais – mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara.”.

Há, dessa forma, uma crítica à sociedade brasileira e às suas tradições. Fala-se da divisão de classes e da utilização da “inteligência” não como marca de conhecimento, mas sim como mera distinção ou titulação social.

Não manifesta o autor saudosismo (*saudade*) tampouco revolta.

Muito menos trata o assunto de forma cômica (*engraçada*).

Alguns poderiam atestar que o texto apresenta trechos irônicos, como de fato expressa. Mas seria errado afirmar que o texto é sarcástico, pois este implica um sentimento de regozijo (*prazer*) com o sofrimento ou tormento alheio, o que não é o caso.

Resposta: B

IMPORTANTE!

Ser irônico é simplesmente falar uma coisa para significar outra. O texto, ao citar “inteligência” – note seu uso entre aspas -, deixa claro que não fala do seu sentido estrito, original, associado a conhecimento. Diz, portanto, uma coisa para significar outra.

Ser sarcástico é se regozijar (*se satisfazer*) com o sofrimento ou tormento alheio. É o chamado “humor negro”. No popular é “rir das desgraças”. Não é o caso do texto, cujo teor é crítico, com passagens irônicas, mas que não chegam a ser sarcásticas.

A BOA MORTE

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no “Wall Street Journal” e no “Guardian”, o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo “no code” (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas,

mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

(Hélio Schwartzman - Folha de São Paulo, 18/03/2012)

No artigo de Hélio Schwartzman, levanta-se o debate acerca da eutanásia e do impasse ético que a permeia. A principal estratégia argumentativa empregada pelo jornalista visando a destacar a necessidade de uma maior discussão sobre o problema consiste em:

- a) evidenciar a insegurança com o tema de parcela da classe médica.
- b) exemplificar um comportamento incoerente de parcela da classe médica.
- c) denunciar os interesses econômicos escusos no sistema de saúde vigente.
- d) denunciar o comportamento incoerente e sádico dos juristas favoráveis à eutanásia.
- e) criticar a intransigência de familiares de pacientes em estado terminal.

RESOLUÇÃO

A letra A está errada, pois parcela da classe médica é criticada não pela insegurança, mas pela incoerência das ações. Recomendam-se para pacientes tratamentos que os médicos não recomendariam nem para si nem para seus familiares.

A letra C está errada, pois, apesar de ser possível inferir o interesse econômico na continuidade de tratamentos ineficazes, não é este o principal argumento que norteia o texto do autor. O destaque da argumentação está no comportamento incoerente dos médicos.

A letra D está errada, pois a crítica não é dirigida aos juristas, e sim às pessoas que pouco deram atenção às propostas que visavam a descriminalizar certos tipos de eutanásia.

A letra E está errada, pois não são os familiares os alvos de crítica, e sim parcela da classe médica que recomenda a pacientes tratamentos que os próprios médicos não indicariam para si e para parentes.

Por essas razões, a resposta é a letra B.

Resposta: B

Tome cuidado com os DISTRATORES!

Moçada, ao resolver uma questão de Interpretação de Textos, vocês já devem ter se deparado com a seguinte situação: *de cinco opções, uma já se elimina com facilidade, pois é absurda; outras duas se eliminam com um pouco mais de esforço; mas duas restam e é quase imperceptível identificar o erro presente em uma ou outra.*

"Professor, é exatamente isso que ocorre! E sabe o que é de lascar? Entre as duas que sobram, eu sempre assinalo no gabarito a errada. Já aconteceu até de marcar a correta, mas, na hora de passar para o gabarito, eu mudei de ideia e assinalei a errada. Que ódio!!!".

Calma, jovem! Essa dúvida não se dá por acaso. Ao elaborar uma questão, denominada tecnicamente de item de avaliação, as bancas examinadoras procuram inserir os chamados **distratores**. E o que seriam esses distratores, professor? Note que há uma correspondência com "distração", você percebeu?

Os distratores são, assim, pequenos acréscimos que tornam o item errado. Quanto mais explícitos os distratores, mais fácil fica perceber que o item está falso. São aquelas opções que já eliminamos “de primeira”, pois são absurdas. No entanto, quando os distratores são muito discretos, fica difícil perceber que o item está falso e isso gera os malditos erros nas questões de que você e eu tanto temos raiva.

Um exercício muito salutar consiste em, numa questão de Interpretação, não só se convencer da validade da opção que é gabarito, mas também se convencer por que as demais não podem ser nossa resposta. Claro que, no dia da sua prova, sua análise precisa ser mais objetiva, mas, nesta fase de treinamento em que nos encontramos, considero importante “forçar” um pouco! Responder por que tal letra está correta e as demais estão falsas fará você calibrar sua atenção no sentido de identificar mais facilmente os distratores. Sua fluência na leitura e seu grau de acerto nas questões tende a subir significativamente!

Vamos ver isso na prática?

Conheço inúmeras pessoas que mentem, inventando origens fidalgas. Para falar a verdade, mente-se por qualquer motivo: as pessoas ficam com vergonha quando estão doentes e dizem que estão ótimas; comentam que a amiga está bem vestida, quando acham um horror; elogiam alguém que emagreceu, para comentar nas costas que continua gordíssima. Eu mesmo minto: digo que vou viajar para fugir de um almoço; reclamo que não me sinto bem e fujo de um compromisso; finjo para mim mesmo que no próximo mês começo um regime e perderei a barriga. Faço promessas para depois da novela. Para um amigo, prometo visitá-lo em Los Angeles. Outro em San Francisco. Marquei uma viagem à Rússia com um grupo, só falta “definir a data”. Ao meu editor, digo que escreverei um livro. Combino de montar um grupo de cozinha gourmet. E deixo tudo para depois, quem sabe? Ultimamente, tento parar com isso. Se me convidam, digo que não posso. Se vou a uma peça de teatro e não gosto, digo isso mesmo, que não gostei. Sempre dá errado, a pessoa preferia uma mentira. A franqueza, descobri, é muito malvista. Até considerada falta de educação.

CARRASCO, Walcyr. In: <http://epoca.globo.com/colunas-blogs/walcycrcarrasco/noticia/2013/10/mentem-bcomo-respiramb.html> (acesso em 15/12/2013).

QUESTÃO 01 - Com base no texto, é possível afirmar que a mentira, para o autor, é uma atitude muito comum no convívio social.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 02 - O autor desse texto considera a mentira algo imprescindível para a vida em sociedade.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 03 - Com base no trecho “Ultimamente, tento parar com isso”, infere-se que a honestidade do escritor revela a sua disposição firme de expressar-se com mais sinceridade.

() CERTO () ERRADO

QUESTÃO 04 - O autor assume que é mentiroso, contudo mostra-se desejoso de mudar essa condição.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Você deve ter sentido facilidade nos itens 01 e 04. Os distratores neles presentes são muito frágeis, o que torna fácil a avaliação dos itens.

O texto, logo no seu início, afirma que “Para falar a verdade, mente-se por qualquer motivo...”, o que dá a entender que a mentira é algo comum no convívio social. Os exemplos enumerados de desculpas mentirosas reforçam essa afirmação, o que torna o **item 01 CERTO!**

Já os trechos “Eu mesmo minto” e “Ultimamente tento parar com isso!” evidenciam que o autor se reconhece como mentiroso, mas se mostra disposto a parar de mentir, o que torna o **item 04 CERTO!**

Já os itens 02 e 03 são mais sutis!

No item 02, afirma-se que, segundo o autor, a mentira é algo imprescindível para a vida em sociedade. Aqui é necessário atentar para o significado da palavra “imprescindível”, resultado da união do prefixo de negação “im-” com o adjetivo “prescindível”. Esse adjetivo deriva do verbo “prescindir”, que significa “dispensar”, “abrir mão”. Dessa forma, algo “imprescindível” pode se traduzido como “indispensável”.

Mas calma lá! O autor está tentando parar de mentir, correto? Ora, se ele está tentando parar de mentir, é porque ele acredita que seja possível viver sem mentir, correto? Ora, se ele acredita poder viver sem mentir, ele crê que a mentira seja algo dispensável, prescindível, correto? Isso torna, portanto, o **item 02 ERRADO**. Note que o distrator é bem sutil! O item está ERRADO por culpa exclusivamente do prefixo de negação “IM-”. A ausência deste tornaria CERTO o item!

Já no item 03, o distrator é mais discreto ainda! O item afirma que o autor se mostra disposto a se expressar com “mais sinceridade”. Ora, se a intenção é ser mais sincero, pressupõe-se que ele já seja sincero, correto? Se uma pessoa quer ser mais habilidosa, pressupõe-se que ela já seja habilidosa, não é verdade? Mas, segundo o próprio autor, ele era sincero? Ele mesmo disse “Eu mesmo minto.”. O autor não está buscando ser mais sincero, pois ele não o era. Ele está, na verdade, é buscando ser sincero! Isso torna, portanto, o **item 03 ERRADO**. Note que o distrator é muuuuito sutil! O item está ERRADO por culpa exclusivamente do advérbio “MAIS”. A ausência deste tornaria CERTO o item!

Vamos para mais um exemplo?

“Não pensar mais em si”

Seria necessário refletir sobre isso seriamente: por que saltamos à água para socorrer alguém que está se afogando, embora não tenhamos por ele qualquer simpatia particular? Por compaixão: só pensamos no próximo – responde o irrefletido. Por que sentimos a dor e o mal-estar daquele que cospe sangue, embora na realidade não lhe queiramos bem? Por compaixão: nesse momento não pensamos mais em nós – responde o mesmo irrefletido.

A verdade é que na compaixão – quero dizer, no que costumamos chamar erradamente compaixão – não pensamos certamente em nós de modo consciente, mas inconscientemente pensamos e pensamos muito, da mesma maneira que, quando escorregamos, executamos inconscientemente os movimentos contrários que restabelecem o equilíbrio, pondo nisso todo o nosso bom senso.

O acidente do outro nos toca e faria sentir nossa impotência, talvez nossa covardia, se não o socorrêssemos. Ou então traz consigo mesmo uma diminuição de nossa honra perante os outros ou diante de nós mesmos. Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.

Rechaçamos esse tipo de miséria e de ofensa e respondemos com um ato de compaixão que pode encerrar uma sutil defesa ou até uma vingança. Podemos imaginar que no fundo é em nós que pensamos, considerando a decisão que tomamos em todos os casos em que podemos evitar o espetáculo daqueles que sofrem, gemem e estão na miséria: decidimos não deixar de evitar, sempre que podemos vir a desempenhar o papel de homens fortes e salvadores, certos da aprovação, sempre que queremos experimentar o inverso de nossa felicidade ou mesmo quando esperamos nos divertir com nosso aborrecimento. Fazemos confusão ao chamar compaixão ao sofrimento que nos causa um tal espetáculo e que pode ser de natureza muito variada, pois em todos os casos é um sofrimento de que está isento aquele que sofre diante de nós: diz-nos respeito a nós tal como o dele diz respeito a ele. Ora, só nos libertamos desse sofrimento pessoal quando nos entregamos a atos de compaixão. [...]

QUESTÃO 01 - Sobre as ideias apresentadas no texto lido, é correto afirmar:

- a) O conceito de “compaixão” apresentado pelo autor do texto ratifica a definição empregada costumeiramente pelo público em geral.
- b) O autor defende a ideia de que o sentimento de compaixão é condicionado à vontade do indivíduo em se portar de forma altruísta.
- c) O ato de compaixão, na visão do autor do texto, tem natureza involuntária, sendo, muitas vezes, uma espécie de resposta à vulnerabilidade a que estamos naturalmente sujeitos.
- d) A prática dos atos de compaixão, de acordo com o autor do texto, é prescindível para que nos libertemos do sentimento que é presenciar os variados tipos de sofrimento alheio.
- e) A entrega aos atos de compaixão, de acordo com o autor, significa a predominância do sentimento altruísta, sintetizado no título do texto “Não pensar em si”.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADO – O conceito de “compaixão” tomado pelo público é o associado à solidariedade e ao altruísmo. Isso fica claro nas duas respostas apresentadas no primeiro parágrafo: “Por compaixão: só pensamos no próximo” e “Por compaixão: nesse momento não pensamos mais em nós”.

Esse conceito, no entanto, é contrariado pelo autor do texto, que associa à compaixão um sentimento inconsciente de se pensar muito em si, como um ato reflexo que tenta estabelecer o equilíbrio do corpo quando se escorrega. A discordância do autor fica bem clara em “quero dizer, no que costumamos chamar erradamente compaixão”.

O **DISTRATOR** presente na Letra A, portanto, está no emprego do parônimo “ratificar”, que significa “confirmar”. É ele o responsável por tornar o item ERRADO.

Letra B – ERRADO – O autor entende que a compaixão é um ato involuntário, ou seja, não está condicionado à vontade, mas sim a uma reação instintiva que impede que deixemos os outros sofrerem por acreditarmos que nossa inação seja uma desonra, uma prova de impotência ou um sinal de que o perigo também nos ronda.

O **DISTRATOR** presente na Letra B, portanto, está no emprego do particípio “condicionado”. Na verdade, os atos de compaixão se apresentam incondicionados pela vontade do indivíduo.

Letra C – CERTO – De fato, o autor compara os gestos de compaixão às reações instintivas do nosso corpo que tentam restabelecer o equilíbrio quando escorregamos. E uma das justificativas para essa decisão inconsciente é que temos medo de ser atingidos pelos mesmos perigos que fazem um semelhante sofrer, evidenciando, assim, nossa fraqueza e vulnerabilidade.

Essa ideia pode facilmente ser percebida no seguinte trecho: “Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.”.

Letra D – ERRADO – Observemos o trecho: “Ora, só nos libertamos desse sofrimento pessoal quando nos entregamos a atos de compaixão.”. A presença do advérbio “só” (= somente) indica que a prática de atos de compaixão é indispensável para que nos libertemos desse sofrimento. Dessa forma, nunca nos libertaremos desse sofrimento se não nos entregarmos aos atos de compaixão, provando, assim, que a compaixão é imprescindível.

O **DISTRATOR** presente na Letra D, portanto, está no emprego do adjetivo “prescindível”.

Letra E – ERRADO – De acordo com o autor do texto, quando nos entregamos a atos de compaixão, estamos na verdade pensando em nós mesmos, o que torna equivocada a afirmação de que o altruísmo predomina sobre o “pensar em si”. Isso fica bem claro no seguinte trecho: “Podemos imaginar que no fundo é em nós que pensamos, considerando a decisão que tomamos em todos os casos em que podemos evitar o espetáculo daqueles que sofrem, gemem e estão na miséria”.

O **DISTRATOR** presente na Letra E, portanto, está no emprego do substantivo “predominância”.

Resposta: C

QUESTÃO 02 - O objetivo principal do texto é

- a) incentivar a prática voluntariosa de atos de compaixão, visando à busca do bem-estar predominantemente coletivo.
- b) criticar o excesso de individualismo que muitas vezes impede a prática de atos de compaixão.
- c) simbolizar no sofrimento alheio a prova inconteste de nossa fragilidade e vulnerabilidade como seres humanos.
- d) apontar o pensar em si como componente de destaque presente nas tomadas de decisão que resultam em atos de compaixão.
- e) relativizar a necessidade de afinidade com a pessoa que sofre como requisito para a prática de atos de compaixão.

RESOLUÇÃO

O **DISTRATOR**, muitas vezes, já vem no próprio enunciado. Quando a questão pergunta o “objetivo principal”, perceba que algumas opções tentarão induzir você a considerar uma informação secundária como principal. Tome cuidado!

Letra A – ERRADO – Primeiramente, a mensagem do texto não é de incentivo, mas de esclarecimento. Visa o autor do texto provar a tese de que a prática de atos de compaixão é estimulada inconscientemente por decisões individuais, baseadas no “pensar em si”. Com a prática dos atos de compaixão, busca-se não um bem-estar coletivo, mas um bem-estar individual, que resulta da libertação do sentimento de sofrimento pessoal quando nos deparamos com uma dor alheia.

Letra B – ERRADO – Não se critica o individualismo no texto. Na verdade, afirma-se que são as decisões inconscientes que buscam um bem-estar individual que levam à prática de atos de compaixão. O individualismo não seria, portanto, um impeditivo, pois a compaixão é resultado de atos involuntários, que ocorrem de forma automática, como atos reflexos que tentam reequilibrar o corpo quando este escorrega.

Letra C – ERRADO – De fato, o sofrimento alheio desperta a noção de nossa fragilidade e vulnerabilidade. Isso fica bem claro no trecho: “Ou ainda vemos nos acidentes e no sofrimento dos outros um aviso do perigo que também nos espia; mesmo que fosse como simples indício da incerteza e da fragilidade humanas que pode produzir em nós um efeito penoso.”. No entanto, essa é uma das justificativas que estimulam a prática de atos de compaixão, não a única. Portanto, o objetivo principal do texto não pode ser reduzido à ideia de que o sofrimento dos outros é sinal da nossa fraqueza.

O objetivo é mostrar que motivações individuais inconscientes, e não o simples “pensar no outro”, desencadeiam atos de compaixão.

Letra D – CERTO – O autor desconstrói a ideia original de que os atos de compaixão são motivados pelo pensar no outro, e não mais em si. De forma inconsciente, ao se praticar um ato de compaixão, está-se pensando muito em si.

Letra E – ERRADO – As duas perguntas formuladas no 1º parágrafo, de certa forma, atenuam (relativizam) a necessidade de afinidade para que pratiquemos atos de compaixão. O ato de solidariedade diante do sofrimento alheio independe, pois, da boa relação entre os indivíduos. No entanto, não é esse o foco central do texto. Trata-se apenas de um exemplo, que ilustra a tese de que a prática dos atos de compaixão é motivada inconscientemente pelo “pensar em si”.

Resposta: D

Tente PARAFRASEAR o texto de forma resumida.

Depois de analisar os pontos principais envolvidos na Interpretação de Textos, é interessante que, daqui para frente, otimizemos nossa leitura, de modo a criar fluência em textos de diversos tipos e gêneros. Uma técnica interessante consiste em PARAFRASEAR de forma sucinta o texto ao final de sua leitura.

Professor, o que significa parafrasear? Parafrasear é reproduzir o conteúdo original empregando suas próprias palavras. Meus amigos, eu só me convenço de que entendi um texto quando eu consigo reproduzir com as minhas próprias palavras o que foi dito pelo autor.

Tente fazer isso, não na forma escrita obviamente, pois tomará muito tempo seu, mas na forma oral e mental, para você mesmo, entende? A técnica da paráfrase de forma resumida é muito eficiente, pois mostra que você foi capaz de identificar as principais informações presentes no texto.

O que necessariamente deve estar presente em seu resumo?

- i) o tema principal (vide o item 1.1);
- ii) a intenção principal (vide o item 1.2);
- iii) os fatos, os dados ou os argumentos principais (vide o item 1.5);
- iv) a conclusão, se houver

Vejamos um exemplo de como isso pode ser feito. Leia o texto a seguir, por favor! Vamos lá, moçada, sem preguiça! Está cansado? Então para um pouco e depois continua, meu amigo! Vamos lá, tenhamos persistência!

Você está conectado?

Alguns anos atrás, a palavra "conectividade" dormia em paz, em desuso, nos dicionários, lembrando vagamente algo como ligação, conexão. Agora, na era da informática e de todas as mídias, a palavra pulou para dentro da cena e ninguém mais admite viver sem estar conectado. Desconfio que seja este o paradigma dominante dos últimos e dos próximos anos, em nossa aldeia global: o primado das conexões.

No ônibus de viagem, de que me valho regularmente, sou quase uma ilha em meio às mais variadas conexões: do vizinho da direita vaza a chiadeira de um fone de ouvido bastante ineficaz; do rapazinho à esquerda chega a viva conversa que mantém há quinze minutos com a mãe, pelo celular; logo à frente um senhor desliza os dedos no laptop no colo, e se eu erguer um pouquinho os olhos dou com o vídeo – um filme de ação – que passa nos quatro monitores estrategicamente posicionados no ônibus. Celulares tocam e são atendidos regularmente, as falas se cruzam, e eu nunca mais consegui me distrair com o lento e mudo crepúsculo, na janela do ônibus.

Não senhor, não são inocentes e efêmeros hábitos modernos: a conectividade irrestrita veio para ficar e conduzir a humanidade a não sabemos qual destino. As crianças e os jovens nem conseguem imaginar um mundo que não seja movido pela fusão das mídias e surgimento de novos suportes digitais. Tanta movimentação faz crer que, enfim, os homens estreitaram de vez os laços da comunicação.

Que nada. Olhe bem para o conectado ao seu lado. Fixe-se nele sem receio, ele nem reparará que está sendo observado. Está absorto em sua conexão, no paraíso artificial onde o som e a imagem valem por si mesmos, linguagens prontas em que mergulha para uma travessia solitária. A conectividade é, de longe, o maior disfarce que a solidão humana encontrou. É disfarce tão eficaz que os próprios disfarçados não se reconhecem como tais. Emitimos e cruzamos frenéticos sinais de vida por todo o planeta: seria esse, Dr. Freud, o sintoma maior de nossas carências permanentes?

(Coriolano Vidal, inédito)

Será que eu entendi corretamente o texto? Vamos conferir! Respondamos às perguntas:

i) Qual o tema principal?

Resposta: *O texto fala sobre a conectividade, palavra que adquiriu um significado mais amplo nos dias atuais, associada à comunicação irrestrita.*

ii) Qual a intenção principal do texto?

Resposta: *Evidenciar a contradição entre o fato de estarmos mais conectados do que nunca e de, mesmo assim, sentirmo-nos sós.*

iii) Quais os fatos, os dados ou os argumentos principais presentes no texto?

Resposta: *O autor cita exemplos do dia a dia, como numa viagem de ônibus, em que praticamente todos os passageiros estão fazendo uso de algum equipamento eletroeletrônico, concentrados num mundo virtual com regras e linguagens próprias.*

iv) Qual a conclusão?

Resposta: *A conectividade é um eficiente disfarce utilizado pela solidão humana.*

Eis o nosso resumo:

O texto fala sobre a conectividade, palavra que adquiriu um significado mais amplo nos dias atuais, associada à comunicação irrestrita. Sua principal intenção é evidenciar a contradição entre o fato de estarmos mais conectados do que nunca e de, mesmo assim, sentirmo-nos sós. O autor cita exemplos do dia a dia, como numa viagem de ônibus, em que praticamente todos os passageiros estão fazendo uso de algum equipamento eletroeletrônico, concentrados num mundo virtual com regras e linguagens próprias. A conectividade é, portanto, um eficiente disfarce da solidão humana.

Questões comentadas

Texto para as questões 01 a 03

A história da irrigação se confunde, na maioria das vezes, com a história da agricultura e da prosperidade econômica de inúmeros povos. Muitas civilizações antigas se originaram assim, em regiões áridas, onde a produção só era possível com o uso da irrigação.

O Brasil, dotado de grandes áreas agricultáveis localizadas em regiões úmidas, não se baseou, no passado, na irrigação, embora haja registro de que, já em 1589, os jesuítas praticavam a técnica na antiga Fazenda Santa Cruz, no estado do Rio de Janeiro. Também na região mais seca do Nordeste e nos estados de Minas Gerais e São Paulo, era utilizada em culturas de cana-de-açúcar, batatinha, pomares e hortas. Em cafezais, seu emprego iniciou-se na década de 50 do século passado, com a utilização da aspersão, que se mostrou particularmente interessante, especialmente nas terras roxas do estado de São Paulo.

A irrigação, de caráter suplementar às chuvas, tem sido aplicada na região Centro-Oeste do país, especialmente em culturas perenes.

Embora a região central do Brasil apresente boas médias anuais de precipitação pluviométrica, sua distribuição anual (concentrada no verão, sujeita a veranicos e escassa ou completamente ausente no inverno) permite, apenas, a prática de culturas anuais (arroz, milho, soja etc.), as quais podem se desenvolver no período chuvoso e encontrar no solo um suprimento adequado de água.

Já as culturas mais perenes (como café, citrus, cana-de-açúcar e pastagem) atravessam, no período seco, fases de sensível deficiência de água, pela limitada capacidade de armazenamento no solo, o que interrompe o desenvolvimento vegetativo e acarreta colheitas menores ou nulas.

A vantagem e a principal justificativa econômica da irrigação suplementar estão na garantia de safra, a despeito da incerteza das chuvas.

Na região Nordeste, a irrigação foi introduzida pelo governo federal e aparece vinculada ao abastecimento de água no Semiárido e a planos de desenvolvimento do vale do São Francisco. Ali, a irrigação é vista como importante medida para amenizar os problemas advindos das secas periódicas, que acarretam sérias consequências econômicas e sociais.

No contexto das estratégias nacionais de desenvolvimento, um programa de irrigação pode contribuir para o equacionamento de um amplo conjunto de problemas estruturais. Com relação à geração de empregos diretos, a agricultura irrigada nordestina é mais intensiva do que nas outras regiões do país. Na região semiárida, em especial no vale do São Francisco, a irrigação tem destacado papel a cumprir, como, aliás, já ocorre em importantes polos agroindustriais da região Nordeste.

A irrigação constitui-se em uma das mais importantes tecnologias para o aumento da produtividade agrícola. Aliada a ela, uma série de práticas agrônômicas deve ser devidamente considerada.

No que se refere aos aspectos linguísticos e às ideias do texto apresentado, julgue os itens que se seguem.

01) CESPE - CODEVASF/2021

A ideia principal do texto é defender a técnica de irrigação na região Nordeste do Brasil, já que se trata de uma área semiárida.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Embora cite o Nordeste, o foco principal do texto não está nessa região. Seu propósito principal é falar acerca da importância da irrigação suplementar.

Resposta: ERRADO

02) CESPE - CODEVASF/2021

Inferir-se do texto que a escassez de chuvas na região central do Brasil não permite a prática de culturas anuais sem o uso de tecnologias de irrigação.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

As culturas mais afetadas pela escassez de água não são as anuais, e sim as perenes.

Resposta: ERRADO

03) CESPE - CODEVASF/2021

De acordo com o texto, a irrigação constitui uma das mais importantes tecnologias para o aumento da produtividade agrícola, especialmente no cultivo de culturas perenes.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato! A irrigação, segundo o texto, é mais importante para as culturas perenes, pois estas são mais afetadas pelo período de seca.

Resposta: CERTO

Texto para as questões 04 a 05

1 Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre
marcada por rituais. Essa afirmação pode ser inesperada
para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência
4 quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana.
Em geral, consideramos que rituais seriam eventos de
sociedades históricas, da vida na corte europeia, por exemplo,
7 ou, em outro extremo, de sociedades indígenas. Entre nós,
a inclinação inicial é diminuir sua relevância. Muitas vezes
comentamos “Ah, foi apenas um ritual”, querendo enfatizar
10 exatamente que o evento em questão não teve maior
significado e conteúdo. Por exemplo, um discurso pode receber
esse comentário se for considerado superficial em relação
13 à expectativa de um importante comunicado. Ritual, nesse
caso, é a dimensão menos importante de um evento, sinal
de uma forma vazia, algo pouco sério — e, portanto,
16 “apenas um ritual”. Agimos como se desconhecêssemos que
forma e conteúdo estão sempre combinados e associamos
o ritual apenas à forma, isto é, à convencionalidade, à rigidez,
19 ao tradicionalismo. Tudo se passa como se nós, modernos,
guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados desse
fenômeno do passado. Em suma, usamos o termo ritual no
22 dia a dia com uma conotação de fenômeno formal e arcaico.

Mariza Peirano. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Editor, 2003, p. 7-8 (com adaptações).

04) CESPE - MPE CE/2020

O texto defende que, em uma manifestação social, o ritual é a dimensão que mais contribui para a transmissão dos valores e conteúdos implicados nessa manifestação.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Dá sim a entender que o ritual é responsável pela transmissão de valores e conteúdos. Erra o item, no entanto, ao afirmar que é ele que tem a maior parcela de contribuição. Trata-se de uma extrapolação, não apoiada no texto.

Resposta: ERRADO

05) CESPE - MPE CE/2020

Depreende-se do trecho “Tudo se passa como se nós, modernos, guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados desse fenômeno do passado” (l. 19 a 21) que a autora, ao se declarar moderna, repudia o que pertence ao passado.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

A autora não repudia o passado. Ela, ao longo do texto, deixa claro que não compactua com a visão de que os rituais sejam considerados sem valor, arcaicos.

Resposta: ERRADO

Texto para a questão 06

1 “Desprezo o que dizes, mas defenderei até a morte o
teu direito a dizê-lo.” É com essa afirmação atribuída a
Voltaire, filósofo do iluminismo francês, que Nigel Warburton
4 principia o seu ensaio sobre liberdade de expressão. A
liberdade de expressão — entendida em sentido amplo, em que
se incluem a palavra escrita, as peças teatrais, os filmes, os
7 vídeos, as fotografias, os cartuns, as pinturas, entre outros —
é um direito consagrado no artigo 19.º da Declaração Universal
dos Direitos do Homem, de 1948.

10 A liberdade de expressão é particularmente valiosa em
uma sociedade democrática, ao ponto de haver quem sustente
que, na ausência de uma ampla liberdade de expressão, nenhum
13 governo seria de todo legítimo e não deveria ser denominado
democrático. Essa é a perspectiva defendida por Ronald
Dworkin, para quem “A livre expressão é uma das condições
16 de um governo legítimo. As leis e políticas não são legítimas a
menos que tenham sido adotadas por meio de um processo
democrático, e um processo não é democrático se o governo
19 impediu alguém de exprimir as suas convicções acerca de quais
devem ser essas leis e políticas”.

Desde os alvares da democracia ateniense, são
22 sobejamente conhecidas as suas relações com a argumentação
e a retórica. Porém, tal como a retórica e a argumentação
podem ser postas ao serviço da mentira e da manipulação,
25 também em relação à liberdade de expressão se coloca a
questão dos seus limites.

Internet: <<https://agora-m.blogs.sapo.pt>> (com adaptações).

06) CESPE - MPE CE/2020

No texto, sugere-se que a liberdade de expressão pode ser usada em favor da mentira e da manipulação.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Observe o trecho: “... tal como a retórica e a argumentação podem ser postas a serviço da mentira e da manipulação, também em relação à liberdade de expressão se coloca a questão dos seus limites”.

Ele nos diz que a retórica e a argumentação podem ser alvo de mentira e manipulação. Isso também ocorre com a liberdade de expressão, o que enseja a necessidade de se estabelecerem limites.

Resposta: CERTO

Texto para as questões 07 e 08

1 Não há conclusões unânimes, mas a ciência e os
especialistas caminham para o entendimento de que o
4 preconceito seja um conceito aprendido. Por definição, o
preconceito é uma opinião formada antes da aquisição dos
conhecimentos adequados; um sentimento desfavorável,
7 concebido antecipadamente ou independente de experiência ou
razão. Assim, foge da postura típica dos animais, que só
passam a rejeitar aquilo que os prejudica a partir da experiência
adquirida. O racismo prevê uma superioridade racial
10 independente da experiência pessoal.

Um estudo neurológico realizado pela pesquisadora
Eva Telzer, da Universidade de Illinois, analisou a reação de
13 uma estrutura cerebral chamada amígdala, ligada a sensações
como medo e ansiedade, em crianças e adolescentes de 4 a
16 anos. O estudo mostrou que a amígdala não responde à
questão racial em crianças: a sensação de medo começa a
aparecer ao longo da adolescência, o que pode indicar que o
racismo é aprendido ao longo da vida.

19 Já as pesquisas na área de psicologia experimental,
que muitas vezes estudam o comportamento dos animais,
poderiam encontrar uma explicação para o racismo de bases
22 evolutivas — apesar de não existirem, nos animais, traços de
preconceito ou discriminação propriamente dita. “Nós não
identificamos em animais um correlato exato ao preconceito,
25 especialmente porque preconceito é uma construção verbal e
social típica das culturas humanas”, diz Patrícia Izar,
professora doutora do departamento de psicologia
28 experimental da Universidade de São Paulo (USP). “O
que existe tipicamente entre os primatas, os macacos, é
um comportamento de proteger o grupo ao qual eles
31 pertencem; em geral, um grupo com alto grau de parentesco
contra outro grupo.”

O geneticista Sérgio Pena não concorda com estudos
34 evolutivos: “Ao postular a existência de uma natureza humana
evolutivamente moldada para ser etnocêntrica, paroquial,
bairrista e chauvinista, esses discursos geralmente terminam
37 por atribuir ao racismo uma inevitabilidade natural. Isso não é
verdade. Pelo contrário, as ‘raças’ e o racismo não têm
nenhuma justificativa biológica e não passam de uma invenção
40 muito recente na história da humanidade.”

Internet: <www.uol.com.br> (com adaptações).

07) CESPE - MPE CE/2020

A professora doutora Patrícia Izar destaca que, no reino animal, o que motiva o comportamento agressivo típico dos macacos para a proteção do grupo é análogo ao que motiva o ser humano a ter uma atitude racista.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

A professora mencionada afirma que não há no mundo animal um correlato (equivalente) exato ao racismo. Portanto, não faz sentido se falar em análogo. A professora ainda afirma que o racismo é uma “construção verbal e social TÍPICA dos humanos”.

Resposta: ERRADO

o8) CESPE - MPE CE/2020

Depreende-se do texto que a psicologia experimental é uma área do conhecimento científico que concorda com a tese do caráter hereditário do racismo em humanos.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Leia o seguinte trecho:

"Já as pesquisas na área de psicologia experimental, que muitas vezes estudam o comportamento dos animais, PODERIAM encontrar uma explicação para o racismo de bases evolutivas..."

Note que não há uma afirmação, mas sim uma especulação sobre a possibilidade de a psicologia experimental encontrar justificativas de caráter evolutivo para o comportamento racista. A forma verbal PODERIAM nos dá esse entendimento.

Ademais, no terceiro parágrafo, a especialista citada afirma que não há um correlato (equivalente) exato ao racismo nos animais. Isso nos faz entender que é falso afirmar que a psicologia experimental defende a tese de que o racismo tem justificativas evolutivas, ou seja, de que o racismo seria herdado de nossos antepassados.

Há sim, por parte dos experimentalistas, a noção de que os animais tendem a proteger um grupo com alto grau de parentesco de outro grupo. No entanto, seria uma extrapolação afirmar que isso resultaria necessariamente numa justificativa para o racismo (comportamento não exatamente identificado entre os animais, segundo os experimentalistas).

Resposta: ERRADO

Texto CG1A1-II

1 Segundo a Lei Geral de Proteção de Dados
(Lei n.º 13.709/2018), dados pessoais são informações que
podem identificar alguém. Dentro desse conceito, foi criada
4 uma categoria chamada de “dado sensível”, que diz respeito a
informações sobre origem racial ou étnica, convicções
religiosas, opiniões políticas, saúde ou vida sexual. Registros
7 como esses, a partir da vigência da lei, passam a ter nível maior
de proteção, para evitar formas de discriminação. Todas as
atividades realizadas no país e todas as pessoas que estão no
10 Brasil estão sujeitas à lei. A norma vale para coletas operadas
em outro país, desde que estejam relacionadas a bens ou
serviços ofertados a brasileiros. Mas há exceções, como a
13 obtenção de informações pelo Estado para a segurança pública.

Ao coletar um dado, as empresas deverão informar a
finalidade da coleta. Se o usuário aceitar repassar suas
16 informações, o que pode acontecer, por exemplo, quando ele
concorda com termos e condições de um aplicativo, as
companhias passam a ter o direito de tratar os dados
19 (respeitada a finalidade específica), desde que em
conformidade com a legislação. A lei prevê uma série de
obrigações, como a garantia da segurança das informações e a
22 notificação do titular em caso de um incidente de segurança. A
norma permite a reutilização dos dados por empresas ou órgãos
públicos, em caso de “legítimo interesse”.

25 Por outro lado, o titular ganhou uma série de direitos.
Ele pode, por exemplo, solicitar à empresa os dados que ela
tem sobre ele, a quem foram repassados (em situações como a
28 de reutilização por “legítimo interesse”) e para qual finalidade.
Caso os registros estejam incorretos, ele poderá cobrar a
correção. Em determinados casos, o titular terá o direito de se
31 opor a um tratamento. A lei também prevê a revisão de
decisões automatizadas tomadas com base no tratamento de
dados, como as notas de crédito ou os perfis de consumo.

Internet: <www.agenciabrasil.etc.com.br> (com adaptações).

09) CESPE - TJ PA/2020

Segundo as ideias veiculadas no texto CG1A1-II,

- a) questões relativas a origem racial ou étnica, convicções religiosas, opiniões políticas, saúde ou vida sexual são as que mais motivam atos de discriminação, e, por isso, os dados sensíveis devem ter maior nível de proteção.
- b) a Lei Geral de Proteção de Dados prevê obrigações tanto para as empresas que coletam os dados quanto para o titular desses dados, de forma proporcional.
- c) a norma legal é válida em caso de bens e serviços ofertados a brasileiros, independentemente do país onde a coleta dos dados pessoais for feita.
- d) o Estado é autorizado a coletar e a tratar dados pessoais de brasileiros da forma que julgar mais adequada.
- e) o Brasil é pioneiro na edição de uma lei acerca da coleta e do uso de dados sensíveis.

RESOLUÇÃO:

- a) questões relativas a origem racial ou étnica, convicções religiosas... são as que mais motivam atos de discriminação...

ERRADA – Não é possível inferir isso do texto. Diz o texto que essas informações ganharão nível maior de proteção com a nova lei. Daí não é possível inferir que essas informações sejam alvo de um maior número de discriminação.

- b) a Lei Geral de Proteção de Dados prevê obrigações tanto para as empresas ... quanto para o titular desses dados, de forma proporcional.

ERRADA – O titular teve acesso a direitos, e não obrigações.

- c) a norma legal é válida no caso de bens e serviços ofertados a brasileiros, independente do país onde a coleta dos dados for feita.

CERTA – É o que se diz no texto em: "A norma vale para coletas operadas em outro país, desde que estejam relacionadas a bens ou serviços ofertados por brasileiros".

d) o Estado é autorizado a coletar ... da forma que julgar mais adequada.

ERRADA – Não! Há limites impostos pela Lei.

e) o Brasil é pioneiro na edição...

ERRADA – Em nenhum momento, é possível inferir protagonismo do Brasil nesse sentido.

Resposta: C

Texto CG1A1-I

1 “Família, família/ vive junto todo dia/ nunca perde
essa mania” — os versos da canção **Família**, composta por
4 Arnaldo Antunes e Tony Belotto na década de 80 do século
passado, no Brasil, parece que já não traduzem mais a
realidade dos arranjos familiares. Observa-se que a solidez dos
lugares ocupados por cada uma das pessoas, nos moldes da
7 família nuclear, não se adequa à realidade social do momento,
em que as relações são caracterizadas por sua dinamicidade e
pluralidade. De acordo com o médico e psicanalista Jurandir
10 Freire Costa, “família nem é mais um modo de transmissão do
patrimônio material; nem de perpetuação de nomes de
linhagens; nem da tradição moral ou religiosa; tampouco é a
13 instituição que garante a estabilidade do lugar em que são
educadas as crianças”.

Então, o que é a família? Como defini-la,
16 considerando-se que uma de suas marcas na pós-modernidade
é justamente a falta de definição? Para a cientista social e
política Elizabete Dória Bilac, a variabilidade histórica da
19 instituição família desafia qualquer conceito geral de família.

A centralidade assumida pelos interesses individuais
no mundo contemporâneo é um dos aspectos que influenciam
22 a singularidade de cada família e distinguem os propósitos que
justificam a escolha de duas pessoas ou mais viverem juntas,
compartilhando regras, necessidades e obrigações. Se não é
25 fácil definir a família, é legítimo o esforço de tentar decifrar
quem é o homem pós-moderno e quais as necessidades
emergentes que o impulsionam ao encontro com o outro, seja
28 no espaço social, seja no interior da família, produzindo
significados e razões que o lançam na busca de realização.

Segundo o filósofo francês Dany-Robert Dufour, a
31 pós-modernidade produz um sujeito não engendrado, o que
significa um sujeito que se vê na posição de não dever mais
nada à geração precedente. Trata-se de uma condição que
34 comporta riscos, pois, segundo Dufour, desaparece o motivo
geracional. No que tange à família, a consequência é o
surgimento de relações pautadas em trocas reais e carentes de
37 valores simbólicos que se contraponham à lógica do consumo.
Assim, assiste-se a uma ruptura na ordem da transmissão, o que
40 gera indivíduos desprovidos de identidade sólida, condição esta
que acarreta a redução de sua capacidade crítica e dificulta o
estabelecimento de compromisso com a causa que lhe precede.

Fernanda Simplicio Cardoso e Leila Maria Torraca de Brito.
Reflexões sobre a paternidade na pós-modernidade.
Internet: <www.newpsi.bvs-psi.org.br> (com adaptações).

10) CESPE - TJ PA/2020

As autoras do texto CG1A1-I consideram que

- a) o fato de duas ou mais pessoas viverem juntas é bastante para que sejam consideradas uma família.
- b) a família, na atualidade, define-se como instituição cujos membros não se comprometem uns com os outros.
- c) a família concebida nos moldes tradicionais não existe no século XXI.
- d) o conceito geral de família sempre esteve em constante mudança.
- e) a definição de família constitui um grande desafio.

RESOLUÇÃO:

a) o fato de duas ou mais pessoas viverem juntas é bastante para que sejam consideradas uma família.

ERRADA – Não é bastante! Segundo o texto, é necessário compartilhar regras, necessidades e obrigações.

b) a família, na atualidade, define-se como instituição cujos membros não se comprometem uns com os outros.

ERRADA – Além de ser uma generalização não pautada no texto, erra o item ao apresentar uma definição de família. As próprias autoras entendem que não é fácil encontrar uma definição.

c) a família concebida nos moldes tradicionais não existe no século XXI.

ERRADA – Trata-se de uma afirmação muito categórica, não pautada no texto. Na linha 4, lê-se: "... parece que já não traduzem mais a realidade dos arranjos familiares." Ora, a presença do verbo "parecer" já nos impede de dizer que a família tradicional já não mais existe.

d) o conceito geral de família sempre esteve em constante mudança.

ERRADA – Trata-se não de uma opinião emanada pelas autoras, mas sim por Elizabete Dória Bilac, ao afirmar que a variabilidade histórica da família dificulta diretamente qualquer definição (linhas 18 e 19).

e) a definição de família constitui um grande desafio.

CERTA – Nas linhas 24 e 25, lê-se: "Se não é fácil definir família...". Esse trecho deixa transparecer o posicionamento das autoras acerca da possibilidade de uma definição para família.

Resposta: E

Texto para as questões 11 a 14

Não há dúvida de que a televisão apresenta ao público uma visão distorcida de como a ciência forense é conduzida e sobre o que ela é capaz, ou não, de realizar. Os atores que interpretam a equipe de investigação, por exemplo, são uma mistura de policial, detetive e cientista forense — esse perfil profissional não existe na vida real. Toda profissão, individualmente, já é complexa o bastante e demanda educação, treinamento e métodos próprios. A especialização dentro dos laboratórios tornou-se uma norma desde o final da década de 80 do século passado. O cientista forense precisa conhecer os recursos das outras subdisciplinas, mas ninguém é especialista em todas as áreas da investigação criminal. Além disso, os laboratórios frequentemente não realizam todos os tipos de análise devido ao custo, à insuficiência de recursos ou à pouca procura.

As séries da TV retratam incorretamente os cientistas forenses, mostrando-os como se tivessem tempo de sobra para todos os casos. Os programas mostram diversos detetives, técnicos e cientistas dedicando toda sua atenção a uma investigação. Na realidade, cada cientista recebe vários casos ao mesmo tempo. A maioria dos laboratórios acredita que o acúmulo de trabalho é o maior problema que enfrentam, e boa parte dos pedidos de aumento no orçamento baseia-se na dificuldade de dar conta de tanto serviço.

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo "batom da marca X, cor 42, lote A-439". O mesmo personagem talvez interroge um suspeito e declare "sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho". No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: "Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado".

A realidade do CSI. In: Scientific American Brazil. Segmento. Internet: (com adaptações).

No que se refere aos sentidos do texto, julgue os itens a seguir.

11) CESPE - PF/2018

Conclui-se do último período do primeiro parágrafo que os laboratórios de investigação criminal têm pouca demanda de trabalho e, por isso, não realizam todos os tipos de análises mostrados nas séries de TV que retratam os processos de investigação forense.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Destaquemos o último período do primeiro parágrafo:

"Além disso, os laboratórios frequentemente não realizam todos os tipos de análise devido ao custo, à insuficiência de recursos ou à pouca procura."

Há aqui uma ligeira extrapolação que deve ser alvo de atenção por parte do candidato.

Note que são apontadas três possibilidades de justificativas para o fato de os laboratórios de investigação criminal não realizarem todos os tipos de análise: a primeira é o custo; a segunda, a insuficiência de recursos; já a última possibilidade é a pouca procura (demanda).

Note que essas três possibilidades estão coordenadas entre si pela conjunção "ou", o que dá a entender que uma dessas justificativas ou uma combinação delas explica o fato apresentado.

Assim não é correto dizer, de forma generalizada, que haja pouca demanda de trabalho nos laboratórios de análise criminal. Esta pode sim ser a razão, em alguns casos, para não se fazerem todos os tipos de análise; mas em outros, não. Em outros casos, a justificativa pode estar no custo ou na falta de recursos.

Isso quer dizer que é possível haver uma situação em que haja grande demanda, mas os custos ou a insuficiência de recursos sejam os impeditivos.

Resposta: ERRADO

12) CESPE - PF/2018

O exemplo utilizado no terceiro e no quarto período do terceiro parágrafo corrobora duas ideias consideradas irreais no confronto entre as séries televisivas e a vida real: a de que um mesmo personagem de séries de investigação mistura diversos profissionais da área policial e a de que as informações obtidas por meio das técnicas científicas nesses seriados são demasiado precisas.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO

Destaquemos o terceiro e o quarto período do terceiro parágrafo:

Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo 'batom da marca X, cor 42, lote A-439'. O mesmo personagem talvez interrogue um suspeito e declare 'sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho'.

De fato! Nas séries, os especialistas executam diversas funções ao mesmo tempo, como a de cientista e interrogador, o que não corresponde à realidade. Segundo o texto, "... o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito."

Outro ponto citado nas séries diz respeito ao grau de precisão das descobertas, o que também não corresponde à realidade. Segundo o texto, "No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos..."

Resposta: CERTO

13) CESPE - PF/2018

O autor do texto apresenta uma crítica à produção de séries que retratam o ambiente policial, principalmente no que se refere à ciência forense, defendendo a suspensão da veiculação desse tipo de produção na TV, dados os prejuízos que elas causam aos policiais em serviço na vida real, conforme ilustrado ao final do texto.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato, o autor critica a falta de sintonia entre as produções televisivas e a vida real, afirmando que alguns embaraços podem surgir para os profissionais da área no dia a dia de trabalho. No entanto, o autor passa longe de defender a suspensão de tipo de programação. Isso nem sequer é insinuado no texto, que se concentra unicamente em relatar o fato e evidenciar a falta de correspondência com a realidade.

Resposta: ERRADO

14) CESPE - PF/2018

Infer-se do texto que, até o final da década de 80 do século passado, todos os profissionais que atuavam em laboratórios forenses eram generalistas.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Destaquemos o seguinte fragmento de texto:

A especialização dentro dos laboratórios tornou-se uma norma desde o final da década de 80 do século passado.

Diz o texto que a especialização passou a ser norma, ou seja, regra, no final da década de 80. Isso não quer dizer que, antes disso, ninguém fosse especialista ou, ainda, que todos fossem generalistas.

Existe a possibilidade de ter havido especialistas antes mesmo de criada a norma.

Resposta: ERRADO

Texto para as questões 15 a 19

Imagine uma operação de busca na selva. Sem mapas, binóculos ou apoio logístico; somente com um facão. Assim eram feitas as operações de combate à pornografia infantil pela Polícia Federal até o dia em que peritos criminais federais desenvolveram, no estado de Mato Grosso do Sul, o Nudetective.

O programa executa em minutos uma busca que poderia levar meses, encontrando todo o conteúdo pornográfico de pedofilia em computadores, pendrives, smartphones e demais mídias de armazenamento. Para ajudar o trabalho dos peritos, existem programas que buscam os arquivos de imagem e vídeo através de sua *hash* ou sua assinatura digital. Logo nos primeiros testes, a detecção de imagens apresentou mais de 90% de acerto.

Para o teste, pegaram um HD com conteúdo já periciado e rodaram o programa. Conseguiram 95% de acerto em 12 minutos. Seu diferencial era não só buscar pela assinatura digital ou nomes conhecidos, mas também por novos arquivos por intermédio da leitura dos *pixels* presentes na imagem calibrados a uma paleta de tons de pele. Começava a revolução em termos de investigação criminal de pornografia infantil.

Além da detecção de imagens e vídeos, todo o processo de busca e obtenção de resultados é simultâneo, o que economiza tempo e dinheiro.

A licença de uso do software, que é programado em Java, é gratuita e só é disponibilizada para forças da lei e pesquisas acadêmicas. Segundo seus desenvolvedores, nunca houve o intuito de venda, pois não enxergam sentido em lucrar com algo que seja para salvar crianças. Mas, então, por que não deixá-lo disponível para todos? Somente para que não possa ser utilizado para criar formas de burlá-lo, explicam.

Desde seu lançamento, o Nudetective já foi compartilhado com Argentina, Paraguai, Suécia, Áustria, Noruega, Nova Zelândia e Portugal. Ganhou reconhecimento e premiações em congressos forenses no Brasil e no mundo.

Internet: (com adaptações).

15) CESPE - PF/2018

Infere-se do texto que o Nudetective foi desenvolvido especificamente para o combate à pornografia infantil.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Observemos o seguinte trecho, extraído do primeiro parágrafo "Assim eram feitas as operações de combate à pornografia infantil pela Polícia Federal até o dia em que peritos criminais federais desenvolveram, no estado de Mato Grosso do Sul, o Nudetective."

Ora, somente por esse trecho, temos o entendimento de que as operações de combate à pornografia infantil eram de um jeito e passaram a ser de outro com a implementação do Nudetective. Isso significa que, sim, esse software é utilizado para combater a pornografia infantil.

E para concluir o software foi desenvolvido para esse fim, o que o texto tem a nos dizer?

Observe o trecho: "Segundo seus desenvolvedores, nunca houve o intuito de venda, pois não enxergam sentido em lucrar com algo que seja para salvar crianças.". Dá-se a entender que os desenvolvedores implementaram o software com o objetivo de salvar crianças dos crimes de pornografia infantil.

Resposta: CERTO

16) CESPE - PF/2018

Um dos benefícios do Nudetective para a Polícia Federal é tornar mais célere a investigação de crimes relacionados à pornografia infantil.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato, o Nudetective torna mais rápida (célere) a coleta de provas que identificam o crime de pornografia infantil.

Isso fica bem claro no seguinte trecho: "O programa executa em minutos uma busca que poderia levar meses, encontrando todo o conteúdo pornográfico de pedofilia em computadores, pendrives, smartphones e demais mídias de armazenamento."

Poderia ser um dificultador para o candidato a identificação do significado do vocábulo "célere". Buscando a família de cognatos (que compartilham da mesma raiz), encontramos, além de "célere", "celeridade", "acelerar", "aceleração", o que nos faz concluir que "célere" é sinônimo de "rápido".

Resposta: CERTO

17) CESPE - PF/2018

O primeiro parágrafo do texto informa que, antes da criação do Nudetective, a Polícia Federal não dispunha de dispositivos tecnológicos para a investigação de crimes de pedofilia na Internet.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Sutil.

Observemos o conteúdo do 1º parágrafo: *Imagine uma operação de busca na selva. Sem mapas, binóculos ou apoio logístico; somente com um facão. Assim eram feitas as operações de combate à pornografia infantil pela Polícia Federal até o dia em que peritos criminais federais desenvolveram, no estado de Mato Grosso do Sul, o Nudetective.*

O autor compara as operações de combate à pornografia infantil a operações na selva sem mapas, binóculos ou apoio logístico, somente com um facão.

O que se pode concluir é que os métodos eram muito rudimentares antes do Nudetective. No entanto, seria uma extrapolação afirmar que não havia nenhum dispositivo tecnológico que permitisse as investigações. O razoável é pensar que os dispositivos e recursos tecnológicos até então existentes eram muito primários, assemelhando-se a uma busca na selva usando apenas um facão.

Resposta: ERRADO

18) CESPE - PF/2018

De acordo com o texto, diversos países da América e da Europa compraram a licença de uso do software criado pelos policiais federais do Mato Grosso do Sul, o que demonstra o reconhecimento estrangeiro da qualidade do trabalho forense do Brasil.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Não houve uma compra, pois a licença não é vendida. Ela é, segundo o texto, disponibilizada gratuitamente para forças da lei e pesquisas acadêmicas.

Isso fica evidente no seguinte trecho: "A licença de uso do software, que é programado em Java, é gratuita e só é disponibilizada para forças da lei e 28 pesquisas acadêmicas. Segundo seus desenvolvedores, nunca houve o intuito de venda, pois não enxergam sentido em lucrar com algo que seja para salvar crianças."

Resposta: ERRADO

19) CESPE - PF/2018

Conclui-se do texto que a varredura do Nudetective é restrita a dispositivos conectados à Internet.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Dá-se a entender que a varredura feita pelo software Nudetective pode ser feita de maneira off-line. É o que fica claro no seguinte trecho: "*O programa executa em minutos uma busca que poderia levar meses, encontrando todo o conteúdo pornográfico de pedofilia em computadores, pendrives, smartphones e demais mídias de armazenamento.*"

Veja que essa varredura pode ser feita, por exemplo, em pendrive e em outras mídias de armazenamento. Não há, assim, necessidade de o dispositivo estar conectado à internet.

Resposta: ERRADO

Texto para as questões 20 a 24

A polícia parisiense — disse ele — é extremamente hábil à sua maneira. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo especial. Assim, quando o delegado G... nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas pesquisas no Hotel D..., não tive dúvida de que efetuara uma investigação satisfatória (...) até o ponto a que chegou o seu trabalho.

— Até o ponto a que chegou o seu trabalho? — perguntei.

— Sim — respondeu Dupin. — As medidas adotadas não foram apenas as melhores que poderiam ser tomadas, mas realizadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse depositada dentro do raio de suas investigações, esses rapazes, sem dúvida, a teriam encontrado.

Ri, simplesmente — mas ele parecia haver dito tudo aquilo com a máxima seriedade.

— As medidas, pois — prosseguiu —, eram boas em seu gênero, e foram bem executadas: seu defeito residia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem em questão. Um certo conjunto de recursos altamente engenhosos é, para o delegado, uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à força todos os seus planos. Mas, no caso em apreço, cometeu uma série de erros, por ser demasiado profundo ou demasiado superficial. (...) E, se o delegado e toda a sua corte têm cometido tantos enganos, isso se deve (...) a uma apreciação inexata, ou melhor, a uma não apreciação da inteligência daqueles com quem se metem. Consideram engenhosas apenas as suas próprias ideias e, ao procurar alguma coisa que se ache escondida, não pensam senão nos meios que eles próprios teriam empregado para escondê-la. Estão certos apenas num ponto: naquele em que sua engenhosidade representa fielmente a da massa; mas, quando a astúcia do malfeitor é diferente da deles, o malfeitor, naturalmente, os engana. Isso sempre acontece quando a astúcia deste último está acima da deles e, muito frequentemente, quando está abaixo. Não variam seu sistema de investigação; na melhor das hipóteses, quando são instigados por algum caso insólito, ou por alguma recompensa extraordinária, ampliam ou exageram os seus modos de agir habituais, sem que se afastem, no entanto, de seus princípios. (...) Você compreenderá, agora, o que eu queria dizer ao afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro do raio de investigação do nosso delegado — ou, em outras palavras, se o princípio inspirador estivesse compreendido nos princípios do delegado —, sua descoberta seria uma questão inteiramente fora de dúvida. Este funcionário, porém, se enganou por completo, e a fonte remota de seu fracasso reside na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são idiotas — e, neste caso, ele é apenas culpado de uma *non distributio medii*, ao inferir que todos os poetas são idiotas.

— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

— Você está enganado. Conheço-o bem. E ambas as coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

— Você me surpreende — respondi — com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não quererá destruir, de um golpe, ideias amadurecidas durante tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão *par excellence*.

Edgar Allan Poe. A carta roubada. In: Histórias extraordinárias. Victor Civita, 1981. Tradução de Brenno Silveira e outros.

No que se refere à tipologia e aos sentidos do texto, julgue os próximos itens.

20) CESPE - PF/2018

O primeiro parágrafo do texto é predominantemente descritivo, pois apresenta as características da "polícia parisiense".

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato, são apresentadas características da polícia parisiense. No entanto, analisando o 1º parágrafo, constatamos a presença do discurso direto e a referência a personagens. Note que se trata de uma história, de um relato, o que fica bem evidente no trecho: "Assim, quando o delegado G... nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas pesquisas no Hotel D...". Tais marcas são características de textos narrativos.

Embora haja um trecho descritivo, este está inserido em um fragmento narrativo

Resposta: ERRADO

21) CESPE - PF/2018

Infer-se das falas de Dupin que a opinião do delegado a respeito dos poetas foi determinante para que ele não encontrasse “a carta roubada”.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Observe o seguinte trecho:

Este funcionário, porém, se enganou por completo, e a fonte remota de seu fracasso reside na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são idiotas — e, neste caso, ele é apenas culpado de uma non distributio medii, ao inferir que todos os poetas são idiotas.

Ora, o trecho dá a entender que a generalização de que todos os poetas são idiotas foi a fonte remota de seu fracasso. E o que Dupin quer dizer com “fonte remota”? Quer dizer que foi a fonte originária, primária. Dela vieram todos os demais erros, que não permitiram que a polícia parisiense encontrasse a carta roubada.

Resposta: CERTO

22) CESPE - PF/2018

Dupin é irônico ao caracterizar a polícia parisiense como hábil no primeiro parágrafo, o que é comprovado pela crítica que faz, no quinto parágrafo, ao trabalho do delegado e de sua equipe, os quais, conforme Dupin, “Estão certos apenas num ponto” (R. 32 e 33).

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Analisemos o primeiro parágrafo:

A polícia parisiense — disse ele — é extremamente hábil à sua maneira. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo especial. Assim, quando o delegado G... nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas pesquisas no Hotel D..., não tive dúvida de que efetuara uma investigação satisfatória (...) até o ponto a que chegou o seu trabalho.

Ao afirmar que “a polícia parisiense é extremamente hábil à sua maneira”, Dupin não está sendo irônico. Ele de fato considera a polícia hábil, mas dentro de certos limites que ela mesma estabelece. É isso que ele quer dizer com a expressão “à sua maneira”.

Explicando de outra forma, a polícia parisiense desempenha de forma hábil suas atividades, tomando-se como referência aquilo que ela estabelece como padrão de qualidade para sua atuação. Ela é habilidosa segundo esses critérios.

O que Dupin critica são justamente esses critérios, responsáveis, segundo ele, por insucessos em alguns casos.

Resposta: ERRADO

23) CESPE - PF/2018

Na opinião de Dupin, a inteligência da polícia de Paris equipara-se à “da massa” (R.34), que, conforme se infere do texto, é uma inteligência média.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato, isso fica bem evidente no seguinte trecho: “Estão certos apenas num ponto: naquele em que sua engenhosidade representa fielmente a da massa; mas, quando a astúcia do malfeitor é diferente da deles, o malfeitor, naturalmente, os engana.”.

Quando a polícia estabelece como critérios de investigação o padrão estabelecido pela massa, ou seja, pela maioria das pessoas, ela é eficaz. No entanto, quando o malfeitor foge desse padrão médio de inteligência, a polícia comete equívocos.

Resposta: CERTO

24) CESPE - PF/2018

O narrador discorda de Dupin com relação à opinião de que o fato de o ministro ser poeta é o que lhe permite raciocinar bem, o que fica evidente no último parágrafo do texto.

() CERTO () ERRADO

RESPOSTA:

Reproduzamos não apenas o último parágrafo, mas os três últimos:

— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

— Você está enganado. Conheço-o bem. E ambas as coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

— Você me surpreende — respondi — com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não querará destruir, de um golpe, ideias amadurecidas durante tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão par excellence.

Como se pode ver, a discordância do autor se dá em duas frentes: a primeira é que ele considera o ministro não um poeta, mas um matemático; a segunda é que ele considera o raciocínio matemático um raciocínio por excelência.

Ou seja, a discordância não está no fato de que poetas raciocinam bem, mas sim de que o raciocínio matemático não pode ser desprezado.

Resposta: ERRADO

Texto para as questões 25 a 30

A natureza jamais vai deixar de nos surpreender. As teorias científicas de hoje, das quais somos justamente orgulhosos, serão consideradas brincadeira de criança por futuras gerações de cientistas. Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro. No entanto, o trabalho dos cientistas do futuro seria impossível sem o nosso, assim como o nosso teria sido impossível sem o trabalho de Kepler, Galileu ou Newton. Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de perfeição. Novos fenômenos estranhos, inesperados e imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação. Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando compreender o novo. E, a cada passo dessa busca sem fim, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

Em graus diferentes, todos fazemos parte dessa aventura, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; se não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual. Nesse sentido, você, eu, Heráclito, Copérnico e Einstein somos todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

Marcelo Gleiser. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-5 (com adaptações).

Com relação aos sentidos do texto, julgue os próximos itens.

25) CESPE - PF/2018

Da afirmação "Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro" (R. 4 a 6) deduz-se que os modelos científicos de antigamente têm pouca importância para os estudos atuais.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Não é verdade que os modelos do passado não tenham importância para os estudos atuais. Também não é verdade que os modelos atuais não sejam importantes para os estudos futuros.

O trecho em si não permite essa inferência, pois, ao afirmar que os modelos de hoje são simples aproximações para os modelos futuros, o autor quer dizer apenas que os modelos futuros serão bem mais sofisticados que os atuais, mas não descarta a contribuição, mínima que seja, dos modelos passados.

O texto, na sequência, deixa isso muito claro no seguinte trecho: *No entanto, o trabalho dos cientistas do futuro seria impossível sem o nosso, assim como o nosso teria sido impossível sem o trabalho de Kepler, Galileu ou Newton.*

O item, portanto, está ERRADO!

Resposta: ERRADO

26) CESPE - PF/2018

Dada a sequência lógica do texto, é correto afirmar que os trechos "Novos fenômenos estranhos, inesperados e imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação" (R. 12 e 13) e "E, a cada passo dessa busca sem fim, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta" (R. 15 a 17) são usados como argumentos para reforçar a ideia do primeiro período do texto.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O primeiro período do texto é "A natureza jamais vai deixar de nos surpreender." Sua ideia principal se concentra na palavra surpresa.

O trecho "Novos fenômenos estranhos, inesperados e imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação" retoma a ideia de surpresa, por meio dos adjetivos "estranhos" e "imprevisíveis" e acrescenta as essas ideias a noção de desafio, reforçando, assim, o conteúdo do 1º período.

No entanto, o trecho "E, a cada passo dessa busca sem fim, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta" concentra sua atenção na ideia de busca, não na de surpresa. Notemos que o trecho retoma a ideia não do primeiro período, mas sim a do período imediatamente anterior, que diz: "Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando compreender o novo."

Dessa forma, não é possível afirmar que o segundo trecho apresentado reforça o conteúdo do primeiro período do texto. Essa afirmação só é válida para o primeiro trecho apresentado.

O item, portanto, está ERRADO!

Resposta: ERRADO

27) CESPE - PF/2018

Para conferir um tom menos categórico ao trecho "Teorias científicas jamais serão a verdade final" (R.9), poderia utilizar-se a expressão em tempo nenhum no lugar de "jamais".

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O tom categórico presente no advérbio "jamais" permanece na locução adverbial "em tempo nenhum".

Trata-se de duas expressões muito fortes, assertivas, que não admitem relativizações, o que faz delas categóricas.

O item, portanto, está ERRADO!

Resposta: ERRADO

28) CESPE - PF/2018

No último parágrafo, o autor inclui a si mesmo, junto com Kepler, Galileu, Newton, Heráclito, Copérnico e Einstein, entre os cientistas que expandiram as fronteiras do conhecimento.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO

Observemos o seguinte trecho:

Em graus diferentes, todos fazemos parte dessa aventura, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; se não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual. Nesse sentido, você, eu, Heráclito, Copérnico e Einstein somos todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

De fato, o autor se inclui no grupo formado por Heráclito, Copérnico e Einstein.

Mas essa inclusão não diz respeito ao fato de que ele, o autor, tenha expandido as fronteiras do conhecimento, como os demais cientistas listados assim o fizeram.

A inclusão se deve ao fato de tanto o autor, como o leitor e os cientistas listados se sentirem extasiados com as descobertas. E essas descobertas podem ser resultado das pesquisas ou do estudo dessas pesquisas.

O item, portanto, está ERRADO!

Resposta: ERRADO

29) CESPE - PF/2018

Para o autor, compreender o novo implica conhecer mais o ser humano e a natureza que o rodeia.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De forma mais sintética, é a tradução do que diz o seguinte trecho:

Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando compreender o novo. E, a cada passo dessa busca sem fim, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

O item, portanto, está CERTO!

Resposta: CERTO

30) CESPE - PF/2018

Conclui-se do texto que as teorias científicas sempre contribuem para a evolução, mas nem sempre permitem apresentar dados precisos, uma vez que a natureza está em constante estado de transformação.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Observemos o trecho:

As teorias científicas de hoje, das quais somos justamente orgulhosos, serão consideradas brincadeira de criança por futuras gerações de cientistas. Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro.

Daqui é possível entender que os dados não são sempre precisos, muito provavelmente serão aproximações. Isso ocorre porque os modelos de hoje serão aprimorados ou alterados pelos modelos futuros.

Em outro trecho, lê-se:

Novos fenômenos estranhos, inesperados e imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação.

Daqui tiramos o entendimento de que a natureza está em constante mudança, o que requer novos modelos para explicá-la.

Por fim, observemos:

Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de perfeição.

Daqui é possível identificar literalmente que as teorias científicas sempre irão evoluir.

O item, portanto, está CERTO!

Resposta: CERTO

Texto para as questões 31 a 37

Escrita, secreta e submetida, para construir as suas provas, a regras rigorosas, a investigação penal é uma máquina que pode produzir a verdade na ausência do réu. E, por isso mesmo, esse procedimento tende necessariamente para a confissão, embora em direito estrito não a exija. Por duas razões: em primeiro lugar, porque constitui uma prova tão forte que não há necessidade de acrescentar outras, nem de entrar na difícil e duvidosa combinatória dos indícios; a confissão, desde que seja devidamente feita, quase exime o acusador de fornecer outras provas (em todo o caso, as mais difíceis); em segundo, a única maneira para que esse procedimento perca toda a sua autoridade unívoca e para que se torne uma vitória efetivamente obtida sobre o acusado, a única maneira para que a verdade exerça todo o seu poder, é que o criminoso assuma o seu próprio crime e assine aquilo que foi sábia e obscuramente construído pela investigação.

No interior do crime reconstituído por escrito, o criminoso confesso desempenha o papel de verdade viva. Ato do sujeito criminoso, responsável e falante, a confissão é a peça complementar de uma investigação escrita e secreta. Daí a importância que todo processo de tipo inquisitorial atribui à confissão. Por um lado, tenta-se fazê-la entrar no cálculo geral das provas, como se fosse apenas mais uma: não é a *evidentia rei*; tal como a mais forte das provas, não pode por si só implicar a condenação e tem de ser acompanhada por indícios anexos e presunções, pois já houve acusados que se declararam culpados de crimes que não cometeram; se não tiver em sua posse mais do que a confissão regular do culpado, o juiz deverá então fazer investigações complementares. Mas, por outro lado, a confissão triunfa sobre quaisquer outras provas. Até certo ponto, transcende-as; elemento no cálculo da verdade, a confissão é também o ato pelo qual o réu aceita a acusação e reconhece os seus bons fundamentos; transforma uma investigação feita sem a sua participação em uma afirmação voluntária.

Michel Foucault. Vigiar e punir – nascimento da prisão. Trad. Pedro Elói Duarte. Ed. 70: 2013 (com adaptações).

Com relação às ideias e aos sentidos do texto CB1A1-I, julgue os próximos itens.

31) CESPE - MP PI/2018

Para o autor, a confissão sobressai entre as provas construídas pela investigação, mas não é condição para a determinação da verdade.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Analisemos o seguinte trecho:

Mas, por outro lado, a confissão triunfa sobre quaisquer outras provas.

Por meio dele, é possível atestar como verdade a primeira parte do item, que diz que a confissão sobressai (triunfa) entre as provas.

Além disso, analisemos mais um trecho:

... tal como a mais forte das provas, não pode por si só implicar a condenação e tem de ser acompanhada por indícios anexos e presunções, pois já houve acusados que se declararam culpados de crimes que não cometeram;

Por meio dele, é possível concluir que a confissão não é suficiente por si para determinar a verdade. O texto relata que pessoas já confessaram crimes por elas não cometidos.

Resposta: CERTO

32) CESPE - MP PI/2018

A investigação penal deve ser encerrada quando há confissão do acusado, uma vez que este ato pressupõe a culpa do criminoso confesso e implica a sua condenação.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Analisemos o trecho:

... tal como a mais forte das provas, não pode por si só implicar a condenação e tem de ser acompanhada por indícios anexos e presunções, pois já houve acusados que se declararam culpados de crimes que não cometeram;

A investigação não se interrompe com a confissão do acusado, pois esta pode não corresponder à verdade. A mera confissão, portanto, não é suficiente para implicar condenação do acusado.

Resposta: ERRADO

33) CESPE - MP PI/2018

São os bons fundamentos da acusação que convencem o acusado a confessar sua conduta criminosa.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Analisemos o trecho:

... a confissão é também o ato pelo qual o réu aceita a acusação e reconhece os seus bons fundamentos;

Não é que os bons fundamentos da acusação convençam o acusado a confessar seus crimes. Ele tem a opção de, mesmo reconhecendo a qualidade da peça acusatória, não confessar.

O que o trecho quer dizer é que, ao confessar, expressa ou tacitamente o acusado reconhece as qualidades da peça elaborada pela acusação.

Dito de outra forma, o item quer afirmar que o acusado confessou seus crimes porque a acusação apresentou bons fundamentos.

Não é isso. É o inverso.

Na verdade, o acusado reconheceu os bons fundamentos da acusação, porque confessou seus crimes a partir da apresentação dela.

Esta é a explicação correta.

O item, portanto, está **ERRADO!**

Resposta: ERRADO

34) CESPE - MP PI/2018

Ao declarar-se autor da conduta criminosa, o réu legitima a acusação.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

É o que se entende do trecho:

... a confissão é também o ato pelo qual o réu aceita a acusação e reconhece os seus bons fundamentos; transforma uma investigação feita sem a sua participação em uma afirmação voluntária.

O texto afirma que a confissão dá o devido reconhecimento à investigação que aconteceu sem a sua presença, ou seja, legitima o trabalho dos acusadores. Isso não significa, porém, que a confissão por si só já seja suficiente para o juiz sentenciar a condenação do acusado.

Resposta: CERTO

35) CESPE - MP PI/2018

Infer-se do texto que o autor não concorda com a ideia de que a confissão seja apenas mais uma prova entre tantas outras.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO

Observemos os trechos:

Por um lado, tenta-se fazê-la entrar no cálculo geral das provas, como se fosse apenas mais uma... Mas, por outro lado, a confissão triunfa sobre quaisquer outras provas....

A presença do conector adversativo "Mas" dá destaque ao fato de que a confissão triunfa sobre quaisquer outras provas e, ao mesmo tempo, relativiza (ameniza) a opinião de quem tenta fazer da confissão apenas mais uma prova.

Dessa forma, dá-se a entender que o autor não concorda que a confissão seja apenas mais uma prova, haja vista que ele relativiza essa opinião.

Resposta: CERTO

36) CESPE - MP PI/2018

A confissão é um ato secreto e voluntário, segundo o texto.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato, a confissão é voluntária. Secreta, no entanto, é a investigação criminal, não a confissão.

Resposta: ERRADO

37) CESPE - MP PI/2018

Do trecho “se não tiver em sua posse mais do que a confissão regular do culpado, o juiz deverá então fazer investigações complementares” (R. 29 a 31) depreende-se que, diante da ausência de confissão, é dever do juiz buscar outros indícios de autoria.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De acordo com o texto, é dever do juiz buscar outros indícios de autoria não no caso de ausência de confissão, mas sim no caso de haver somente uma mera confissão. A simples confissão é insuficiente para resultar numa condenação.

Resposta: ERRADO

Texto para as questões 38 a 41

— Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Chamava-me também o seu alferes. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro.

— Espelho grande?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o “senhor alferes” merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro.

(...)

— Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei.

(...)

— De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos ... Subitamente, por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Machado de Assis. O espelho. In: John Gladson (Org.). 50 contos de Machado de Assis. Cia. das Letras. Edição eletrônica. Internet: (com adaptações).

Julgue os próximos itens, a respeito das ideias do texto.

38) CESPE - MP PI/2018

A afirmação “O alferes eliminou o homem” (R.24) resume o processo por que passou a personagem: a aparência substituiu a essência.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato, o texto dá a entender que a titulação de alferes obliterou (eliminou) o caráter humanístico da personagem.

Tudo agora girava em torno da patente, sua aparência, e não mais da sua essência.

Resposta: CERTO

39) CESPE - MP PI/2018

Infere-se do texto que a intenção de achar-se dois era uma prática de fuga da solidão em que se encontrava o narrador.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

É o que fica bem evidente no seguinte trecho:

Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Vê-se que essa foi a estratégia que o personagem utilizou para não se sentir só.

Resposta: CERTO

40) CESPE - MP PI/2018

O texto aborda um grande conflito do ser humano: a crise existencial, caracterizada pela individualidade e pela angústia da personagem.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO

Trata-se de uma interpretação muito sutil.

É possível identificar sim uma crise existencial, relacionada ao fato de o autor ter receios de se ver um e dois ao mesmo tempo. Essa dualidade é resultado da essência do homem comum que cede espaço à aparência construída com a patente de alferes. Essa crise se traduz num sentimento de receio, que pode ser aproximado em algum grau a um sentimento de angústia.

O que pode ser contestado no item é o fato de essa crise existencial ser caracterizada pela individualidade. Não ficou claro o que a banca quis dizer com individualidade. Seria algo associado a uma crise construída por razões individuais, intimistas?

Se assim for, o item é coerente. No texto, não são apenas as percepções do personagem que o levam à crise existencial, mas também a bajulação de familiares e amigos.

Isso fica evidente em: "O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?".

Conclui-se daí que a crise existencial é resultado não de fatores meramente individuais, mas sobretudo sociais, relacionados ao tratamento dado pelas outras pessoas ao alferes.

Resposta: CERTO

41) CESPE - MP PI/2018

Os acontecimentos narrados no quinto parágrafo são resultado da "transformação" (R.21) que o narrador relata ter sofrido em decorrência da mudança do espelho para seu quarto.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O gatilho da transformação não foi especificamente o espelho, mas sim os carinhos, atenções e os mimos por parte das outras pessoas.

Isso fica evidente em: "O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?".

Resposta: ERRADO

Texto para as questões 42 a 44

O jeitinho brasileiro é uma forma de corrupção? Se a regra transgredida não causa prejuízo, temos o "jeitinho" positivo e, direi eu, ético. Por exemplo: estou na fila; chega uma pessoa precisando pagar sua conta que vence naquele dia e pede para passar na frente. Não há o que reclamar dessa forma de "jeitinho".

A questão sociológica que o "jeitinho" apresenta, porém, é outra. Ela mostra uma relação ruim com a lei geral, com a norma desenhada para todos os cidadãos, com o pressuposto de que essa regra universal produz legalidade e cidadania. Eu pago meus impostos integralmente e, por isso, posso exigir dos funcionários públicos do meu país. Agora, se eu dou um jeito nos meus impostos porque o delegado da receita federal é meu amigo ou parente e faz a tal "vista grossa", aí temos o "jeitinho" virando corrupção. O "jeitinho" se confunde com corrupção e é transgressão, porque desiguala o que deveria ser obrigatoriamente tratado com igualdade. O que nos enlouquece hoje no Brasil não é a existência do jeitinho como ponte negativa entre a lei e a pessoa especial que dela se livra, mas sim a persistência de um estilo de lidar com a lei, marcadamente aristocrático, que, de certa forma, induz o chefe, o diretor, o dono, o patrão, o governador, o presidente a passar por cima da lei. A mídia tem um papel básico na discussão desses casos de amortecimento, esquecimento e "jeitinho", porque ela ajuda a politizar o velho hábito que insiste em situar certos cargos e as pessoas que os empossam como acima da lei, do mesmo modo e pela mesma lógica de hierarquias que colocam certas pessoas (negros, pobres e mulheres) implacavelmente debaixo da lei.

Roberto da Matta. O jeitinho brasileiro. Internet: <<https://maniadehistoria.wordpress.com>> (com adaptações).

Com relação às ideias do texto, julgue o item a seguir.

42) CESPE - CGM - Pref. João Pessoa/2018

O "jeitinho" é uma transgressão de uma lei ou de uma regra que deveria aplicar-se igualmente a todos os cidadãos.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Como se pode depreender do texto, o "jeitinho" está ligado ao cotidiano do brasileiro. Sem prejuízo à sociedade, não é visto como negativo pelo autor Roberto da Matta. No entanto, a questão sociológica do "jeitinho" é apresentada como transgressão, que se confunde com corrupção, porque, segundo o texto, desiguala o que deveria ser obrigatoriamente tratado

com igualdade. Dessa forma, como afirma a questão, o "jeitinho" é uma transgressão de uma lei ou de uma regra que deveria aplicar-se igualmente a todos os cidadãos. Portanto, em ambos os casos, positivo ou negativo, o "jeitinho" é sempre uma transgressão à regra, à lei.

Resposta: CERTO

43) CESPE - CGM - Pref. João Pessoa/2018

O texto confirma que a mídia desmonta uma lógica naturalizada segundo a qual a aplicação das leis varia em razão da vontade de uma minoria.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

A mídia, segundo o texto, tem destacada importância no que tange à forma como muitos brasileiros fazem uso, de forma persistente, desse "jeitinho", que o autor considera "marcadamente aristocrático". Assim, ao contrário do que afirma a questão, a mídia não desmonta uma "lógica naturalizada", que é o "jeitinho", visto que acaba por contribuir para o fortalecimento dessa lógica.

Resposta: ERRADO

44) CESPE - CGM - Pref. João Pessoa/2018

Conforme o texto, a caracterização do "jeitinho brasileiro" como um comportamento ético ou antiético depende das suas consequências.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O texto deixa claro que existe a caracterização do "jeitinho brasileiro" como um comportamento ético ou antiético, a depender das suas consequências. Observa-se, por exemplo, no primeiro parágrafo, que o "jeitinho" não é antiético se não causa prejuízo à sociedade. Embora se trate de uma transgressão, não é visto como negativo. No entanto, na sequência do texto, o autor disserta sobre o "jeitinho" antiético, aquele em que a transgressão se confunde com corrupção. Nesse caso, é antiético porque a sociedade em geral perde com esse tipo de comportamento tão alicerçado no seio social brasileiro.

Resposta: CERTO

Texto para as questões 45 e 46

A cada instante, a quantidade de informações disponíveis para processamento pelo cérebro é formidável: todo o campo visual, todos os estímulos auditivos e olfativos, toda a informação relativa à posição do corpo e ao seu estado de funcionamento.

Esses estímulos precisam ser processados em conjunto, de modo que o cérebro possa montar uma imagem coerente do indivíduo e de seu ambiente. Isso sem contar os processos de evocação de memórias, planejamento para o futuro e imaginação. Você realmente esperava processar todos os estímulos a cada momento e ainda formar registros duradouros de todos eles?

O que faz com que a memória se torne seletiva não é o mundo atual, informatizado, rápido e denso em informações. Ela o é por definição, já que sua porta de entrada é um funil poderoso: a atenção, que concentra todo o poder operacional do cérebro sobre uma coisa só, aquela que for julgada a mais importante no momento.

Suzana Herculano-Houzel. Por que guardar segredo é difícil? E outras curiosidades da neurociência do cotidiano. São Paulo: Amazon. Ed. Kindle, loc. 107 (com adaptações).

45) CESPE - TCE PB/2018

O efeito textual pretendido pela autora ao empregar a pergunta que encerra o segundo parágrafo do texto é o de

- a) apontar a impossibilidade de o cérebro, ao mesmo tempo, processar estímulos e registrá-los na memória.
- b) menosprezar os leitores que acreditam ser possível se lembrar de tudo o que lhes ocorre.
- c) obter diretamente dos leitores respostas honestas à indagação proposta.
- d) modificar o modo como os leitores lidam com os dados provenientes do mundo exterior.
- e) provocar os leitores a refletir sobre os processos de recepção de estímulos e formação de memórias.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: O segundo parágrafo não menciona que é impossível ao cérebro processar estímulos e registrá-los na memória. O que se afirma é justamente o contrário.

ALTERNATIVA B: A alternativa extrapola os limites de interpretação, uma vez que não há menosprezo aos leitores em nenhum momento.

ALTERNATIVA C: A pergunta feita no segundo parágrafo não tem o objetivo de receber resposta. Ela é retórica, com objetivo de propor reflexão.

ALTERNATIVA D: Considerando que o terceiro parágrafo do texto afirma que a memória é "seletiva" por "definição", independentemente do que se reflita sobre o segundo parágrafo, as repostas dadas à pergunta não têm poder de convencimento, de modificar o modo como os leitores lidam com os dados provenientes do mundo exterior.

ALTERNATIVA E: Evidencia-se, portanto, que o efeito textual pretendido pela pergunta retórica feita no segundo parágrafo é a reflexão, a ponderação acerca dos processos de recepção de estímulos e formação de memórias. Esse é o objetivo principal da indagação que encerra o parágrafo intermediário do texto.

Resposta: E.

46) CESPE - TCE PB/2018

No texto, ao utilizar a expressão “Isso sem contar”, a autora sugere que “os processos de evocação de memórias, planejamento para o futuro e imaginação” fazem parte do conjunto de

- a) ações cerebrais cujo funcionamento depende do processamento conjunto de estímulos externos.
- b) processos necessários à construção de registros duradouros dos estímulos recebidos pelo cérebro a cada momento.
- c) dados necessários para que o cérebro construa uma imagem do indivíduo e do ambiente que o cerca.
- d) atividades internas desempenhadas pelo cérebro, ao mesmo tempo que este recebe estímulos externos.
- e) estímulos advindos do cérebro de um indivíduo, imprescindíveis para a formação de novas memórias.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: A alternativa extrapola os limites de interpretação, uma vez que o texto não aborda a dependência mencionada.

ALTERNATIVA B: Mais uma vez, a alternativa extrapola os limites de interpretação, pois o texto não permite inferir que “os processos de evocação de memórias, planejamento para o futuro e imaginação” fazem parte do conjunto de “processos necessários à construção de registros duradouros dos estímulos recebidos pelo cérebro a cada momento”. Não há, portanto, essa ideia de dependência.

ALTERNATIVA C: O texto deixa entrever que os estímulos formam as imagens. Dessa forma, a alternativa insiste na ideia de dependência, de necessidade relativa aos “processos de evocação de memórias, planejamento para o futuro e imaginação” como se fizessem fazer parte do conjunto de “dados necessários para que o cérebro construa uma imagem do indivíduo e do ambiente que o cerca”. Assim, evidencia-se que o texto não permite tal inferência.

ALTERNATIVA D: O texto explicita a extraordinária quantidade de informações disponíveis para processamento pelo cérebro a cada instante, advindas dos sentidos. Dessa maneira, o cérebro monta uma imagem coerente do indivíduo e de seu ambiente, se esses estímulos não são processados separadamente. Além disso, surgem também, na sequência do texto, outros aspectos, tais como: processo de evocação das memórias, planejamento (implicação no futuro) e imaginação. Assim, as atividades cerebrais são relacionadas em estímulos (recebidos do meio externo) e em processos (oriundos de atividades internas), realizados simultaneamente, o que permite afirmar que a alternativa está correta.

ALTERNATIVA E: A alternativa extrapola os limites de interpretação, visto que o texto não menciona que os estímulos advindos do cérebro de um indivíduo são imprescindíveis para a formação de novas memórias.

Resposta: D

Texto para a questão 47

A história é uma disciplina definida por sua capacidade de lembrar. Poucos se lembram, porém, de como ela é capaz de esquecer. Há também quem caracterize a história como uma ciência da mudança no tempo, e quase ninguém aponta sua genuína capacidade de reiteração.

A história brasileira não escapa dessas ambiguidades fundamentais: ela é feita do encadeamento de eventos que se acumulam e evocam alterações substanciais, mas também anda repleta de lacunas, invisibilidades e esquecimentos. Além disso, se ao longo do tempo se destacam as alterações cumulativas de fatos e ocorrências, não é difícil notar, também, a presença de problemas estruturais que permanecem como que inalterados e assim se repetem, vergonhosamente, na nossa história nacional.

Nessa lista seria possível mencionar os racismos, o feminicídio, a corrupção, a homofobia e o patrimonialismo. Mas destaco aqui um tema que, de alguma maneira, dá conta de todos os demais: a nossa tremenda e contínua desigualdade social.

Desigualdade não é uma contingência nem um acidente qualquer, tampouco uma decorrência natural(d) e mutável de um processo que não nos(c) diz respeito. Ela é consequência de nossas(c) escolhas — sociais, educacionais, políticas, culturais e institucionais(e) —, que têm resultado em uma clara e crescente concentração dos benefícios públicos(a) nas mãos de poucos. (...) Quando se trata de enfrentar a desigualdade, não há saída fácil ou receita de bolo. Prefiro apostar(b) nos alertas que nós mesmos somos capazes de identificar.

Lília Moritz Schwarcz. Desigualdade é teimosia. Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

47) CESPE - TCE PB/2018

No último parágrafo do texto, a autora sugere que a responsabilidade pela existência da desigualdade social é de todos os indivíduos, entre eles incluído o leitor, o que é denotado pela

- a) alusão à “concentração dos benefícios públicos”.
- b) escolha do termo “apostar” para definir sua posição quanto ao tema.
- c) utilização dos pronomes “nos” e “nossas”.
- d) recusa a definir a desigualdade como “natural”.
- e) referência a escolhas “institucionais”.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: A alusão à “concentração dos benefícios públicos” está ligada às consequências da desigualdade, e não à responsabilidade pelo problema.

ALTERNATIVA B: O verbo “apostar” está relacionado ao enfrentamento do problema, e a questão trata da responsabilização pela existência dele.

ALTERNATIVA C: Ao fazer uso dos pronomes “nos” e “nossas”, ambos de primeira pessoa do plural, o autor denota que a responsabilidade pela existência da desigualdade social é de todos os indivíduos, inclusive dele (autor) e do leitor. A referência literal, portanto, é a todos nós.

ALTERNATIVA D: A menção ao que é ou ao que não é “Desigualdade social” não tem vinculação com o que propõe o comando da questão. Assim, o vocábulo “natural” não está relacionado com responsabilidade pela existência da desigualdade social, que, segundo o texto, é de todos os indivíduos.

ALTERNATIVA E: O vocábulo “institucionais” se refere ao termo “escolhas”, as quais são nossas. Assim, apenas de forma parcial (pois nossas escolhas são também sociais, educacionais, políticas e culturais) a palavra “institucionais” tem relação com a responsabilidade pela existência da desigualdade social, que, de acordo com a autora, é de todos os indivíduos.

Resposta: C

Texto para a questão 48

O medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer. A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel forneceram os suportes nos quais podia ser inscrita a memória dos tempos e dos homens.

No espaço aberto da cidade, no refúgio da biblioteca, na magnitude do livro e na humildade dos objetos mais simples, a escrita teve como missão conjurar contra a fatalidade da perda. Em um mundo no qual as escritas podiam ser apagadas, os manuscritos podiam ser perdidos e os livros estavam sempre ameaçados de destruição, a tarefa não era fácil. Paradoxalmente, seu sucesso poderia criar, talvez, outro perigo: o de uma incontrolável proliferação textual de um discurso sem ordem nem limites.

O excesso de escrita, que multiplica os textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos, foi considerado um perigo tão grande quanto seu contrário. Embora fosse temido, o apagamento era necessário, assim como o esquecimento também o é para a memória. Nem todos os escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção os defenderia da imprevisibilidade da história. Alguns foram traçados sobre suportes que permitiam escrever, apagar e depois escrever de novo.

Roger Chartier. **Inscrição e apagamento:** cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). Trad.: Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007, p. 9-10 (com adaptações).

48) CESPE - TCE PB/2018

Inferir-se do texto que a escrita é uma

- a) tecnologia ambígua, pois é capaz de, ao mesmo tempo, preservar informações úteis e contribuir para a disseminação de textos inúteis.
- b) atividade que transforma escritos em arquivos, garantindo, assim, a integridade das informações frente às inconstâncias da história.
- c) invenção da primeira fase da modernidade, voltada a manter vivas as memórias sociais e culturais.
- d) forma de evitar o desaparecimento de informações importantes que não deveriam ser esquecidas ou perdidas.
- e) manifestação efêmera, que podia ser registrada, depois apagada e, mais tarde, recuperada pela reescrita.

RESOLUÇÃO

A questão trata de inferência. Inferir é deduzir, depreender de forma lógica informações implícitas do texto.

ALTERNATIVA A: A escrita não é uma tecnologia ambígua, pois a ambiguidade ocorre quando o texto tem duplo sentido, gerando falta de clareza.

ALTERNATIVA B: O texto destaca que a escrita poderia criar também o perigo de uma incontrolável proliferação textual de um discurso sem ordem nem limites. Dessa maneira, a escrita não pode assegurar a integridade das informações frente às inconstâncias da história.

ALTERNATIVA C: O texto menciona a primeira fase da modernidade em alusão ao medo do esquecimento que se tornou uma obsessão às sociedades europeias. Portanto, não se pode concluir que a escrita é uma invenção da primeira fase da modernidade.

ALTERNATIVA D: Depreende-se do texto que a escrita tem papel fundamental na conservação da história das civilizações. Com o objetivo de se evitar o esquecimento, a escrita funcionaria como ferramenta principal na tarefa de evitar o esquecimento do que a humanidade, sobretudo a sociedade europeia, consideraria importante.

ALTERNATIVA E: O texto permite depreender que a escrita funcionaria como ferramenta principal na tarefa de evitar o esquecimento do que a humanidade considera importante. Sendo assim, sua manifestação não é efêmera, transitória, passageira.

Resposta: D

Texto para a questão 49

Quando nos referimos à supremacia de um fenômeno sobre outro, temos logo a impressão de que se está falando em superioridade, mas, no caso da relação entre oralidade e escrita, essa é uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala seja superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente o aspecto que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que essa relação não é nem homogênea nem constante. A própria escrita tem tido uma avaliação variada ao longo da história e nos diversos povos.

Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é a de que a fala veio antes da escrita. Portanto, do ponto de vista cronológico, a fala tem precedência sobre a escrita, mas, do ponto de vista do prestígio social, a escrita tem supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas.

Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos, e sim de postura ideológica. São valores que podem variar entre sociedades e grupos sociais ao longo da história. Não há por que negar que a fala é mais antiga que a escrita e que esta lhe é posterior e, em certo sentido, dependente. Mesmo considerando a enorme e inegável importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações ditas “letradas”, continuamos povos orais.

Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio. Princípios gerais para o tratamento **das relações entre a fala e a escrita**. In: Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio. Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 26-7 (com adaptações).

49) CESPE - TCE PB/2018

Conforme as ideias do texto,

- a) o desenvolvimento da fala e o surgimento da escrita são eventos que, sob o enfoque histórico, se deram exatamente nessa ordem.

- b) há uma ideologia compartilhada pelas sociedades contemporâneas de associar a escrita a uma manifestação superior à fala.
- c) do ponto de vista linguístico, fala e escrita são manifestações idênticas, não havendo diferenças entre elas nem superioridade de uma sobre a outra.
- d) ao longo da história e nas diversas civilizações, identificam-se momentos de maior e de menor valorização da língua escrita.
- e) em sociedades letradas, a comunicação por meio da escrita supera a comunicação por meio da fala.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: Os autores do texto afirmam que “a fala é mais antiga que a escrita”. Em outro momento, mencionam que a “fala tem precedência sobre a escrita”. Assim, é correto afirmar que “o desenvolvimento da fala e o surgimento da escrita são eventos que, sob o enfoque histórico, se deram exatamente nessa ordem”.

ALTERNATIVA B: O texto afirma que “a escrita tem supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas”. Além disso, o texto deixa claro que esses “valores que podem variar entre sociedades e grupos sociais ao longo da história”. Desse modo, não se pode dizer que “há uma ideologia compartilhada pelas sociedades contemporâneas de associar a escrita a uma manifestação superior à fala”.

ALTERNATIVA C: O texto não menciona que, do ponto de vista linguístico, fala e escrita são manifestações idênticas, não havendo diferenças entre elas nem superioridade de uma sobre a outra. No segundo parágrafo, explicita-se que “Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos, e sim de postura ideológica”. O parágrafo segue afirmando que esses valores podem variar entre sociedades e grupos sociais ao longo da história.

ALTERNATIVA D: O texto deixa claro que a “escrita tem tido uma avaliação variada ao longo da história e nos diversos povos”. Os autores expressam que, “do ponto de vista do prestígio social, a escrita tem supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas”. No entanto, o texto não afirma que se identificam momentos de maior e de menor valorização da língua escrita ao longo da história e nas diversas civilizações.

ALTERNATIVA E: Não há amparo legal no texto para concluirmos que “em sociedades letradas, a comunicação por meio da escrita supera a comunicação por meio da fala”. Embora essa afirmação possa parecer verdadeira, não está conforme as ideias do texto.

Resposta: A

Texto para as questões 50 a 52

A paz não pode ser garantida apenas pelos acordos políticos, econômicos ou militares. Cada um de nós, independentemente de idade, sexo, estrato social, crença religiosa etc. é chamado à criação de um mundo pacificado, um mundo sob a égide de uma cultura da paz. Mas, o que significa “cultura da paz”?

Construir uma cultura da paz envolve dotar as crianças e os adultos da compreensão de princípios como liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Implica uma rejeição, individual e coletiva, da violência que tem sido percebida na sociedade, em seus mais variados contextos. A cultura da paz tem de procurar soluções que advenham de dentro da(s) sociedade(s), que não sejam impostas do exterior.

Cabe ressaltar que o conceito de paz pode ser abordado em sentido negativo, quando se traduz em um estado de não guerra, em ausência de conflito, em passividade e permissividade, sem dinamismo próprio; em síntese, condenada a um vazio, a uma não existência palpável, difícil de se concretizar e de se precisar. Em sua concepção positiva, a paz não é o contrário da guerra, mas a prática da não violência para resolver conflitos, a prática do diálogo na relação entre pessoas, a postura democrática frente à vida, que pressupõe a dinâmica da cooperação planejada e o movimento constante da instalação de justiça.

Uma cultura de paz exige esforço para modificar o pensamento e a ação das pessoas para que se promova a paz. Falar de violência e de como ela nos assola deixa de ser, então, a temática principal. Não que ela vá ser esquecida ou abafada; ela pertence ao nosso dia a dia e temos consciência disso. Porém, o sentido do discurso, a ideologia que o alimenta, precisa impregná-lo de palavras e conceitos que anunciem os valores humanos que decantam a paz, que lhe proclamam e promovem. A violência já é bastante denunciada, e quanto mais falamos dela, mais lembramos de sua existência em nosso meio social. É hora de começarmos a convocar a presença da paz em nós, entre nós, entre nações, entre povos.

Um dos primeiros passos nesse sentido refere-se à gestão de conflitos. Ou seja, prevenir os conflitos potencialmente violentos e reconstruir a paz e a confiança entre pessoas originárias de situação de guerra é um dos exemplos mais comuns a serem considerados. Tal missão estende-se às escolas, instituições públicas e outros locais de trabalho por todo o mundo, bem como aos parlamentos e centros de comunicação e associações.

Outro passo é tentar erradicar a pobreza e reduzir as desigualdades, lutando para atingir um desenvolvimento sustentado e o respeito pelos direitos humanos, reforçando as instituições democráticas, promovendo a liberdade de expressão, preservando a diversidade cultural e o ambiente. E, então, no entrelaçamento “paz — desenvolvimento — direitos humanos — democracia” que podemos vislumbrar a educação para a paz.

Leila Dupret. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. In: Psicol. Esc. Educ. (Impr.) v. 6, n.º 1. Campinas, jun./2002 (com adaptações).

50) CESPE - PC MA/2018

De acordo com o texto, a cultura da paz depende, entre outras coisas,

- a) do controle da liberdade de expressão.
- b) da passividade e da permissividade.
- c) de instituições democráticas fortes.
- d) da rejeição ao desenvolvimento social.
- e) da inexistência de conflitos.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: No final do texto, exatamente no penúltimo parágrafo, afirma-se que se deve promover a liberdade de expressão.

ALTERNATIVA B: O texto aborda “passividade” e “permissividade” como conceitos, e não como algo de que dependa a cultura da paz.

ALTERNATIVA C: Segundo o texto, a cultura da paz depende de instituições democráticas fortes. No penúltimo parágrafo, o texto deixa claro que uma cultura de paz exige também, além do que foi mencionado em parágrafos anteriores, o reforço das instituições democráticas.

ALTERNATIVA D: O texto, sobretudo nos dois últimos parágrafos, afirma justamente o contrário do que se menciona na alternativa.

ALTERNATIVA E: O texto, no sexto parágrafo, fala de “gestão de conflitos”, e não da inexistência deles.

Resposta: C

51) CESPE - PC MA/2018

O texto, essencialmente expositivo-argumentativo, estrutura-se a partir da

- a) definição de conceitos e do uso de recursos retóricos.
- b) construção de personagens e cenas concretas.
- c) utilização de recursos textuais descritivos.
- d) mescla entre elementos textuais ficcionais e jornalísticos.
- e) expressão de sentimentos e vivências pessoais.

RESOLUÇÃO:

Em parte, a questão já foi favorável ao candidato. Ela já antecipou um aspecto muito importante na identificação das características de um texto, por exemplo, o fato de ele ser essencialmente expositivo-argumentativo.

ALTERNATIVA A: O texto se estrutura a partir de dois destacáveis aspectos: primeiro, definição de conceitos, quando, por exemplo, objetiva dar resposta ao que significa a cultura da paz; segundo, uso de recursos retóricos. Vale destacar que esses recursos estão relacionados à eloquência, à arte de usar a palavra para convencer. Esses dois aspectos, portanto, contribuem para a essência do texto em análise: a exposição e a argumentação de ideias.

ALTERNATIVA B: A construção de personagens e de cenas concretas é inerente à tipologia textual narrativa.

ALTERNATIVA C: A utilização de recursos textuais descritivos são aspectos da tipologia textual descritiva.

ALTERNATIVA D: O texto não é híbrido, como a crônica, que reúne elementos tanto da literatura quanto do jornalismo. Sendo assim, não há a mescla entre elementos textuais ficcionais e jornalísticos.

ALTERNATIVA E: O texto não tem função emotiva ou expressiva da linguagem. Portanto, não é a expressão de sentimentos e de vivências pessoais. O foco dele está na informação e na argumentação.

Resposta: A

52) CESPE - PC MA/2018

De acordo com o texto, os elementos "gestão de conflitos" e "erradicar a pobreza" devem ser concebidos como

- a) obstáculos para a construção da cultura da paz.
- b) dispensáveis para a construção da cultura da paz.
- c) irrelevantes na construção da cultura da paz.
- d) etapas para a construção da cultura da paz.
- e) consequências da construção da cultura da paz.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: Os elementos "gestão de conflitos" e "erradicar a pobreza" são caminhos, soluções, e não obstáculos para a construção da paz.

ALTERNATIVA B: O texto afirma o contrário, pois declara o caráter fundamental da gestão de conflitos e da erradicação da pobreza para a construção da paz.

ALTERNATIVA C: Ao contrário do que afirma a alternativa, a gestão de conflitos e a erradicação da pobreza são muito relevantes para a construção da paz.

ALTERNATIVA D: O texto, entre outros aspectos, dedica-se a abordar o que é necessário para construir uma cultura da paz. Nesse processo de construção, a gestão de conflitos e a erradicação da pobreza são discriminados como elementos essenciais.

ALTERNATIVA E: A gestão de conflitos e a erradicação da pobreza não são consequências da construção da cultura da paz, mas condições necessárias para que tal cultura exista.

Resposta: D

Texto para as questões 53 a 54

Encontradas principalmente nos embriões, mas também em alguns tecidos adultos como o adiposo, as células-tronco têm a capacidade de se transformar em células de diversos tipos. Embora a chamada plasticidade das embrionárias seja maior, os desafios éticos de pesquisas com esse tipo de células levaram a atenção de muitos cientistas às células-tronco adultas. Na virada do milênio, publicações científicas em periódicos importantes sugeriam que ambas teriam propriedades equivalentes.

Esperava-se que, ao serem injetadas em órgãos danificados, como um coração infartado, as células-tronco adultas pudessem originar vasos sanguíneos e células cardíacas. Teve início, então, uma série de ensaios clínicos — testes em pessoas —, que foram amplamente noticiados.

Hoje, sabe-se que as células-tronco adultas não são tão versáteis quanto prometiam. Os resultados dos ensaios não foram animadores. Mas isso não significa que tenham sido descartadas como possível tratamento ou que os esforços tenham sido desperdiçados. Na ciência, o negativo também é um resultado; mesmo que não renda prêmios ou resulte em publicações, contribui para o avanço do conhecimento.

Alexandra Ozorio de Almeida. D os passos para trás, um para frente. In: Revista Pesquisa Fapesp 2,60.ª ed., out./2017, p. 7 (com adaptações).

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do texto, julgue o item que se segue.

53) CESPE - PM MA/2018

Em ciência, um resultado negativo, embora também tenha seu valor na construção do saber, é considerado algo de menor prestígio, por não resultar em prêmios ou em publicações.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

No final do texto, o autor afirma que o negativo também é um resultado, no entanto não faz alusão ao fato de tal resultado ser considerado algo de menor prestígio, por não resultar em prêmios ou em publicações.

Resposta: ERRADO.

54) CESPE - PM MA/2018

Infer-se do texto que apenas as células-tronco encontradas em embriões e no tecido adiposo são capazes de se transformar em células de diversos tipos, apesar de haver outras fontes de células-tronco.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Na introdução, logo no primeiro período do texto, lemos que as células-tronco têm a capacidade de se transformar em células de diversos tipos, que elas são encontradas principalmente em embriões e também em algumas células do tecido adiposo. O erro da questão envolve, principalmente, o seguinte aspecto: não há no texto a ideia de "apenas", "só", "exclusivamente", que sugere a questão em relação à exclusividade que as células-tronco teriam de *apenas* elas serem encontradas em embriões e em tecido adiposo, sendo, portanto, capazes de se transformar em células de diversos tipos, apesar de haver outras fontes de células-tronco. Assim, não se pode inferir o que propõe a questão.

Resposta: ERRADO.

Texto



Internet: <www.leovillanova.net>.

No que se refere aos aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsequente.

55) CESPE - PM MA/2018

Conclui-se da fala do mosquito que está voando que ele se dirige a apenas um dos dois mosquitos que estão próximos ao vidro de vacina contra a dengue.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

A conclusão expressa na questão está correta. A interlocução (o diálogo) ocorre somente entre dois mosquitos. Observe que a fala do primeiro mosquito está no singular (Sai daí, doido!), o que comprova que ele se dirige somente a um dos dois mosquitos que estão próximos ao vidro de vacina contra a dengue.

Resposta: CERTO.

Texto para a questão 56

A Polícia Militar do Maranhão (PM/MA) foi criada por meio da Lei Provincial n.º 21, de 17/6/1836, com o nome de Corpo de Polícia da Província do Maranhão. Ao longo de 115 anos, a instituição recebeu várias denominações, até ser denominada de Polícia Militar do Maranhão, em 1951.

A primeira turma de oficiais da PM/MA com Curso de Formação de Oficiais formou-se em 1966, na Academia de Polícia Militar do Estado de Minas Gerais; daí em diante, aconteceram formações em outras academias de diferentes estados. Com a criação da Academia de Polícia Militar do Maranhão, por meio da Lei n.º 5.657/1993, passou a caber a ela a formação dos oficiais da corporação, tendo sido a primeira turma composta de 29 aspirantes a oficiais.

Internet: <www.pm.ma.gov.br> (com adaptações).

Com relação às ideias e a aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsequente.

56) CESPE - PM MA/2018

Infer-se do texto que, até 1993, a formação de oficiais da PM/MA acontecia em outros estados porque não havia academia de polícia militar no estado do Maranhão.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O texto afirma que, por meio da Lei n.º 5.657/1993, com a criação da Academia de Polícia Militar do Maranhão, passou a existir a primeira turma de alunos, composta de 29 aspirantes a oficiais. No último parágrafo do texto, também lemos que a primeira turma de oficiais da PM/MA com Curso de Formação de Oficiais formou-se em 1966, na Academia de Polícia Militar do Estado de Minas Gerais. A partir de então, aconteceram formações em outras academias de diferentes estados. Assim, é correta a afirmação de que, até 1993, a formação de oficiais da PM/MA acontecia em outros estados porque não havia academia de polícia militar no estado do Maranhão.

Resposta: CERTO.

Texto para a questão 57

O Brasil sempre foi um país com grandes desigualdades. Marcada por diferenças sociais, econômicas e regionais, esta nação tem procurado, nos últimos anos, promover a diminuição das desigualdades que sempre a marcaram de forma profunda. A Constituição Federal de 1988 traçou diversos objetivos, entre eles, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária; a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais e regionais. Embora, infelizmente, tais metas não tenham sido atingidas, ocorreram diversos avanços, como, por exemplo, a diminuição da mortalidade infantil e do analfabetismo; a melhoria na expectativa de vida; o aumento do número de jovens nas escolas, entre outros.

No mundo, a busca pelo tratamento igual já estava presente desde antes da Revolução Francesa, mas, a partir dela, a luta por um tratamento equânime entre as pessoas não só se tornou sinônimo de aplicação de justiça, como também passou a ser um dos aspectos de como a dignidade da pessoa humana se revela, em especial, no tratamento que o Estado reserva ao homem.

O direito à igualdade ou ao tratamento isonômico está definido como um direito fundamental, assumindo posição de destaque na sociedade moderna e invertendo a tradicional relação entre o Estado e o indivíduo, ao reconhecer que a pessoa humana tem, primeiro, direitos, e, depois, deveres perante o Estado, e que os direitos que o Estado tem em relação ao indivíduo se ordenam ao objetivo de melhor cuidar das necessidades dos seus cidadãos.

Por meio de ações corretivas dos poderes públicos e do estabelecimento de direitos relativos à assistência social, à educação, ao trabalho, ao lazer, à saúde, à cultura e ao esporte, por exemplo, procurou-se promover uma igualdade material, ou seja, o tratamento equânime de todos os seres humanos, bem como a sua equiparação no que diz respeito às possibilidades de concessão de oportunidades.

Embora a tributação tenha um papel fundamental como instrumento reformador e capaz de atuar na diminuição das desigualdades, o modo como o sistema tributário está estruturado não logra os objetivos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. Há, portanto, necessidade de uma reforma para que ele se adeque às exigências de um sistema justo, com fundamento na igualdade e na capacidade contributiva, em busca de uma maior justiça social e fiscal. Nesse sentido, o imposto sobre a renda das pessoas físicas é o maior responsável por fazer avançar ou retroceder a capacidade econômica e, por consequência, a solidariedade social.

Élvio Gusmão Santos. Internet: <www.agu.gov.br> (com adaptações).

57) CESPE - SEFAZ RS/2018

No texto, a argumentação especificamente em defesa de uma reforma do sistema tributário brasileiro está explícita no

- a) primeiro parágrafo.
- b) segundo parágrafo.
- c) terceiro parágrafo.
- d) quarto parágrafo.
- e) último parágrafo.

RESOLUÇÃO:

A questão espera que o candidato identifique a alternativa em que há uma explícita argumentação especificamente em defesa de uma reforma do sistema tributário brasileiro.

ALTERNATIVA A: No primeiro parágrafo, o autor faz uma apresentação do tema, mostrando a relevância do que será abordado na sequência do texto.

ALTERNATIVA B: No segundo parágrafo, o texto procede a uma alusão histórica, ao apresentar como o problema central do texto era tratado no mundo em outros momentos, como na época da Revolução Francesa.

ALTERNATIVA C: No terceiro parágrafo, aborda-se a relação de direitos e de deveres do cidadão em relação ao Estado e como o Estado deve agir para melhor cuidar de seus cidadãos.

ALTERNATIVA D: No quarto parágrafo, a ênfase é na promoção da igualdade material, do equilibrado tratamento de todos os seres humanos e da sua equiparação no que diz respeito às possibilidades de concessão de oportunidades.

ALTERNATIVA E: No quinto parágrafo, há uma argumentação especificamente em defesa de uma reforma do sistema tributário brasileiro. O texto deixa explícito que existe a necessidade de uma reforma para que ele (sistema tributário) se adéque às exigências de um sistema justo.

Resposta: E

Texto para a questão 58

Não sou de choro fácil a não ser quando descubro qualquer coisa muito interessante sobre ácido desoxirribonucleico. Ou quando acho uma carta que fale sobre a descoberta de um novo modelo para a estrutura do ácido desoxirribonucleico, uma carta que termine com "Muito amor, papai". Francis Crick descobriu o desenho do DNA e escreveu a seu filho só para dizer que "nossa estrutura é muito bonita". Estrutura, foi o que ele falou. Antes de despedir-se ainda disse: "Quando chegar em casa, vou te mostrar o modelo". Não esqueça os dois pacotes de leite, passe para comprar pão, guarde o resto do dinheiro para seus caramelos e, quando chegar, eu mostro a você o mecanismo copiador básico a partir do qual a vida vem da vida.

Não sou de choro fácil, mas um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e o funcionamento de todos os seres vivos me comove. Cromossomos me animam, ribossomos me espantam. A divisão celular não me deixa dormir, e olha que eu moro bem no meio das montanhas.

De vez em quando vejo passarem os aviões, mas isso nunca acontece de madrugada — a noite se guarda toda para o infinito silêncio. Acho que uma palavra é muito mais bonita do que uma carabina, mas não sei se vem ao caso. Nenhuma palavra quer ferir outras palavras: nem desoxirribonucleico, nem montanha, nem canção. Todos esses conceitos têm os seus sinônimos, veja só, ácido desoxirribonucleico e DNA são exatamente a mesma coisa, e os do resto das palavras você acha. É tudo uma questão de amor e prisma, por favor não abra os canhões. Que coisa mais linda esse ácido despenteado, caramba. Olhei com mais atenção o desenho da estrutura e descobri: a raça humana é toda brilho.

Matilde Campilho. Notícias escrivinhadas na beira da estrada. In: Jôque iS. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 26-7 (com adaptações).

Julgue o item, a seguir, com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, no qual a autora Matilde Campilho aborda a descoberta, em 1953, da estrutura da molécula do DNA, correalizada pelos cientistas James Watson e Francis Crick.

58) CESPE - STM/2018

Pode-se inferir da ausência de aspas e do estilo característico do texto que a passagem "Não esqueça os dois pacotes de leite (...) a partir do qual a vida vem da vida" é uma extrapolação imaginativa da autora a partir da carta escrita por Francis Crick a seu filho.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O primeiro parágrafo do texto traz o fragmento em que houve a ausência das aspas. O trecho "Não esqueça os dois pacotes de leite (...) a partir do qual a vida vem da vida" é, sem dúvida, uma extrapolação imaginativa da autora a partir da carta escrita por Francis Crick a seu filho. Pode-se inferir, portanto, com base no período anterior, o qual está entre aspas, que o fragmento em análise é uma continuação da fala de Crick a seu filho.

Resposta: CERTO

Texto para a questão 59

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio sobre a mulher. Há outros casos. (...) Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros. Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatam senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que há de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão. O ladrão ainda nos deixa com vida, se

lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas. De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de se supor que quem quer casar deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa-vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como é então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição não devem ser desprezadas. Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa que enche de indignação.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a insanidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas excepcionalmente; e exige-las nas leis ou a cano de revólver é um absurdo tão grande como querer impedir que o Sol varie a hora do seu nascimento. Deixem as mulheres amar à vontade. Não as matem, pelo amor de Deus.

Lima Barreto. Não as matem. In: Vida urbana. São Paulo: Brasiliense, 1963, p. 83-5 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item que se segue.

59) CESPE - STM/2018

A ideia principal do último parágrafo do texto é a de que as mulheres não devem ser penalizadas em razão das decisões que tomam a respeito de seus sentimentos.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO

O último parágrafo desenvolve a ideia central de que é insano "generalizar a eternidade do amor". Não se trata de penalizar as mulheres, mas de deixá-las amar à vontade. Todo o parágrafo estrategicamente desenvolve a ideia de que o amor não pode ser eterno por força de lei ou de ameaça e converge para sua ideia secundária: a liberdade que a mulher deve ter para amar de forma espontânea, sem que isso lhe cause a morte, por exemplo.

Resposta: ERRADO

Texto para a questão 60

A obra de Maquiavel causou bastante polêmica por romper com a visão usual da atividade política. Na tradição cristã, a política era vista como uma forma de preparar a Cidade de Deus na terra. Na Antiguidade, era uma maneira de “promover o bem comum”. Havia sempre a referência a um objetivo transcendente, a um padrão implícito ou explícito de justiça. Para Maquiavel, o que importa, na política, é o poder real. Não é uma questão de justiça ou de princípios, mas de capacidade de impor-se aos outros.

N'O Príncipe, Maquiavel ensina que a meta de toda ação política é ampliar o próprio poder em relação aos outros. É necessário reduzir o poder dos adversários: semear a discórdia nos territórios conquistados, enfraquecer os fortes e fortalecer os fracos; em suma, dividir para reinar.

Os Discorsi são uma longa glosa dos dez primeiros livros da História de Roma, de Tito Lívio, vistos como um documento histórico incontestável, embora hoje se saiba que o autor não se furtava a alterar os fatos para robustecer seu caráter alegórico ou exemplar — procedimento, aliás, que Maquiavel também adotaria em suas Histórias Florentinas. Na obra, ele procura, nos costumes dos antigos, elementos que possam ser utilizados na superação dos problemas de sua época.

Ao buscar as causas da grandeza da Roma antiga, Maquiavel acaba por encontrá-las na discórdia entre seus cidadãos, naquilo que tradicionalmente era estigmatizado como “tumultos”. Trata-se de uma visão revolucionária, já que o convencional era fazer o elogio da harmonia e da unidade. Até hoje, a busca do “consenso” e o sonho de uma sociedade harmônica, sem disputa de interesses, estão presentes no discurso político e, mais ainda, alimentam a desconfiança com que são vistas as lutas políticas.

Para Maquiavel, porém, o conflito é sempre um sintoma de equilíbrio de poder. Na sociedade, uma parte sempre quer oprimir a outra — nobres e plebeus, ricos e pobres ou, na linguagem que ele prefere usar, o povo e os “grandes”. Se o conflito persiste, é porque nenhuma parte conseguiu atingir sua meta de dominar a outra. Portanto, permanece um espaço de liberdade para todos.

L. F. Miguel. A moral e a política. In: L. F. Miguel. O nascimento da política moderna. De Maquiavel a Hobbes. Brasília: Editora da UnB, 2015, p. 21, 23-4 (com adaptações).

Julgue o item, relativo às estruturas linguísticas do texto.

60) CESPE - STM/2018

As aspas empregadas em 'consenso' indicam que o autor do texto avalia criticamente os discursos atuais em que se busca consenso em política; em 'grandes', essa pontuação serve para destacar o valor semântico dessa palavra na linguagem de Maquiavel.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O texto discorre sobre política a partir da obra “O príncipe”, de Maquiavel, na qual o autor italiano rompe com a visão usual da atividade política. O autor aborda que, para Maquiavel, a grandeza da Roma antiga estava na discórdia entre seus cidadãos. Assim, quando o autor usa a palavra “consenso” entre aspas, evidencia-se que ele avalia criticamente os discursos atuais em que se busca consenso em política. Na palavra “grandes”, as aspas cumprem a função de destacar o valor semântico dessa palavra na linguagem de Maquiavel, visto que “grandes” foi usado como substantivo anafórico, referindo-se aos nobres e aos ricos.

Resposta: CERTO

Texto para a questão 61

Os revisores, quando necessitam revisar um texto, têm duas opções: podem reescrevê-lo ou revisá-lo. A opção pela reescrita pode tornar-se mais simples porque não vai obrigar a um diagnóstico do(s) problema(s) que exista(m) no texto com a intenção de resolvê-lo(s). Na reescrita, o revisor afasta-se da superfície do texto. Ele vai ao cerne do texto, reescreve-o, fornecendo, assim, uma versão diferente da versão primitiva. Tanto a reescrita como a revisão são duas possibilidades de revisão. São como pontos de um *continuum* que remetem para o grau de preservação da superfície original do texto. Nessa ótica, a reescrita respeitará menos o original, imporá menos esforço de diagnóstico e de busca de solução dos problemas detectados, motivo pelo qual pode ser a opção que toma o revisor menos experiente. A revisão, por sua vez, implica a correção dos problemas detectados, preservando-se o máximo possível do texto original.

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto. Da revisão na escrita: uma gestão exigente requerida pela relação entre leitor, autor e texto escrito. In: R. revista Observatório, v. 3, n.º 4, 2017, p. 503 (com adaptações).

Acerca dos sentidos e dos aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsequente.

61) CESPE - STM/2018

Infer-se do texto que o revisor passa a ser considerado experiente quando, ao revisar um texto, ele opta por um caminho menos simples que se compõe de três passos: identificação de problemas que possam existir no texto objeto de revisão, correção desses problemas e busca de máxima manutenção da produção original.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O texto explicita que o revisor menos experiente procede à reescrita do texto porque isso exige menos esforço. O texto também aborda que a correção de um texto, além de preservar o máximo possível da originalidade do original, implica a correção dos problemas detectados. Em nenhum momento, porém, o texto afirma que o revisor passa a ser considerado experiente quando, ao revisar um texto, ele opta por um caminho menos simples. Sendo assim, a inferência que propõe a questão está errada.

Resposta: ERRADO

Texto para a questão 62

A atividade de busca por dados e informações e a interpretação de seu significado, o que se conhece hoje por inteligência, sempre desempenhou um papel preponderante na história da humanidade, principalmente na política internacional, em maior ou menor grau, conforme a época.

Atualmente, como em nenhum outro período da história, crescem e se multiplicam as agências governamentais em uma complexa rede internacional à procura de ameaças veladas ou qualquer tipo de informação considerada sensível, em um jogo estratégico de poder e influência globais. É esse processo de identificação de ameaças, a busca por informações e dados, que pretende detectar intenções dissimuladas que ocultem os mais diversos interesses, o que chamo de guerra secreta. Essa modalidade de guerra se desenvolve entre agências ou serviços secretos, em uma corrida para ver quem chega primeiro. Trata-se do mais complexo dos conflitos, pois ocorre nas sombras, nos bastidores do poder, identificando propagandas enganosas, desinformação, e celebrando acordos cujas partes sabem antecipadamente que nunca serão cumpridos. Muitas das informações levantadas por agentes secretos em ações de espionagem foram utilizadas em guerras ou mesmo serviram de pivô central para desencadear tais conflitos.

Convivemos com a guerra secreta há muito tempo, embora de forma não perceptível, e, a cada ciclo histórico, com maior intensidade.

André Luís Woloszyn. Guerra nas sombras: os bastidores dos serviços secretos internacionais. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 7-8 (com adaptações).

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte.

62) CESPE - ABIN/2018

Para o autor do texto, há muito tempo o mundo encontra-se em uma guerra cuja intensidade aumenta a cada ciclo histórico e cujos efeitos já estão bem divulgados.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Ao falar de guerra, o texto faz a menção à "guerra secreta", que é aquela que ocorre "entre agências ou serviços secretos, em uma corrida para ver quem chega primeiro". Esse tipo de guerra, segundo o texto, ocorre de forma velada, secreta, nos bastidores, por isso é um dos mais complexos conflitos. Assim, está incorreta a questão quando afirma que "há muito tempo o mundo encontra-se em uma guerra cuja intensidade aumenta a cada ciclo histórico e cujos efeitos já estão bem divulgados".

Resposta: ERRADO

63) CESPE - ABIN/2018

Depreende-se do texto que a guerra secreta é o mais complexo dos conflitos porque é um jogo estratégico de poder, de interesses e de influência que se desenvolve em um espaço específico: nos bastidores do poder político internacional, onde governos semeiam inverdades e encenam acordos sem validade.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Vejamos novamente a questão para análise: "Depreende-se do texto que a guerra secreta é o mais complexo dos conflitos porque é um jogo estratégico de poder, de interesses e de influência que se desenvolve em um espaço específico: nos bastidores do poder político internacional, onde governos semeiam inverdades e encenam acordos sem validade".

Posto isso, é preciso observar que:

(I) Não há um espaço específico em que essa guerra se desenvolva. O texto deixa bem claro que tal guerra "ocorre nas sombras, nos bastidores do poder".

(II) O trecho "que se desenvolve" é ambíguo, pois não fica claro no enunciado da questão o referente do pronome relativo "que". Assim, não se sabe o que se desenvolve. Vale destacar que, de acordo com o texto, o que se desenvolve está bem explícito: "Essa modalidade de guerra se desenvolve entre agências ou serviços secretos, em uma corrida para ver quem chega primeiro".

(III) Quanto aos aspectos linguísticos, o vocábulo "onde", em "onde governos semeiam inverdades", está mal empregado, visto que "onde" deve ser usado só para lugar físico. Nesse caso, poderia ser usado "em que".

(IV) Não se depreende do texto que os governos "semeiam inverdades e encenam acordos sem validade". Ocorre, no final da questão, extrapolação do tema.

Resposta: ERRADO

Texto para a questão 64

A atividade de inteligência é o exercício de ações especializadas para a obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país. Inteligência e contrainteligência são os dois ramos dessa atividade. A inteligência compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão desses dados. A análise transforma os dados em cenário compreensível para o entendimento do passado, do presente e para a perspectiva de como tende a se configurar o futuro. Cabe à inteligência tratar fundamentalmente da produção de conhecimentos com o objetivo específico de auxiliar o usuário a tomar decisões de maneira mais fundamentada. A contrainteligência tem como atribuições a produção de conhecimentos e a realização de ações voltadas à proteção de dados, conhecimentos, infraestruturas críticas — comunicações, transportes, tecnologias de informação — e outros ativos sensíveis e sigilosos de interesse do Estado e da sociedade. O trabalho desenvolvido pela contrainteligência tem foco na defesa contra ameaças como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo, patrocinadas por instituições, grupos ou governos estrangeiros.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos linguísticos do texto.

64) CESPE - ABIN/2018

O escopo do trabalho da inteligência se confunde com o da contrainteligência, embora sejam duas facetas da atividade de inteligência.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Embora sejam duas facetas da atividade de inteligência, o escopo do trabalho da inteligência não se confunde com o da contrainteligência, visto que se trata de questões distintas, de situações diferentes, as quais o texto define bem. Em resumo, segundo o texto, a inteligência "compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão

desses dados". Já a contrainteligência "tem foco na defesa contra ameaças como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo".

Resposta: ERRADO

A questão 65 baseia no texto apresentado abaixo.

Ainda existem pessoas para as quais a greve é um "escândalo": isto é, não só um erro, uma desordem ou um delito, mas também um crime moral, uma ação intolerável que perturba a própria natureza. "Inadmissível", "escandalosa", "revoltante", dizem alguns leitores do Figaro, comentando uma greve recente. Para dizer a verdade, trata-se de uma linguagem do tempo da Restauração, que exprime a sua mentalidade profunda. É a época em que a burguesia, que assumira o poder havia pouco tempo, executa uma espécie de junção entre a moral e a natureza, oferecendo a uma a garantia da outra. Temendo-se a naturalização da moral, moraliza-se a natureza; finge-se confundir a ordem política e a ordem natural, e decreta-se imoral tudo o que conteste as leis estruturais da sociedade que se quer defender. Para os prefeitos de Carlos X, assim como para os leitores do Figaro de hoje, a greve constitui, em primeiro lugar, um desafio às prescrições da razão moralizada: "fazer greve é zombar de todos nós", isto é, mais do que infringir uma legalidade cívica, é infringir uma legalidade "natural", atentar contra o bom senso, misto de moral e lógica, fundamento filosófico da sociedade burguesa.

Nesse caso, o escândalo provém de uma ausência de lógica: a greve é escandalosa porque incomoda precisamente aqueles a quem ela não diz respeito. É a razão que sofre e se revolta: a causalidade direta, mecânica, essa causalidade é perturbada; o efeito se dispersa incompreensivelmente longe da causa, escapa-lhe, o que é intolerável e chocante. Ao contrário do que se poderia pensar sobre os sonhos da burguesia, essa classe tem uma concepção tirânica, infinitamente suscetível, da causalidade: o fundamento da moral que professa não é de modo algum mágico, mas, sim, racional. Simplesmente, trata-se de uma racionalidade linear, estreita, fundada, por assim dizer, numa correspondência numérica entre as causas e os efeitos. O que falta a essa racionalidade é, evidentemente, a ideia das funções complexas, a imaginação de um desdobramento longínquo dos determinismos, de uma solidariedade entre os acontecimentos, que a tradição materialista sistematizou sob o nome de totalidade.

Roland Barthes. O usuário da greve. In: R. Barthes. Mitologias. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007, p. 135-6 (com adaptações).

65) CESPE - TCM BA/2018

Com relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

- a) Infere-se do texto que seu autor considera a greve um crime moral, um delito contra a natureza do mundo e da sociedade.
- b) Argumenta-se, no texto, em favor de uma lógica natural que explique a articulação das tensões sociais que a greve manifesta.
- c) Conclui-se do texto que a intolerância com relação à greve advém da ignorância da complexidade de seus efeitos sobre os membros de uma sociedade.
- d) De acordo com o texto, a percepção do senso comum sobre a burguesia é a de que esta é uma classe social cujos membros são caracterizados pelo comportamento tirânico e dominador.
- e) Infere-se do texto que é inadequada a aplicação do pensamento racional à compreensão das relações sociais.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: Em nenhum momento do texto, o autor critica a greve, considerando-a um crime moral ou um delito contra a natureza do mundo e da sociedade.

ALTERNATIVA B: O autor do texto não argumenta em favor de uma lógica natural. O que ele faz é mencionar a burguesia, que "executa uma espécie de junção entre a moral e a natureza, oferecendo a uma a garantia da outra".

ALTERNATIVA C: O segundo parágrafo do texto menciona que "a greve é escandalosa porque incomoda precisamente aqueles a quem ela não diz respeito", como a burguesia, grupo do qual a intolerância em relação à greve advém, devido à ignorância da complexidade de seus efeitos sobre os membros de uma sociedade. Na sequência do texto, vemos que a burguesia tem uma concepção tirânica da causalidade, por ter uma racionalidade estreita e linear.

ALTERNATIVA D: A alternativa apresenta uma extrapolação, pois a percepção do senso comum sobre a burguesia apresentada não está de acordo com o texto.

ALTERNATIVA E: De modo geral, o autor não se contrapõe à aplicação do pensamento racional à compreensão das relações sociais. Ele não cria essa inadequação. O que se nota, sobretudo no segundo parágrafo, é uma crítica à racionalidade burguesa.

Resposta: C

Texto para as questões 66 a 68

As discussões em torno de questões como "o que é justiça?" ou "quais são os mecanismos disponíveis para produzir situações cada vez mais justas ao conjunto da sociedade?" não são novidade. Autores do século XIX já procuravam construir análises para identificar qual o sentido exato do termo justiça e quais formas de promovê-la eram possíveis e desejáveis ao conjunto da sociedade à época. O debate se enquadra em torno de três principais ideias: bem-estar; liberdade e desenvolvimento; e promoção de formas democráticas de participação. Autores importantes do campo da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram intensamente em torno dessa questão ao longo do século XX, e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a perspectiva analítica de cada um desses autores divirja entre si, eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de situações de justiça social e têm hipóteses concretas para se chegar a esse estado de coisas.

Para Amartya Sen, por exemplo, a injustiça é percebida e mensurada por meio da distribuição e do alcance social das liberdades. Para Rawls, ela se manifesta principalmente nas estruturas básicas da sociedade e sua solução depende de uma nova forma de contrato social e de uma definição de princípios básicos que criem condições de promoção de justiça. Já para Habermas, a questão gira em torno da manifestação no campo da ação comunicativa, na qual a fragilidade de uma ação coletiva que tenha pouco debate ou pouca representação pode enfraquecer a qualidade da democracia e, portanto, interferir no seu pleno funcionamento, tendo, por consequência, desdobramentos sociais injustos. Em síntese, os autores argumentam a favor de instrumentos variados para a solução da injustiça, os quais dependem da interpretação de cada um deles acerca do conceito de justiça.

Augusto Leal Rinaldi. Justiça, liberdade e democracia. In: Pensamento Plural. Pelotas [12]: 57-74, jan.-jun./2013 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, relativo aos sentidos e às ideias do texto.

66) CESPE - STJ/2018

Depreende-se do texto que o debate acerca da justiça organiza-se em torno de parâmetros básicos, mas que não há consenso quanto ao conceito de justiça e às formas concretas para alcançá-la entre filósofos e cientistas políticos do século XX.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Há, no texto, o debate a respeito da justiça, organizado em torno de princípios ou parâmetros básicos, tais como: bem-estar; liberdade e desenvolvimento; e promoção de formas democrática de participação. O texto também menciona que não há consenso quanto ao conceito de justiça. Isso se comprova quando o autor cita o que é justiça para alguns teóricos, como Amartya Sen, Rawls e Habermas. O texto também deixa evidente que essa falta de consenso quanto ao que é justiça também se aplica às formas concretas para alcançá-la entre filósofos e cientistas políticos do século XIX: "Autores do século XIX já procuravam construir análises para identificar qual o sentido exato do termo justiça e quais formas de promovê-la eram possíveis e desejáveis ao conjunto da sociedade à época".

Resposta: CERTO

67) CESPE - STJ/2018

Para o autor do texto, uma correta definição do termo justiça e a compreensão de sua manifestação social são imprescindíveis para que se possam traçar soluções adequadas a cada tipo de sociedade.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O texto, apesar de dissertativo, não é argumentativo, mas expositivo. Assim, percebe-se a exposição de ideias do autor, mesclada com uma análise neutra do assunto, visto que ele não deixa clara uma tese a defender. Portanto, é incorreto dizer que, para "o autor do texto, uma correta definição do termo justiça e a compreensão de sua manifestação social são imprescindíveis para que se possam traçar soluções adequadas a cada tipo de sociedade", como afirma a questão.

Resposta: ERRADO

68) CESPE - STJ/2018

Os autores mencionados no segundo parágrafo apresentam ideias contrárias acerca da noção de injustiça: Amartya Sen a relaciona à liberdade na sociedade; Rawls entende injustiça como uma questão de contratos civis; e Habermas, como uma manifestação linguística e de ação coletiva.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Os autores mencionados no segundo parágrafo não apresentam ideias contrárias acerca da noção de injustiça, mas ideias diferentes. Não se trata, pois, de oposição de ideias, mas de ideias que apresentam visão distinta, a favor de instrumentos variados para a solução da justiça. No final do segundo parágrafo, o texto menciona que "os autores argumentam a favor de instrumentos variados para a solução da injustiça, os quais dependem da interpretação de cada um deles acerca do conceito de justiça".

Resposta: ERRADO

Texto para a questão 69

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: "Como vais, Juca?", ao que qualquer pessoa normal responderia "Bem, obrigado!" — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chãmente em outras coisas, que, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: "Juca, queres arrepender-te dos teus pecados?", vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi "sim" nem "não"; seria acaso um "talvez", se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido.

Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Mário Quintana Prosa & Verso Porto Alegre: Globo, 1978, p 65 (com adaptações)

Com relação às estruturas linguísticas e aos sentidos do texto, julgue o item a seguir.

69) CESPE - EMAP/2018

O trecho "Que fosse amolar os anjos lá no Céu!" expressa o que o padre havia dito no momento em que Juca morreu.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O trecho "Que fosse amolar os anjos lá no Céu!" não expressa o que o padre havia dito no momento em que Juca morreu. O texto afirma que o padre estava ministrando a extrema-unção ao Juca, o que confirma que essa a frase "Que fosse amolar os anjos lá no Céu!" foi proferida antes da morte do Juca, com sentido conotativo, pois Juca, aparentemente, aborreceu o padre, ao não responder com convicção à pergunta sobre arrependimento dos pecados. O texto diz que o padre, embora compreensivo, era apressado, por isso tratou de agilizar a cerimônia. Assim, a frase em análise sugere que o padre queria livrar-se do Juca, por isso o despachou. Em outras palavras, que ele (Juca) fosse perturbar outro, nesse caso, os anjos no céu após sua morte.

Resposta: **ERRADO**

Texto para a questão 70

O orgulho é a consciência (certa ou errônea) do nosso valor próprio; a vaidade é a consciência (certa ou errônea) da evidência do nosso valor aos olhos dos outros. Um homem pode ser orgulhoso sem ser vaidoso, pode ser a um tempo vaidoso e orgulhoso, pode ser — pois tal é a natureza humana — vaidoso sem ser orgulhoso. À primeira vista, é difícil compreender como podemos ter consciência da evidência do nosso valor no conceito dos outros sem a consciência do nosso valor em si. Se a natureza humana fosse racional, não haveria qualquer explicação. No entanto, o homem vive primeiro uma vida exterior, e depois uma vida interior; a noção do efeito precede, na evolução do espírito, a noção da causa interior desse mesmo efeito. O homem prefere ser tido em alta conta por aquilo que não é a ser tido em meia conta por aquilo que é. Assim opera a vaidade.

Walmir Ayala (Coord e introd) Fernando Pessoa Antologia de Estética. Teoria e Crítica Literária Rio de Janeiro: Ediouro, 1988, p 88-g (com adaptações)

Acerca dos aspectos linguísticos do texto precedente e das ideias nele contidas, julgue o próximo item.

70) CESPE - EMAP/2018

Infer-se do texto que, na evolução espiritual do ser humano, o processo de autoconhecimento provém da consciência das impressões alheias sobre o indivíduo.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O texto afirma que a noção do efeito (vaidade, vida exterior) precede, na evolução do espírito, a noção da causa interior (orgulho) desse mesmo efeito. A questão, por sua vez, propõe a inferência de que, na evolução espiritual do ser humano, o processo de autoconhecimento provém da consciência das impressões alheias sobre o indivíduo. No entanto, isso não está nas entrelinhas do texto, visto que o autor menciona que "é difícil compreender como podemos ter consciência da evidência do nosso valor no conceito dos outros sem a consciência do nosso valor em si". Assim, ocorre uma inferência equivocada, pois o texto não fala de origem, mas de uma sequência, de uma sucessão do que vem primeiro e do que vem depois.

Resposta: **ERRADO**

Texto para as questões 71 a 72

Serviço de tráfego de embarcações (vessel traffic service – VTS)

O VTS é um sistema eletrônico de auxílio à navegação, com capacidade de monitorar ativamente o tráfego aquaviário, melhorando a segurança e eficiência desse tráfego, nas áreas em que haja intensa movimentação de embarcações ou risco de acidente de grandes proporções.

Internacionalmente, os sistemas de VTS são regulamentados pela International Maritime Organization, sendo seus aspectos técnicos detalhados em recomendações da International Association of Maritime Aids to Navigation and Lighthouse Authorities. No Brasil, cabe à Marinha do Brasil, autoridade marítima do país, definir as normas de execução de VTS e autorizar a sua implantação e operação.

Uma estrutura de VTS é composta minimamente de um radar com capacidade de acompanhar o tráfego nas imediações do porto, um sistema de identificação de embarcações denominado automatic identification system, um sistema de comunicação em VHF, um circuito fechado de TV, sensores ambientais (meteorológicos e hidrológicos) e um sistema de gerenciamento e apresentação de dados. Todos esses sensores operam integrados em um centro de controle, ao qual cabe, na sua área de responsabilidade, identificar e monitorar o tráfego marítimo, adotar ações de combate à poluição, planejar a movimentação de embarcações e divulgar informações ao navegante. Adicionalmente, o Centro VTS pode fornecer informações que contribuam para o aumento da eficiência das operações portuárias, como a atualização de horários de chegada e partida de embarcações.

Internet: <www.defensea.com.br> (com adaptações)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto apresentado, julgue o item que se segue.

71) CESPE - EMAP/2018

O primeiro parágrafo do texto apresenta uma definição.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Entre as várias formas de se iniciar um texto dissertativo, a introdução por definição é uma delas. Na definição, o texto tem um aspecto de verbete de dicionário, visto que, no parágrafo introdutório, conceitua-se uma palavra ou uma expressão, definindo-a, geralmente fazendo uso de verbos de ligação. Portanto, o parágrafo que se inicia com "O VTS é um sistema eletrônico de auxílio à navegação..." apresenta uma definição.

Resposta: **CERTO**

72) CESPE - EMAP/2018

Infer-se do texto que os elementos que compõem estruturas de VTS citados no período "Uma estrutura de VTS (...) e apresentação de dados" fazem parte das recomendações da International Association of Maritime Aids to Navigation and Lighthouse Authorities.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O texto afirma que os sistemas de VTS são regulamentados pela International Maritime Organization e que seus aspectos técnicos são detalhados em recomendações da International Association of Maritime Aids to Navigation and Lighthouse Authorities. Vale lembrar que à Marinha do Brasil cabe a definição das normas de execução de VTS e a autorização de sua implantação e operação. Dessa forma, é correta a inferência proposta pela questão.

Resposta: CERTO

Texto para as questões 73 a 75

A crescente internacionalização da economia, decorrente, principalmente, da redução de barreiras ao comércio mundial, da maior velocidade das inovações tecnológicas e dos grandes avanços nas comunicações, tem exigido mudanças efetivas na atuação do comércio internacional.

A abordagem desse tipo de comércio, inevitavelmente, passa pela concorrência, visto que é por meio da garantia e da possibilidade de entrar no mercado internacional, de estabelecer permanência ou de engendrar saída, que se consubstancia a plena expansão das atividades comerciais e se alcança o resultado último dessa interação: o preço eficiente dos bens e serviços.

Defesa da concorrência e defesa comercial são instrumentos à disposição dos Estados para lidar com distintos cenários que afetem a economia. Destaca-se como a principal diferença o efeito que cada instrumento busca neutralizar.

A política de defesa da concorrência busca preservar o ambiente competitivo e coibir condutas desleais advindas do exercício de poder de mercado. A política de defesa comercial busca proteger a indústria nacional de práticas desleais de comércio internacional.

Elaine Maria Octaviano Martins Curso de direito marítimo Barueri: Manoele, v 1, 2013, p 65 (com adaptações)

Acerca de aspectos linguísticos do texto precedente e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir.

73) CESPE - EMAP/2018

O texto defende o papel dos governos como reguladores da economia.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

A afirmação de que o texto defende o papel dos governos como reguladores da economia não está contemplada no texto em análise. A autora afirma que "Defesa da concorrência e defesa comercial são instrumentos à disposição dos Estados para lidar com distintos cenários que afetem a economia". É importante observar também que não há defesa de um ponto de vista no texto, mas exposição de ideias. Assim, o que se evidencia é que o texto expõe: apresenta como o governo pode contribuir na regulação da economia, conforme os instrumentos que estão à disposição do Estado.

Resposta: ERRADO

74) CESPE - EMAP/2018

O quarto parágrafo do texto detalha a informação expressa no último período do terceiro parágrafo.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Conforme se lê na questão, de fato, o quarto parágrafo do texto detalha a informação expressa no último período do terceiro parágrafo. O terceiro parágrafo destaca dois aspectos importantes: política de defesa da concorrência e política de defesa comercial, caracterizando-as como instrumentos à disposição dos Estados para lidar com distintos cenários que afetem a economia. No quarto parágrafo, faz-se um detalhamento dessa informação expressa no parágrafo anterior: (I) apresenta-se o que a política de defesa da concorrência busca preservar (o ambiente competitivo) e coibir (condutas desleais advindas do exercício de poder de mercado); (II) expõe-se o que a política de defesa comercial busca proteger (a indústria nacional de práticas desleais de comércio internacional).

Resposta: CERTO

75) CESPE - EMAP/2018

Depreende-se dos sentidos do texto que a palavra "concorrência" foi empregada no sentido de concordância, já que apenas será possível a realização das "mudanças efetivas" mencionadas no primeiro parágrafo se os atores do comércio internacional buscarem um fim comum.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

No texto, "concorrência" está ligada a ambiente de competição, num sentido de rivalidade, de disputa. Por essa razão, não se pode depreender que a palavra "concorrência" tenha sido empregada no sentido de "concordância", embora, em outros contextos, ela possa significar "concorrer", no sentido de "cooperar" ou "contribuir".

Resposta: ERRADO

Atenção: Para responder às questões de números 76 a 77, baseie-se no texto abaixo.

Juventude de hoje, de ontem e de amanhã

A juventude é estranha porque é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo. Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e desilusões. O jovem é o mais velho exemplar da humanidade. Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados; pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado; a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático; pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos.

No encontro de duas gerações, a que murcha e a que floresce, há uma irrisão dramática, um momento de culpas, apreensões e incertezas. As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror. Assim, o momento desse encontro é um espelho cujas imagens o tempo deforma, sem que se desfaça, para o moço e para o velho, a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só, um homem só, uma tragédia só.

O poeta romântico inglês Shelley poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas: nasceu de família respeitável e rica, foi bonito, sincero, revoltado, idealista, violento, amoroso, apaixonado pela vida e pela morte, inteligente, confuso e, sobretudo, de uma sensibilidade crispada. Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças. E enquanto escrevia versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social, atirava-se feroz contra o conformismo do clero, a monarquia, as leis vigentes, o farisaísmo universal.

(Adaptado de CAMPOS, Paulo Mendes. O amor acaba. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 135-136)

76) FCC – CLDF/2018

A afirmação inicial **A juventude é estranha** encontra em seguida uma justificativa quando o autor argumenta que os jovens,

- a) assim como os mais velhos, dão a vida passada por vivida, recusando-se a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos.
- b) ao contrário dos velhos, buscam passar seu próprio tempo a limpo, livrando-o da carga pesada dos erros passados.
- c) incorporando valores de outros tempos, acumulam erros e acertos do passado, como se numa transmissão sobrenatural.
- d) rejeitando as heranças culturais disponíveis, têm a ilusão de que renovam tudo, ainda quando repitam erros do passado.
- e) espelhando-se em si mesmos, acabam reabilitando e nobilitando ideais que se perderam em antigos combates.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADA – É errado afirmar que os jovens se recusam a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos. No primeiro parágrafo, no trecho "*pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado*", dá-se a entender que os jovens se sentem desafiados a buscar novas conquistas; no mesmo parágrafo, no trecho "*[pesa-lhe] a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático*", é possível afirmar que o jovem é, ao mesmo tempo, idealista e egoísta. No último parágrafo, o próprio exemplo do poeta Shelley, segundo o texto um padrão que deveria ser seguido por todos os adolescentes de todas as épocas, é apresentado como idealista.

ALTERNATIVA B – ERRADA – Segundo o texto, não é a juventude que é passada "a limpo", mas sim a velhice. Esta é passada a limpo justamente na transição entre as duas gerações, a que floresce e que murcha.

ALTERNATIVA C – CERTA – O trecho "*Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e desilusões.*" traduz a ideia de que os jovens incorporam valores de outros tempos. Além disso, no trecho "*pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos.*", o autor compara a transmissão de erros e acertos, de vícios e virtudes, de uma geração para outra, a uma sessão espírita permanente, fazendo, assim, uma analogia com eventos sobrenaturais.

ALTERNATIVA D – ERRADA – É errado afirmar que os jovens, de forma generalizada, rejeitam as heranças culturais disponíveis. O trecho "*Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados*" dá a entender que, ao herdar o conhecimento de gerações passadas, cria-se uma responsabilidade para o jovem.

ALTERNATIVA E – ERRADA – Na verdade, para construir seus futuros e ideais, os jovens se espelham nos mais velhos, enxergando nestes um futuro que não desejam para si. Isso fica bem evidente no seguinte trecho "*As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror*". Isso significa que os jovens não se espelham em si, mas sim se espelham nos mais velhos, tomando estes, muitas vezes, como contraexemplos para o futuro que almejam ter.

Resposta: C

77) FCC – CLDF/2018

O poeta inglês Shelley, segundo o autor do texto, poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas porque nele

- a) o espírito revoltoso de um marginalizado fazia dele uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes ressentimentos.
- b) a sensibilidade à flor da pele fazia com que ele se dedicasse plenamente ao culto dos mais altos ideais.
- c) as qualidades negativas deixavam em segundo plano as positivas, o que favorecia sua expressão romântica.
- d) os impulsos amorosos, idealistas e esperançosos conviviam com duras invectivas contra o que julgasse maligno.
- e) as intenções críticas mais contundentes acabavam sucumbindo ao lirismo e à índole mística de seu temperamento.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADA – É errado afirmar que Shelley era uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes sentimentos. O autor deixa isso bem claro, ao afirmar que "*[Shelley] Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças.*"

ALTERNATIVA B – ERRADA – O sentido do advérbio "plenamente" está associado a ideia de "permanentemente". E isso não é verdade, segundo o texto, pois Shelley, ao mesmo tempo que se dedicava à escrita de "*versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social*", mantinha uma postura feroz contra o conformismo do clero.

ALTERNATIVA C – ERRADA – O autor, ao explorar o perfil romântico e, ao mesmo tempo, revoltoso do poeta Shelley, não está propriamente relativizando seus defeitos e enaltecendo suas qualidades. Ele simplesmente dá a entender que essa mistura de atributos poderia ser tomada como a caracterização padrão de jovens de todas as épocas.

ALTERNATIVA D – CERTA – O item exige o conhecimento do significado do vocábulo “investivas”. Mesmo desconhecendo seu significado dicionário, é possível contextualmente associá-lo a algo negativo, relacionado a “ataques”, “ofensas”, “insultos”.

Isso posto, é o que exatamente ocorreu com Shelley: ao mesmo tempo que escrevia versos amorosos, ele se lançava em ofensivas contra aquilo que julgava ser maligno, materializado à época no conformismo do clero, na monarquia, nas leis vigentes e no farisaísmo (na hipocrisia) universal.

ALTERNATIVA E – ERRADA – É errado afirmar que as críticas do poeta sucumbiam ao seu tom lírico. As duas posturas coexistiam.

Resposta: D

Atenção: Para responder às questões de números 78 a 80, baseie-se no texto abaixo.

Uma palavra sobre cultura e Constituição

Todas as Constituições brasileiras foram lacônicas e genéricas ao tratar das relações entre cultura e Estado. Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior. Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.

A sociedade brasileira não tem uma “cultura” já determinada. O Brasil é, ao mesmo tempo, um povo mestiço, com raízes indígenas, africanas, europeias e asiáticas, um país onde o ensino médio e universitário tem alcançado, em alguns setores, níveis internacionais de qualidade e um vasto território cruzado por uma rede de comunicações de massa portadora de uma indústria cultural cada vez mais presente.

O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” nada tem de homogêneo ou de uniforme. A sua forma complexa e mutante resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas. Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a “cultura”, este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo. Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, que soariam estranhas, porque exteriores à dialética das “culturas” brasileiras. Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. Entre a Literatura e a História. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 393-394)

78) FCC – CLDF/2018

A frase *Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior (1º parágrafo)* é justificada pelo autor com base na sua convicção de que

- a) o Poder Público não pode interferir em qualquer aspecto de uma cultura nacional, que deve ser espontânea e livre do alcance da Constituição.
- b) a sociedade brasileira, conquanto não seja homogênea, é suficientemente madura para formular as normas que devem reger sua cultura tradicional.
- c) a complexidade das culturas brasileiras não deve ser objeto de uma legislação que venha a abranger e determinar tão diversas manifestações.
- d) o Estado não pode permitir que seja lacunosa a legislação sobre matérias culturais, que deve ser rigorosa e o mais específica possível.
- e) a dinâmica das várias culturas existentes no país garante que não haja entre elas algum atrito que ponha em risco a impermeabilidade de cada uma.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não é correto afirmar que o Estado não deve interferir de forma alguma. Este deve assegurar a liberdade de culto e manifestação. Isso fica bem claro no seguinte trecho: “Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a “cultura”, este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo.”.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O texto não dá a entender que a sociedade brasileira já tenha alcançado um grau de maturidade no trato com a cultura, tanto que é pertinente assegurar a liberdade de manifestação e culto como forma proteger aquilo que se chama “cultura brasileira”.

ALTERNATIVA C – CERTO – Como são diversas as formas de manifestação cultural, o autor não julga pertinente detalhar excessivamente as normas e definir de forma rígida culturas tão díspares.

Isso fica muito claro em: “Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, ... Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.”.

ALTERNATIVA D – ERRADO – É justamente o oposto. O tom lacônico (breve) e indeterminado é até bem-vindo, segundo o autor.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não ocorre essa garantia. Na verdade, é necessário assegurar o respeito à liberdade de culto e manifestação por meio de normas genéricas.

Resposta: C

79) FCC – CLDF/2018

Se na esfera socioeconômica cabe ao Estado propiciar uma melhor distribuição de renda, na esfera dos bens simbólicos um objetivo equivalente se alcança com

- a) uma configuração coerente da meta educacional com o sistema financeiro.
- b) uma legislação escolar minuciosa com incentivos à pesquisa pura.
- c) um processo de integração mais coeso entre produção e consumo cultural.
- d) um sistema educacional voltado para a pesquisa de ponta e de longo prazo.

e) um programa de educação consistente aliado à pesquisa sistemática.

RESOLUÇÃO:

Analisemos o trecho a seguir, em especial a parte em negrito:

*Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, **em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.***

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não há menção ao sistema financeiro, como podemos verificar no trecho destacado em negrito.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não há menção à pesquisa pura ou de ponta no trecho destacado em negrito.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Não é produção e consumo o foco, e sim sistema educacional conjugado com apoio à pesquisa.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não há menção à pesquisa de ponta no trecho destacado em negrito.

ALTERNATIVA E – CERTO – De fato, sugere-se um sistema de educação sólido (programa de educação consistente) conjugado a apoio à pesquisa sistemática (contínua).

Resposta: E

8o) FCC – CLDF/2018

Um mesmo posicionamento do autor está expresso e ratificado nestes dois segmentos:

- a) O que se chama, portanto, de "cultura brasileira" (3o parágrafo) / propor normas incisivas (3o parágrafo).
- b) Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio (1o parágrafo) / um certo grau de indeterminação [...] é [...] recomendável (3o parágrafo).
- c) Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base (1o parágrafo) / resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas (3o parágrafo).
- d) Constituições [...] foram lacônicas (1o parágrafo) / suporte de um sistema educacional sólido (1o parágrafo).
- e) algum valor deve presidir à ação do Poder Público (3o parágrafo) / exteriores à dialética das culturas brasileiras (3o parágrafo).

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O trecho "O que se chama, portanto, de 'cultura brasileira'" não consiste em uma opinião, e sim em um fato.

ALTERNATIVA B – CERTO – O trecho "Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio" consiste em uma opinião do autor, que não julga ser algo ruim a brevidade das menções à cultura. Isso é confirmado (ratificado) pelo autor, quando afirma que um grau de indeterminação das normas é até bem-vindo.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O trecho "Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base" não consiste propriamente em uma opinião, mas em um fato, constante na Constituição.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A necessidade de um sistema de educação sólido é apresentada como um meio para se alcançarem os objetivos de redução de desigualdade.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O trecho "exteriores à dialética das culturas brasileiras" se refere a possíveis normas incisivas e excessivamente detalhadas relacionadas à cultura.

Resposta: B

Atenção: Para responder à questão 81, considere o texto a seguir.

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro motes escritos nas paredes do templo de Delfos: "O mais justo é o mais belo", "Observa o limite", "Odeia a hybris (arrogância)", "Nada em excesso". Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao "bocejante Caos", de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são reconduzíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que se aplica a definição de belo (Kalón) como "aquilo que agrada e atrai". Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma "ideia" (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)

81) FCC – SEFAZ-GO/2018

O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no

- a) primeiro parágrafo, uma concepção moderna de beleza que se contrapõe ao senso comum grego ao abarcar a ideia do caos criativo.
- b) segundo parágrafo, uma visão inconsistente de beleza, ao contrariar os preceitos gregos de equilíbrio, moderação e harmonia.
- c) terceiro parágrafo, oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem e caos.
- d) quarto parágrafo, uma conclusão que reafirma o argumento expresso anteriormente de que no conceito grego de beleza as oposições se anulam.
- e) terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisíaca.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O primeiro parágrafo não faz menção a uma ideia contemporânea de beleza, mas sim à visão grega clássica, que associa à ordem e à harmonia.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Sutil! A visão de beleza apresentada no 2º parágrafo faz menção à figura de Dionísio, deus do Caos, e parte da premissa de que é possível o caos surgir da harmonia da beleza. Não se pode afirmar, contudo, que a definição de beleza grega seja inconsistente (frágil). Ela é sim complexa, repleta de antíteses, como bem afirma o autor na seguinte passagem: "...concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica."

Outro argumento está no fato de que essa coabitação de duas divindades antitéticas (opostas) não é casual (acidental). Ela encontra explicação e foi pela primeira vez tematizada na Idade Moderna.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exato! No parágrafo anterior, faz-se menção à presença de inúmeras antíteses. E o terceiro parágrafo as exemplifica: beleza versus percepção sensível; som versus visão.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não se trata propriamente de uma conclusão, mas sim de uma tentativa de explicação por meio de uma comparação: a harmonia estaria para a estátua, assim como a música para a paixão e o desordem.

Outro erro consiste em afirmar que as oposições se anulam (se anulam), o que não é verdade. Elas convivem, segundo o autor. E é esse convívio de visões antitéticas que se torna alvo de estudo.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não ocorre uma substituição (troca) de uma visão por outra. Elas convivem e se manifestam por meio de antíteses.

Resposta: C

82) ESAF – MAPA/2017

Assinale a opção que está em **desacordo** com as afirmações do texto.

A grande exploração agrária — o engenho e a fazenda — é consequência natural e necessária de todas as circunstâncias que concorrem para a ocupação e aproveitamento deste território que havia de ser o Brasil: o caráter tropical da terra, os objetivos que animam os colonizadores, as condições gerais desta nova ordem econômica do mundo que se inaugura com os grandes descobrimentos ultramarinos, e na qual a Europa temperada figurará no centro de um vasto sistema que se estende para os trópicos a fim de ir buscar neles os gêneros que aquele centro reclama e que só eles podem fornecer. São esses, em última análise, os fatores que vão determinar a estrutura agrária do Brasil-colônia. Três caracteres — a grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo — são formas que se combinam e se completam, derivadas diretamente e como consequência necessária daqueles fatores.

(Prado Jr, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo, in Intérpretes do Brasil, Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, páginas 1221 e 1222, com adaptações)

- a) O engenho e a fazenda são configurações específicas da grande exploração agrária instituída no Brasil-colônia.
- b) A grande propriedade, a monocultura e a escravidão decorrem da necessidade de produzir para o consumo interno sempre crescente.
- c) Os descobrimentos ultramarinos estabelecem uma nova ordem econômica no mundo da qual a Europa é o centro.
- d) A Europa buscava nos trópicos produtos agrícolas de que necessitava e que não produzia em decorrência do clima temperado.
- e) A estrutura agrária do Brasil-colônia é consequência do caráter tropical da terra, dos objetivos dos colonizadores e da nova ordem econômica do mundo.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: EM ACORDO. A passagem "A grande exploração agrária — o engenho e a fazenda — é consequência natural", com o apostrofo explicativo entre as travessões ratifica a informação da opção quando o texto atrela essa informação ao período do Brasil-colônia.

ALTERNATIVA B: EM DESACORDO. Ora, se a Europa figurava "no centro de um vasto sistema que se estende para os trópicos a fim de ir buscar neles os gêneros que aquele centro reclama e que só eles podem fornecer", assim os elementos citados (grande propriedade, monocultura e escravidão) não decorriam de necessidade para consumo interno, e sim externo!

ALTERNATIVA C: EM ACORDO. Passagem que justifica a opção como correta: "o caráter tropical da terra, os objetivos que animam os colonizadores, as condições gerais desta nova ordem econômica do mundo que se inaugura com os grandes descobrimentos ultramarinos, e na qual a Europa temperada figurará no centro de um vasto sistema que se estende para os trópicos..."

ALTERNATIVA D: EM ACORDO. Passagem que justifica a opção como correta: "o caráter tropical da terra, os objetivos que animam os colonizadores, as condições gerais desta nova ordem econômica do mundo que se inaugura com os grandes descobrimentos ultramarinos, e na qual a Europa temperada figurará no centro de um vasto sistema que se estende para os trópicos a fim de ir buscar neles os gêneros que aquele centro reclama e que só eles podem fornecer."

ALTERNATIVA E: EM ACORDO. Passagem que justifica a opção como correta: "o caráter tropical da terra, os objetivos que animam os colonizadores, as condições gerais desta nova ordem econômica do mundo que se inaugura com os grandes descobrimentos ultramarinos, e na qual a Europa temperada figurará no centro de um vasto sistema que se estende para os trópicos a fim de ir buscar neles os gêneros que aquele centro reclama e que só eles podem fornecer."

Resposta: B

83) ESAF– MAPA/2017

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

A história demonstra: mesmo antes de adquirir o controle da agricultura e da criação de animais para consumo, o homem esteve preocupado em manter reservas de carne de caça e de vegetais coletados para sua sobrevivência. A natureza, o ciclo anual da mudança de estações e as oscilações climáticas que definem períodos de escassez e fartura e hábitos culturais – como o nomadismo –, são fatores que definem a necessidade de se preservar alimentos pelo maior tempo possível. A partir de experiências no dia-a-dia, o homem pré-histórico foi descobrindo os meios para conservar seu sustento e garantir a sobrevivência. O calor do sol, fogo e gelo, elementos encontrados na natureza, foram os recursos primitivos dos quais lançou mão. Esses elementos é que ofereceram as pistas para o futuro da preservação. Na era moderna, a ultrapasteurização e a liofilização, métodos tecnologicamente avançados e supereficientes para a conservação de alimentos, são baseados nos mesmos princípios do uso do calor e do frio. Outras maneiras de conservar comidas foram utilizadas, como o preparo das conservas por meio da adição de conservantes naturais, como mosto, mel, vinagre, óleos e gordura animal.

<http://alimentacaoforadolar.com.br/quais-sao-as-fases-da-historia-da-alimentacao/> <acesso em 28/11/2017> (com adaptações)

- a) O homem preocupou-se com a conservação de alimentos depois de aprender a controlar a agricultura e a criação de animais.
- b) As oscilações climáticas que definem períodos de escassez e fartura dispensam o cuidado com a conservação de alimentos.
- c) O calor e o frio como elementos que permitem a conservação dos alimentos foram utilizados inicialmente na modernidade.
- d) O vinagre e o mel já eram utilizados na pré-história como elementos necessários à conservação da carne de caça.
- e) Os métodos modernos de conservação dos alimentos baseiam-se em princípios já utilizados desde a pré-história.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: EM DESACORDO. A passagem do texto que segue demonstra o erro, com o destaque: “A história demonstra: mesmo antes de adquirir o controle da agricultura e da criação de animais para consumo, o homem esteve preocupado em manter reservas de carne de caça e de vegetais coletados para sua sobrevivência.”

ALTERNATIVA B: EM DESACORDO. A passagem do texto que segue demonstra o erro, com o destaque: “as oscilações climáticas que definem períodos de escassez e fartura e hábitos culturais – como o nomadismo –, são fatores que definem a necessidade de se preservar alimentos pelo maior tempo possível.”

ALTERNATIVA C: EM DESACORDO. A passagem do texto que segue demonstra o erro, com o destaque: “O calor do sol, fogo e gelo, elementos encontrados na natureza, foram os recursos primitivos dos quais lançou mão.” Notemos que a opção cita “modernidade”, o que é oposto a “primitivo”.

ALTERNATIVA D: EM DESACORDO. Note que, na passagem que segue, o texto não informa ou afirma esse uso na Pré-História: “Outras maneiras de conservar comidas foram utilizadas, como o preparo das conservas por meio da adição de conservantes naturais, como mosto, mel, vinagre, óleos e gordura animal.”

ALTERNATIVA E: EM ACORDO. Passagens que justificam clara e objetivamente a opção como correta: “O calor do sol, fogo e gelo, elementos encontrados na natureza, foram os recursos primitivos dos quais lançou mão. Esses elementos é que ofereceram as pistas para o futuro da preservação.”

Resposta: E

84) ESAF– MAPA/2017

Assinale a opção que completa a lacuna do texto de forma coesa e coerente.

No cenário industrial da década de 80, surgiram os primeiros produtos enriquecidos com vitaminas e sais minerais, inicialmente, produzidos exclusivamente ao público infantojuvenil. No entanto, com a adesão do conceito pela população, começaram a surgir produtos também destinados à população adulta.

Nesse sentido, a preocupação com a saúde se tornou a tônica do século XXI. Estudos comprovaram a relação entre alimentação, saúde e doença. Foram descobertas novas funções para os nutrientes e identificadas novas substâncias capazes de exercer ações específicas no metabolismo humano. Os setores público, produtivo e a mídia começaram a estimular o hábito de uma alimentação saudável e a prática de atividades físicas. Até chegar ao cenário atual: a luta mundial por hábitos saudáveis de vida.

<http://alimentacaoforadolar.com.br/quais-sao-as-fases-da-historia-da-alimentacao/> <acesso em 28/11/2017> (com adaptações)

- a) Mas a evolução não parou por aí. A partir dos anos 90, os alimentos passaram a ser vistos como sinônimos de bem-estar, redução de riscos de doenças e como veículos de uma melhor qualidade de vida para a população. O culto pela boa forma estava no auge e, com ele, a valorização da cozinha saudável. Assim, surgiram os produtos diet, mais indicados para diabéticos, e light, que apresentam menos calorias sem prejuízo do sabor.
- b) No final da II Guerra Mundial, os refugiados que se encontravam concentrados nos países industrializados da Europa tinham como preocupação essencial a reconstrução pós-guerra. Esse processo, apoiado por iniciativas como o Plano Marshall, originou um crescimento econômico forte e sustentado, trazendo um vasto conjunto de benefícios a pessoas que tinham sofrido as anteriores privações da guerra e da recessão econômica.
- c) O rápido crescimento da economia mundial permitiu a uma grande porcentagem da população europeia refugiada iniciar uma nova vida em países como os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Israel, locais com carência existente no mercado de trabalho, o que contribuiu para a prosperidade dessas sociedades. Foi nesse período que começaram a surgir os primeiros alimentos industrializados, permitindo à indústria alimentícia ampliar a sua área de atuação.
- d) No período de ascensão econômica do pós-guerra até a década de 1970, o alimento industrializado se consolidou, com forte influência americana sobre os produtos. No período, entrou em cena a “geração Refrigerante”. Se as primeiras necessidades da humanidade estavam centradas na busca do alimento e na proteção contra os predadores, as necessidades dessa geração eram muito diferentes.
- e) A exigência estava naquilo que desse prazer, mas, não necessariamente, fosse indispensável. O advento da industrialização e da produção de massa possibilitou – e ao mesmo tempo exigiu, para sua continuidade – a formação de um mercado consumidor capaz de absorver a produção crescente de serviços e produtos que eram, talvez, desnecessários à sobrevivência biológica das pessoas.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: OPÇÃO CORRETA. Notemos que o trecho inicial fala de uma situação em que há surgimento de novos produtos para o público infanto-juvenil e, depois, para o público adulto, o que implica “evolução” e justifica já o início do texto desta opção: “Mas a evolução não parou por aí”. Destaque-se que o termo “aí” faz alusão exatamente ao surgimento dos produtos para a população adulta. Acrescente-se que na continuação do texto desta opção ocorre a referência à década de 90 e chega ao século XXI na sua terceira parte, o que faz coesão e coerência com o texto da questão que alude à década de 80, sem esquecer que o assunto-tema tratado é o mesmo.

ALTERNATIVA B: OPÇÃO INCORRETA. Observemos que o assunto-tema do texto da opção nada tem a ver com o que se aborda no texto que deve ser completado. O texto a ser completada fala especificamente de produtos alimentícios e sua evolução desde a década de 80 – para jovens e adultos –, e o texto da opção trata da questão econômica do período pós II Guerra Mundial.

ALTERNATIVA C: OPÇÃO INCORRETA. O texto desta opção, no seu início, traz elementos e informações totalmente desconectados e desarmônicos no que diz respeito ao primeiro trecho do comando da questão que fala da produção de alimentos para o público infanto-juvenil e, ao depois, para o público adulto. Comparemos com parte do trecho desta opção: “O rápido crescimento da economia mundial permitiu a uma grande porcentagem da população europeia refugiada iniciar uma nova vida em países como os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Israel, locais com carência existente no mercado de trabalho, o que contribuiu para a prosperidade dessas sociedades.”

ALTERNATIVA D: OPÇÃO INCORRETA. Note que referência cronológica do trecho “No período de ascensão econômica do pós-guerra até a década de 1970,” já indica a ruptura da coerência, uma vez que o trecho do comando da questão já se referia à década de 80 e o fazia especificamente à produção de alimentos para o público infanto-juvenil e, depois, para o público adulto.

ALTERNATIVA E: OPÇÃO INCORRETA. Notemos que o trecho desta opção trata do processo de industrialização em geral e da consequente produção de alimentos em massa (ou seja, em grande quantidade). Nesse caso, não qualquer elemento coesivo que sustenha a coerência com o trecho anterior.

Resposta: A

85) ESAF – MAPA/2017

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Atualmente, a importância do uso de estratégias alternativas para a preservação da biodiversidade está em evidência. Visto que a criação de bancos de germoplasma é uma alternativa para a conservação de espécies ameaçadas, essa é uma técnica de suma importância para a manutenção da fauna brasileira. Desde o começo da década de 70, houve uma crescente preocupação com a necessidade de se preservar recursos genéticos essenciais para a alimentação, voltados, principalmente, para a conservação de material genético da agricultura e de animais de produção. Somente em julho de 2010, foi criado o primeiro Banco de Germoplasma de Animais Selvagens da América Latina, pelo Jardim Zoológico de Brasília, como uma estratégia alternativa para a conservação de espécies ameaçadas ou em perigo de extinção, utilizando tanto gametas como células somáticas e células-troncos. É urgente a criação de novos bancos ou redes de pesquisa inter-regionais voltados a essa preservação tecidual.

<http://www.pvb.com.br/?link=verart&tipo=ID&campo1=1750> <acesso em 28/11/2017> (com adaptações)

- a) Os primeiros bancos de germoplasma, criados na década de 70, estavam voltados para a preservação da fauna selvagem em perigo de extinção.
- b) O Banco de Germoplasma de Animais Selvagens da América Latina, em Brasília, conserva gametas, células somáticas e células-troncos de espécies ameaçadas de extinção.
- c) A intenção de preservar recursos genéticos para a alimentação, vindos da agricultura e dos animais de produção surgiu no Jardim Zoológico de Brasília.
- d) A conservação de material genético de animais de produção surgiu simultaneamente à conservação de material genético de animais selvagens.
- e) Recursos genéticos essenciais para assegurar a alimentação estão no Banco de Germoplasma de Animais Selvagens da América Latina, em Brasília.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: OPÇÃO INCORRETA. A passagem “Desde o começo da década de 70, houve uma crescente preocupação com a necessidade de se preservar recursos genéticos essenciais para a alimentação” mostra que havia uma “preocupação crescente”, e não a criação de “bancos de germoplasmas”, até porque o primeiro banco de germoplasma só foi criado em 2010.

ALTERNATIVA B: OPÇÃO CORRETA. A passagem a seguir ratifica clara e objetivamente a resposta: “Somente em julho de 2010, foi criado o primeiro Banco de Germoplasma de Animais Selvagens da América Latina, pelo Jardim Zoológico de Brasília, como uma estratégia alternativa para a conservação de espécies ameaçadas ou em perigo de extinção, utilizando tanto gametas como células somáticas e células-troncos.”

ALTERNATIVA C: OPÇÃO INCORRETA. Os recursos genéticos eram atinentes só animais selvagens, conforme se vê na passagem: “. Somente em julho de 2010, foi criado o primeiro Banco de Germoplasma de Animais Selvagens da América Latina, pelo Jardim Zoológico de Brasília, como uma estratégia alternativa para a conservação de espécies ameaçadas ou em perigo de extinção.”

ALTERNATIVA D: OPÇÃO INCORRETA. O texto se refere apenas a “animais selvagens”, conforme se constata na passagem citada no comentário da opção anterior.

ALTERNATIVA E: OPÇÃO INCORRETA. A opção traz uma informação excessivamente genérica que não encontra base informativa no texto, pois se refere a “alimentação” de forma ampla, generalizada, o que o texto não faz.

Resposta: B

Texto para a questão 86

CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA

Énio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos “componentes anti-idade” e “microcápsulas” que ajudam “a sua pele a ter mais firmeza em oito dias”, por exemplo, ou mesmo que determinados organismos “vivos” (mesmo depois de envazados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. “A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como a nossa”, acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro “O marketing depois de amanhã (Universo dos Livros, 2007)”, afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. “Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade

contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso à informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Sylvania concorda e diz que a sociedade começa a perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia a dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual são defasados".

Cavallini considera que há três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Sylvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem", diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou a apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformada em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo, em 99% dos casos, esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

86) INÉDITA

Sobre as ideias apresentadas no texto lido, é correto afirmar:

- a) Os resultados das pesquisas laboratoriais que embasam campanhas publicitárias, em sua maioria, são falaciosos.
- b) O texto afirma que a ciência moderna se tornou mais distante do público leigo, devido à sofisticação da linguagem.
- c) Há um desinteresse do público leigo por assuntos relacionados à Ciência e isso se manifesta na resistência com que são recebidas publicidades que fazem uso de uma linguagem científica.
- d) A utilização de uma linguagem científica como estratégia de vendas confere mais credibilidade e diferenciais ao produto anunciado, embora os efeitos dessa tática não sejam perenes nem insuscetíveis a revisões.
- e) Mesmo com o maior acesso à informação, muitos ainda se prendem a uma "verdade absoluta", razão pela qual a Ciência é ainda tão valorizada como certificado de garantia e qualidade para produtos anunciados.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O texto dá a entender que os resultados laboratoriais estampados nas peças publicitárias são válidos. Isso é atestado pelo "Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar)". Segundo esse órgão, "os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes.". O que o texto afirma é que esses resultados não podem ser tomados como verdade suprema, e devem ser constantemente revisados por experimentos mais recentes.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é verdade. O fato de a sociedade estar constantemente conectada e as informações estarem mais acessíveis ao público faz com que o público questione a validade das informações científicas presentes nas diversas peças publicitárias. Nas palavras do texto, "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável".

ALTERNATIVA C – ERRADO – De acordo com o texto, o acesso às diversas fontes de informação fez com que o público se aproximasse do "fazer científico", a despeito da linguagem científica empregada. As pessoas deixaram de ser passivas e passaram a questionar a validade das informações científicas veiculadas nas peças publicitárias.

ALTERNATIVA D – CERTO – Exatamente! Uma das justificativas para se utilizar a Ciência como argumento de vendas é a credibilidade passada por esta ao produto, funcionando como uma espécie de "selo de qualidade e garantia". É o que fica bem claro no trecho: "Cavallini considera que há três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia".

Isso, no entanto, não significa que as informações científicas não sejam constantemente revisadas, não se podendo tomá-las como verdades universais e perenes. É o que fica bem claro no trecho: "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo".

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não é verdade! O texto afirma categoricamente que os indivíduos, pelo fato de terem mais acesso à informação, questionam a todo momento as informações científicas veiculadas nas peças publicitárias: "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável".

Resposta: D

87) INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".)

I – Há uma relação semântica de contraste "banhos intermitentes de sangue" e "ela era toda pálida e suave"

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - “Muito!” – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo” faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

RESOLUÇÃO:

A assertiva I está correta.

De acordo com a descrição do texto, a luminosidade do anúncio refletia na pele da personagem, dando a ela uma coloração avermelhada. É o que o texto descreve como “banhos intermitentes de sangue.

Nos intervalos (intermitências) entre o acender e o apagar do anúncio, a lua realçava a palidez da pele da personagem.

A assertiva II está errada.

É possível notar na resposta da personagem um tom vago, até mesmo irônico. Ela não se mostrava muito interessada em julgar o quadro que lhe fora apresentado, assunto da pergunta a ela dirigida. Estava, na verdade, mais entretida e distraída com os efeitos luminosos do anúncio em seu braço.

A assertiva III está errada.

De fato, o pronome “isso” faz referência à distração gerada pelos efeitos luminosos do anúncio no braço da personagem. No entanto, erra a assertiva ao afirmar que se trata de uma alusão catafórica – referência a algo ainda a ser citado. O correto é afirmar que se faz uma alusão anafórica – referência a algo citado anteriormente no texto.

Resposta: A

Texto para a questão 88

A história da clorpromazina (comercializada como Ampectil no Brasil) e de outras drogas psiquiátricas, incluindo lítio e várias gerações de antidepressivos, é contada de forma apaixonante por Lauren Slater em “Blue Dreams” (sonhos azuis).

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica. Sofre de transtorno bipolar e diz estar convicta de que foi apenas o uso maciço de combinações variadas de antidepressivos e lítio que a manteve por mais de três décadas longe das internações de que precisou na juventude.

Ela é uma fã desses fármacos, mas nem por isso deixa de exercer o espírito crítico em relação aos laboratórios. O fato de as drogas funcionarem não significa que seja pelas razões alegadas pela indústria. O modelo da depressão como um desbalanço químico marcado por baixos níveis de serotonina, por exemplo, é mais furado do que um queijo suíço.

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação. Como bônus, ela fala também de fármacos ainda ilegais, mas bastante promissores para uso psiquiátrico, como o MDMA e o LSD.

Hélio Schwartsman

88) INÉDITA

Sobre as ideias apresentadas no texto lido, é correto afirmar:

- a) Relativiza-se a necessidade dos fármacos utilizados em tratamentos psiquiátricos, uma vez que os efeitos desses medicamentos não se concretizam.
- b) Defende-se o uso de fármacos, como lítio e combinações de antidepressivos, haja vista que seus efeitos sobre transtornos psiquiátricos e a maneira como funcionam no organismo do paciente já são amplamente conhecidos.
- c) Critica-se a utilização de fármacos em tratamentos psiquiátricos, haja vista que não é possível comprovar sua eficácia.
- d) Sugere-se que medicamentos hoje não permitidos por lei podem futuramente ser utilizados em tratamentos psiquiátricos de forma satisfatória.
- e) Defende-se o emprego de fármacos nos tratamentos psiquiátricos, tendo por base as explicações técnicas propaladas pela indústria farmacêutica.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADO – É equivocado dizer que o texto relativiza (enfraquece, atenua) a necessidade dos fármacos nos tratamentos psiquiátricos. Não é a necessidade, mas sim os efeitos positivos que são relativizados. A estudiosa reconhece a importância dos medicamentos, mas não deixa de citar que estes podem trazer efeitos secundários danosos para os pacientes. Isso fica bem claro no trecho “Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.”. Além disso, é errado afirmar que os fármacos não produzem efeitos. Isso contradiz frontalmente o texto: “O fato de as drogas funcionarem não significa que seja pelas razões alegadas pela indústria.”.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Observe o trecho “Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.”. Fica bem evidente que não há domínio pleno ainda sobre o funcionamento dos fármacos. Ainda há uma considerável ignorância sobre o tema.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Mais uma vez, o texto reconhece os resultados positivos dos fármacos nos tratamentos psiquiátricos, no entanto reconhece que não há um domínio pleno sobre o funcionamento desses medicamentos.

ALTERNATIVA D – CERTO – É o que dá a entender pela leitura do trecho "... ela fala também de fármacos ainda ilegais, mas bastante promissores...". Ao afirmar que esses fármacos são ainda ilegais, dá-se a entender se trata de algo temporário, cujo "status" pode ser alterado futuramente. Além disso, ao empregar o adjetivo "promissores", dá-se a entender que os resultados serão positivos, caso esses medicamentos sejam empregados.

ALTERNATIVA E – ERRADO – As justificativas divulgadas pela indústria farmacêutica são descredenciadas pela estudiosa. Isso fica bem claro no trecho "O fato de as drogas funcionarem não significa que seja pelas razões alegadas pela indústria."

Resposta: D

Texto para as questões 89 e 90

Deus deveria ter espalhado câmeras no Jardim do Éden

HÉLIO SCHWARTSMAN

Num saboroso artigo publicado em "Philosophy Now", Emrys Westacott escrutina as implicações filosóficas da proliferação de câmeras de vigilância. Em princípio, elas são perfeitas, e Deus deveria ter enchido o Jardim do Éden delas. Aí, quem sabe, Eva, quando tentada pela serpente a provar do fruto proibido, sabendo que estava sendo monitorada, tivesse tomado a decisão certa. Não haveria pecado original, queda, nem expulsão do Paraíso. Mulheres não experimentariam as dores do parto e nós não precisaríamos trabalhar. Melhor ainda, as câmeras não comprometem o livre-arbítrio, tão caro ao Criador.

A ideia central aqui é que as câmeras, ao fazer com que dever moral e interesse próprio (não ser apanhado) caminhem juntos, nos impelem a tomar as decisões certas, o que é bom para nós e para a sociedade. Aplaudiriam as câmeras filósofos como Platão e Thomas Hobbes. É claro, porém, que em filosofia as coisas nunca são tão simples. Deus não colocou câmeras no Jardim do Éden, muito provavelmente porque Ele é kantiano. E, para Immanuel Kant, podemos fazer o que é certo ou bem por temer a sanção ou por reconhecer a racionalidade por trás dessa lei. Só no segundo caso somos verdadeiramente morais e livres. As câmeras, na verdade, até impediriam o nosso crescimento como agentes morais.

Quando calculamos os benefícios utilitários da hipervigilância, que se traduzem na diminuição de crimes e acidentes, não é difícil descartar as objeções kantianas como meras abstrações acadêmicas. Mas, de novo, as coisas não são tão simples. Se você tivesse a chance de escolher se vai trabalhar numa empresa que monitora tudo o que você faz no computador ou numa que o deixa livre desde que cumpra as suas tarefas, qual escolheria? Como se vê, não é tão fácil se desfazer do ideal kantiano do aprimoramento moral do indivíduo. Ele acaba sempre voltando, sob diferentes roupagens, como a liberdade.

Westacott conclui seu artigo lembrando que o contexto faz a diferença. Existem situações em que a vigilância eletrônica favorece bons comportamentos, mas, em outras, notadamente as mais privadas, como entre marido e mulher, ela estraga a ideia de desenvolvimento moral, a qual, embora utópica, funciona como uma bússola.

89) INÉDITA

O texto "Deus deveria ter espalhado câmeras no Jardim do Éden" resume o artigo publicado no "Philosophy Now" de Emrys Westacott. Nele, o autor discorria de forma divertida sobre as questões filosóficas envolvendo a vigilância sistemática a que estamos submetidos.

Assinale a opção que apresenta uma ideia **NÃO** condizente com o artigo resumido no texto.

- a) A vigilância tem seu valor nas situações em que vidas podem ser salvas.
- b) Nas relações pessoais íntimas, a tecnologia de controle não permite relações genuínas.
- c) O indivíduo que age porque está sendo vigiado está alinhado com a lógica kantiana relacionada à liberdade e à moral.
- d) A vigilância tecnológica intimida o indivíduo que teria más intenções, contudo não é suficiente para assegurar sua maturidade moral.
- e) A despeito das benesses da hipervigilância, o artigo "Philosophy Now" relativiza seus efeitos em algumas situações.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – CERTO - De fato, o texto afirma que a vigilância pode evitar acidentes e crimes, permitindo, assim, com que vidas sejam salvas. É o que se pode inferir do seguinte trecho extraído do texto:

"Quando calculamos os benefícios utilitários da hipervigilância, que se traduzem na diminuição de crimes e acidentes, não é difícil descartar as objeções kantianas como meras abstrações acadêmicas."

Ou seja, fica claro que a vigilância traz benefícios associados à segurança, identificando-se aí um valor.

ALTERNATIVA B – CERTO - De fato, ao praticar determinadas ações mais por medo das sanções no caso de descumprimento do que por aceitação moral, o indivíduo não alcança um crescimento moral.

Mesmo trazendo benefícios, a hipervigilância pode trazer impeditivos para o estabelecimento de uma relação íntima genuína. Essa ideia fica bem clara no seguinte trecho:

"Existem situações em que a vigilância eletrônica favorece bons comportamentos, mas, em outras, notadamente as mais privadas, como entre marido e mulher, ela estraga a ideia de desenvolvimento moral."

O exemplo de relação íntima trazido foi a relação entre marido e mulher, que seria prejudicada caso fosse pautada pela permanente vigilância.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A lógica kantiana associa liberdade a situações em que o indivíduo toma decisões baseadas não na imposição ou no medo, mas sim na racionalidade, ou seja, o indivíduo agiria por realmente acreditar que aquela postura seja a melhor.

Observemos o seguinte trecho:

"E, para Immanuel Kant, podemos fazer o que é certo ou bem por temer a sanção ou por reconhecer a racionalidade por trás dessa lei. Só no segundo caso somos verdadeiramente morais e livres. As câmeras, na verdade, até impediriam o nosso crescimento como agentes morais."

Dessa forma, como o artigo afirma, segundo Kant, SOMENTE nesse caso se atingiria a plenitude moral e a liberdade.

O indivíduo, portanto, que age porque está sendo vigiado **NÃO** está alinhado com a lógica kantiana relacionada à liberdade e à moral.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato, como explicado anteriormente, o crescimento moral e a liberdade são possíveis de alcançar quando o indivíduo age sob ameaça de sanção em caso de descumprimento de norma ou regra.

O fato de o indivíduo, nesse caso, não agir de forma errada não significa que seja maduro moralmente.

ALTERNATIVA E – CERTO – De fato, mesmo com os benefícios trazidos pela vigilância, como a prevenção de crimes e acidentes, esta inibe relações interpessoais genuínas, impedindo o crescimento moral dos indivíduos.

Resposta: C

90) INÉDITA

Observe o seguinte trecho:

Se você tivesse a chance de escolher se vai trabalhar numa empresa que monitora tudo o que você faz no computador ou numa que o deixa livre desde que cumpra as suas tarefas, qual escolheria?

Assinale a opção que apresenta uma afirmação adequada.

- a) Nota-se na pergunta uma preferência do autor Hélio Schwartzmann por uma das opções em detrimento da outra.
- b) O pronome “você” cria uma relação dialógica no texto e, ao mesmo tempo, assume um valor de sentido ampliado, genérico.
- c) As opções apresentadas na pergunta estão alinhadas à lógica kantiana, que vê no temor às sanções uma etapa necessária para se alcançar o crescimento moral.
- d) Trata-se de uma pergunta retórica, cuja resposta induz o leitor a uma das opções de escolha apresentadas.
- e) O valor semântico do “se” em suas duas aparições é o mesmo, a saber: condição.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não há na pergunta a explicitação de preferência por parte do autor do resumo. Há sim um questionamento cuja resposta não é pré-definida. Gera-se uma reflexão, sem viés por uma ou outra escolha, o que ficaria a cargo do leitor do texto.

ALTERNATIVA B – CERTO – O pronome de tratamento “você” é de 2ª pessoa, ou seja, refere-se à pessoa com quem se fala. Dessa forma, sua presença no texto cria um feito de diálogo, como se o autor estivesse conversando com o leitor. Observemos, além disso, que o pronome “você” empregado não se refere a um leitor específico, mas sim a um leitor genérico, incluindo-se aí o próprio autor. Trata-se, assim, de um “você” de sentido amplo, genérico.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A lógica kantiana estabelece que a liberdade e o crescimento moral não são possíveis quando nossas ações são determinadas pelo temor a sanções. Não se atinge nem a liberdade nem o crescimento moral com esse comportamento.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Como afirmado anteriormente, a pergunta formulada não é enviesada, não apresentando, dessa forma, uma resposta pré-definida. A escolha não é induzida pelo autor do resumo, e sim fica a critério do leitor.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O primeiro “se” tem valor condicional. O trecho “Se você tivesse a chance de escolher ...” poderia ser reescrito mantendo-se a correção e o sentido original da seguinte forma: “Caso você tenha a chance de escolher...”.

Já o segundo “se” é uma conjunção subordinativa integrante, introduzindo uma oração subordinada substantiva.

Se você tivesse a chance de escolher se vai trabalhar ...

= *Se você tivesse a chance de escolher ISTO ...*

Nesse caso, o “se” indica valor semântico associado à dúvida, possibilidade. Não há certeza sobre trabalhar na empresa sob uma ou outra condição.

Resposta: B

Questões Comentadas

Texto para as questões 01 e 02

Quem não gosta de samba

"Como se dá que ritmos e melodias, embora tão somente sons, se assemelhem a estados da alma?", pergunta Aristóteles. Há pessoas que não suportam a música; mas há também uma venerável linhagem de moralistas que não suporta a ideia do que a música é capaz de suscitar nos ouvintes. Platão condenou certas escalas e ritmos musicais e propôs que fossem banidos da cidade ideal. Santo Agostinho confessou-se vulnerável aos "prazeres do ouvido" e se penitenciou por sua irrefreável propensão ao "pecado da lascívia musical". Calvino alerta os fiéis contra os perigos do caos, volúpia e emefinação que ela provoca. Descartes temia que a música pudesse superexcitar a imaginação.

O que todo esse medo da música – ou de certos tipos de música – sugere? O vigor e o tom dos ataques traem o melindre. Eles revelam não só aquilo que afirmam – a crença num suposto perigo moral da música –, mas também o que deixam transparecer. O pavor pressupõe uma viva percepção da ameaça. Será exagero, portanto, detectar nesses ataques um índice da especial força da sensualidade justamente naqueles que tanto se empenharam em preveni-la e erradicá-la nos outros?

O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos. Por vias oblíquas ou com plena ciência do fato, nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. **Trópicos utópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 23-24)

1. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

O que une as posições que uma venerável linhagem de moralistas manifestou é, segundo as convicções do autor do texto,

- a) a aversão que todos eles demonstram pelo poder democrático que a música em especial, dentre todas as artes, expande nas mais diversas culturas.
- b) a incapacidade que todos manifestam de se sentirem de algum modo tocados pelos elementos da música que julgam nocivos à moralidade.
- c) o reconhecimento comum de que a música, ao propiciar momentos tão agradáveis, distrai os homens de suas responsabilidades profissionais.
- d) o repúdio ao que há justamente de prazeroso e encantatório na música, o que revela que também eles são sensíveis aos efeitos dessa arte.
- e) a crítica que fazem todos ao culto do ócio e da improdutividade, vícios que esses moralistas acusam a arte musical de disseminar entre todos nós.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA – A aversão manifestada não é pelo poder democrático embutido na música, mas sim pelas sensações contrárias a um moralismo que ela é capaz de despertar até mesmo nesses críticos.

Letra B – ERRADA – Os críticos não se mostram incapazes de se sentir tocados pela música, segundo o autor do texto. Na verdade, é pelo fato de eles se sentirem tocados que reagem de forma adversa.

Letra C – ERRADA – Trata-se de uma extrapolação textual. Em nenhum momento se faz menção à distração de responsabilidades profissionais. O que se alega é que a música é capaz de despertar nas pessoas sentimentos que vão de encontro a um moralismo.

Letra D – CERTA – Exato! Segundo o autor, os críticos que repudiam os efeitos contrários à moral presentes na música se mostram vulneráveis. Como resposta, adotam o ataque e o repúdio.

Letra E – ERRADA – Trata-se novamente de uma extrapolação. Em nenhum momento se faz menção aos efeitos de ócio e improdutividade decorrentes da música.

Resposta: D

2. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

A frase *O vigor e o tom dos ataques traem o melindre* contém um **argumento** semelhante ao que está nesta outra frase:

- a) nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.
- b) Há pessoas que não suportam a música...
- c) Platão condenou certas escalas e ritmos musicais...
- d) O que todo esse medo da música [...] sugere?
- e) O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos.

RESOLUÇÃO

O trecho em destaque dá a entender que a força dos ataques à música desprendidos pelos críticos moralistas evidencia a vulnerabilidade destes. Em outras palavras, eles combatem sensações que eles próprios não são capazes de evitar. Essa reação de repúdio revela, assim, um sentimento de medo e fragilidade. Os críticos atacam aquilo que não conseguem deixar de praticar.

É esse o argumento presente na letra E.

Resposta: E

Texto para as questões 03 e 04

Limites da propriedade

Direito à terra? Sim. O problema está em onde se colocam as cercas.

*Tenho, numa árvore, um daqueles bebedouros para beija-flores. E um deles já tomou posse. Quando aparece qualquer intruso, lá vem ele, como uma flecha, defender sua água. É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence, que lhe é próprio. Daí, **propriedade**: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo, que não pode ser tocado sem que eu sinta. O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem. Os limites da minha terra são os limites do que necessito para viver.*

*Mas há aqueles que fincam cercas para além dos limites da necessidade do seu corpo. Quando a terra é, de fato, uma **propriedade**, algo que é próprio ao corpo, ela está sendo constantemente transformada em vida. Mas*

quando a terra é mais do que meu corpo necessita, ela deixa de ser vida e se transforma em lucro. Lucro é aquilo que não foi consumido pela vida.

(Adaptado de: ALVES, Rubem. **Tempus fugit**. São Paulo: Paulus, 1990, p. 33-34)

3. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

Mantendo, ao longo do texto, convicção quanto ao que sejam os limites da propriedade, o autor

- a) restringe o direito à posse da terra aos que não desconhecem o valor econômico dos investimentos a que ela convida para se tornar cada vez mais valiosa.
- b) defende com intransigência a propriedade da terra, desde que subordinada a princípios morais e éticos que a tradição cultural de um país deve especificar quais sejam.
- c) subordina o direito à terra à condição de que ela deve servir para atender as necessidades essenciais que se apresentam na vida de cada um.
- d) equipara o direito à propriedade da terra aos direitos humanos, razão pela qual defende o máximo de clareza legislativa ao definir os limites de uma propriedade.
- e) condiciona o estabelecimento dos limites de uma propriedade aos critérios que o proprietário mesmo deve bem definir para justificar as terras que possui e administra.

RESOLUÇÃO

O trecho "*Os limites da minha terra são os limites do que necessito para viver.*", o autor define a propriedade como algo associado à necessidade vital. Tudo que esteja além da necessidade para viver, consiste em lucro, descaracterizando, assim, o conceito de propriedade.

Resposta: C

4. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

O segmento em que se destaca a desconsideração de um princípio de justiça defendido ao longo do texto é

- a) fincam cercas para além dos limites da necessidade...
- b) ela está sendo constantemente transformada em vida.
- c) É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence...
- d) O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem.
- e) propriedade: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo...

RESOLUÇÃO

Define-se propriedade como algo limitado à necessidade vital. Tudo além disso passa a configurar lucro, descaracterizando, assim, o conceito de propriedade.

Quando alguém finca cercas para além dos limites da necessidade – ideia apresentada na letra A -, está desconsiderando um princípio apresentado como justo no texto: o de que a propriedade se restringe ao espaço necessário para o indivíduo viver.

Resposta: A

5. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019**Planos da natureza**

Gabam-se os homens de serem hábeis planejadores. E somos. Mas não queiramos exclusividade absoluta. A natureza é a rainha dos planejamentos. Aprendemos com ela a identificar para cada necessidade seu melhor atendimento. Mas fomos além: chegamos a criar carências só pelo prazer de atendê-las.

Exemplo? Ouve-se a toda hora: não sei o que seria de mim sem meu celular. Foram necessários milhares de anos para o homem finalmente descobrir o que lhe é vital: um smartphone. "Com ele planejo meu dia, me oriento, me situo na vida" – dirá um contemporâneo. De fato, o planejamento, como ferramenta da previsão e da organização do trabalho eficaz e necessário, muitas vezes revela-se indispensável. Mas quando quero me certificar da vantagem de um planejamento, observo a natureza, em algum plano que ela traçou para manter vivas suas leis essenciais. E alguém duvida de que ela tenha suas próprias razões de planejamento?

(Aristeu Villas-Boas, inédito)

Ao estabelecer no texto uma relação entre planejamento da natureza e planejamento humano, o autor considera que

- a) ambos se contradizem, uma vez que o homem passou a planejar fora de qualquer controle da natureza.
- b) a necessidade de planejar do homem espelha a qualificação da natureza em atender aos propósitos dela mesma.
- c) a natureza tem toda a primazia em seus planejamentos, não sabendo o homem inovar ou afastar-se deles.
- d) eles se complementam, já que cabe ao homem corrigir o que haja de impróprio nos planos da natureza.
- e) o elemento comum entre ambos comprova-se na plena harmonia de seus respectivos objetivos.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Segundo o texto, o homem aprendeu a planejar com a natureza, identificando para cada necessidade o melhor atendimento.

Letra B – CERTA – Exato! No trecho "*Aprendemos com ela a identificar para cada necessidade seu melhor atendimento*", fica claro que o homem aprendeu com a natureza a atender cada uma das suas necessidades da melhor forma.

Letra C – ERRADA – O texto afirma literalmente que os homens são bons planejadores – "E somos".

Letra D – ERRADA – Trata-se de uma extrapolação. Em nenhum momento o texto afirma que o homem seja capaz de corrigir falhas no planejamento da natureza.

Letra E – ERRADA – Trata-se de uma extrapolação. Não fica clara a harmonia entre os planos do homem e os da natureza. O elemento comum é que ambos os planejamentos buscam atender às suas necessidades.

Resposta: B

Texto para as questões 06 e 07**Mesopotâmia***

Perto de minha casa um rio
seguia rumoroso e pobre,
mas sempre havia quem buscasse
um seixo, um peixe, uma lembrança.

Eram meninos e eram homens
muito mais pobres do que ele,
curvados sobre a água escura
mesmo sob o sol de dezembro.

Pequenos caracóis, viscosos
abrigo de um destino só
na infância, a percorrer as léguas
de schistosoma e solidão.

À noite, eu pensava que o mundo
era composto só de rios
e de crianças que tentavam
a todo custo atravessá-los.

E ninguém me explicava nunca
que na verdade, em minha vida,
apenas um riozinho de águas,
sempre escassas, corria perto.

*Mesopotâmia: região entre os rios Tigre e Eufrates, considerada
o berço da civilização.

(MELO, Alberto da Cunha. **Poesia completa**. Rio de Janeiro, Record, 2017)

6. FCC - Assistente de Gestão Pública (Pref Recife)/2019

No contexto do poema, as águas escassas simbolizam

- a) a falta de identidade de uma população que não se organiza em prol do bem comum.
- b) a pobreza do sujeito poético, que se revolta contra a subserviência de seus pares.
- c) a ascensão social dos cidadãos capazes de se desprender de suas origens.
- d) a precariedade de recursos de uma comunidade negligenciada pelo poder público.
- e) o exotismo de uma região pouco explorada em termos socioeconômicos.

RESOLUÇÃO

A figura das águas escassas está associada contextualmente à carência vivida pelo eu-lírico. Podemos associar essa carência aos poucos recursos com que vivem os moradores de uma pobre comunidade.

Resposta: D

7. FCC - Assistente de Gestão Pública (Pref Recife)/2019

Em uma das leituras possíveis do poema, os versos *mas sempre havia quem buscasse / um seixo, um peixe, uma lembrança* expressam, por parte do sujeito de buscasse, sentimento de

- a) preocupação e passividade estéril.
- b) esperança e espírito de sobrevivência.
- c) alienação e comportamento egoísta.
- d) revolta e engajamento político.
- e) desamparo e postura servil.

RESOLUÇÃO

O trecho destacado introduz um contraste: mesmo com poucos recursos disponíveis, havia aqueles na comunidade pobre que alimentavam um sentimento de esperança de que as condições de vida pudessem ser mais adequadas.

Não se trata, assim, de uma manifestação de revolta, desconsolo, egoísmo ou preocupação. Trata-se sim de uma expectativa otimista, alentadora.

Resposta: B

8. FCC - Analista de Fomento (AFAP)/Advogado/2019 (e mais 4 concursos)**[Beleza e propaganda]**

A crescente padronização do ideal de beleza feminina foi um dos efeitos imprevistos da popularização da fotografia, das revistas de grande circulação e do cinema a partir do início do século XX. Não é à toa que esse movimento coincide com a decolagem e vertiginosa ascensão da indústria da beleza (hoje um mercado com receita global acima de 200 bilhões de dólares). Como vender "a esperança dentro de um pote?"

As estratégias variam ao infinito, porém a mais diabólica e (possivelmente) eficaz dentre todas – verdadeira premissa oculta do marketing da beleza – foi explicitada com brutal franqueza, em 1953, pelo então presidente da megavarejista de cosméticos americana Allied Stores: "O nosso negócio é fazer as mulheres infelizes com o que têm".

O atígar cirúrgico da insegurança estética e a exploração metódica das hesitações femininas no universo da beleza abrem as portas ao infinito. Os números e lucros do setor reluzem, mas quem estimará a soma de todo o mal-estar causado pelo massacre diuturno de um padrão ideal de beleza?

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 104-105)

O autor do texto se posiciona claramente contra

- a) os efeitos nocivos da propaganda, quando se vale de recursos das artes tradicionais para vender produtos de grande significação social.
- b) as teses idealistas acerca do que seja o belo, que propagam modelos estéticos ligados a um passado clássico que hoje não guardam qualquer sentido.
- c) a exploração comercial de produtos ligados à estética feminina, como os cosméticos, que ele julga perverter o padrão ideal de beleza.

- d) a disseminação de padrões de beleza inatingíveis que atendem a um ávido interesse econômico e acarretam infelizes obsessões às mulheres.
- e) a reprodução de modelos de beleza que levam as mulheres a encontrar em si mesmas uma fonte de prazer sem qualquer relevância social.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – A redação do item é falha, pois afirma, genericamente, que o autor se opõe à forma com que são feitas as propagandas de produtos de grande significação social. O foco do autor, no entanto, é mais restrito: está limitado aos produtos de beleza femininos.

Letra B – ERRADA – O autor se contrapõe não a padrões do passado, mas sim a padrões do presente, disseminados pela indústria da beleza.

Letra C – ERRADA – O autor não afirma que o padrão de beleza está sendo pervertido pelos produtos cosméticos. Sua crítica está no fato de que os ideais de beleza propagados pela mídia são inatingíveis e geram malefícios para as mulheres.

Letra D – CERTA – Exatamente! O autor critica o comportamento da indústria da beleza, responsável por criar padrões estéticos inatingíveis, que acabam abalando psicologicamente as mulheres.

Letra E – ERRADA – A disseminação de padrões inatingíveis de beleza traz não prazer, mas sim sofrimento para as mulheres.

Resposta: D

Texto para as questões 09 a 11

A chave do tamanho

O antes de nascer e o depois de morrer: duas eternidades no espaço infinito circunscrevem o nosso breve espasmo de vida. A imensidão do universo visível com suas centenas de bilhões de estrelas costuma provocar um misto de assombro, reverência e opressão nas pessoas. “O silêncio eterno desses espaços infinitos me abate de terror”, afligia-se o pensador francês Pascal. Mas será esse necessariamente o caso?

O filósofo e economista inglês Frank Ramsey responde à questão com lucidez e bom humor: “Discordo de alguns amigos que atribuem grande importância ao tamanho físico do universo. Não me sinto absolutamente humilde diante da vastidão do espaço. As estrelas podem ser grandes, mas não pensam nem amam – qualidades que impressionam bem mais do que o tamanho. Não acho vantajoso pesar quase cento e vinte quilos”.

Com o tempo não é diferente. E se vivêssemos, cada um de nós, não apenas um punhado de décadas, mas centenas de milhares ou milhões de anos? O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos? E se nos fosse concedida a imortalidade, isso teria o dom de aplacar de uma vez por todas o nosso desamparo cósmico e as nossas inquietações? Não creio. Mas o enfado, para muitos, seria difícil de suportar.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. **Trópicos utópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 35)

9. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Ao longo do texto, o autor sustenta a ideia de que a infinitude

- a) do universo acalenta nossa confiança na infinitude da espécie humana.
- b) dos espaços cósmicos refreia o nosso anseio de imortalidade.

- c) do tempo universal impede-nos de usufruir o tempo de nossa finitude.
- d) dos espaços ou do tempo não garante a vantagem de uma suposta imortalidade.
- e) das coisas nunca representou alguma restrição à nossa sensação de liberdade.

RESOLUÇÃO

Ao longo do texto, o autor desconstrói a ideia de que a vastidão do universo e a infinitude do tempo sejam algo vantajoso. Segundo o autor, de nada adianta ser gigantesco se não se possui a capacidade de amar ou raciocinar. Da mesma forma, levanta a hipótese de que seria enfadonha a vida se vivêssemos milhares ou milhões de anos.

Portanto, a imortalidade não seria necessariamente algo vantajoso, segundo o autor.

Resposta: D

10. FCC – Banrisul - 2019

As ideias de Pascal e as de Frank Ramsey referidas no texto

- a) convergem para o ponto comum de fazer temer a enormidade dos enigmas que nos cercam.
- b) divergem frontalmente quanto às percepções que têm diante da vastidão ou infinitude do universo.
- c) divergem quanto à infinitude do universo, mas convergem quanto ao temor que sentimos diante da morte.
- d) são complementares, uma vez que a convicção de um pensador dá força à convicção do outro.
- e) são de todo independentes, pois não tratam de qualquer tema que estabeleça contato entre elas

RESOLUÇÃO

Enquanto Pascal mostra tormento e admiração com a infinitude do universo, Ramsey se contrapõe, alegando que não vê vantagem em ser imenso e não possuir a capacidade de pensar ou raciocinar. Não há, portanto, da parte de Ramsey, um sentimento de temor.

Resposta: B

11.FCC – BANRISUL - 2019

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) *circunscrevem o nosso breve espasmo* = retificam nosso rápido incômodo
- b) *misto de assombro, reverência e opressão* = contrição de susto, desassombro e restrição
- c) *responde à questão com lucidez e bom humor* = elucida a pergunta com irreverência imaginosa
- d) *renderiam (...) os seus segredos?* = revelariam os seus mistérios?

e) *teria o dom de aplacar de uma vez* = traria o mérito de retribuir no ato

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O verbo “circunscrever” está associado a “pôr limites”. Já “retificar” está associado a “corrigir”.

Letra B – ERRADA – A ideia de “assombro” encontra correspondente em “susto”. No entanto, as ideias de “reverência” – respeito, veneração – e “opressão” – coação, constrangimento – não encontram correspondentes em “desassombro” – valentia – e “restrição” – limitação, impeditivo.

Letra C – ERRADA – A ideia de “imaginosa”, relacionada à imaginação, não está presente no trecho original.

Letra D – CERTA – Observemos o trecho: “O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos?”. Nele, podemos associar “mistérios” a “segredos”. Já o verbo “render” tem a acepção de “gerar”, “revelar”, “trazer à tona”.

Letra E – ERRADA – A ideia de “ter o dom” está associada a “ter o poder”. Não está relacionada, portanto, à ideia de mérito, como quer passar o trecho reescrito.

Resposta: D

Texto para as questões 12 a 14

Imigrações no Rio Grande do Sul

Em 1740 chegou à região do atual Rio Grande do Sul o primeiro grupo organizado de povoadores. Portugueses oriundos da ilha dos Açores, contavam com o apoio oficial do governo, que pretendia que se instalassem na vasta área onde anteriormente estavam situadas as Missões.

A partir da década de vinte do século XIX, o governo brasileiro resolveu estimular a vinda de imigrantes europeus, para formar uma camada social de homens livres que tivessem habilitação profissional e pudessem oferecer ao país os produtos que até então tinham que ser importados, ou que eram produzidos em escala mínima. Os primeiros imigrantes que chegaram foram os alemães, em 1824. Eles foram assentados em glebas de terra situadas nas proximidades da capital gaúcha. E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual estado.

Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada. Depois, estabeleceram laços comerciais com seus países de origem, que terminaram por beneficiar o Rio Grande. Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.

As levadas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

(Adaptado de: projetoriograndeche.weebly.com/imigraccedilatildeo-no-rs.html)

12. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Os primeiros imigrantes alemães a se estabelecerem no Rio Grande do Sul

a) constituíram uma alternativa ao trabalho escravo, alterando, com o tempo, a fisionomia econômica do estado.

b) promoveram a ocupação, com apoio governamental, de uma ampla região destinada ao estabelecimento das Missões.

- c) foram assentados em glebas onde já com eficácia se cultivavam produtos que concorriam com os importados.
- d) alteraram a qualidade e a quantidade dos produtos artesanais locais, o que se refletiu na economia da região.
- e) representaram o ingresso no mercado de trabalhadores qualificados que modernizaram a produção industrial.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Observe o seguinte trecho: “Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.”. A exploração do trabalho alheio é uma referência ao trabalho escravo, que passou a ceder espaço ao trabalho de homens livres com a chegada dos alemães ao Rio Grande do Sul. Além disso, a mudança da fisionomia econômica da região fica bem clara no seguinte trecho: “E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual estado.”.

Letra B – ERRADA – Cuidado! A ocupação das Missões com apoio governamental foi feita pelos imigrantes portugueses, não pelos alemães.

Letra C – ERRADA – A competição dos produtos cultivados com os importados passou a acontecer após a chegada dos imigrantes.

Letra D – ERRADA - Não havia artesanato na escala descrita antes da chegada dos imigrantes alemães. Isso fica claro no seguinte trecho: “Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada.”

Letra E – ERRADA – O texto não menciona avanço na produção industrial. Menciona sim avanço no artesanato e no cultivo.

Resposta: A

13.FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Com a sucessão de levas de imigrantes, verificaram-se as seguintes consequências no Rio Grande do Sul:

- a) interdição do trabalho escravo e consolidação das classes dominantes.
- b) diversificação do artesanato e valorização do folclore nacional.
- c) consolidação das estâncias tradicionais e minimização das charqueadas.
- d) fortalecimento da economia interna e promoção econômica da classe média.
- e) alternância no comando político e expansão das propriedades rurais.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – A consolidação foi da classe média, não da dominante.

Letra B – ERRADA – Em nenhum momento o texto fala acerca de folclore. Além disso, não se pode afirmar que houve uma diversificação, mas sim uma introdução do artesanato.

Letra C – ERRADA – Mais uma vez, a consolidação foi da classe média, não da dominante.

Letra D – CERTA – Exato. Houve ascensão da classe média e, ao mesmo tempo, um fortalecimento do mercado interno.

Letra E – ERRADA – Não se falou em momento algum em alternância de poder político, configurando, assim, uma extrapolação. Também não fica clara a expansão das propriedades rurais como consequência.

Resposta: D

14. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

O parágrafo em destaque do texto enfatiza

- a) a progressiva e positiva transformação socioeconômica que as levas de imigrantes trouxeram ao estado rio-grandense.
- b) o impulso rapidamente imposto ao ritmo até então tímido da produção nas pequenas propriedades gaúchas.
- c) a pressão das camadas emergentes dos trabalhadores sobre a gestão política dos proprietários tradicionais.
- d) a substituição dos modos de produção local pelas técnicas artesanais há muito consagradas em outras terras.
- e) a importância da imigração alemã no deslocamento da economia rural para a do mercado financeiro.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Exatamente! A transformação se deu de forma paulatina, ou seja, aos poucos. Além disso, foram mudanças positivas, que trouxeram progresso para o estado.

Letra B – ERRADA – Não foi rápida a transformação do cenário econômico local. Ele se deu aos poucos.

Letra C – ERRADA – O parágrafo enfatiza a mudança do cenário econômico local. Não se fala em gestão política em momento algum.

Letra D – ERRADA – As técnicas artesanais responsáveis por dar escala à economia local foram introduzidas com a chegada dos imigrantes. Não as havia antes.

Letra E – ERRADA – Em nenhum momento se fala em mercado financeiro.

Resposta: A

15.FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

[Retratos fiéis]

Não sei por que motivo há de a gente desenhar tão objetivamente as coisas: o galho daquela árvore exatamente na sua inclinação de quarenta e três graus, o casaco daquele homem justamente com as ruguinhas que no momento apresenta, e o próprio retratado com todos seus pés-de-galinha minuciosamente contadinhos... Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.

Se, para contrabalançar minhas lacunas, me houvesse Deus concedido o invejável dom da pintura, eu seria um pintor lírico (o adjetivo não é bem apropriado, mas vai esse mesmo enquanto não ocorrer outro). Quero dizer, o modelo serviria tão só do ponto de partida. O restante eu transfiguraria em conformidade com meu desejo de fantasia e poder de imaginação.

(Adaptado de: QUINTANA, Mário. Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo, 1979, p. 88)

No primeiro parágrafo, o autor do texto exprime sua convicção de que a

- a) pintura, sendo mais criativa que a fotografia, desfruta de melhores condições para ser de fato uma arte.
- b) fotografia, ainda que seja uma técnica capaz de objetividade, não distingue os detalhes que uma pintura pode realçar.
- c) fotografia, em sua propriedade de retratar tudo objetivamente, alcança mais precisão do que qualquer pintura.
- d) pintura, em seu afã de retratar tudo objetivamente, acaba por relevar detalhes que a própria fotografia não exprime.
- e) pintura, quando descarta sua obsessão em retratar tudo com o máximo de detalhes, aproxima-se mais da arte da fotografia.

RESOLUÇÃO

Observe o trecho: *Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.*

Nele fica claro que a pintura sempre estará aquém da fotografia no quesito objetividade.

Resposta: C

Atenção: Para responder às questões de números 16 a 18, baseie-se no texto abaixo.

Juventude de hoje, de ontem e de amanhã

A juventude é estranha porque é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo. Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e desilusões. O jovem é o mais velho exemplar da humanidade. Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados; pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado; a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático; pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos.

No encontro de duas gerações, a que murcha e a que floresce, há uma irrisão dramática, um momento de culpas, apreensões e incertezas. As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror. Assim, o momento desse encontro é um espelho cujas imagens o tempo deforma, sem que se desfaça, para o moço e para o velho, a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só, um homem só, uma tragédia só.

O poeta romântico inglês Shelley poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas: nasceu de família respeitável e rica, foi bonito, sincero, revoltado, idealista, violento, amoroso, apaixonado pela vida e pela morte, inteligente, confuso e, sobretudo, de uma sensibilidade crispada. Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças. E enquanto escrevia versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social, atirava-se feroz contra o conformismo do clero, a monarquia, as leis vigentes, o farisaísmo universal.

(Adaptado de CAMPOS, Paulo Mendes. O amor acaba. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 135-136)

16. FCC – CLDF - 2018

A afirmação inicial **A juventude é estranha** encontra em seguida uma justificativa quando o autor argumenta que os jovens,

- a) assim como os mais velhos, dão a vida passada por vivida, recusando-se a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos.
- b) ao contrário dos velhos, buscam passar seu próprio tempo a limpo, livrando-o da carga pesada dos erros passados.
- c) incorporando valores de outros tempos, acumulam erros e acertos do passado, como se numa transmissão sobrenatural.
- d) rejeitando as heranças culturais disponíveis, têm a ilusão de que renovam tudo, ainda quando repitam erros do passado.
- e) espelhando-se em si mesmos, acabam reabilitando e nobilitando ideais que se perderam em antigos combates.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – É errado afirmar que os jovens se recusam a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos. No primeiro parágrafo, no trecho *"pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado"*, dá-se a entender que os jovens se sentem desafiados a buscar novas conquistas; no mesmo parágrafo, no trecho *"[pesa-lhe] a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático"*, é possível afirmar que o jovem é, ao mesmo tempo, idealista e egoísta. No último parágrafo, o próprio exemplo do poeta Shelley, segundo o texto um padrão que deveria ser seguido por todos os adolescentes de todas as épocas, é apresentado como idealista.

Letra B – ERRADA – Segundo o texto, não é a juventude que é passada "a limpo", mas sim a velhice. Esta é passada a limpo justamente na transição entre as duas gerações, a que floresce e que murcha.

Letra C – CERTA – O trecho *"Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e desilusões."* traduz a ideia de que os jovens incorporam valores de outros tempos. Além disso, no trecho *"pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos."*, o autor compara a transmissão de erros e acertos, de vícios e virtudes, de uma geração para outra, a uma sessão espírita permanente, fazendo, assim, uma analogia com eventos sobrenaturais.

Letra D – ERRADA – É errado afirmar que os jovens, de forma generalizada, rejeitam as heranças culturais disponíveis. O trecho *"Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados"* dá a entender que, ao herdar o conhecimento de gerações passadas, cria-se uma responsabilidade para o jovem.

Letra E – ERRADA – Na verdade, para construir seus futuros e ideais, os jovens se espelham nos mais velhos, enxergando nestes um futuro que não desejam para si. Isso fica bem evidente no seguinte trecho *"As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror"*. Isso significa que os jovens não se espelham em si, mas sim se espelham nos mais velhos, tomando estes, muitas vezes, como contraexemplos para o futuro que almejam ter.

Resposta: C

17.FCC – CLDF - 2018

O poeta inglês Shelley, segundo o autor do texto, poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas porque nele

- a) o espírito revoltoso de um marginalizado fazia dele uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes ressentimentos.
- b) a sensibilidade à flor da pele fazia com que ele se dedicasse plenamente ao culto dos mais altos ideais.

- c) as qualidades negativas deixavam em segundo plano as positivas, o que favorecia sua expressão romântica.
- d) os impulsos amorosos, idealistas e esperançosos conviviam com duras invectivas contra o que julgasse maligno.
- e) as intenções críticas mais contundentes acabavam sucumbindo ao lirismo e à índole mística de seu temperamento.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – É errado afirmar que Shelley era uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes sentimentos. O autor deixa isso bem claro, ao afirmar que “[Shelley] Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças.”.

Letra B – ERRADA – O sentido do advérbio “plenamente” está associado a ideia de “permanentemente”. E isso não é verdade, segundo o texto, pois Shelley, ao mesmo tempo que se dedicava à escrita de “versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social”, mantinha uma postura feroz contra o conformismo do clero.

Letra C – ERRADA – O autor, ao explorar o perfil romântico e, ao mesmo tempo, revoltoso do poeta Shelley, não está propriamente relativizando seus defeitos e enaltecendo suas qualidades. Ele simplesmente dá a entender que essa mistura de atributos poderia ser tomada como a caracterização padrão de jovens de todas as épocas.

Letra D – CERTA – O item exige o conhecimento do significado do vocábulo “invectivas”. Mesmo desconhecendo seu significado dicionário, é possível contextualmente associá-lo a algo negativo, relacionado a “ataques”, “ofensas”, “insultos”.

Isso posto, é o que exatamente ocorreu com Shelley: ao mesmo tempo que escrevia versos amorosos, ele se lançava em ofensivas contra aquilo que julgava ser maligno, materializado à época no conformismo do clero, na monarquia, nas leis vigentes e no farisaísmo (na hipocrisia) universal.

Letra E – ERRADA – É errado afirmar que as críticas do poeta sucumbiam ao seu tom lírico. As duas posturas coexistiam.

Resposta: D

18. FCC – CLDF - 2018

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo (10 parágrafo) = é a humanidade velha imperando oportunamente sobre a nova.
- b) Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria (10 parágrafo) = na alternância de deslizes e acertos, magnetizam-se as gerações.
- c) uma irrisão dramática, um momento de culpas (20 parágrafo) = um drama irrisório, um instante de remorsos.
- d) a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só (20 parágrafo) = a incrível sensação de que ambas as imagens são uma única.
- e) atirava-se feroz contra o conformismo do clero (30 parágrafo) = empenhava-se bravamente no combate à resignação da classe clerical.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA – A ideia original de “passar a limpo” não se compatibiliza com a forma verbal “imperar”. A primeira está associada à ideia de “revisar, corrigir”, ao passo que a segunda, “dominar, sobrepujar”.

Letra B – ERRADA – A ideia original de “legar” não se compatibiliza com “alternar”. A primeira está associada à ideia de “transmitir como herança”, ao passo que a segunda, “mudar, revezar”.

Letra C – ERRADA – O vocábulo “irrisão” está associado à ideia de “zombaria, desprestígio”. Este é cognato (mesma raiz, radical) do adjetivo “irrisório”, associado a “sem valor, desprezível”.

Note que originalmente se fala em “irrisão dramática”, ou seja, uma zombaria dramática, que gera aflição, comoção.

A reescrita propõe “drama irrisório”, dando a entender que se trata de um drama sem relevância, um sofrimento de pouco valor, sem importância.

Letra D - ERRADA – A diferença é bem sutil. Enquanto que o adjetivo “sinistro” carrega a significação de “assustador”, o adjetivo “incrível” está associado à ideia de “inacreditável”.

Letra E – CERTA – A forma “atirava-se feroz contra” é bem traduzida por “empenhava-se bravamente no combate”. Além disso, “resignação” tem como sinônimo “conformismo”.

Resposta: E

Atenção: Para responder às questões de números 19 a 21, baseie-se no texto abaixo.

Uma palavra sobre cultura e Constituição

Todas as Constituições brasileiras foram lacônicas e genéricas ao tratar das relações entre cultura e Estado. Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior. Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.

A sociedade brasileira não tem uma “cultura” já determinada. O Brasil é, ao mesmo tempo, um povo mestiço, com raízes indígenas, africanas, europeias e asiáticas, um país onde o ensino médio e universitário tem alcançado, em alguns setores, níveis internacionais de qualidade e um vasto território cruzado por uma rede de comunicações de massa portadora de uma indústria cultural cada vez mais presente.

O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” nada tem de homogêneo ou de uniforme. A sua forma complexa e mutante resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas. Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a “cultura”, este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo. Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, que soariam estranhas, porque exteriores à dialética das “culturas” brasileiras. Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. Entre a Literatura e a História. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 393-394)

19. FCC – CLDF - 2018

A frase *Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior (10 parágrafo)* é justificada pelo autor com base na sua convicção de que

- a) o Poder Público não pode interferir em qualquer aspecto de uma cultura nacional, que deve ser espontânea e livre do alcance da Constituição.
- b) a sociedade brasileira, conquanto não seja homogênea, é suficientemente madura para formular as normas que devem reger sua cultura tradicional.

- c) a complexidade das culturas brasileiras não deve ser objeto de uma legislação que venha a abranger e determinar tão diversas manifestações.
- d) o Estado não pode permitir que seja lacunosa a legislação sobre matérias culturais, que deve ser rigorosa e o mais específica possível.
- e) a dinâmica das várias culturas existentes no país garante que não haja entre elas algum atrito que ponha em risco a impermeabilidade de cada uma.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Não é correto afirmar que o Estado não deve interferir de forma alguma. Este deve assegurar a liberdade de culto e manifestação. Isso fica bem claro no seguinte trecho: “Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a “cultura”, este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo.”.

Letra B – ERRADA – O texto não dá a entender que a sociedade brasileira já tenha alcançado um grau de maturidade no trato com a cultura, tanto que é pertinente assegurar a liberdade de manifestação e culto como forma proteger aquilo que se chama “cultura brasileira”.

Letra C – CERTA – Como são diversas as formas de manifestação cultural, o autor não julga pertinente detalhar excessivamente as normas e definir de forma rígida culturas tão díspares.

Isso fica muito claro em: “Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, ... Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.”.

Letra D – ERRADA – É justamente o oposto. O tom lacônico (breve) e indeterminado é até bem-vindo, segundo o autor.

Letra E – ERRADA – Não ocorre essa garantia. Na verdade, é necessário assegurar o respeito à liberdade de culto e manifestação por meio de normas genéricas.

Resposta: C

20. FCC – CLDF - 2018

Se na esfera socioeconômica cabe ao Estado propiciar uma melhor distribuição de renda, na esfera dos bens simbólicos um objetivo equivalente se alcança com

- (A) uma configuração coerente da meta educacional com o sistema financeiro.
- (B) uma legislação escolar minuciosa com incentivos à pesquisa pura.
- (C) um processo de integração mais coeso entre produção e consumo cultural.
- (D) um sistema educacional voltado para a pesquisa de ponta e de longo prazo.
- (E) um programa de educação consistente aliado à pesquisa sistemática.

RESOLUÇÃO

Analisemos o trecho a seguir, em especial a parte em negrito:

*Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, **em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um***

sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.

Letra A – ERRADA – Não há menção ao sistema financeiro, como podemos verificar no trecho destacado em negrito.

Letra B – ERRADA – Não há menção à pesquisa pura ou de ponta no trecho destacado em negrito.

Letra C – ERRADA – Não é produção e consumo o foco, e sim sistema educacional conjugado com apoio à pesquisa.

Letra D – ERRADA – Não há menção à pesquisa de ponta no trecho destacado em negrito.

Letra E – CERTA – De fato, sugere-se um sistema de educação sólido (programa de educação consistente) conjugado a apoio à pesquisa sistemática (contínua).

Resposta: E

21. FCC – CLDF - 2018

Um mesmo posicionamento do autor está expresso e ratificado nestes dois segmentos:

- a) O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” (30 parágrafo) / propor normas incisivas (30 parágrafo).
- b) Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio (10 parágrafo) / um certo grau de indeterminação [...] é [...] recomendável (30 parágrafo).
- c) Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base (10 parágrafo) / resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas (30 parágrafo).
- d) Constituições [...] foram lacônicas (10 parágrafo) / suporte de um sistema educacional sólido (10 parágrafo).
- e) algum valor deve presidir à ação do Poder Público (30 parágrafo) / exteriores à dialética das culturas brasileiras (30 parágrafo).

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O trecho “O que se chama, portanto, de ‘cultura brasileira’” não consiste em uma opinião, e sim em um fato.

Letra B – CERTA – O trecho “Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio” consiste em uma opinião do autor, que não julga ser algo ruim a brevidade das menções à cultura. Isso é confirmado (ratificado) pelo autor, quando afirma que um grau de indeterminação das normas é até bem-vindo.

Letra C – ERRADA – O trecho “Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base” não consiste propriamente em uma opinião, mas em um fato, constante na Constituição.

Letra D – ERRADA – A necessidade de um sistema de educação sólido é apresentada como um meio para se alcançarem os objetivos de redução de desigualdade.

Letra E – ERRADA – O trecho “exteriores à dialética das culturas brasileiras” se refere a possíveis normas incisivas e excessivamente detalhadas relacionadas à cultura.

Resposta: B

Atenção: Para responder às questões de números 22 a 23, considere o texto a seguir.

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro motes escritos nas paredes do templo de Delfos: "O mais justo é o mais belo", "Observa o limite", "Odeia a hybris (arrogância)", "Nada em excesso". Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao "bocejante Caos", de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são reconduzíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que se aplica a definição de belo (Kalón) como "aquilo que agrada e atrai". Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma "ideia" (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)

22. FCC - SEFAZ/GO - 2018

O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no

- a) primeiro parágrafo, uma concepção moderna de beleza que se contrapõe ao senso comum grego ao abarcar a ideia do caos criativo.
- b) segundo parágrafo, uma visão inconsistente de beleza, ao contrariar os preceitos gregos de equilíbrio, moderação e harmonia.
- c) terceiro parágrafo, oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem e caos.
- d) quarto parágrafo, uma conclusão que reafirma o argumento expresso anteriormente de que no conceito grego de beleza as oposições se anulam.
- e) terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisíaca.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O primeiro parágrafo não faz menção a uma ideia contemporânea de beleza, mas sim à visão grega clássica, que a associa à ordem e à harmonia.

Letra B – ERRADA – Sutil! A visão de beleza apresentada no 2º parágrafo faz menção à figura de Dionísio, deus do Caos, e parte da premissa de que é possível o caos surgir da harmonia da beleza. Não se pode afirmar, contudo, que a definição de beleza grega seja inconsistente (frágil). Ela é sim complexa, repleta de antíteses, como bem afirma o autor

na seguinte passagem: "...concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica."

Outro argumento está no fato de que essa coabitação de duas divindades antitéticas (opostas) não é casual (acidental). Ela encontra explicação e foi pela primeira vez tematizada na Idade Moderna.

Letra C – CERTA – Exato! No parágrafo anterior, faz-se menção à presença de inúmeras antíteses. E o terceiro parágrafo as exemplifica: beleza versus percepção sensível; som versus visão.

Letra D – ERRADA – Não se trata propriamente de uma conclusão, mas sim de uma tentativa de explicação por meio de uma comparação: a harmonia estaria para a estátua, assim como a música para a paixão e desordem.

Outro erro consiste em afirmar que as oposições se anulam (se anulam), o que não é verdade. Elas convivem, segundo o autor. E é esse convívio de visões antitéticas que se torna alvo de estudo.

Letra E – ERRADA – Não ocorre uma substituição (troca) de uma visão por outra. Elas convivem e se manifestam por meio de antíteses.

Resposta: C

23.FCC – SEFAZ/GO - 2018

Um segmento do texto tem seu sentido adequadamente expresso em outras palavras em:

- a) uma medida apropriada e um justo limite (1º parágrafo) / uma medição precisa e um juízo restrito.
- b) Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza (1º parágrafo) / A partir destas convenções confutou-se o padrão grego da Beleza.
- c) Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo (1º parágrafo) / Esta interpretação é mantida sob a égide de Apolo.
- d) Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual (2º parágrafo) / Esse confronto de duas entidades opostas não é propositado.
- e) embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma (3º parágrafo) / conquanto se confira à música a prerrogativa de retundir a alma.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O adjetivo "apropriada" está associado à ideia de "adequada", ao passo que "precisa" está associado à de "exata". Além disso, a expressão "justo limite" está associada à ideia de "limite adequado", ao passo que "juízo restrito" está associado à de "julgamento limitado, incompleto".

Letra B – ERRADA - Exige-se do aluno o conhecimento do vocábulo "confutar", que significa "contestar". Essa ideia obviamente difere da ideia de "fundou-se", associado a "origem".

Letra C – CERTA – De fato, "proteção" e "égide" são sinônimos. O vocábulo "égide", na mitologia grega, refere-se ao escudo da deusa Atena, dado pelo seu pai Zeus.

Letra D – ERRADA – O vocábulo "coabitação" está associado à ideia de "convívio", diferente, assim, da ideia de "confronto". Além disso, "casual" está associado à ideia de "acidental, desproposital, involuntário".

Letra E – ERRADA – Os conectores "embora" e "conquanto" traduzem a ideia de concessão. Já "privilégio" pode sim ser substituído por "prerrogativa", que também admite como sinônimo "obrigação". O "fiel da balança" está no verbo "retundir", que significa "reprimir", justamente o oposto de "exprimir".

A FCC exige, assim, do candidato um vocabulário erudito! Difícil!

Resposta: C

24. FCC - Analista Judiciário (TRE SP)/Administrativa/"Sem Especialidade"/2012

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifés.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

O cronista ressalta aspectos **contrastantes** do caso de Saquarema, tal como se observa na relação entre estas duas expressões:

- a) *drama da baleia encalhada e três dias se debatendo na areia.*
- b) *em quinze minutos estava toda retalhada e foram disputadas as toneladas da vítima.*
- c) *se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência e levar pastéis e empadinhas para vender com ágio.*
- d) *o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar e lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema.*
- e) *Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás e Logo uma estatal, ó céus.*

RESOLUÇÃO

O texto opõe o sofrimento da baleia encalhada com o oportunismo de alguns, que se aproveitavam da ocasião para tirar vantagens financeiras. O autor é irônico ao se referir a essa falsa solidariedade. A letra C traz, dessa forma, essa oposição evidenciada nos trechos "*se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência*" - sofrimento da baleia - e "*levar pastéis e empadinhas para vender com ágio.*" - oportunismo.

Resposta: C

25.FCC - Analista Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2011

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conhece. Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. **Leite derramado**, São Paulo, Cia. das Letras, 2009, p. 29)

Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade *onde todos se cumprimentam e ninguém nos conhece*, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II. A afirmação de que a *outra mulher teve uma educação rigorosa* é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora *parece uma moça digna apesar da origem humilde*, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II e III.
- b) II e III, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) II, apenas.

RESOLUÇÃO

I - Falsa - No trecho "*Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conhece*.", não se trata de uma contradição o fato de pessoas cumprimentarem até mesmo aqueles que não conhecem. Isso pode ser interpretado como um simples ato de polidez (educação).

II - Verdadeira - De fato, embora o autor julgue a quem se dirige como uma pessoa que não teve acesso à instrução, confia na capacidade dessa mulher em aprender os bons modos (*Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada...*).

III - Verdadeira - No trecho "*parece uma moça digna apesar da origem humilde*", de fato, a conjunção concessiva "embora" opõe o fato de a pessoa ser humilde com ser digna, dando a entender uma pessoa humilde não costuma ser humilde.

Resposta: B

26. FCC - Analista Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2011

Cartão de Natal

*Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:*

*que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.*

João Cabral de Melo Neto

No poema, João Cabral

- a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam *o sim comer o não*.
- b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois *nestes dias a aventura parece em ponto de voo*, mas depois a rotina segue como sempre.
- c) critica *a atração núbil para o dente* daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
- d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem *o ferro comer a ferrugem*.
- e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível *começar novo caderno*.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADO - Não no poema referência a atitudes egoístas. Há sim um sentimento de esperança de que este Natal possa de fato transformar as pessoas. É o que se observa nos versos "*que o entusiasmo conserve vivas/suas molas, e possa enfim o ferro/comer a ferrugem/o sim comer o não*".

Letra B - ERRADO - Há uma apologia às festas natalinas, celebradas como uma oportunidade de mudanças. É o que se observa nos versos "*Pois que reinaugurando essa criança/pensam os homens/reinaugurar a sua vida/e começar novo caderno*".

Letra C - ERRADO - No trecho "*que desta vez não perca esse caderno/sua atração núbil para o dente*", não se opõe o caráter religioso ao apelo do consumo. O que ocorre no texto é um alerta no sentido de evitar a mesmice de outros períodos natalinos, em que as mudanças prometidas não se concretizaram.

Letra D - ERRADO - O período natalino é uma oportunidade para mudanças, não significando que estas já tenham se concretizado. O texto expressa uma esperança de que este Natal seja diferente dos demais e que, enfim, as mudanças possam ocorrer. O verso "*que desta vez não perca esse caderno*" expressa bem esse desejo.

Letra E - CERTO - O verso "*que desta vez não perca esse caderno*" ilustra bem esse desejo.

Resposta: E

27.FCC - Analista Judiciário (TRT 1ª Região)/Apoio Especializado/Arquivologia/2011

Os habitantes das cidades não são necessariamente mais inteligentes que outros seres humanos, mas a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Encarar tais problemas amplia a inventividade humana a um nível sem precedentes. Isso, por sua vez, oferece uma oportunidade tentadora para quem vive em lugares mais tranquilos, porém menos promissores.

Ao migrarem para as cidades, as pessoas de fora geralmente trazem "novas maneiras de ver as coisas e talvez de resolver antigos problemas". Coisas familiares aos moradores antigos e já estabelecidos exigem explicação quando vistas pelos olhos de um estranho. Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade.

Essa talvez não seja uma situação agradável para os nativos da cidade, mas é também sua grande vantagem. A cidade está em sua melhor forma quando seus recursos são desafiados. Michael Storper, economista, geógrafo e projetista, atribui a vivacidade intrínseca da densa vida urbana à incerteza que advém dos relacionamentos pouco coordenados "entre as peças das organizações complexas, entre os indivíduos e entre estes e as organizações".

Compartilhar o espaço com estranhos é uma condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir. A presença ubíqua de estranhos é fonte de ansiedade, assim como de uma agressividade que volta e meia pode emergir. Faz-se necessário experimentar, tentar, testar e (espera-se) encontrar um modo de tornar a coabitação palatável. Essa necessidade é "dada", não-negociável. Mas o modo como os habitantes de cada cidade se conduzem para satisfazê-la é questão de escolha. E esta é feita diariamente.

(Adaptado de Zygmunt Bauman. Amor Líquido. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004, pp. 127-130)

Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade. (20 parágrafo)

Com a afirmação acima, o autor

- a) indica que as migrações típicas do mundo globalizado trazem consequências negativas para o modo de organização das cidades.
- b) sugere que o impacto do aumento populacional crescente nos dias atuais é perturbador para os moradores das cidades.
- c) questiona os supostos benefícios que as pessoas de fora trariam ao se estabelecer em novos centros urbanos.
- d) critica o impulso de migrar para grandes centros urbanos, já saturados, por parte das pessoas que moram em lugares calmos.
- e) enaltece a inquietação gerada pelas pessoas que migram para as cidades e questionam o modo de vida que nelas encontram.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA - Ao contrário, o autor entende como positiva a contribuição das observações dos que chegam nas grandes cidades. É o que se entende do trecho: "***Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade. Essa talvez não seja uma situação agradável para os nativos da cidade, mas é também sua grande vantagem. A cidade está em sua melhor forma quando seus recursos são desafiados.***".

Letra B - ERRADA - A expressão tem uma conotação positiva, e não negativa como sugere a redação da opção. A quebra da tranquilidade, citada no texto, está atrelada a um novo olhar dos estranhos, que traz benefícios para as cidades. É o que fica claro no seguinte trecho: "*Ao migrarem para as cidades, as pessoas de fora geralmente trazem novas maneiras de ver as coisas e talvez de resolver antigos problemas*".

Letra C - ERRADA - O texto não questiona (põe em dúvida), e sim enfatiza tal contribuição. É o que fica claro no seguinte trecho: "*Ao migrarem para as cidades, as pessoas de fora geralmente trazem novas maneiras de ver as coisas e talvez de resolver antigos problemas*".

Letra D - ERRADA - Não há presente no texto uma crítica às migrações para as cidades. Elas são vistas de forma positiva.

Letra E - CERTA - Essa inquietação e esse questionamento por parte dos que migram para as cidades trazem benefícios para esta. É o que fica claro no trecho: "*Coisas familiares aos moradores antigos e já estabelecidos exigem explicação quando vistas pelos olhos de um estranho*".

Resposta: E

Texto para as questões 28 a 29

A liberdade enriquece

A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espalha para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises, o arquiteto mais destacado da escola austríaca de economistas neoclássicos. Ele estava errado: a liberdade nasceu no continente da política, mais propriamente como liberdade de expressão – o direito de imprimir sem licença. O parto deu-se pelas mãos do poeta e polemista John Milton, em 1644, no epicentro da Guerra Civil Inglesa entre o Parlamento e a Monarquia. Naquele ano, Milton publicou a *Aeropagitica*, fonte do mais clássico dos argumentos racionais contra a censura: os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más.

Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia. A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica –, assumiram o primeiro posto no século XX. Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.

(Trecho adaptado de Demétrio Magnoli. Veja, 22 de setembro de 2010, pp. 80-81)

28. INÉDITA

Considerando-se o teor do texto, é correto afirmar:

- a) Trata-se de um texto opinativo, em que o autor, apoiando-se em teorias e oferecendo exemplos de sucesso, tece comentários a respeito da relação entre liberdade e desenvolvimento econômico.
- b) Há crítica em relação ao papel desempenhado na economia de alguns países por proposições hipotéticas de poetas e economistas sob influência de escolas estrangeiras.
- c) No 20 parágrafo encontra-se defesa por inteiro da opinião do economista austríaco, em flagrante contradição com a observação de que ele havia se enganado, como consta do 10 parágrafo.
- d) O título se volta para a comprovação da tese do poeta inglês de que o desenvolvimento econômico de uma nação se associa inequivocamente à racionalidade de seus cidadãos.
- e) O autor se baseia em opiniões polêmicas de defensores da liberdade de expressão para enaltecer a política colonialista de ingleses e de norte-americanos, entre os séculos XVII e XX.

RESOLUÇÃO

Letra A - CERTA - De fato, o texto traz uma tese acerca da importância do conceito de liberdade no desenvolvimento de uma nação. Isso fica bem explícito no trecho "*Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, ...*" e nos exemplos de nações desenvolvidas apresentados, entre elas Grã-Bretanha e EUA, que assumem a liberdade de expressão como algo soberano.

Letra B - ERRADA - O papel desempenhado na economia de alguns países não é contestado pelo texto. O que o texto faz é apenas dissociar o conceito de liberdade atrelado à economia, pois considera aquela mais abrangente que esta. É o que fica bem explícito no trecho "*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*".

Letra C - ERRADA - Não há uma contradição, pois a afirmação do 2º parágrafo ("*Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia.*") não invalida o conteúdo do 1º (*A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espalha para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises*). O que há é uma ressalva: von Mises estava errado, mas não em tudo.

Letra D - ERRADA - Não especificamente, pois a tese do poeta britânico - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* - está relacionada ao fato de seres humanos, como seres racionais que são, serem capazes de diferenciar as ideias boas das más. O fato de as nações enriquecerem vem como um possível efeito dessa tese.

Letra E - ERRADA - Essa redação extrapola o texto: não há menção às políticas colonialistas de ingleses e americanos. Além disso, as opiniões diversas acerca do conceito de liberdade apresentam pontos em comum, não sendo diametralmente opostas.

Resposta: A

29. FCC - Analista Judiciário (TRT 1ª Região)/Apoio Especializado/Arquivologia/2011

A última frase do texto

- a) vem confirmar a opinião do autor de que a liberdade se impôs na Inglaterra e nos Estados Unidos por ser decorrente do desenvolvimento econômico dessas nações.
- b) comprova o equívoco cometido pelo economista austríaco, pois liberdade de expressão e sucesso econômico são conceitos que se encontram em campos diferenciados da atividade humana.
- c) pretende demonstrar que o espírito crítico, ainda que associado à liberdade de expressão, nem sempre se mostra suficiente para garantir a estabilidade econômica de uma grande nação.
- d) constitui um fecho coerente de todo o desenvolvimento, com base na defesa da capacidade de discernimento dos seres humanos e da importância da liberdade para o sucesso da economia.
- e) conclui objetivamente a teoria, exposta por Ludwig von Mises e complementada pelo poeta John Milton, de que a origem e a importância da liberdade, bem como os valores dela decorrentes, pertencem ao terreno da economia.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA - Ocorre uma inversão da relação causa-efeito: não é a liberdade que é consequência do desenvolvimento econômico, como se afirma na opção; o desenvolvimento econômico é que é uma das consequências da liberdade. Isso pode ser constatado no trecho "*A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica...*". Os exemplos de Grã-Bretanha e EUA evidenciam que a defesa da liberdade permite que os países se desenvolvam economicamente.

Letra B - ERRADA - O equívoco de von Mises, segundo o autor, está em definir a origem da liberdade na economia. Segundo o poeta John Milton, essa origem está na política. No entanto, o autor não põe a liberdade de expressão e a economia em campos opostos. Ao contrário, define esta como fortemente influenciada por aquela. É o que se constata nos exemplos apresentados de Grã-Bretanha e EUA, nações desenvolvidas economicamente, que sempre prezaram pela liberdade.

Letra C - ERRADA - A última frase endossa que o espírito crítico é bastante importante para que a nação avance como economia. Isso fica bem evidente nos exemplos apresentados de Grã-Bretanha e EUA, nações desenvolvidas economicamente, que sempre prezaram pela liberdade.

Letra D - CERTA - De fato, o trecho "*Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.*" endossa a tese de John Milton - *os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más* -, que servia de contra-argumento às propostas de censura. Dessa forma, é possível avaliar de forma crítica as escolhas e tomar decisões que levem ao sucesso no âmbito econômico, como ocorreu com Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Letra E - ERRADA - Segundo von Mises, a liberdade tem sua origem na economia (*A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares...*), enquanto que John Milton define a origem da liberdade no campo da política (*Ele [von Mises] estava errado: a liberdade nasceu no continente da política...*).

Resposta: D

30. INÉDITA

Trânsito mata mais do que assassinatos no Brasil

Quando a maioria da população, com razão, está escandalizada com a violência que impera nas cidades do País, um outro número não recebe tanta atenção quanto os cerca de 60 mil assassinatos registrados anualmente no Brasil. No trânsito, morrerão, neste ano de 2018, segundo estimativas oficiais, 80 mil pessoas. A projeção está baseada no fato de que, nos primeiros meses do ano, os acidentes de trânsito já provocaram 19.398 mil mortes e 20 mil casos de invalidez permanente no País. Os dados são do Centro de Pesquisa e Economia do Seguro, órgão da Escola Nacional de Seguros. As principais vítimas são homens de 18 a 65 anos e motociclistas.

Além das mortes e sequelas as mais diversas, muitas deixando inválidos pelo resto da vida homens, mulheres e crianças, pessoas jovens, ainda há um brutal prejuízo, calculado em torno dos R\$ 96 bilhões pelas faltas ao trabalho dos acidentados.

Ora, tantas vítimas mostram um quadro de insegurança que está presente e que vem ceifando, dia após dia, vidas nas ruas, avenidas e, muito mais, nas rodovias da nação. Pois, da mesma forma que todos condenam o grande número de mortes violentas por conta do tráfico de drogas, da disputa entre gangues, de desavenças familiares, pouca atenção é dada para o massacre que ocorre no trânsito. Da mesma forma que se pede mais educação, devemos nos lembrar que a educação no trânsito é mais do que importante.

Jornal do Comércio

(<https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/opinioao/2018/09/648589-transito-mata-mais-do-que-assassinatos-no-brasil.html>)

A mensagem principal do editorial é que:

- a) a violência no trânsito não é considerada um assunto importante.
- b) as mortes por acidentes de trânsito superaram as por homicídios.
- c) a sociedade está chocada com o número de homicídios.

- d) as mortes no trânsito não geram tanta comoção.
- e) a educação no trânsito é negligenciada no currículo escolar brasileiro.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – A mensagem do texto não é que as pessoas não consideram a violência no trânsito algo importante. O que o texto afirma é que as pessoas deveriam se importar mais com o problema.

Letra B – ERRADA – De fato, isso é dito com todas as letras no texto, mas não corresponde à mensagem principal nele trazida. Trata-se de uma informação que serve de sustentação à tese de que as pessoas se preocupam menos do que deveriam com o problema da violência no trânsito.

Letra C – ERRADA – De fato, isso é dito no texto, mas o foco principal está no fato de as pessoas não manifestarem tamanha comoção com a violência no trânsito.

Letra D – CERTA – De fato, no entendimento do editorial, as pessoas minimizam a gravidade do problema, a despeito de as mortes por acidentes de trânsito superarem as por homicídio.

Letra E – ERRADA – De fato, o texto menciona a pouca importância dada à educação no trânsito. No entanto, sua mensagem principal se concentra no fato de a sociedade minimizar o problema da violência no trânsito.

Resposta: D

31.INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo “batom da marca X, cor 42, lote A-439”. O mesmo personagem talvez interrogue um suspeito e declare “sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho”. No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: “Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado”.

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjagam a complexidade das técnicas científicas.
- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Na verdade, as séries superestimam a eficácia das técnicas científicas empregadas numa investigação, na medida em que apresentam dados num grau de minúcia dificilmente alcançado.

Letra B – ERRADA – O texto não exagera na complexidade dos casos. Na verdade, ele critica o exagerado detalhamento na apresentação de provas exibidas nas séries, que não corresponde à realidade.

Letra C – ERRADA – O texto não desconsidera as provas apresentadas, mas sim critica o excessivo detalhamento, algo impraticável na realidade.

Letra D – ERRADA – Justamente o contrário. Uma das críticas se deve ao fato de as séries retratarem o investigador como multifuncional – além de coletar provas, ele interroga o suspeito.

Letra E – CERTA – Exato! O grau de detalhamento apresentado dificilmente corresponde ao resultado na realidade.

Resposta: E

32.INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer feito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.
- d) uma mudança de comportamento no trabalho.
- e) uma maior produção de batatas.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não dá a entender que técnicas consagradas sejam abandonadas. Elas são sim, segundo o texto, suplementadas.

Letra B – ERRADA – O efeito direto não se dá sobre a plantação de batatas, e sim sobre a forma de trabalhar das mulheres. O aumento da produção é um efeito indireto, e não direto.

Letra C – ERRADA – As técnicas reais, conforme afirmado no texto, são suplementadas pela técnica ilusória.

Letra D – CERTA – De fato, o efeito imediato é uma mudança de comportamento no trabalho das mulheres, que faz com que elas se tornem mais produtivas. O aumento de produção é, dessa forma, um efeito indireto, e não direto.

Letra E – ERRADA – Trata-se de um efeito indireto, e não direto.

Resposta: D

33. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasileira ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.
- e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Observemos o seguinte trecho: “São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho”. Nele é possível identificar o objetivo comunicativo do autor, que consiste em enfatizar a expressividade da língua geral e sua influência na formação do atual português. Sem essas expressões, não haveria uma diferenciação relevante em termos de expressividade do português falado no Brasil para outras línguas.

Letra B – ERRADA – O foco do texto não se concentra propriamente no falar do caipira, nem sua intenção é destacar a forma bem-humorada da comunicação, embora esta não seja negada. O objetivo é destacar a influência da língua geral na formação do português falado no Brasil.

Letra C – ERRADA - A comparação em termos de expressividade entre a língua portuguesa e a inglesa até se faz no texto, mas não consiste no objetivo comunicativo principal do texto.

Letra D – ERRADA - Não é a clareza a marca identificadora do português falado no Brasil, mas sim sua expressividade.

Letra E – ERRADA - Os significados e origens dos vocábulos “jururu” e “igarapé” são até apresentados no texto, mas como exemplos, e não como o propósito central do texto.

Resposta: A

34. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a 'geração da cabeça baixa'. "É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens." E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. "Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para uma desvio de coluna."

<https://www.diariodaregiao.com.br/ conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html>

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.
- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Como mencionado no texto, os jovens não se queixam de dores. Estas podem se manifestar no futuro como resultado da má postura corporal.

Letra B – ERRADA – O texto foca a atenção não nos adultos, mas nos jovens.

Letra C – CERTA – De fato, as posturas inadequadas dos jovens, segundo o texto, podem gerar dores na idade adulta.

Letra D – ERRADA – As sequelas não são imediatas. Elas podem se manifestar futuramente, na idade adulta.

Letra E – ERRADA – Não há perda de flexibilidade corporal em crianças. O que o texto afirma é que as sequelas resultados da inadequada postura corporal de crianças e jovens podem se manifestar no futuro.

Resposta: C

35. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
- b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
- c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.
- d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.
- e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não foca sua atenção na versatilidade dos conteúdos digitais, mas sim na credibilidade e aceitação dos materiais impressos.

Letra B – ERRADA – A principal linha de argumentação do texto não é propor adoção das duas plataformas, mas enfatizar a ainda significativa aceitação dos materiais impressos.

Letra C – ERRADA – Não trata o texto de um alerta, mas sim de uma constatação.

Letra D – CERTA – De fato! O texto dá destaque à ainda significativa aceitação por parte do público dos materiais impressos e da associação destes à ideia de veracidade e credibilidade.

Letra E – ERRADA – O texto não dá a entender que a comunicação precise ser predominantemente impressa. Dá a entender sim que esta não pode ser descartada.

Resposta: D

Questões Comentadas

1. FGV – PC RJ/2022

Texto 1

“Um homem acusado de tentativa de feminicídio foi preso, neste sábado (13/11), por policiais civis da 48ª DP (Seropédica). O acusado já possuía dois registros de agressões contra a vítima. De acordo com agentes, no dia 06 de novembro, ele voltou a agredir a companheira e tentou matá-la. O criminoso foi encaminhado para o sistema prisional, onde ficará à disposição da Justiça.”

Considerando a estrutura geral do texto 1, o último período tem a função de:

- a) exemplificar moralmente o resultado de má conduta;
- b) indicar a consequência provisória da tentativa de homicídio;
- c) mostrar a pena aplicada ao criminoso reincidente;
- d) destacar um procedimento legal em casos semelhantes;
- e) apontar a causa de o criminoso ter sido detido.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Não se trata de um exemplo moral, e sim de uma punição prevista em lei.

Letra B – CERTA – O delito cometido resultou na prisão provisória do suspeito. Trata-se de uma consequência provisória, pois se está no aguardo da Justiça.

Letra C – ERRADA – Não se trata de uma pena, pois o suspeito ainda será julgado. Trata-se de uma punição provisória.

Letra D – ERRADA – Não há menção a casos similares. Temos apenas um caso.

Letra E – ERRADA – Temos aqui a consequência de um delito, não uma causa.

Resposta: B

2. FGV – PC RJ/2022

Observe o texto a seguir. “O Conselho Holandês de Saúde explica que os açúcares da fruta no suco de laranja são absorvidos pelo corpo muito rapidamente porque eles entram no corpo em forma líquida. Porque eles entram no corpo tão rápido em uma quantidade tão alta, o corpo converte facilmente este açúcar em gordura. Um copo de suco de laranja contém tanto açúcar quanto um copo de refrigerante. Isso significa que você pode ganhar peso rapidamente, e pessoas com mais gordura corporal terão maior chance de ter diabetes. Tudo a partir de um copo de suco de laranja!”

O segmento desse texto em que há a preocupação de informar e de convencer é:

- a) O Conselho Holandês de Saúde explica que os açúcares da fruta no suco de laranja são absorvidos pelo corpo muito rapidamente porque eles entram no corpo em forma líquida;

- b) Porque eles entram no corpo tão rápido em uma quantidade tão alta, o corpo converte facilmente este açúcar em gordura;
- c) Um copo de suco de laranja contém tanto açúcar quanto um copo de refrigerante;
- d) Isso significa que você pode ganhar peso rapidamente, e pessoas com mais gordura corporal terão maior chance de ter diabetes;
- e) Tudo a partir de um copo de suco de laranja!

RESOLUÇÃO

As letras A, B e C se restringem à informação.

Na letra E, a construção exclamativa de admiração deixa subentendida a recomendação para que não se tome suco de laranja. Não ocorre, no entanto, a apresentação de informações.

Na letra D, está subentendida a recomendação para que a pessoa pare de consumir suco de laranja, tendo em vista as informações apresentadas.

Resposta: D

3. FGV – PC RJ/2022

Numa noite friorenta, um casal recebe um casal de amigos para jantar; sentam-se inicialmente na sala de visitas, onde as janelas estão abertas e a mulher recém-chegada diz: "Os jornais dizem que hoje vai ser a noite mais fria do ano!"

Nesse caso, a frase tem uma função manifesta e uma função real, que correspondem, respectivamente, a:

- a) uma informação e um pedido;
- b) uma declaração e uma ordem;
- c) uma manifestação afetiva e uma informação;
- d) uma constatação e uma explicação;
- e) uma explicação e uma solicitação.

RESOLUÇÃO

A informação aludida deixa implícita a sugestão para que se feche a janela.

Resposta: A

4. FGV – PC RJ/2022

Texto 3

Com a chegada da temporada de verão, a Polícia Militar contará com o reforço de efetivo em Balneário Camboriú, buscando manter os indicadores dos crimes violentos em queda. No ano de 2019 ocorreram 13 homicídios. Já no ano

passado, este número foi reduzido para 10. Diante a intensificação das ações policiais, o 12º Batalhão de Polícia Militar conseguiu alcançar em 2021, até o dia de hoje, a impressionante marca de apenas 6 homicídios dolosos. Isto significa uma redução de 40% no triênio, e se comparado ao ano de 2019, a redução ultrapassaria a 50%. O reforço de efetivo em Balneário Camboriú busca manter os indicadores dos crimes violentos em queda, visando a manutenção da qualidade de vida da cidade, que é referência tanto no âmbito estadual, como nacional. Adaptado. Polícia Civil - Balneário Camboriú.

Observe o primeiro parágrafo do texto 3. A afirmação abaixo que está em desacordo com os componentes desse parágrafo é:

- a) o termo "Com a chegada da temporada de verão" indica simultaneamente as noções de tempo e causa;
- b) o termo "reforço de efetivo" se refere ao aumento numérico e qualitativo de policiais;
- c) o segmento "buscando manter os indicadores dos crimes violentos em queda" indica a finalidade do aumento de efetivo;
- d) o segmento "manter os indicadores dos crimes violentos em queda" informa que já tinha havido queda no número de crimes violentos anteriormente;
- e) os dois últimos períodos do parágrafo explicitam a afirmação anterior sobre a queda dos indicadores de crimes violentos.

RESOLUÇÃO

A expressão "reforço de efetivo" faz menção ao quantitativo de policiais, e não a uma avaliação qualitativa.

Resposta: B

5. FGV – PC RJ/2022

O termo destacado que marca uma interferência do redator da notícia no conteúdo veiculado no texto 3 é:

- a) Com a chegada da temporada de verão, a Polícia Militar contará com o reforço de efetivo em Balneário Camboriú, buscando manter os indicadores dos crimes violentos em queda;
- b) No ano de 2019 ocorreram 13 homicídios. Já no ano passado, este número foi reduzido para 10;
- c) Diante a intensificação das ações policiais, o 12º Batalhão de Polícia Militar conseguiu alcançar em 2021, até o dia de hoje, a impressionante marca de apenas 6 homicídios dolosos;
- d) Isto significa uma redução de 40% no triênio, e se comparado ao ano de 2019, a redução ultrapassaria a 50%;
- e) ...visando a manutenção da qualidade de vida da cidade, que é referência tanto no âmbito estadual, como nacional.

RESOLUÇÃO

Na letra C, o adjetivo "impressionante" sinaliza um juízo de valor por parte do enunciador.

Resposta: C

6. FGV – IMBEL/2021

Luís XIV afirmou: “Toda vez que preencho um cargo gero dez descontentes e um ingrato.”

Sobre essa afirmativa, assinale a opção correta.

- a) O governante nunca fica satisfeito com as nomeações para cargos públicos.
- b) Nem todo indivíduo nomeado para um cargo público esquece o favor recebido pela nomeação.
- c) Os candidatos nomeados para um cargo público se mostram ingratos aos demais candidatos.
- d) A nomeação para um cargo deve obrigatoriamente estar ligada à competência do candidato.
- e) O preenchimento de cargos públicos é uma tarefa difícil, pois todos os candidatos ficam descontentes.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – De fato! Ou o governante sofre como alvo de insatisfações, ou ele sofre com a ingratidão daquele que havia sido beneficiado com a nomeação para o cargo.

Letra B – ERRADA – O que o texto dá a entender é que os nomeados para cargo público não retribuem o “favor” da nomeação.

Letra C – ERRADA – Eles se mostram ingratos não aos demais candidatos, mas sim aos governantes.

Letra D – ERRADA – O que o texto dá a entender é que a nomeação se dá não pela meritocracia, mas sim pela troca de favores e influência.

Letra E – ERRADA – Não são todos que ficam descontentes. O nomeado fica satisfeito.

Resposta: A

7. FGV – IMBEL/2021

Um grande filósofo disse:

“Nem todo problema que se tem com a namorada se deve necessariamente ao modo capitalista de produção”.

Com essa frase, o autor pretende criticar

- a) o sistema capitalista.
- b) a mistura indevida de planos diferentes.
- c) o envolvimento pessoal na argumentação.
- d) a visão sentimental da economia capitalista.
- e) a indicação de uma só causa para todos os fatos.

RESOLUÇÃO

O texto faz alusão ao modismo de culpar o capitalismo por todos os males.

É como se todos os problemas pelos quais passamos se resumissem a um único.

Letra A – ERRADA – A crítica não é direcionada ao sistema capitalista, mas sim a quem o utiliza como culpado por todos os males..

Letra B – ERRADA – Muito obscura essa redação.

Letra C – ERRADA – Não é isso que está sendo criticado, mas sim o fato de todos os argumentos se resumirem a um.

Letra D – ERRADA – Em nenhum momento se faz alusão a uma visão sentimental.

Letra E – CERTA

Resposta: E

8. FGV – TJ RO/2021

Observe agora um pequeno cartaz na porta de um estacionamento no centro da cidade, voltado para a rua:

SAÍDA DE VEÍCULOS

OBRIGADO

Nesse cartaz, a finalidade maior é:

- a) solicitar que não se estacione na saída;
- b) alertar para o perigo de atropelamento;
- c) avisar que a entrada é localizada em outro lugar;
- d) agradecer o uso do estacionamento;
- e) evitar a entrada e a saída de veículos simultaneamente.

RESOLUÇÃO

Questão muito sutil!

Descartamos já de início a letra D, pois o cartaz se dirige a quem vai passando pela rua, e não aos usuários do estacionamento.

A letra B também é descartada, pois, se fosse um alerta, no lugar de OBRIGADO, haveria CUIDADO.

A letra C traz como objetivo principal o fato de a entrada ser em outro lugar, mas o cartaz não foca atenção na entrada, e sim na saída.

A letra E também não faz sentido, o objetivo do cartaz é apenas dizer que ali é uma saída de veículos, nada mais.

Ao se encerrar o cartaz com OBRIGADO, dá-se a entender a presença de um pedido. Note que apenas a letra A é a única que faz alusão ao pedido, por meio do verbo “solicitar”.

Resposta: A

9. FGV – FUNSAÚDE/2021

“Como a doença amplia as dimensões internas do homem!”

Esse pensamento nos diz que o homem deve encarar a doença como

- a) fase de solidariedade.
- b) momento de precaução.
- c) fase de depressão.
- d) período de descanso.
- e) momento de reflexão.

RESOLUÇÃO

Entendo que a ampliação das dimensões internas esteja relacionada à busca dentro de si de respostas, ou seja, faz-se referência à ampliação da capacidade de refletir.

Resposta: E

10. FGV – FUNSAÚDE/2021

“Deve-se rezar para se ter mente sã em corpo sã.”

Essa frase nos diz que

- a) a mente sã em corpo sã é possível com a ajuda de Deus.
- b) a mente sã em corpo sã é fruto único de nosso esforço.
- c) a uma mente sã sempre corresponde um corpo sã.
- d) a um corpo sã sempre corresponde uma mente sã.
- e) a mente sã em corpo sã é um ideal inatingível.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Entendo que o objetivo de se ter uma mente sã em corpo sã se alcança por meio da reza. Dessa forma, faz sentido dizer que esse objetivo se torna possível com a ajuda de Deus.

Letra B – ERRADA – Não é o que a frase dá a entender. Entra em cena o ato de rezar.

Letra C – ERRADA – Não dá a entender o texto que haja uma interdependência entre mente sã e corpo sã.

Letra D – ERRADA – Não dá a entender o texto que haja uma interdependência entre mente sã e corpo sã.

Letra E – ERRADA – De acordo com a frase, a reza torna possível alcançar esse objetivo.

Resposta: A

11. FGV – FUNSAÚDE/2021

“O homem deve cuidar pouco da vida, mas muitíssimo da saúde”.

Assinale a opção correta sobre os componentes desse pensamento.

- a) “cuidar pouco da vida” está em sentido figurado.
- b) “pouco” deveria ser substituído por “pouquíssimo”.
- c) “mas” se justifica pela oposição entre “vida” e “saúde”.
- d) O termo “homem” deveria aparecer na segunda oração.
- e) A conjunção “mas” equivale a “apesar de”.

RESOLUÇÃO

Questão que dá margem a interpretações distintas.

Entendo que “cuidar da vida” pode ter duas significações: uma literal, associada a “ter zelo com a própria vida”; e uma conotativa, associada a “ater-se ao que diz respeito a si, sem se intrometer na vida alheia”.

Se levarmos em conta a interpretação literal, a frase não faz sentido, pois a ideia entra em choque com cuidar muitíssimo da saúde. Quem tem pouco zelo com a vida não se importa com a saúde, correto?

Dessa forma, vejo a possibilidade de interpretar a expressão no seu sentido figurado.

Uma letra que poderia gerar dúvidas seria a letra C, mas entendo que a oposição não se dá entre “vida” e “saúde”, mas sim entre “pouco” e “muitíssimo”.

Resposta: A

12. FGV – FUNSAÚDE/2021

“É a doença que torna a saúde agradável e boa, o mesmo faz a fome com a saciedade, e o cansaço, com o repouso”.

Não há dúvida de que, nessa frase, há uma correspondência semântica entre doença/saúde, fome/saciedade e cansaço/repouso. A mesma correspondência não se estabelece adequadamente entre

- a) frio/calor.
- b) nervosismo/tranquilidade.
- c) medo/calma.
- d) sede/bebida.

e) ignorância/estudo.

RESOLUÇÃO

O frio torna o calor agradável e bom. O nervosismo torna a tranquilidade agradável e boa. A sede torna a bebida agradável e boa. A ignorância torna o estudo agradável e bom. No entanto, não é o medo que torna a calma agradável e boa, mas sim a inquietação, o nervosismo, o desassossego.

Resposta: C

13.FGV – FUNSAÚDE/2021

“Para males extremos, extremos remédios, levados ao máximo rigor, são os mais válidos.”

Em relação à estrutura dessa frase, assinale a afirmação inadequada.

- a) “Remédios extremos” está em correspondência com o termo “males extremos”.
- b) O “máximo rigor” é uma condição para que os extremos remédios sejam válidos.
- c) O termo “são os mais válidos” se liga logicamente a “extremos remédios”.
- d) Os termos “Para males extremos” e “extremos remédios” podem ser trocados de posição sem prejuízo na construção da frase.
- e) As duas ocorrências do adjetivo “extremos” podem trocar de posição com seus respectivos substantivos, sem modificação de sentido.

RESOLUÇÃO

No texto original, o termo “levados ao máximo rigor” se refere a “extremos remédios”.

Se trocarmos de posição “extremos remédios” com “Para males extremos”, o termo “levados ao máximo rigor” ficará vinculado a “males extremos”, mudando o sentido original.

Resposta: D

14. FGV – FUNSAÚDE/2021

“A cura está ligada ao tempo e às vezes também às circunstâncias.”

Assinale a opção que apresenta a dedução correta dessa frase.

- a) A cura depende obrigatoriamente do tempo e das circunstâncias.
- b) As circunstâncias que envolvem a doença explicam a sua cura em certos casos.
- c) O tempo é um dos fatores que, circunstancialmente, pode explicar a cura de uma doença.
- d) A cura de uma doença é dependente integralmente do tempo e das circunstâncias

e) As circunstâncias podem justificar a cura de uma doença, desde que sem gravidade.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto nos diz que a cura está às vezes, e não sempre, ligada às circunstâncias.

Letra B – CERTA

Letra C – ERRADA – Dá a entender o texto que a cura é sempre dependente do tempo, e ocasionalmente dependente das circunstâncias.

Letra D – ERRADA – É possível que haja outros fatores de dependência, além de tempo e circunstâncias.

Letra E – ERRADA – A condicionante “desde que sem gravidade” é uma extrapolação.

Resposta: B

15.FGV – FUNSAÚDE/2021

Assinale a opção que apresenta a frase que mostra uma valorização social do dinheiro.

- a) “Esse negócio de sucesso é bonito, mas você não vive em função disso. O cemitério está cheio de caras de sucesso. Quero uma vida mais simples do que um copo d’água.”
- b) “Para que serve o dinheiro? Quem não o tem, não tem coragem; quem o tem, tem preocupação; quem já o teve tem lamentações.”
- c) “O dinheiro pode não trazer felicidade, mas afasta a infelicidade para bem longe.”
- d) “Algum dinheiro evita preocupações. Muito dinheiro as atrai.”
- e) “Você deve ganhar dinheiro antes de gastá-lo.”

RESOLUÇÃO

Vemos claramente uma visão positiva acerca do dinheiro na passagem “afasta a infelicidade para bem longe”.

Resposta: C

16. FGV – FUNSAÚDE/2021

Assinale a opção que apresenta a frase que mostra incoerência.

- a) “Uma das coisas mais curiosas a respeito da Bolsa é que cada vez que uma pessoa vende ações, uma outra compra, e ambas pensam que são espertas.”
- b) “Pequenas oportunidades podem ser o início de grandes empreendimentos.”
- c) “Casar por causa de dinheiro é a maneira mais difícil de consegui-lo.”
- d) “Nunca devemos gastar o que não temos.”

e) "Dinheiro é o cartão de crédito de pobre."

RESOLUÇÃO

Não faz sentido recomendar não gastar o que não se tem. Ora, se não temos algo, como seria possível gastar algo?

Resposta: D

17.FGV – FUNSAÚDE/2021

"O homem é confinado nos limites estreitos do corpo, como numa prisão, mas a matemática o liberta e o faz maior do que todo o universo... É levado pela tempestade das paixões a um canto e a outro, sem nenhuma meta, mas a matemática lhe restitui a paz interior, resolvendo harmoniosamente os movimentos opostos da alma e reconduzindo a, sob a orientação da razão, ao acordo e à harmonia."

Bertrand Russell.

As opções a seguir apresentam marcas qualitativas da matemática sugeridas pelo texto acima, à exceção de uma. Assinale-a.

- a) A capacidade de superar a limitação humana.
- b) A possibilidade de criar a ilusão de grandeza.
- c) A criação da harmonia interior.
- d) A orientação racional diante das paixões.
- e) A formação de condições de união interna.

RESOLUÇÃO

Questão sutil!

Entendo que a Matemática traz harmonia, paz interior, o que faz corretas as afirmações C e E.

Entendo que a Matemática traz a razão para o centro do debate, o que faz correta a letra D.

Entendo que a Matemática faz o homem superar suas limitações. Isso fica evidente na passagem "O homem é confinado nos limites estreitos do corpo, como numa prisão, mas a matemática o liberta". Isso torna correta a letra A.

Não entendo, no entanto, que o texto defenda que a Matemática cria no homem uma sensação de ilusão. Ao dizer, de forma figurativa, que a "[a matemática] o faz maior do que todo o universo", o texto não centra sua atenção na sensação de ilusão de grandeza, mas sim na ideia de que o homem se sente livre e apto a enfrentar qualquer desafio.

Resposta: B

18. FGV – FUNSAÚDE/2021

"A matemática é a única ciência exata em que se nunca se sabe do que se está falando nem se o que aquilo que se diz é verdadeiro". Bertrand Russell.

Essa frase afirma que na matemática "nunca se sabe do que se está falando", ou seja, contém marca da

- a) inexatidão.
- b) abstração.
- c) imprecisão.
- d) ilogicidade.
- e) dúvida.

RESOLUÇÃO

Entendo que "não saber do que se está falando" demonstra desconhecimento, dificuldade de compreensão.

Ao julgar algo como impreciso ou inexato, a pessoa deve demonstrar entendimento acerca do assunto para assim classificar a sua abordagem.

Para também classificar algo como ilógico, a pessoa deve ser capaz de extrair um entendimento coerente.

Por fim, se a pessoa está em dúvida, ela está dividida entre duas ou mais compreensões, o que demonstra sua capacidade de buscar um entendimento.

Vejo como opção válida a abstração, uma vez que esta se relaciona à dificuldade de compreender.

Resposta: B

19. FGV – PM CE/2021

"Se não houver frutos, valeu a beleza das flores; se não houver flores, valeu a sombra das folhas; se não houver folhas, valeu a intenção da semente." Henfil, cartunista. O que essa frase nos ensina é que

- a) a natureza nos ensina a viver melhor.
- b) o otimismo deve guiar os nossos passos.
- c) as atitudes positivas devem pautar nossos julgamentos.
- d) a desistência diante da vida é algo inevitável.
- e) as intenções das ações é que as justificam.

RESOLUÇÃO

A repetição da expressão "Se não houver... valeu" dá a entender que não devemos nos frustrar com a não concretização dos resultados pretendidos, mas sim devemos buscar aspectos positivos.

Vamos exemplificar!

Temos como resultado esperado os frutos, mas, se não concretizarmos esse objetivo, devemos nos contentar com as flores.

Temos como resultado esperado as flores, mas, se não concretizarmos esse objetivo, devemos nos contentar com as folhas.

Temos como resultado esperado as folhas, mas, se não concretizarmos esse objetivo, devemos nos contentar com a intenção da semente.

Agora analisemos as opções:

Letra A - ERRADA - A opção apela para o sentido literal, ao passo que o texto faz uso de uma linguagem figurada. Não devemos levar ao pé da letra as palavras "frutos", "folhas" e "sementes".

Letra B - ERRADA - Muito sutil! O otimismo está associado à esperança por resultados positivos, ou seja, estamos aqui tratando de expectativas positivas. No entanto, note que o texto não trata de expectativas, pois os resultados já estão consumados e não corresponderam às nossas pretensões. O texto foca o contentamento com aquilo que se tem, e não o otimismo com bons resultados.

Letra C - CERTA - O que o texto nos diz? Devemos nos contentar com aquilo que temos, e não nos frustrar com aquilo que não conseguimos. Isso significa que devemos assumir uma postura positiva diante da realidade. Mais uma vez, o texto não foca a esperança, e sim a ação: devemos agir de forma positiva.

Letra D - ERRADA - Nem perto o texto prega que desistamos dos nossos objetivos.

Letra E - ERRADA - Ao nos contentarmos com as flores, levamos em consideração a beleza; ao nos contentarmos com folhas, levamos em consideração o conforto da sombra; ao nos contentarmos com as sementes, levamos em consideração a intenção. Dessa forma, a intenção é um dos ingredientes que devem compor nossas ações. Do jeito que o item se apresenta, dá-se a entender que a intenção deve ser necessariamente levada em consideração em todas as situações, o que não é verdade.

Resposta: C

20. FGV – PM CE/2021

Leia a introdução de um pequeno conto de Carlos Drummond de Andrade: "O índio, informado de que aquela era a Semana do Índio, esperava na oca a chegada de visitantes, que certamente iriam cumprimentá-lo e levar-lhe algumas utilidades como presente. Chegou foi um homem de papel na mão, convidando-o a mudar-se com presteza, pois a terra fora adquirida por uma empresa de reflorestamento."

Nas narrativas, como essa, aparece sempre uma situação inicial de harmonia, que é perturbada por uma desarmonia, que é o miolo da narrativa. A desarmonia neste caso é o fato de

- a) a Semana do Índio não ser comemorada dignamente.
- b) a chegada de um homem convidando o índio a mudar-se.
- c) os visitantes não trazerem objetos de presente.
- d) o índio não ter recebido cumprimentos dos visitantes.
- e) a terra do índio ter sido adquirida por uma empresa.

RESOLUÇÃO

O momento em que ocorre a desarmonia se dá com a chegada do homem com o papel na mão convidando o índio a se mudar. A partir desse momento, ocorre um desarranjo na narrativa.

A letra E poderia despertar dúvidas, mas percebamos que a aquisição de terras é fato anterior ao relato da narrativa e, portanto, não faz parte dos acontecimentos que compõem esta.

Resposta: B

21. FGV – PM CE/2021

“Eu amarei a luz porque ela me mostra o caminho. Contudo, eu suportarei a escuridão, pois ela me mostra as estrelas.”

Assinale a opção que indica a mensagem contida nessa frase.

- a) Todas as coisas criadas têm a finalidade de dar prazer ao homem.
- b) A natureza ensina os homens a viver de forma positiva.
- c) Os aspectos negativos da existência levam à depressão.
- d) Cada momento de nossas vidas traz aspectos positivos e negativos.
- e) O lado positivo das coisas deve ser procurado por todos.

RESOLUÇÃO

A letra A está errada, pois a vida não é formada apenas por momentos prazerosos.

A letra B poderia gerar dúvidas, mas note que o objetivo da mensagem é ensinar as pessoas a tirarem proveito dos acontecimentos ruins, e não apenas ensiná-las a viver de forma positiva, ou seja viver bem.

A letra C não diz realmente respeito ao texto lido.

A letra D está errada, pois não se pode afirmar que todo momento é formado por aspectos positivos e negativos ao mesmo tempo.

O que o texto nos transmite é que, mesmo em acontecimentos ruins, devemos procurar um lado positivo.

Resposta: E

22. FGV – PM CE/2021

Analisar o seguinte texto humorístico: “Larguei a bebida. O ruim é que não lembro onde.” Nesse texto, o humor é provocado

- a) pelo fato de a segunda frase dar um novo sentido ao verbo “largar”.
- b) pela situação incômoda de procurar algo sem saber onde.
- c) pela decisão anunciada na primeira frase não ter sido bem-sucedida.
- d) pelos erros gramaticais cometidos nas duas frases.
- e) pela circunstância do esquecimento provocado pela bebida.

RESOLUÇÃO

O humor do texto decorre do jogo de sentidos do verbo “largar”. Na primeira frase, ele está associado ao abandono do vício. Na segunda, ao esquecimento da bebida em algum lugar.

Resposta: A

23.FGV – PC RN/2021

“Scotland Yard é o Departamento de Investigações Criminais da Polícia Metropolitana de Londres. Seu nome vem do nome da rua onde funcionou seu primeiro quartel central e onde, por outro lado, localizou-se o palácio que utilizavam os reis da Escócia quando visitavam a Inglaterra.” (Atrás das palavras, Charlie Lopes)

O objetivo principal deste pequeno texto é:

- a) informar aos leitores o que é a Scotland Yard;
- b) retirar de circulação informações erradas;
- c) justificar a denominação da instituição;
- d) divulgar informações turísticas interessantes;
- e) localizar a sede da Scotland Yard.

RESOLUÇÃO

Note que grande parte do texto se reserva para explicar a origem do nome “Scotland Yard”. O texto não prioriza explicar o que é a instituição, qual sua função ou quais as características, mas sim qual a origem do nome.

Resposta: C

24. FGV – PC RN/2021

Um escritor americano é autor da seguinte frase: “Não grite por socorro à noite. Pode acordar os vizinhos.” Tal frase apresenta um problema textual, que é:

- a) a falta de coerência;
- b) a inadequação vocabular;
- c) a pontuação equivocada;
- d) a ausência de coesão;
- e) o desrespeito à norma culta.

RESOLUÇÃO

Ora, se a pessoa grita por socorro, ela quer mais é que os vizinhos acordem para socorrê-la. O texto peca, portanto, pela falta de coerência.

Resposta: A

25.FGV – PC RN/2021

"É minha opinião que não se deve dizer mal de ninguém, e ainda menos da polícia. A polícia é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade." (Machado de Assis, A Semana – 1871)

Sobre a estruturação desse pensamento de Machado de Assis, a única observação correta é:

- a) há uma contradição lógica entre os dois períodos que compõem esse pensamento;
- b) o texto mostra fraco poder argumentativo por tratar-se de uma opinião;
- c) o segundo período é uma explicação que justifica o período anterior;
- d) o segmento "e ainda menos da polícia" retifica uma afirmação anterior;
- e) os dois períodos do texto poderiam trocar de posição sem alteração do sentido global.

RESOLUÇÃO

Ao unir os dois períodos em um só, obtemos: "É minha opinião que não se deve falar mal de ninguém, e ainda menos da polícia, POIS a polícia é uma instituição necessária à ordem e à vida da sociedade". A presença do conector POIS deixa claro que o segundo período justifica (explica) o anterior.

Resposta: C

Texto para as questões 26 a 27

Texto 2

Notícia publicada na imprensa na penúltima semana de setembro de 2019: "Tráfico da Rocinha ameaça quem joga lixo na rua Bandidos espalham cartazes em área onde houve deslizamentos de terra nas últimas chuvas, alertando moradores para não despejar detritos em beco. Medida seria tomada porque venda de drogas é interrompida quando a região alaga". O cartaz aludido no texto 2 dizia o seguinte: "Por favor, não jogue lixo no beco! Caso contrário, varrerá até a Rua 1. Estamos de olho..."

26. FGV - IBGE/2019

O segmento que NÃO tem seu valor corretamente indicado é:

- a) "Por favor" só aparentemente mostra um pedido;
- b) "não jogue lixo" é uma ordem;
- c) a terceira frase é um alerta;

- d) "varrerá até a Rua 1" é uma penalidade;
- e) "Caso contrário" indica obediência.

RESOLUÇÃO

A expressão "Caso contrário" sinaliza uma desobediência à ordem de não jogar lixo no banco.

Resposta: E

27.FGV - IBGE/2019

No caso do texto 2, a finalidade dos cartazes espalhados na Rocinha é:

- a) conscientizar a população;
- b) salvaguardar interesses;
- c) contribuir para a higiene na comunidade;
- d) proteger a saúde dos habitantes;
- e) prevenir desastres naturais.

RESOLUÇÃO

Num primeiro momento, poderia o leitor pensar que os traficantes estavam preocupados com a comunidade. No entanto, o real interesse deles era evitar enchentes para que suas vendas de drogas não fossem interrompidas, o que valida a letra B como resposta.

Resposta: B

28. FGV - IBGE/2019**Texto 1**

Uma propaganda sobre o aniversário de um programa de notícias diz o seguinte: O maior programa brasileiro de notícias completa 40 anos. A história de quatro décadas do programa registra os fatos mais relevantes da história mundial, bem como as evoluções tecnológicas e de tratamento de informação que vêm transformando as comunicações em todo o mundo.

Segundo o texto 1, o destaque de maior valor do programa de notícias é:

- a) a procura incessante pela verdade nas informações;
- b) a durabilidade sempre atualizada do programa;
- c) a documentação histórica de fatos e evoluções;
- d) a transformação do programa através do tempo;

e) as mudanças no tratamento das informações.

RESOLUÇÃO

No trecho "... registra os fatos mais relevantes da história mundial, bem como as evoluções tecnológicas e de tratamento da informação...", fica evidente que o programa foi capaz de registrar (documentar) os fatos mundiais e as evoluções.

Resposta: C

29. FGV - IBGE/2019

OCDE reduz projeções para Brasil e Argentina

As manchetes jornalísticas seguem um padrão em sua elaboração; NÃO faz parte desse padrão, segundo o que se pode deduzir a partir da manchete acima:

- a) emprego de verbos no presente;
- b) ausência de pontuação;
- c) concentração de informações;
- d) siglas não explicitadas;
- e) emprego de linguagem coloquial.

RESOLUÇÃO

Observando-se a manchete, o único recurso listado não empregado foi o da linguagem coloquial, o que nos faz marcar a letra E.

Resposta: E

30. FGV - IBGE/2019

Um jornal de grande circulação traz a seguinte manchete para um de seus artigos: Prisão de traficante mostra eficácia da inteligência policial – Compra e venda de lanchas por chefe de facção criminosa chamaram atenção da polícia.

Os fatos abaixo, presentes nessa notícia, que se apresentam em ordem cronológica são:

- a) chamar atenção da polícia / compra e venda de lanchas / prisão de traficante;
- b) prisão de traficante / mostra eficácia da inteligência policial / chamar atenção da polícia;
- c) mostra eficácia da inteligência policial / prisão de traficante / chamar atenção da polícia;
- d) compra e venda de lanchas / chamar atenção da polícia / prisão de traficante;
- e) chamar atenção da polícia / compra e venda de lanchas / mostra eficácia da inteligência policial.

RESOLUÇÃO

Reproduzindo as cenas descritas, primeiramente os traficantes compraram e venderam lanchas. Isso, na sequência, despertou curiosidade por parte da polícia, o que, depois de algum tempo, levou à prisão esses bandidos.

Resposta: D

31.FGV - IBGE/2019

"A bike da estudante permaneceu apenas uma hora no bicicletário em frente ao Shopping. O tempo necessário para que dois homens a escolhessem a dedo – tratava-se de um modelo elétrico, com valor estimado de R\$5 mil –, violassem o seu cadeado e a levassem dali". (Zona Sul, 17/08/2019, p. 3)

O texto acima aborda mais um roubo praticado no Rio de Janeiro; sobre a utilização do termo "apenas" nessa notícia, é correto afirmar que:

- a) indica o pouco tempo em que a estudante ficou no Shopping;
- b) mostra uma crítica indireta à fiscalização do bicicletário;
- c) demonstra a eficiência e o planejamento dos ladrões;
- d) informa que a bicicleta roubada era a única no bicicletário;
- e) insere uma opinião do autor do texto sobre a atuação da polícia.

RESOLUÇÃO

A utilização do termo "apenas" evidencia o pouco tempo necessário para que os ladrões efetuassem o roubo, o que evidencia eficiência. O fato de eles terem escolhido "a dedo" a bicicleta mostra que já estavam preparados para reconhecer uma bicicleta elétrica, o que evidencia preparo e planejamento por parte dos ladrões.

Isso posto, assinalo como gabarito a letra C, que diz: demonstra a eficiência e o planejamento dos ladrões.

Uma que poderia gerar dúvidas seria a letra A, que diz: indica o pouco tempo em que a estudante ficou no Shopping.

No entanto, ocorre que não é possível afirmar que a estudante ficou esse tempo no shopping. Ela pode muito bem ter deixado bicicleta no bicicletário em frente ao shopping e ter se dirigido a outro lugar.

Resposta: C

32.FGV – MPE RJ/2019**Texto 4**

Assim que toca o sinal indicando o fim das aulas, um grupo de alunos sai correndo das salas. Eles não estão com pressa de ir embora, como seria de se esperar após nove horas e meia de atividade escolar, mas para ir ao pátio, onde vão ensaiar para a fanfarra ou treinar handebol.

Em um colégio onde 30% dos alunos repetiam ou abandonavam os estudos, houve um receio inicial em aumentar o tempo de classe, com o período integral. A solução surpreendeu, fez aumentar o interesse dos jovens pelos estudos e

melhorou os indicadores educacionais da unidade.

O segundo parágrafo do texto 4 desempenha um conjunto de papéis; o que é inadequado ao texto é:

- a) mostra a mudança realizada no colégio citado;
- b) justifica a atitude dos alunos, citada no primeiro parágrafo;
- c) indica uma estratégia de renovação no magistério;
- d) mostra uma etapa anterior aos fatos do primeiro parágrafo;
- e) compara dois momentos da vida escolar.

RESOLUÇÃO

Entendo que letra C (indica uma estratégia de renovação no magistério) está errada, pois o foco do texto não é o magistério (atividade docente), mas sim o regime de estudo, que passou a ser integral.

Resposta: C

33.FGV – MPE RJ/2019

Texto 2

O professor tenta exaustivamente explicar o conteúdo seguidas vezes, muda o ponto de vista, muda o esquema exposto na lousa, exemplifica de duas, três, quatro formas diferentes. A cada pausa, chama atenção de diferentes grupos de alunos, que insistem em não prestar atenção. (...) Já transpirando e quase rouco de tanto aumentar o tom de voz, o professor chama a atenção de um aluno que ri alto. —Fica de boa, profe. Depois eu vejo isso aí no YouTube.

Entre as estratégias didáticas empregadas pelo professor (texto 2), só está ausente:

- a) a repetição de conteúdos;
- b) o foco variado;
- c) a técnica da explicação;
- d) a exemplificação prática;
- e) a pausa reflexiva.

RESOLUÇÃO

O professor, quando faz uma pausa, não é para refletir, e sim para chamar atenção dos alunos.

Portanto, assinalo letra E (pausa reflexiva).

Resposta: E

34. FGV – MPE RJ/2019

Todo cidadão, numa sociedade democrática, tem o direito às mesmas oportunidades. Não podemos admitir que alguém que passou por uma escola sintasse barrado no baile. (Ana Maria Machado) Nesse fragmento textual, critica-se sobretudo:

- a) a desigualdade social;
- b) a crise da democracia;
- c) a falta de inserção social;
- d) o analfabetismo;
- e) a pedagogia escolar.

RESOLUÇÃO

O trecho “Não podemos admitir que alguém que passou por uma escola sintasse barrado no baile” expressa a ideia de exclusão. A única opção em que temos de forma explícita essa ideia de exclusão (ou falta de inserção) é a letra C (falta de inserção social).

A dúvida poderia pairar sobre a letra A (desigualdade social), mas entendo que a crítica é anterior à desigualdade. A crítica se concentra no fato de que nem todos os indivíduos possuem as mesmas oportunidades. Passamos pela mesma vida (escola), mas alguns são barrados no baile (são excluídos).

Esse quadro de exclusão gera desigualdade, mas veja que esta é uma consequência da falta de inclusão. O texto critica a causa, não o efeito, daí a resposta ser a letra C.

Resposta: C

35.FGV – MPE RJ/2019

Ler não é natural. Mesmo falar e conversar não são atos naturais, são culturais. Portanto, ninguém nasce sabendo falar, conversar, ler ou escrever. Nem aprende sozinho. São habilidades e conhecimentos que precisam ser transmitidos e ensinados. A linguagem articulada não é um fenômeno da natureza, é da cultura. Vem do grupo social, ou seja, se ninguém ensinar, não se aprende. A frase abaixo que NÃO mostra ligação temática com esse segmento textual da escritora Ana Maria Machado é:

- a) transmitir experiências para a geração seguinte é uma necessidade inevitável para a sobrevivência humana;
- b) é claro que as famílias ensinaram e ainda ensinam muita coisa, mas outras demandas surgiram e houve necessidade de instâncias institucionais nesse processo;
- c) o ambiente da sala de aula influencia no processo de ensino-aprendizagem e na metodologia empregada nas aulas;
- d) a educação selecionou e sintetizou, entre tantos saberes acumulados, aquilo que devia ser indispensável aos que chegam a este mundo;
- e) a humanidade criou alguns ofícios para garantir que a herança cultural pudesse se propagar por meio da transmissão escrita.

RESOLUÇÃO

Entendo que a temática central do texto se ancore na necessidade de transmissão de conhecimentos e experiências de uma geração para outra.

Isso está muito claro na letra A (transmitir experiências para a geração seguinte...); na letra B (... as famílias ensinaram e ainda ensinam muita coisa...); na letra D (a educação selecionou e sintetizou ... indispensável aos que chegam a este mundo); na letra E (a humanidade criou alguns ofícios... herança cultural pudesse se propagar...).

Já na letra C (o ambiente da sala de aula influencia no processo de ensino-aprendizagem e na metodologia empregada nas aulas...), o foco deixa de ser a necessidade de transmissão de conhecimentos e experiências para se tornar o método ou o ambiente adequado para aprendizagem. Há, portanto, uma mudança de recorte temático.

Resposta: C

36. FGV – MPE RJ/2019

Uma segunda pergunta da mesma entrevista com a Cássia Fernandez (texto 1) é a seguinte: (E) –A busca de uma educação mais criativa se deve ao desenvolvimento da Pedagogia ou a uma pressão crescente do mundo do trabalho? (CF) – Hoje, a busca pela criatividade vem como demanda do mercado. Sou contra essa visão utilitária, mas é assim que funciona. Em um mundo onde a automação avança, onde há um fluxo gigantesco de dados, precisamos cada vez mais da criatividade. O mercado busca esse perfil profissional e a educação vem se pautando por isso. Ocorre que o modelo educativo tradicional não deixa espaço nenhum para a criatividade, pois tudo se baseia na repetição, como um modelo fordista. Diante da pergunta formulada pelo entrevistado (E), a resposta de (CF):

- a) não opta por nenhuma das sugestões dadas;
- b) escolhe uma terceira opção como resposta;
- c) foge do questionamento, desviando o assunto;
- d) opta por uma resposta que une as duas opções;
- e) indica claramente a segunda das opções como verdadeira.

RESOLUÇÃO

O autor deixa claro que a busca por uma educação mais criativa se deve a uma pressão crescente do mundo do trabalho. Ele, ao longo do texto, discorda da visão utilitarista da educação, mas reconhece que a força do mercado impõe esse tipo de mudança. Além disso, deixa muito claro que os métodos tradicionais de ensino escolar não dão margem à criatividade. Dessa forma, o gabarito é a letra E, que diz: “indica claramente a segunda das opções como verdadeira”.

Resposta: E

37.FGV – MPE RJ/2019

Numa entrevista, às vezes o entrevistador contamina a futura resposta do entrevistado com o seu posicionamento; a pergunta abaixo, de uma suposta entrevista, que mostra essa característica é:

- a) O que o senhor acha da definição de criatividade de Machado de Assis?
- b) Que estratégias educacionais o senhor recomenda diante da total falta de criatividade nas escolas?

- c) Quais as marcas definidoras de criatividade?
- d) Como a tecnologia pode ajudar na implantação de um projeto educativo valorizador da criatividade?
- e) É possível desenvolver uma educação pela criatividade com professores já formados?

RESOLUÇÃO

A letra B deixa bem explícito posicionamento do entrevistador: "Que estratégias educacionais o senhor recomenda diante da total falta de criatividade das escolas?". Nela, o entrevistador já parte do pressuposto de as escolas não são criativas.

Resposta: B

38. FGV – MPE RJ/2019

Texto 1

O trecho a seguir é a primeira pergunta de uma entrevista em que o entrevistador (E) questiona a física Cássia Fernandez (CF) sobre criatividade:

(E) – Muito se fala sobre criatividade. Mas qual a definição mais aceita sobre o que é ser uma pessoa criativa?

(CF) – Existem definições gerais de criatividade, utilizadas pelo senso comum, mas não existe um consenso no mundo acadêmico.

À medida que as pesquisas se aprofundam, vemos que o tema é mais e mais complexo. Contudo, não se pode abrir mão de buscar tornar essa definição mais precisa para que as estratégias educacionais sejam mais efetivas.

A afirmação inadequada sobre o texto 1 é:

- a) por conveniência, a ação de falar sobre a criatividade não é atribuída a pessoa alguma;
- b) pela pergunta do entrevistador, deduz-se que há uma série de definições sobre criatividade;
- c) o senso comum, segundo CF, é um bom indicador de qualidade acadêmica de uma definição;
- d) as estratégias educacionais receberiam grande ajuda a partir de uma boa definição do que seja criatividade;
- e) à medida que as pesquisas se aprofundam, verifica-se a grande complexidade do tema.

RESOLUÇÃO

Letra A - CERTA – A construção "Muito se fala sobre criatividade..." apresenta sujeito indeterminado. Isso quer dizer que não há um agente definido para essa ação.

Letra B - CERTA – O entrevistador questiona acerca da definição mais aceita, dando, assim, a entender que existem outras definições.

Letra C - ERRADA – O autor dá a entender que as diversas definições de criatividade do senso comum carecem de suficiente precisão, pois afirma que o mundo acadêmico deve "buscar tornar essa definição mais precisa".

Letra D – CERTA – De fato, isso auxiliaria as estratégias educacionais a se tornarem mais efetivas, segundo o texto.

Letra E - CERTA – Isso é literalmente dito em “À medida que as pesquisas se aprofundam, vemos que o tema é mais e mais complexo”.

Resposta: C

39. FGV – MPE RJ/2019

No mesmo número da revista Educatrix, aparece o seguinte texto sobre criatividade:

A criatividade é uma questão constantemente colocada em pauta na educação contemporânea. Tendências, como a cultura maker, têm entre suas razões de ser a busca de um sonho pedagógico que se perde na preparação para o vestibular e no progressivo aumento da competitividade: a formação de seres humanos capazes de inovar e criar soluções.

A afirmação inadequada sobre esse fragmento textual é:

- a) o primeiro período do texto é uma afirmação de caráter geral que introduz a apresentação do tema;
- b) a definição de criatividade é dada pela capacidade de inovar e criar soluções;
- c) o sonho pedagógico perseguido está expresso ao final do texto: a formação de seres humanos capazes de inovar e criar soluções;
- d) a preparação para o vestibular é uma oportunidade única para o desenvolvimento da criatividade individual;
- e) o aumento da competitividade leva à perda da formação de seres humanos criativos.

RESOLUÇÃO

Na letra D, afirma-se que “a preparação para o vestibular é uma oportunidade única para o desenvolvimento da criatividade individual”. No texto, o fragmento “... um sonho pedagógico que se perde na preparação para o vestibular...” evidencia que a preparação para o vestibular se contrapõe ao exercício da criatividade.

Resposta: D

40. FGV – MPE RJ/2019

A introdução do no 13 da revista Educatrix diz o seguinte:

Antes de iniciar a leitura, pare e pense com quantas pessoas você compartilhou informações hoje. Agora mesmo, neste exato momento, nós estamos trocando bagagens culturais: a história da vida de quem escreve daqui e a de quem lê daí. Há, de fato, uma premissa básica para a sobrevivência humana: o viver em comunidade e a vivência compartilhada.

Sobre a estruturação desse texto, é correto afirmar que:

- a) as formas verbais pare e pense indicam uma ordem para que o leitor possa realizar corretamente a leitura do texto;
- b) no segmento Agora mesmo, neste exato momento há uma construção enfática, já que há redundância nos termos;
- c) as formas daqui e daí mostram uma oposição entre autor e leitores em relação às mensagens;

- d) a expressão de fato indica uma confirmação de algo negado anteriormente;
- e) nos segmentos viver em comunidade e vivência compartilhada há uma obrigatória interdependência.

RESOLUÇÃO

Letra A - ERRADA – Não se trata de uma ordem, e sim um pedido.

Letra B - CERTA – De fato, os recortes temporais de “Agora mesmo” e de “neste exato momento” são idênticos. Essa repetição da ideia tem como propósito gerar um efeito de ênfase.

Letra C - ERRADA – Não se trata de uma oposição, e sim de uma localização. O advérbio “aqui” faz menção à posição do autor, a pessoa que fala; já o advérbio “ai”, à posição do leitor, a pessoa com quem se fala.

Letra D - ERRADA – Trata-se na verdade de um reforço daquilo afirmado anteriormente.

Letra E - ERRADA – Os dois segmentos estão ligados pela conjunção coordenativa aditiva “e”, o que faz deles termos coordenados entre si, ou seja, independentes. Dessa forma, não há uma relação de subordinação (interdependência) entre esses segmentos.

Resposta: B

41. FGV – TJ CE/2019

“As leis existem, mas quem as aplica?”

Esse pensamento de Dante Alighieri critica:

- a) a má elaboração das leis;
- b) o excesso de leis;
- c) o rigor excessivo da polícia;
- d) a fraqueza humana;
- e) o controle demasiadamente rigoroso das leis.

RESOLUÇÃO

Questão muito sutil!

Note o “mas” adversativo enfatizando a oração “mas quem as aplica?”

Veja que não se critica a elaboração em si das leis, seu excesso ou rigor. O foco está em criticar as pessoas que não as aplicam, não a põem em prática.

Isso posto, as pessoas falham na hora de aplicar as leis. Não há empenho (força) em aplicá-las. Há, assim, fragilidade na aplicação das normas.

Resposta: D

42. FGV – TJ CE/2019

“Alguns tiveram a força como preço pelo próprio crime, outros, a coroa”.

Essa frase confirma o seguinte ditado popular:

- a) O crime não compensa, às vezes;
- b) Toda punição é maldade;
- c) Olho por olho e dente por dente;
- d) Pena intensa não cura bandido;
- e) A prisão é escola do crime.

RESOLUÇÃO

Ora, se alguns são punidos com a força por cometerem crimes e outros são premiados com a coroa por terem cometido crimes, é sinal de que o crime às vezes compensa.

Resposta: A

43. FGV – TJ CE/2019

“Sem instrução, as melhores leis tornam-se inúteis”.

Esse pensamento deve ser entendido do seguinte modo:

- a) Se não houver educação dos cidadãos, as leis tornam-se inúteis;
- b) Se as leis não forem acompanhadas de instruções de funcionamento, tornam-se inúteis;
- c) Caso as leis não possuam instruções claras, elas se tornam inúteis;
- d) Só com a educação dos juízes, as leis podem tornar-se úteis;
- e) Se os juízes não forem pessoas cultas, as leis se tornam inúteis por não serem claras.

RESOLUÇÃO

Complicada a questão! Sem contexto, não fica claro se “instrução” se refere a “orientações de como usar” ou a “educação”, “formação”.

Como as letras B (Se as leis não forem acompanhadas de instruções de funcionamento, tornam-se inúteis) e C (Caso as leis não possuam instruções claras, elas se tornam inúteis) têm idêntico conteúdo, concluímos que a resposta é a letra A, cuja interpretação dada ao vocábulo “instrução” está associada a “educação”

Resposta: A

44. FGV – TJ CE/2019

A frase abaixo que mostra uma visão ironicamente negativa sobre a justiça é:

- a) Em geral, a lei é a razão humana, na medida em que governa todos os povos da terra;
- b) A lei é ordem; e uma boa lei é uma boa ordem;
- c) A majestosa igualdade das leis, que proíbe tanto o rico como o pobre de dormir sob as pontes, de mendigar nas ruas e de roubar pão;
- d) A lei deve ser breve para que os indoutos possam compreendê-la facilmente;
- e) O mundo não pode se sustentar sem justiça.

RESOLUÇÃO

Na letra C, note que a visão negativa associada à ideia de proibição é apresentada de uma forma irônica. Ora, ninguém tem o desejo de dormir sob as pontes, mendigar ou roubar pão. Logo, não faz sentido em proibir algo que ninguém quer.

Resposta: C

45. FGV – TJ CE/2019

Se reconheces que algo é injusto, tenta pôr fim à injustiça o mais rápido possível: para que esperar o próximo ano?

Essa frase critica um aspecto da justiça que é:

- a) a corrupção do Poder Judiciário;
- b) ausência de funcionários competentes;
- c) o fato de os juízes desfrutarem de privilégios;
- d) a falta de responsabilidade dos magistrados;
- e) a demora no julgamento dos processos.

RESOLUÇÃO

A pergunta feita ao final “para que esperar o próximo ano?” é uma referência à demora com que processos são julgados. Ora, se já há sinais claros de injustiça, para que demorar?

Resposta: E

46. FGV – TJ CE/2019

“Quando um homem quer matar um tigre, chama isso de esporte; quando é o tigre que quer matá-lo, chama de ferocidade. A distinção entre crime e justiça não é muito maior”.

Esse pensamento de Bernard Shaw se estrutura a partir de uma:

- a) igualdade;
- b) oposição;
- c) analogia;
- d) diferença;
- e) metaforização.

RESOLUÇÃO

Sutil!

Quando o enunciado fala em pensamento, está se referindo à distinção entre crime e justiça. E esse pensamento é estruturado a partir de uma analogia: o conceito de crime é análogo ao tigre que quer matar um homem; a justiça é um conceito análogo ao homem que quer matar o tigre.

Dessa forma, o pensamento – distinção entre crime e justiça – é estruturado por meio de uma analogia (comparação).

Resposta: C

47. FGV – TJ CE/2019

“Se algum dia inclinares a balança da justiça, não o faças com o peso das doações, mas com o da misericórdia”.

Esse pensamento de Dom Quixote condena o seguinte traço da justiça:

- a) os privilégios do Judiciário;
- b) a possibilidade de corrupção;
- c) a indiferença pelos mais pobres;
- d) o sentimentalismo exagerado;
- e) o tecnicismo excessivo.

RESOLUÇÃO

A passagem “peso das doações” é uma sutil referência à corrupção.

Resposta: B

48. FGV – TJ CE/2019

“Excesso de direito, excesso de injustiça”.

A forma adequada de indicar-se de modo mais explícito a relação lógica desse pensamento é:

- a) Se houver excesso de direito, haverá excesso de injustiça;
- b) O excesso de direito é sempre seguido do excesso de injustiça;
- c) Em havendo excesso de direito, desaparecerá o excesso de injustiça;
- d) O excesso de direito ocorre em função do excesso de injustiça;
- e) Quanto menor o excesso de direito, maior o excesso de injustiça.

RESOLUÇÃO:

O candidato pode ficar em dúvida entre as letras A (Se houver excesso de direito, haverá excesso de injustiça) e B (O excesso de direito é sempre seguido do excesso de injustiça).

No texto original, há uma relação de anterioridade e posterioridade: o excesso de direito gera excesso de injustiça.

Na letra A, essa relação fica clara: atendida a condição de haver excesso de direito, haverá excesso de injustiça.

Na letra B, não fica explícita a relação de anterioridade e posterioridade. Uma possibilidade é entender que as duas ocorrem de forma concomitante (simultânea), como se fossem independentes.

Isso posto, marcamos a letra A como resposta.

Resposta: A

49. FGV – TJ CE/2019

O Antigo Testamento traz na frase “Olho por olho, dente por dente” uma indicação de como a justiça deve ser feita.

Essa recomendação defende que:

- a) o criminoso não deve tardar a receber seu castigo;
- b) o assassino deve sofrer perda idêntica à causada por ele;
- c) o causador do mal deve sofrer pena mais cruel do que o sofrimento por ele causado;
- d) a extensão da pena imposta ao criminoso deve ser proporcional ao mal por ele causado;
- e) as penas devem ser cruéis e infalíveis.

RESOLUÇÃO:

O candidato poderia ficar na dúvida entre as letras B (o assassino deve sofrer perda idêntica à causada por ele) e D (a extensão da pena imposta ao criminoso deve ser proporcional ao mal por ele causado).

No entanto, veja que as figuras “olho por olho, dente por dente” não dão a ideia de proporcionalidade, mas sim de equivalência.

Exemplificando de uma forma cruel, se o bandido cortar a mão de alguém, ele também terá sua mão cortada; se ele matar o filho de alguém, terá também seu filho morto como punição...

Resposta: B

50. FGV – TJ CE/2019

“O bom juiz não deve ser jovem, mas ancião, alguém que aprendeu tarde o que é a injustiça, sem tê-la sentido como experiência pessoal em sua alma; mas por tê-la estudado, como uma qualidade alheia, nas almas alheias”. (Platão)

Segundo Platão, a qualidade básica do bom juiz é:

- a) ter idade avançada;
- b) fazer estudos profundos;
- c) haver experimentado injustiças;
- d) estudar impessoalmente a injustiça;
- e) criticar a injustiça nas almas alheias.

RESOLUÇÃO:

A letra A (ter idade avançada) não representa a qualidade básica apontada por Platão. Os vocábulos “jovem” e “ancião” estão empregados em sentido figurado, associados não à idade, mas à maturidade e ao conhecimento.

A letra B (fazer estudos profundos) pode gerar dúvidas. Não adianta estudar profundamente qualquer assunto ligado à justiça, segundo o autor. É necessário estudar especificamente e profundamente a injustiça de que são vítimas os outros.

A letra C (haver experimentado injustiças) contradiz o texto. O autor foca a injustiça sofrida pelos outros, e não a sofrida pelo juiz durante sua vida.

A letra D (estudar impessoalmente a injustiça) é o nosso gabarito. Deve-se estudar a injustiça não sob o ponto de vista pessoal (intimista, subjetivo), mas sim sob a visão de quem a sofre. Deve-se tratar a injustiça algo alheio, e não íntimo, pessoal.

A letra E (critica a injustiça nas almas alheias) foge do conteúdo abordado no texto. Nele, não há uma crítica, mas sim uma descrição dos atributos de um bom juiz.

Resposta: D

Texto para as questões 51 a 55

Há sempre o inesperado

Quem não nasceu de novo por causa de um inesperado?

Iniciei-me no exílio antropológico quando – de agosto a novembro de 1961 – fiz trabalho de campo entre os índios gaviões no sul do Pará. Mas, como os exilados também se comunicam, solicitei a uma respeitável figura do último reduto urbano que visitamos, uma cidadezinha na margem esquerda do rio Tocantins, que cuidasse da

correspondência que Júlio César Melatti, meu companheiro de aventura, e eu iríamos receber. Naquele mundo sem internet, telefonemas eram impossíveis e cartas ou pacotes demoravam semanas para ir e vir. Recebemos uma rala correspondência na aldeia do Cocal. E, quando chegamos à nossa base, no final da pesquisa, descobrimos que nossa correspondência havia sido violada. Por quê? Ora, por engano, respondeu o responsável, arrolando em seguida o inesperado e ironia que até hoje permeiam a atividade de pesquisa de Brasil. Foi quando soubemos que quem havia se comprometido a cuidar de nossas cartas não acreditava que estávamos “estudando índios”. Na sua mente, éramos bons demais para perdermos tempo com uma atividade tão inútil quanto estúpida. Éramos estrangeiros disfarçados – muito provavelmente americanos – atrás de urânio e outros metais preciosos. Essa plausível hipótese levou o nosso intermediário ao imperativo de “conferir” a correspondência. Mas agora que os nossos rostos escalavrados pelo ordálio do trabalho de campo provavam como estava errado, ele, pela primeira vez em sua vida, acreditou ter testemunhado dois cientistas em ação. Há sempre o inesperado.

Roberto da Matta. O GLOBO. Rio de Janeiro, 18/10/2017

51.FGV - Auditor Fiscal de Tributos Estaduais (SEFIN RO)/2018

“... fiz trabalho de campo entre os índios gaviões no sul do Pará”.

Com a expressão sublinhada, o enunciador do texto quer dizer que

- a) realizou pesquisa in loco.
- b) pesquisou a relação dos índios com o meio-ambiente.
- c) estudou a agricultura entre os selvagens referidos.
- d) observou os hábitos indígenas no meio florestal.
- e) coletou amostras para futuros estudos.

RESOLUÇÃO

No contexto, é possível associar a expressão “trabalho de campo” ao trabalho de pesquisa realizado no sul do Pará entre os índios. Dessa forma, o trabalho de campo corresponde a um trabalho in loco, ou seja, realizado no local alvo da pesquisa.

Resposta: A

52.FGV - Auditor Fiscal de Tributos Estaduais (SEFIN RO)/2018

O texto começa por uma pergunta, cuja finalidade básica é

- a) interagir com o leitor do texto, a fim de que ele participe com mais interesse da leitura.
- b) provocar uma reflexão pessoal do leitor, que possa ligá-lo à temática do texto.
- c) dirigir-se a um leitor particular, que já tenha refletido sobre a questão.
- d) realizar uma questão de ordem geral, que possa aumentar o número de leitores do texto.
- e) selecionar um tipo de leitor que tenha interesse pela temática abordada no texto.

RESOLUÇÃO

Analisemos cada uma das letras:

Letra A – ERRADA – A pergunta gera sim uma interação com o leitor do texto, porém a finalidade básica da pergunta não é despertar o interesse e a participação do leitor, mas sim evidenciar a surpresa das pessoas com dois cientistas interessados em pesquisar índios. No pré-julgamento dessas pessoas, isso não teria cabimento.

Letra B – CERTA – O questionamento, como afirmamos, evidencia a surpresa das pessoas com dois cientistas pesquisando índios. A reflexão do autor é de que as pessoas não consideram os índios alvos de interesse relevante para a ciência.

Letra C – ERRADA – A pergunta não se dirige a um leitor específico, mas sim a todos que fazem a leitura.

Letra D – ERRADA – O objetivo principal da pergunta não é levantar a audiência do texto, mas sim promover uma reflexão.

Letra E – ERRADA – O autor, como já afirmamos, não se dirige especificamente a um tipo de leitor.

Resposta: B

53.FGV - Auditor Fiscal de Tributos Estaduais (SEFIN RO)/2018

Tendo em vista o conteúdo do texto, o autor se refere à tarefa do antropólogo como um “exílio” pelo fato de ser essa uma atividade que

- a) afasta o profissional de áreas mais povoadas.
- b) é pouco procurada por estudiosos.
- c) estuda temas de pouco interesse geral.
- d) necessita de tranquilidade e tempo para sua eficiência.
- e) se concentra em temas sobre as sociedades primitivas.

RESOLUÇÃO:

A leitura do texto permite concluir que os cientistas se encontram em áreas afastadas, isoladas. Isso fica bem evidente no trecho *“Naquele mundo sem internet, telefonemas eram impossíveis e cartas ou pacotes demoravam semanas para ir e vir.”*

A própria acepção da palavra “exílio”, associada a refúgio, reforça essa visão: os cientistas estavam isolados, distantes do seu lugar de origem, estudando índios no sul do Pará.

Resposta: A

54. FGV - Auditor Fiscal de Tributos Estaduais (SEFIN RO)/2018

“Na sua mente, éramos bons demais para perdermos tempo com uma atividade tão inútil quanto estúpida”.

No contexto, esse fragmento representa o que pensa(m)

- a) o intermediário da correspondência.
- b) a sociedade em geral.
- c) os antropólogos modernos.
- d) o enunciador do texto.
- e) o autor do texto e seu amigo.

RESOLUÇÃO:

Observe o seguinte trecho:

*Foi quando soubemos que **quem havia se comprometido a cuidar de nossas cartas não acreditava que estávamos "estudando índios". Na sua mente, éramos bons demais para perdermos tempo com uma atividade tão inútil quanto estúpida. Éramos estrangeiros disfarçados** – muito provavelmente americanos – atrás de urânio e outros metais preciosos. **Essa plausível hipótese levou o nosso intermediário ao imperativo de "conferir" a correspondência.** As partes destacadas deixam clara a incredulidade da pessoa responsável por cuidar das correspondências, ou seja, do intermediário da correspondência. Ele não acreditava que dois pesquisadores estivessem "perdendo tempo" estudando índios e, por um momento, pensou que fossem espiões, o que o levou a violar a carta alheia.*

Resposta: A

55.FGV - Auditor Fiscal de Tributos Estaduais (SEFIN RO)/2018

No texto, o "inesperado" é representado

- a) pela seriedade do trabalho dos dois cientistas.
- b) pelo pensamento errado do intermediário.
- c) pelo descrédito geral pelo trabalho dos antropólogos.
- d) pela violação da correspondência dos estudiosos.
- e) pelo trabalho de antropólogos entre índios do Pará.

RESOLUÇÃO:

Questão muito sutil! Difícil!

Vamos lá!

A pergunta que inicia o texto - *Quem não nasceu de novo por causa de um inesperado?* – remete ao episódio de violação da correspondência dos dois cientistas pelo responsável por encaminhar as cartas. Este, não acreditando que dois cientistas estariam "perdendo tempo" estudando índios, aventou a possibilidade de se tratar de espiões ou pessoas com maus propósitos.

A surpresa, ou seja, o "inesperado" referido no texto, diz respeito ao fato de esse intermediário descobrir que realmente os cientistas estavam ali para realizar uma pesquisa. Isso posto, a surpresa foi descobrir que ele estava errado.

A letra A é falsa! A desconfiança do intermediário não era com a seriedade, com a qualidade do trabalho, mas com o trabalho em si. Ele aventou a possibilidade de não se estar fazendo pesquisa, e sim espionagem.

A letra C extrapola, ao afirmar que a desconfiança era geral. Ora, esta parte do emissário apenas, não se podendo afirmar se tratar de uma opinião geral.

A letra D poderia sim gerar dúvidas, pois é plenamente possível que os cientistas tenham se surpreendido com a violação da correspondência. No entanto, o “inesperado” referido no texto diz respeito ao erro de pensamento do intermediário, que descobriu que os cientistas realmente faziam pesquisa, e não outras coisas.

A Letra E também está errada. A surpresa referida no texto não se deve ao fato de haver cientistas entre índios, mas sim ao pensamento errôneo por parte do intermediário, que acreditava em segundas intenções por parte dos estudiosos.

Resposta: B

Texto para as questões 56 a 57

Ao assumir a direção de um carro, o pacato e humilde senhor Andante se transforma no terrível senhor Volante, modelo de arrogância e violência. Protagonizada pelo personagem Pateta, a cena do desenho clássico da Disney (1950) ilustra uma situação comum até hoje no trânsito, onde os motoristas descarregam toda sorte de frustrações. São condutores que não usam as luzes indicadoras de direção (conhecidas como piscas ou setas) nas conversões – e apontam o dedo médio para os pedestres que lhes chamam a atenção por isso –, ou ultrapassam pela direita – inclusive pelo acostamento das rodovias –, ignoram as faixas de pedestres e dirigem veículos com pneus carecas ou amortecedores vencidos. Não por acaso, o fator humano é responsável pela maioria dos acidentes. Dirigir defensivamente é essencial para prevenir os desastres ou pelo menos minimizar suas consequências. De acordo com o professor Adilson Lombardo, especialista em segurança no trânsito, a direção defensiva passa por uma série de comportamentos ligados à inteligência emocional e ao raciocínio lógico. “É preciso avaliar o risco, analisar as possibilidades, reduzir a velocidade perto de escolas ou em dias de chuva, não fazer ultrapassagens perigosas”, ensina. Na prática, são medidas simples, que podem ser resumidas em duas: bom senso e respeito às normas. Para o especialista, um trânsito mais seguro depende do comportamento mais inteligente não apenas do condutor de veículo automotor, mas também do pedestre e do ciclista. Assim como o motorista tem de respeitar a preferência do pedestre na faixa de segurança nos casos em que não há semáforo, o pedestre precisa atravessar na faixa e respeitar a sinalização luminosa, quando houver. Bicicletas, por sua vez, não devem trafegar em pistas exclusivas de ônibus, e cabe ao ciclista usar os equipamentos de segurança obrigatórios, como o capacete. Lombardo lembra que as pessoas costumam transferir muitos de seus comportamentos para o trânsito. “O carro não é uma extensão do corpo”, adverte. “O motorista deve seguir as regras e respeitar o próximo, demonstrando gentileza e educação.”

Adaptado de Gazeta do Povo.com.br. Curitiba, 22/08/2009.

56. FGV - Técnico Tributário (SEFIN RO)/2018

A introdução do texto se refere a uma cena bastante famosa de um desenho animado. A finalidade dessa referência é

- a) procurar despertar a atenção do leitor para o problema grave da segurança no trânsito.
- b) destacar a importância da mídia (cinema) para a discussão do tema-alvo do texto.
- c) introduzir a discussão sobre a influência do fator humano nos acidentes de trânsito.
- d) alertar o leitor para certos problemas psicológicos que interferem na segurança do trânsito.
- e) motivar o leitor para uma leitura do texto, apelando para referências lúdicas e não técnicas.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA – A finalidade da referência é introduzir a discussão de um tema delicado. Não se espera que, com essa referência, o leitor já se conscientize sobre o problema da segurança no trânsito. Essa referência tem como objetivo chamar sua atenção para o texto, despertando nele o interesse pela leitura do seu conteúdo.

Letra B – ERRADA – O destaque é dado ao tema. A referência ao cinema tem o objetivo de despertar o interesse pela leitura do texto.

Letra C – CERTA – A referência à cena do cinema serve sim para introduzir a discussão sobre a influência do fator humano nos acidentes de trânsito. É justamente essa ideia que inicia o segundo parágrafo do texto.

Letra D – ERRADA – O objetivo da referência é despertar a atenção do leitor para o conteúdo do texto, e não já apontar causas específicas.

Letra E – ERRADA – O erro está em considerar essa referência como lúdica, ou seja, divertida. Note que o todo primeiro parágrafo não é de graça, e sim de alerta.

Resposta: C

57. FGV - Técnico Tributário (SEFIN RO)/2018

O final do primeiro parágrafo faz alusão a uma série de transgressões cometidas na direção de veículos. Tais impropriedades são decorrência de diferentes procedimentos.

Assinale a opção em que o procedimento é inadequado à impropriedade.

- a) Não usar as setas indicadoras de conversão / desconsideração pelos demais motoristas.
- b) Não respeitar as faixas de pedestres / desrespeito aos direitos alheios.
- c) Ultrapassar pelo acostamento / desobediência às leis de trânsito.
- d) Apontar o dedo médio para pedestres / considerar-se superior aos demais motoristas.
- e) Dirigir com pneus carecas / descuido com a própria vida.

RESOLUÇÃO

Apontar o dedo médio para pedestres é uma falta de respeito, um gesto deseducado. Faltar com o respeito não necessariamente implica que a pessoa que o faz se considere superior às demais.

Resposta: D

58. FGV - Técnico Judiciário Auxiliar (TJ SC) / 2015

Uma entrevista com Edward Frenkel, um dos maiores pensadores da matemática moderna, mostra o seguinte diálogo pergunta/resposta: Por que tanta gente detesta matemática? Existem vários fatores. A principal razão de grande parte das pessoas não gostar de matemática é porque não sabe do que se trata. Mas pensa que sabe, o que é pior ainda, pois foi apresentada na escola a uma fração minúscula do tema, de forma muito ruim, e ficou com um gosto amargo na

memória. Uma das missões a que me proponho é diminuir o estrago causado pelo sistema de ensino. Seria muito mais fácil se meus leitores nunca tivessem ouvido falar do assunto e eu pudesse explicá-lo partindo do zero.

O matemático fala de "vários fatores" e a progressão de sua resposta mostra que:

- a) todos eles podem ser resumidos em um;
- b) o único fator citado é o mau ensino da disciplina;
- c) todos eles são igualmente importantes;
- d) dois desses fatores são enumerados;
- e) os fatores são enumerados, mas não explicados.

RESOLUÇÃO

Na análise dos itens, é importante identificar os "distratores". Estes são detalhes que tornam o item falso. Quanto mais discreto o distrator, maior é a dificuldade da questão. Você já teve aquela impressão de que "todas as opções estão corretas"? Pois é, não estão não! Há somente uma correta. O problema, meu caro, é que as outras opções trazem distratores bem discretos.

Vamos analisar item a item:

Letra A - ERRADA - O texto não afirma que todos os motivos se resumem a um só. De forma alguma! O que o texto afirma literalmente é que existem vários fatores e que o PRINCIPAL é desconhecimento da real utilidade da matemática.

Existem vários fatores. A principal razão de grande parte das pessoas não gostar de matemática é porque não sabe do que se trata.

Letra B - CERTA - De fato, aponta-se apenas uma razão e, diga-se, a principal: o desconhecimento da real utilidade da matemática.

Atenção!

O aluno pode até se confundir, desmembrando o mesmo problema em dois: *o desconhecimento da real utilidade da matemática e o fato de a escola ensinar mal essa disciplina, apresentando uma visão muito limitada dessa ciência*. Seria um equívoco assim considerar, pois, se analisarmos o texto, esta é apresentada como justificativa para aquele.

Observe:

A principal razão de grande parte das pessoas não gostar de matemática é porque não sabe do que se trata. Mas pensa que sabe, o que é pior ainda (FATO), pois foi apresentada na escola a uma fração minúscula do tema, de forma muito ruim, e ficou com um gosto amargo na memória (JUSTIFICATIVA).

Dessa forma, estamos falando de um problema apenas, e não de dois fatos independentes.

Letra C - ERRADA - Ora, a partir do momento que o autor afirma que a PRINCIPAL razão é o desconhecimento da real utilidade da matemática, estabelece-se uma hierarquização. Esse motivo apresentado é mais importante, portanto, que os outros.

Letra D - ERRADA - Releia a justificativa da letra B. Nela deixamos claro que o texto só apresenta um problema e sua respectiva causa, e não dois problemas.

Letra E - ERRADA - Foi citado um fator e, diga-se o principal: *o desconhecimento da real utilidade da matemática*. Dessa forma, é errado afirmar que nenhum fator foi explicitado.

Resposta: B

59. Técnico Judiciário Auxiliar (TJ SC) / 2015

Prestes a completar 80 anos, Renato Aragão reclama da perseguição ao humor politicamente incorreto, visto hoje como preconceituoso. O humorista, que aniversaria na próxima terça (13) e também comemora 55 anos do personagem Didi em 2015, relembra que na época de Os Trapalhões (1966-1995), negros e gays sabiam que as piadas eram apenas de brincadeira. "Naquela época, essas classes dos feios, dos negros e dos homossexuais, elas não se ofendiam. Elas sabiam que não era para atingir, para sacanear", desabafa. Deduz-se das palavras do texto acima que:

- a) o humor hoje é politicamente incorreto;
- b) os humoristas hoje não conseguem mais fazer piadas;
- c) a sociedade e o humor mudaram;
- d) os negros e os homossexuais são mais ofendidos que os feios;
- e) o humor antigo era construído para atingir as pessoas.

RESOLUÇÃO:

Mais uma questãozinha de interpretação de textos. Devemos tomar o devido cuidado, para que não caiamos nas armadilhas dos distratores (detalhes que passam despercebidos e tornam o item falso).

Vejamos cada uma das alternativas:

Letra A - ERRADO - A partir da citação de Renato Aragão relatando perseguição ao humor politicamente incorreto e atestando que esse tipo de humor é considerado preconceituoso no Brasil, dá-se a entender que não se trata hoje de uma modalidade típica. Dá-se a entender que impera o politicamente correto, sendo perseguidas manifestações que vão de encontro a esse padrão.

Letra B - ERRADO - Não é porque o humor politicamente incorreto tem sido perseguido, que os humoristas estão impedidos de contar piadas. Podem muito bem contar piadas politicamente corretas.

Letra C - CERTO - De fato! Corroborar com essa afirmação a declaração de Renato Aragão: "Naquela época, essas classes dos feios, dos negros e dos homossexuais, elas não se ofendiam. Elas sabiam que não era para atingir, para sacanear". Isso significa uma mudança de paradigmas: o que antes não ofendia agora ofende; o que antes era uma simples brincadeira agora é uma ofensa.

Letra D - ERRADO - Não há elementos no texto que atestem essa afirmação. Observe que no trecho "Naquela época, essas classes dos feios, dos negros e dos homossexuais, elas não se ofendiam. Elas sabiam que não era para atingir, para sacanear" não é possível classificar os negros e homossexuais como mais alvos de ofensa do que os feios.

Letra E - ERRADO - É feita uma generalização equivocada. O humor que atingia com piadas jocosas as pessoas, em especial negros, feios e homossexuais, era o politicamente incorreto. O texto não dá a entender que o humor antigo se resumia a isso, a piadas politicamente incorretas.

Resposta: C

60. FGV - Técnico Judiciário Auxiliar (TJ SC) / 2015

"Aos vinte e oito anos Marcus Goldman viu sua vida se transformar radicalmente. Seu primeiro livro tornou-se um best-seller, ele virou uma celebridade e assinou um contrato milionário para um novo romance. E então foi acometido pela

doença dos escritores. A poucos meses do prazo para a entrega do novo original, pressionado por seu editor e por seu agente, Marcus não consegue escrever nem uma linha." (A verdade sobre o caso Harry Quebert, Jöel Dicker)

Segundo esse pequeno texto da contracapa de um romance, a "doença dos escritores" é:

- a) a vida transformar-se radicalmente;
- b) sua obra de estreia tornar-se um best-seller;
- c) o autor tornar-se uma celebridade;
- d) a pressão dos editores e agentes;
- e) não conseguir produzir nova obra.

RESOLUÇÃO:

Podemos estruturar o texto da seguinte forma:

- 1) A vida de Marcus Goldman mudou radicalmente

porque

- 2) Seu livro vendeu milhões de exemplares.

consequentemente

- 3) Virou uma celebridade

e

- 4) Pegou a "doença dos escritores".

Avaliemos as alternativas:

Letra A - ERRADO - Como esquematizado anteriormente, a "doença dos escritores" é uma consequência da mudança radical de sua vida.

Letra B - ERRADO - Como esquematizado anteriormente, a "doença dos escritores" é uma consequência do sucesso de seu best-seller.

Letra C - ERRADO - Como esquematizado anteriormente, a "doença dos escritores" é uma consequência da súbita celebridade obtida com o sucesso da obra.

Letra D - ERRADO - O trecho "pressionado por seu editor e por seu agente" estabelece uma relação de oposição concessiva com "não consegue escrever uma linha" (*Mesmo pressionado por seu editor e por seu agente, não consegue escrever uma linha.*). Dessa forma, essa pressão não é a "doença", mas sim o esforço por parte dos editores em cobrar o cumprimento do prazo de entrega.

Letra E - CERTO - De fato, essa "doença" consiste nessa paralisia na produção de novas obras, depois de um estupendo sucesso. Obviamente, o vocábulo "doença" não deve ser tomado no sentido literal - associado a uma patologia -, mas sim a uma dificuldade natural de empreender um sucesso logo depois de outro.

Resposta: E

61. FGV - Técnico Judiciário Auxiliar (TJ SC) / 2015

Uma das charges publicadas sobre os atentados terroristas ocorridos em Paris, em janeiro de 2015, mostra o seguinte:



A afirmação que NÃO está de acordo com a imagem da charge é:

- a) a expressão "a mão do criador" mostra duplicidade de sentido;
- b) a imagem do lápis faz referência à profissão de chargista da grande parte das vítimas dos atentados;

- c) a borracha mostra o direito de interferência do criador com a obra criada;
- d) o apagamento da cabeça do terrorista marca o início de uma obra que irá apagar todo o seu corpo, representando o fim do terrorismo;
- e) a imagem traz em si mesma um protesto de chargistas contra a morte de colegas profissionais.

RESOLUÇÃO:

Ótima questão de interpretação textual, bem ao estilo FGV.

Quem estiver se preparando para provas dessa banca, deve treinar bastante esse estilo de questão, baseada na interpretação de charges e tirinhas.

Vale a pena relembrar o fato mencionado no enunciado da questão: o assassinato de cartunistas do jornal satírico francês Charlie Hebdo.

Analisemos no detalhe cada um dos itens apresentados:

Letra A - CERTO - É possível sim associar uma duplicidade de sentido. O citado "criador" pode ser uma referência ao "Criador" com "C" maiúsculo, de poder divino, que julgará o ato do terrorista no pós-vida; também pode ser uma referência à classe dos cartunistas, em especial aqueles que criaram as charges que serviram de pretexto para o triste atentado ao Charlie Hebdo. Nas duas interpretações, é possível perceber um sentimento de protesto e vingança por parte do elaborador da charge, simbolizado no "apagamento" da cabeça do terrorista. Esse "apagar" da cabeça muito provavelmente faz menção irônica às decapitações de prisioneiros tão comumente protagonizadas pelos fanáticos religiosos, em especial referência aos do Estado Islâmico.

Letra B - CERTO - Sem dúvida. O lápis e a borracha são instrumentos de trabalho dos profissionais cartunistas. O lápis simboliza a criação e a borracha, a destruição do personagem, com forma de protesto e vingança.

Letra C - CERTO - De fato, a borracha simboliza o protesto contra a morte dos cartunistas, atestando a autonomia que estes têm de criar e alterar suas obras. Além disso, faz uma sutil referência irônica às decapitações de prisioneiros praticadas pelos terroristas do Estado Islâmico.

Letra D - ERRADO - Não há subsídios suficientes que assegurem que todo o personagem será apagado. Num primeiro momento, fica a sensação de que o apagar da cabeça é uma sutil ironia que faz alusão às decapitações de prisioneiros pelos terroristas, em especial os do Estado Islâmico. Além disso, associar essa charge ao fim do terrorismo é precipitado. É muito mais uma reação de protesto do que a constatação de que esses atos terão seu fim decretado.

Letra E - CERTO - A letra E é justificada com base nas conclusões já expostas nos itens anteriores.

Resposta: D

Texto para as questões 62 a 63

Estragou a televisão!!!

Luís Fernando Veríssimo

— Iiih...

— E agora?

— Vamos ter que conversar.

- Vamos ter que o quê?
- Conversar. É quando um fala com o outro.
- Fala o quê? — Qualquer coisa. Bobagem.
- Perder tempo com bobagem?
- E a televisão, o que é?
- Sim, mas aí é a bobagem dos outros. A gente só assiste. Um falar com o outro, assim, ao vivo... Sei não... — Vamos ter que improvisar nossa própria bobagem.

62. FGV - Técnico de Nível Superior (SSP AM) / 2015

A frase do texto que NÃO contém uma crítica implícita à televisão é:

- a) lliih...
- b) Vamos ter que o quê?
- c) Fala o quê?
- d) E a televisão, o que é?
- e) Vamos ter que improvisar nossa própria bobagem.

RESOLUÇÃO:

Questão excelente!

Vamos interpretar item a item:

Letra A - Note que o título do texto dialoga com o seu conteúdo. Sim, a reação "lliih" se dá devido ao fato de a televisão ter "pifado", "estragado". Portanto, ainda não encontramos aqui uma crítica velada (implícita), mas sim uma reação de preocupação devido à quebra da TV.

Letra B - Há sim uma crítica à televisão com essa frase. A pergunta "Vamos ter que o quê?" evidencia espanto com a possibilidade de "conversar", dando a entender que a televisão dificulta a conversa entre as pessoas, tornando esse hábito algo raro.

Letra C - Há sim uma crítica à televisão com essa frase. A pergunta "Falar o quê?" evidencia a falta do hábito da conversa entre as pessoas, resultado da distração trazida pela televisão. Dá a entender que, com a televisão, não havia necessidade de conversar. Agora, com a televisão danificada, surge a oportunidade, mas não se sabe sobre o que falar.

Letra D - Há sim uma crítica à televisão com essa frase. A pergunta "E a televisão, o que é?" dá a entender claramente que a televisão é uma bobagem. Isso fica claro com fala anterior: "Perder tempo com bobagem?". Em outras palavras, as pessoas perdem tempo com as bobagens da televisão.

Letra E - Há sim uma crítica à televisão com essa frase. A afirmação "Vamos ter que improvisar nossa própria bobagem." dá a entender que, sem as bobagens da televisão, há a necessidade de as pessoas, por si só, criarem suas próprias bobagens. Em outras palavras, bobagens são veiculadas pela TV.

Resposta: Letra A

63. FGV - Técnico de Nível Superior (SSP AM) / 2015

A pergunta do texto que NÃO mostra uma resposta no texto é:

- a) E agora?
- b) Vamos ter que o quê?
- c) Fala o quê?
- d) Perder tempo com bobagem?
- e) E a televisão, o que é?

RESOLUÇÃO

Letra A - A pergunta "E agora?" já é respondida na fala seguinte: "Vamos ter que conversar.". O primeiro falante, ao fazer a pergunta, quis dizer: "E o que vamos fazer agora que a televisão estragou?". E a resposta foi "Vamos ter que conversar."

Letra B - A pergunta "Vamos ter que o quê?" já é respondida na fala seguinte: "Conversar. É quando um fala com o outro.". Obviamente, a resposta não foi satisfatória, mas foi uma.

Letra C - A pergunta "Fala o quê?" já é respondida na fala seguinte: "Qualquer coisa. Bobagem."

Letra D - A pergunta "Perder tempo com bobagem?" não é respondida diretamente no texto. O segundo falante faz na sequência uma outra pergunta: "E a televisão, o que é?". É necessário dizer que se trata de uma pergunta retórica, de cujo conteúdo se pode subter uma resposta. Quando o falante pergunta "E a televisão, o que é?", dá a entender que sua resposta é: "Sim, vamos perder tempo com bobagem, assim como o fazemos quando assistimos aos programas de televisão.". O enunciado deixa claro que quer uma opção que MOSTRE a resposta, ou seja, que explicita uma, e não que a deixe subterida.

Letra E - A pergunta "E a televisão, o que é?" já é respondida na fala seguinte: "Sim, mas aí é a bobagem dos outros.". Quando o primeiro falante faz a pergunta, ele quer dizer que "A televisão também é bobagem.". Quando o segundo falante responde, ele quer dizer "Sim, de acordo. A televisão é bobagem, mas essa bobagem é produzida por outros, e não por nós."

Resposta: Letra D

64. FGV - TCE/SE - 2015

"Quatro argumentos para acabar com a televisão" – Jerry Mander

Este livro é o primeiro a sustentar que a televisão não pode ser melhorada. Os problemas da televisão inerentes à própria tecnologia são tão perigosos – para a saúde física e mental para o meio ambiente e para a evolução democrática – que este instrumento de massas deveria ser eliminado. Associando as suas experiências pessoais a uma investigação metódica e inédita, o autor aborda aspectos da televisão raramente examinados e que nunca antes dele tinham sido relacionados. A ideia de que todas as tecnologias são "neutras" e constituem instrumentos benignos que podem ser utilizados bem ou mal é assim abertamente posta em causa nesta obra. Falar numa reforma da televisão segundo o autor é tão «absurdo como falar da reforma numa tecnologia como a do armamento».

O texto defende a tese de que a televisão não pode ser melhorada; para sustentar esse ponto de vista o autor do livro citado apela predominantemente para:

- a) opiniões pessoais ligadas à sua experiência e investigação;
- b) depoimentos técnicos sobre a própria tecnologia;
- c) a refutação de opiniões alheias;
- d) a discussão de pontos nevrálgicos;
- e) a credibilidade de autoridades do setor.

RESOLUÇÃO:

Trata-se de um texto argumentativo, que procura chamar atenção do leitor para um posicionamento acerca de um assunto.

No caso, o autor defende uma tese (*ponto de vista*) de que a televisão não pode ser melhorada.

Para isso, esse se utiliza de algumas estratégias argumentativas, ou, em outras palavras, de procedimentos para guiar o leitor para o posicionamento defendido.

Não são utilizados no texto depoimentos (relatos) técnicos nem referências a autoridades do setor como estratégia de persuasão, o que torna inválidos os itens B e E. Além disso, não há ainda no trecho selecionado um detalhamento do problema, com a citação dos pontos considerados nevrálgicos (importantes). Há apenas uma referência genérica a uma abordagem metódica e inédita até então, porém não ocorre no trecho detalhamento ou discussão do que viriam a ser essas questões. Isso invalida, dessa forma, a letra D.

Ficamos entre a letra A e a letra C.

Note que o enunciado da questão pede para que identifiquemos o recurso **PREDOMINANTE**.

Ora, é refutada (posta em causa) no texto a opinião tomada como sendo comum de que "*todas as tecnologias são "neutras" e constituem instrumentos benígnos que podem ser utilizados bem ou mal*".

No entanto, o apelo (destaque) maior presente no texto está associado ao protagonismo e ineditismo das ideias do autor. Isso fica bem evidente em duas passagens do texto: "*Este livro é o primeiro a sustentar que a televisão não pode ser melhorada*" e "*Associando as suas **experiências pessoais a uma investigação metódica e inédita**, o autor aborda aspectos da televisão raramente examinados e que **nunca antes dele tinham sido relacionados***".

Assim, a maior ênfase está na experiência do autor e no ineditismo de sua tese, e não na refutação do senso comum.

Resposta: Letra A

65. FGV - TCE/SE - 2015

Texto 3 – Normose, um distúrbio da vida moderna

A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas. O pânico e a depressão são duas delas, assim como a normose. A última é uma "prima" menos conhecida e, por isso mesmo, menos identificada, segundo especialistas. "Ela (normose) surge quando o sistema no qual nós existimos encontra-se predominantemente doente, desequilibrado, corrompido, e quando predomina a violência, a competição e o egocentrismo. Uma pessoa adaptada a esse sistema está doente", explica o eminente psicólogo e antropólogo Roberto Crema, um dos especialistas do assunto no Brasil.

Pode-se inferir do segmento "A sociedade moderna, com o corre-corre, a falta de tempo para o cuidado espiritual e o imediatismo fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas" que:

- a) algumas doenças psicossomáticas são originadas do descuido geral com a saúde, por falta de tempo e dinheiro;
- b) o corre-corre da vida moderna é a causa do distanciamento do espiritual e do imediatismo; c) atualmente há mais possibilidade do desenvolvimento de doenças psicossomáticas do que anteriormente;
- d) a falta de cuidado espiritual traz como consequência o relaxamento com os valores materiais; e) as doenças psicossomáticas surgiram a partir das atribulações da vida moderna.

RESOLUÇÃO:

Questão muito boa! Trata-se de interpretação textual focada na identificação das corretas inferências (deduções).

Analisemos as opções:

Letra A - ERRADO - Houve uma extrapolação das informações contidas no texto, pois não se identifica a **falta de cuidado geral com a saúde** e a **falta de dinheiro** como causas de algumas doenças psicossomáticas. Note que as causas apresentadas são "o corre-corre" (que até pode insinuar a ideia de "falta de tempo"), "a falta de tempo para o cuidado espiritual" (que está bem distante de descuido geral com a saúde) e o imediatismo (que está mais associado à ansiedade).

Letra B - ERRADO - Na verdade, o "corre-corre" é, juntamente com "distanciamento do espiritual" e "imediatismo", causa para algumas doenças psicossomáticas. Não existe, assim, uma relação de subordinação entre esses três termos citados. Eles são simplesmente causas de um determinado problema, constituindo, dessa forma, termos coordenados entre si.

Letra C - CERTO - De fato, quando o texto afirma que "a sociedade moderna ... fez com que as pessoas desenvolvessem com mais facilidade algumas doenças psicossomáticas", dá-se a entender que atualmente é mais fácil um indivíduo contrair uma doença psicossomática, ou seja, a probabilidade hoje é maior que outrora.

Letra D - ERRADO - Houve novamente uma extrapolação. O que é possível assegurar é que a falta de cuidado espiritual pode desencadear algumas doenças psicossomáticas, caracterizadas, muitas vezes, por manifestações violentas e egocêntricas. Dessa forma, o que se insinua é justamente o contrário: ocorre um apego maior a valores materiais, e um desapego com o cuidado espiritual.

Letra E - ERRADO - A generalização é que torna o item errado. No trecho em destaque, fala-se que as doenças psicossomáticas passaram a se desenvolver mais facilmente devido às atribulações da vida moderna. Ora, se elas passaram a se desenvolver mais facilmente, é porque já se desenvolviam antes, porém com mais dificuldades. Isso posto, é errado afirmar que o surgimento dessas doenças se deu com a sociedade moderna.

Resposta: Letra C

Questões Comentadas

Leia o texto para responder às questões 01 e 02 .

Nos anos 30, milhões de americanos foram atingidos pelos efeitos calamitosos da Grande Depressão — e não foi diferente com Napoleon Hill (1883-1970). Empreendedor que saltava de galho em galho, e naquela altura tentava a sorte como escritor, ele sobrevivia do socorro financeiro da família da esposa — isso, até o divórcio arrastá-lo ao fundo do poço. Mas Hill encontrou uma forma de dar a volta por cima: se ele não podia lutar contra a ruína econômica, por que não lucrar com ela? Com base em seu próprio desalento, escreveu o que viria a ser seu maior sucesso, *Quem Pensa Enriquece* (1937). Hoje com 120 milhões de cópias vendidas, a obra foi pioneira em explorar uma premissa básica do aconselhamento motivacional: com determinação e pensamentos positivos, qualquer um pode vencer na vida.

Que a literatura de Hill tenha conservado seu apelo ao longo das décadas não chega a ser surpresa. Ele foi, afinal, um dos inventores da autoajuda moderna. Não deixa de ser uma ironia, contudo, seu súbito empoderamento no Brasil da pandemia, da crise econômica e da polarização tóxica. Mais Esperto que o Diabo, livro que o americano fez em 1938 e ganhou edição no Brasil em 2014, atropelou o mercado editorial no ano passado. Isso mesmo: a obra de autoajuda dos anos 30 foi o livro mais vendido do país em 2020, com 234.000 cópias comercializadas.

A ascensão do título coroou um movimento que se delineava desde 2019, quando o líder do ranking foi *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas* (1936), de Dale Carnegie (1888-1955) — outro autor que fez fama à sombra da Grande Depressão. “Vivemos um período de medo, o que aumentou a busca por livros de superação”, diz o editor Marcial Conte Jr. Inebriado pela obra de Hill, Conte Jr. largou o ramo farmacêutico para se dedicar ao editorial e, junto de outros empresários, criou a Citadel, casa de *Mais Esperto que o Diabo*.

Hill escreveu a obra em 1938, na esteira de *Quem Pensa Enriquece*. O livro, contudo, foi engavetado por veto de dona Annie Lou, última das cinco esposas do autor, por questões religiosas. Além da menção ao dito-cujo no título, o manual é todo construído em torno de uma fictícia entrevista entre o autor e o diabo — que exige ser chamado de “Sua Majestade”. Hill usa a metáfora demoníaca para denunciar os pensamentos negativos como fonte insidiosa de toda infelicidade. Essa pérola só seria publicada pela primeira vez nos Estados Unidos em 2011.

(Raquel Carneiro, *O pai da autoajuda*. Veja, 27-01-2021)

1. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

É correto afirmar que o texto, de natureza

- a) científica, tem caráter explicativo e emprega expressões em sentido figurado, tais como “lutar contra a ruína econômica” e “sobrevivia do socorro financeiro da família da esposa”
- b) polêmica, tem caráter argumentativo e emprega expressões em sentido próprio, tais como “premissa básica do aconselhamento motivacional” e “Essa pérola só seria publicada pela primeira vez nos Estados Unidos em 2011.”
- c) jornalística, tem caráter informativo e emprega expressões em sentido figurado, tais como “saltava de galho em galho” e “dar a volta por cima”.
- d) religiosa, tem caráter doutrinador e emprega expressões em sentido figurado, tais como “foi engavetado por veto de dona Annie Lou” e “uma fictícia entrevista entre o autor e o diabo”.
- e) opinativa, tem caráter educativo e emprega expressões em sentido próprio, tais como “autor que fez fama à sombra da Grande Depressão” e “atropelou o mercado editorial”.

RESOLUÇÃO

Trata-se de um texto meramente informativo. Não há uma opinião emanada pelo autor.

Dessa forma, o texto tem natureza jornalística, o que não o impede de utilizar termos em linguagem figurada.

Resposta: C

2. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

Tratando de um livro escrito em 1938, a matéria de Veja destaca

- a) o empreendimento editorial mais bem sucedido de 2020 e sua relação com os insucessos do mercado livreiro.
- b) a relação entre a obra de Dale Carnegie e os eventos que antecederam a Grande Depressão nos Estados Unidos.
- c) o sucesso editorial, nos dias atuais, de Quem Pensa Enriquece, graças à reedição pela Citadel.
- d) a necessidade de superar obstáculos nos momentos de dificuldade e a falta de obras de autoajuda no Brasil.
- e) a reapropriação, hoje, de um tema que desperta interesse por estar associado a períodos de crise.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Não é possível afirmar que foi o empreendimento mais bem sucedido de 2020.

ALTERNATIVA B – ERRADA – O foco do texto é a obra Quem Pensa Enriquece.

ALTERNATIVA C – ERRADA – É uma extrapolação. Não se pode afirmar que o sucesso se deveu à reedição.

ALTERNATIVA D – ERRADA – Segundo o texto, não faltam obras de autoajuda.

ALTERNATIVA E – CERTA – Exato! A obra de 1938 ainda é atual em 2021.

Resposta: E

Leia a tira e responda à questão 03



3. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

Tendo em vista a fala de Armandinho, é correto afirmar que o efeito de sentido da tira consiste em

- a) corroborar a visão preconceituosa acerca das responsabilidades femininas de cuidar dos filhos.
- b) corroborar o senso comum segundo o qual há brinquedos que são, na prática, exclusividade de meninas
- c) tecer uma crítica implícita ao estereótipo que considera que cuidar dos filhos é tarefa feminina.
- d) tecer uma crítica explícita ao comportamento infantil de levar boneca a passear, como se fosse um bebê.
- e) tecer um comentário pertinente acerca de certos hábitos infantis que devem ser vigiados pelos pais.

RESOLUÇÃO

A tirinha não corrobora (valida) a visão de que existem brinquedos exclusivos de meninas, nem de que cuidar dos filhos é uma tarefa exclusivamente feminina.

Com a fala de Armandinho, há no texto uma crítica implícita ao comportamento daqueles que acham inadequado o homem exercer determinadas funções, como cuidar do filho, cozinhar, etc.

Resposta: C

Leia o texto, para responder às questões 04 e 05.

É conceito da moda. Usam em encontros motivadores. Na Física, é a volta à forma original após uma deformação. O termo se origina da capacidade de ricochetear, de saltar novamente. Por extensão, usamos para falar de quem sofre pressão e consegue manter seus objetivos.

Uma pessoa resiliente ideal teria três camadas. Na primeira, suporta: recebe o golpe sem desabar. Ouve a crítica e não “desaba”, vive a frustração sem descontrole, experiencia a dor e continua de pé. A primeira etapa da resiliência é administrar o golpe, o revés, o erro, a decepção. O tipo ideal que estamos tratando sabe a extensão da dor, mas se considera (ou é de fato) mais forte do que as ondas das adversidades.

O segundo estágio é a recuperação/aprendizagem. Combinam-se os dois conceitos. Sinto o golpe, não desmonto (fase um) e ainda recupero a posição anterior ao golpe com o acréscimo de algo novo. Toda dor contém sua lição. Ninguém duvida disso. O resiliente consegue aprender com o golpe sentido.

O terceiro momento do modelo perfeito é a ressignificação da estratégia e da consciência a partir do aprendizado. O tipo aqui descrito nunca se vitimiza, mesmo se for a vítima. Não existe lamúria ou sofrimento para o mundo. A dor existe, foi sentida, houve reação com aprendizado e dele surgiu um novo ser, mais forte e mais sábio.

É bom descrever tipos perfeitos. Quase sempre são inexistentes. São como a biografia de santos medievais: sem falha, diamantes sem jaça; modelos e, como tal, inatingíveis. Existe um propósito didático de mostrar a perfeição para nós que chafurdamos no lodo da existência banal. Todos temos graus variados de resiliência diante da vida. Ninguém é o tipo ideal. Uma coisa não invalida a outra.

Como narrativa de santos, o modelo perfeito serve como para indicar o ponto no qual não me encontro, porém devo reagir para alcançá-lo. Sempre é bom ser resiliente e todos os palestrantes e livros têm razão: sem resiliência em algum grau, épico ou homeopático, é impossível enfrentar o mundo.

O conto extraordinário de Kafka, Um Artista da Fome, fala de um homem com extrema resiliência para aguentar jejuns prolongados. Era um herói! Ao final, emitiu a verdade surpreendente. Ele não era um homem de vontade férrea, apenas nunca havia encontrado um prato que... o seduzisse realmente. Seu paladar nunca fora tentado. Creio ser a receita geral da resiliência: a serenidade diante das coisas que, na verdade, não nos atingiram. Esperança ajuda sempre.

(Leandro Karnal. Os heróis da resiliência. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br>. Acesso em 20.01.2021. Adaptado)

4. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

No último parágrafo, o episódio do conto de Kafka é usado pelo autor como

- a) exemplo das qualidades do homem resiliente, capaz de não se deixar abater diante da fome.
- b) modelo de comportamento a ser adotado ante as dificuldades que se interpõem no caminho.
- c) relato motivador para o leitor, incitando-o a buscar forças para vencer as tentações a que é submetido.

- d) interpretação do conceito da Física quando aplicado a situações concretas, independentemente de idealizações.
- e) ilustração bem-humorada, para expressar ponto de vista que desconstrói o tipo resiliente ideal.

RESOLUÇÃO

O indiano que jejuava por longos períodos era tido como um herói, um homem de vontade férrea. No contexto lido, a visão a ele associada estava ligada ao modelo ideal de ser resiliente.

No entanto, essa visão é desfeita com sua resposta surpreendente, que guarda um tom de humor: ele não era um ser extremamente resiliente a ponto de jejuar por longos períodos; era sim um homem que, nas palavras dele, nunca havia sido tentado por um prato.

O autor do texto define nos parágrafos anteriores um modelo ideal de resiliência e constata que esse padrão não existe na íntegra no cotidiano. Com o episódio do conto de Kafka, ele desfaz essa descrição ideal de resiliência e apresenta algo mais concreto: resiliência é a serenidade diante das coisas que, na verdade, não foram capazes de nos atingir.

Resposta: E

5. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

É correto afirmar que, no texto, a descrição da pessoa resiliente

- a) cria a imagem de um ser que atingiu a perfeição, graças à dedicação aos ensinamentos de livros e palestras.
- b) retrata um ser em desenvolvimento, que deve vencer as resistências que ele próprio se impôs.
- c) projeta um tipo idealizado, dotado de qualidades a serem buscadas no enfrentamento da realidade.
- d) representa o que cada um de nós é na realidade, apesar da impossibilidade de lutar para vencer as adversidades.
- e) simboliza todos os que querem abandonar uma vida banal para dedicar-se a vencer na vida.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Extrapola o item quando afirma que a perfeição foi atingida devido ao ensinamento de livros e palestras. Essa ideia de causa não está presente no texto.

ALTERNATIVA B – ERRADA – A descrição apresentada é de um tipo perfeito. Além disso, o resiliente deve superar as adversidades, e não vencer resistência que ele próprio se impôs.

ALTERNATIVA C – CERTA – De fato! A descrição é de um ser perfeito, idealizado. Embora esse modelo não exista na realidade, é com base nele que o indivíduo constata em que estágio não se encontra e busca, assim, alcançá-lo.

ALTERNATIVA D – ERRADA – O modelo descrito no texto é idealizado, perfeito, e não corresponde à realidade. No entanto, ele serve de referência para o indivíduo que busca a resiliência.

ALTERNATIVA E – ERRADA – Como dito, o modelo descrito de resiliência ideal não existe na prática.

Resposta: C

Texto para as questões 06 a 07

Será uma boa ideia ter armas que definem seus alvos e disparam os gatilhos automaticamente? Um robô capaz de selecionar contratados em uma empresa seria confiável? Como garantir que a tecnologia faça bem ao ser humano? Essas são algumas perguntas presentes no debate ético em torno da IA (inteligência artificial). O crescimento da área é acelerado e muitas vezes incorre em aplicações questionáveis.

Diversos países correm para dominar a tecnologia visando benefícios comerciais e militares. Para isso, criam políticas nacionais a fim de fomentar a pesquisa e a criação de empresas especializadas na área. EUA, China e União Europeia são destaques nesse mundo.

O caso chinês é o mais emblemático, com startups sendo incentivadas a desenvolver sistemas sofisticados de reconhecimento facial. O governo usa a tecnologia para rastrear algumas minorias, como os uigures, população majoritariamente muçulmana. Câmeras nas ruas e aplicativos nos celulares monitoram os passos dos cidadãos. A justificativa chinesa é pautada na segurança nacional: o objetivo é coibir ataques extremistas. O sistema de vigilância já foi vendido a governos na África, como o do Zimbábue.

A discussão sobre ética no ocidente tenta impor limites à inteligência artificial para tentar impedir que a coisa fuja do controle. Outras ferramentas poderosas já precisaram do mesmo tratamento. A bioética, que ajuda a estabelecer as regras para pesquisas em áreas como a genética, é frequentemente citada como exemplo a ser seguido. Uma boa forma de lidar com os riscos de grandes avanços sem impedir o progresso da ciência é por meio de consensos de especialistas, em congressos. Eles podem suspender alguma atividade no mundo todo por um período determinado – uma moratória – para retomar a discussão no futuro, com a tecnologia mais avançada.

Essa ideia de pé no freio aparece na inteligência artificial. Um rascunho de documento da União Europeia obtido pelo site “Político”, em janeiro, mostra que o grupo considera banir o reconhecimento facial em áreas públicas por um período de três a cinco anos. Nesse tempo, regras mais robustas devem ser criadas.

(Raphael Hernandez. Inteligência artificial enfrenta questões éticas para ter evolução responsável. Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br>. Acesso em: 25.02.2020. Adaptado)

6. VUNESP – Analista de Redes (TJM SP)/2021

No conjunto de argumentos do texto, as referências às aplicações da IA na China são apresentadas como

- a) dados objetivos que explicam a importância da IA para o progresso das nações.
- b) ações do poder público para garantir a liberdade de ir e vir dos cidadãos.
- c) exemplos que justificam a necessidade de debates éticos sobre essa tecnologia.
- d) medidas efetivas de relações comerciais entre os países por meio da IA.
- e) casos bem-sucedidos de integração de ações, para debates em congressos.

RESOLUÇÃO

O exemplo chinês apresentado no texto, que utiliza IA no reconhecimento facial de minorias, gera preocupações quanto aos limites éticos dessa tecnologia. É o que se afirma na letra C.

As letras A, B e E são falsas, pois citam aspectos positivos que não estão relacionados ao caso chinês. Já a letra D também é falsa, pois o caso chinês não diz respeito a relações comerciais.

Resposta: C

7. VUNESP – Analista de Redes (TJM SP)/2021

A associação, no texto, entre o uso da IA e a bioética está fundamentada na ideia de

- a) expansão de pesquisas, na expectativa de novas aplicações.
- b) troca de experiências, com perspectiva de compartilhamento de dados.
- c) limitação de controle estatal, garantindo a independência da pesquisa.
- d) verificação das bases científicas da IA, como medida de segurança.
- e) restrição de atividades, com objetivo de revisão e regramento.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – O que ensejou os debates acerca do uso da IA e sua relação com a bioética foi a falta de regramento e limites, que podem resultar em danos à privacidade e à liberdade.

ALTERNATIVA B - ERRADA – O debate visa a reger as pesquisas envolvendo IA, e não simplesmente a obter dados.

ALTERNATIVA C - ERRADA – O problema que ensejou o debate não está relacionado à independência das pesquisas, mas sim na necessidade de regramento destas.

ALTERNATIVA D – ERRADA - O problema que ensejou o debate não está relacionado à fundamentação científica das pesquisas, mas sim na necessidade de regramento destas.

ALTERNATIVA E – CERTA – Como citado anteriormente, o debate visa a estabelecer limites e regramentos para as pesquisas envolvendo IA.

Resposta: E

Texto para as questões 08 a 09**Redes antissociais**

Para além do hábito, as redes sociais se transformaram em paixão. Toda paixão nos torna cegos, incapazes de ver o que nos cerca com bom senso, para não dizer lógica e racionalidade. Nesse momento de nossa experiência com as redes sociais, convém prestar atenção no seu caráter antissocial e psicopatológico. Ele é cada vez mais evidente.

O que estava escondido, aquilo que ficava oculto nas microrrelações, no âmbito das casas e das famílias, digamos que a neurose particular de cada um, tornou-se público. O termo neurose tem um caráter genérico e serve para apontar algum sofrimento psíquico. Há níveis de sofrimento e suportabilidade por parte das pessoas. Buscar apoio psicológico para amenizar neuroses faz parte do histórico de todas as linhagens da medicina ao longo do tempo. Ela encontra nas redes sociais o seu lugar, pois toda neurose é um distúrbio que envolve algum aspecto relacional. As nossas neuroses têm, inevitavelmente, relação com o que somos em relação a outros. Assim como é o outro que nos perturba na neurose, é também ele que pode nos curar. Contudo, há muita neurose não tratada e ela também procura seu lugar.

A rede social poderia ter se tornado um lugar terapêutico para acolher as neuroses? Nesse sentido, poderia ser um lugar de apoio, um lugar que trouxesse alento e desenvolvimento emocional? Nas redes sociais, trata-se de convívios em grupo. Poderíamos pensar nelas no sentido potencial de terapias de grupo que fizessem bem a quem delas participa; no entanto, as redes sociais parecem mais favorecer uma espécie de “enlouquecimento coletivo”. Nesse sentido, o caráter antissocial das redes precisa ser analisado.

(Cult, junho de 2019)

Leia a charge.



(Chargista Lute. <https://www.hojeemdia.com.br>)

8. VUNESP – Agente Fiscal de Tributário (Prefeitura de Campinas)/2019

A partir da leitura do texto e da charge, é correto afirmar que

- a) as pessoas têm buscado apoio psicológico nas redes sociais.
- b) as relações pessoais e familiares se fortalecem nas redes sociais.
- c) as redes sociais têm promovido certo enlouquecimento coletivo.
- d) as redes sociais são lugares terapêuticos para acolher as neuroses.
- e) as pessoas vivem confusas e desagregadas sem as redes sociais.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Note que, na charge, a pessoa não encontra apoio psicológico nas redes sociais. Ao contrário, sua loucura se potencializa com a utilização dessas mídias.

ALTERNATIVA B – ERRADA – Ao contrário, as relações pessoais e familiares ficam comprometidas.

ALTERNATIVA C – CERTA – É o que fica bem explícito na caracterização do personagem “prisioneiro” das redes sociais.

ALTERNATIVA D – ERRADA – As redes sociais não são caracterizadas como terapêuticas, de acordo com a charge. Na verdade, são tidas como palco para manifestação de neuroses.

ALTERNATIVA E – ERRADA – O correto seria dizer que as pessoas vivem confusas e desagregadas com as redes sociais.

Resposta: C

9. VUNESP – Agente Fiscal de Tributário (Prefeitura de Campinas)/2019

De acordo com o texto, a experiência vivida com as redes sociais permite que

- a) as pessoas as usem com cautela, uma vez que é de conhecimento geral o mal que elas podem causar.
- b) as contradições de personalidade humana se evidenciem, já que não existe forma de tratar as neuroses.
- c) as muitas linhagens da medicina encontrem nelas uma forma de amenizar os conflitos humanos familiares.
- d) as neuroses sejam tratadas cada vez mais de forma eficiente no meio digital, graças ao aspecto relacional.
- e) as neuroses nelas se instalem, manifestando o que ficava escondido no âmbito das relações em geral.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Segundo o autor, as redes sociais se tornaram uma paixão, figura que não combina com a ideia de cautela. Além disso, afirma o texto que nos tornamos cegos. Isso não combina com a afirmação de que é de conhecimento geral o mal que as redes sociais provocam.

ALTERNATIVA B – ERRADA – Ao citar que “há muita neurose não tratada”, o autor dá a entender existem neuroses que são tratadas.

ALTERNATIVA C – ERRADA – Trata-se de uma extrapolação. O que se afirma no texto é que as várias linhagens da Medicina buscam, ao longo do tempo, maneiras de amenizar as neuroses.

ALTERNATIVA D – ERRADA – Segundo o autor, as redes sociais mais favorecem um “enlouquecimento coletivo” do que uma terapia em grupo.

ALTERNATIVA E – CERTA – É a reprodução com outras palavras do que está dito em “O que estava escondido, aquilo que ficava oculto nas microrrelações, no âmbito das casas e das famílias, digamos que a neurose particular de cada um, tornou-se público”.

Resposta: E

10. VUNESP – Inspetor Fiscal de Tributário (Prefeitura de Guarulhos)/2019

A arte mostra-se presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. Sem dúvida, ela pode ser considerada como sendo uma necessidade de expressão do ser humano, surgindo como fruto da relação homem/mundo. Por meio da arte a humanidade expressa suas necessidades, crenças, desejos, sonhos. Todos têm uma história, que pode ser individual ou coletiva. As representações artísticas nos oferecem elementos que facilitam a compreensão da história dos povos em cada período.

(Rosane K. Biesdorf e Marli F. Wandscheer. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. Itinerarius reflectionis.)

De acordo com o texto, a arte caracteriza-se como

- a) a maneira de o homem fugir à realidade refugiando-se em um passado glorioso.
- b) um documento de produção coletiva com o fim de registrar objetivamente a história.
- c) um meio de expressão que revela como o homem vive ao longo da história.
- d) uma linguagem universal, que anula as diferenças entre os povos de cada período.

- e) o principal modo de uma geração acessar registros históricos da geração que a antecede.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Em nenhum momento se fala em fuga da realidade, mas sim de busca de registros que permitam compreender a história da humanidade.

ALTERNATIVA B – ERRADA – Não se trata de uma reprodução objetiva, haja vista que a história nela contada pode ser coletiva ou individual, o que abre espaço para subjetivismos.

ALTERNATIVA C – CERTA – De fato! A arte facilita a compreensão da história dos povos ao longo da história, como bem afirma o texto.

ALTERNATIVA D – ERRADA – Ocorre uma extrapolação. Em nenhum momento se diz que a arte é uma linguagem universal.

ALTERNATIVA E – ERRADA – Outra extrapolação. Não se trata do principal modo, mas de um meio para entender a história dos povos, não se restringindo ao conhecimento da geração anterior pela seguinte.

Resposta: C

11.VUNESP – Inspetor Fiscal de Tributário (Prefeitura de Guarulhos)/2019



(Charles M. Schulz. Minduim. O Estado de S. Paulo, 29.03.2018.

<http://cultura.estadao.com.br>)

Considerando a organização do conteúdo nos balões de cada quadrinho, pode-se afirmar que no segundo, no terceiro e no quarto quadrinhos são expressos, respectivamente,

a) um projeto, uma reprovação e uma reclamação.

- b) uma indagação, uma recordação e um gracejo.
- c) um ideal, um alerta e um lamento.
- d) um desejo, uma retificação e uma crítica.
- e) uma constatação, uma recomendação e um deboche.

RESOLUÇÃO

No segundo quadrinho, há uma projeção de ações futuras prováveis. É possível associá-las a um projeto, a um ideal ou um desejo, ideias expressas, respectivamente, nas letras A, C e D.

No terceiro quadrinho, não se expressa uma reprovação ou retificação, mas se faz um alerta, dando a entender quem nem tudo serão flores no futuro. Isso já descarta as letras A e D, atestando C como resposta.

Por fim, no último quadrinho, há um lamento expressado pela interjeição "Droga!".

Resposta: C

12. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

A destruição da humanidade por uma guerra nuclear está prestes a ser detonada por uma "pirraça impulsiva", alertou neste domingo [10.12.2017] a Campanha Internacional para Abolir Armas Nucleares (Ican), vencedora do Nobel da Paz deste ano.

"Será o fim das armas nucleares ou será o nosso fim?", afirmou a líder da Ican, Beatrice Fihn, em discurso ao receber o prêmio, em Oslo, na Noruega.

Também discursou em Oslo Setsuko Thurlow, 85, sobrevivente do ataque atômico de Hiroshima, em 1945 no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Hoje ela é ativista da Ican.

Ela foi resgatada dos escombros de um prédio a 1,8 km do epicentro da bomba. A maioria de seus colegas morreu queimada viva.

(Mundo. Folha de S.Paulo, 10.12.2017. Adaptado)

No contexto da premiação, a presença de Setsuko Thurlow justifica

- a) o ativismo a favor do armamento nuclear, uma vez que um país não deve ficar desprotegido de seus principais inimigos.
- b) o apoio à Campanha Internacional para Abolir Armas Nucleares, cuja atenção se volta para os sobreviventes da Segunda Guerra.
- c) a preocupação das pessoas com a possibilidade de um conflito nuclear, cuja consequência pode ser o fim da humanidade.
- d) a certeza da humanidade de que, em determinados momentos históricos, a destruição serve para conscientização acerca do poder.
- e) o desconhecimento por grande parte da população mundial em relação à vida em Hiroshima após o ataque atômico de 1945.

RESOLUÇÃO

O texto trata primordialmente do perigo iminente e fatal de uma guerra nuclear que pode extinguir a raça humana. O relato de Setesuko Thurlow, sobrevivente do ataque nuclear de Hiroshima, em 1945 no Japão, é o exemplo histórico que justifica “a preocupação das pessoas com a possibilidade de um conflito nuclear, cuja consequência pode ser o fim da humanidade.”

Resposta: C

Texto para as questões 13 e 14

Ensino com diretriz

Está quase pronto o documento que definirá o padrão nacional para o que crianças e jovens devem aprender até o 9º ano do ensino fundamental. Trata-se da quarta versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Caso aprovada até janeiro, a diretriz deve começar a ser implementada nos próximos dois anos.

A BNCC define conteúdos a serem estudados e competências e habilidades que os alunos devem demonstrar a cada passo da vida escolar. Soa como obviedade, mas não existe norma válida em todo o país que estabeleça de modo preciso a progressão do ensino e o que se deve esperar como resultado.

Note-se ainda que a base curricular não especifica como alcançar seus objetivos – isso será papel dos currículos a serem elaborados por estados e municípios, que podem fazer acréscimos conforme necessidades regionais.

A existência de um padrão pode permitir a correção de desigualdades do aprendizado e avaliações melhores. A partir de um limiar mediano de clareza, inteligência pedagógica e pragmatismo, qualquer modelo é melhor do que nenhum. Nesse aspecto, a nova versão da BNCC está perto de merecer nota de aprovação.

O programa ainda se mostra extenso em demasia, não muito diferente do que se viu nas escolas das últimas décadas, quando raramente foi cumprido. O excesso de assuntos dificulta abordagens mais aprofundadas e criativas.

A BNCC lembra a Constituição de 1988. Detalhista, arrojada e generosa, mas de difícil aplicação imediata e integral. É indiscutível, de todo modo, a urgência de pôr em prática esse plano que pode oferecer educação decente e igualitária às crianças.

(Editorial. Folha de S.Paulo, 10.12.2017. Adaptado)

13. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

No editorial, fica claro que

- a) a aprovação da BNCC é importante, considerando-se que não existe, em nível nacional, norma válida que define a progressão do ensino e os resultados que dele devem ser esperados.
- b) o papel da BNCC a ser aprovada é questionável, uma vez que a ação maior ficará com estados e municípios na elaboração de seus currículos.
- c) a organização da BNCC corresponde a um programa cuja extensão permitirá sua execução, garantindo abordagens mais aprofundadas e criativas.
- d) a validade da BNCC é relevante, considerando-se que se trata de um documento que não especifica como alcançar os objetivos em relação à progressão de ensino.
- e) o impacto da BNCC será a longo prazo, considerando-se que ela trata de questão educacional sobejamente discutida, cuja aplicação educacional não é de caráter de urgência.

RESOLUÇÃO:

O texto trata primordialmente da importância da aprovação da BNCC, considerando que não há, em nível nacional, um regimento válido que proponha a progressão do ensino e seus respectivos resultados. É o que está exposto com clareza na **ALTERNATIVA A**.

ALTERNATIVA B – ERRADA – Embora execução fique a cargo de estados e municípios, a BNCC estabelece um norte importante a ser seguido, algo inexistente até então.

ALTERNATIVA C – ERRADA – A extensão do documento, com muitos assuntos, é um dificultador para abordagens mais aprofundadas e criativas.

ALTERNATIVA D – ERRADA – A BNCC é relevante, não porque não explicita como alcançar os objetivos – tarefa que cabe a estados e municípios –, mas porque define um norte a ser seguido, algo inexistente até então.

ALTERNATIVA E – ERRADA – O último parágrafo do texto deixa clara a urgência de implementação da BNCC.

Resposta: A

14. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

De acordo com o editorial, a implementação da BNCC

- a) pode comprometer a qualidade da educação, com o excesso de assuntos nela previstos.
- b) fortalece uma ação cidadã, com o objetivo de ofertar educação decente e igualitária às crianças.
- c) merece ser aprovada, com a convicção de que é melhor ter essa base do que nenhuma.
- d) ameaça a qualidade do ensino, com base na ideia de que raramente será cumprida.
- e) recupera a esperança de uma educação de qualidade, com sua semelhança à Constituição.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADA – O texto entende que a implementação da BNCC poderá trazer benefícios para a educação, como a correção de desigualdades do aprendizado e avaliações melhores. Tudo isso, apesar do seu conteúdo extenso.

ALTERNATIVA B – CERTA – É o que fica bem claro no trecho: “É indiscutível, de todo modo, a urgência de pôr em prática esse plano que pode oferecer educação decente e igualitária às crianças.”.

ALTERNATIVA C – ERRADA – Sutil o erro! O texto não afirma que a BNCC merece ser aprovada, mas sim que ela “está perto de merecer nota de aprovação”.

ALTERNATIVA D – ERRADA – O autor mostra preocupações com o cumprimento da BNCC, mas isso não o impede de afirmar sua implementação pode trazer benefícios à educação.

ALTERNATIVA E – ERRADA – A semelhança com a Constituição se deve ao fato de a BNCC ser extensa, detalhista e de difícil implementação. Assim, tal semelhança não é um sinal positivo, mas negativo no que diz respeito à busca por uma educação de qualidade.

Resposta: B

Texto para as questões 15 a 16

O crescimento dos robôs colaborativos é a parte mais visível de uma transição que vem ocorrendo no mercado de trabalho no mundo todo. A mecanização das linhas de montagem e a automação de tarefas antes feitas por humanos vêm se acelerando nas empresas. A cada ano, mais 240 000 robôs industriais são vendidos no mundo e esse número tem crescido a uma taxa média de 16% ao ano desde 2010, puxado principalmente pela China. Atividades rotineiras nas fábricas, como instalar uma peça, hoje podem ser feitas usando máquinas como os braços robóticos de baixo custo. Com o advento de novas tecnologias, como a inteligência artificial, os carros autônomos e a análise de grandes volumes de dados (o chamado big data), a expectativa é que as máquinas e os computadores passem a substituir outras tarefas que hoje só podem ser realizadas por pessoas. Já existem algoritmos que fazem a seleção de candidatos a vagas de emprego no recrutamento de empresas e também carrinhos autônomos que transportam produtos dentro de uma central de distribuição. Muito mais está por vir.

Diante desse cenário, muitos especialistas vêm se perguntando se o rápido avanço da tecnologia chegará a tal ponto que tornará boa parte do trabalho obsoleto. Para os economistas, o que determina se uma profissão tende a ser substituída por um robô ou um software não é se o trabalho é manual, mas se as tarefas executadas pelas pessoas são repetitivas. Um famoso estudo publicado em 2013 por pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, analisou 702 profissões nos Estados Unidos e o risco de elas serem trocadas por computadores e algoritmos nos próximos dez ou 20 anos. O resultado é alarmante. Quase metade dos empregos dos Estados Unidos está ameaçada, segundo os pesquisadores.

(Exame, 02.08.2017)

15.VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018**O objetivo do texto é discutir**

- a) a dificuldade enfrentada pelos robôs colaborativos para ocupar postos de trabalho.
- b) a mecanização das linhas de montagem na China e seus reflexos pelo mundo.
- c) a redução das profissões nos Estados Unidos após o advento das novas tecnologias.
- d) a acelerada substituição do trabalho humano pelo uso de robôs e softwares.
- e) a relutância das empresas para a utilização de robôs colaborativos rotineiramente.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Segundo o texto, o crescimento dos robôs colaborativos é visível, ou seja, representa já uma tendência observável.

ALTERNATIVA B – ERRADA – De fato! O texto faz menção à mecanização de linhas de montagem na China, mas isso é apenas um exemplo dentro de uma discussão mais ampla, que é a substituição do trabalho humano pelas máquinas.

ALTERNATIVA C – ERRADA – De fato, o texto faz menção ao mercado de trabalho norte-americano e à tendência de desaparecimento de algumas profissões nos EUA, mas isso é apenas um exemplo dentro de uma discussão mais ampla, que é a substituição do trabalho humano pelas máquinas.

ALTERNATIVA D – CERTA – De fato! O objetivo principal é discutir acerca da substituição de diversas atividades laborais, sobretudo as repetitivas, por máquinas.

ALTERNATIVA E – ERRADA – Não ocorre relutância (resistência) por parte das empresas em substituir por máquinas algumas atividades realizadas por humanos. De acordo com o texto, isso tem se tornado uma tendência cada vez mais visível.

Resposta: D

16. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

O estudo da Universidade de Oxford revela que

- a) os computadores e algoritmos encontram dificuldades para substituir os humanos nas tarefas executadas manualmente.
- b) as profissões que se baseiam em tarefas repetitivas tenderão a ser realizadas pelos computadores e algoritmos.
- c) as relações de trabalho, no futuro, terão influência das tecnologias, mas poucas pessoas serão substituídas pelas máquinas.
- d) os Estados Unidos têm incentivado a substituição do trabalho manual pelos realizados por computadores.
- e) os softwares e algoritmos perderam espaço no mercado de trabalho, por causa da ênfase dada ao trabalho manual.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADA – Segundo o texto, o crescimento dos robôs colaborativos é visível, ou seja, representa já uma tendência observável.

ALTERNATIVA B – CERTA – De fato! O objetivo principal do texto é discutir acerca da substituição de diversas atividades laborais, sobretudo as repetitivas, por máquinas.

ALTERNATIVA C – ERRADA – Não é o que afirma a pesquisa. O resultado é considerado alarmante, apontando que quase metade dos empregos nos EUA tende a desaparecer.

ALTERNATIVA D – ERRADA – Não se trata de um incentivo externo, mas sim uma tendência natural observável.

ALTERNATIVA E – ERRADA – O oposto! Os softwares e algoritmos ganharam espaço visível.

Resposta: B

17. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018



(Folha de S.Paulo, 30.11.2017)

No plano verbal, o efeito de humor da tira vem do emprego da

- a) palavra "medo", que se mostra aparentemente incoerente no contexto.
- b) pergunta, com que a menina atenua o sentimento de medo do rato.
- c) frase "Não sei!", gerando ambiguidade no segundo quadrinho.
- d) palavra "Ele", que não tem um referente explícito anteriormente.
- e) palavra "desconhecido", cujo sentido se modifica entre os quadrinhos.

RESOLUÇÃO

Ao se falar em plano verbal, a questão pede a atenção do aluno à parte escrita da ilustração, que deve ser lida em conjunto com a parte não escrita.

O elemento responsável por gerar o efeito de humor é a palavra “desconhecido”. Na fala da menina, a palavra “desconhecido” funciona como adjetivo; já na fala do ratinho, funciona como substantivo, substituindo a palavra “gato”.

Dessa forma, o sentido da palavra “desconhecido” varia entre os quadrinhos.

Resposta: E

Texto para as questões 18 e 19

Para se alfabetizar de verdade, Brasil deve se livrar de algumas ideias tortas

Meses atrás, quando falei aqui do livro de Zinsser, um leitor deixou o seguinte comentário: “É de uma pretensão sem tamanho, a vaidade elevada ao maior grau, o sujeito se meter a querer ensinar os outros a escrever”.

Pois é. Muita gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas, da música à mecânica de automóveis, do macramê à bocha, a escrita não pode ser ensinada.

Por quê? Porque é especial demais, elevada demais, dizem alguns. É o caso do leitor citado, que completou seu comentário com esta pérola: “Saber escrever é uma questão de talento, quem não tem, não vai nunca aprender...”

Há os que chegam à mesma conclusão pelo lado oposto, a ilusão de que toda pessoa alfabetizada domina a escrita, e o resto é joguinho de poder espúrio.

Talento literário é raro mesmo, mas não se trata disso. Também não estamos falando só de correção gramatical e ortográfica, aspecto que será cada vez mais delegado à inteligência artificial.

Estamos falando de pensamento. Escrever com clareza e precisão, sem matar o leitor de confusão ou tédio, é uma riqueza que deve ser distribuída de forma igualitária por qualquer sociedade que se pretenda civilizada e justa.

(Sérgio Rodrigues. Folha de S.Paulo, 07.12.2017)

18. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

De acordo com as informações do texto, conclui-se corretamente que uma ideia torta é acreditar que

- a) existem técnicas que melhoram a escrita.
- b) ter talento é um fato raro realmente.
- c) escrever com clareza e precisão é uma riqueza.
- d) saber escrever é uma questão de talento.
- e) escrever é um direito numa sociedade justa.

RESOLUÇÃO

No texto, o autor critica abertamente a opinião de um de seus leitores, que dizia: “Saber escrever é uma questão de talento, quem não tem, não vai nunca aprender...”.

O que o autor mostra ao longo o texto é que escrever com clareza não é uma questão de talento, e sim uma necessidade para uma sociedade que se diz justa e civilizada.

Resposta: D

19. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

Ao levar para seu texto os comentários do leitor, o autor pretende

- a) apresentar uma opinião da qual discorda radicalmente, já que ele defende que a escrita pode ser ensinada.
- b) fundamentar a sua argumentação a favor da inspiração para escrever, o que encontra eco nesses comentários.
- c) buscar um caminho alternativo para o modo como as pessoas escrevem, marcadamente confuso e enfadonho.
- d) tratar de novas nuances da boa escrita, que ele acredita estar sob responsabilidade da inteligência artificial.
- e) mostrar que o que interessa de fato na produção escrita é o atendimento à correção ortográfica e gramatical.

RESOLUÇÃO

No texto, o autor critica abertamente a opinião de um de seus leitores, que dizia: "Saber escrever é uma questão de talento, quem não tem, não vai nunca aprender...".

O que o autor mostra ao longo o texto é que escrever com clareza não é uma questão de talento, e sim uma necessidade para uma sociedade que se diz justa e civilizada. Escrever com clareza pode e deve ser ensinado, segundo o autor.

Resposta: A

20. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

Leia a tira.



(Alexandre Beck. Armandinho. <http://tinyurl.com/yd9qyey7>)

Armandinho atribui ao vocábulo **responsável** o sentido de

- a) adulto.
- b) aplicado.
- c) culpado.

d) obediente.

e) prudente.

RESOLUÇÃO

Armandinho associou ao adjetivo “responsável” um sentido negativo, associado a culpado por algum erro ou travessura. A pessoa ao telefone, obviamente, associa “responsável” à pessoa que responde por tal assunto ou atividade.

Resposta: C

Texto para as questões 21 e 23

“Quando eu tinha mais ou menos uma semana de idade, eu me lembro de estar enrolada em um cobertor rosa de algodão”, conta Rebecca Sharrock. Considerando que a memória da maioria das pessoas não é capaz de gravar acontecimentos anteriores aos quatro anos de idade, **pode ser fácil pensar que a descrição de Sharrock seja um sonho nostálgico em vez de uma memória real.** Mas a mulher australiana de 27 anos não tem uma memória comum – ela foi diagnosticada com uma síndrome rara chamada “Memória Autobiográfica Altamente Superior”, ou HSAM na sigla em inglês, também conhecida como Síndrome da Supermemória. **Essa condição neurológica única significa que Sharrock consegue se lembrar de absolutamente tudo que ela fez em qualquer data.**

Pessoas com essa síndrome podem se lembrar instantaneamente e sem esforço algum de qualquer coisa que fizeram, o que vestiram ou onde estavam em qualquer momento da vida. Elas podem se lembrar de notícias e acontecimentos pessoais com tantos detalhes e com uma exatidão tão perfeita que são comparáveis a uma gravação.

Por que algumas pessoas nascem com a supermemória? **As pesquisas ainda estão em andamento, já que existem poucos indivíduos com a síndrome no mundo, e a área ainda é relativamente nova.** Mas alguns estudos indicam que o lobo temporal (que ajuda no processamento de memória.) é maior nos cérebros das pessoas com HSAM.

Ter uma supermemória significa que as memórias são gravadas em detalhes vívidos, o que é fascinante em termos científicos, mas pode ser uma praga para quem tem a síndrome. Algumas pessoas com HSAM dizem que suas memórias são muito organizadas, mas Sharrock descreve seu cérebro como “entupido” e diz que reviver memórias lhe dá dor de cabeça e insônia. Apesar disso, **ela aprendeu a tentar usar memórias positivas para superar as negativas:** “No começo de todo mês, eu escolho todas as melhores memórias que tive naquele mês em outros anos”. **Reviver acontecimentos positivos facilita na hora de lidar com as “memórias invasivas” que a fazem se sentir mal.**

(Sarah Keating, BBC. 17.11.2017. www.bbc.com. Adaptado)

21. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Um esclarecimento do que seja a Síndrome da Supermemória está expresso na seguinte passagem:

- a) ... pode ser fácil pensar que a descrição de Sharrock seja um sonho nostálgico em vez de uma memória real.
- b) Essa condição neurológica única significa que Sharrock consegue se lembrar de absolutamente tudo que ela fez em qualquer data.
- c) As pesquisas ainda estão em andamento, já que existem poucos indivíduos com a síndrome no mundo, e a área ainda é relativamente nova.
- d) ... ela aprendeu a tentar usar memórias positivas para superar as negativas...
- e) Reviver acontecimentos positivos facilita na hora de lidar com as “memórias invasivas” que a fazem se sentir mal.

RESOLUÇÃO

Questão relativamente simples!

A letra B vai direto ao ponto, apontando o significado da HSAM.

Resposta: B

22. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

De acordo com o terceiro parágrafo, os estudos acerca da supermemória

- a) ainda não avaliaram fisicamente o cérebro de pessoas com HSAM.
- b) confirmam que o crescimento anormal do lobo temporal leva à síndrome.
- c) rejeitam a hipótese de que esteja relacionada ao tamanho do cérebro.
- d) não permitem fazer afirmações conclusivas acerca de suas causas.
- e) não avançaram porque as pessoas com a síndrome são muito reservadas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Alguns estudos já apontam uma diferenciação física no lobo temporal das pessoas com HSAM.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é o crescimento do lobo temporal que leva à síndrome. Na verdade, aqueles que possuem a síndrome tem esse lobo maior. Não se fala em crescimento, portanto, e sim apenas em tamanho.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Alguns estudos já apontam uma diferenciação física no lobo temporal das pessoas com HSAM, mostrando que nelas essa região é maior.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! As pesquisas ainda são muito embrionárias, o que não permite se chegar a conclusões claras.

ALTERNATIVA E – ERRADO – As pesquisas têm encontrado dificuldades de avanço, não porque as pessoas são reservadas, mas sim porque são raras.

Resposta: D

23. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

A partir do último parágrafo, conclui-se que Sharrock

- a) tem mais facilidade em se lembrar de memórias recentes.
- b) apaga as más memórias concentrando-se nas boas.
- c) gosta de se envolver em experimentos científicos.

- d) não é capaz de selecionar o que vai lembrar.
- e) não tem total controle sobre suas memórias.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Segundo o texto, Sharrock é capaz de se lembrar de tudo.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é que ela apaga as memórias ruins, pois estas permanecem vivas. Na verdade, o que ela faz é dar ênfase às memórias boas, sem apagar as ruins.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Em nenhum momento o texto afirma isso.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Segundo o texto, Sharrock tenta selecionar as memórias boas, com o objetivo de superar as ruins. Isso mostra que é equivocado julgá-la como incapaz de selecionar o que vai lembrar.

ALTERNATIVA E – CERTO – Como dito anteriormente, Sharrock tenta selecionar as memórias boas. O fato de tentar dá a entender que nem sempre é possível ter esse controle, o que gera, segundo ela própria, momentos de insônia e incômodo.

Resposta: E

Texto para as questões 24 e 25

Ei, você aí. Se fosse possível apagar da sua memória o que lhe causa dor, você apagaria? Seria perfeito, pois **manteríamos tudo de bom e esqueceríamos completamente o ruim**. Mas não, não seria perfeito. E sabe por quê? Porque **precisamos das perdas** para valorizar os ganhos, **o bom precisa do ruim** para ser compreendido e vice-versa. Simples assim. Só que geralmente **nos agarramos às derrotas e não enxergamos as conquistas**. Escondemos as **recordações bonitas** lá no fundo da gaveta, enquanto carregamos as mágoas agarradas pela mão, para cima e para baixo.

É possível, sim, **seguir adiante sem tanta culpa** pelo erro e sem o medo de falhar novamente, a partir do momento em que entendemos que **as quedas são necessárias** para que nos tornemos pessoas mais completas, aptas a resolver problemas e encontrar saídas. Então, passamos a enxergar a dor como **um mal necessário**. Inclusive, é ela que, muitas vezes, nos tira da inércia e nos impulsiona a reagir.

Usemos as decepções a nosso favor para que nos tornemos grandiosos diante da vida, aptos a receber o que nos mandam e transformar tudo o que vier em aprendizado. É impossível esquecer as tristezas, mas que elas não sejam lembradas a todo instante.

24. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Na opinião da autora, as experiências negativas devem ser compreendidas como fonte de aprendizado,

- a) mas infelizmente as pessoas as esquecem com facilidade.
- b) por isso mesmo precisam ser cultuadas com regularidade.
- c) porém não devem ser constantemente evocadas.
- d) portanto deveriam ser frequentemente estimuladas.
- e) embora sejam menos eficazes que as experiências positivas.

RESOLUÇÃO

A frase ao final do texto deixa bem clara a ideia da autora: "É impossível esquecer as tristezas, mas que elas não sejam lembradas a todo instante."

Resposta: C

25. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Duas construções que, no texto, expressam a mesma ideia estão em:

- a) ... esqueceríamos completamente o ruim... ... o bom precisa do ruim...
- b) ... manteríamos tudo de bom... ... não enxergamos as conquistas.
- c) ... recordações bonitas... ... um mal necessário.
- d) ... nos agarramos às derrotas... ... seguir adiante sem tanta culpa...
- e) ... precisamos das perdas... ... as quedas são necessárias...

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Temos duas ideias opostas. A primeira construção diz que precisamos "esquecer completamente o ruim"; já a segunda afirma que o "ruim" é necessário.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Temos duas ideias opostas. A primeira construção afirma que tudo de bom precisa ser mantido; já a segunda diz que não conseguimos enxergar nossas conquistas.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Temos duas ideias opostas. A construção "recordações bonitas" faz menção a algo positivo; já "mal necessário", a algo negativo, porém essencial.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Temos duas ideias opostas. A primeira construção eleva a importância das derrotas, ao passo que a segunda as relativiza (atenua).

ALTERNATIVA E – CERTO – Temos duas ideias convergentes. As perdas (quedas) são necessárias, segundo a autora, para que busquemos um aprendizado.

Resposta: E

26. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018



(André Dahmer. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#27/10/2017>. 27.10.2017)

A leitura da tira permite concluir que

- a) os internautas têm sido cada vez mais cautelosos com relação ao teor das postagens nas redes sociais.
- b) as possíveis consequências das publicações em redes sociais deixaram de ser uma preocupação na atualidade.
- c) os internautas vêm recorrendo sistematicamente ao anonimato para fazer comentários considerados ofensivos.
- d) a disseminação do acesso às redes sociais, diferentemente do que se esperava, fez com que se perdesse o interesse por elas.
- e) os comentários considerados agressivos vêm perdendo espaço na internet para mensagens que pregam tolerância e respeito.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O anonimato é apontado como uma “frescura” não mais necessária, o que dá a entender que as pessoas estão menos comedidas na hora de publicar opiniões na internet.

ALTERNATIVA B – CERTO – Como dito anteriormente, o anonimato é caracterizado como uma “frescura”, dando a entender que as pessoas estão expondo comentários muitas vezes agressivos sem temer tanto as consequências.

ALTERNATIVA C – ERRADO – É justamente o oposto. As pessoas não estão mais se prendendo ao anonimato

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não é esse o ponto. O que se discute nas tirinhas é o fato de as pessoas não estarem mais recorrendo ao anonimato para emitir comentários ofensivos na rede.

ALTERNATIVA E – ERRADO – É justamente o contrário! Eles vêm ganhando espaço e não precisam mais ser anônimos.

Resposta: B

Texto para as questões 27 e 28**Destruindo Riqueza**

A economia cresce encontrando soluções, em geral tecnológicas, para reduzir ineficiências e, nesse processo, libera mão de obra.

Um exemplo esclarecedor é o do emprego agrícola nos EUA. Até 1800, a produção de alimentos exigia o trabalho de 95% da população do país. Em 1900, a geração de comida para uma população já bem maior mobilizava 40% da força de trabalho e, hoje, essa proporção mal chega a 3%. Quem abandonou a roça foi para cidades, integrando a força de trabalho da indústria e dos serviços.

Esse processo pode ser cruel para com indivíduos que ficam sem emprego e não conseguem se reciclar, mas é dele que a sociedade extrai sua prosperidade. É o velho fazer mais com menos.

A internet, com sua incrível capacidade de conectar pessoas, abriu novos veios de ineficiências a eliminar. Se você tem um carro e não é chofer de praça nem caixeiro viajante, ele passa a maior parte do dia parado, o que é uma ineficiência. Se você tem um imóvel vago ou mesmo um dormitório que ninguém usa, está sendo improdutivo. O mesmo vale para outros apetrechos que você possa ter, mas são subutilizados. Os aplicativos de compartilhamento, ao ligar de forma instantânea demandantes a ofertantes, permitem à sociedade fazer muito mais com aquilo que já foi produzido (carros, prédios, tempo disponível etc.), que é outro jeito de dizer que ela fica mais rica.

É claro que isso só dá certo se não forem criadas regulações desnecessárias que embaracem os acertos voluntários entre as partes. A burocratização da oferta de serviços de aplicativos torna-os indistinguíveis. Dá para descrever isso como a destruição de riqueza.

(Hélio Schwartzman. Folha de S.Paulo. 31.10.2017. Adaptado)

27.VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

Conforme o texto, as soluções encontradas pela economia, em geral tecnológicas, para reduzir ineficiências

- a) são socialmente condenáveis, na medida em que a produção de riquezas passa a depender menos de mão de obra, causando desemprego.
- b) constituem um retrocesso, já que prejudicam especialmente a força de trabalho que veio do campo, e que não está adaptada a tecnologias.
- c) não provocam grandes impactos, uma vez que a totalidade dos trabalhadores oriundos da agricultura e da indústria acabam sendo absorvidos.
- d) são muito positivas econômica e socialmente, pois exigem que os trabalhadores se reciclem e requerem grande volume de mão de obra especializada.
- e) podem ser danosas aos trabalhadores que, não conseguindo se adaptar a essa realidade, ficam sem emprego, mas necessárias para a prosperidade social.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Justamente o oposto. Segundo o autor, as tecnologias produzem riqueza e contribuem com o bem-estar das pessoas.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O texto ataca não as tecnologias, mas sim as regulamentações que inibem a oferta de serviços por meio de aplicativos.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O exemplo da agricultura, por si só, evidencia o impacto que as tecnologias são capazes de gerar na economia. Não são irrelevantes esses efeitos.

ALTERNATIVA D – ERRADO – De fato! As tecnologias trazem ganhos econômicos e sociais. No entanto, não é correto afirmar que uma grande quantidade de mão de obra é exigida com as tecnologias. Haverá redução da demanda por mão de obra.

ALTERNATIVA E – CERTO – É o que fica evidente no seguinte trecho: “Esse processo pode ser cruel para com indivíduos que ficam sem emprego e não conseguem se reciclar, mas é dele que a sociedade extrai sua prosperidade.”.

Resposta: E

28. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

Conforme o autor do texto, a internet possibilitou

- a) a eliminação da ineficiência do trabalho no campo e na indústria, mas teve menos sucesso nos resultados do setor de serviços.
- b) ganhos econômicos com soluções tecnológicas que garantiram maior eficiência na produção de bens de consumo como automóveis.
- c) novas formas de produção, fornecendo soluções tecnológicas que tornaram os carros mais eficientes e os imóveis mais confortáveis.
- d) novas maneiras de gerar riqueza a partir de bens improdutivos ou subutilizados, por meio dos aplicativos de compartilhamento.
- e) a abolição de vagas de trabalho e em áreas específicas de prestação de serviços, arruinando a geração de riquezas e comprometendo economias.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não é o que afirma o texto. O exemplo dos aplicativos são o exemplo mais evidente para ilustrar os ganhos de produtividade no setor de serviços.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O ganho de produtividade se deu não na produção de automóveis, mas na utilização destes.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Mais uma vez, o ganho de produtividade se deu não na produção de automóveis ou construção de imóveis, mas na utilização destes.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! As tecnologias trazem ganhos de produtividade, dando utilidade a bens ociosos ou subutilizados, como carros e imóveis.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Segundo o texto, a internet, apesar de ter abolido alguns empregos, possibilitou o progresso econômico e social.

Resposta: D

Texto para as questões 29 a 30

Quem assiste a “Tempo de Amar” já reparou no português extremamente culto e correto que é falado pelos personagens da novela. Com frases que parecem retiradas de um romance antigo, mesmo nos momentos mais banais, os personagens se expressam de maneira correta e erudita.

Ao UOL, o autor da novela, Alcides Nogueira, diz que o linguajar de seus personagens é um ponto que leva a novela a se destacar. “Não tenho nada contra a linguagem coloquial, ao contrário. Acho que a língua deve ser viva e usada em sintonia com o nosso tempo. Mas colocar um português bastante culto torna a narrativa mais coerente com a época da

trama. Fora isso, é uma oportunidade de o público conhecer um pouco mais dessa sintaxe poucas vezes usada atualmente”.

O escritor, que assina o texto da novela das 18h ao lado de Bia Corrêa do Lago, conta que a decisão de imprimir um português erudito à trama foi tomada por ele e apoiada pelo diretor artístico, Jayme Monjardim. Ele revela que toma diversos cuidados na hora de escrever o texto, utilizando, inclusive, o dicionário. “Muitas vezes é preciso recorrer às gramáticas. No início, o uso do coloquial era tentador. Aos poucos, a escrita foi ficando mais fácil”, afirma Nogueira, que também diz se inspirar em grandes escritores da literatura brasileira e portuguesa, como Machado de Assis e Eça de Queiroz.

Para o autor, escutar os personagens falando dessa forma ajuda o público a mergulhar na época da trama de modo profundo e agradável. Compartilhou-lhe o sentimento Jayme Monjardim, que também explica que a estética delicada da novela foi pensada para casar com o texto. “É uma novela que se passa no fim dos anos 1920, então tudo foi pensado para que o público entrasse junto com a gente nesse túnel do tempo. Acho que isso é importante para que o telespectador consiga se sentir em outra época”, diz.

(Guilherme Machado. UOL. <https://tvefamosos.uol.com.br>. 15.11.2017. Adaptado)

29. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

De acordo com o texto, entende-se que as formas linguísticas empregadas na novela

- a) constituem usos comuns na linguagem moderna, porém a maior parte das pessoas não os entende.
- b) estão associadas ao coloquial, o que dá mais vivacidade à linguagem e desperta o interesse do público.
- c) harmonizam-se com a linguagem dos dias atuais porque deixam de lado os usos corretos e formais.
- d) divergem dos usos linguísticos atuais, caracterizados pela adoção de formas mais coloquiais.
- e) correspondem a um linguajar que, apesar de ser antigo, continua em amplo uso na linguagem atual.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O linguajar empregado na novela se distancia bastante da empregada no dia a dia, a chamada linguagem coloquial.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O linguajar empregado na novela se distancia bastante da empregada no dia a dia, a chamada linguagem coloquial.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O linguajar empregado na novela se distancia bastante da empregada no dia a dia, a chamada linguagem coloquial. Na novela se privilegia o emprego formal e correto da língua.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! Emprega-se uma linguagem bem distante da utilizada coloquialmente. Na novela, privilegia-se o emprego correto e formal da língua.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não! O linguajar empregado se distancia do linguajar atual, mais preso a coloquialismo.

Resposta: D

30. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

As informações textuais permitem afirmar corretamente que

- a) a harmonização entre a linguagem e a estética da novela contribui para que a caracterização de uma época seja mais bem entendida pelo público.
- b) a opção por escrever uma novela de época implica a transposição de elementos visuais e linguísticos para o tempo presente, modernizando-os.
- c) a linguagem coloquial atrai sobremaneira os autores de novelas, como é o caso de Alcides Nogueira, que desconhecia o emprego de formas eruditas.
- d) a linguagem erudita deixa de ser empregada na novela quando há necessidade de retratar os momentos mais banais vividos pelas personagens.
- e) a proximidade entre a literatura e as novelas exige que haja um senso estético aguçado em relação à linguagem, por isso essas artes primam pelo erudito.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – De fato! Um dos diferenciais da novela está na aliança entre a estética e linguagem da época retratada, o que permite ao público compreender melhor esse período.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O que dá a entender o texto é que períodos do passado devem ser reproduzidos fielmente. Portanto, há de se preservar a estética e a linguagem de época.

ALTERNATIVA C – ERRADO – É errado afirmar que Alcides Nogueira desconhecia as formas eruditas. A decisão de empregar o linguajar culto partiu dele.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Embora o autor reconheça a tentação de se empregar a linguagem coloquial, foi mantido no enredo o emprego da linguagem erudita.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O que o texto afirma é que as novelas, de um modo geral, optam pelo linguajar coloquial.

Resposta: A

31. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Leia o texto para responder à questão.

Se determinado efeito, lógico ou artístico, mais fortemente se obtém do emprego de um substantivo masculino apenso a substantivo feminino, não deve o autor hesitar em fazê-lo. Quis eu uma vez dar, em uma só frase, a ideia – pouco importa se vera ou falsa – de que Deus é simultaneamente o Criador e a Alma do mundo. Não encontrei melhor maneira de o fazer do que tornando transitivo o verbo “ser”; e assim dei à voz de Deus a frase:

– Ó universo, eu sou-te, em que o transitivo de criação se consubstancia com o intransitivo de identificação.

Outra vez, porém em conversa, querendo dar incisiva, e portanto concentradamente, a noção verbal de que certa senhora tinha um tipo de rapaz, empreguei a frase “aquela rapaz”, violando deliberadamente e justissimamente a lei fundamental da concordância.

A prosódia, já alguém o disse, não é mais que função do estilo.

A linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela.

(Fernando Pessoa. A língua portuguesa, 1999. Adaptado)

No texto, o autor defende que

- a) a forma como muitas pessoas se comunicam cotidianamente tem deturpado a essência da língua, comprometendo-lhe a clareza.
- b) os discursos lógicos e artísticos, para serem mais coerentes, têm evitado as violações linguísticas a que poderiam recorrer.
- c) a transformação das formas de comunicação está restrita à linguagem oral, normalmente menos formal que a escrita.
- d) o estilo dos escritores rompe com a tradição da linguagem, o que implica que eles, cada vez mais, estão submissos a ela.
- e) a linguagem deve atender às necessidades comunicativas das pessoas, nem que para isso suas regras tenham de ser violadas.

RESOLUÇÃO

O último período do texto traduz fielmente a tese do autor: "A linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela.". Analisemos as alternativas:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O autor não julga que haja falta de clareza na comunicação cotidiana, não é esse o ponto. O centro da discussão está na adequação da linguagem às necessidades do cotidiano, e não o oposto.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O próprio exemplo do autor contradiz essa afirmação. Ele, visando a dar mais expressividade ao seu discurso, viola algumas normas gramaticais de gênero, por exemplo.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Em nenhum momento o texto limita as variações de comunicação à linguagem oral. O próprio autor serve de exemplo, quando, em uma de suas produções, redigiu a frase: – Ó universo, eu sou-te.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A última frase sugere que os autores não devem se submeter à tradição da linguagem. É a linguagem que deve se adaptar às necessidades do cotidiano, não o inverso.

ALTERNATIVA E – CERTO – Exato! É o que está exposto na última frase do texto. A linguagem deve se adaptar às necessidades do cotidiano. O próprio autor, visando a dar mais expressividade às suas produções, comete deslizes normativos propositais.

Resposta: E

Texto para as questões 32 a 36

Ai, Gramática. Ai, vida.

O que a gente deve aos professores!

Este pouco de gramática que eu sei, por exemplo, foram Dona Maria de Lourdes e Dona Nair Freitas que me ensinaram. E vocês querem coisa mais importante do que gramática? *La grammaire qui sait régenter jusqu'aux rois* – dizia Molière: a gramática que sabe reger até os reis, e Montaigne: *La plus part des occasions des troubles du monde sont grammairiens* – a maior parte de confusão no mundo vem da gramática.

Há quem discorde. Oscar Wilde, por exemplo, dizia de George Moore: *escreveu excelente inglês, até que descobriu a gramática*. (A propósito, de onde é que eu tirei tantas citações? Simples: tenho em minha biblioteca três livros contendo exclusivamente citações. Para enfeitar uma crônica, não tem coisa melhor. Pena que os livros são em inglês. Aliás, inglês eu não aprendi na escola. Foi lendo as revistas MAD e outras que vocês podem imaginar).

Discordâncias à parte, gramática é um negócio importante e gramática se ensina na escola – mas quem, professoras, nos ensina a viver? Porque, como dizia o Irmão Lourenço, no schola sed vita – é preciso aprender não para a escola, mas para a vida.

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Infância: a permanente exclamação: Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

Olha como o vovô está quietinho, mamãe!

Ele não se mexe, mamãe! Ele nem fala, mamãe!

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! Criança – não verás nenhum país como este!

Dá agora! Dá agora, se tu és homem! Dá agora, quero ver!

(Moacyr Scliar. Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar, 1996. Adaptado)

32. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

No texto, o autor recorre a várias citações, com a finalidade de

- a) enfatizar as discrepâncias quanto à necessidade da gramática para a vida, concluindo que ela é inútil e só tem servido como atividade escolar.
- b) discutir a falta de necessidade do ensino de gramática, uma vez que seu domínio não implica necessariamente saber usar a língua de forma adequada.
- c) questionar a fascinação que grandes personalidades têm em relação à gramática, a qual, na maioria das vezes, ultrapassa os limites do contexto escolar.
- d) mostrar diferentes perspectivas em relação à gramática, concluindo que ela é relevante e que algumas de suas partes assemelham-se a fases da vida.
- e) propor a obrigatoriedade do ensino da gramática dentro e fora da escola, possibilitando que as pessoas usem melhor a língua materna.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – De fato, as citações apresentadas evidenciam diferentes visões acerca do emprego da gramática. No entanto, o autor não defende a tese de que a gramática seja inútil. Ele apenas alega que ela talvez não seja capaz de explicar todas as situações de comunicação.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O autor não defende a tese de que a gramática seja inútil. Ele apenas alega que ela talvez não seja capaz de explicar todas as situações de comunicação.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O autor cita exemplos de celebridades que rejeitam a gramática e, para se aproximar mais do público, fazem uso de uma linguagem mais cotidiana.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! O autor atesta a importância da gramática, alegando não ser ela suficiente para o entendimento de todas as situações de comunicação. Compara a infância a uma permanente exclamação, relacionando uma fase da vida com um aspecto gramatical.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não propõe o autor a obrigatoriedade do ensino da gramática,

Resposta: D

33. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Observe as passagens do texto:

O que a gente deve aos professores! (1º parágrafo)

... mas quem, professoras, nos ensina a viver? (4º parágrafo)

Observando-se o contexto em que ocorrem e a pontuação nelas presentes, conclui-se que as frases apontam, correta e respectivamente, para os seguintes sentidos:

- a) o narrador ironiza a educação e os ensinamentos de seus professores; o narrador sugere que a gramática não tem importância nenhuma na vida das pessoas.
- b) o narrador sente que está em dívida com os professores, por tudo o que aprendeu; o narrador acredita que o papel da gramática no cotidiano é incompreendido.
- c) o narrador questiona os ensinamentos gramaticais que recebeu dos professores; o narrador discorda da ideia de que a gramática seja a disciplina mais importante.
- d) o narrador demonstra reconhecimento pelo que lhe foi ensinado pelos professores; o narrador questiona qual é o papel da gramática na vida cotidiana das pessoas.
- e) o narrador expressa certo descontentamento com o que os professores lhe ensinaram; o narrador tem plena certeza de que a gramática transforma a vida das pessoas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O narrador não ironiza (faz pouco caso) o papel dos professores. Ao contrário, reconhece-os como importantes na formação das pessoas. Também não sugere o narrador que a gramática não tenha nenhuma importância, mas sim que ela não é suficiente para a compreensão das situações cotidianas.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é que o autor esteja devendo de fato algo aos professores. Na verdade, ele se sente grato pela formação que teve. Além disso, julga o autor que a gramática não seja suficiente para a compreensão das situações cotidianas.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O autor não questiona (põe em dúvida) o ensinamento dado pelos professores, mas sim reconhece o papel destes e se mostra grato por isso. De fato, o autor relativiza o papel da gramática, pois a considera insuficiente para descrever todas as situações do cotidiano.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato! O autor reconhece o papel dos professores e põe em dúvida (questiona) a gramática, no sentido de que esta não seja suficiente para explicar as diversas situações do cotidiano.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O narrador se mostra grato aos professores pelos ensinamentos. Além disso, julga a gramática como incapaz para descrever todas as situações de comunicação.

Resposta: D

34. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Quando o autor diz que a vida é pontuação e associa a infância à exclamação, seu objetivo é mostrar que

- a) as crianças normalmente descobrem o mundo sem reagir aos acontecimentos que marcam essa etapa de seu desenvolvimento.
- b) o pleno encantamento marca esse período da vida, e as emoções tendem a mostrar-se com mais intensidade e espontaneidade.
- c) os adultos têm dificuldade para atender o encantamento das crianças pelas suas descobertas com o mundo que as circunda.
- d) os adultos tendem a ficar incomodados com a forma como as crianças vão descobrindo os segredos do mundo.
- e) a percepção exagerada das crianças não tem como se justificar na relação que elas estabelecem com os adultos e o mundo.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Justamente o oposto! O texto dá a entender que as crianças expressam suas reações de forma frequente, o que justifica o emprego do sinal de exclamação. O próprio texto define a infância como uma permanente exclamação.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato! Como dito no texto, a infância é uma permanente exclamação.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O texto não destaca a dificuldade dos adultos, mas sim o encantamento das crianças.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Em nenhuma passagem do texto, faz-se menção à sensação de incômodo por parte dos adultos. Destaca-se sim o encantamento das crianças.

ALTERNATIVA E – ERRADO – De acordo com o texto, dá-se a entender que a permanente exclamação se deve ao encantamento das crianças com o mundo. Não se trata de uma reação exagerada, mas sim de algo natural.

Resposta: B

35.VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

O que Oscar Wilde afirma acerca de George Moore – *escreveu excelente inglês, até que descobriu a gramática* – significa que

- a) o contato com a gramática ocasionou, na obra de George Moore, o comprometimento da qualidade de sua escrita.
- b) o fato de escrever com excelência em inglês não impediu George Moore de buscar linguagem mais contemporânea.
- c) a gramática agiu, na obra de George Moore, para acentuar sua tendência a uma escrita de alta qualidade técnica.
- d) George Moore passou a escrever em inglês popular somente depois que descobriu a riqueza da gramática.
- e) a descoberta da gramática por George Moore surpreendeu a todos, pelo padrão de excelência de sua obra.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – O emprego da expressão “até que” dá a entender que a obra de George Moore era excelente e passou a não mais ser a partir do momento em que esse autor privilegiou a gramática em suas obras. Dessa forma, a preocupação com os aspectos gramaticais teve como contrapartida uma perda de qualidade.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O que o texto dá a entender é o oposto. O fato de o autor privilegiar a gramática fez com que ele perdesse qualidade em suas obras, talvez pelo fato de a linguagem empregada ser diferente da contemporânea.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A preocupação com os aspectos gramaticais teve como contrapartida uma perda de qualidade.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O que o texto dá a entender é o oposto. Possivelmente a linguagem empregada pelo autor começou a se distanciar do popular à medida que ele passou a privilegiar a gramática.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O que o texto dá a entender é justamente o oposto. Com a descoberta da gramática por parte do autor, seus fãs se decepcionaram com a queda de qualidade de suas obras.

Resposta: A

36. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP) /2018

Assinale a alternativa em que as frases da passagem "*Infância: a permanente exclamação*" expressam as vivências infantis relacionadas à possessividade e à escolarização, respectivamente.

- a) Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! / Dá agora, quero ver!
- b) Claro, quem não chora não mama! / Olha como o vovô está quietinho, mamãe!
- c) Que grande! E como chora! / Ele nem fala, mamãe!
- d) Dá agora! Dá agora, se tu és homem! / Ele não se mexe, mamãe!
- e) Me dá! É meu! / Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O primeiro trecho carrega uma ideia de natividade, que pode até ser interpretada como possessividade (*trata-se da minha terra, da terra onde nasci*). No entanto, o segundo trecho não tem a ver com escolarização, e sim com o emprego cotidiano da linguagem nas brigas de crianças.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O primeiro trecho faz menção a um ditado popular que vai além do universo infantil. Quer dizer que é preciso insistir para se obterem barganhas. Já o segundo trecho nada tem a ver com escolarização, mas sim com a linguagem cotidiana no contexto familiar.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Não há uma ideia de posse, e sim de admiração por parte dos adultos. Já o segundo trecho nada tem a ver com escolarização, mas sim com a linguagem cotidiana no contexto familiar.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O primeiro trecho faz menção a uma provocação, e não a uma ideia de posse. Já o segundo trecho nada tem a ver com escolarização, mas sim com a linguagem cotidiana no contexto familiar.

ALTERNATIVA E – CERTO – O primeiro trecho dá a entender um sentimento de possessividade, bem comum entre crianças em formação. Já o segundo trecho faz menção à escolarização, na medida em que se destaca a repetição dos fonemas nas frases citadas. Trata-se, inclusive, de exemplos tradicionais apresentados pelos professores nas aulas de fonética.

Resposta: E

37.VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Ei-lo agora, adolescente recluso em seu quarto, diante de um livro que não lê. Todos os seus desejos de estar longe erguem, entre ele e as páginas abertas, uma tela esverdeada que perturba as linhas. Ele está sentado diante da janela, a porta fechada às costas. Página 48. Ele não tem coragem de contar as horas passadas para chegar a essa quadragésima oitava página. O livro tem exatamente quatrocentas e quarenta e seis. Pode-se dizer 500 páginas! Se ao menos tivesse uns diálogos, vai. Mas não! Páginas completamente cheias de linhas apertadas entre margens minúsculas, negros parágrafos comprimidos uns sobre os outros e, aqui e acolá, a caridade de um diálogo – um travessão, como um oásis, que indica que um personagem fala a outro personagem. Mas o outro não responde. E segue-se um bloco de doze páginas! Doze páginas de tinta preta! Falta de ar! Ufa, que falta de ar! Ele xinga. Muitas desculpas, mas ele xinga. Página quarenta e oito... Se ao menos conseguisse lembrar do conteúdo dessas primeiras quarenta e oito páginas!

(Daniel Pennac. Como um romance, 1993. Adaptado)

O texto relata que

- a) o adolescente considera penosa a tarefa de ler um livro de 446 páginas.
- b) a história do livro desanima o adolescente, que pula páginas em busca de um diálogo.
- c) o livro cativa o adolescente, ansioso por terminar logo a leitura das quase 500 páginas.
- d) o xingamento do adolescente é inevitável, mas ele se arrepende e volta a ler o livro.
- e) a recordação do conteúdo do livro ameniza o sofrimento do adolescente com a leitura.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – Sem dúvida! Tanto que ele se mostra resistente em prosseguir a leitura, não pelo fato de o conteúdo não agradar, mas pela forma de apresentação ser pouco amistosa.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não se faz uma crítica ao conteúdo, e sim à forma de apresentação da obra, com parágrafos comprimidos e textos longos sem diálogos.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Justamente o oposto. O livro inibe o jovem de dar prosseguimento à leitura.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não é possível afirmar que o jovem prosseguiu com a leitura. Termina o texto e ele continua estacionado na página 48. Além disso, não há indícios de que ele se mostre arrependido pelo xingamento.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Soma-se à dificuldade de prosseguir com a leitura o fato de que o jovem não lembra o que leu nas 48 páginas.

Resposta: A

38. VUNESP – Professor (SME Barretos)/2018

Black Friday? Levantamento feito pela Folha* mostrou que boa parte dos “descontos” oferecidos nesta sexta-feira não passa de manipulações até meio infantis de preços, com o objetivo de iludir o consumidor.

Antes, porém, de imprecisar contra a ganância dos capitalistas, convém perguntar se os consumidores não desejam ser enganados. E há motivos para acreditar que pelo menos uma parte deles queira.

No recém-lançado *Dollars and Sense* (dinheiro e juízo), Dan Ariely e Jeff Kreisler relatam um experimento natural que mostra que pessoas podem optar por ser “ludibriadas” voluntariamente e que, em algum recôndito do cérebro, isso faz sentido.

A JCPenney é uma centenária loja de departamentos dos EUA que se celebrou por jogar seus preços na lua para depois oferecer descontos “irresistíveis”. Ao fim e ao cabo, os preços efetivamente praticados estavam em linha com os da concorrência, mas os truques utilizados proporcionavam aos consumidores a sensação, ainda que ilusória, de ter feito um bom negócio, o que lhes dava prazer.

Em 2012, o então novo diretor executivo da empresa Ron Johnson, numa tentativa de modernização, resolveu acabar com a ginástica de remarcações e descontos e adotar uma política de preços “justa e transparente”.

Os clientes odiaram. Em um ano, a companhia perdera US\$ 985 milhões e Johnson ficou sem emprego. Logo em seguida, a JCPenney remarcou os preços de vários de seus itens em até 60% para voltar a praticar os descontos irresistíveis. Como escrevem Ariely e Kreisler, “os clientes da JCPenney votaram com suas carteiras e escolheram ser manipulados”.

Num mundo em que o cliente sempre tem razão, não é tão espantoso que empresas se dediquem a vender-lhe as fantasias que deseja usar, mesmo que possam ser desmascaradas com um clique de computador.

* Jornal Folha de São Paulo

(‘Caveat emptor’. Hélio Schwartsman. <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartsman/2017/11/1937658-caveat-emptor.shtml> 24.11.2017. Adaptado)

Segundo as informações do texto, a afirmação de que parte dos consumidores agem como se desejassem ser enganados é

- a) contestável, pois o experimento comprovou que esses consumidores são vítimas de uma política obscura de maquiagem de preços pelas empresas.
- b) justificável, já que ficou comprovado que alguns consumidores não resistem ao prazer experimentado nessas situações de desconto aparente.
- c) procedente, mas o experimento mostrou que os consumidores deixam de comprar quando as lojas tentam fazer os descontos parecerem grandes demais.
- d) controversa, pois a política de remarcações de preços para forjar descontos trouxe grande prejuízo a uma loja de departamentos nos EUA.
- e) falsa, já que ficou demonstrado que os consumidores tendem a preferir situações em que os preços são apresentados de forma transparente.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O texto não considera o cliente uma vítima, pois ele voluntariamente se deixa enganar.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato! O experimento evidenciou de forma bem clara que os clientes se sentem atraídos por descontos “irresistíveis”. E uma prova disso é que o faturamento da loja alvo do experimento despencou quando se resolveu praticar uma política justa de preços.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Justamente o oposto. Quando o desconto é “irresistível”, o cliente se sente atraído pela aparente promoção.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A prática de preços justos é que fez o faturamento despencar.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O experimento mostrou justamente o contrário.

Resposta: B



(Bill Watterson. O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. Adaptado)

É correto concluir, da leitura da tira, que os meios de comunicação

- a) prezam pela expressão da arte pautada por valores estéticos.
- b) têm tentado, sem sucesso, reproduzir elementos da realidade atual.
- c) como a televisão e o cinema não refletem aspectos da realidade atual.
- d) tornaram-se monótonos devido à insistência em retratar a realidade atual.
- e) têm sua programação pautada pela viabilidade econômica do que é veiculado.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Calvin deixa bem claro na sua fala que os meios de comunicação propagam valores distorcidos, como ódio e violência. Dessa forma, a estética não é o critério precípua (principal) nessas produções.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é verdade! Os meios de comunicação, nas palavras de Calvin, refletem a realidade dos nossos tempos.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Justamente o oposto. Filmes, músicas e programas de TV, nas palavras de Calvin, refletem a realidade dos nossos tempos.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não é o que dá a entender o texto. Na verdade, se os programas explorassem coisas belas e valorosas, tornar-se-iam monótonos e perderiam a audiência. O fato de explorarem valores distorcidos, como ódio e violência, dá audiência porque esse tipo de abordagem “vende”.

ALTERNATIVA E – CERTO – De fato! Os meios de comunicação exploram valores distorcidos, como ódio e violência, pois coisas valorosas e belas não “vendem”.

Resposta: E

Texto para as questões 40 a 41

Novo Analfabetismo

O Instituto de Estatísticas da Unesco alerta, em informe recente, que grande parte dos jovens da América Latina não alcança níveis apropriados de proficiência em leitura. São 19 milhões de adolescentes que concluem o ensino fundamental sem conseguir ler parágrafos simples e deles extrair informações, num fenômeno que Silvia Montoya, dirigente do instituto, chama de “nova definição do analfabetismo”.

A preocupação da diretora procede, pois a falta de competência leitora fragiliza a cidadania. Afinal, quem não consegue ler jornais ou livros depende do que a televisão lhe recomenda como condutas corretas e não consegue formular seus próprios juízos.

Além disso, em tempos em que o mundo do trabalho extermina postos baseados em tarefas rotineiras, que não demandam capacidade de concepção, as chances de sucesso profissional e de realização pessoal de quem tem letramento insuficiente se tornam muito limitadas.

Aqui, só 30% dos alunos saem do 9º ano com aprendizado adequado em leitura e interpretação, de acordo com dados do Inep. É menos que a média da América Latina, que tanto chocara Silvia Montoya.

Ora, num país de elites não leitoras, o fato de tantos jovens não estarem aptos a ler livros talvez não choque.

Não é mais suficiente ter um nível mínimo de alfabetização. Não ter competência leitora traz obstáculos para a vida em sociedade, especialmente no tocante à dificuldade em compreender os próprios direitos e deveres como cidadão, ainda mais num mundo em turbulência como o que vivemos.

(Claudia Costin. Folha de S.Paulo, 27.10.2017. Adaptado)

40. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018

Conforme o texto, o frágil e insuficiente desenvolvimento da competência leitora dos jovens que concluem o ensino fundamental na América Latina impacta diretamente

- a) nas políticas educacionais da Unesco para a região, que passa a pressionar governantes a fim de que adotem medidas capazes de reverter esse quadro.
- b) na cidadania de milhões desses jovens, que desistem da escola em face à dificuldade para extrair informações de contextos de leitura simples.
- c) na formação desses leitores enquanto cidadãos, já que a proficiência em leitura é fundamental para a formação da capacidade de julgamento.
- d) na formação social desses jovens, que não conseguem se apropriar de normas de conduta divulgadas pela televisão indispensáveis para esse fim.
- e) no modo como informações são transmitidas em livros e jornais, que acabam tendo de adaptar sua linguagem ao nível de entendimento dos leitores.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não é a UNESCO a principal afetada, e sim os próprios países onde o nível de letramento é pífio. Neles, a população não consegue exercer plenamente sua cidadania, além de ser facilmente descartada no competitivo mercado de trabalho.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Segundo o texto, não é a evasão escolar o problema principal decorrente da frágil e insuficiente competência leitora. É sim a incapacidade de as pessoas exercerem plenamente sua cidadania e se adaptarem ao mercado de trabalho o principal impacto.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exato! Sem a proficiência leitora, as pessoas não conseguem emitir juízos próprios e não são capazes, assim, de exercer a cidadania.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O que ocorre, segundo o texto, é que, como os jovens não conseguem emitir juízos próprios, passam a seguir o que a TV indica como conduta.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Em nenhum momento, o texto fala que livros e jornais estão tendo de adaptar suas linguagens. O foco do texto está na dificuldade de as pessoas assimilarem os conteúdos, pois carecem de uma proficiência leitora.

Resposta: C

41. VUNESP - Professor (SME Barretos)/II/2018

Conforme a autora do texto,

- a) a dificuldade com leitura não chega a ser preocupante quanto à colocação no mercado de trabalho, ainda marcado por atividades que não requerem instrução.
- b) a passividade ante um número tão alto de leitores inaptos pode ser justificada pelo desinteresse pela leitura inclusive dos que estão no topo da sociedade.
- c) a demanda por qualificação em detrimento do trabalho em atividades rotineiras por enquanto não compromete o futuro de quem tem letramento insuficiente.
- d) a constatação do quadro de competência leitora abaixo do esperado tem obrigado o mercado de trabalho a adequar suas exigências a essa realidade.
- e) o baixo nível de letramento, embora crie dificuldades para a leitura de livros e jornais, não chega a constituir um empecilho para a vida em sociedade.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – A empregabilidade é a principal afetada pela pífia proficiência leitora. As pessoas se tornam mais descartáveis no competitivo mercado de trabalho.

ALTERNATIVA B – CERTO – Isso fica bem evidente no seguinte trecho: “Ora, num país de elites não leitoras, o fato de tantos jovens não estarem aptos a ler livros talvez não choque.”. Como os que estão no topo também leem pouco, não há uma preocupação ou senso de urgência no que diz respeito à pífia proficiência leitora de grande parte da população.

ALTERNATIVA C – ERRADO – É exatamente o oposto. Com a mudança no perfil de profissional buscado hoje no mercado de trabalho, aqueles cuja capacidade leitora é insuficiente são diretamente afetados.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Em nenhum momento o texto afirma isso. São na verdade as pessoas com proficiência leitora deficiente que estão sendo descartadas no mercado de trabalho.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Chega sim, pois as pessoas não são capazes de exercer plenamente sua cidadania, emitindo juízos próprios.

Resposta: B

Leia a tira para responder às questões 42 a 43.



(Folha de S.Paulo, 26.10.2017)

42. VUNESP - Pref Mogi Cruzes/2018

Ao referir-se a escrever uma monstruosidade nas redes sociais, a personagem constata que isso

- a) é algo reprovado por todos os internautas.
- b) era prática inexistente na época do Orkut.
- c) ocorre com facilidade atualmente.
- d) deixou de acontecer depois do Orkut.
- e) tende a sumir muito brevemente.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não é o que dá a entender a tirinha. Hoje as pessoas podem dizer quaisquer monstruosidades sem se preocupar com o anonimato, deixando claro que existe um público que não se choca com esse tipo de mensagem.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Era praticado sim, mas se tomava o cuidado de manter o anonimato, algo que não mais ocorre hoje.

ALTERNATIVA C – CERTO – De fato! Hoje não há mais a necessidade de manter o anonimato, dando a entender que as pessoas estão mais à vontade para falar qualquer coisa.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Continuou a ocorrer, e de forma mais facilitada, segundo o texto.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não há indício algum que nos faça crer que se trata de algo passageiro.

Resposta: C

43. VUNESP - Pref Mogi Cruzes/2018

No último quadrinho, a expressão “essas frescuras” faz referência ao fato de as pessoas

- a) comunicarem-se pelo Orkut.
- b) escreverem algumas monstruosidades.
- c) postarem comentários no Orkut.
- d) lembrarem-se da época do Orkut.
- e) comentarem de forma anônima.

RESOLUÇÃO

Questão bem tranquila!

A expressão “frescuras” remete ao fato de as pessoas, no passado, terem cautela ao postar qualquer tipo de mensagem. Antes prezavam pelo anonimato. Hoje não mais.

Resposta: E

Texto para as questões 44 a 45

Estima-se que, até o fim deste ano, o número de pessoas vivendo na miséria no Brasil crescerá de 2,5 milhões a 3,6 milhões, segundo o Banco Mundial. O número de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza passou dos 16 milhões, em 2014, para cerca de 22 milhões neste ano, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). Em momentos assim, o Brasil depara com outra chaga, diferente da pobreza: a desigualdade. Os mais ricos se protegem melhor da crise, que empurra para baixo a parcela da população já empobrecida. Por isso, o FGV Social alerta sobre um aumento relevante da desigualdade no país. Ela já subiu no ano passado, na medição que usa um índice chamado Gini. Foi a primeira vez que isso ocorreu em 22 anos. Trata-se de um fenômeno especialmente ruim num país em que a desigualdade supera a normalmente encontrada em democracias capitalistas. Para piorar, descobrimos recentemente que subestimávamos o problema.

Até o ano retrasado, a régua da desigualdade era organizada só com o Índice de Gini, baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Por esse método, ficavam de fora do quadro os rendimentos que principalmente os mais ricos conseguem de outras fontes, que não o salário – a renda do capital, oriunda de ativos como aplicações financeiras, participação em empresas e propriedade de imóveis. Isso mudou quando a Receita Federal publicou números do Imposto de Renda (IR) de pessoa física de 2007 em diante. Os números mais recentes, referentes a 2015, foram abertos em julho deste ano. Eles evidenciam que a concentração de renda no topo da pirâmide social brasileira é muito maior do que se pensava. A análise restrita às entrevistas domiciliares indicava que o 1% mais rico de brasileiros concentrava 11% da renda. Com os dados do IR e do Produto Interno Bruto (PIB), essa fatia saltou para 28%.

(Época, 13.11.2017)

44. VUNESP - Auxiliar de Apoio Administrativo (Pref Mogi Cruzes)/2018

O texto traz uma série de dados com o objetivo de

- a) mostrar que a condição de pobreza no Brasil se agrava, o que reforça a desigualdade social.
- b) enfatizar que a desigualdade social no Brasil, que já foi um problema, diminuiu significativamente.
- c) comparar a situação de pobreza atual com a de 22 anos atrás, que gerava muita desigualdade.
- d) denunciar a desigualdade social no Brasil, que é a menor entre as chamadas democracias capitalistas.
- e) relativizar o impacto da desigualdade social no Brasil, já que há estabilidade no número de pobres no país.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – De fato! O número de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza subiu de 16 para 22 milhões. Como os ricos se protegem mais da crise os pobres ficam mais expostos, isso agravou o quadro de desigualdade.

ALTERNATIVA B – ERRADO – A desigualdade não arrefeceu, e sim se acentuou com a crise.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O objetivo principal do texto não é simplesmente comparar períodos, e sim evidenciar que o número de miseráveis aumentou com a crise, assim como a desigualdade.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O objetivo principal do texto não é comparar o Brasil com outros países, e sim evidenciar que o número de miseráveis aumentou com a crise, assim como a desigualdade.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O texto não relativiza (atenua) o aumento da desigualdade, e sim enfatiza (destaca).

Resposta: A

45. VUNESP - Auxiliar de Apoio Administrativo (Pref Mogi Cruzes)/2018

Com base nos dados estatísticos apresentados no texto, é correto afirmar que houve

- a) aumento no número de pessoas na miséria no Brasil, as quais superam o contingente das que vivem abaixo da linha da pobreza.
- b) inexpressiva alteração na concentração de renda no topo da pirâmide social brasileira com os dados do IR e do PIB.
- c) diminuição dos mais ricos e também aumento dos mais pobres nos últimos 22 anos na sociedade brasileira.

d) aumento na desigualdade social no Brasil, já que nos últimos 22 anos houve um aumento de 22 milhões de pessoas na pobreza.

e) aumento no número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza no Brasil, no período de 2014 a 2017.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O número de pessoas na miséria atingirá 3,6 milhões, ao passo que o de pessoas abaixo da linha de pobreza atingirá 22 milhões.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O salto foi de 11% a 28% com a mudança dos critérios, o que é bastante significativo.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Não menciona o texto que o número de ricos diminuiu, e sim que o número de pobres aumentou.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não houve um aumento de 22 milhões, e sim se alcançou esse patamar.

ALTERNATIVA E – CERTO – Houve um salto de 16 milhões para 22 milhões.

Resposta: E

46. VUNESP - Delegado de Polícia (PC BA)/2018

Vamos partir de uma situação que grande parte de nós já vivenciou. Estamos saindo do cinema, depois de termos visto uma adaptação de um livro do qual gostamos muito. Na verdade, até que gostamos do filme também: o sentido foi mantido, a escolha do elenco foi adequada, e a trilha sonora reforçou a camada afetiva da narrativa. Por que então sentimos que algo está fora do lugar? Que está faltando alguma coisa?

O que sempre falta em um filme sou eu. Parto dessa ideia simples e poderosa, sugerida pelo teórico Wolfgang Iser em um de seus livros, para afirmar que nunca precisamos tanto ler ficção e poesia quanto hoje, porque nunca precisamos tanto de faíscas que ponham em movimento o mecanismo livre da nossa imaginação. Nenhuma forma de arte ou objeto cultural guarda a potência escondida por aquele monte de palavras impressas na página.

Essa potência vem, entre outros aspectos, do tanto que a literatura exige de nós, leitores. Não falo do esforço de compreender um texto, nem da atenção que as histórias e os poemas exigem de nós – embora sejam incontornáveis também. Penso no tanto que precisamos investir de nós, como sujeitos afetivos e como corpos sensíveis, para que as palavras se tornem um mundo no qual penetramos.

Somos bombardeados todo dia, o dia inteiro, por informações. Estamos saturados de dados e de interpretações. A literatura – para além do prazer intelectual, inegável – oferece algo diferente. Trata-se de uma energia que o teórico Hans Ulrich Gumbrecht chama de “presença” e que remete a um contato com o mundo que afeta o corpo do indivíduo para além e para aquém do pensamento racional.

Muitos eventos produzem presença, é claro: jogos e exercícios esportivos, shows de música, encontros com amigos, cerimônias religiosas e relações amorosas e sexuais são exemplos óbvios. Por que, então, defender uma prática eminentemente intelectual, como a experiência literária, com o objetivo de “produzir presença”, isto é, de despertar sensações corpóreas e afetos? A resposta está, como já evoquei mais acima, na potência guardada pela ficção e pela poesia para disparar a imaginação. Mas o que é, afinal, a imaginação, essa noção tão corriqueira e sobre a qual refletimos tão pouco?

Proponho pensar a imaginação como um espaço de liberdade ilimitada, no qual, a partir de estímulos do mundo exterior, somos confrontados (mas também despertados) a responder com memórias, sentimentos, crenças e conhecimentos para forjar, em última instância, aquilo que faz de cada um de nós diferente dos demais. A leitura de textos literários é uma forma privilegiada de disparar esse mecanismo imenso, porque demanda de nós todas essas

reações de modo ininterrupto, exige que nosso corpo esteja ele próprio presente no espaço ficcional com que nos deparamos, sob pena de não existir espaço ficcional algum.

(Ligia G. Diniz. <https://brasil.elpais.com>. 22.02.2018. Adaptado)

Uma frase em consonância com o que se argumenta no texto é:

- a) Essencialmente racional, a literatura diferencia-se das demais manifestações artísticas por ser ela incapaz de despertar reações corpóreas.
- b) Um texto literário exige mais concentração e esforço intelectual para ser compreendido, em comparação com outros tipos de texto.
- c) A literatura é imprescindível para que o pensamento racional seja cultivado em detrimento de percepções motivadas pelo instinto.
- d) Somos incapazes de ver aspectos positivos na adaptação de um filme do qual gostamos muito, pois nosso julgamento é puramente emocional.
- e) Inseridos em um contexto impregnado de informação, precisamos da literatura mais do que nunca para aguçar nossa imaginação.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – É justamente o oposto. A literatura desperta nossa imaginação e desencadeia em nós reações corpóreas.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não são exatamente o esforço intelectual ou a concentração que são exigidos de nós quando lemos um texto literário. O que mais é exigido de nós é a capacidade de imaginar.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A literatura desperta reações e percepções nos indivíduos.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Segundo o texto, é possível sim ver aspectos positivos na adaptação para filmes, a despeito da carência do elemento imaginação presente na leitura.

ALTERNATIVA E – CERTO – Trata-se de uma conclusão decorrente das seguintes passagens: "...nunca precisamos tanto ler ficção e poesia quanto hoje, porque nunca precisamos tanto de faíscas que ponham em movimento o mecanismo livre da nossa imaginação..." e "Somos bombardeados todo dia, o dia inteiro, por informações. Estamos saturados de dados e de interpretações. A literatura – para além do prazer intelectual, inegável – oferece algo diferente."

Resposta: E

47. VUNESP - Investigador de Polícia (PC BA)/2018

Algoritmos e desigualdade

Virginia Eubanks, professora de ciências políticas de Nova York, é autora de *Automating Inequality (Automatizando a Desigualdade.)*, um livro que explora a maneira como os computadores estão mudando a prestação de serviços sociais nos Estados Unidos. Seu foco é o setor de serviços públicos, e não o sistema de saúde privado, mas a mensagem é a mesma: com as instituições dependendo cada vez mais de algoritmos preditivos para tomar decisões, resultados peculiares – e frequentemente injustos – estão sendo produzidos.

Virginia Eubanks afirma que já acreditou na inovação digital. De fato, seu livro tem exemplos de onde ela está funcionando: em Los Angeles, moradores de rua que se beneficiaram dos algoritmos para obter acesso rápido a

abrigo. Em alguns lugares, como Allegheny, houve casos em que “dados preditivos” detectaram crianças vulneráveis e as afastaram do perigo.

Mas, para cada exemplo positivo, há exemplos afortunados de fracassos. Pessoas de uma mesma família de Allegheny foram perseguidas por engano porque um algoritmo as classificou como propensas a praticar abuso infantil. E em Indiana há histórias lastimáveis de famílias que tiveram assistência de saúde negada por causa de computadores com defeito. Alguns desses casos resultaram em mortes.

Alguns especialistas em tecnologia podem alegar que esses são casos extremos, mas um padrão similar é descrito pela matemática Cathy O’Neill em seu livro *Weapons of Math Destruction*. “Modelos matemáticos mal concebidos agora controlam os mínimos detalhes da economia, da propaganda às prisões”, escreve ela.

Existe alguma solução? Cathy O’Neill e Virginia Eubanks sugerem que uma opção seria exigir que os tecnólogos façam algo parecido com o julgamento de Hipócrates: “em primeiro lugar, fazer o bem”. Uma segunda ideia – mais custosa – seria forçar as instituições a usar algoritmos para contratar muitos assistentes sociais humanos para complementar as tomadas de decisões digitais. Uma terceira ideia seria assegurar que as pessoas que estão criando e rodando programas de computador sejam forçadas a pensar na cultura, em seu sentido mais amplo.

Isso pode parecer óbvio, mas até agora os nerds digitais das universidades pouco contato tiveram com os nerds das ciências sociais – e vice-versa. A computação há muito é percebida como uma zona livre de cultura e isso precisa mudar.

(Gillian Tett. www.valor.com.br. 23.02.2018. Adaptado)

Ao aproximar os pontos de vista de Virginia Eubanks e de Cathy O’Neill, o autor defende a tese de que os algoritmos preditivos

- a) necessitam manter-se restritos à economia e a áreas afins.
- b) devem ser abandonados, pois ainda não beneficiaram os cidadãos.
- c) podem levar à tomada de decisões equivocadas e injustas.
- d) são bem-sucedidos no setor privado, mas não no setor público.
- e) precisam ser confiáveis ao ponto de substituir as escolhas humanas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O autor não defende que haja uma limitação nas áreas de atuação dos algoritmos preditivos. O que se propõe é que haja uma complementação a esse trabalho, com uma análise mais criteriosa dos resultados obtidos.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não se propõe que os algoritmos sejam abandonados, mas que seus resultados sejam interpretados de forma mais criteriosa e aprofundada.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exatamente! O autor apresenta exemplos de problemas de tomada de decisão por algoritmos preditivos tanto no setor público como no privado.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O autor apresenta exemplos de problemas de tomada de decisão por algoritmos preditivos tanto no setor público como no privado.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O autor propõe a participação de “nerds” das ciências humanas, no sentido de aprimorar a eficácia da tomada de decisões baseadas em algoritmos preditivos.

Resposta: C

48. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Leia a charge para responder à questão.



(Malika. *Em tempo*. <http://d.emtempo.com.br/charges>. 07.10.2017)

A charge tem como assunto principal

- a) a evolução dos aparelhos de comunicação.
- b) a interação estabelecida nas redes sociais.
- c) as limitações da comunicação via internet.
- d) o acesso limitado aos meios de comunicação.
- e) o uso excessivo de dispositivos tecnológicos.

RESOLUÇÃO

Temos na charge um antigo telefone com fio, um celular e um tablet (pelo menos é o que parece). O assunto principal não se concentra na interação pela rede nem nas limitações de comunicação, mas sim na evolução com o tempo das tecnologias de comunicação.

Resposta: A

Leia o texto para responder às questões 49 a 50.

Pela primeira vez, vício em games é considerado distúrbio mental pela OMS

A 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID) irá incluir a condição sob o nome de “distúrbio de *games*”. O documento descreve o problema como padrão de comportamento frequente ou persistente de vício em *games*, tão grave que leva “a preferir os jogos a qualquer outro interesse na vida”. A última versão da CID foi finalizada em 1992, e a nova versão do guia será publicada neste ano. Ele traz códigos para as doenças, sinais ou sintomas e é usado por médicos e pesquisadores para rastrear e diagnosticar uma doença.

O documento irá sugerir que comportamentos típicos dos viciados em *games* devem ser observados por um período de mais de 12 meses para que um diagnóstico seja feito. Mas a nova CID irá reforçar que esse período pode ser diminuído se os sintomas forem muito graves. Os sintomas do distúrbio incluem: não ter controle de frequência, intensidade e duração com que joga *video game*; priorizar jogar *video game* a outras atividades.

Richard Graham, especialista em vícios em tecnologia no Hospital Nightingale em Londres, reconhece os benefícios da decisão. “É muito significativo, porque cria a oportunidade de termos serviços mais especializados.” Mas para ele é preciso tomar cuidado para não se cair na ideia de que todo mundo precisa ser tratado e medicado. “Pode levar pais confusos a pensar que seus filhos têm problemas quando eles são apenas ‘empolgados’ jogadores de *video game*”, afirmou.

(Jane Wakefield. BBC Brasil. www.bbc.com/portuguese. 02.01.2018. Adaptado)

49. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Segundo o texto, uma vantagem de o vício em *games* estar incluso no guia de Classificação Internacional de Doenças (CID) diz respeito

- a) ao barateamento imediato dos tratamentos especializados no controle da doença.
- b) à rapidez com que os viciados em *games* decidem procurar um médico.
- c) à facilidade em diferenciar o vício em *games* de dependências que ainda não foram catalogadas.
- d) à possibilidade da ampliação da oferta de serviços mais especializados no tratamento dessa condição.
- e) ao acesso mais fácil a medicamentos que impedem o surgimento desse tipo de vício.

RESOLUÇÃO

A vantagem da catalogação no CID não tem a ver com barateamento de medicamentos ou acesso mais facilitado a estes, como apontam as letras A e E. A rapidez com que supostos viciados procuram um médico acreditando que são viciados em videogames – letra B – pode levar a equívocos de interpretação, sendo isso apontado não como um benefício, mas como um ponto negativo. Na letra C, há um erro sutil: com a catalogação no CID, o vício em videogames passa a ser melhor diferenciado de dependências JÁ catalogadas. Ora, não já como diferenciar essa dependência de outras que ainda sequer foram identificadas e catalogadas.

A letra D é que traduz corretamente a ideia apresentada no seguinte trecho: “É muito significativo, porque cria a oportunidade de termos serviços mais especializados.”

Resposta: D

50. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

De acordo com Richard Graham,

- a) a decisão de se considerar o vício em games como distúrbio mental é benéfica e não existe restrição para ser posta em prática.

- b) os pais de jovens viciados em games também precisam de tratamento especializado, para saberem como medicar os filhos.
- c) os serviços especializados no tratamento de pessoas com inclinações ao vício carecem de maior apoio dos governantes.
- d) nem todos os jovens viciados em games precisam ser tratados e medicados, já que essa condição costuma ser passageira.
- e) a classificação de um indivíduo como viciado em games deve ser feita com cautela, pois ele pode ser apenas um jogador entusiasta.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Segundo o especialista, é preciso ter cuidado, pois se corre o risco de achar que todo mundo que joga bastante videogame deve ser tratado e medicado. Dá a entender que há a necessidade de se estabelecerem critérios claros, havendo, assim, restrições para se pôr em prática qualquer diagnóstico que ateste distúrbio mental.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é que os pais precisem ser tratados, e sim que eles sejam orientados a diferenciar o vício de um simples entretenimento.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O texto não aponta a falta de apoio dos governantes como um problema. No entendimento do autor, a falta de serviços especializados se devia à não identificação do vício em games como um distúrbio.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O texto não dá a entender que o vício em games seja passageiro. Ele afirma que nem todos os jovens precisam ser tratados e medicados, porque não sofrem de um distúrbio, sendo apenas entusiastas dos games.

ALTERNATIVA E – CERTO – Como explicado nos itens anteriores, essa é a ideia correta.

Resposta: E

51.VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Leia o cartaz para responder à questão.



(www.sintracoop.com.br/?p=58879. Adaptado)

A partir do texto verbal, conclui-se que

- a) a prevenção de acidentes deve ocorrer de forma esporádica.
- b) os riscos do trabalho devem ser compensados pelo patrão.
- c) desobediência ao empregador pode causar acidentes.
- d) o trabalhador deve se responsabilizar por sua imperícia.
- e) acidentes de trabalho podem e devem ser prevenidos.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O termo “esporádico” significa “de vez em quando”. Não é essa a mensagem do texto. A segurança deve ser algo a ser observado a todo momento, segundo o texto.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é uma questão de compensação (troca), e sim prevenção.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O acidente de trabalho, segundo o texto, não é causado por uma desobediência, e sim por falta de prudência.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não é uma questão de imperícia (falta de habilidade), e sim de falta de precaução.

ALTERNATIVA E – CERTO – Exatamente! Trata-se de um direito.

Resposta: E

Leia o texto para responder às questões 52 a 53

O trabalho dignifica o homem. O lazer dignifica a vida

“Escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia em sua vida.” A frase do pensador Confúcio tem sido o mantra de muitos que, embalados pela concepção de que ofício e prazer não precisam se opor, buscam um estilo de vida no qual a fonte de renda seja também fonte de alegria e satisfação pessoal. A questão é: trabalho é sempre trabalho. Pode ser bom, pode ser até divertido, mas não substitui a capacidade que só o lazer possui de tirar o peso de um cotidiano regido por prazos, horários, metas.

Não são poucas as pessoas que eu conheço que negligenciam o descanso em prol da produção desenfreada, da busca frenética por resultado, ascensão, status, dinheiro. Algo de errado em querer tudo isso? A meu ver, não. E sim. Não, porque é digna a recusa à estagnação. Sim, quando ela compromete momentos de entretenimento, minando, aos poucos, a saúde física e mental de quem acha que sombra e água fresca são luxo e não merecimento.

Recentemente, um construtor com o qual eu conversava me disse que estava havia nove anos sem férias, e lamentou o pouco tempo passado com os netos. O patrimônio veio de dedicação e empenho, mas custou caro também. Na hora me perguntei se era realmente preciso escolher entre sucesso e diversão.

Poucas coisas são tão eficazes na função de honrar alguém quanto o ofício que se exerce. Momentos de pausa, porém, honram o próprio ofício. A vida se equilibra justamente na possibilidade de converter o dinheiro advindo do esforço em ingressos para o show da banda preferida, passeios no parque, pipoca quentinha e viagens de barco.

(Larissa Bittar. Revista Bula. www.revistabula.com. Adaptado)

52.VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018**A autora defende a opinião de que**

- a) a busca por ascensão e dinheiro não deve ser vista como dignificante, pois compromete o lazer.
- b) o ideal é que se encontre prazer no trabalho, mas o lazer não deve ser negligenciado.
- c) o lazer não pode ser substituído pelo trabalho, especialmente porque este não é fonte de prazer.
- d) o lazer deveria ser a única preocupação das pessoas e não o trabalho, como é comum.
- e) a dedicação exclusiva ao trabalho é justificável, quando gera alegria e satisfação pessoal.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – A autora considera sim digna a busca por ascensão e dinheiro, que, nas palavras dela, significa uma recusa à estagnação.

ALTERNATIVA B – CERTO – Segundo a autora, mesmo o trabalho sendo prazeroso, este não consegue suprir os benefícios trazidos pelo lazer.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A autora julga que o trabalho pode sim ser uma fonte de prazer. Apenas poderá que ele não é capaz de suprir os benefícios trazidos pelo lazer.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A autora não defende que o prazer seja a única preocupação das pessoas. Defende apenas que ele não pode ser negligenciado.

ALTERNATIVA E – ERRADO – É preciso dividir o tempo, segundo a autora, entre trabalho e lazer.

Resposta: B

53. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

A referência ao construtor, no terceiro parágrafo, serve para

- a) ilustrar o quanto o trabalho pode destruir a saúde física e mental de alguém.
- b) exemplificar que a opção pelo lazer pressupõe a recusa do sucesso.
- c) demonstrar que a preocupação com os bens materiais é antiética.
- d) mostrar como a dedicação excessiva ao trabalho pode levar à frustração.
- e) denunciar um comportamento cada vez mais raro entre as pessoas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – O construtor não se mostra destruído física e mentalmente. Apenas se mostra frustrado por não ter aproveitado mais seu tempo para o lazer.

ALTERNATIVA B – ERRADO – A opção por um não significa, na visão da autora, a recusa pelo outro. Há de se conciliar trabalho e lazer.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O exemplo apresentado do construtor em nada tem a ver com escolhas éticas.

ALTERNATIVA D – CERTO – Exato! É esse o sentimento transparecido pelo construtor.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não se trata de um comportamento raro, e sim de algo comum.

Resposta: D

Texto para as questões 54 a 55**Escravos no século XXI**

Esses retratos, junto com muitos outros, formam uma galeria que o país não gosta de ver. São vários Antônio, vários Francisco, vários José que dão carne e osso a um grande drama brasileiro: o trabalho em condições análogas às de escravidão. Sim, todas essas pessoas foram escravizadas – em pleno século XXI.

Enredadas em dívidas impagáveis, manipuladas pelos patrões e submetidas a situações deploráveis no trabalho, elas chegaram a beber a mesma água que os porcos, e algumas sofreram a humilhação máxima de ser espancadas, para não falar de constantes ameaças de morte.

Quando os livros escolares informam que a escravidão foi abolida no Brasil em 13 de maio de 1888, há exatos 130 anos, fica faltando dizer que se encerrou a escravidão negra – e que, ainda hoje, a escravidão persiste, só que agora é multiétnica.

Estima-se que atualmente 160 000 brasileiros trabalhem e vivam no país em condições semelhantes às de escravidão – ou seja, estão submetidos a trabalho forçado, servidão por meio de dívidas, jornadas exaustivas e circunstâncias degradantes (em relação a moradia e alimentação, por exemplo). Comparada aos milhões de africanos trazidos para o país para trabalhar como escravos, a cifra atual poderia indicar alguma melhora, mas abrigar 160 000 pessoas escravizadas é um escândalo humano de proporções épicas. Em 1995, o governo federal reconheceu oficialmente a continuidade daquele crime inclassificável – e criou uma comissão destinada a fiscalizar o trabalho escravo. O pior é que, em vez de melhorar, a situação está ficando mais grave.

(Jennifer Ann Thomas, Veja, 09 de maio de 2018. Adaptado)

54. VUNESP - Agente de Telecomunicações Policial (PC SP)/2018

É correto afirmar que o segundo parágrafo do texto

- a) mostra ações de intolerância de patrões, as quais não têm registro na história do país.
- b) apresenta argumentos que fundamentam a abolição da escravidão, ocorrida em 1888.
- c) aponta a necessidade de subsistência como fator motivador do trabalho escravo.
- d) critica a omissão do Estado e da sociedade, que se calam diante de fatos tão graves.
- e) expõe fatos que justificam a afirmação de que ainda se escravizam pessoas no Brasil.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Há registros históricos sim dessas práticas no país. Tanto é que o texto compara essa situação ao regime de escravidão outrora vigente no país.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Faz-se menção a práticas atuais de trabalho escravo, o que reforça a tese de que a escravidão no país não foi abolida em 1888.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O segundo parágrafo não busca justificar a existência do trabalho escravo, e sim denunciá-lo.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O segundo parágrafo não apresenta uma crítica direta ao Estado e à sociedade, mas sim expõe fatos no sentido de denunciar a existência do trabalho escravo.

ALTERNATIVA E – CERTO – O parágrafo explora exemplos de práticas que podem ser facilmente classificadas como trabalho escravo.

Resposta: E

55. VUNESP - Agente de Telecomunicações Policial (PC SP)/2018

Estima-se que atualmente 160 000 brasileiros trabalhem e vivam no país em condições semelhantes às de escravidão – ou seja, estão submetidos a trabalho forçado, servidão por meio de dívidas, jornadas exaustivas e circunstâncias degradantes (em relação a moradia e alimentação, por exemplo).

É correto afirmar que essa passagem

- a) retoma algumas informações anteriormente expressas, introduzindo um dado novo, referente ao número de escravizados.
- b) destaca a quantidade de escravizados atuais, equiparando-a à quantidade dos retratados na galeria de fotos.
- c) traz informações novas acerca das condições de trabalho escravo, evitando repetir fatos anteriormente mencionados.
- d) contradiz os dados expostos na sequência, evitando fazer comparações com a quantidade de escravos africanos.
- e) repete informações anteriormente expressas, inclusive a que se refere à quantidade de pessoas vivendo como escravas.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – CERTO – Exatamente. Nos parágrafos anteriores, fez-se a exposição das práticas que atestam a existência do trabalho escravo. O trecho em destaque deu números a essas práticas.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não há uma equiparação entre texto e charge, no que diz respeito à quantidade de trabalhadores escravos. O que a gravura mostra é a diversidade de rostos e tipos que se sujeitam hoje a condições de trabalho escravo.

ALTERNATIVA C – ERRADO – O texto retoma sim ideias anteriormente expostas, relativas às práticas de trabalho escravo.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O fragmento não contradiz os dados apresentados na sequência, relativos aos escravos africanos. Apenas reforça que o número de escravos atuais não é insignificante.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O texto não havia citado a quantidade de pessoas em situação de escravidão até então.

Resposta: A

Leia o texto para responder às questões 56 a 57.

O físico e matemático inglês Isaac Newton é um dos maiores cientistas da humanidade. Filho de fazendeiros, Newton nasceu em Woolsthorpe, uma pequena aldeia da Inglaterra, em 1643. Desde criança, demonstrava mais interesse por desenvolver inventos do que pelos negócios da família. Aos 18 anos, foi aceito no Trinity College, da Universidade de Cambridge, onde recebeu o grau de Bacharel em Artes.

Em 1671, assumiu o cargo de professor catedrático de matemática na mesma universidade e, em 1703, foi eleito presidente da Real Sociedade de Londres para o Melhoramento do Conhecimento Natural, uma instituição destinada à promoção do conhecimento científico. Dois anos depois, tornou-se o primeiro cientista a receber o título de "Sir", sagrado cavaleiro da rainha da Inglaterra. Newton morreu em 1727, aos 84 anos, por complicações decorrentes da idade extremamente elevada para a época.

No período em que cursava faculdade em Cambridge, a Peste Negra assolou a Inglaterra e matou um décimo da população. Por 18 meses, a universidade ficou fechada, e Newton voltou para casa. Um belo dia, sentado à sombra de uma macieira (cujas descendentes ainda existem!), viu uma maçã cair no chão – ou na sua cabeça, a história vai do gosto do freguês – e formulou a Lei da Gravitação Universal, que explica a força da gravidade. Com essa descoberta, Newton deu início à ciência moderna. Como diria o cientista em um ensinamento que vale para a vida: "nenhuma grande descoberta foi feita jamais sem um palpite ousado".

(Marilia Marasciulo. *O que você pode aprender com as descobertas de Isaac Newton*. 17.01.2018. <http://revistagalileu.globo.com>. Adaptado)

56. VUNESP - Agente Previdenciário (PAULIPREV)/2018

De acordo com o texto,

- a) Newton deixou a faculdade com suspeita de ter contraído a Peste Negra, que já matara um décimo dos estudantes.
- b) a história de que Newton elaborou a Lei da Gravitação Universal após se sentar sob uma macieira é falsa.
- c) os familiares de Newton insistiram para que estudasse artes em vez de matemática, mas ele preferiu esta última.
- d) a ciência moderna teve início com uma lei formulada por Isaac Newton a partir de um palpite ousado.
- e) a Lei da Gravitação Universal, que revolucionou a ciência, levou dezoito meses para ser desenvolvida.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Nada a ver! Newton foi para casa, pois a Universidade esteve fechada no período em a Peste Negra se espalhou pela Europa. Além disso, Newton não contraiu a doença.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é possível afirmar com exatidão se a história é verdadeira ou falsa. Existem diferentes versões.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Não há nenhuma passagem no texto que indique que houve pressão por parte dos familiares para que Newton seguisse uma ou outra formação.

ALTERNATIVA D – CERTO – Exato. Foi a Lei da Gravitação Universal, formulada a partir da inspiração da maçã caída no chão ou na cabeça do cientista.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não! 18 meses foi o período em que a Universidade esteve fechada, devido ao surto da Peste Negra.

Resposta: D

57. VUNESP - Agente Previdenciário (PAULIPREV)/2018 (e mais 2 concursos)

Os dois primeiros parágrafos apresentam fatos da vida de Newton

- a) certamente inventados.
- b) ocorridos em concomitância.
- c) que obtiveram repercussão idêntica.
- d) relacionados entre si por acaso.
- e) dispostos em ordem cronológica.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não se trata de invencionices. A dúvida que paira é se a maçã caiu no chão ou na cabeça do cientista.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não foram fatos simultâneos (concomitantes). Eles estão dispostos em sequência cronológica.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A nomeação de Newton como Sir teve sem dúvida uma repercussão (impacto) bem maior do que sua conclusão do Bacharelado em Artes.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não estão dispostos ao acaso. O fato de a Universidade ter ficado fechada permitiu que Newton, num momento de ócio, tivesse a inspiração para formular a Teoria da Gravitação.

ALTERNATIVA E – CERTO – Como explicado anteriormente, os fatos estão em sequência cronológica.

Resposta: E

Leia o texto para responder às questões 58 a 59.

A revolução digital fortalece as previsões de que as casas ou lares inteligentes oferecerão mais conveniência e menos dispêndio de energia em um futuro.

A definição de conveniência para esses novos lares tecnológicos, com redução ou eliminação de trabalhos domésticos. Portanto, para que as edificações inteligentes tenham sucesso, elas deverão se estruturar com base nessa visão de conveniência como solução para os que vivem em um mundo acelerado e estar ancoradas em uma grande variedade de sistemas tecnológicos acessíveis e fáceis de operar, tornando a vida das pessoas mais simples.

Além da conveniência, outro relevante benefício das casas inteligentes, para os consumidores é a sua capacidade de incorporar aspectos relacionados à administração do gasto de energia, principalmente com iluminação, condicionamento de ar e eletrodomésticos. Um conjunto de sensores, adequadamente configurados para gerenciar esses sistemas, pode gerar diminuição considerável nos gastos com energia, com reflexos ambientais e econômicos importantes.

O departamento de engenharia da computação da Academia Árabe de Ciências e Tecnologia desenvolveu um estudo para avaliar a economia no consumo de energia gerada com o uso de sensores inteligentes, em um apartamento de um dormitório, cozinha, sala de estar, sala de jantar e banheiro. O estudo concluiu que a economia pode chegara quase 40% do consumo médio mensal de energia.

A tendência de crescimento desse mercado é clara. A empresa de pesquisa Zion Research prevê que a tecnologia das casas inteligentes deve alcançar um faturamento de US\$ 53 bilhões (R\$170 bi) em 2022. O crescimento estará calcado, principalmente, na conexão da casa com os ambientes digitais externos, como por exemplo, a conexão do refrigerador com os equipamentos dos fornecedores de alimentos.

Naturalmente, a tecnologia das casas inteligentes continuará a evoluir, tornando-se acessível e barata. Com isso, mais pessoas poderão utilizar-se dela, e novos padrões, modelos e estilos de vida devem se consolidar, principalmente nas áreas urbanas.

(Claudio Bernades. Casas inteligentes trarão conveniência e reduzirão gasto de energia. Folha de S. Paulo. www.folha.uol.com.br. 22.01.18. Adaptado)

58. VUNESP - Analista de Suporte à Regulação I (ARSESP)/2018

Na opinião do autor, a evolução da tecnologia das casas inteligentes

- a) permitirá que a conexão de eletrodomésticos com fornecedores de energia reduza as necessidades de consumo.
- b) levará a um menor gasto energético em decorrência do investimento público em fontes de energia renovável.
- c) ensejará o desenvolvimento de novos hábitos, especialmente entre os moradores de áreas urbanas.
- d) fará com que as pessoas passem a dedicar mais tempo a atividades domésticas em seu dia a dia.
- e) deverá se tornar mais barata em centros urbanos, o que acarretará uma intensificação do êxodo rural.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não são as necessidades que vão diminuir, mas sim o dispêndio com consumo de energia.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Não é propriamente o investimento em energia renovável que levará a um menor gasto de energia, e sim o uso de sensores inteligentes.

ALTERNATIVA C – CERTO – É o que fica bem claro no seguinte trecho: “Com isso, mais pessoas poderão utilizar-se dela, e novos padrões, modelos e estilos de vida devem se consolidar, principalmente nas áreas urbanas.”.

ALTERNATIVA D – ERRADO – A tendência, com as casas inteligentes, é que se diminua o tempo gasto com atividades domésticas.

ALTERNATIVA E – ERRADO – A evolução tecnológica, segundo o texto, tornar-se-á mais acessível e barata, mas isso não significa que o êxodo rural vá se intensificar.

Resposta: C

59. VUNESP - Analista de Suporte à Regulação I (ARSESP)/2018

O autor organiza sua argumentação de modo a apresentar.

- a) no último parágrafo, uma informação que contesta que foi exposto nos parágrafos anteriores.
- b) no parágrafo 1, uma opinião para a qual expõe um argumento a favor e outro contra nos parágrafos 2 e 3, respectivamente.
- c) no parágrafo 2, uma informação polêmica que é contrariada logo em seguida, no parágrafo 3
- d) nos parágrafos 2, 3 e 4, os dois principais benefícios das casas inteligentes apontados logo no parágrafo 1.
- e) no parágrafo 3, uma ressalva para o que se explicita no parágrafo 2 acerca das edificações inteligentes.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – Não se contesta aquilo que foi exposto, e sim se reforça.

ALTERNATIVA B – ERRADO – Os três primeiros parágrafos estão alinhados, defendendo o aumento da conveniência com a evolução das chamadas casas inteligentes.

ALTERNATIVA C – ERRADO – Os parágrafos 2 e 3 se complementam, e não se opõem.

ALTERNATIVA D – CERTO – De fato, os parágrafos detalham os dois principais benefícios advindos com as chamadas casas inteligentes: o aumento da conveniência e a redução de gastos com energia.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não há a apresentação de uma ressalva (argumento contrário), mas sim de um reforço para a informação trazida já no 1º parágrafo.

Resposta: D

60. VUNESP - Juiz Estadual (TJ RS)/2018

Nas escolas da Catalunha, a separação da Espanha tem apoio maciço. É uma situação que contrasta com outros lugares de Barcelona, uma cidade que vive hoje em duas dimensões. De um lado, há a Barcelona dos turistas, que se cotovelam nos pontos turísticos da cidade, fazem fila para entrar nos museus e buscam mesa nos restaurantes. Para a maioria deles, a capital da Catalunha segue seu ritmo normal. Nos bairros afastados do centro turístico, onde se concentram os moradores de Barcelona, todas as conversas tratam da tensa situação política – e há muita divisão em relação à independência. Segundo a última pesquisa feita pelo jornal El Mundo, 33% dos catalães são a favor da criação de um estado independente, enquanto 58% são contra. A divisão pode ser verificada pelas bandeiras penduradas nas sacadas e janelas. Chama a atenção ver as esteladas, como são conhecidas as bandeiras independentistas, disputando o espaço com as bandeiras da Espanha.

Nesse quadro de cisão, o separatismo tem nas escolas suas grandes aliadas para propagar as ideias nacionalistas. Isso ocorre desde a redemocratização espanhola, no fim dos anos 1970. Antes disso, durante a ditadura comandada pelo

general Francisco Franco, que governou a Espanha entre 1938 e 1973, os colégios públicos eram proibidos de ensinar em catalão. Somente os privados ofereciam aulas nessa língua. Em sua maioria, essas escolas tinham perfil inovador e vanguardista, se comparadas às tradicionais escolas católicas da época. Com a queda do general Franco, as escolas catalãs privadas foram incorporadas à rede pública e tornaram-se o modelo principal do sistema educacional, que hoje abriga 1,5 milhão de alunos e 71 mil professores. Como a educação pública na Espanha está a cargo dos governos regionais, os diretores dos centros escolares são escolhidos a dedo pelo governo catalão – que toma o cuidado de selecionar somente diretores separatistas. “A manipulação dos jovens é central para o independentismo catalão. É assim com qualquer movimento supremacista na Europa”, diz a historiadora espanhola Maria Elvira Roca. “É mais fácil convencer estudantes a apaixonarem-se por uma causa do que trabalhadores que estão encerrados num escritório”.

(*Época*, 13.11.2017. Adaptado)

Ao tratar do movimento separatista catalão, o texto

- a) resgata dados da história da dominação franquista na Espanha, com a finalidade de propiciar conclusões favoráveis ao retorno do sistema educacional aos moldes tradicionais.
- b) mostra-se tendencioso, apontando fatos e dados que levam o leitor a concluir que o objetivo da maioria dos catalães se justifica, em nome da liberdade ideológica.
- c) privilegia a objetividade na apresentação das diferenças de opinião da comunidade catalã e aponta ações oficiais para afirmar a ideia de independência da Catalunha.
- d) apresenta argumentos contraditórios, ao partir de premissas que contrapõem dados sem vínculo lógico, tais como o modo como os catalães e turistas se envolvem na causa.
- e) relata com subjetividade os princípios dos grupos ideologicamente divididos sobre a causa, enfatizando o argumento da importância dos jovens nas tomadas de decisão.

RESOLUÇÃO

ALTERNATIVA A – ERRADO – A menção ao período de dominação franquista não tem por objetivo defender a volta do ensino tradicional. O objetivo é mostrar que as escolas catalãs hoje são centros de irradiação das ideias independentistas entre os jovens.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O texto deixa claramente exposta a divisão quanto à independência entre os próprios catalães, não tomando partido de uma corrente ou outra. O que o texto se limita a dizer é que o sentimento independentista é propagado sobretudo entre os jovens pelas escolas.

ALTERNATIVA C – CERTO – O texto se limita a expor opiniões acerca do movimento separatista e aponta a utilização das escolas pelo governo catalão como estratégia para se alcançar a independência.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não se trata de inexistência de vínculo lógico. Apenas o autor contrasta a realidade dos turistas, mais preocupados com entretenimento, com a dos moradores, divididos quanto à possibilidade de os catalães se tornarem independentes.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O texto não faz um relato subjetivo. Predomina sim a objetividade na descrição dos motivadores que levam os catalães a defenderem a independência.

Resposta: C

61. VUNESP –Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2017

O problema de São Paulo, dizia o Vinicius, “é que você anda, anda, anda e nunca chega a Ipanema”. Se tomarmos “Ipanema” ao pé da letra, a frase é absurda e cômica. Tomando “Ipanema” como um símbolo, no entanto, como um exemplo de alívio, promessa de alegria em meio à vida dura da cidade, a frase passa a ser de um triste

realismo: o problema de São Paulo é que você anda, anda, anda e nunca chega a alívio algum. O Ibirapuera, o parque do Estado, o Jardim da Luz são uns raros respiros perdidos entre o mar de asfalto, a floresta de lajes batidas e os Corcovados de concreto armado.

O paulistano, contudo, não é de jogar a toalha – prefere estendê-la e se deitar em cima, caso lhe concedam dois metros quadrados de chão. É o que vemos nas avenidas abertas aos pedestres, nos fins de semana: basta liberarem um pedacinho do cinza e surgem revoadas de patinadores, maracatus, big bands, corredores evangélicos, góticos satanistas, praticantes de ioga, dançarinos de tango, barraquinhas de yakissoba e barris de cerveja artesanal.

Tenho estado atento às agruras e oportunidades da cidade porque, depois de cinco anos vivendo na Granja Viana, vim morar em Higienópolis. Lá em Cotia, no fim da tarde, eu corria em volta de um lago, desviando de patos e assustando jacus. Agora, aos domingos, corro pela Paulista ou Minhocão e, durante a semana, venho testando diferentes percursos. Corri em volta do parque Buenos Aires e do cemitério da Consolação, ziguezagueei por Santa Cecília e pelas encostas do Sumaré, até que, na última terça, sem querer, descobri um insuspeito parque noturno com bastante gente, quase nenhum carro e propício a todo tipo de atividades: o estacionamento do estádio do Pacaembu.

(Antonio Prata. "O paulistano não é de jogar a toalha. Prefere estendê-la e deitar em cima." Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas>>. Acesso em: 13.04.2017. Adaptado)

É correto afirmar que, do ponto de vista do autor, o paulistano

- a) busca em Ipanema o contato com a natureza exuberante que não consegue achar em sua cidade.
- b) sabe como vencer a rudeza da paisagem de São Paulo, encontrando nestes espaços para o lazer.
- c) se vê impedido de realizar atividades esportivas, no mar de asfalto que é São Paulo.
- d) tem feito críticas à cidade, porque ela não oferece atividades recreativas a seus habitantes.
- e) toma Ipanema como um símbolo daquilo que se pode alcançar, apesar de muito andar e andar.

RESOLUÇÃO

Note que o item pergunta acerca do paulistano, tomando como base o ponto de vista do autor.

Analisemos letra a letra:

ALTERNATIVA A - ERRADA - Não é verdade que o paulistano busque Ipanema. A analogia de "buscar Ipanema" é de autoria de Vinícius de Moraes e diz respeito à busca por um espaço de lazer e alívio na cidade de São Paulo.

ALTERNATIVA B - CERTA - De fato! Segundo o autor, o paulistano sabe encontrar alternativas. Isso fica bem evidente na seguinte passagem: "O paulistano, contudo, não é de jogar a toalha – prefere estendê-la e se deitar em cima, caso lhe concedam dois metros quadrados de chão".

ALTERNATIVA C - ERRADA - Não é verdade! O próprio autor relata suas alternativas para a prática esportiva.

ALTERNATIVA D - ERRADA - O autor não critica a cidade propriamente. Ele reconhece que as alternativas de recreação não são numerosas, mas que existem.

ALTERNATIVA E - ERRADA - Quem assim o faz é Vinícius de Moraes, em sua citação: "O problema de São Paulo é que você anda, anda, anda e nunca chega a Ipanema".

Resposta: B

Leia o texto para responder às questões 62 a 63.

Para responder à questão, observe a charge que retrata uma cena em que uma família faz selfie ao lado de um corpo caído no chão.



(João Montanaro. Disponível em: <<https://www.facebook.com>>. Acesso em 21.04.2017)

62. VUNESP –Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2017

Assinale a alternativa contendo uma ideia implícita a partir dos fatos retratados na charge.

- a) As pessoas sorriem para a câmera.
- b) O corpo está estendido no chão.
- c) A violência está banalizada.
- d) O pau de selfie permite fotografar várias pessoas.
- e) O grupo familiar posa unido.

RESOLUÇÃO

Entende-se por informações implícitas aquelas que não são evidenciadas explicitamente por elementos textuais. No caso de textos não-verbais, esses elementos seriam os semblantes dos personagens, seus gestos, assim como o ambiente e os objetos retratados,

Dessa forma, vemos pessoas sorrindo para a câmera - letra A; vemos um corpo estendido no chão - letra B; vemos a utilização do pau de selfie como instrumento que permite fotografar várias pessoas - letra D; e vemos um grupo familiar posando unido para a foto - letra E.

O contraste da alegria e da união da família, a despeito do corpo estendido no chão, permite-nos inferir que a violência não é mais capaz de abalar as pessoas, ou seja, ela está banalizada - letra C.

Resposta: C

63. VUNESP –Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2017

Assinale a alternativa que expressa ideia compatível com a situação representada na charge.

- a) Hoje, a tecnologia leva a uma compreensão mais ética da realidade circundante.
- b) Não se pode condenar a postura ética das pessoas que se deixam encantar com os modismos.
- c) O verdadeiro sentido da solidariedade está em comover-se com o semelhante desamparado.
- d) A novidade tecnológica reforça a individualidade, levando as pessoas a ficar alheias à realidade que as cerca.
- e) Um fato violento corriqueiro não justifica a preocupação com a desgraça alheia.

RESOLUÇÃO

Analisemos letra a letra:

ALTERNATIVA A - ERRADA - A charge ilustra não uma consciência da realidade, mas uma alienação.

ALTERNATIVA B - ERRADA - De certa forma, é chocante pessoas sorrindo ao lado de um corpo ensanguentado estendido no chão.

ALTERNATIVA C - ERRADA - Não há comoção, e sim indiferença retratada na charge.

ALTERNATIVA D - CERTA - De fato! As pessoas ficam indiferentes à realidade quando são expostas ao prazer e ao entretenimento proporcionados pela tecnologia.

ALTERNATIVA E - ERRADA - Não se vê preocupação com a desgraça alheia, e sim indiferença.

Resposta: D

64. VUNESP –Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2017

Há quatro anos, Chris Nagele fez o que muitos executivos no setor de tecnologia já tinham feito – ele transferiu sua equipe para um chamado escritório aberto, sem paredes e divisórias.

Os funcionários, até então, trabalhavam de casa, mas ele queria que todos estivessem juntos, para se conectarem e colaborarem mais facilmente. Mas em pouco tempo ficou claro que Nagele tinha cometido um grande erro. Todos estavam distraídos, a produtividade caiu, e os nove empregados estavam insatisfeitos, sem falar do próprio chefe.

Em abril de 2015, quase três anos após a mudança para o escritório aberto, Nagele transferiu a empresa para um espaço de 900 m² onde hoje todos têm seu próprio espaço, com portas e tudo.

Inúmeras empresas adotaram o conceito de escritório aberto – cerca de 70% dos escritórios nos Estados Unidos são assim – e até onde se sabe poucos retornaram ao modelo de espaços tradicionais com salas e portas.

Pesquisas, contudo, mostram que podemos perder até 15% da produtividade, desenvolver problemas graves de concentração e até ter o dobro de chances de ficar doentes em espaços de trabalho abertos – fatores que estão contribuindo para uma reação contra esse tipo de organização.

Desde que se mudou para o formato tradicional, Nagele já ouviu colegas do setor de tecnologia dizerem sentir falta do estilo de trabalho do escritório fechado. “Muita gente concorda – simplesmente não aguentam o escritório aberto. Nunca se consegue terminar as coisas e é preciso levar mais trabalho para casa”, diz ele.

É improvável que o conceito de escritório aberto caia em desuso, mas algumas firmas estão seguindo o exemplo de Nagele e voltando aos espaços privados.

Há uma boa razão que explica por que todos adoram um espaço com quatro paredes e uma porta: foco. A verdade é que não conseguimos cumprir várias tarefas ao mesmo tempo, e pequenas distrações podem desviar nosso foco por até 20 minutos.

Retemos mais informações quando nos sentamos em um local fixo, afirma Sally Augustin, psicóloga ambiental e de design de interiores.

(Bryan Borzykowski, “Por que escritórios abertos podem ser ruins para funcionários.” Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 04.04.2017. Adaptado)

Segundo o texto, são aspectos desfavoráveis ao trabalho em espaços abertos compartilhados

- a) a impossibilidade de cumprir várias tarefas e a restrição à criatividade.
- b) a dificuldade de propor soluções tecnológicas e a transferência de atividades para o lar.
- c) a dispersão e a menor capacidade de conservar conteúdos.
- d) a distração e a possibilidade de haver colaboração de colegas e chefes.
- e) o isolamento na realização das tarefas e a vigilância constante dos chefes.

RESOLUÇÃO

Nas alternativas apresentadas, nota-se uma tentativa da banca em citar aspectos desfavoráveis não mencionados no texto.

Na letra A, por exemplo, cita-se como aspecto desfavorável dos espaços abertos a restrição à criatividade. O texto em nenhum momento cita isso.

Na letra B, cita-se a dificuldade de propor soluções tecnológicas. O texto em nenhum momento cita entraves relacionados à tecnologia.

Na letra D, cita-se a possibilidade de haver colaboração entre colegas e chefes como aspecto desfavorável. No entanto, trata-se de uma vantagem do modelo de escritórios abertos.

Na letra E, cita-se o isolamento na realização de tarefas. No entanto, o problema do modelo de escritório aberto é justamente a falta de isolamento. Além disso, fala o item em vigilância constante por parte dos chefes, sendo que o texto, em nenhum momento, cita isso.

A resposta, portanto, é a letra C.

A dispersão é o problema mais evidente do modelo de escritório aberto.

Quando o item fala em menor capacidade para conservar conteúdos, está falando da retenção de conteúdos, que fica comprometida com a dispersão presente no modelo de escritório aberto!

Resposta: C

65. INÉDITA



A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

- a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.
- b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.
- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.
- d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.
- e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – É errado afirmar que o garoto da primeira charge encara a tecnologia com desinteresse. Na verdade, ele se demonstra interessado até demais, o que é evidenciado pela pilha de eletroeletrônicos que se acumula atrás dele. Seu desejo por tecnologia é insaciável.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato, os adultos da segunda charge não demonstram tanto desejo (avidez) por tecnologia quanto o garoto. Este é insaciável.

ALTERNATIVA C – ERRADO - De acordo com a charge, a dificuldade da geração mais madura não está na identificação das funcionalidades presentes nos aparelhos. É possível ver que os adultos conseguem identifica-las. A real dificuldade dessa geração está em entender a utilidade de fato dessas ferramentas na vida cotidiana. Há um sentimento de desconfiança por parte dos adultos, ressaltado pela face, com olhar distante, sobrancelhas levantadas e testa franzida.

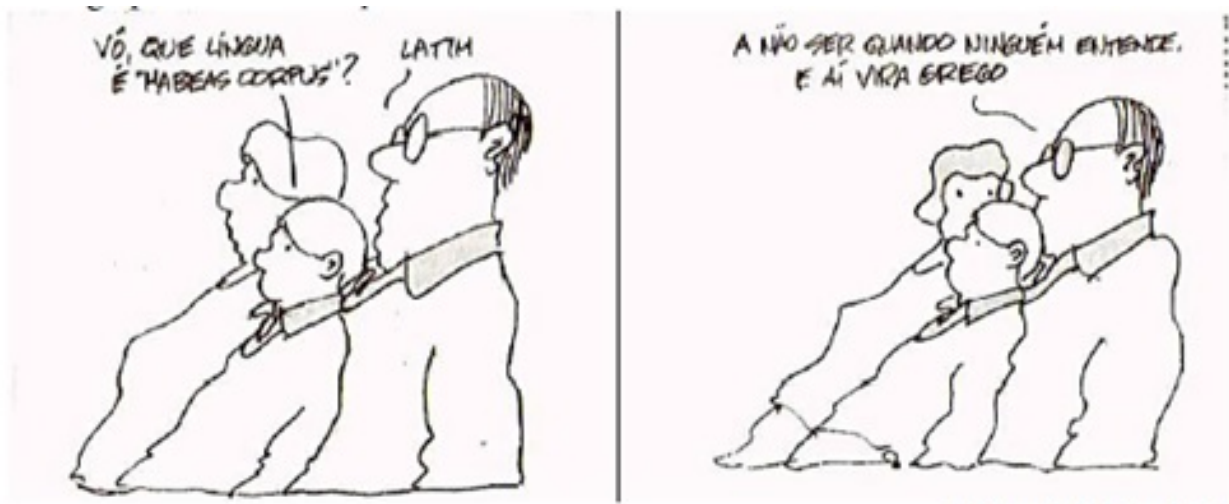
ALTERNATIVA D – ERRADO – Ao dizer “Qual o próximo?”, subentende-se que o garoto deseja mais um eletroeletrônico.

ALTERNATIVA E – ERRADO – A primeira charge explicita não facilidades, mas sim dificuldades que a tecnologia trouxe para o cotidiano: descarte excessivo, desejo insaciável das crianças por tecnologia e submissão dos adultos à vontade dos mais jovens.

Resposta: B

66. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

- a) O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão "habeas corpus".
- b) A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- c) A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- d) A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- e) O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O avô expressa conhecimento acerca da origem (etimologia) da expressão "habeas corpus".

ALTERNATIVA B – ERRADO – A resposta não evidencia que o avô o recriminou o garoto pela pergunta.

ALTERNATIVA C – ERRADO – A pergunta do garoto não pode ser considerada retórica, entendida como uma pergunta de cuja resposta o enunciador já tem conhecimento. O garoto, de fato, expressa uma dúvida.

ALTERNATIVA D – ERRADO - A crítica do avô não é explícita, e sim implícita. Esta é dirigida não aos políticos, mas ao Poder Judiciário.

ALTERNATIVA E – CERTO – De fato, a crítica velada feita pelo avô denuncia à forma obscura como se concede o benefício do "habeas corpus", dando a entender que, em alguns casos, não ocorre um juízo pautado pela equidade.

Resposta: E

67. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

"Nossa meta é servir bem."

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra "meta" estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo "Nossa", que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.
- e) O emprego do substantivo "diferencial" no lugar de "meta" não alteraria o sentido original do anúncio.

RESOLUÇÃO:

Obviamente um anúncio publicitário tem por objetivo principal persuadir (convencer) o público-alvo a adquirir um determinado produto ou serviço. Para cumprir tal propósito, é importante escolher adequadamente as palavras.

Isso não ocorre no anúncio em questão, haja vista que a palavra "meta" é sinônima de "objetivo", "propósito", "algo que ainda se quer atingir". Ora, se a meta é servir bem, dá-se a entender que o restaurante ainda não serve bem seus clientes.

Você iria a um restaurante que não serve bem seus clientes, mas está lutando para um dia, quem sabe, atingir esse objetivo? Claro que não, né? Eu esperaria o restaurante cumprir atingir essa meta, para só então pensar em frequentá-lo. Concorda?

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – A escolha da palavra "meta" é inapropriada, tendo em vista que ela dá a entender que o restaurante ainda não serve (atende) bem seus clientes.

ALTERNATIVA B – CERTO – De fato, de acordo com o anúncio, é possível inferir que o restaurante não serve bem seus clientes. Com certeza, não era essa a intenção inicial dos elaboradores da campanha publicitária.

ALTERNATIVA C – ERRADO - A escolha da palavra "meta" é inapropriada, tendo em vista o caráter persuasivo do texto.

ALTERNATIVA D – ERRADO – O problema não foi a escolha da palavra "Nossa", e sim da palavra "meta". Além disso, não é característica de um texto publicitário a impessoalidade.

ALTERNATIVA E – ERRADO – O sentido original deixa implícito que o restaurante anunciado ainda não serve bem seus clientes. Já, com o emprego do substantivo "diferencial", dá-se a entender que os demais restaurantes não servem bem seus clientes. O sentido original é, portanto, alterado com a troca de palavras sugerida.

Resposta: B

68. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensar a roda que falava de política e de pintura?

Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.)

I – Há uma relação semântica de contraste “banhos intermitentes de sangue” e “ela era toda pálida e suave”

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - “Muito!” – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo” faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

RESOLUÇÃO:

A assertiva I está correta.

De acordo com a descrição do texto, a luminosidade do anúncio refletia na pele da personagem, dando a ela uma coloração avermelhada. É o que o texto descreve como “banhos intermitentes de sangue.”

Nos intervalos (intermitências) entre o acender e o apagar do anúncio, a lua realçava a palidez da pele da personagem.

A assertiva II está errada.

É possível notar na resposta da personagem um tom vago, até mesmo irônico. Ela não se mostrava muito interessada em julgar o quadro que lhe fora apresentado, assunto da pergunta a ela dirigida. Estava, na verdade, mais entretida e distraída com os efeitos luminosos do anúncio em seu braço.

A assertiva III está errada.

De fato, o pronome “isso” faz referência à distração gerada pelos efeitos luminosos do anúncio no braço da personagem. No entanto, erra a assertiva ao afirmar que se trata de uma alusão catafórica – referência a algo ainda a ser citado. O correto é afirmar que se faz uma alusão anafórica – referência a algo citado anteriormente no texto.

Resposta: A

69. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.
- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino ínterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

RESOLUÇÃO:

O início do trecho dá a entender que os pais do garoto o espancavam. Isso fica evidente no trecho “*faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos.*”. A partir do trecho “*Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias.*”, o humor dos pais muda repentinamente e as pancadas e os gritos dão lugar a um abrandamento.

Nesse instante, abre-se um parêntese, sinalizando a interrupção do tratamento violento e a adoção de uma postura mais carinhosa por parte dos pais. No entanto, esse intervalo de trégua não dura muito e, logo depois, reiniciam-se as pancadarias e os gritos, ou seja, fecha-se o parêntese, para tristeza do garoto.

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – O trecho não simboliza o início, mas sim o término do tratamento carinhoso dado pelos pais ao garoto.

ALTERNATIVA B – ERRADO – O item apresenta uma incorreção, ao afirmar que a violência partia de diversos familiares. Na verdade, a violência partia de “seres determinados”, numa alusão feita aos pais do garoto.

ALTERNATIVA C – CERTO – Exatamente. O fechamento do parêntese, como explicado acima, marca o término do curto período de trégua.

ALTERNATIVA D – ERRADO – Não há propriamente um sentimento de saudosismo por parte do autor, haja vista que esse tempo lhe trazia más recordações.

ALTERNATIVA E – ERRADO – Não é o que dá a entender o trecho “*Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado.*”. Na visão ingênua do garoto, tratava-se de uma mudança definitiva, sem volta.

Resposta: C

70. ADAPTADA

CALVIN E HAROLD

BY BILL WATTERSON



http://2.bp.blogspot.com/_wBWv8NQA78/TBWEMQ8147I/AAAAAAAAACE/zmfW9c8uA0k/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg
(Acesso em 12/05/2016)



http://4.bp.blogspot.com/_20adcvrO4Kw/U_4ga8lc56I/AAAAAAAAAZQ/hq2oxMLA7yY/s1600/mafalda-1.jpg
(Acesso em 12/05/2016)

Analizando as duas tirinhas, **NÃO** se pode afirmar que

- a) Calvin se revela incapaz de compreender o noticiário, diferentemente do pai de Mafalda.
- b) Calvin e Mafalda, apesar de crianças, são críticos em relação ao conteúdo televisivo.
- c) a reação de Calvin e a de Mafalda são diferentes diante do conteúdo televisivo.
- d) ambas tratam da relação entre telespectador e mídia televisiva.
- e) ambas apresentam personagens que questionam o noticiário veiculado pela TV.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

ALTERNATIVA A – ERRADO – Calvin até compreende o teor do noticiário, associando a este o tom do sensacionalismo. No entanto, admite gostar daquele tipo de programação.

ALTERNATIVA B – CERTO – Calvin critica o tom sensacionalista dos diversos programas televisivos. Já Mafalda dá a entender que a mídia manipula as informações.

ALTERNATIVA C – CERTO – Calvin critica o tom sensacionalista, mas adota uma postura permissiva, ao afirmar que gosta daquele tipo de programação. Já Mafalda é mais incisiva na crítica, deixando bem claro para seu pai de que ele é manipulado pela mídia.

ALTERNATIVA D – CERTO – Ao retratar as reações de Calvin e Mafalda, a tirinha descreve duas diferentes posturas do telespectador: uma permissiva (a de Calvin) e outra mais incisiva (a de Mafalda).

ALTERNATIVA E – CERTO – Sim. Calvin critica o tom sensacionalista; já Mafalda, a manipulação exercida pelos meios de comunicação.

Resposta: A

Questões Comentadas

Texto para as questões 01 a 02

- Jamais esquecerei o meu afitivo e dramático contato com a eternidade. Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de
- 5 que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.
- Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:
- 10 — Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.
- Como não acaba? — Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.
- 15 Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças,
- 20 às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tomando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.
- 25 Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.
- E agora que é que eu faço? — Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.
- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.
- 30 Perder a eternidade? Nunca.
- O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo-nos para a escola.
- 35 — Acabou-se o docinho. E agora?
- Agora mastigue para sempre.
- Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a van-
- 40 tagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.
- 45 Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

1. CESGRANRIO – Banco da Amazônia/2021

A narradora do texto experimenta um sentimento de perplexidade diante da ideia de eternidade.

Esse sentimento se revela, explicitamente, no seguinte trecho:

- a) “Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava.” (l. 4-5)
- b) “quase não podia acreditar no milagre.” (l. 18-19)
- c) “Perder a eternidade? Nunca.” (l. 33)
- d) “Acabou-se o docinho. E agora?” (l. 37)
- e) “Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade.” (l. 47-48)

RESOLUÇÃO:

O sentimento de perplexidade está associado à ideia de espanto, surpresa. A pessoa não acredita naquilo que vê e expressa, assim, perplexidade.

Na letra A, o sentimento explicitado pela personagem não é de espanto, e sim de desconhecimento.

Na letra B, nosso gabarito, fica evidente o sentimento de descrença e espanto com o que se vê. Isso está explicitado no dizer “quase não podia acreditar...”.

Na letra C, a personagem se mostra não espantada, mas resoluto, decidida. Isso fica evidente com sua declaração categórica.

Na letra D, o sentimento é de dúvida, incerteza, não de espanto.

Na letra E, o sentimento é de inconformismo, não de espanto. Note que a personagem se nega a aceitar a realidade que se impõe.

Resposta: B

2. CESGRANRIO – Banco da Amazônia/2021

No texto, a narradora suscita a reflexão acerca da eternidade a partir da

- a) mentira que pregara na chegada à escola.
- b) limitação que a falta de dinheiro lhe impunha.
- c) descoberta de que o chicle não acabaria nunca.
- d) relação afetiva que havia entre a ela e sua irmã.
- e) satisfação que o gosto adocicado do chicle proporcionava.

RESOLUÇÃO:

A origem de toda a reflexão acerca da eternidade está descoberta de que o chicle nunca acaba.

A partir dessa "descoberta", a personagem vai do espanto, passa pelo prazer e chega ao enfado.

O mastigar eterno do chicle nos faz pensar na sedução inicial que nos desperta a eternidade, mas que vai se transformando em tédio com o passar do tempo, tornando-se não mais prazeroso, mas sim enfadonho.

Resposta: C

Texto para a questão 03

Texto III

Beira-mar

- Quase fim de longa tarde de verão. Beira do mar no Aterro do Flamengo próximo ao Morro da Viúva, frente para o Pão de Açúcar. Com preguiça, o sol começava a esconder-se atrás dos edifícios. Parecia resistir ao chamado da noite. Nas pedras do quebra-mar caniços de pesca moviam-se devagar, ao lento vai e vem do calmo mar de verão. Cercados por quatro ou cinco pescadores de trajas simples ou ordinários, e toscas sandálias de dedo.
- 10 Bermuda bege de fino brim, tênis e camisa polo de marcas célebres, Ricardo deixara o carro em estacionamento de restaurante nas imediações. Nunca fagara peixe ali. Olhado com desconfiança. Intruso. Bolsa a tiracolo, balde e vara de dois metros na mão.
- 15 A boa técnica ensina que o caniço deve ter no máximo dois metros e oitenta centímetros para a chamada pesca de molhes, nome sofisticado para quebra-mar. Ponta de agulha metálica para transmitir à mão do pescador maior sensibilidade à fígada do peixe. É
- 20 preciso conhecimento de juiz para enganar peixes.
- A uma dezena de metros, olhos curiosos viam o intruso montar o caniço. Abriu a bolsa de utensílios. Entre vários rolos de linha, selecionou os de espessura entre quinze e dezoito centésimos de milímetro,
- 25 ainda fiel à boa técnica.
- Na nossa profissão vivemos sempre preocupados e tensos: abertura do mercado, sobe e desce das cotações, situação financeira de cada país mundo afora. Poucas coisas na vida relaxam mais do que
- 30 pescaria, cheiro de mar trazido pela brisa, e a paisagem marítima — costuma confessar Ricardo na roda dos colegas da financeira onde trabalha.

LOPES, L. *Nós do Brasil*. Rio de Janeiro: Ponteio, 2015, p. 101. Adaptado.

3. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

A leitura atenta do Texto III mostra que Ricardo

- a) trabalhava no setor de financiamento de material de pesca.
- b) dava pouca importância aos pescadores simples do quebra-mar.
- c) praticava a pesca por diletantismo nas horas de folga ou de lazer.
- d) era um assíduo frequentador da beira do mar no Aterro do Flamengo.
- e) dava mais importância ao ritual de preparação para a pescaria do que ao esporte.

RESOLUÇÃO:

Analisemos letra a letra:

Letra A - ERRADA - Ricardo trabalhava no mercado financeiro e a pesca era sua distração.

Letra B - ERRADA - Em nenhum momento o texto dá a entender que Ricardo tratava com desprezo os demais pescadores. Trata-se de uma extrapolação.

Letra C - CERTA - Exatamente. Ricardo relaxava com a pesca, uma atividade que ele desempenhava por puro prazer (diletantismo).

Letra D - ERRADA - O texto afirma que Ricardo nunca fagara um peixe na beira do mar do Aterro do Flamengo, dando a entender que este não era o seu lugar costumeiro de prática de pescaria.

Letra E - ERRADA - Trata-se de uma extrapolação. Todo o ritual descrito compõe a prática esportiva da pescaria. Não há como afirmar que aquele é mais importante do que esta.

Resposta: C

Texto para a questão 04

Texto II

Serviu suas famosas bebidas para Vinicius, Carybé e Pelé

Os pedaços de coco *in natura* são colocados no liquidificador e triturados. O líquido resultante é coado com uma peneira de palha e recolocado no aparelho, onde é batido com açúcar e leite condensado. Ao fim,
5 adiciona-se aguardente.

A receita de Diolino Gomes Damasceno, ditada à Folha por seu filho Otaviano, parece trivial, mas a conhecida batida de coco resultante não é. Afinal, não é possível que uma bebida qualquer tenha encantado
10 um time formado por Jorge Amado (diabético, tomava sem açúcar), Pierre Verger, Carybé, Mussum, João Ubaldo Ribeiro, Angela Rô Rô, Wando, Vinicius de Moraes e Pelé (tomava dentro do carro).

Baiano nascido em 1931 na cidade de Ipecaetá, interior do estado, Diolino abriu seu primeiro estabelecimento em 1968, no bairro do Rio Vermelho, reduto boêmio de Salvador. Localizado em uma garagem, ganhou o nome de MiniBar.

A batida de limão — feita com cachaça, suco de limão galego, mel de abelha de primeiríssima qualidade e açúcar refinado, segundo o escritor Ubaldo Marques Porto Filho — chamava a atenção dos homens, mas Diolino deu por falta das mulheres da época. É que elas não queriam ser vistas bebendo em público, e então arranjavam alguém para comprar as
25 batidas e bebiam dentro do automóvel.

Diolino bolou então o sistema de atendimento direto aos veículos, em que os garçons iam até os carros que apenas encostavam e saíam em disparada. A
30 novidade alavancou a fama do bar. No auge, chegou a produzir 6.000 litros de batida por mês.

SETO, G. *Folha de S.Paulo*. Caderno "Cotidiano". 17 maio 2019, p. B2. Adaptado.

4. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

O Texto II diz que o principal motivo do sucesso da vendagem no estabelecimento de Diolino Damasceno foi

- a) a receita secreta de sua batida de limão.
- b) seu jeito peculiar de combinar os ingredientes.
- c) a clientela de grandes nomes da cultura e do esporte.
- d) fazer uma bebida que podia ser ingerida por diabéticos.
- e) o sistema original de atendimento direto aos veículos.

RESOLUÇÃO:

Diolino já era conhecido por suas receitas de bebidas, que atraíam vários famosos ao seu estabelecimento.

No entanto, o que de fato alavancou as vendas foi sua inovação no atendimento aos veículos. Foi esse serviço que levou Diolino a produzir no auge 6000 litros de batida por mês.

Resposta: E

Texto para a questão 05**Texto I****Projetos urbanísticos, patrimônios e conflitos**

O Porto do Rio – Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro foi divulgado pela Prefeitura em 2001 e concentrou diferentes projetos, visando a incentivar o desenvolvimento habitacional, econômico e turístico dos bairros portuários da Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Em meados de 2007, quando se iniciou esse estudo sobre o Plano e seus efeitos sociais, a Zona Portuária já passava por um rápido processo de resignificação perante a cidade: nos imaginários construídos pelas diferentes mídias, não era mais associada apenas à prostituição, ao tráfico de drogas e às habitações “favelizadas”, despontando narrativas que positivavam alguns de seus espaços, habitantes e “patrimônios culturais”.

Dentro do amplo território portuário, os planejadores urbanos que idealizaram o Plano Porto do Rio haviam concentrado investimentos simbólicos e materiais nos arredores da praça Mauá, situada na convergência do bairro da Saúde com a avenida Rio Branco, via do Centro da cidade ocupada por estabelecimentos financeiros e comerciais.

GUIMARÃES, R. *A Utopia da Pequena África*. Rio de Janeiro: FGV, 2014, p. 16-7. Adaptado.

5. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

Segundo o Texto I, a Zona Portuária, até o início do século XXI, era vista como

- a) uma área desvalorizada social e urbanisticamente.
- b) uma mancha no cenário carioca de belezas naturais.
- c) uma região cercada de arranha-céus.
- d) um reduto dominado pelo crime organizado.
- e) um bairro histórico com poucas áreas habitáveis.

RESOLUÇÃO:

Na passagem "... não era mais associada apenas à prostituição, ao tráfico de drogas e às habitações 'favelizadas'...", dá-se a entender que a Zona Portuária não era nem valorizada urbanisticamente - pois era ocupada por favelas - nem socialmente - pois sofria com o tráfico e a prostituição.

Resposta: A

Texto para as questões 06 e 07**Texto II****Estojo escolar**

Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas, bastava telefonar e eu receberia um *notebook* capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma estação espacial.

Minhas necessidades são mais modestas: tenho um PC mastodôntico, contemporâneo das cavernas da informática. E um *laptop* da mesma época que começa a me deixar na mão. Como pretendo viajar esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o *top do top* em matéria de computador portátil.

No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser aberto. Depois de mil operações sofisticadas para minhas limitações, retirei das entranhas de isopor o novo *notebook* e coloquei-o em cima da mesa. De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um corte na memória e vi diante de mim o meu primeiro estojo escolar. Tinha 5 anos e ia para o jardim de infância.

Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. Fechei o estojo para proteger aquele cheiro, que ele ficasse ali para sempre, prometi-me economizá-lo. Com avareza, só o cheirava em momentos especiais.

Na tampa que protegia estojo e cheiro havia gravado um ramo de rosas muito vermelhas que se destacavam do fundo creme. Amei aquele ramalhete – olhava aquelas rosas e achava que nada podia ser mais bonito.

O *notebook* que agora abro é negro, não tem rosas na tampa e, em matéria de cheiro, é abominável. Cheira vilmente a telefone celular, a cabine de avião, ao aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma moça veio ver como sou por dentro. Acho que piorei de estojo e de vida.

CONY, C. H. *Crônicas para ler na escola*. São Paulo: Objetiva, 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz12039806.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

6. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

A partir da frase que finaliza o Texto II – “Acho que piorei de estojo e de vida” (ℓ. 41-42) –, constata-se que o autor

- a) comportava-se de modo nostálgico.

- b) era fortemente apegado ao objeto.
- c) carregava consigo objetos inusitados.
- d) tinha muito cuidado com seus pertences.
- e) apresentava um perfil marcado pelo egoísmo.

RESOLUÇÃO:

A nostalgia consiste num sentimento híbrido de tristeza e saudade.

É como ao autor se sente ao recordar a época da infância e compará-la à sua vida atual.

A infância, simbolizada no estojo, representa para o autor um momento bom da sua vida que não há de retornar.

Resposta: A

7. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

Com base na leitura de todo o Texto II, entende-se que ele tem como foco a contraposição entre

- a) cheiro de notebook e cheiro de estojo
- b) requinte e simplicidade
- c) sociedade e indivíduo
- d) presente e passado
- e) trabalho e lazer

RESOLUÇÃO:

O cheiro do notebook e o cheiro do estojo são apenas simbologias para o confronto entre o passado e o presente, respectivamente.

O passado da infância é lembrado pelo autor com nostalgia.

O foco, portanto, do texto está em contrapor esses dois momentos da vida.

Resposta: D

Texto para as questões 08 a 12

Texto I

**Obsolescência programada:
inimiga ou parceira do consumidor?**

Obsolescência programada é exercida quando um produto tem vida útil menor do que a tecnologia permitiria, motivando a compra de um novo modelo — eletrônicos, eletrodomésticos e automóveis são exemplos evidentes dessa prática. Uma câmera com uma resolução melhor pode motivar a compra de um novo celular, ainda que o modelo anterior funcione perfeitamente bem. Essa estratégia da indústria pode ser vista como inimiga do consumidor, uma vez que o incentiva a adquirir mais produtos sem realmente necessitar deles. No entanto, traz benefícios, como o acesso às novidades.

Planejar inovação é extremamente importante para melhoria e aumento da capacidade técnica de um produto num mercado altamente competitivo. Já imaginou se um carro de hoje fosse igual a um carro dos anos 1970? O desafio é buscar um equilíbrio entre a inovação e a durabilidade. Do ponto de vista técnico, quando as empresas planejam um produto, já tem equipes trabalhando na sucessão dele, pois se trata de uma necessidade de sobrevivência no mercado.

Sintomas de obsolescência são facilmente percebidos quando um novo produto oferece características que os anteriores não tinham, como o uso de reconhecimento facial; ou a queda de desempenho do produto com relação ao atual padrão de mercado, como um *smartphone* que não roda bem os aplicativos atualizados. Outro sinal é detectado quando não é possível repor acessórios, como carregadores compatíveis, ou mesmo novos padrões, como tipo de bateria, conector de carregamento ou tipos de cartão de um celular, por exemplo.

Isso não significa que o consumidor está refém de trocas constantes de equipamento: é possível adiar a substituição de um produto, por meio de *upgrades* de *hardware*, como inclusão de mais memória, baterias e acessórios de expansão, pelo menos até o momento em que essa troca não compense financeiramente. Quanto à legalidade, o que se deve garantir é que os produtos mais modernos mantenham a compatibilidade com os anteriores, a fim de que o antigo usuário não seja forçado constantemente à compra de um produto mais novo se não quiser. É importante

diferenciá-la da obsolescência perceptiva, que ocorre quando atualizações cosméticas, como um novo *design*, fazem o produto parecer sem condições de uso, quando não está.

É preciso lembrar também que a obsolescência programada se dá de forma diferente em cada tipo de equipamento. Um controle eletrônico de portão tem uma única função e pode ser usado por anos e anos sem alterações ou troca. Já um celular tem maior taxa de obsolescência e pode ter de ser substituído em um ano ou dois, dependendo das necessidades do usuário, que pode desejar fotos de maior resolução ou tela mais brilhante.

Essa estratégia traz desafios, como geração do lixo eletrônico. Ao mesmo tempo, a obsolescência deve ser combatida na restrição que possa causar ao usuário, como, por exemplo, uma empresa não mais disponibilizar determinada função que era disponível pelo simples *upgrade* do sistema operacional, forçando a compra de um aparelho novo. O saldo geral é que as atualizações trazidas pela obsolescência programada trazem benefícios à sociedade, como itens de segurança mais eficientes em carros e conectabilidade imediata e de alta qualidade entre pessoas. É por conta disso que membros de uma mesma família que moram em países diferentes podem conversar diariamente, com um custo relativamente baixo, por voz ou vídeo. Além disso, funcionários podem trabalhar remotamente, com mais qualidade de vida, com ajuda de dispositivos móveis.

RAMALHO, N. Obsolescência programada: inimiga ou parceira do consumidor? Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/obsolescencia-programada-inimiga-ou-parceira-do-consumidor-5z4zm6km1pndkokxsb-t4v6o96/>>. Acesso em: 23 jul. 2019. Adaptado.

8. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

De acordo com o Texto I, obsolescência perceptiva (ℓ. 45) é aquela que é caracterizada pelo(a)

- a) aumento da vida útil dos produtos eletrônicos
- b) ampliação da capacidade técnica dos produtos
- c) necessidade de compra de produto recém-lançado
- d) renovação do modelo estético dos produtos

e) queda de desempenho do produto antigo

RESOLUÇÃO:

Nas linhas 45 a 47, é apresentada a definição de obsolescência perceptiva: "... ocorre quando atualizações cosméticas, como um novo design, fazem o produto parecer sem condições de uso, quando não está".

Nota-se que a troca é motivada não por uma necessidade do cliente ou uma obsolescência de fato do equipamento, mas por pura questão estética.

Resposta: D

9. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

Nos seguintes trechos do Texto I, o adjetivo destacado apresenta valor discursivo de avaliação subjetiva, em relação ao substantivo a que se liga, em:

- a) "um produto tem vida **útil**" (ℓ. 2)
- b) "exemplos **evidentes** dessa prática." (ℓ. 5)
- c) "uso de reconhecimento **facial**" (ℓ. 25-26)
- d) "geração do lixo **eletrônico**" (ℓ. 58-59)
- e) "moram em países **diferentes**" (ℓ. 70)

RESOLUÇÃO:

Nas letras A, C, D e E, os adjetivos especificam tipos ou atributos objetivos.

Já na letra B, temos uma opinião manifestada no adjetivo "evidentes".

O adjetivo "evidentes" tem a acepção de "claros". São exemplos tidos como claros pelo autor da frase. Trata-se de um juízo de valor subjetivo, portanto.

Resposta: B

10. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

No Texto I, a tese defendida pelo autor pode ser resumida no seguinte trecho:

- a) "Obsolescência programada: inimiga ou parceira do consumidor?" (título).
- b) "Essa estratégia da indústria pode ser vista como inimiga do consumidor" (ℓ. 8-9).
- c) "Planejar inovação é extremamente importante para melhoria e aumento da capacidade técnica de um produto" (ℓ. 13-15).
- d) "Isso não significa que o consumidor está refém de trocas constantes de equipamento" (ℓ. 34-35).

e) "O saldo geral é que as atualizações trazidas pela obsolescência programada trazem benefícios à sociedade" (ℓ. 64-66).

RESOLUÇÃO:

O texto não nega que a obsolescência programada pode trazer prejuízos ao consumidor, mas ressalta que há alternativas - como upgrades de hardwares e softwares - que podem retardar a troca do equipamento.

Além disso, deixa claro que a obsolescência programada, se bem gerida, traz vantagens ao consumidor, como mais segurança e qualidade. Apesar dos problemas, há mais vantagens do que desvantagens. Essa é a essência da argumentação do texto.

Resposta: E

11. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

O fragmento do Texto I que comprova a estratégia argumentativa usada pelo autor para aproximar-se do leitor, buscando persuadi-lo, é:

- a) "Uma câmera com uma resolução melhor pode motivar a compra de um novo celular" (ℓ. 5-7)
- b) "Já imaginou se um carro de hoje fosse igual a um carro dos anos 1970?" (ℓ.15-17)
- c) "Outro sinal é detectado quando não é possível repor acessórios como carregadores compatíveis" (ℓ. 29-31)
- d) "É preciso lembrar também que a obsolescência programada se dá de forma diferente em cada tipo de equipamento." (ℓ. 49-51)
- e) "É por conta disso que membros de uma mesma família que moram em países diferentes podem conversar diariamente" (ℓ. 68-71)

RESOLUÇÃO:

Na letra B, nosso gabarito, a pergunta tem como sujeito oculto o pronome de tratamento "você", que, no contexto, é uma referência ao leitor. Estabelece-se, assim, um diálogo entre o autor do texto e o seu leitor.

Nas demais frases, temos meramente afirmações sem interpelações ou diálogos.

Resposta: B

12. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

O Texto I, que aborda a obsolescência programada, busca

- a) condenar a produção excessiva de lixo eletrônico.
- b) denunciar o preço exorbitante das mercadorias modernas.
- c) alertar sobre o consumo desenfreado de novas tecnologias.
- d) destacar a queda vertiginosa na qualidade dos itens à venda.

e) analisar a suplantação dos produtos disponibilizados ao consumidor.

RESOLUÇÃO:

O objetivo do texto é fazer uma análise crítica acerca das vantagens e desvantagens para o consumidor da troca de equipamentos.

Chega à conclusão que, mesmo com alguns problemas, o saldo se mostra positivo, pois o resultado da obsolescência programada são produtos com mais segurança e qualidade para o consumidor.

Resposta: E

Texto para as questões 13 a 15

A viagem tem uma estruturalidade típica. Há a escolha do destino, uma finalidade antevista, uma partida e um retorno, um trajeto por lugares, um tempo de duração. Há situações iniciais e finais, outras
5 intermediárias, numa dimensão linear, e há atores, um dos quais o viajante, que serve de fio condutor entre pessoas, acontecimentos, locais e deslocamentos. Supõe uma subjetividade que se abre ao desconhecido, a perda de referências familiares, o abandono do mesmo pelo diferente, o encontro com o outro
10 e o reencontro consigo mesmo. Em contrapartida, a narrativa de viagem depende em primeiro lugar da memória e de anotações. Seleciona experiências, precisa estabelecer um projeto de narração, não necessariamente cronológico ou causal, torna-se, mesmo
15 sem intenção, um testemunho. E é orientada por perspectivas do narrador-viajante, que incluem seu estilo de vida, sua mentalidade, assim como sua visão de mundo e sua posição de sujeito, ou seja, o
20 local cultural de onde fala.

13. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

No Texto II, a autora diz que, numa viagem, “há atores, um dos quais o viajante” (l. 5-6)

Ela usa a palavra “ator” porque está referindo-se à pessoa que

- a) tem papel ativo em algum acontecimento.
- b) desempenha um papel quando está em cena.
- c) age como se estivesse representando um papel.
- d) encara uma viagem como se estivesse num palco.
- e) é capaz de simular emoções, sentimentos, atitudes.

RESOLUÇÃO:

A palavra "ator" faz menção a quem atua, e não a quem encena.

Dessa forma, as letras B, C, D e E são falsas, pois se remetem ao papel da encenação, da simulação.

Na letra A, nosso gabarito, o ator é quem de fato participa das situações descritas na viagem.

Resposta: A

14. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

Para a autora do Texto II, a narrativa de viagem depende essencialmente de quais condições?

- a) Dos lugares visitados e das pessoas com quem o viajante lidou.
- b) Das recordações feitas pelo viajante e dos apontamentos da viagem.
- c) Do domínio que o viajante tem sobre a organização textual de uma narrativa.
- d) Do olhar apurado do viajante para as pessoas e as paisagens que conheceu.
- e) Dos dados pitorescos e surpreendentes com os quais o viajante teve contato.

RESOLUÇÃO:

Analisemos letra a letra:

Letra A - ERRADA - A narrativa de uma viagem depende não das pessoas ou dos lugares visitados ou descobertos, mas da percepção do destes por parte do narrador-viajante. Importa não que se viu, mas o que foi percebido.

Letra B - CERTA - De fato! As percepções do narrador-viajante dependem da sua capacidade de recordar os acontecimentos que lhe marcaram de alguma forma.

Letra C - ERRADA - Não se trata de uma habilidade escrita, e sim de uma capacidade de recordar os principais pontos.

Letra D - ERRADA - Não se trata de olhar minuciosamente, mas de perceber, extrair significado das observações.

Letra E - ERRADA - Não necessariamente as observações precisam ser pitorescas (incomuns).

Resposta: B

15. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

Objetivamente, entende-se a partir da leitura do Texto II que uma viagem tem

- a) sentimento de fuga

- b) começo, meio e fim
- c) planejamento fortuito
- d) imprevistos e percalços
- e) data de ida, mas não de volta

RESOLUÇÃO:

O autor apresenta dois lados da viagem: o objetivo, em que são definidos claramente o ponto de partida, a duração e a chegada; e o subjetivo, marcado pelas percepções e recordações do narrador-viajante.

Como o enunciado atrelou o caráter objetivo, pode-se entender que a viagem possui um começo, um meio e um fim, como bem explicita a seguinte passagem:

"A viagem tem uma estruturalidade típica. Há a escolha do destino, uma finalidade antevista, uma partia e um retorno, um trajeto por lugares, um tempo de duração".

Resposta: B

Texto para as questões 16 e 17**Texto I**

O som do apito do juiz ainda vibrava nos ouvidos de Lúcio. Naquele momento, quem o visse de perto perceberia o suor escorrendo frio por seu rosto liso de menino, sob o sol de domingo no fim de tarde. Ele
5 com as mãos na cintura, estático, os olhos baixos, mirando a bola fincada na marca do pênalti. Quem pudesse, naquele instante, encostar a cabeça no seu corpo suado sentiria o descompasso da respiração, o coração dando saltos, e veria a tensão estampada
10 nos olhos que se mantinham fixos na direção da bola, de tal modo que o simples fato de desviá-los sequer um segundo parecia significar a perda total da concentração e o chute torto nas mãos do goleiro ou por cima da trave, a bola zunindo em direção às árvores
15 que se estendiam para além do campo. O juiz já apitava, aquele som estridente, ele ouvira muito bem, mas seus músculos pareciam inertes, sem comando, e lhe faltava ar, como se as árvores em volta do campinho de várzea invertessem a ordem natural e sugassem o
20 oxigênio que era dele. Lúcio não precisava levantar a cabeça, mudar a direção do olhar e dar uma espiada em torno para saber, dali mesmo tinha certeza de que todos o observavam. Sabia, sem precisar ver, que os reservas sentados no banco de alvenaria à beira do
25 campo, empurrados pelas costas pelos torcedores que se acotovelavam do lado de fora do alambrado, e mesmo os privilegiados que podiam se dar ao luxo de ocupar um lugar apertado nas poucas tábuas da pequena arquibancada, ou ainda os mais ousados,
30 trepados nas encostas do morro, mais atrás, todos eles e ainda os outros jogadores, do seu time e os do time adversário, ali em campo, e o juiz, e principalmente o velho Gaspar, ex-centroavante do Bangu e agora técnico do seu time, todos esperavam por
35 um movimento seu, um caminhar, um correr na direção da bola, o chute, um desfecho. Nunca, porém, a distância entre as duas traves lhe parecera tão curta, nem a figura do goleiro tão imensa.

16. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

O Texto I mostra algumas características da atuação do juiz daquele jogo, mas dá ênfase para

- a) o som estridente do seu apito.
- b) o suor escorrendo pelo seu rosto.
- c) a atenção que dedicava àquele lance.
- d) sua marcação da penalidade máxima.
- e) seus gestos espalhafatosos e caricaturais.

RESOLUÇÃO:

O som estridente do apito possui uma significação especial no texto, pois ela realça o nervosismo do jogador na cobrança do decisivo pênalti. O som do apito realça o instante de tempo que leva o jogador maior que paralisado de nervoso ao encontro da bola.

Resposta: A

17. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

O Texto I diz que, entre todos os participantes da cena descrita, espectadores da ação que Lúcio devia executar, se destacava a figura

- a) do juiz.
- b) do velho Gaspar.
- c) dos reservas sentados no banco de alvenaria.
- d) dos torcedores trepados nas encostas do morro.
- e) do público que se acotovelava do lado de fora do alambrado.

RESOLUÇÃO:

Ao enumerar todos que observavam o jogador, o texto enfatiza o velho Gaspar, ex-centroavante do Bangu e agora técnico do time.

Isso fica evidente na seguinte passagem: "... e principalmente o velho Gaspar, ex-centroavante do Bangu e agora técnico do seu time...".

Resposta: B

Texto para a questão 18

Diz o velho ditado que “a mentira tem pernas curtas”, mas nestes tempos de internet parece que a situação se inverteu, pelo menos no mundo digital. Pesquisadores mostram que rumores falsos
5 “viajam” mais rápido e mais “longe”, com mais compartilhamentos e alcançando um maior número de pessoas, nas redes sociais, do que informações verdadeiras.

Foram reunidos todos os rumores nas redes
10 sociais – falsos, verdadeiros ou “mistos”. Esses rumores foram acompanhados, chegando a um total de mais de 4,5 milhões de postagens feitas por cerca de 3 milhões de pessoas, formando “cascatas” de compartilhamento.

15 Ao compararem os padrões de compartilhamento dessas milhares de “cascatas”, os pesquisadores observaram que os rumores “falsos” se espalharam com mais rapidez, aumentando o número de “degraus” da cascata – e com maior abrangência do que os considerados verdadeiros.

A tendência também se manteve, independentemente do tema geral que os rumores abordassem, mas foi mais forte quando versavam sobre política do que os demais, na ordem de frequência: lendas urbanas;
25 negócios; terrorismo e guerras; ciência e tecnologia; entretenimento; e desastres naturais.

Uma surpresa provocada pelo estudo revelou o perfil de quem mais compartilha rumores falsos: usuários com poucos seguidores e novatos nas redes.

30 — Vivemos inundados por notícias e muitas vezes as pessoas não têm tempo nem condições para verificar se elas são verdadeiras — afirma um dos pesquisadores. Isso não quer dizer que as pessoas são estúpidas. As redes sociais colocam todas as informações no mesmo nível, o que torna difícil diferenciar o verdadeiro do falso, uma fonte confiável de
35 uma não confiável.

18. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

De acordo com o texto, no mundo digital, “mentiras têm pernas longas” porque

- a) abordam temas desconhecidos pelo público.
- b) conseguem atingir grande número de pessoas.
- c) demoram muito tempo para serem desmentidas.
- d) fazem propaganda de produtos desnecessários.
- e) tendem a ser esquecidas em curto prazo de tempo.

RESOLUÇÃO:

Como as mentiras se espalham rápido e atingem significativo número de pessoas, o autor subverte o ditado original e afirma, de forma figurada, que as mentiras têm pernas longas.

Resposta: B

Texto para a questão 19

Mobilidade e acessibilidade desafiam cidades

A população do mundo chegou, em 2011, à marca oficial de 7 bilhões de pessoas. Desse total, parte cada vez maior vive nas cidades: em 2010, esse contingente superou os 50% dos habitantes do planeta, e
5 até 2050 prevê-se que mais de dois terços da população mundial será urbana.

No Brasil, a população urbana já representa 84,4% do total, de acordo com o Censo 2010. É preciso, então, que questões de mobilidade e acessibili-
10 dade urbana passem a ser discutidas.

No passado, a noção de mobilidade era estreitamente ligada ao automóvel. Hoje, como resultado, os moradores de grande maioria das cidades brasileiras lidam diariamente com congestionamentos insupor-
15 táveis, que causam enormes perdas. Isso, sem falar no alto índice de mortes em vias urbanas do país. Depreendemos daí que a dependência do automóvel como meio de transporte é um fator que impede a mobilidade urbana.

É importante investir em infraestrutura pedestre, cicloviária e em sistemas mais eficazes e adequados de ônibus. Ao mesmo tempo, podemos desenvolver cidades mais acessíveis, onde a maior parte dos ser-
20 viços esteja próxima às moradias e haja opções de transporte não motorizado para nos locomovermos.
25

BROADUS, V. *Portal Mobilize Brasil*. 16 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.mobilize.org.br/noticias/2419/mobilidade-acessibilidade-e-deficiencias-fisicas.html>>. Acesso em: 9 jul. 2018. Adaptado.

Glossário:

Mobilidade urbana – É a facilidade de locomoção das entre as diferentes zonas de uma cidade.

Acessibilidade urbana – É a garantia de condições às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, para a utilização, com segurança e autonomia, dos espaços públicos.

19. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

No segundo parágrafo, o texto defende a necessidade de discutir questões relativas à mobilidade urbana.

Antes disso, o texto refere-se à

- a) ampliação da população urbana mundial
- b) diminuição da distância entre casa e trabalho
- c) imobilidade urbana causada pelo automóvel

- d) importância do investimento em infraestrutura
- e) paralisação do trânsito das grandes cidades

RESOLUÇÃO:

No primeiro parágrafo, é dado destaque ao crescimento significativo da população urbana no mundo.

Resposta: A

Texto para as questões 20 e 21

Quem está acostumado a ler romance e conto não cai tão fácil em conto do vigário. Ou conto de político.

Continuo acreditando que um dos melhores antidotos para a mentira é a ficção. Explico o paradoxo: quando lemos na mídia uma versão fantasiosa ou uma deturpação muito bem arranjadinha da realidade, somos mais suscetíveis de ser enganados se não estivermos acostumados a ler narrativas literárias, pois estaremos sujeitos ao embuste de acreditar em mentiras sem exigir coerência no relato ou sem atentar para detalhes deixados a descoberto. E no que se refere à psicologia dos personagens, o leitor desavisado é muito mais sujeito a aceitar qualquer versão, sem perceber discrepâncias evidentes mas disfarçadas em embalagens vistosas. Por tudo isso, quem está acostumado a ler romance e conto não cai tão fácil em conto do vigário. Ou conto de político. É menos propenso a ser vítima.

Movendo-se à vontade nesse universo da narrativa literária, que transfigura a experiência do real e lhe confere sentido, o cidadão que lê literatura tende a ter mais condições de separar o falso do verdadeiro. Liga um sinal de alerta e fica com um pé atrás, diante de mentiras embrulhadas para presente, destinadas a defender o indefensável, disfarçadas por papéis coloridos, adesivos brilhantes ou laçarotes de cetim. Percebe melhor quando dentro da caixa está a intenção de obstruir a Justiça, defender privilégios, manipular números, garantir o próprio poder ou salvar a pele. O opaco da enganação se torna transparente. Volto então a um jogo que tenho proposto todo início de ano. Aproveitemos o verão para ler literatura. Romances, contos e até ensaios bem escritos — para quem se sente mais seguro se não tiver de enfrentar de cara uma realidade imaginada. Ótima leitura para eventuais férias. Utilíssima na formação de cidadãos democráticos. Quanto mais lermos, menos nos enganarão. Vá a uma livraria ou biblioteca e escolha um livro.

20. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

A expressão que melhor representa o paradoxo a que se refere a autora logo no início do texto é

- a) “Verdades na ficção” (título).
- b) “deturpação muito bem arranjadinha da realidade” (l. 7-8).
- c) “discrepâncias evidentes mas disfarçadas” (l. 15-16).
- d) “conto do vigário” (l. 18).
- e) “mentiras embrulhadas para presente” (l. 25)

RESOLUÇÃO:

O próprio título do texto é um paradoxo (encontro de oposições inconciliáveis).

Ora, se algo é ficcional, não pode, portanto, ser real, verdadeiro.

Eis o paradoxo.

O que a autora quis dizer é que ficamos mais aptos a descobrir inverdades quando nos habituamos a ler obras de ficção.

Resposta: A

21. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

De acordo com o texto, quem lê romances e contos tende a ter uma visão mais crítica da realidade, não se deixando enganar com tanta facilidade, porque

- a) é mais suscetível de perceber os descaminhos na ficção literária.
- b) tende a minimizar a coerência na versão dos fatos pela mídia.
- c) está mais propenso a ser vítima daquilo que a ele se mostra.
- d) está mais preparado para perceber a transfiguração do real.
- e) pode perceber a relevância da deturpação do que é literário.

RESOLUÇÃO:

Segundo a autor, quem tem o costume de ler muitas obras de ficção adquire a habilidade de perceber mais facilmente as mentiras e manipulações da realidade. Essa é a tese central do texto.

Resposta: D

Texto para as questões 22 e 23

O ano de 2017 foi difícil. Avalio pelo número de amigos desempregados. E pedidos de empréstimos. Um atrás do outro. Nunca fui de botar dinheiro nas relações de amizade. Como afirmou Shakespeare, perde-se o dinheiro e o amigo. Nos primeiros pedidos, eu ajudava, com a consciência de que era uma doação. A situação foi piorando. Os argumentos também. No início era para pagar a escola do filho. Depois vieram as mães e avós doentes. Lamentavelmente, aprendi a não ser generoso. Ajudava um rapaz, que não conheço pessoalmente. Mas que sofreu um acidente e não tinha como pagar a fisioterapia. Comecei pagando a fisio. Vieram sucessivas internações, remédios. A situação piorando, eu já estava encomendando missa de sétimo dia. Falei com um amigo médico, no Rio de Janeiro. Ele aceitou tratar o caso gratuitamente. Surpresa! O doente não aparecia para a consulta. Até que o coloquei contra a parede. Ou se consultava ou eu não ajudava mais.

Cheio de saúde, ele foi ao consultório. Pediu uma receita de suplementos para ficar com o corpo atlético. Nunca conheci o sujeito, repito. Eu me senti um idiota por ter caído na história. Só que esse rapaz havia perdido o emprego após o suposto acidente. Foi por isso que me deixei enganar. Mas, ao perder salário, muita gente perde também a vergonha. Pior ainda. A violência aumenta. As pessoas buscam vagas nos mercados em expansão. Se a indústria automobilística vai bem, é lá que vão trabalhar. Podemos esperar por um futuro melhor ou o que nos aguarda é mais descrédito? Novos candidatos vão surgir. Serão novos? Ou os antigos? Ou novos com cabeça de velhos? Todos pedem que a gente tenha uma nova consciência para votar. Como? Num mundo em que as notícias são plantadas pela internet, em que muitos sites servem a qualquer mentira. Digo por mim. Já contaram cada história a meu respeito que nem sei o que dizer. Já inventaram casos de amor, tramas nas novelas que escrevo. Pior. Depois todo mundo me pergunta por que isso ou aquilo não aconteceu na novela. Se mudei a trama. Respondo: — Nunca foi para acontecer. Era mentira da internet. Duvidam. Acham que estou mentindo.

22. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

No penúltimo parágrafo, o autor do texto revela ser autor de novelas, mas reclama

- a) do assédio dos fãs.
- b) da falta de privacidade quando anda pelas ruas.
- c) dos casos de amor que atribuem a ele nas redes sociais.
- d) da necessidade de ter consciência na hora de votar.
- e) das versões falsas publicadas na internet das histórias de suas novelas.

RESOLUÇÃO:

Na passagem "Já inventaram casos de amor, tramas nas novelas que escrevo", o autor deixa claro que muitos boatos sobre o desenrolar das narrativas em suas novelas circulam pela internet e são infundados. Simplesmente são mentirosas essas versões e isso incomoda o autor.

Resposta: E

23. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

No texto, o autor diz que aprendeu a não ser generoso (l. 9-10).

A circunstância que justifica essa atitude foi o fato de ele

- a) sentir-se enganado por um rapaz, que sofrera um acidente.
- b) já haver ajudado muitos amigos desempregados.
- c) estar ficando sem dinheiro para ajudar as pessoas que o procuravam.
- d) desconfiar de que alguém estava desviando o dinheiro de sua ajuda.
- e) ter uma formação muito rígida, voltada unicamente para a família.

RESOLUÇÃO:

O autor passou a assumir uma postura não generosa depois de ter sido enganado por um rapaz que perdera o emprego devido a um suposto acidente. Durante um bom tempo o autor bancou parte de seu tratamento, mas descobriu que o rapaz estava são e se aproveitava da sua generosidade.

Resposta: A

Texto para as questões 24 e 25

Clima alentador

China e EUA anunciam metas para combater o aquecimento global e revivem expectativa de acordo em Copenhague.

Copenhague, afinal, pode sair menos ruim que a encomenda. Quando já se contava com um fiasco da conferência sobre mudança do clima, que começa daqui a uma semana na capital dinamarquesa, surgem
5 sinais animadores de que um acordo razoável possa ser obtido. Limitado, mas melhor que acordo nenhum.

Já se sabe que não será aprovado um tratado forte, com compromissos legais dos países para redução de gases do efeito estufa. Essa era a expectativa anterior: algo mais ambicioso que o Protocolo de
10 Kyoto (1997), fracassado, que determinava corte médio de 5,2% nas emissões só das nações desenvolvidas. O compromisso obtido em Copenhague será apenas "politicamente vinculante".

15 O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas. Isso exige dos países desenvolvidos
20 chegar a 2020 emitindo 25% a 40% menos poluentes que em 1990, ano-base de Kyoto.

Os países menos desenvolvidos, por seu turno, precisam desacelerar a trajetória crescente de suas emissões. Estima-se que seja necessário um corte de
25 15% a 30%, aplicados no caso sobre os níveis que estariam emitindo em 2020, mantido o ritmo atual. A ideia é de que a redução não prejudique seu esforço de desenvolvimento e redução da pobreza.

Os sinais alentadores surgidos na semana
30 partiram dos EUA e da China. Juntos, respondem por 40% das emissões mundiais.

Jornal Folha de S. Paulo, Editorial. 29 nov. 2009, p. A2. (Fragmento)

24. CESGRANRIO – BACEN/2010

Em defesa de seu ponto de vista, este editorial marca sua opinião de vários modos. Das afirmativas a seguir, a que não se constitui em opinião, mas sim em um fato que contribui para a comprovação da tese apresentada no texto é

- a) "Quando já se contava com um fiasco da conferência sobre mudança do clima, (...), surgem sinais animadores de que um acordo razoável possa ser obtido." (L. 2-6)
- b) "Já se sabe que não será aprovado um tratado forte, com compromissos legais dos países para redução de gases do efeito estufa." (L. 7-9)
- c) "O compromisso obtido em Copenhague será apenas 'politicamente vinculante' ". (L. 13-14)
- d) "Os países menos desenvolvidos, (...), precisam desacelerar a trajetória crescente de suas emissões." (L. 22-24)
- e) "Juntos respondem por 40% das emissões mundiais." (L. 30-31)

RESOLUÇÃO:

Letra A - ERRADA - O trecho em questão transparece uma opinião do autor, que manifesta esperança com os desdobramentos de Copenhague.

Letra B - ERRADA - O trecho "Já se sabe que não será aprovado um acordo forte", construída de forma impessoal (não vinculada a uma única pessoa), traduz um juízo de valor defendido pelo autor.

Letra C - ERRADA - O trecho em questão transparece um juízo de valor defendido pelo autor.

Letra D - ERRADA - O trecho em questão transparece um juízo de valor defendido por terceiros, que atestam a necessidade de os países em desenvolvimento reduzirem a emissão de poluentes.

Letra E - CERTA - Trata-se de um fato, e não de um juízo de valor. A apresentação do percentual torna impessoal e imparcial o dado apresentado.

Resposta: E

25. CESGRANRIO – BACEN/2010

O título Clima alentador, do editorial da Folha de S. Paulo,

- a) expõe a opinião de um jornalista de sucesso.
- b) aponta para o fracasso do compromisso de Copenhagen.
- c) descreve o esforço dos países ricos na redução da pobreza
- d) antecipa o ambiente favorável ao acordo climático.
- e) sintetiza as conclusões do Protocolo de Kyoto.

RESOLUÇÃO:

Letra A - ERRADA - O gênero textual editorial emite a opinião de uma pessoa jurídica (no caso, um meio de comunicação), e não de uma pessoa física. Dessa forma, o juízo de valor presente no texto é manifestado pelo jornal Folha de S. Paulo.

Letra B - ERRADA - O texto não foca sua atenção no fracasso do acordo, demonstrando uma sensação de alento (esperança) com os desdobramentos das negociações.

Letra C - ERRADA - Tal informação não é transmitida pelo título do editorial, que foca sua atenção no tom esperançoso decorrente das negociações.

Letra D - CERTA - De fato, é o que fica bem explícito nos trechos: "Copenhagen, afinal, pode sair menos ruim que a encomenda." e "Os sinais alentadores surgidos na semana partiram dos EUA e da China."

Letra E - ERRADA - De acordo com o texto, Copenhagen tende a tomar rumos diferentes dos tomados pelo Protocolo de Kyoto.

Resposta: D

26. INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas

contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo “batom da marca X, cor 42, lote A-439”. O mesmo personagem talvez interrogue um suspeito e declare “sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho”. No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: “Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado”.

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjugam a complexidade das técnicas científicas.
- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Na verdade, as séries superestimam a eficácia das técnicas científicas empregadas numa investigação, na medida em que apresentam dados num grau de minúcia dificilmente alcançado.

Letra B – ERRADA – O texto não exagera na complexidade dos casos. Na verdade, ele critica o exagerado detalhamento na apresentação de provas exibidas nas séries, que não corresponde à realidade.

Letra C – ERRADA – O texto não desconsidera as provas apresentadas, mas sim critica o excessivo detalhamento, algo impraticável na realidade.

Letra D – ERRADA – Justamente o contrário. Uma das críticas se deve ao fato de as séries retratarem o investigador como multifuncional – além de coletar provas, ele interroga o suspeito.

Letra E – CERTA – Exato! O grau de detalhamento apresentado dificilmente corresponde ao resultado na realidade.

Resposta: E

27. INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.
- d) uma mudança de comportamento no trabalho.
- e) uma maior produção de batatas.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não dá a entender que técnicas consagradas sejam abandonadas. Elas são sim, segundo o texto, suplementadas.

Letra B – ERRADA – O efeito direto não se dá sobre a plantação de batatas, e sim sobre a forma de trabalhar das mulheres. O aumento da produção é um efeito indireto, e não direto.

Letra C – ERRADA – As técnicas reais, conforme afirmado no texto, são suplementadas pela técnica ilusória.

Letra D – CERTA – De fato, o efeito imediato é uma mudança de comportamento no trabalho das mulheres, que faz com que elas se tornem mais produtivas. O aumento de produção é, dessa forma, um efeito indireto, e não direto.

Letra E – ERRADA – Trata-se de um efeito indireto, e não direto.

Resposta: D

28. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua brasilica, brasiliana ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.

e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

RESOLUÇÃO

Letra A – CERTA – Observemos o seguinte trecho: “São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho”. Nele é possível identificar o objetivo comunicativo do autor, que consiste em enfatizar a expressividade da língua geral e sua influência na formação do atual português. Sem essas expressões, não haveria uma diferenciação relevante em termos de expressividade do português falado no Brasil para outras línguas.

Letra B – ERRADA – O foco do texto não se concentra propriamente no falar do caipira, nem sua intenção é destacar a forma bem-humorada da comunicação, embora esta não seja negada. O objetivo é destacar a influência da língua geral na formação do português falado no Brasil.

Letra C – ERRADA - A comparação em termos de expressividade entre a língua portuguesa e a inglesa até se faz no texto, mas não consiste no objetivo comunicativo principal do texto.

Letra D – ERRADA - Não é a clareza a marca identificadora do português falado no Brasil, mas sim sua expressividade.

Letra E – ERRADA - Os significados e origens dos vocábulos “jururu” e “igarapé” são até apresentados no texto, mas como exemplos, e não como o propósito central do texto.

Resposta: A

29. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a ‘geração da cabeça baixa’. “É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens.” E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. “Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para uma desvio de coluna.”

<https://www.diariodaregiao.com.br/conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html>

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.

- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – Como mencionado no texto, os jovens não se queixam de dores. Estas podem se manifestar no futuro como resultado da má postura corporal.

Letra B – ERRADA – O texto foca a atenção não nos adultos, mas nos jovens.

Letra C – CERTA – De fato, as posturas inadequadas dos jovens, segundo o texto, podem gerar dores na idade adulta.

Letra D – ERRADA – As sequelas não são imediatas. Elas podem se manifestar futuramente, na idade adulta.

Letra E – ERRADA – Não há perda de flexibilidade corporal em crianças. O que o texto afirma é que as sequelas resultados da inadequada postura corporal de crianças e jovens podem se manifestar no futuro.

Resposta: C

30. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
- b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
- c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.
- d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.
- e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADA – O texto não foca sua atenção na versatilidade dos conteúdos digitais, mas sim na credibilidade e aceitação dos materiais impressos.

Letra B – ERRADA – A principal linha de argumentação do texto não é propor adoção das duas plataformas, mas enfatizar a ainda significativa aceitação dos materiais impressos.

Letra C – ERRADA – Não trata o texto de um alerta, mas sim de uma constatação.

Letra D – CERTA – De fato! O texto dá destaque à ainda significativa aceitação por parte do público dos materiais impressos e da associação destes à ideia de veracidade e credibilidade.

Letra E – ERRADA – O texto não dá a entender que a comunicação precise ser predominantemente impressa. Dá a entender sim que esta não pode ser descartada.

Resposta: D

31. INÉDITA



A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

- a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.
- b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.
- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.
- d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.

e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

Letra A – ERRADA – É errado afirmar que o garoto da primeira charge encara a tecnologia com desinteresse. Na verdade, ele se demonstra interessado até demais, o que é evidenciado pela pilha de eletroeletrônicos que se acumula atrás dele. Seu desejo por tecnologia é insaciável.

Letra B – CERTA – De fato, os adultos da segunda charge não demonstram tanto desejo (avidez) por tecnologia quanto o garoto. Este é insaciável.

Letra C – ERRADA - De acordo com a charge, a dificuldade da geração mais madura não está na identificação das funcionalidades presentes nos aparelhos. É possível ver que os adultos conseguem identifica-las. A real dificuldade dessa geração está em entender a utilidade de fato dessas ferramentas na vida cotidiana. Há um sentimento de desconfiança por parte dos adultos, ressaltado pela face, com olhar distante, sobrancelhas levantadas e testa franzida.

Letra D – ERRADA – Ao dizer “Qual o próximo?”, subtende-se que o garoto deseja mais um eletroeletrônico.

Letra E – ERRADA – A primeira charge explicita não facilidades, mas sim dificuldades que a tecnologia trouxe para o cotidiano: descarte excessivo, desejo insaciável das crianças por tecnologia e submissão dos adultos à vontade dos mais jovens.

Resposta: B

32. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

a) O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão "habeas corpus".

- b) A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- c) A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- d) A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- e) O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

RESOLUÇÃO:

Analisemos as opções:

Letra A – ERRADA – O avô expressa conhecimento acerca da origem (etimologia) da expressão “habeas corpus”.

Letra B – ERRADA – A resposta não evidencia que o avô o recriminou o garoto pela pergunta.

Letra C – ERRADA – A pergunta do garoto não pode ser considerada retórica, entendida como uma pergunta de cuja resposta o enunciador já tem conhecimento. O garoto, de fato, expressa uma dúvida.

Letra D – ERRADA – A crítica do avô não é explícita, e sim implícita. Esta é dirigida não aos políticos, mas ao Poder Judiciário.

Letra E – CERTA – De fato, a crítica velada feita pelo avô denuncia a forma obscura como se concede o benefício do “habeas corpus”, dando a entender que, em alguns casos, não ocorre um juízo pautado pela equidade.

Resposta: E

33. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

“Nossa meta é servir bem.”

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra “meta” estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo “Nossa”, que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.
- e) O emprego do substantivo “diferencial” no lugar de “meta” não alteraria o sentido original do anúncio.

RESOLUÇÃO:

Obviamente um anúncio publicitário tem por objetivo principal persuadir (convencer) o público-alvo a adquirir um determinado produto ou serviço. Para cumprir tal propósito, é importante escolher adequadamente as palavras.

Isso não ocorre no anúncio em questão, haja vista que a palavra “meta” é sinônima de “objetivo”, “propósito”, “algo que ainda se quer atingir”. Ora, se a meta é servir bem, dá-se a entender que o restaurante ainda não serve bem seus

clientes.

Você iria a um restaurante que não serve bem seus clientes, mas está lutando para um dia, quem sabe, atingir esse objetivo? Claro que não, né? Eu esperaria o restaurante cumprir atingir essa meta, para só então pensar em frequentá-lo. Concorde?

Analisemos as opções:

Letra A – ERRADA – A escolha da palavra “meta” é inapropriada, tendo em vista que ela dá a entender que o restaurante ainda não serve (atende) bem seus clientes.

Letra B – CERTA – De fato, de acordo com o anúncio, é possível inferir que o restaurante não serve bem seus clientes. Com certeza, não era essa a intenção inicial dos elaboradores da campanha publicitária.

Letra C – ERRADA – A escolha da palavra “meta” é inapropriada, tendo em vista o caráter persuasivo do texto.

Letra D – ERRADA – O problema não foi a escolha da palavra “Nossa”, e sim da palavra “meta”. Além disso, não é característica de um texto publicitário a impessoalidade.

Letra E – ERRADA – O sentido original deixa implícito que o restaurante anunciado ainda não serve bem seus clientes. Já, com o emprego do substantivo “diferencial”, dá-se a entender que os demais restaurantes não servem bem seus clientes. O sentido original é, portanto, alterado com a troca de palavras sugerida.

Resposta: B

34. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensar a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo.

“Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, “A mulher que ia navegar”.)

I – Há uma relação semântica de contraste “banhos intermitentes de sangue” e “ela era toda pálida e suave”

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - “Muito!” – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho “Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo” faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

a) I apenas

b) II apenas

c) III apenas

- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

RESOLUÇÃO:

A assertiva I está correta.

De acordo com a descrição do texto, a luminosidade do anúncio refletia na pele da personagem, dando a ela uma coloração avermelhada. É o que o texto descreve como “banhos intermitentes de sangue.

Nos intervalos (intermitências) entre o acender e o apagar do anúncio, a lua realçava a palidez da pele da personagem.

A assertiva II está errada.

É possível notar na resposta da personagem um tom vago, até mesmo irônico. Ela não se mostrava muito interessada em julgar o quadro que lhe fora apresentado, assunto da pergunta a ela dirigida. Estava, na verdade, mais entretida e distraída com os efeitos luminosos do anúncio em seu braço.

A assertiva III está errada.

De fato, o pronome “isso” faz referência à distração gerada pelos efeitos luminosos do anúncio no braço da personagem. No entanto, erra a assertiva ao afirmar que se trata de uma alusão catafórica – referência a algo ainda a ser citado. O correto é afirmar que se faz uma alusão anafórica – referência a algo citado anteriormente no texto.

Resposta: A

35. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.
- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino íterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

RESOLUÇÃO:

O início do trecho dá a entender que os pais do garoto o espancavam. Isso fica evidente no trecho “*faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos.*”. A partir do trecho “*Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e*

meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias.", o humor dos pais muda repentinamente e as pancadas e os gritos dão lugar a um abrandamento.

Nesse instante, abre-se um parêntese, sinalizando a interrupção do tratamento violento e a adoção de uma postura mais carinhosa por parte dos pais. No entanto, esse intervalo de trégua não dura muito e, logo depois, reiniciam-se as pancadarias e os gritos, ou seja, fecha-se o parêntese, para tristeza do garoto.

Analisemos as opções:

Letra A – ERRADA – O trecho não simboliza o início, mas sim o término do tratamento carinhoso dado pelos pais ao garoto.

Letra B – ERRADA – O item apresenta uma incorreção, ao afirmar que a violência partia de diversos familiares. Na verdade, a violência partia de "seres determinados", numa alusão feita aos pais do garoto.

Letra C – CERTA – Exatamente. O fechamento do parêntese, como explicado acima, marca o término do curto período de trégua.

Letra D – ERRADA – Não há propriamente um sentimento de saudosismo por parte do autor, haja vista que esse tempo lhe trazia más recordações.

Letra E – ERRADA – Não é o que dá a entender o trecho "*Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado*". Na visão ingênua do garoto, tratava-se de uma mudança definitiva, sem volta.

Resposta: C

Lista de Questões

Texto para as questões 01 a 03

A história da irrigação se confunde, na maioria das vezes, com a história da agricultura e da prosperidade econômica de inúmeros povos. Muitas civilizações antigas se originaram assim, em regiões áridas, onde a produção só era possível com o uso da irrigação.

O Brasil, dotado de grandes áreas agricultáveis localizadas em regiões úmidas, não se baseou, no passado, na irrigação, embora haja registro de que, já em 1589, os jesuítas praticavam a técnica na antiga Fazenda Santa Cruz, no estado do Rio de Janeiro. Também na região mais seca do Nordeste e nos estados de Minas Gerais e São Paulo, era utilizada em culturas de cana-de-açúcar, batatinha, pomares e hortas. Em cafezais, seu emprego iniciou-se na década de 50 do século passado, com a utilização da aspersão, que se mostrou particularmente interessante, especialmente nas terras roxas do estado de São Paulo.

A irrigação, de caráter suplementar às chuvas, tem sido aplicada na região Centro-Oeste do país, especialmente em culturas perenes.

Embora a região central do Brasil apresente boas médias anuais de precipitação pluviométrica, sua distribuição anual (concentrada no verão, sujeita a veranicos e escassa ou completamente ausente no inverno) permite, apenas, a prática de culturas anuais (arroz, milho, soja etc.), as quais podem se desenvolver no período chuvoso e encontrar no solo um suprimento adequado de água.

Já as culturas mais perenes (como café, citrus, cana-de-açúcar e pastagem) atravessam, no período seco, fases de sensível deficiência de água, pela limitada capacidade de armazenamento no solo, o que interrompe o desenvolvimento vegetativo e acarreta colheitas menores ou nulas.

A vantagem e a principal justificativa econômica da irrigação suplementar estão na garantia de safra, a despeito da incerteza das chuvas.

Na região Nordeste, a irrigação foi introduzida pelo governo federal e aparece vinculada ao abastecimento de água no Semiárido e a planos de desenvolvimento do vale do São Francisco. Ali, a irrigação é vista como importante medida para amenizar os problemas advindos das secas periódicas, que acarretam sérias consequências econômicas e sociais.

No contexto das estratégias nacionais de desenvolvimento, um programa de irrigação pode contribuir para o equacionamento de um amplo conjunto de problemas estruturais. Com relação à geração de empregos diretos, a agricultura irrigada nordestina é mais intensiva do que nas outras regiões do país. Na região semiárida, em especial no vale do São Francisco, a irrigação tem destacado papel a cumprir, como, aliás, já ocorre em importantes polos agroindustriais da região Nordeste.

A irrigação constitui-se em uma das mais importantes tecnologias para o aumento da produtividade agrícola. Aliada a ela, uma série de práticas agrônômicas deve ser devidamente considerada.

No que se refere aos aspectos linguísticos e às ideias do texto apresentado, julgue os itens que se seguem.

01) CESPE - CODEVASF/2021

A ideia principal do texto é defender a técnica de irrigação na região Nordeste do Brasil, já que se trata de uma área semiárida.

() CERTO () ERRADO

02) CESPE - CODEVASF/2021

Infer-se do texto que a escassez de chuvas na região central do Brasil não permite a prática de culturas anuais sem o uso de tecnologias de irrigação.

() CERTO () ERRADO

03) CESPE - CODEVASF/2021

De acordo com o texto, a irrigação constitui uma das mais importantes tecnologias para o aumento da produtividade agrícola, especialmente no cultivo de culturas perenes.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 04 a 05

1 Em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre
marcada por rituais. Essa afirmação pode ser inesperada
para muitos, porque tendemos a negar tanto a existência
4 quanto a importância dos rituais na nossa vida cotidiana.
Em geral, consideramos que rituais seriam eventos de
sociedades históricas, da vida na corte europeia, por exemplo,
7 ou, em outro extremo, de sociedades indígenas. Entre nós,
a inclinação inicial é diminuir sua relevância. Muitas vezes
comentamos “Ah, foi apenas um ritual”, querendo enfatizar
10 exatamente que o evento em questão não teve maior
significado e conteúdo. Por exemplo, um discurso pode receber
esse comentário se for considerado superficial em relação
13 à expectativa de um importante comunicado. Ritual, nesse
caso, é a dimensão menos importante de um evento, sinal
de uma forma vazia, algo pouco sério — e, portanto,
16 “apenas um ritual”. Agimos como se desconhecêssemos que
forma e conteúdo estão sempre combinados e associamos
o ritual apenas à forma, isto é, à convencionalidade, à rigidez,
19 ao tradicionalismo. Tudo se passa como se nós, modernos,
guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados desse
fenômeno do passado. Em suma, usamos o termo ritual no
22 dia a dia com uma conotação de fenômeno formal e arcaico.

Mariza Peirano. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Editor, 2003, p. 7-8 (com adaptações).

04) CESPE - MPE CE/2020

O texto defende que, em uma manifestação social, o ritual é a dimensão que mais contribui para a transmissão dos valores e conteúdos implicados nessa manifestação.

() CERTO () ERRADO

05) CESPE - MPE CE/2020

Depreende-se do trecho “Tudo se passa como se nós, modernos, guiados pela livre vontade, estivéssemos liberados desse fenômeno do passado” (l. 19 a 21) que a autora, ao se declarar moderna, repudia o que pertence ao passado.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 06

1 “Desprezo o que dizes, mas defenderei até a morte o
2 teu direito a dizê-lo.” É com essa afirmação atribuída a
3 Voltaire, filósofo do iluminismo francês, que Nigel Warburton
4 principia o seu ensaio sobre liberdade de expressão. A
5 liberdade de expressão — entendida em sentido amplo, em que
6 se incluem a palavra escrita, as peças teatrais, os filmes, os
7 vídeos, as fotografias, os cartuns, as pinturas, entre outros —
8 é um direito consagrado no artigo 19.º da Declaração Universal
9 dos Direitos do Homem, de 1948.

10 A liberdade de expressão é particularmente valiosa em
11 uma sociedade democrática, ao ponto de haver quem sustente
12 que, na ausência de uma ampla liberdade de expressão, nenhum
13 governo seria de todo legítimo e não deveria ser denominado
14 democrático. Essa é a perspectiva defendida por Ronald
15 Dworkin, para quem “A livre expressão é uma das condições
16 de um governo legítimo. As leis e políticas não são legítimas a
17 menos que tenham sido adotadas por meio de um processo
18 democrático, e um processo não é democrático se o governo
19 impediu alguém de exprimir as suas convicções acerca de quais
20 devem ser essas leis e políticas”.

21 Desde os alvares da democracia ateniense, são
22 sobejamente conhecidas as suas relações com a argumentação
23 e a retórica. Porém, tal como a retórica e a argumentação
24 podem ser postas ao serviço da mentira e da manipulação,
25 também em relação à liberdade de expressão se coloca a
26 questão dos seus limites.

Internet: <<https://agora-m.blogs.sapo.pt>> (com adaptações).

06) CESPE - MPE CE/2020

No texto, sugere-se que a liberdade de expressão pode ser usada em favor da mentira e da manipulação.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 07 e 08

1 Não há conclusões unânimes, mas a ciência e os
especialistas caminham para o entendimento de que o
4 preconceito seja um conceito aprendido. Por definição, o
preconceito é uma opinião formada antes da aquisição dos
conhecimentos adequados; um sentimento desfavorável,
7 concebido antecipadamente ou independente de experiência ou
razão. Assim, foge da postura típica dos animais, que só
passam a rejeitar aquilo que os prejudica a partir da experiência
adquirida. O racismo prevê uma superioridade racial
10 independente da experiência pessoal.

Um estudo neurológico realizado pela pesquisadora
Eva Telzer, da Universidade de Illinois, analisou a reação de
13 uma estrutura cerebral chamada amígdala, ligada a sensações
como medo e ansiedade, em crianças e adolescentes de 4 a
16 anos. O estudo mostrou que a amígdala não responde à
questão racial em crianças: a sensação de medo começa a
aparecer ao longo da adolescência, o que pode indicar que o
racismo é aprendido ao longo da vida.

19 Já as pesquisas na área de psicologia experimental,
que muitas vezes estudam o comportamento dos animais,
poderiam encontrar uma explicação para o racismo de bases
22 evolutivas — apesar de não existirem, nos animais, traços de
preconceito ou discriminação propriamente dita. “Nós não
identificamos em animais um correlato exato ao preconceito,
25 especialmente porque preconceito é uma construção verbal e
social típica das culturas humanas”, diz Patrícia Izar,
professora doutora do departamento de psicologia
28 experimental da Universidade de São Paulo (USP). “O
que existe tipicamente entre os primatas, os macacos, é
um comportamento de proteger o grupo ao qual eles
31 pertencem; em geral, um grupo com alto grau de parentesco
contra outro grupo.”

O geneticista Sérgio Pena não concorda com estudos
34 evolutivos: “Ao postular a existência de uma natureza humana
evolutivamente moldada para ser etnocêntrica, paroquial,
bairrista e chauvinista, esses discursos geralmente terminam
37 por atribuir ao racismo uma inevitabilidade natural. Isso não é
verdade. Pelo contrário, as ‘raças’ e o racismo não têm
nenhuma justificativa biológica e não passam de uma invenção
40 muito recente na história da humanidade.”

Internet: <www.uol.com.br> (com adaptações).

07) CESPE - MPE CE/2020

A professora doutora Patrícia Izar destaca que, no reino animal, o que motiva o comportamento agressivo típico dos macacos para a proteção do grupo é análogo ao que motiva o ser humano a ter uma atitude racista.

() CERTO () ERRADO

08) CESPE - MPE CE/2020

Depreende-se do texto que a psicologia experimental é uma área do conhecimento científico que concorda com a tese do caráter hereditário do racismo em humanos.

() CERTO () ERRADO

Texto CG1A1-II

1 Segundo a Lei Geral de Proteção de Dados
(Lei n.º 13.709/2018), dados pessoais são informações que
podem identificar alguém. Dentro desse conceito, foi criada
4 uma categoria chamada de “dato sensível”, que diz respeito a
informações sobre origem racial ou étnica, convicções
religiosas, opiniões políticas, saúde ou vida sexual. Registros
7 como esses, a partir da vigência da lei, passam a ter nível maior
de proteção, para evitar formas de discriminação. Todas as
atividades realizadas no país e todas as pessoas que estão no
10 Brasil estão sujeitas à lei. A norma vale para coletas operadas
em outro país, desde que estejam relacionadas a bens ou
serviços ofertados a brasileiros. Mas há exceções, como a
13 obtenção de informações pelo Estado para a segurança pública.

Ao coletar um dato, as empresas deverão informar a
finalidade da coleta. Se o usuário aceitar repassar suas
16 informações, o que pode acontecer, por exemplo, quando ele
concorda com termos e condições de um aplicativo, as
companhias passam a ter o direito de tratar os dados
19 (respeitada a finalidade específica), desde que em
conformidade com a legislação. A lei prevê uma série de
obrigações, como a garantia da segurança das informações e a
22 notificação do titular em caso de um incidente de segurança. A
norma permite a reutilização dos dados por empresas ou órgãos
públicos, em caso de “legítimo interesse”.

25 Por outro lado, o titular ganhou uma série de direitos.
Ele pode, por exemplo, solicitar à empresa os dados que ela
tem sobre ele, a quem foram repassados (em situações como a
28 de reutilização por “legítimo interesse”) e para qual finalidade.
Caso os registros estejam incorretos, ele poderá cobrar a
correção. Em determinados casos, o titular terá o direito de se
opor a um tratamento. A lei também prevê a revisão de
31 decisões automatizadas tomadas com base no tratamento de
dados, como as notas de crédito ou os perfis de consumo.

Internet: <www.agenciabrasil.etc.com.br> (com adaptações).

09) CESPE - TJ PA/2020

Segundo as ideias veiculadas no texto CG1A1-II,

- a) questões relativas a origem racial ou étnica, convicções religiosas, opiniões políticas, saúde ou vida sexual são as que mais motivam atos de discriminação, e, por isso, os dados sensíveis devem ter maior nível de proteção.
- b) a Lei Geral de Proteção de Dados prevê obrigações tanto para as empresas que coletam os dados quanto para o titular desses dados, de forma proporcional.
- c) a norma legal é válida em caso de bens e serviços ofertados a brasileiros, independentemente do país onde a coleta dos dados pessoais for feita.
- d) o Estado é autorizado a coletar e a tratar dados pessoais de brasileiros da forma que julgar mais adequada.
- e) o Brasil é pioneiro na edição de uma lei acerca da coleta e do uso de dados sensíveis.

Texto CG1A1-I

1 “Família, família/ vive junto todo dia/ nunca perde
essa mania” — os versos da canção **Família**, composta por
Arnaldo Antunes e Tony Belotto na década de 80 do século
4 passado, no Brasil, parece que já não traduzem mais a
realidade dos arranjos familiares. Observa-se que a solidez dos
lugares ocupados por cada uma das pessoas, nos moldes da
7 família nuclear, não se adéqua à realidade social do momento,
em que as relações são caracterizadas por sua dinamicidade e
pluralidade. De acordo com o médico e psicanalista Jurandir
10 Freire Costa, “família nem é mais um modo de transmissão do
patrimônio material; nem de perpetuação de nomes de
linhagens; nem da tradição moral ou religiosa; tampouco é a
13 instituição que garante a estabilidade do lugar em que são
educadas as crianças”.

Então, o que é a família? Como defini-la,
16 considerando-se que uma de suas marcas na pós-modernidade
é justamente a falta de definição? Para a cientista social e
política Elizabete Dória Bilac, a variabilidade histórica da
19 instituição família desafia qualquer conceito geral de família.

A centralidade assumida pelos interesses individuais
no mundo contemporâneo é um dos aspectos que influenciam
22 a singularidade de cada família e distinguem os propósitos que
justificam a escolha de duas pessoas ou mais viverem juntas,
compartilhando regras, necessidades e obrigações. Se não é
25 fácil definir a família, é legítimo o esforço de tentar decifrar
quem é o homem pós-moderno e quais as necessidades
emergentes que o impulsionam ao encontro com o outro, seja
28 no espaço social, seja no interior da família, produzindo
significados e razões que o lançam na busca de realização.

Segundo o filósofo francês Dany-Robert Dufour, a
31 pós-modernidade produz um sujeito não engendrado, o que
significa um sujeito que se vê na posição de não dever mais
nada à geração precedente. Trata-se de uma condição que
34 comporta riscos, pois, segundo Dufour, desaparece o motivo
geracional. No que tange à família, a consequência é o
surgimento de relações pautadas em trocas reais e carentes de
37 valores simbólicos que se contraponham à lógica do consumo.
Assim, assiste-se a uma ruptura na ordem da transmissão, o que
gera indivíduos desprovidos de identidade sólida, condição esta
40 que acarreta a redução de sua capacidade crítica e dificulta o
estabelecimento de compromisso com a causa que lhe precede.

Fernanda Simplicio Cardoso e Leila Maria Torraca de Brito.
Reflexões sobre a paternidade na pós-modernidade.
Internet: <www.newpsi.bvs-psi.org.br> (com adaptações).

10) CESPE - TJ PA/2020

As autoras do texto CG1A1-I consideram que

- a) o fato de duas ou mais pessoas viverem juntas é bastante para que sejam consideradas uma família.
- b) a família, na atualidade, define-se como instituição cujos membros não se comprometem uns com os outros.
- c) a família concebida nos moldes tradicionais não existe no século XXI.
- d) o conceito geral de família sempre esteve em constante mudança.

e) a definição de família constitui um grande desafio.

Texto para as questões 11 a 14

Não há dúvida de que a televisão apresenta ao público uma visão distorcida de como a ciência forense é conduzida e sobre o que ela é capaz, ou não, de realizar. Os atores que interpretam a equipe de investigação, por exemplo, são uma mistura de policial, detetive e cientista forense — esse perfil profissional não existe na vida real. Toda profissão, individualmente, já é complexa e demanda educação, treinamento e métodos próprios. A especialização dentro dos laboratórios tornou-se uma norma desde o final da década de 80 do século passado. O cientista forense precisa conhecer os recursos das outras subdisciplinas, mas ninguém é especialista em todas as áreas da investigação criminal. Além disso, os laboratórios frequentemente não realizam todos os tipos de análise devido ao custo, à insuficiência de recursos ou à pouca procura.

As séries de TV retratam incorretamente os cientistas forenses, mostrando-os como se tivessem tempo de sobra para todos os casos. Os programas mostram diversos detetives, técnicos e cientistas dedicando toda sua atenção a uma investigação. Na realidade, cada cientista recebe vários casos ao mesmo tempo. A maioria dos laboratórios acredita que o acúmulo de trabalho é o maior problema que enfrentam, e boa parte dos pedidos de aumento no orçamento baseia-se na dificuldade de dar conta de tanto serviço.

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo "batom da marca X, cor 42, lote A-439". O mesmo personagem talvez interrogue um suspeito e declare "sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho". No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: "Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado".

A realidade do CSI. In: Scientific American Brazil. Segmento. Internet: (com adaptações).

No que se refere aos sentidos do texto, julgue os itens a seguir.

11) CESPE - PF/2018

Conclui-se do último período do primeiro parágrafo que os laboratórios de investigação criminal têm pouca demanda de trabalho e, por isso, não realizam todos os tipos de análises mostrados nas séries de TV que retratam os processos de investigação forense.

() CERTO () ERRADO

12) CESPE - PF/2018

O exemplo utilizado no terceiro e no quarto período do terceiro parágrafo corrobora duas ideias consideradas irreais no confronto entre as séries televisivas e a vida real: a de que um mesmo personagem de séries de investigação mistura diversos profissionais da área policial e a de que as informações obtidas por meio das técnicas científicas nesses seriados são demasiado precisas.

() CERTO () ERRADO

13) CESPE - PF/2018

O autor do texto apresenta uma crítica à produção de séries que retratam o ambiente policial, principalmente no que se refere à ciência forense, defendendo a suspensão da veiculação desse tipo de produção na TV, dados os prejuízos que elas causam aos policiais em serviço na vida real, conforme ilustrado ao final do texto.

() CERTO () ERRADO

14) CESPE - PF/2018

Infer-se do texto que, até o final da década de 80 do século passado, todos os profissionais que atuavam em laboratórios forenses eram generalistas.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 15 a 19

Imagine uma operação de busca na selva. Sem mapas, binóculos ou apoio logístico; somente com um facão. Assim eram feitas as operações de combate à pornografia infantil pela Polícia Federal até o dia em que peritos criminais federais desenvolveram, no estado de Mato Grosso do Sul, o Nudetective.

O programa executa em minutos uma busca que poderia levar meses, encontrando todo o conteúdo pornográfico de pedofilia em computadores, pendrives, smartphones e demais mídias de armazenamento. Para ajudar o trabalho dos peritos, existem programas que buscam os arquivos de imagem e vídeo através de sua *hash* ou sua assinatura digital. Logo nos primeiros testes, a detecção de imagens apresentou mais de 90% de acerto.

Para o teste, pegaram um HD com conteúdo já periciado e rodaram o programa. Conseguiram 95% de acerto em 12 minutos. Seu diferencial era não só buscar pela assinatura digital ou nomes conhecidos, mas também por novos arquivos por intermédio da leitura dos *pixels* presentes na imagem calibrados a uma paleta de tons de pele. Começava a revolução em termos de investigação criminal de pornografia infantil.

Além da detecção de imagens e vídeos, todo o processo de busca e obtenção de resultados é simultâneo, o que economiza tempo e dinheiro.

A licença de uso do software, que é programado em Java, é gratuita e só é disponibilizada para forças da lei e pesquisas acadêmicas. Segundo seus desenvolvedores, nunca houve o intuito de venda, pois não enxergam sentido em lucrar com algo que seja para salvar crianças. Mas, então, por que não deixá-lo disponível para todos? Somente para que não possa ser utilizado para criar formas de burlá-lo, explicam.

Desde seu lançamento, o Nudetective já foi compartilhado com Argentina, Paraguai, Suécia, Áustria, Noruega, Nova Zelândia e Portugal. Ganhou reconhecimento e premiações em congressos forenses no Brasil e no mundo.

Internet: (com adaptações).

15) CESPE - PF/2018

Infere-se do texto que o Nudetective foi desenvolvido especificamente para o combate à pornografia infantil.

() CERTO () ERRADO

16) CESPE - PF/2018

Um dos benefícios do Nudetective para a Polícia Federal é tornar mais célere a investigação de crimes relacionados à pornografia infantil.

() CERTO () ERRADO

17) CESPE - PF/2018

O primeiro parágrafo do texto informa que, antes da criação do Nudetective, a Polícia Federal não dispunha de dispositivos tecnológicos para a investigação de crimes de pedofilia na Internet.

() CERTO () ERRADO

18) CESPE - PF/2018

De acordo com o texto, diversos países da América e da Europa compraram a licença de uso do software criado pelos policiais federais do Mato Grosso do Sul, o que demonstra o reconhecimento estrangeiro da qualidade do trabalho forense do Brasil.

() CERTO () ERRADO

19) CESPE - PF/2018

Conclui-se do texto que a varredura do Nudetective é restrita a dispositivos conectados à Internet.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 20 a 24

A polícia parisiense — disse ele — é extremamente hábil à sua maneira. Seus agentes são perseverantes, engenhosos, astutos e perfeitamente versados nos conhecimentos que seus deveres parecem exigir de modo especial. Assim, quando o delegado G... nos contou, pormenorizadamente, a maneira pela qual realizou suas pesquisas no Hotel D..., não tive dúvida de que efetuara uma investigação satisfatória (...) até o ponto a que chegou o seu trabalho.

— Até o ponto a que chegou o seu trabalho? — perguntei.

— Sim — respondeu Dupin. — As medidas adotadas não foram apenas as melhores que poderiam ser tomadas, mas realizadas com absoluta perfeição. Se a carta estivesse depositada dentro do raio de suas investigações, esses rapazes, sem dúvida, a teriam encontrado.

Ri, simplesmente — mas ele parecia haver dito tudo aquilo com a máxima seriedade.

— As medidas, pois — prosseguiu —, eram boas em seu gênero, e foram bem executadas: seu defeito residia em serem inaplicáveis ao caso e ao homem em questão. Um certo conjunto de recursos altamente engenhosos é, para o delegado, uma espécie de leito de Procusto, ao qual procura adaptar à força todos os seus planos. Mas, no caso em apreço, cometeu uma série de erros, por ser demasiado profundo ou demasiado superficial. (...) E, se o delegado e toda a sua corte têm cometido tantos enganos, isso se deve (...) a uma apreciação inexata, ou melhor, a uma não apreciação da inteligência daqueles com quem se metem. Consideram engenhosas apenas as suas próprias ideias e, ao procurar alguma coisa que se ache escondida, não pensam senão nos meios que eles próprios teriam empregado para escondê-la. Estão certos apenas num ponto: naquele em que sua engenhosidade representa fielmente a da massa; mas, quando a astúcia do malfeitor é diferente da deles, o malfeitor, naturalmente, os engana. Isso sempre acontece quando a astúcia deste último está acima da deles e, muito frequentemente, quando está abaixo. Não variam seu sistema de investigação; na melhor das hipóteses, quando são instigados por algum caso insólito, ou por alguma recompensa extraordinária, ampliam ou exageram os seus modos de agir habituais, sem que se afastem, no entanto, de seus princípios. (...) Você compreenderá, agora, o que eu queria dizer ao afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro do raio de investigação do nosso delegado — ou, em outras palavras, se o princípio inspirador estivesse compreendido nos princípios do delegado —, sua descoberta seria uma questão inteiramente fora de dúvida. Este funcionário, porém, se enganou por completo,

e a fonte remota de seu fracasso reside na suposição de que o ministro é um idiota, pois adquiriu renome de poeta. Segundo o delegado, todos os poetas são idiotas — e, neste caso, ele é apenas culpado de uma *non distributio medii*, ao inferir que todos os poetas são idiotas.

— Mas ele é realmente poeta? — perguntei. — Sei que são dois irmãos, e que ambos adquiriram renome nas letras. O ministro, creio eu, escreveu eruditamente sobre o cálculo diferencial. É um matemático, e não um poeta.

— Você está enganado. Conheço-o bem. E ambas as coisas. Como poeta e matemático, raciocinaria bem; como mero matemático, não raciocinaria de modo algum, e ficaria, assim, à mercê do delegado.

— Você me surpreende — respondi — com essas opiniões, que têm sido desmentidas pela voz do mundo. Naturalmente, não querará destruir, de um golpe, ideias amadurecidas durante tantos séculos. A razão matemática é há muito considerada como a razão *par excellence*.

Edgar Allan Poe. A carta roubada. In: Histórias extraordinárias. Victor Civita, 1981. Tradução de Brenno Silveira e outros.

No que se refere à tipologia e aos sentidos do texto, julgue os próximos itens.

20) CESPE - PF/2018

O primeiro parágrafo do texto é predominantemente descritivo, pois apresenta as características da "polícia parisiense".

() CERTO () ERRADO

21) CESPE - PF/2018

Infer-se das falas de Dupin que a opinião do delegado a respeito dos poetas foi determinante para que ele não encontrasse "a carta roubada".

() CERTO () ERRADO

22) CESPE - PF/2018

Dupin é irônico ao caracterizar a polícia parisiense como hábil no primeiro parágrafo, o que é comprovado pela crítica que faz, no quinto parágrafo, ao trabalho do delegado e de sua equipe, os quais, conforme Dupin, "Estão certos apenas num ponto" (R. 32 e 33).

() CERTO () ERRADO

23) CESPE - PF/2018

Na opinião de Dupin, a inteligência da polícia de Paris equipara-se à "da massa" (R.34), que, conforme se infere do texto, é uma inteligência média.

() CERTO () ERRADO

24) CESPE - PF/2018

O narrador discorda de Dupin com relação à opinião de que o fato de o ministro ser poeta é o que lhe permite raciocinar bem, o que fica evidente no último parágrafo do texto.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 25 a 30

A natureza jamais vai deixar de nos surpreender. As teorias científicas de hoje, das quais somos justamente orgulhosos, serão consideradas brincadeira de criança por futuras gerações de cientistas. Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro. No entanto, o trabalho dos cientistas do futuro seria impossível sem o nosso, assim como o nosso teria sido impossível sem o trabalho de Kepler, Galileu ou Newton. Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de perfeição. Novos fenômenos estranhos, inesperados e imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação. Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando compreender o novo. E, a cada passo dessa busca sem fim, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

Em graus diferentes, todos fazemos parte dessa aventura, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; se não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual. Nesse sentido, você, eu, Heráclito, Copérnico e Einstein somos todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

Marcelo Gleiser. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-5 (com adaptações).

Com relação aos sentidos do texto, julgue os próximos itens.

25) CESPE - PF/2018

Da afirmação "Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro" (R. 4 a 6) deduz-se que os modelos científicos de antigamente têm pouca importância para os estudos atuais.

() CERTO () ERRADO

26) CESPE - PF/2018

Dada a sequência lógica do texto, é correto afirmar que os trechos "Novos fenômenos estranhos, inesperados e imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação" (R. 12 e 13) e "E, a cada passo dessa busca sem fim, compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta" (R. 15 a 17) são usados como argumentos para reforçar a ideia do primeiro período do texto.

() CERTO () ERRADO

27) CESPE - PF/2018

Para conferir um tom menos categórico ao trecho "Teorias científicas jamais serão a verdade final" (R.9), poderia utilizar-se a expressão em tempo nenhum no lugar de "jamais".

() CERTO () ERRADO

28) CESPE - PF/2018

No último parágrafo, o autor inclui a si mesmo, junto com Kepler, Galileu, Newton, Heráclito, Copérnico e Einstein, entre os cientistas que expandiram as fronteiras do conhecimento.

() CERTO () ERRADO

29) CESPE - PF/2018

Para o autor, compreender o novo implica conhecer mais o ser humano e a natureza que o rodeia.

() CERTO () ERRADO

30) CESPE - PF/2018

Conclui-se do texto que as teorias científicas sempre contribuem para a evolução, mas nem sempre permitem apresentar dados precisos, uma vez que a natureza está em constante estado de transformação.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 31 a 37

Escrita, secreta e submetida, para construir as suas provas, a regras rigorosas, a investigação penal é uma máquina que pode produzir a verdade na ausência do réu. E, por isso mesmo, esse procedimento tende necessariamente para a confissão, embora em direito estrito não a exija. Por duas razões: em primeiro lugar, porque constitui uma prova tão forte que não há necessidade de acrescentar outras, nem de entrar na difícil e duvidosa combinatória dos indícios; a confissão, desde que seja devidamente feita, quase exime o acusador de fornecer outras provas (em todo o caso, as mais difíceis); em segundo, a única maneira para que esse procedimento perca toda a sua autoridade unívoca e para que se torne uma vitória efetivamente obtida sobre o acusado, a única maneira para que a verdade exerça todo o seu poder, é que o criminoso assuma o seu próprio crime e assine aquilo que foi sábia e obscuramente construído pela investigação.

No interior do crime reconstituído por escrito, o criminoso confessa desempenha o papel de verdade viva. Ato do sujeito criminoso, responsável e falante, a confissão é a peça complementar de uma investigação escrita e secreta. Daí a importância que todo processo de tipo inquisitorial atribui à confissão. Por um lado, tenta-se fazê-la entrar no cálculo geral das provas, como se fosse apenas mais uma: não é a *evidentia rei*; tal como a mais forte das provas, não pode por si só implicar a condenação e tem de ser acompanhada por indícios anexos e presunções, pois já houve acusados que se declararam culpados de crimes que não cometeram; se não tiver em sua posse mais do que a confissão regular do culpado, o juiz deverá então fazer investigações complementares. Mas, por outro lado, a confissão triunfa sobre quaisquer outras provas. Até certo ponto, transcende-as; elemento no cálculo da verdade, a confissão é também o ato pelo qual o réu aceita a acusação e reconhece os seus bons fundamentos; transforma uma investigação feita sem a sua participação em uma afirmação voluntária.

Michel Foucault. Vigiar e punir – nascimento da prisão. Trad. Pedro Elói Duarte. Ed. 70: 2013 (com adaptações).

Com relação às ideias e aos sentidos do texto CB1A1-I, julgue os próximos itens.

31) CESPE - MP PI/2018

Para o autor, a confissão sobressai entre as provas construídas pela investigação, mas não é condição para a determinação da verdade.

() CERTO () ERRADO

32) CESPE - MP PI/2018

A investigação penal deve ser encerrada quando há confissão do acusado, uma vez que este ato pressupõe a culpa do criminoso confesso e implica a sua condenação.

() CERTO () ERRADO

33) CESPE - MP PI/2018

São os bons fundamentos da acusação que convencem o acusado a confessar sua conduta criminosa.

() CERTO () ERRADO

34) CESPE - MP PI/2018

Ao declarar-se autor da conduta criminosa, o réu legitima a acusação.

() CERTO () ERRADO

35) CESPE - MP PI/2018

Infer-se do texto que o autor não concorda com a ideia de que a confissão seja apenas mais uma prova entre tantas outras.

() CERTO () ERRADO

36) CESPE - MP PI/2018

A confissão é um ato secreto e voluntário, segundo o texto.

() CERTO () ERRADO

37) CESPE - MP PI/2018

Do trecho "se não tiver em sua posse mais do que a confissão regular do culpado, o juiz deverá então fazer investigações complementares" (R. 29 a 31) depreende-se que, diante da ausência de confissão, é dever do juiz buscar outros indícios de autoria.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 38 a 41

— Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Chamava-me também o seu alferes. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro.

— Espelho grande?

— Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

— Não.

— O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro.

(...)

— Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias, deu-me na veneta olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei.

(...)

— De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos ... Subitamente, por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...

Machado de Assis. O espelho. In: John Gladson (Org.). 50 contos de Machado de Assis. Cia. das Letras. Edição eletrônica. Internet: (com adaptações).

Julgue os próximos itens, a respeito das ideias do texto.

38) CESPE - MP PI/2018

A afirmação "O alferes eliminou o homem" (R.24) resume o processo por que passou a personagem: a aparência substituiu a essência.

() CERTO () ERRADO

39) CESPE - MP PI/2018

Infer-se do texto que a intenção de achar-se dois era uma prática de fuga da solidão em que se encontrava o narrador.

() CERTO () ERRADO

40) CESPE - MP PI/2018

O texto aborda um grande conflito do ser humano: a crise existencial, caracterizada pela individualidade e pela angústia da personagem.

() CERTO () ERRADO

41) CESPE - MP PI/2018

Os acontecimentos narrados no quinto parágrafo são resultado da "transformação" (R.21) que o narrador relata ter sofrido em decorrência da mudança do espelho para seu quarto.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 42 a 44

O jeitinho brasileiro é uma forma de corrupção? Se a regra transgredida não causa prejuízo, temos o "jeitinho" positivo e, direi eu, ético. Por exemplo: estou na fila; chega uma pessoa precisando pagar sua conta que vence naquele dia e pede para passar na frente. Não há o que reclamar dessa forma de "jeitinho".

A questão sociológica que o "jeitinho" apresenta, porém, é outra. Ela mostra uma relação ruim com a lei geral, com a norma desenhada para todos os cidadãos, com o pressuposto de que essa regra universal produz legalidade e cidadania. Eu pago meus impostos integralmente e, por isso, posso exigir dos funcionários públicos do meu país. Agora, se eu dou um jeito nos meus impostos porque o delegado da receita federal é meu amigo ou parente e faz a tal "vista grossa", aí temos o "jeitinho" virando corrupção. O "jeitinho" se confunde com corrupção e é transgressão, porque desiguala o que deveria ser obrigatoriamente tratado com igualdade. O que nos enlouquece hoje no Brasil não é a existência do jeitinho como ponte negativa entre a lei e a pessoa especial que dela se livra, mas sim a persistência de um estilo de lidar com a lei, marcadamente aristocrático, que, de certa forma, induz o chefe, o diretor, o dono, o patrão, o governador, o presidente a passar por cima da lei. A mídia tem um papel básico na discussão desses casos de amortecimento, esquecimento e "jeitinho", porque ela ajuda a politizar o velho hábito que insiste em situar certos cargos e as pessoas que os empossam como acima da lei, do mesmo modo e pela mesma lógica de hierarquias que colocam certas pessoas (negros, pobres e mulheres) implacavelmente debaixo da lei.

Roberto da Matta. O jeitinho brasileiro. Internet: <<https://maniadehistoria.wordpress.com>> (com adaptações).

Com relação às ideias do texto, julgue o item a seguir.

42) CESPE - CGM - Pref. João Pessoa/2018

O "jeitinho" é uma transgressão de uma lei ou de uma regra que deveria aplicar-se igualmente a todos os cidadãos.

() CERTO () ERRADO

43) CESPE - CGM - Pref. João Pessoa/2018

O texto confirma que a mídia desmonta uma lógica naturalizada segundo a qual a aplicação das leis varia em razão da vontade de uma minoria.

() CERTO () ERRADO

44) CESPE - CGM - Pref. João Pessoa/2018

Conforme o texto, a caracterização do "jeitinho brasileiro" como um comportamento ético ou antiético depende das suas consequências.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 45 e 46

A cada instante, a quantidade de informações disponíveis para processamento pelo cérebro é formidável: todo o campo visual, todos os estímulos auditivos e olfativos, toda a informação relativa à posição do corpo e ao seu estado de funcionamento.

Esses estímulos precisam ser processados em conjunto, de modo que o cérebro possa montar uma imagem coerente do indivíduo e de seu ambiente. Isso sem contar os processos de evocação de memórias, planejamento para o futuro e imaginação. Você realmente esperava processar todos os estímulos a cada momento e ainda formar registros duradouros de todos eles?

O que faz com que a memória se torne seletiva não é o mundo atual, informatizado, rápido e denso em informações. Ela o é por definição, já que sua porta de entrada é um funil poderoso: a atenção, que concentra todo o poder operacional do cérebro sobre uma coisa só, aquela que for julgada a mais importante no momento.

Suzana Herculano-Houzel. Por que guardar segredo é difícil? E outras curiosidades da neurociência do cotidiano. São Paulo: Amazon. Ed. Kindle, loc. 107 (com adaptações).

45) CESPE - TCE PB/2018

O efeito textual pretendido pela autora ao empregar a pergunta que encerra o segundo parágrafo do texto é o de

- a) apontar a impossibilidade de o cérebro, ao mesmo tempo, processar estímulos e registrá-los na memória.
- b) menosprezar os leitores que acreditam ser possível se lembrar de tudo o que lhes ocorre.
- c) obter diretamente dos leitores respostas honestas à indagação proposta.
- d) modificar o modo como os leitores lidam com os dados provenientes do mundo exterior.
- e) provocar os leitores a refletir sobre os processos de recepção de estímulos e formação de memórias.

46) CESPE - TCE PB/2018

No texto, ao utilizar a expressão "Isso sem contar", a autora sugere que "os processos de evocação de memórias, planejamento para o futuro e imaginação" fazem parte do conjunto de

- a) ações cerebrais cujo funcionamento depende do processamento conjunto de estímulos externos.
- b) processos necessários à construção de registros duradouros dos estímulos recebidos pelo cérebro a cada momento.
- c) dados necessários para que o cérebro construa uma imagem do indivíduo e do ambiente que o cerca.
- d) atividades internas desempenhadas pelo cérebro, ao mesmo tempo que este recebe estímulos externos.
- e) estímulos advindos do cérebro de um indivíduo, imprescindíveis para a formação de novas memórias.

Texto para a questão 47

A história é uma disciplina definida por sua capacidade de lembrar. Poucos se lembram, porém, de como ela é capaz de esquecer. Há também quem caracterize a história como uma ciência da mudança no tempo, e quase ninguém aponta sua genuína capacidade de reiteração.

A história brasileira não escapa dessas ambiguidades fundamentais: ela é feita do encadeamento de eventos que se acumulam e evocam alterações substanciais, mas também anda repleta de lacunas, invisibilidades e esquecimentos. Além disso, se ao longo do tempo se destacam as alterações cumulativas de fatos e ocorrências, não é difícil notar, também, a presença de problemas estruturais que permanecem como que inalterados e assim se repetem, vergonhosamente, na nossa história nacional.

Nessa lista seria possível mencionar os racismos, o feminicídio, a corrupção, a homofobia e o patrimonialismo. Mas destaco aqui um tema que, de alguma maneira, dá conta de todos os demais: a nossa tremenda e contínua desigualdade social.

Desigualdade não é uma contingência nem um acidente qualquer, tampouco uma decorrência natural(d) e mutável de um processo que não nos(c) diz respeito. Ela é consequência de nossas(c) escolhas — sociais, educacionais, políticas, culturais e institucionais(e) —, que têm resultado em uma clara e crescente concentração dos benefícios públicos(a) nas mãos de poucos. (...) Quando se trata de enfrentar a desigualdade, não há saída fácil ou receita de bolo. Prefiro apostar(b) nos alertas que nós mesmos somos capazes de identificar.

Líliia Moritz Schwarcz. Desigualdade é teimosia. Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

47) CESPE - TCE PB/2018

No último parágrafo do texto, a autora sugere que a responsabilidade pela existência da desigualdade social é de todos os indivíduos, entre eles incluído o leitor, o que é denotado pela

- a) alusão à "concentração dos benefícios públicos".

- b) escolha do termo “apostar” para definir sua posição quanto ao tema.
- c) utilização dos pronomes “nos” e “nossas”.
- d) recusa a definir a desigualdade como “natural”.
- e) referência a escolhas “institucionais”.

Texto para a questão 48

O medo do esquecimento obcecou as sociedades europeias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer. A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel forneceram os suportes nos quais podia ser inscrita a memória dos tempos e dos homens.

No espaço aberto da cidade, no refúgio da biblioteca, na magnitude do livro e na humildade dos objetos mais simples, a escrita teve como missão conjurar contra a fatalidade da perda. Em um mundo no qual as escritas podiam ser apagadas, os manuscritos podiam ser perdidos e os livros estavam sempre ameaçados de destruição, a tarefa não era fácil. Paradoxalmente, seu sucesso poderia criar, talvez, outro perigo: o de uma incontrolável proliferação textual de um discurso sem ordem nem limites.

O excesso de escrita, que multiplica os textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos, foi considerado um perigo tão grande quanto seu contrário. Embora fosse temido, o apagamento era necessário, assim como o esquecimento também o é para a memória. Nem todos os escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção os defenderia da imprevisibilidade da história. Alguns foram traçados sobre suportes que permitiam escrever, apagar e depois escrever de novo.

Roger Chartier. **Inscrição e apagamento**: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). Trad.: Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007, p. 9-10 (com adaptações).

48) CESPE - TCE PB/2018

Infere-se do texto que a escrita é uma

- a) tecnologia ambígua, pois é capaz de, ao mesmo tempo, preservar informações úteis e contribuir para a disseminação de textos inúteis.
- b) atividade que transforma escritos em arquivos, garantindo, assim, a integridade das informações frente às inconstâncias da história.
- c) invenção da primeira fase da modernidade, voltada a manter vivas as memórias sociais e culturais.
- d) forma de evitar o desaparecimento de informações importantes que não deveriam ser esquecidas ou perdidas.
- e) manifestação efêmera, que podia ser registrada, depois apagada e, mais tarde, recuperada pela reescrita.

Texto para a questão 49

Quando nos referimos à supremacia de um fenômeno sobre outro, temos logo a impressão de que se está falando em superioridade, mas, no caso da relação entre oralidade e escrita, essa é uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala seja superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente o aspecto que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que essa relação não é nem homogênea nem constante. A própria escrita tem tido uma avaliação variada ao longo da história e nos diversos povos.

Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é a de que a fala veio antes da escrita. Portanto, do ponto de vista cronológico, a fala tem precedência sobre a escrita, mas, do ponto de vista do prestígio social, a escrita tem supremacia sobre a fala na maioria das sociedades contemporâneas.

Não se trata, porém, de algum critério intrínseco nem de parâmetros linguísticos, e sim de postura ideológica. São valores que podem variar entre sociedades e grupos sociais ao longo da história. Não há por que negar que a fala é mais antiga que a escrita e que esta lhe é posterior e, em certo sentido, dependente. Mesmo considerando a enorme e inegável importância que a escrita tem nos povos e nas civilizações ditas “letradas”, continuamos povos orais.

Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio. Princípios gerais para o tratamento **das relações entre a fala e a escrita**. In: Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio. Fala e escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 26-7 (com adaptações).

49) CESPE - TCE PB/2018

Conforme as ideias do texto,

- a) o desenvolvimento da fala e o surgimento da escrita são eventos que, sob o enfoque histórico, se deram exatamente nessa ordem.
- b) há uma ideologia compartilhada pelas sociedades contemporâneas de associar a escrita a uma manifestação superior à fala.
- c) do ponto de vista linguístico, fala e escrita são manifestações idênticas, não havendo diferenças entre elas nem superioridade de uma sobre a outra.
- d) ao longo da história e nas diversas civilizações, identificam-se momentos de maior e de menor valorização da língua escrita.
- e) em sociedades letradas, a comunicação por meio da escrita supera a comunicação por meio da fala.

Texto para as questões 50 a 52

A paz não pode ser garantida apenas pelos acordos políticos, econômicos ou militares. Cada um de nós, independentemente de idade, sexo, estrato social, crença religiosa etc. é chamado à criação de um mundo pacificado, um mundo sob a égide de uma cultura da paz. Mas, o que significa “cultura da paz”?

Construir uma cultura da paz envolve dotar as crianças e os adultos da compreensão de princípios como liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade. Implica uma rejeição, individual e coletiva, da violência que tem sido percebida na sociedade, em seus mais variados contextos. A cultura da paz tem de procurar

soluções que advenham de dentro da(s) sociedade(s), que não sejam impostas do exterior.

Cabe ressaltar que o conceito de paz pode ser abordado em sentido negativo, quando se traduz em um estado de não guerra, em ausência de conflito, em passividade e permissividade, sem dinamismo próprio; em síntese, condenada a um vazio, a uma não existência palpável, difícil de se concretizar e de se precisar. Em sua concepção positiva, a paz não é o contrário da guerra, mas a prática da não violência para resolver conflitos, a prática do diálogo na relação entre pessoas, a postura democrática frente à vida, que pressupõe a dinâmica da cooperação planejada e o movimento constante da instalação de justiça.

Uma cultura de paz exige esforço para modificar o pensamento e a ação das pessoas para que se promova a paz. Falar de violência e de como ela nos assola deixa de ser, então, a temática principal. Não que ela vá ser esquecida ou abafada; ela pertence ao nosso dia a dia e temos consciência disso. Porém, o sentido do discurso, a ideologia que o alimenta, precisa impregná-lo de palavras e conceitos que anunciem os valores humanos que decantam a paz, que lhe proclamam e promovem. A violência já é bastante denunciada, e quanto mais falamos dela, mais lembramos de sua existência em nosso meio social. É hora de começarmos a convocar a presença da paz em nós, entre nós, entre nações, entre povos.

Um dos primeiros passos nesse sentido refere-se à gestão de conflitos. Ou seja, prevenir os conflitos potencialmente violentos e reconstruir a paz e a confiança entre pessoas originárias de situação de guerra é um dos exemplos mais comuns a serem considerados. Tal missão estende-se às escolas, instituições públicas e outros locais de trabalho por todo o mundo, bem como aos parlamentos e centros de comunicação e associações.

Outro passo é tentar erradicar a pobreza e reduzir as desigualdades, lutando para atingir um desenvolvimento sustentado e o respeito pelos direitos humanos, reforçando as instituições democráticas, promovendo a liberdade de expressão, preservando a diversidade cultural e o ambiente. É, então, no entrelaçamento “paz — desenvolvimento — direitos humanos — democracia” que podemos vislumbrar a educação para a paz.

Leila Dupret. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. In: Psicol. Esc. Educ. (Impr.) v. 6, n.º 1. Campinas, jun./2002 (com adaptações).

50) CESPE - PC MA/2018

De acordo com o texto, a cultura da paz depende, entre outras coisas,

- a) do controle da liberdade de expressão.
- b) da passividade e da permissividade.
- c) de instituições democráticas fortes.
- d) da rejeição ao desenvolvimento social.
- e) da inexistência de conflitos.

51) CESPE - PC MA/2018

O texto, essencialmente expositivo-argumentativo, estrutura-se a partir da

- a) definição de conceitos e do uso de recursos retóricos.
- b) construção de personagens e cenas concretas.
- c) utilização de recursos textuais descritivos.
- d) mescla entre elementos textuais ficcionais e jornalísticos.
- e) expressão de sentimentos e vivências pessoais.

52) CESPE - PC MA/2018

De acordo com o texto, os elementos “gestão de conflitos” e “erradicar a pobreza” devem ser concebidos como

- a) obstáculos para a construção da cultura da paz.
- b) dispensáveis para a construção da cultura da paz.
- c) irrelevantes na construção da cultura da paz.
- d) etapas para a construção da cultura da paz.
- e) consequências da construção da cultura da paz.

Texto para as questões 53 a 54

Encontradas principalmente nos embriões, mas também em alguns tecidos adultos como o adiposo, as células-tronco têm a capacidade de se transformar em células de diversos tipos. Embora a chamada plasticidade das embrionárias seja maior, os desafios éticos de pesquisas com esse tipo de células levaram a atenção de muitos cientistas às células-tronco adultas. Na virada do milênio, publicações científicas em periódicos importantes sugeriam que ambas teriam propriedades equivalentes.

Esperava-se que, ao serem injetadas em órgãos danificados, como um coração infartado, as células-tronco adultas pudessem originar vasos sanguíneos e células cardíacas. Teve início, então, uma série de ensaios clínicos — testes em pessoas —, que foram amplamente noticiados.

Hoje, sabe-se que as células-tronco adultas não são tão versáteis quanto prometiam. Os resultados dos ensaios não foram animadores. Mas isso não significa que tenham sido descartadas como possível tratamento ou que os esforços tenham sido desperdiçados. Na ciência, o negativo também é um resultado; mesmo que não renda prêmios ou resulte em publicações, contribui para o avanço do conhecimento.

Alexandra Ozorio de Almeida. D os passos para trás, um para frente. In: Revista Pesquisa Fapesp 2,60.ª ed., out./2017, p. 7 (com adaptações).

Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do texto, julgue o item que se segue.

53) CESPE - PM MA/2018

Em ciência, um resultado negativo, embora também tenha seu valor na construção do saber, é considerado algo de menor prestígio, por não resultar em prêmios ou em publicações.

() CERTO () ERRADO

54) CESPE - PM MA/2018

Infer-se do texto que apenas as células-tronco encontradas em embriões e no tecido adiposo são capazes de se transformar em células de diversos tipos, apesar de haver outras fontes de células-tronco.

() CERTO () ERRADO

Texto



Internet: <www.leovillanova.net>.

No que se refere aos aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsequente.

55) CESPE - PM MA/2018

Conclui-se da fala do mosquito que está voando que ele se dirige a apenas um dos dois mosquitos que estão próximos ao vidro de vacina contra a dengue.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 56

A Polícia Militar do Maranhão (PM/MA.) foi criada por meio da Lei Provincial n.º 21, de 17/6/1836, com o nome de Corpo de Polícia da Província do Maranhão. Ao longo de 115 anos, a instituição recebeu várias denominações, até ser denominada de Polícia Militar do Maranhão, em 1951.

A primeira turma de oficiais da PM/MA com Curso de Formação de Oficiais formou-se em 1966, na Academia de Polícia Militar do Estado de Minas Gerais; daí em diante, aconteceram formações em outras academias de diferentes estados. Com a criação da Academia de Polícia Militar do Maranhão, por meio da Lei n.º 5.657/1993, passou a caber a ela a formação dos oficiais da corporação, tendo sido a primeira turma composta de 29 aspirantes a oficiais.

Internet: <www.pm.ma.gov.br> (com adaptações).

Com relação às ideias e a aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsequente.

56) CESPE - PM MA/2018

Infer-se do texto que, até 1993, a formação de oficiais da PM/MA acontecia em outros estados porque não havia academia de polícia militar no estado do Maranhão.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 57

O Brasil sempre foi um país com grandes desigualdades. Marcada por diferenças sociais, econômicas e regionais, esta nação tem procurado, nos últimos anos, promover a diminuição das desigualdades que sempre a marcaram de forma profunda. A Constituição Federal de 1988 traçou diversos objetivos, entre eles, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária; a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais e regionais. Embora, infelizmente, tais metas não tenham sido atingidas, ocorreram diversos avanços, como, por exemplo, a diminuição da mortalidade infantil e do analfabetismo; a melhoria na expectativa de vida; o aumento do número de jovens nas escolas, entre outros.

No mundo, a busca pelo tratamento igual já estava presente desde antes da Revolução Francesa, mas, a partir dela, a luta por um tratamento equânime entre as pessoas não só se tornou sinônimo de aplicação de justiça, como também passou a ser um dos aspectos de como a dignidade da pessoa humana se revela, em especial, no tratamento que o Estado reserva ao homem.

O direito à igualdade ou ao tratamento isonômico está definido como um direito fundamental, assumindo posição de destaque na sociedade moderna e invertendo a tradicional relação entre o Estado e o indivíduo, ao reconhecer que a pessoa humana tem, primeiro, direitos, e, depois, deveres perante o Estado, e que os direitos que o Estado tem em relação ao indivíduo se ordenam ao objetivo de melhor cuidar das necessidades dos seus cidadãos.

Por meio de ações corretivas dos poderes públicos e do estabelecimento de direitos relativos à assistência social, à educação, ao trabalho, ao lazer, à saúde, à cultura e ao esporte, por exemplo, procurou-se promover uma igualdade material, ou seja, o tratamento equânime de todos os seres humanos, bem como a sua equiparação no que diz respeito às possibilidades de concessão de oportunidades.

Embora a tributação tenha um papel fundamental como instrumento reformador e capaz de atuar na diminuição das desigualdades, o modo como o sistema tributário está estruturado não logra os objetivos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. Há, portanto, necessidade de uma reforma para que ele se adeque às exigências de um sistema justo, com fundamento na igualdade e na capacidade contributiva, em busca de uma maior justiça social e fiscal. Nesse sentido, o imposto sobre a renda das pessoas físicas é o maior responsável por fazer avançar ou retroceder a capacidade econômica e, por consequência, a solidariedade social.

Élvio Gusmão Santos. Internet: <www.agu.gov.br> (com adaptações).

57) CESPE - SEFAZ RS/2018

No texto, a argumentação especificamente em defesa de uma reforma do sistema tributário brasileiro está explícita no

- a) primeiro parágrafo.
- b) segundo parágrafo.
- c) terceiro parágrafo.
- d) quarto parágrafo.
- e) último parágrafo.

Texto para a questão 58

Não sou de choro fácil a não ser quando descubro qualquer coisa muito interessante sobre ácido desoxirribonucleico. Ou quando acho uma carta que fale sobre a descoberta de um novo modelo para a estrutura do ácido desoxirribonucleico, uma carta que termine com "Muito amor, papai". Francis Crick descobriu o desenho do DNA e escreveu a seu filho só para dizer que "nossa estrutura é muito bonita". Estrutura, foi o que ele falou. Antes de despedir-se ainda disse: "Quando chegar em casa, vou te mostrar o modelo". Não esqueça os dois pacotes de leite, passe para comprar pão, guarde o resto do dinheiro para seus caramelos e, quando chegar, eu mostro a você o mecanismo copiador básico a partir do qual a vida vem da vida.

Não sou de choro fácil, mas um composto orgânico cujas moléculas contêm as instruções genéticas que coordenam o desenvolvimento e o funcionamento de todos os seres vivos me comove. Cromossomos me animam, ribossomos me espantam. A divisão celular não me deixa dormir, e olha que eu moro bem no meio das montanhas.

De vez em quando vejo passarem os aviões, mas isso nunca acontece de madrugada — a noite se guarda toda para o infinito silêncio. Acho que uma palavra é muito mais bonita do que uma carabina, mas não sei se vem ao caso. Nenhuma palavra quer ferir outras palavras: nem desoxirribonucleico, nem montanha, nem canção. Todos esses conceitos têm os seus sinônimos, veja só, ácido desoxirribonucleico e DNA são exatamente a mesma coisa, e os do resto das palavras você acha. É tudo uma questão de amor e prisma, por favor não abra os canhões. Que coisa mais linda esse ácido despenteado, caramba. Olhei com mais atenção o desenho da estrutura e descobri: a raça humana é toda brilho.

Matilde Campilho. Notícias escrivinhadas na beira da estrada. In: Jóquei S. ão Paulo: Editora 34, 2015, p. 26-7 (com adaptações).

Julgue o item, a seguir, com relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto, no qual a autora Matilde Campilho aborda a descoberta, em 1953, da estrutura da molécula do DNA, correalizada pelos cientistas James Watson e Francis Crick.

58) CESPE - STM/2018

Pode-se inferir da ausência de aspas e do estilo característico do texto que a passagem "Não esqueça os dois pacotes de leite (...) a partir do qual a vida vem da vida" é uma extrapolação imaginativa da autora a partir da carta escrita por Francis Crick a seu filho.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 59

Esse rapaz que, em Deodoro, quis matar a ex-noiva e suicidou-se em seguida é um sintoma da revivescência de um sentimento que parecia ter morrido no coração dos homens: o domínio sobre a mulher. Há outros casos. (...) Todos esses senhores parece que não sabem o que é a vontade dos outros. Eles se julgam com o direito de impor o seu amor ou o seu desejo a quem não os quer. Não sei se se julgam muito diferentes dos ladrões à mão armada; mas o certo é que estes não nos arrebatarem senão o dinheiro, enquanto esses tais noivos assassinos querem tudo que há de mais sagrado em outro ente, de pistola na mão. O ladrão ainda nos deixa com vida, se

lhe passamos o dinheiro; os tais passionais, porém, nem estabelecem a alternativa: a bolsa ou a vida. Eles, não; matam logo.

Nós já tínhamos os maridos que matavam as esposas adúlteras; agora temos os noivos que matam as ex-noivas. De resto, semelhantes cidadãos são idiotas. É de se supor que quem quer casar deseje que a sua futura mulher venha para o tálamo conjugal com a máxima liberdade, com a melhor boa- vontade, sem coação de espécie alguma, com ardor até, com ânsia e grandes desejos; como é então que se castigam as moças que confessam não sentir mais pelos namorados amor ou coisa equivalente?

Todas as considerações que se possam fazer tendentes a convencer os homens de que eles não têm sobre as mulheres domínio outro que não aquele que venha da afeição não devem ser desprezadas. Esse obsoleto domínio à valentona, do homem sobre a mulher, é coisa tão horrorosa que enche de indignação.

Todos os experimentadores e observadores dos fatos morais têm mostrado a insanidade de generalizar a eternidade do amor. Pode existir, existe, mas excepcionalmente; e exigi-la nas leis ou a cano de revólver é um absurdo tão grande como querer impedir que o Sol varie a hora do seu nascimento. Deixem as mulheres amar à vontade. Não as matem, pelo amor de Deus.

Lima Barreto. Não as matem. In: Vida urbana. São Paulo: Brasiliense, 1963, p. 83-5 (com adaptações).

Com relação aos sentidos e aos aspectos gramaticais do texto, julgue o item que se segue.

59) CESPE - STM/2018

A ideia principal do último parágrafo do texto é a de que as mulheres não devem ser penalizadas em razão das decisões que tomam a respeito de seus sentimentos.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 60

A obra de Maquiavel causou bastante polêmica por romper com a visão usual da atividade política. Na tradição cristã, a política era vista como uma forma de preparar a Cidade de Deus na terra. Na Antiguidade, era uma maneira de "promover o bem comum". Havia sempre a referência a um objetivo transcendente, a um padrão implícito ou explícito de justiça. Para Maquiavel, o que importa, na política, é o poder real. Não é uma questão de justiça ou de princípios, mas de capacidade de impor-se aos outros.

N'O Príncipe, Maquiavel ensina que a meta de toda ação política é ampliar o próprio poder em relação aos outros. É necessário reduzir o poder dos adversários: semear a discórdia nos territórios conquistados, enfraquecer os fortes e fortalecer os fracos; em suma, dividir para reinar.

Os Discorsi são uma longa glosa dos dez primeiros livros da História de Roma, de Tito Lívio, vistos como um documento histórico incontestável, embora hoje se saiba que o autor não se furtava a alterar os fatos para robustecer seu caráter alegórico ou exemplar — procedimento, aliás, que Maquiavel também adotaria em suas Histórias Florentinas. Na obra, ele procura, nos costumes dos antigos, elementos que possam ser utilizados na superação dos problemas de sua época.

Ao buscar as causas da grandeza da Roma antiga, Maquiavel acaba por encontrá-las na discórdia entre seus cidadãos, naquilo que tradicionalmente era estigmatizado como "tumultos". Trata-se de uma visão revolucionária, já que o convencional era fazer o elogio da harmonia e da unidade. Até hoje, a busca do "consenso" e o sonho de uma sociedade harmônica, sem disputa de interesses, estão presentes no discurso político e, mais ainda, alimentam a desconfiança com que são vistas as lutas políticas.

Para Maquiavel, porém, o conflito é sempre um sintoma de equilíbrio de poder. Na sociedade, uma parte sempre quer oprimir a outra — nobres e plebeus, ricos e pobres ou, na linguagem que ele prefere usar, o povo e os "grandes". Se o conflito persiste, é porque nenhuma parte conseguiu atingir sua meta de dominar a outra. Portanto, permanece um espaço de liberdade para todos.

L. F. Miguel. A moral e a política. In: L. F. Miguel. O nascimento da política moderna. De Maquiavel a Hobbes. Brasília: Editora da UnB, 2015, p. 21, 23-4 (com adaptações).

Julgue o item, relativo às estruturas linguísticas do texto.

60) CESPE - STM/2018

As aspas empregadas em 'consenso' indicam que o autor do texto avalia criticamente os discursos atuais em que se busca consenso em política; em 'grandes', essa pontuação serve para destacar o valor semântico dessa palavra na linguagem de Maquiavel.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 61

Os revisores, quando necessitam revisar um texto, têm duas opções: podem reescrevê-lo ou revisá-lo. A opção pela reescrita pode tornar-se mais simples porque não vai obrigar a um diagnóstico do(s) problema(s) que exista(m) no texto com a intenção de resolvê-lo(s). Na reescrita, o revisor afasta-se da superfície do texto. Ele vai ao cerne do texto, reescreve-o, fornecendo, assim, uma versão diferente da versão primitiva. Tanto a reescrita como a revisão são duas possibilidades de revisão. São como pontos de um *continuum* que remetem para o grau de preservação da superfície original do texto. Nessa ótica, a reescrita respeitará menos o original, imporá menos esforço de diagnóstico e de busca de solução dos problemas detectados, motivo pelo qual pode ser a opção que toma o revisor menos experiente. A revisão, por sua vez, implica a correção dos problemas detectados, preservando-se o máximo possível do texto original.

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto. Da revisão na escrita: uma gestão exigente requerida pela relação entre leitor, autor e texto escrito. InR: revista Observatório, v. 3, n.º 4, 2017, p. 503 (com adaptações).

Acerca dos sentidos e dos aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsequente.

61) CESPE - STM/2018

Infer-se do texto que o revisor passa a ser considerado experiente quando, ao revisar um texto, ele opta por um caminho menos simples que se compõe de três passos: identificação de problemas que possam existir no texto objeto de revisão, correção desses problemas e busca de máxima manutenção da produção original.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 62

A atividade de busca por dados e informações e a interpretação de seu significado, o que se conhece hoje por inteligência, sempre desempenhou um papel preponderante na história da humanidade, principalmente na política internacional, em maior ou menor grau, conforme a época.

Atualmente, como em nenhum outro período da história, crescem e se multiplicam as agências governamentais em uma complexa rede internacional à procura de ameaças veladas ou qualquer tipo de informação considerada sensível, em um jogo estratégico de poder e influência globais. É esse processo de identificação de ameaças, a busca por informações e dados, que pretende detectar intenções dissimuladas que ocultem os mais diversos interesses, o que chamo de guerra secreta. Essa modalidade de guerra se desenvolve entre agências ou serviços secretos, em uma corrida para ver quem chega primeiro. Trata-se do mais complexo dos conflitos, pois ocorre nas sombras, nos bastidores do poder, identificando propagandas enganosas, desinformação, e celebrando acordos cujas partes sabem antecipadamente que nunca serão cumpridos. Muitas das informações levantadas por agentes secretos em ações de espionagem foram utilizadas em guerras ou mesmo serviram de pivô central para desencadear tais conflitos.

Convivemos com a guerra secreta há muito tempo, embora de forma não perceptível, e, a cada ciclo histórico, com maior intensidade.

André Luís Woloszyn. Guerra nas sombras: os bastidores dos serviços secretos internacionais. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 7-8 (com adaptações).

A respeito das ideias e das estruturas linguísticas do texto, julgue o item seguinte.

62) CESPE - ABIN/2018

Para o autor do texto, há muito tempo o mundo encontra-se em uma guerra cuja intensidade aumenta a cada ciclo histórico e cujos efeitos já estão bem divulgados.

() CERTO () ERRADO

63) CESPE - ABIN/2018

Depreende-se do texto que a guerra secreta é o mais complexo dos conflitos porque é um jogo estratégico de poder, de interesses e de influência que se desenvolve em um espaço específico: nos bastidores do poder político internacional, onde governos semeiam inverdades e encenam acordos sem validade.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 64

A atividade de inteligência é o exercício de ações especializadas para a obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país. Inteligência e contrainteligência são os dois ramos dessa atividade. A inteligência compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão desses dados. A análise transforma os dados em cenário compreensível para o entendimento do passado, do presente e para a perspectiva de como tende a se configurar o futuro. Cabe à inteligência tratar fundamentalmente da produção de conhecimentos com o objetivo específico de auxiliar o usuário a tomar decisões de maneira mais fundamentada. A contrainteligência tem como atribuições a produção de conhecimentos e a realização de ações voltadas à proteção de dados, conhecimentos, infraestruturas críticas — comunicações, transportes, tecnologias de informação — e outros ativos sensíveis e sigilosos de interesse do Estado e da sociedade. O trabalho desenvolvido pela contrainteligência tem foco na defesa contra ameaças como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo, patrocinadas por instituições, grupos ou governos estrangeiros.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos linguísticos do texto.

64) CESPE - ABIN/2018

O escopo do trabalho da inteligência se confunde com o da contrainteligência, embora sejam duas facetas da atividade de inteligência.

() CERTO () ERRADO

A questão 65 baseia no texto apresentado abaixo.

Ainda existem pessoas para as quais a greve é um “escândalo”: isto é, não só um erro, uma desordem ou um delito, mas também um crime moral, uma ação intolerável que perturba a própria natureza. “Inadmissível”, “escandalosa”, “revoltante”, dizem alguns leitores do Figaro, comentando uma greve recente. Para dizer a verdade, trata-se de uma linguagem do tempo da Restauração, que exprime a sua mentalidade profunda. É a época em que a burguesia, que assumira o poder havia pouco tempo, executa uma espécie de junção entre a moral e a natureza, oferecendo a uma a garantia da outra. Temendo-se a naturalização da moral, moraliza-se a natureza; finge-se confundir a ordem política e a ordem natural, e decreta-se imoral tudo o que conteste as leis estruturais da sociedade que se quer defender. Para os prefeitos de Carlos X, assim como para os leitores do Figaro de hoje, a greve constitui, em primeiro lugar, um desafio às prescrições da razão moralizada: “fazer greve é zombar de todos nós”, isto é, mais do que infringir uma legalidade cívica, é infringir uma legalidade “natural”, atentar contra o bom senso, misto de moral e lógica, fundamento filosófico da sociedade burguesa.

Nesse caso, o escândalo provém de uma ausência de lógica: a greve é escandalosa porque incomoda precisamente aqueles a quem ela não diz respeito. É a razão que sofre e se revolta: a causalidade direta, mecânica, essa causalidade é perturbada; o efeito se dispersa incompreensivelmente longe da causa, escapa-lhe, o que é intolerável e chocante. Ao contrário do que se poderia pensar sobre os sonhos da burguesia, essa classe tem uma concepção tirânica, infinitamente suscetível, da causalidade: o fundamento da moral que professa não é de modo algum mágico, mas, sim, racional. Simplesmente, trata-se de uma racionalidade linear, estreita, fundada, por assim dizer, numa correspondência numérica entre as causas e os efeitos. O que falta a essa racionalidade é, evidentemente, a ideia das funções complexas, a imaginação de um desdobramento longínquo dos determinismos, de uma solidariedade entre os acontecimentos, que a tradição materialista sistematizou sob o nome de totalidade.

Roland Barthes. O usuário da greve. In: R. Barthes. Mitologias. Tradução de Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007, p. 135-6 (com adaptações).

65) CESPE - TCM BA/2018

Com relação às ideias do texto, assinale a opção correta.

- a) Infere-se do texto que seu autor considera a greve um crime moral, um delito contra a natureza do mundo e da sociedade.
- b) Argumenta-se, no texto, em favor de uma lógica natural que explique a articulação das tensões sociais que a greve manifesta.
- c) Conclui-se do texto que a intolerância com relação à greve advém da ignorância da complexidade de seus efeitos sobre os membros de uma sociedade.
- d) De acordo com o texto, a percepção do senso comum sobre a burguesia é a de que esta é uma classe social cujos membros são caracterizados pelo comportamento tirânico e dominador.
- e) Infere-se do texto que é inadequada a aplicação do pensamento racional à compreensão das relações sociais.

Texto para as questões 66 a 68

As discussões em torno de questões como “o que é justiça?” ou “quais são os mecanismos disponíveis para produzir situações cada vez mais justas ao conjunto da sociedade?” não são novidade. Autores do século XIX já procuravam construir análises para identificar qual o sentido exato do termo justiça e quais formas de promovê-la eram possíveis e desejáveis ao conjunto da sociedade à época. O debate se enquadra em torno de três principais ideias: bem-estar; liberdade e desenvolvimento; e promoção de formas democráticas de participação. Autores importantes do campo da ciência política e da filosofia política e moral se debruçaram intensamente em torno dessa questão ao longo do século XX, e chegaram a conclusões diversas uns dos outros. Embora a perspectiva analítica de cada um desses autores divirja entre si, eles estão preocupados em desenvolver formas de promoção de situações de justiça social e têm hipóteses concretas para se chegar a esse estado de coisas.

Para Amartya Sen, por exemplo, a injustiça é percebida e mensurada por meio da distribuição e do alcance social das liberdades. Para Rawls, ela se manifesta principalmente nas estruturas básicas da sociedade e sua solução depende de uma nova forma de contrato social e de uma definição de princípios básicos que criem condições de promoção de justiça. Já para Habermas, a questão gira em torno da manifestação no campo da ação comunicativa, na qual a fragilidade de uma ação coletiva que tenha pouco debate ou pouca representação pode enfraquecer a qualidade da democracia e, portanto, interferir no seu pleno funcionamento, tendo, por consequência, desdobramentos sociais injustos. Em síntese, os autores argumentam a favor de instrumentos variados para a solução da injustiça, os quais dependem da interpretação de cada um deles acerca do conceito de justiça.

Augusto Leal Rinaldi. Justiça, liberdade e democracia. In: Pensamento Plural. Pelotas [12]: 57-74, jan.-jun./2013 (com adaptações).

Julgue o seguinte item, relativo aos sentidos e às ideias do texto.

66) CESPE - STJ/2018

Depreende-se do texto que o debate acerca da justiça organiza-se em torno de parâmetros básicos, mas que não há consenso quanto ao conceito de justiça e às formas concretas para alcançá-la entre filósofos e cientistas políticos do século XX.

() CERTO () ERRADO

67) CESPE - STJ/2018

Para o autor do texto, uma correta definição do termo justiça e a compreensão de sua manifestação social são imprescindíveis para que se possam traçar soluções adequadas a cada tipo de sociedade.

() CERTO () ERRADO

68) CESPE - STJ/2018

Os autores mencionados no segundo parágrafo apresentam ideias contrárias acerca da noção de injustiça: Amartya Sen a relaciona à liberdade na sociedade; Rawls entende injustiça como uma questão de contratos civis; e Habermas, como uma manifestação linguística e de ação coletiva.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 69

O Juca era da categoria das chamadas pessoas sensíveis, dessas a que tudo lhes toca e tange. Se a gente lhe perguntasse: “Como vais, Juca?”, ao que qualquer pessoa normal responderia “Bem, obrigado!” — com o Juca a coisa não era assim tão simples. Primeiro fazia uma cara de indecisão, depois um sorriso triste contrabalançado por um olhar heroicamente exultante, até que esse exame de consciência era cortado pela voz do interlocutor, que começava a falar chãmente em outras coisas, que, aliás, o Juca não estava ouvindo... Porque as pessoas sensíveis são as criaturas mais egoístas, mais coriáceas, mais impenetráveis do reino animal. Pois, meus amigos, da última vez que vi o Juca, o impasse continuava... E que impasse!

Estavam-lhe ministrando a extrema-unção. E, quando o sacerdote lhe fez a tremenda pergunta, chamando-o pelo nome: “Juca, queres arrepender-te dos teus pecados?”, vi que, na sua face devastada pela erosão da morte, a Dúvida começava a redesenhar, reanimando-a, aqueles seus trejeitos e caretas, numa espécie de ridícula ressurreição. E a resposta não foi “sim” nem “não”; seria acaso um “talvez”, se o padre não fosse tão compreensivo. Ou apressado. Despachou-o num átimo e absolvido.

Que fosse amolar os anjos lá no Céu!

E eu imagino o Juca a indagar, até hoje:

— Mas o senhor acha mesmo, sargento Gabriel, que ele poderia ter-me absolvido?

Mário Quintana Prosa & Verso Porto Alegre: Globo, 1978, p 65 (com adaptações)

Com relação às estruturas linguísticas e aos sentidos do texto, julgue o item a seguir.

69) CESPE - EMAP/2018

O trecho “Que fosse amolar os anjos lá no Céu!” expressa o que o padre havia dito no momento em que Juca morreu.

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 70

O orgulho é a consciência (certa ou errônea) do nosso valor próprio; a vaidade é a consciência (certa ou errônea) da evidência do nosso valor aos olhos dos outros. Um homem pode ser orgulhoso sem ser vaidoso, pode ser a um tempo vaidoso e orgulhoso, pode ser — pois tal é a natureza humana — vaidoso sem ser orgulhoso. À primeira vista, é difícil compreender como podemos ter consciência da evidência do nosso valor no conceito dos outros sem a consciência do nosso valor em si. Se a natureza humana fosse racional, não haveria qualquer explicação. No entanto, o homem vive primeiro uma vida exterior, e depois uma vida interior; a noção do efeito precede, na evolução do espírito, a noção da causa interior desse mesmo efeito. O homem prefere ser tido em alta conta por aquilo que não é a ser tido em meia conta por aquilo que é. Assim opera a vaidade.

Walmir Ayala (Coord e introd) Fernando Pessoa Antologia de Estética. Teoria e Crítica Literária Rio de Janeiro: Ediouro, 1988, p 88-9 (com adaptações)

Acerca dos aspectos linguísticos do texto precedente e das ideias nele contidas, julgue o próximo item.

70) CESPE - EMAP/2018

Infer-se do texto que, na evolução espiritual do ser humano, o processo de autoconhecimento provém da consciência das impressões alheias sobre o indivíduo.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 71 a 72

Serviço de tráfego de embarcações (vessel traffic service – VTS)

O VTS é um sistema eletrônico de auxílio à navegação, com capacidade de monitorar ativamente o tráfego aquaviário, melhorando a segurança e eficiência desse tráfego, nas áreas em que haja intensa movimentação de embarcações ou risco de acidente de grandes proporções.

Internacionalmente, os sistemas de VTS são regulamentados pela International Maritime Organization, sendo seus aspectos técnicos detalhados em recomendações da International Association of Maritime Aids to Navigation and Lighthouse Authorities. No Brasil, cabe à Marinha do Brasil, autoridade marítima do país, definir as normas de execução de VTS e autorizar a sua implantação e operação.

Uma estrutura de VTS é composta minimamente de um radar com capacidade de acompanhar o tráfego nas imediações do porto, um sistema de identificação de embarcações denominado automatic identification system, um sistema de comunicação em VHF, um circuito fechado de TV, sensores ambientais (meteorológicos e hidrológicos) e um sistema de gerenciamento e apresentação de dados. Todos esses sensores operam integrados em um centro de controle, ao qual cabe, na sua área de responsabilidade, identificar e monitorar o tráfego marítimo, adotar ações de combate à poluição, planejar a movimentação de embarcações e divulgar informações ao navegante. Adicionalmente, o Centro VTS pode fornecer informações que contribuam para o aumento da eficiência das operações portuárias, como a atualização de horários de chegada e partida de embarcações.

Internet: <www.defensea.com.br> (com adaptações)

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto apresentado, julgue o item que se segue.

71) CESPE - EMAP/2018

O primeiro parágrafo do texto apresenta uma definição.

() CERTO () ERRADO

72) CESPE - EMAP/2018

Infer-se do texto que os elementos que compõem estruturas de VTS citados no período “Uma estrutura de VTS (...) e apresentação de dados” fazem parte das recomendações da International Association of Maritime Aids to Navigation and Lighthouse Authorities.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 73 a 75

A crescente internacionalização da economia, decorrente, principalmente, da redução de barreiras ao comércio mundial, da maior velocidade das inovações tecnológicas e dos grandes avanços nas comunicações, tem exigido mudanças efetivas na atuação do comércio internacional.

A abordagem desse tipo de comércio, inevitavelmente, passa pela concorrência, visto que é por meio da garantia e da possibilidade de entrar no mercado internacional, de estabelecer permanência ou de engendrar saída, que se consubstancia a plena expansão das atividades comerciais e se alcança o resultado último dessa interação: o preço eficiente dos bens e serviços.

Defesa da concorrência e defesa comercial são instrumentos à disposição dos Estados para lidar com distintos cenários que afetem a economia. Destaca-se como a principal diferença o efeito que cada instrumento busca neutralizar.

A política de defesa da concorrência busca preservar o ambiente competitivo e coibir condutas desleais advindas do exercício de poder de mercado. A política de defesa comercial busca proteger a indústria nacional de práticas desleais de comércio internacional.

Elaine Maria Octaviano Martins Curso de direito marítimo Barueri: Manoele, v 1, 2013, p 65 (com adaptações)

Acerca de aspectos linguísticos do texto precedente e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir.

73) CESPE - EMAP/2018

O texto defende o papel dos governos como reguladores da economia.

() CERTO () ERRADO

74) CESPE - EMAP/2018

O quarto parágrafo do texto detalha a informação expressa no último período do terceiro parágrafo.

() CERTO () ERRADO

75) CESPE - EMAP/2018

Depreende-se dos sentidos do texto que a palavra “concorrência” foi empregada no sentido de concordância, já que apenas será possível a realização das “mudanças efetivas” mencionadas no primeiro parágrafo se os atores do comércio internacional buscarem um fim comum.

() CERTO () ERRADO

Atenção: Para responder às questões de números 76 a 77, baseie-se no texto abaixo.

Juventude de hoje, de ontem e de amanhã

A juventude é estranha porque é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo. Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e desilusões. O jovem é o mais velho exemplar da humanidade. Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados; pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado; a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático; pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos.

No encontro de duas gerações, a que murcha e a que floresce, há uma irrisão dramática, um momento de culpas, apreensões e incertezas. As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror. Assim, o momento desse encontro é um espelho cujas imagens o tempo deforma, sem que se desfaça, para o moço e para o velho, a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só, um homem só, uma tragédia só.

O poeta romântico inglês Shelley poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas: nasceu de família respeitável e rica, foi bonito, sincero, revoltado, idealista, violento, amoroso, apaixonado pela vida e pela morte, inteligente, confuso e, sobretudo, de uma sensibilidade crispada. Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças. E enquanto escrevia versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social, atirava-se feroz contra o conformismo do clero, a monarquia, as leis vigentes, o farisaísmo universal.

(Adaptado de CAMPOS, Paulo Mendes. O amor acaba. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 135-136)

76) FCC – CLDF/2018

A afirmação inicial **A juventude é estranha** encontra em seguida uma justificativa quando o autor argumenta que os jovens,

- a) assim como os mais velhos, dão a vida passada por vivida, recusando-se a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos.
- b) ao contrário dos velhos, buscam passar seu próprio tempo a limpo, livrando-o da carga pesada dos erros passados.
- c) incorporando valores de outros tempos, acumulam erros e acertos do passado, como se numa transmissão sobrenatural.
- d) rejeitando as heranças culturais disponíveis, têm a ilusão de que renovam tudo, ainda quando repitam erros do passado.
- e) espelhando-se em si mesmos, acabam reabilitando e nobilitando ideais que se perderam em antigos combates.

77) FCC – CLDF/2018

O poeta inglês Shelley, segundo o autor do texto, poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas porque nele

- a) o espírito revoltoso de um marginalizado fazia dele uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes ressentimentos.
- b) a sensibilidade à flor da pele fazia com que ele se dedicasse plenamente ao culto dos mais altos ideais.
- c) as qualidades negativas deixavam em segundo plano as positivas, o que favorecia sua expressão romântica.

- d) os impulsos amorosos, idealistas e esperançosos conviviam com duras invectivas contra o que julgasse maligno.
- e) as intenções críticas mais contundentes acabavam sucumbindo ao lirismo e à índole mística de seu temperamento.

Atenção: Para responder às questões de números 78 a 80, baseie-se no texto abaixo.

Uma palavra sobre cultura e Constituição

Todas as Constituições brasileiras foram lacônicas e genéricas ao tratar das relações entre cultura e Estado. Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior. Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.

A sociedade brasileira não tem uma "cultura" já determinada. O Brasil é, ao mesmo tempo, um povo mestiço, com raízes indígenas, africanas, europeias e asiáticas, um país onde o ensino médio e universitário tem alcançado, em alguns setores, níveis internacionais de qualidade e um vasto território cruzado por uma rede de comunicações de massa portadora de uma indústria cultural cada vez mais presente.

O que se chama, portanto, de "cultura brasileira" nada tem de homogêneo ou de uniforme. A sua forma complexa e mutante resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas. Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a "cultura", este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo. Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, que soariam estranhas, porque exteriores à dialética das "culturas" brasileiras. Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. Entre a Literatura e a História. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 393-394)

78) FCC – CLDF/2018

A frase **Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior (10 parágrafo)** é justificada pelo autor com base na sua convicção de que

- a) o Poder Público não pode interferir em qualquer aspecto de uma cultura nacional, que deve ser espontânea e livre do alcance da Constituição.
- b) a sociedade brasileira, conquanto não seja homogênea, é suficientemente madura para formular as normas que devem reger sua cultura tradicional.
- c) a complexidade das culturas brasileiras não deve ser objeto de uma legislação que venha a abranger e determinar tão diversas manifestações.
- d) o Estado não pode permitir que seja lacunosa a legislação sobre matérias culturais, que deve ser rigorosa e o mais específica possível.
- e) a dinâmica das várias culturas existentes no país garante que não haja entre elas algum atrito que ponha em risco a impermeabilidade de cada uma.

79) FCC – CLDF/2018

Se na esfera socioeconômica cabe ao Estado propiciar uma melhor distribuição de renda, na esfera dos bens simbólicos um objetivo equivalente se alcança com

- a) uma configuração coerente da meta educacional com o sistema financeiro.
- b) uma legislação escolar minuciosa com incentivos à pesquisa pura.
- c) um processo de integração mais coeso entre produção e consumo cultural.
- d) um sistema educacional voltado para a pesquisa de ponta e de longo prazo.
- e) um programa de educação consistente aliado à pesquisa sistemática.

80) FCC – CLDF/2018

Um mesmo posicionamento do autor está expresso e ratificado nestes dois segmentos:

- a) O que se chama, portanto, de "cultura brasileira" (30 parágrafo) / propor normas incisivas (30 parágrafo).
- b) Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio (10 parágrafo) / um certo grau de indeterminação [...] é [...] recomendável (30 parágrafo).
- c) Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base (10 parágrafo) / resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas (30 parágrafo).
- d) Constituições [...] foram lacônicas (10 parágrafo) / suporte de um sistema educacional sólido (10 parágrafo).
- e) algum valor deve presidir à ação do Poder Público (30 parágrafo) / exteriores à dialética das culturas brasileiras (30 parágrafo).

Atenção: Para responder à questão 81, considere o texto a seguir.

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro mores escritos nas paredes do templo de Delfos: "O mais justo é o mais belo", "Observa o limite", "Odeia a hybris (arrogância)", "Nada em excesso". Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao "bocejante Caos", de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são reconduzíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que se aplica a definição de belo (Kalón) como "aquilo que agrada e atrai". Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma "ideia" (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)

81) FCC – SEFAZ-GO/2018

O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no

- primeiro parágrafo, uma concepção moderna de beleza que se contrapõe ao senso comum grego ao abarcar a ideia do caos criativo.
- segundo parágrafo, uma visão inconsistente de beleza, ao contrariar os preceitos gregos de equilíbrio, moderação e harmonia.
- terceiro parágrafo, oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem e caos.
- quarto parágrafo, uma conclusão que reafirma o argumento expresso anteriormente de que no conceito grego de beleza as oposições se anulam.
- terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisiaca.

82) ESAF – MAPA/2017

Assinale a opção que está em **desacordo** com as afirmações do texto.

A grande exploração agrária — o engenho e a fazenda — é consequência natural e necessária de todas as circunstâncias que concorrem para a ocupação e aproveitamento deste território que havia de ser o Brasil: o caráter tropical da terra, os objetivos que animam os colonizadores, as condições gerais desta nova ordem econômica do mundo que se inaugura com os grandes descobrimentos ultramarinos, e na qual a Europa temperada figurará no centro de um vasto sistema que se estende para os trópicos a fim de ir buscar neles os gêneros que aquele centro reclama e que só eles podem fornecer. São esses, em última análise, os fatores que vão determinar a estrutura agrária do Brasil-colônia. Três caracteres — a grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo — são formas que se combinam e se completam, derivadas diretamente e como consequência necessária daqueles fatores.

(Prado Jr, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo, in Intérpretes do Brasil, Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, páginas 1221 e 1222, com adaptações)

- O engenho e a fazenda são configurações específicas da grande exploração agrária instituída no Brasil-colônia.
- A grande propriedade, a monocultura e a escravidão decorrem da necessidade de produzir para o consumo interno sempre crescente.
- Os descobrimentos ultramarinos estabelecem uma nova ordem econômica no mundo da qual a Europa é o centro.
- A Europa buscava nos trópicos produtos agrícolas de que necessitava e que não produzia em decorrência do clima temperado.
- A estrutura agrária do Brasil-colônia é consequência do caráter tropical da terra, dos objetivos dos colonizadores e da nova ordem econômica do mundo.

83) ESAF – MAPA/2017

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

A história demonstra: mesmo antes de adquirir o controle da agricultura e da criação de animais para consumo, o homem esteve preocupado em manter reservas de carne de caça e de vegetais coletados para sua sobrevivência. A natureza, o ciclo anual da mudança de estações e as oscilações climáticas que definem períodos de escassez e fartura e hábitos culturais — como o nomadismo —, são fatores que definem a necessidade de se preservar alimentos pelo maior tempo possível. A partir de experiências no dia-a-dia, o homem pré-histórico foi descobrindo os meios para conservar seu sustento e garantir a sobrevivência. O calor do sol, fogo e gelo, elementos encontrados na natureza, foram os recursos primitivos dos quais lançou mão. Esses elementos é que ofereceram as pistas para o futuro da preservação. Na era moderna, a ultrapasteurização e a liofilização, métodos tecnologicamente avançados e supereficientes para a conservação de alimentos, são baseados nos mesmos princípios do uso do calor e do frio. Outras maneiras de conservar comidas foram utilizadas, como o preparo das conservas por meio da adição de conservantes naturais, como mosto, mel, vinagre, óleos e gordura animal.

<http://alimentacaoforadolar.com.br/quais-sao-as-fases-da-historia-da-alimentacao/> <acesso em 28/11/2017> (com adaptações)

- O homem preocupou-se com a conservação de alimentos depois de aprender a controlar a agricultura e a criação de animais.
- As oscilações climáticas que definem períodos de escassez e fartura dispensam o cuidado com a conservação de alimentos.
- O calor e o frio como elementos que permitem a conservação dos alimentos foram utilizados inicialmente na modernidade.

- d) O vinagre e o mel já eram utilizados na pré-história como elementos necessários à conservação da carne de caça.
- e) Os métodos modernos de conservação dos alimentos baseiam-se em princípios já utilizados desde a pré-história.

84) ESAF – MAPA/2017

Assinale a opção que completa a lacuna do texto de forma coesa e coerente.

No cenário industrial da década de 80, surgiram os primeiros produtos enriquecidos com vitaminas e sais minerais, inicialmente, produzidos exclusivamente ao público infantojuvenil. No entanto, com a adesão do conceito pela população, começaram a surgir produtos também destinados à população adulta.

Nesse sentido, a preocupação com a saúde se tornou a tônica do século XXI. Estudos comprovaram a relação entre alimentação, saúde e doença. Foram descobertas novas funções para os nutrientes e identificadas novas substâncias capazes de exercer ações específicas no metabolismo humano. Os setores público, produtivo e a mídia começaram a estimular o hábito de uma alimentação saudável e a prática de atividades físicas. Até chegar ao cenário atual: a luta mundial por hábitos saudáveis de vida.

<http://alimentacaoforadolar.com.br/quais-sao-as-fases-da-historia-da-alimentacao/> <acesso em 28/11/2017> (com adaptações)

- a) Mas a evolução não parou por aí. A partir dos anos 90, os alimentos passaram a ser vistos como sinônimos de bem-estar, redução de riscos de doenças e como veículos de uma melhor qualidade de vida para a população. O culto pela boa forma estava no auge e, com ele, a valorização da cozinha saudável. Assim, surgiram os produtos diet, mais indicados para diabéticos, e light, que apresentam menos calorias sem prejuízo do sabor.
- b) No final da II Guerra Mundial, os refugiados que se encontravam concentrados nos países industrializados da Europa tinham como preocupação essencial a reconstrução pós-guerra. Esse processo, apoiado por iniciativas como o Plano Marshall, originou um crescimento econômico forte e sustentado, trazendo um vasto conjunto de benefícios a pessoas que tinham sofrido as anteriores privações da guerra e da recessão econômica.
- c) O rápido crescimento da economia mundial permitiu a uma grande porcentagem da população europeia refugiada iniciar uma nova vida em países como os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Israel, locais com carência existente no mercado de trabalho, o que contribuiu para a prosperidade dessas sociedades. Foi nesse período que começaram a surgir os primeiros alimentos industrializados, permitindo à indústria alimentícia ampliar a sua área de atuação.
- d) No período de ascensão econômica do pós-guerra até a década de 1970, o alimento industrializado se consolidou, com forte influência americana sobre os produtos. No período, entrou em cena a "geração Refrigerante". Se as primeiras necessidades da humanidade estavam centradas na busca do alimento e na proteção contra os predadores, as necessidades dessa geração eram muito diferentes.
- e) A exigência estava naquilo que desse prazer, mas, não necessariamente, fosse indispensável. O advento da industrialização e da produção de massa possibilitou – e ao mesmo tempo exigiu, para sua continuidade – a formação de um mercado consumidor capaz de absorver a produção crescente de serviços e produtos que eram, talvez, desnecessários à sobrevivência biológica das pessoas.

85) ESAF – MAPA/2017

Assinale a opção que está de acordo com as ideias do texto.

Atualmente, a importância do uso de estratégias alternativas para a preservação da biodiversidade está em evidência. Visto que a criação de bancos de germoplasma é uma alternativa para a conservação de espécies ameaçadas, essa é uma técnica de suma importância para a manutenção da fauna brasileira. Desde o começo da década de 70, houve uma crescente preocupação com a necessidade de se preservar recursos genéticos essenciais para a alimentação, voltados, principalmente, para a conservação de material genético da agricultura e de animais de produção. Somente em julho de 2010, foi criado o primeiro Banco de Germoplasma de Animais Selvagens da América Latina, pelo Jardim Zoológico de Brasília, como uma estratégia alternativa para a conservação de espécies ameaçadas ou em perigo de extinção, utilizando tanto gametas como células somáticas e células-troncos. É urgente a criação de novos bancos ou redes de pesquisa inter-regionais voltados a essa preservação tecidual.

<http://www.pvb.com.br/?link=verart&tipo=ID&campo1=1750> <acesso em 28/11/2017> (com adaptações)

- a) Os primeiros bancos de germoplasma, criados na década de 70, estavam voltados para a preservação da fauna selvagem em perigo de extinção.
- b) O Banco de Germoplasma de Animais Selvagens da América Latina, em Brasília, conserva gametas, células somáticas e células-troncos de espécies ameaçadas de extinção.
- c) A intenção de preservar recursos genéticos para a alimentação, vindos da agricultura e dos animais de produção surgiu no Jardim Zoológico de Brasília.
- d) A conservação de material genético de animais de produção surgiu simultaneamente à conservação de material genético de animais selvagens.
- e) Recursos genéticos essenciais para assegurar a alimentação estão no Banco de Germoplasma de Animais Selvagens da América Latina, em Brasília.

Texto para a questão 86**CONSUMIDORES COM MAIS ACESSO À INFORMAÇÃO QUESTIONAM A VERDADE QUE LHES É VENDIDA**

Ênio Rodrigo

Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção como a publicidade de produtos de beleza, especialmente os voltados a tratamentos de rejuvenescimento, usualmente possuem novíssimos "componentes anti-idade" e "microcápsulas" que ajudam "a sua pele a ter mais firmeza em oito dias", por exemplo, ou mesmo que determinados organismos "vivos" (mesmo depois de envasados, transportados e acondicionados em prateleiras com pouco controle de temperatura) fervilham aos milhões dentro de um vasilhame esperando para serem ingeridos ajudando a regular sua flora intestinal. Homens, crianças, e todo tipo de público também não estão fora do alcance desse discurso que utiliza um recurso cada vez mais presente na publicidade: a ciência e a tecnologia como argumento de venda.

Silvania Sousa do Nascimento, doutora em didática da ciência e tecnologia pela Universidade Paris e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enxerga nesse processo um resquício da visão positivista, na qual a ciência pode ser entendida como verdade absoluta. "A visão de que a ciência é a baliza ética da verdade e o

mito do cientista como gênio criador é amplamente difundida, mas entra, cada vez mais, em atrito com a realidade, principalmente em uma sociedade informacional, como a nossa", acrescenta.

Para entender esse processo numa sociedade pautada na dinâmica da informação, Ricardo Cavallini, consultor corporativo e autor do livro "O marketing depois de amanhã (Universo dos Livros, 2007)", afirma que, primeiramente, devemos repensar a noção de público específico ou senso comum. "Essas categorizações estão sendo postas de lado. A publicidade contemporânea trata com pessoas e elas têm cada vez mais acesso à informação e é assim que vejo a comunicação: com fronteiras menos marcadas e deixando de lado o paradigma de que o público é passivo", acredita. Silvania concorda e diz que a sociedade começa a perceber que a verdade suprema é estanque, não condiz com o dia a dia. "Ao se depararem com uma informação, as pessoas começam a pesquisar e isso as aproxima do fazer científico, ou seja, de que a verdade é questionável", enfatiza.

Para a professora da UFMG, isso cria o "jornalista contínuo", um indivíduo que põe a verdade à prova o tempo todo. "A noção de ciência atual é a de verdade em construção, ou seja, de que determinados produtos ou processos imediatamente anteriores à ação atual são defasados".

Cavallini considera que há três linhas de pensamento possíveis que poderiam explicar a utilização do recurso da imagem científica para vender: a quantidade de informação que a ciência pode agregar a um produto; o quanto essa informação pode ser usada como diferencial na concorrência entre produtos similares; e a ciência como um selo de qualidade ou garantia. Ele cita o caso dos chamados produtos "verdes", associados a determinadas características com viés ecológico ou produtos que precisam de algum tipo de "auditoria" para comprovarem seu discurso. "Na mídia, a ciência entra como mecanismo de validação, criando uma marca de avanço tecnológico, mesmo que por pouquíssimo tempo", finaliza Silvania.

O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo, ou seja, ecoar algo que já esteja exercendo certo fascínio na sociedade. "O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas que estão na mídia para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem", diz Cristina Bruzzo, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e que acompanhou a apropriação da imagem da molécula de DNA pelas mídias (inclusive publicidade). "A imagem do DNA, por exemplo, foi acrescida de diversos sentidos, que não o sentido original para a ciência, e transformada em discurso de venda de diversos produtos", diz.

Onde estão os dados comprovando as afirmações científicas, no entanto? De acordo com Eduardo Corrêa, do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), os anúncios, antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico, devem trazer os registros de comprovação das pesquisas em órgãos competentes. Segundo ele, o Conar não tem o papel de avaliar metodologias ou resultados, o que fica a cargo do Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) ou outros órgãos. "O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados, contudo, em 99% dos casos, esses certificados são garantia de qualidade. Se surgirem dúvidas quanto a dados numéricos de pesquisas de opinião pública, temos analistas no Conar que podem dar seus pareceres", esclarece Corrêa. Mesmo assim, de acordo com ele, os processos investigatórios são raríssimos.

RODRIGO, Enio. Ciência e cultura na publicidade. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 22/04/2015.

86) INÉDITA

Sobre as ideias apresentadas no texto lido, é correto afirmar:

- a) Os resultados das pesquisas laboratoriais que embasam campanhas publicitárias, em sua maioria, são falaciosos.
- b) O texto afirma que a ciência moderna se tornou mais distante do público leigo, devido à sofisticação da linguagem.
- c) Há um desinteresse do público leigo por assuntos relacionados à Ciência e isso se manifesta na resistência com que são recebidas publicidades que fazem uso de uma linguagem científica.
- d) A utilização de uma linguagem científica como estratégia de vendas confere mais credibilidade e diferenciais ao produto anunciado, embora os efeitos dessa tática não sejam perenes nem insuscetíveis a revisões.
- e) Mesmo com o maior acesso à informação, muitos ainda se prendem a uma "verdade absoluta", razão pela qual a Ciência é ainda tão valorizada como certificado de garantia e qualidade para produtos anunciados.

87) INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensar a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".)

I – Há uma relação semântica de contraste "banhos intermitentes de sangue" e "ela era toda pálida e suave"

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - "Muito!" – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho "Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo" faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

88) INÉDITA

Sobre as ideias apresentadas no texto lido, é correto afirmar:

- a) Relativiza-se a necessidade dos fármacos utilizados em tratamentos psiquiátricos, uma vez que os efeitos desses medicamentos não se concretizam.
- b) Defende-se o uso de fármacos, como lítio e combinações de antidepressivos, haja vista que seus efeitos sobre transtornos psiquiátricos e a maneira como funcionam no organismo do paciente já são amplamente conhecidos.
- c) Critica-se a utilização de fármacos em tratamentos psiquiátricos, haja vista que não é possível comprovar sua eficácia.
- d) Sugere-se que medicamentos hoje não permitidos por lei podem futuramente ser utilizados em tratamentos psiquiátricos de forma satisfatória.
- e) Defende-se o emprego de fármacos nos tratamentos psiquiátricos, tendo por base as explicações técnicas propaladas pela indústria farmacêutica.

Texto para as questões 89 e 90

Deus deveria ter espalhado câmeras no Jardim do Éden

HÉLIO SCHWARTSMAN

Num saboroso artigo publicado em "Philosophy Now", Emrys Westacott escrutina as implicações filosóficas da proliferação de câmeras de vigilância. Em princípio, elas são perfeitas, e Deus deveria ter enchido o Jardim do Éden delas. Ai, quem sabe, Eva, quando tentada pela serpente a provar do fruto proibido, sabendo que estava sendo monitorada, tivesse tomado a decisão certa. Não haveria pecado original, queda, nem expulsão do Paraíso. Mulheres não experimentariam as dores do parto e nós não precisaríamos trabalhar. Melhor ainda, as câmeras não comprometem o livre-arbítrio, tão caro ao Criador.

A ideia central aqui é que as câmeras, ao fazer com que dever moral e interesse próprio (não ser apanhado) caminhem juntos, nos impelem a tomar as decisões certas, o que é bom para nós e para a sociedade. Aplaudiriam as câmeras filósofos como Platão e Thomas Hobbes. É claro, porém, que em filosofia as coisas nunca são tão simples. Deus não colocou câmeras no Jardim do Éden, muito provavelmente porque Ele é kantiano. E, para Immanuel Kant, podemos fazer o que é certo ou bem por temer a sanção ou por reconhecer a racionalidade por trás dessa lei. Só no segundo caso somos verdadeiramente morais e livres. As câmeras, na verdade, até impediriam o nosso crescimento como agentes morais.

Quando calculamos os benefícios utilitários da hipervigilância, que se traduzem na diminuição de crimes e acidentes, não é difícil descartar as objeções kantianas como meras abstrações acadêmicas. Mas, de novo, as coisas não são tão simples. Se você tivesse a chance de escolher se vai trabalhar numa empresa que monitora tudo o que você faz no computador ou numa que o deixa livre desde que cumpra as suas tarefas, qual escolheria? Como se vê, não é tão fácil se desfazer do ideal kantiano do aprimoramento moral do indivíduo. Ele acaba sempre voltando, sob diferentes roupagens, como a liberdade.

Westacott conclui seu artigo lembrando que o contexto faz a diferença. Existem situações em que a vigilância eletrônica favorece bons comportamentos, mas, em outras, notadamente as mais privadas, como entre marido e mulher, ela estraga a ideia de desenvolvimento moral, a qual, embora utópica, funciona como uma bússola.

89) INÉDITA

O texto "Deus deveria ter espalhado câmeras no Jardim do Éden" resume o artigo publicado no "Philosophy Now" de Emrys Westacott. Nele, o autor discorria de forma divertida sobre as questões filosóficas envolvendo a vigilância sistemática a que estamos submetidos.

Assinale a opção que apresenta uma ideia NÃO condizente com o artigo resumido no texto.

- a) A vigilância tem seu valor nas situações em que vidas podem ser salvas.
- b) Nas relações pessoais íntimas, a tecnologia de controle não permite relações genuínas.
- c) O indivíduo que age porque está sendo vigiado está alinhado com a lógica kantiana relacionada à liberdade e à moral.
- d) A vigilância tecnológica intimida o indivíduo que teria más intenções, contudo não é suficiente para assegurar sua maturidade moral.
- e) A despeito das benesses da hipervigilância, o artigo "Philosophy Now" relativiza seus efeitos em algumas situações.

90) INÉDITA

Observe o seguinte trecho:

Se você tivesse a chance de escolher se vai trabalhar numa empresa que monitora tudo o que você faz no computador ou numa que o deixa livre desde que cumpra as suas tarefas, qual escolheria?

Assinale a opção que apresenta uma afirmação adequada.

- a) Nota-se na pergunta uma preferência do autor Hélio Schwartzmann por uma das opções em detrimento da outra.
- b) O pronome "você" cria uma relação dialógica no texto e, ao mesmo tempo, assume um valor de sentido ampliado, genérico.
- c) As opções apresentadas na pergunta estão alinhadas à lógica kantiana, que vê no temor às sanções uma etapa necessária para se alcançar o crescimento moral.
- d) Trata-se de uma pergunta retórica, cuja resposta induz o leitor a uma das opções de escolha apresentadas.
- e) O valor semântico do "se" em suas duas aparições é o mesmo, a saber: condição.

Gabarito

1. E
2. E
3. C
4. E
5. E
6. C
7. E
8. E
9. C
10. E
11. E
12. C
13. E
14. E
15. C
16. C
17. E
18. E
19. E
20. E
21. C
22. E
23. C
24. E
25. E
26. E
27. E
28. E
29. C
30. C
31. C
32. E
33. E
34. C
35. C
36. E
37. E
38. C
39. C
40. C
41. E
42. C
43. E

- 44. C
- 45. E
- 46. D
- 47. C
- 48. D
- 49. A
- 50. C
- 51. A
- 52. D
- 53. E
- 54. E
- 55. C
- 56. C
- 57. E
- 58. C
- 59. E
- 60. C
- 61. E
- 62. E
- 63. E
- 64. E
- 65. C
- 66. C
- 67. E
- 68. E
- 69. E
- 70. E
- 71. C
- 72. C
- 73. E
- 74. C
- 75. E
- 76. C
- 77. D
- 78. C
- 79. E
- 80. B
- 81. C
- 82. B
- 83. E
- 84. A
- 85. B
- 86. D

87. A

88. D

89. C

90. B

Lista de Questões

Texto para as questões 01 e 02

Quem não gosta de samba

"Como se dá que ritmos e melodias, embora tão somente sons, se assemelhem a estados da alma?", pergunta Aristóteles. Há pessoas que não suportam a música; mas há também uma venerável linhagem de moralistas que não suporta a ideia do que a música é capaz de suscitar nos ouvintes. Platão condenou certas escalas e ritmos musicais e propôs que fossem banidos da cidade ideal. Santo Agostinho confessou-se vulnerável aos "prazeres do ouvido" e se penitenciou por sua irrefreável propensão ao "pecado da lascívia musical". Calvino alerta os fiéis contra os perigos do caos, volúpia e emefinação que ela provoca. Descartes temia que a música pudesse superexcitar a imaginação.

O que todo esse medo da música – ou de certos tipos de música – sugere? O vigor e o tom dos ataques traem o melindre. Eles revelam não só aquilo que afirmam – a crença num suposto perigo moral da música –, mas também o que deixam transparecer. O pavor pressupõe uma viva percepção da ameaça. Será exagero, portanto, detectar nesses ataques um índice da especial força da sensualidade justamente naqueles que tanto se empenharam em preveni-la e erradicá-la nos outros?

O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos. Por vias oblíquas ou com plena ciência do fato, nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. **Trópicos utópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 23-24)

1. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

O que une as posições que uma venerável linhagem de moralistas manifestou é, segundo as convicções do autor do texto,

- a) a aversão que todos eles demonstram pelo poder democrático que a música em especial, dentre todas as artes, expande nas mais diversas culturas.
- b) a incapacidade que todos manifestam de se sentirem de algum modo tocados pelos elementos da música que julgam nocivos à moralidade.
- c) o reconhecimento comum de que a música, ao propiciar momentos tão agradáveis, distrai os homens de suas responsabilidades profissionais.
- d) o repúdio ao que há justamente de prazeroso e encantatório na música, o que revela que também eles são sensíveis aos efeitos dessa arte.
- e) a crítica que fazem todos ao culto do ócio e da improdutividade, vícios que esses moralistas acusam a arte musical de disseminar entre todos nós.

2. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

A frase *O vigor e o tom dos ataques traem o melindre* contém um **argumento** semelhante ao que está nesta outra frase:

- a) nossos respeitáveis moralistas sabiam muito bem do que estavam falando.
- b) Há pessoas que não suportam a música...

- c) Platão condenou certas escalas e ritmos musicais...
- d) O que todo esse medo da música [...] sugere?
- e) O que mais violentamente repudiamos está em nós mesmos.

Texto para as questões 03 e 04

Limites da propriedade

Direito à terra? Sim. O problema está em onde se colocam as cercas.

*Tenho, numa árvore, um daqueles bebedouros para beija-flores. E um deles já tomou posse. Quando aparece qualquer intruso, lá vem ele, como uma flecha, defender sua água. É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence, que lhe é próprio. Daí, **propriedade**: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo, que não pode ser tocado sem que eu sinta. O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem. Os limites da minha terra são os limites do que necessito para viver.*

*Mas há aqueles que fincam cercas para além dos limites da necessidade do seu corpo. Quando a terra é, de fato, uma **propriedade**, algo que é próprio ao corpo, ela está sendo constantemente transformada em vida. Mas quando a terra é mais do que meu corpo necessita, ela deixa de ser vida e se transforma em lucro. Lucro é aquilo que não foi consumido pela vida.*

(Adaptado de: ALVES, Rubem. **Tempus fugit**. São Paulo: Paulus, 1990, p. 33-34)

3. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

Mantendo, ao longo do texto, convicção quanto ao que sejam os limites da propriedade, o autor

- a) restringe o direito à posse da terra aos que não desconhecem o valor econômico dos investimentos a que ela convida para se tornar cada vez mais valiosa.
- b) defende com intransigência a propriedade da terra, desde que subordinada a princípios morais e éticos que a tradição cultural de um país deve especificar quais sejam.
- c) subordina o direito à terra à condição de que ela deve servir para atender as necessidades essenciais que se apresentam na vida de cada um.
- d) equipara o direito à propriedade da terra aos direitos humanos, razão pela qual defende o máximo de clareza legislativa ao definir os limites de uma propriedade.
- e) condiciona o estabelecimento dos limites de uma propriedade aos critérios que o proprietário mesmo deve bem definir para justificar as terras que possui e administra.

4. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

O segmento em que se destaca a desconsideração de um princípio de justiça defendido ao longo do texto é

- a) fincam cercas para além dos limites da necessidade...

- b) ela está sendo constantemente transformada em vida.
- c) É a própria vida que determina o círculo de espaço que lhe pertence...
- d) O espaço que é propriedade do meu corpo é um dos direitos que a vida tem.
- e) propriedade: aquilo que não me é estranho, que é parte de mim mesmo...

5. FCC - Analista de Gestão Administrativa (Pref Recife)/2019

Planos da natureza

Gabam-se os homens de serem hábeis planejadores. E somos. Mas não queiramos exclusividade absoluta. A natureza é a rainha dos planejamentos. Aprendemos com ela a identificar para cada necessidade seu melhor atendimento. Mas fomos além: chegamos a criar carências só pelo prazer de atendê-las.

Exemplo? Ouve-se a toda hora: não sei o que seria de mim sem meu celular. Foram necessários milhares de anos para o homem finalmente descobrir o que lhe é vital: um smartphone. "Com ele planejo meu dia, me oriento, me situo na vida" – dirá um contemporâneo. De fato, o planejamento, como ferramenta da previsão e da organização do trabalho eficaz e necessário, muitas vezes revela-se indispensável. Mas quando quero me certificar da vantagem de um planejamento, observo a natureza, em algum plano que ela traçou para manter vivas suas leis essenciais. E alguém duvida de que ela tenha suas próprias razões de planejamento?

(Aristeu Villas-Boas, inédito)

Ao estabelecer no texto uma relação entre planejamento da natureza e planejamento humano, o autor considera que

- a) ambos se contradizem, uma vez que o homem passou a planejar fora de qualquer controle da natureza.
- b) a necessidade de planejar do homem espelha a qualificação da natureza em atender aos propósitos dela mesma.
- c) a natureza tem toda a primazia em seus planejamentos, não sabendo o homem inovar ou afastar-se deles.
- d) eles se complementam, já que cabe ao homem corrigir o que haja de impróprio nos planos da natureza.
- e) o elemento comum entre ambos comprova-se na plena harmonia de seus respectivos objetivos.

Texto para as questões 06 e 07

Mesopotâmia*

Perto de minha casa um rio
seguia rumoroso e pobre,
mas sempre havia quem buscasse
um seixo, um peixe, uma lembrança.

Eram meninos e eram homens
muito mais pobres do que ele,

curvados sobre a água escura
mesmo sob o sol de dezembro.

Pequenos caracóis, viscosos
abrigo de um destino só
na infância, a percorrer as léguas
de schistosoma e solidão.

À noite, eu pensava que o mundo
era composto só de rios
e de crianças que tentavam
a todo custo atravessá-los.

E ninguém me explicava nunca
que na verdade, em minha vida,
apenas um riozinho de águas,
sempre escassas, corria perto.

*Mesopotâmia: região entre os rios Tigre e Eufrates, considerada
o berço da civilização.

(MELO, Alberto da Cunha. **Poesia completa**. Rio de Janeiro, Record, 2017)

6. FCC - Assistente de Gestão Pública (Pref Recife)/2019

No contexto do poema, as águas escassas simbolizam

- a) a falta de identidade de uma população que não se organiza em prol do bem comum.
- b) a pobreza do sujeito poético, que se revolta contra a subserviência de seus pares.
- c) a ascensão social dos cidadãos capazes de se desprender de suas origens.
- d) a precariedade de recursos de uma comunidade negligenciada pelo poder público.
- e) o exotismo de uma região pouco explorada em termos socioeconômicos.

7. FCC - Assistente de Gestão Pública (Pref Recife)/2019

Em uma das leituras possíveis do poema, os versos *mas sempre havia quem buscasse / um seixo, um peixe, uma lembrança* expressam, por parte do sujeito de buscasse, sentimento de

- a) preocupação e passividade estéril.
- b) esperança e espírito de sobrevivência.
- c) alienação e comportamento egoísta.

- d) revolta e engajamento político.
- e) desamparo e postura servil.

8. FCC - Analista de Fomento (AFAP)/Advogado/2019 (e mais 4 concursos)

[Beleza e propaganda]

A crescente padronização do ideal de beleza feminina foi um dos efeitos imprevistos da popularização da fotografia, das revistas de grande circulação e do cinema a partir do início do século XX. Não é à toa que esse movimento coincide com a decolagem e vertiginosa ascensão da indústria da beleza (hoje um mercado com receita global acima de 200 bilhões de dólares). Como vender "a esperança dentro de um pote?"

As estratégias variam ao infinito, porém a mais diabólica e (possivelmente) eficaz dentre todas – verdadeira premissa oculta do marketing da beleza – foi explicitada com brutal franqueza, em 1953, pelo então presidente da megavarejista de cosméticos americana Allied Stores: "O nosso negócio é fazer as mulheres infelizes com o que têm".

O atizar cirúrgico da insegurança estética e a exploração metódica das hesitações femininas no universo da beleza abrem as portas ao infinito. Os números e lucros do setor reluzem, mas quem estimará a soma de todo o mal-estar causado pelo massacre diuturno de um padrão ideal de beleza?

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. Trópicos utópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 104-105)

O autor do texto se posiciona claramente contra

- a) os efeitos nocivos da propaganda, quando se vale de recursos das artes tradicionais para vender produtos de grande significação social.
- b) as teses idealistas acerca do que seja o belo, que propagam modelos estéticos ligados a um passado clássico que hoje não guardam qualquer sentido.
- c) a exploração comercial de produtos ligados à estética feminina, como os cosméticos, que ele julga perverter o padrão ideal de beleza.
- d) a disseminação de padrões de beleza inatingíveis que atendem a um ávido interesse econômico e acarretam infelizes obsessões às mulheres.
- e) a reprodução de modelos de beleza que levam as mulheres a encontrar em si mesmas uma fonte de prazer sem qualquer relevância social.

Texto para as questões 09 a 11

A chave do tamanho

O antes de nascer e o depois de morrer: duas eternidades no espaço infinito circunscrevem o nosso breve espasmo de vida. A imensidão do universo visível com suas centenas de bilhões de estrelas costuma provocar um misto de assombro, reverência e opressão nas pessoas. "O silêncio eterno desses espaços infinitos me abate de terror", afligia-se o pensador francês Pascal. Mas será esse necessariamente o caso?

O filósofo e economista inglês Frank Ramsey responde à questão com lucidez e bom humor: "Discordo de alguns amigos que atribuem grande importância ao tamanho físico do universo. Não me sinto absolutamente humilde diante

da vastidão do espaço. As estrelas podem ser grandes, mas não pensam nem amam – qualidades que impressionam bem mais do que o tamanho. Não acho vantajoso pesar quase cento e vinte quilos”.

Com o tempo não é diferente. E se vivêssemos, cada um de nós, não apenas um punhado de décadas, mas centenas de milhares ou milhões de anos? O valor da vida e o enigma da existência renderiam, por conta disso, os seus segredos? E se nos fosse concedida a imortalidade, isso teria o dom de aplacar de uma vez por todas o nosso desamparo cósmico e as nossas inquietações? Não creio. Mas o enfado, para muitos, seria difícil de suportar.

(Adaptado de: GIANETTI, Eduardo. **Trópicos utópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 35)

9. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Ao longo do texto, o autor sustenta a ideia de que a infinitude

- a) do universo acalenta nossa confiança na infinitude da espécie humana.
- b) dos espaços cósmicos refreia o nosso anseio de imortalidade.
- c) do tempo universal impede-nos de usufruir o tempo de nossa finitude.
- d) dos espaços ou do tempo não garante a vantagem de uma suposta imortalidade.
- e) das coisas nunca representou alguma restrição à nossa sensação de liberdade.

10. FCC – Banrisul - 2019

As ideias de Pascal e as de Frank Ramsey referidas no texto

- a) convergem para o ponto comum de fazer temer a enormidade dos enigmas que nos cercam.
- b) divergem frontalmente quanto às percepções que têm diante da vastidão ou infinitude do universo.
- c) divergem quanto à infinitude do universo, mas convergem quanto ao temor que sentimos diante da morte.
- d) são complementares, uma vez que a convicção de um pensador dá força à convicção do outro.
- e) são de todo independentes, pois não tratam de qualquer tema que estabeleça contato entre elas

11.FCC – BANRISUL - 2019

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) *circunscrevem o nosso breve espasmo* = retificam nosso rápido incômodo
- b) *misto de assombro, reverência e opressão* = contrição de susto, desassombro e restrição
- c) *responde à questão com lucidez e bom humor* = elucida a pergunta com irreverência imaginosa

- d) *renderiam (...) os seus segredos?* = revelariam os seus mistérios?
- e) *teria o dom de aplacar de uma vez* = traria o mérito de retribuir no ato

Texto para as questões 12 a 14

Imigrações no Rio Grande do Sul

Em 1740 chegou à região do atual Rio Grande do Sul o primeiro grupo organizado de povoadores. Portugueses oriundos da ilha dos Açores, contavam com o apoio oficial do governo, que pretendia que se instalassem na vasta área onde anteriormente estavam situadas as Missões.

A partir da década de vinte do século XIX, o governo brasileiro resolveu estimular a vinda de imigrantes europeus, para formar uma camada social de homens livres que tivessem habilitação profissional e pudessem oferecer ao país os produtos que até então tinham que ser importados, ou que eram produzidos em escala mínima. Os primeiros imigrantes que chegaram foram os alemães, em 1824. Eles foram assentados em glebas de terra situadas nas proximidades da capital gaúcha. E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual estado.

Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada. Depois, estabeleceram laços comerciais com seus países de origem, que terminaram por beneficiar o Rio Grande. Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

(Adaptado de: projetoriograndetche.weebly.com/imigraccedilatildeo-no-rs.html)

12. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Os primeiros imigrantes alemães a se estabelecerem no Rio Grande do Sul

- a) constituíram uma alternativa ao trabalho escravo, alterando, com o tempo, a fisionomia econômica do estado.
- b) promoveram a ocupação, com apoio governamental, de uma ampla região destinada ao estabelecimento das Missões.
- c) foram assentados em glebas onde já com eficácia se cultivavam produtos que concorriam com os importados.
- d) alteraram a qualidade e a quantidade dos produtos artesanais locais, o que se refletiu na economia da região.
- e) representaram o ingresso no mercado de trabalhadores qualificados que modernizaram a produção industrial.

13. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

Com a sucessão de levas de imigrantes, verificaram-se as seguintes consequências no Rio Grande do Sul:

- a) interdição do trabalho escravo e consolidação das classes dominantes.
- b) diversificação do artesanato e valorização do folclore nacional.
- c) consolidação das estâncias tradicionais e minimização das charqueadas.
- d) fortalecimento da economia interna e promoção econômica da classe média.
- e) alternância no comando político e expansão das propriedades rurais.

14. FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

O parágrafo em destaque do texto enfatiza

- a) a progressiva e positiva transformação socioeconômica que as levas de imigrantes trouxeram ao estado rio-grandense.
- b) o impulso rapidamente imposto ao ritmo até então tímido da produção nas pequenas propriedades gaúchas.
- c) a pressão das camadas emergentes dos trabalhadores sobre a gestão política dos proprietários tradicionais.
- d) a substituição dos modos de produção local pelas técnicas artesanais há muito consagradas em outras terras.
- e) a importância da imigração alemã no deslocamento da economia rural para a do mercado financeiro.

15.FCC - Escriturário (BANRISUL)/2019

[Retratos fiéis]

Não sei por que motivo há de a gente desenhar tão objetivamente as coisas: o galho daquela árvore exatamente na sua inclinação de quarenta e três graus, o casaco daquele homem justamente com as ruguinhas que no momento apresenta, e o próprio retratado com todos seus pés-de-galinha minuciosamente contadinhos... Para isso já existe há muito tempo a fotografia, com a qual jamais poderemos competir em matéria de objetividade.

Se, para contrabalançar minhas lacunas, me houvesse Deus concedido o invejável dom da pintura, eu seria um pintor lírico (o adjetivo não é bem apropriado, mas vai esse mesmo enquanto não ocorrer outro). Quero dizer, o modelo serviria tão só do ponto de partida. O restante eu transfiguraria em conformidade com meu desejo de fantasia e poder de imaginação.

(Adaptado de: QUINTANA, Mário. Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo, 1979, p. 88)

No primeiro parágrafo, o autor do texto exprime sua convicção de que a

- a) pintura, sendo mais criativa que a fotografia, desfruta de melhores condições para ser de fato uma arte.

- b) fotografia, ainda que seja uma técnica capaz de objetividade, não distingue os detalhes que uma pintura pode realçar.
- c) fotografia, em sua propriedade de retratar tudo objetivamente, alcança mais precisão do que qualquer pintura.
- d) pintura, em seu afã de retratar tudo objetivamente, acaba por relevar detalhes que a própria fotografia não exprime.
- e) pintura, quando descarta sua obsessão em retratar tudo com o máximo de detalhes, aproxima-se mais da arte da fotografia.

Atenção: Para responder às questões de números 16 a 18, baseie-se no texto abaixo.

Juventude de hoje, de ontem e de amanhã

A juventude é estranha porque é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo. Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria, de vícios e virtudes, de esperanças e decepções. O jovem é o mais velho exemplar da humanidade. Pesa-lhe a herança dos conhecimentos acumulados; pesa-lhe o desafio do que não foi conquistado; a inadequação entre o idealismo e o egoísmo prático; pesa-lhe o inconsciente da raça, esta sessão espírita permanente, através da qual cada homem se comunica com os mortos.

No encontro de duas gerações, a que murcha e a que floresce, há uma irrisão dramática, um momento de culpas, apreensões e incertezas. As duas figuras se contemplam: o jovem é o passado do velho, e este é o futuro que o jovem contempla com horror. Assim, o momento desse encontro é um espelho cujas imagens o tempo deforma, sem que se desfaça, para o moço e para o velho, a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só, um homem só, uma tragédia só.

O poeta romântico inglês Shelley poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas: nasceu de família respeitável e rica, foi bonito, sincero, revoltado, idealista, violento, amoroso, apaixonado pela vida e pela morte, inteligente, confuso e, sobretudo, de uma sensibilidade crispada. Não era um monstro: seus atos eram a consequência lógica de suas ideias, da lealdade às suas crenças. E enquanto escrevia versos musicais, fecundados de amor cósmico, esperança e idealismo social, atirava-se feroz contra o conformismo do clero, a monarquia, as leis vigentes, o farisaísmo universal.

(Adaptado de CAMPOS, Paulo Mendes. O amor acaba. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 135-136)

16. FCC – CLDF - 2018

A afirmação inicial **A juventude é estranha** encontra em seguida uma justificativa quando o autor argumenta que os jovens,

- a) assim como os mais velhos, dão a vida passada por vivida, recusando-se a crer que ainda haja ideais a serem perseguidos.
- b) ao contrário dos velhos, buscam passar seu próprio tempo a limpo, livrando-o da carga pesada dos erros passados.
- c) incorporando valores de outros tempos, acumulam erros e acertos do passado, como se numa transmissão sobrenatural.
- d) rejeitando as heranças culturais disponíveis, têm a ilusão de que renovam tudo, ainda quando repitam erros do passado.
- e) espelhando-se em si mesmos, acabam reabilitando e nobilitando ideais que se perderam em antigos combates.

17.FCC – CLDF - 2018

O poeta inglês Shelley, segundo o autor do texto, poderia ser o padrão do adolescente de todas as épocas porque nele

- a) o espírito revoltoso de um marginalizado fazia dele uma personalidade arrebatada pelos mais ferozes ressentimentos.
- b) a sensibilidade à flor da pele fazia com que ele se dedicasse plenamente ao culto dos mais altos ideais.
- c) as qualidades negativas deixavam em segundo plano as positivas, o que favorecia sua expressão romântica.
- d) os impulsos amorosos, idealistas e esperançosos conviviam com duras invectivas contra o que julgasse maligno.
- e) as intenções críticas mais contundentes acabavam sucumbindo ao lirismo e à índole mística de seu temperamento.

18. FCC – CLDF - 2018

Considerando-se o contexto, traduz-se adequadamente o sentido de um segmento do texto em:

- a) é a velhice do mundo passada indefinidamente a limpo (10 parágrafo) = é a humanidade velha imperando oportunamente sobre a nova.
- b) Uma geração lega à outra um magma de erros e sabedoria (10 parágrafo) = na alternância de deslizes e acertos, magnetizam-se as gerações.
- c) uma irrisão dramática, um momento de culpas (20 parágrafo) = um drama irrisório, um instante de remorsos.
- d) a sinistra impressão de que as duas figuras são uma coisa só (20 parágrafo) = a incrível sensação de que ambas as imagens são uma única.
- e) atirava-se feroz contra o conformismo do clero (30 parágrafo) = empenhava-se bravamente no combate à resignação da classe clerical.

Atenção: Para responder às questões de números 19 a 21, baseie-se no texto abaixo.

Uma palavra sobre cultura e Constituição

Todas as Constituições brasileiras foram lacônicas e genéricas ao tratar das relações entre cultura e Estado. Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior. Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base cujo vetor é sempre a melhor distribuição da renda nacional. Na esfera dos bens simbólicos, esse objetivo se alcança, em primeiro e principal lugar, construindo o suporte de um sistema educacional sólido conjugado com um programa de apoio à pesquisa igualmente coeso e contínuo.

A sociedade brasileira não tem uma “cultura” já determinada. O Brasil é, ao mesmo tempo, um povo mestiço, com raízes indígenas, africanas, europeias e asiáticas, um país onde o ensino médio e universitário tem alcançado, em alguns setores, níveis internacionais de qualidade e um vasto território cruzado por uma rede de comunicações de massa portadora de uma indústria cultural cada vez mais presente.

O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” nada tem de homogêneo ou de uniforme. A sua forma complexa e mutante resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas. Se algum valor deve presidir à ação do Poder Público no trato com a “cultura”, este não será outro que o da liberdade e o do respeito pelas

manifestações espirituais as mais diversas que se vêm gestando no cotidiano do nosso povo. Em face dessa corrente de experiências e de significados tão díspares, a nossa Lei Maior deveria abster-se de propor normas incisivas, que soariam estranhas, porque exteriores à dialética das “culturas” brasileiras. Ao contrário, um certo grau de indeterminação no estilo de seus artigos e parágrafos é, aqui, recomendável.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. Entre a Literatura e a História. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 393-394)

19. FCC – CLDF - 2018

A frase *Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior (10 parágrafo)* é justificada pelo autor com base na sua convicção de que

- a) o Poder Público não pode interferir em qualquer aspecto de uma cultura nacional, que deve ser espontânea e livre do alcance da Constituição.
- b) a sociedade brasileira, conquanto não seja homogênea, é suficientemente madura para formular as normas que devem reger sua cultura tradicional.
- c) a complexidade das culturas brasileiras não deve ser objeto de uma legislação que venha a abranger e determinar tão diversas manifestações.
- d) o Estado não pode permitir que seja lacunosa a legislação sobre matérias culturais, que deve ser rigorosa e o mais específica possível.
- e) a dinâmica das várias culturas existentes no país garante que não haja entre elas algum atrito que ponha em risco a impermeabilidade de cada uma.

20. FCC – CLDF - 2018

Se na esfera socioeconômica cabe ao Estado propiciar uma melhor distribuição de renda, na esfera dos bens simbólicos um objetivo equivalente se alcança com

- (A) uma configuração coerente da meta educacional com o sistema financeiro.
- (B) uma legislação escolar minuciosa com incentivos à pesquisa pura.
- (C) um processo de integração mais coeso entre produção e consumo cultural.
- (D) um sistema educacional voltado para a pesquisa de ponta e de longo prazo.
- (E) um programa de educação consistente aliado à pesquisa sistemática.

21. FCC – CLDF - 2018

Um mesmo posicionamento do autor está expresso e ratificado nestes dois segmentos:

- a) O que se chama, portanto, de “cultura brasileira” (30 parágrafo) / propor normas incisivas (30 parágrafo).
- b) Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio (10 parágrafo) / um certo grau de indeterminação [...] é [...] recomendável (30 parágrafo).

- c) Ao Estado cumpre realizar uma tarefa social de base (10 parágrafo) / resulta de interpenetrações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas (30 parágrafo).
- d) Constituições [...] foram lacônicas (10 parágrafo) / suporte de um sistema educacional sólido (10 parágrafo).
- e) algum valor deve presidir à ação do Poder Público (30 parágrafo) / exteriores à dialética das culturas brasileiras (30 parágrafo).

Atenção: Para responder às questões de números 22 a 23, considere o texto a seguir.

Os deuses de Delfos

Segundo a mitologia, Zeus teria designado uma medida apropriada e um justo limite para cada ser: o governo do mundo coincide assim com uma harmonia precisa e mensurável, expressa nos quatro mores escritos nas paredes do templo de Delfos: "O mais justo é o mais belo", "Observa o limite", "Odeia a hybris (arrogância)", "Nada em excesso". Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza, em acordo com uma visão do mundo que interpreta a ordem e a harmonia como aquilo que impõe um limite ao "bocejante Caos", de cuja goela saiu, segundo Hesíodo, o mundo. Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo, que, de fato, é representado entre as Musas no frontão ocidental do templo de Delfos.

Mas no mesmo templo (século IV a.C.), no frontão oriental figura Dioniso, deus do caos e da desenfreada infração de toda regra. Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual, embora só tenha sido tematizada na idade moderna, com Nietzsche. Em geral, ela exprime a possibilidade, sempre presente e verificando-se periodicamente, da irrupção do caos na beleza da harmonia. Mais especificamente, expressam-se aqui algumas antíteses significativas que permanecem sem solução dentro da concepção grega da Beleza, que se mostra bem mais complexa e problemática do que as simplificações operadas pela tradição clássica.

Uma primeira antítese é aquela entre beleza e percepção sensível. Se de fato a Beleza é perceptível, mas não completamente, pois nem tudo nela se exprime em formas sensíveis, abre-se uma perigosa oposição entre Aparência e Beleza: oposição que os artistas tentarão manter entreaberta, mas que um filósofo como Heráclito abrirá em toda a sua amplitude, afirmando que a Beleza harmônica do mundo se evidencia como casual desordem. Uma segunda antítese é aquela entre som e visão, as duas formas perceptivas privilegiadas pela concepção grega (provavelmente porque, ao contrário do cheiro e do sabor, são reconduzíveis a medidas e ordens numéricas): embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma, é somente às formas visíveis que se aplica a definição de belo (Kalón) como "aquilo que agrada e atrai". Desordem e música vão, assim, constituir uma espécie de lado obscuro da Beleza apolínea harmônica e visível e como tais colocam-se na esfera de ação de Dioniso.

Esta diferença é compreensível se pensarmos que uma estátua devia representar uma "ideia" (presumindo, portanto, uma pacata contemplação), enquanto a música era entendida como algo que suscita paixões.

(ECO, Umberto. História da beleza. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 55-56)

22. FCC - SEFAZ/GO - 2018

O autor organiza sua argumentação de modo a expor, no

- a) primeiro parágrafo, uma concepção moderna de beleza que se contrapõe ao senso comum grego ao abarcar a ideia do caos criativo.
- b) segundo parágrafo, uma visão inconsistente de beleza, ao contrariar os preceitos gregos de equilíbrio, moderação e harmonia.

- c) terceiro parágrafo, oposições na concepção grega de beleza, as quais se ligam à combinação dos princípios de ordem e caos.
- d) quarto parágrafo, uma conclusão que reafirma o argumento expresso anteriormente de que no conceito grego de beleza as oposições se nulificam.
- e) terceiro e no quarto parágrafo, a opinião de que a beleza apolínea tem sido progressivamente substituída pelo conceito moderno de beleza dionisiaca.

23.FCC – SEFAZ/GO - 2018

Um segmento do texto tem seu sentido adequadamente expresso em outras palavras em:

- a) uma medida apropriada e um justo limite (1º parágrafo) / uma medição precisa e um juízo restrito.
- b) Sobre estas regras se funda o senso comum grego da Beleza (1º parágrafo) / A partir destas convenções confutou-se o padrão grego da Beleza.
- c) Esta visão é colocada sob a proteção de Apolo (1º parágrafo) / Esta interpretação é mantida sob a égide de Apolo.
- d) Essa coabitação de duas divindades antitéticas não é casual (2º parágrafo) / Esse confronto de duas entidades opostas não é propositado.
- e) embora se reconheça à música o privilégio de exprimir a alma (3º parágrafo) / conquanto se confira à música a prerrogativa de retundir a alma.

24. FCC - Analista Judiciário (TRE SP)/Administrativa/"Sem Especialidade"/2012

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalhar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se comesse logo a repartir os bifes.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei

com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, **Folha de S. Paulo**)

O cronista ressalta aspectos **contrastantes** do caso de Saquarema, tal como se observa na relação entre estas duas expressões:

- a) *drama da baleia encalhada e três dias se debatendo na areia.*
- b) *em quinze minutos estava toda retalhada e foram disputadas as toneladas da vítima.*
- c) *se esfalfar em vão na luta pela sobrevivência e levar pastéis e empadinhas para vender com ágio.*
- d) *o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar e lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema.*
- e) *Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás e Logo uma estatal, ó céus.*

25.FCC - Analista Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2011

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim nem quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu por que eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta.

(Chico Buarque. **Leite derramado**, São Paulo, Cia. das Letras, 2009, p. 29)

Leia atentamente as afirmações abaixo sobre o texto.

I. Ao expressar o desejo de viver numa cidade *onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça*, o narrador incorre numa evidente e insolúvel contradição.

II. A afirmação de que a *outra mulher teve uma educação rigorosa* é reafirmação, por contraste, de que aquela a quem o narrador se dirige não a teve, o que já estava implícito no propósito de lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho etc.

III. Ao dizer que sua interlocutora *parece uma moça digna apesar da origem humilde*, o narrador sugere, por meio da concessiva, que a dignidade não costuma ser característica daqueles cuja origem é humilde.

Está correto o que se afirma em

- a) I, II e III.
- b) II e III, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) II, apenas.

26. FCC - Analista Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2011**Cartão de Natal**

*Pois que reinaugurando essa criança
pensam os homens
reinaugurar a sua vida
e começar novo caderno,
fresco como o pão do dia;
pois que nestes dias a aventura
parece em ponto de voo, e parece
que vão enfim poder
explodir suas sementes:*

*que desta vez não perca esse caderno
sua atração núbil para o dente;
que o entusiasmo conserve vivas
suas molas,
e possa enfim o ferro
comer a ferrugem
o sim comer o não.*

João Cabral de Melo Neto

No poema, João Cabral

- a) critica o egoísmo, e manifesta o desejo de que na passagem do Natal as pessoas se tornem generosas e façam *o sim comer o não*.
- b) demonstra a sua aversão às festividades natalinas, pois *nestes dias a aventura parece em ponto de vôo*, mas depois a rotina segue como sempre.
- c) critica a *atração núbil para o dente* daqueles que transformam o Natal em uma apologia ao consumo e se esquecem do seu caráter religioso.
- d) observa com otimismo que o Natal é um momento de renovação em que os homens se transformam para melhor e fazem *o ferro comer a ferrugem*.
- e) manifesta a esperança de que o Natal traga, de fato, uma transformação, e que, ao contrário de outros natais, seja possível *começar novo caderno*.

27.FCC - Analista Judiciário (TRT 1ª Região)/Apoio Especializado/Arquivologia/2011

Os habitantes das cidades não são necessariamente mais inteligentes que outros seres humanos, mas a densidade da ocupação espacial resulta na concentração de necessidades. Assim, nas cidades surgem problemas que em outras condições as pessoas nunca tiveram oportunidade de resolver. Encarar tais problemas amplia a inventividade humana a um nível sem precedentes. Isso, por sua vez, oferece uma oportunidade tentadora para quem vive em lugares mais tranquilos, porém menos promissores.

Ao migrarem para as cidades, as pessoas de fora geralmente trazem "novas maneiras de ver as coisas e talvez de resolver antigos problemas". Coisas familiares aos moradores antigos e já estabelecidos exigem explicação quando vistas pelos olhos de um estranho. Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade.

Essa talvez não seja uma situação agradável para os nativos da cidade, mas é também sua grande vantagem. A cidade está em sua melhor forma quando seus recursos são desafiados. Michael Storper, economista, geógrafo e projetista, atribui a vivacidade intrínseca da densa vida urbana à incerteza que advém dos relacionamentos pouco coordenados "entre as peças das organizações complexas, entre os indivíduos e entre estes e as organizações".

Compartilhar o espaço com estranhos é uma condição da qual os habitantes das cidades consideram difícil, talvez impossível, fugir. A presença ubíqua de estranhos é fonte de ansiedade, assim como de uma agressividade que volta e meia pode emergir. Faz-se necessário experimentar, tentar, testar e (espera-se) encontrar um modo de tornar a coabitação palatável. Essa necessidade é "dada", não-negociável. Mas o modo como os habitantes de cada cidade se conduzem para satisfazê-la é questão de escolha. E esta é feita diariamente.

(Adaptado de Zygmunt Bauman. Amor Líquido. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004, pp. 127-130)

Os recém-chegados são inimigos da tranquilidade. (20 parágrafo)

Com a afirmação acima, o autor

- a) indica que as migrações típicas do mundo globalizado trazem consequências negativas para o modo de organização das cidades.
- b) sugere que o impacto do aumento populacional crescente nos dias atuais é perturbador para os moradores das cidades.
- c) questiona os supostos benefícios que as pessoas de fora trariam ao se estabelecer em novos centros urbanos.
- d) critica o impulso de migrar para grandes centros urbanos, já saturados, por parte das pessoas que moram em lugares calmos.
- e) enaltece a inquietação gerada pelas pessoas que migram para as cidades e questionam o modo de vida que nelas encontram.

Texto para as questões 28 a 29

A liberdade enriquece

A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espraia para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises, o arquiteto mais destacado da escola austríaca de economistas neoclássicos. Ele estava errado: a liberdade nasceu no continente da política, mais propriamente como liberdade de expressão – o direito de imprimir sem licença. O parto deu-se pelas mãos do poeta e polemista John Milton, em 1644, no epicentro da Guerra Civil Inglesa entre o Parlamento e a Monarquia. Naquele ano, Milton publicou a Aeropagítica, fonte do mais clássico dos argumentos racionais contra a censura: os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más.

Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia. A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica –, assumiram o primeiro posto no século XX. Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.

(Trecho adaptado de Demétrio Magnoli. Veja, 22 de setembro de 2010, pp. 80-81)

28. INÉDITA

Considerando-se o teor do texto, é correto afirmar:

- a) Trata-se de um texto opinativo, em que o autor, apoiando-se em teorias e oferecendo exemplos de sucesso, tece comentários a respeito da relação entre liberdade e desenvolvimento econômico.
- b) Há crítica em relação ao papel desempenhado na economia de alguns países por proposições hipotéticas de poetas e economistas sob influência de escolas estrangeiras.
- c) No 2º parágrafo encontra-se defesa por inteiro da opinião do economista austríaco, em flagrante contradição com a observação de que ele havia se enganado, como consta do 1º parágrafo.
- d) O título se volta para a comprovação da tese do poeta inglês de que o desenvolvimento econômico de uma nação se associa inequivocamente à racionalidade de seus cidadãos.
- e) O autor se baseia em opiniões polêmicas de defensores da liberdade de expressão para enaltecer a política colonialista de ingleses e de norte-americanos, entre os séculos XVII e XX.

29. FCC - Analista Judiciário (TRT 1ª Região)/Apoio Especializado/Arquivologia/2011

A última frase do texto

- a) vem confirmar a opinião do autor de que a liberdade se impôs na Inglaterra e nos Estados Unidos por ser decorrente do desenvolvimento econômico dessas nações.
- b) comprova o equívoco cometido pelo economista austríaco, pois liberdade de expressão e sucesso econômico são conceitos que se encontram em campos diferenciados da atividade humana.
- c) pretende demonstrar que o espírito crítico, ainda que associado à liberdade de expressão, nem sempre se mostra suficiente para garantir a estabilidade econômica de uma grande nação.
- d) constitui um fecho coerente de todo o desenvolvimento, com base na defesa da capacidade de discernimento dos seres humanos e da importância da liberdade para o sucesso da economia.
- e) conclui objetivamente a teoria, exposta por Ludwig von Mises e complementada pelo poeta John Milton, de que a origem e a importância da liberdade, bem como os valores dela decorrentes, pertencem ao terreno da economia.

30. INÉDITA

Trânsito mata mais do que assassinatos no Brasil

Quando a maioria da população, com razão, está escandalizada com a violência que impera nas cidades do País, um outro número não recebe tanta atenção quanto os cerca de 60 mil assassinatos registrados anualmente no Brasil. No trânsito, morrerão, neste ano de 2018, segundo estimativas oficiais, 80 mil pessoas. A projeção está baseada no fato de que, nos primeiros meses do ano, os acidentes de trânsito já provocaram 19.398 mil mortes e 20 mil casos de invalidez permanente no País. Os dados são do Centro de Pesquisa e Economia do Seguro, órgão da Escola Nacional de Seguros. As principais vítimas são homens de 18 a 65 anos e motociclistas.

Além das mortes e sequelas as mais diversas, muitas deixando inválidos pelo resto da vida homens, mulheres e crianças, pessoas jovens, ainda há um brutal prejuízo, calculado em torno dos R\$ 96 bilhões pelas faltas ao trabalho dos acidentados.

Ora, tantas vítimas mostram um quadro de insegurança que está presente e que vem ceifando, dia após dia, vidas nas ruas, avenidas e, muito mais, nas rodovias da nação. Pois, da mesma forma que todos condenam o grande número de mortes violentas por conta do tráfico de drogas, da disputa entre gangues, de desavenças familiares, pouca atenção é dada para o massacre que ocorre no trânsito. Da mesma forma que se pede mais educação, devemos nos lembrar que a educação no trânsito é mais do que importante.

Jornal do Comércio

(https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/opiniaio/2018/09/648589-transito-mata-mais-do-que-assassinatos-no-brasil.html)

A mensagem principal do editorial é que:

- a) a violência no trânsito não é considerada um assunto importante.
- b) as mortes por acidentes de trânsito superaram as por homicídios.
- c) a sociedade está chocada com o número de homicídios.
- d) as mortes no trânsito não geram tanta comoção.
- e) a educação no trânsito é negligenciada no currículo escolar brasileiro.

31. INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo “batom da marca X, cor 42, lote A-439”. O mesmo personagem talvez interroge um suspeito e declare “sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho”. No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: “Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado”.

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjugam a complexidade das técnicas científicas.
- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

32. INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer feito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.
- d) uma mudança de comportamento no trabalho.
- e) uma maior produção de batatas.

33. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua Brasília, brasileira ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.
- e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

34. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a 'geração da cabeça baixa'. "É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens." E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. "Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para uma desvio de coluna."

https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.
- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

35. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
- b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
- c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.
- d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.
- e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.

Gabarito

- 1. D
- 2. E
- 3. C
- 4. A
- 5. B
- 6. D
- 7. B
- 8. D
- 9. D
- 10. B
- 11. D
- 12. A
- 13. D
- 14. A
- 15. C
- 16. C
- 17. D
- 18. E
- 19. C

- 20. E
- 21. B
- 22. C
- 23. C
- 24. C
- 25. B
- 26. E
- 27. E
- 28. A
- 29. D
- 30. D
- 31. E
- 32. D
- 33. A
- 34. C
- 35. D

Lista de Questões

01) FGV – PC RJ/2022

Texto 2

“Um homem acusado de tráfico de drogas e associação para o tráfico foi preso, neste sábado (13/11), por policiais civis da 110ª DP (Teresópolis) e militares. Contra ele foi cumprido um mandado de prisão. O criminoso foi capturado após informações de inteligência. Ele foi encaminhado para o sistema prisional, onde ficará à disposição da Justiça.”

No texto 2 há a ocorrência de três vocábulos que poderiam ser confundidos com seus parônimos: tráfico/tráfego, cumprido/comprido, mandado/mandato. A frase abaixo em que o vocábulo destacado está bem empregado é:

- a) absolver / absorver – O juiz decidiu absorver todo o grupo já que todas as provas eram circunstanciais;
- b) aprender / apreender – O grupo de policiais aprendeu uma grande quantidade de drogas no galpão da empresa;
- c) delatar / dilatar – O delegado resolveu delatar o prazo da investigação a fim de ajudar o trabalho dos agentes;
- d) despesa / dispensa – A administração do presídio guardava numa espécie de dispensa todas as frutas;
- e) fluir / fruir – Após o conserto a água fluía da torneira com toda a facilidade.

02) FGV – PC RJ/2022

A forma de substituição do termo onde por um nome é adequada na seguinte opção:

- a) Este palácio é onde está instalado o Supremo Tribunal Federal / Este palácio é a base do Supremo Tribunal Federal;
- b) O Palácio da Alvorada, onde vive o chefe do Estado / O Palácio da Alvorada, local de trabalho do chefe do Estado;
- c) Puseram uma cruz onde ocorreu o acidente / Puseram uma cruz na situação do acidente;
- d) Gostaria de saber de onde vieram estas caixas / Gostaria de saber a origem destas caixas;
- e) Gostaria de saber para onde vão estas bicicletas / Gostaria de saber o futuro dessas bicicletas.

03) FGV – SEFAZ ES/2021

Assinale a opção em que a expressão sublinhada está adequadamente empregada.

- a) Graças à inflação, os preços dispararam.
- b) Cerca de 37,4% dos preços subiram.
- c) Todos estamos afim de enriquecer.

- d) O capitalista foi de encontro a um grande negócio.
- e) Ao invés de ganhar, todos tiveram prejuízo.

04) FGV – PC RN/2021

A opção em que o termo onde está bem empregado é:

- a) Não importa onde a polícia vá, ela será sempre bem-vinda;
- b) Não sei onde vou, mas quero chegar bem;
- c) Onde quer que você esteja, este deve ser o seu ponto de partida;
- d) Queria saber onde você quer chegar;
- e) Onde você quer dirigir-se após o almoço?

05) FGV – PC RN/2021

A frase abaixo em que há ERRO no emprego ou na ausência do artigo definido é:

- a) Não importa se o gato é preto ou branco, desde que ele pegue os ratos;
- b) As grandes ideias sempre encontram os homens que as procuram;
- c) As ideias concordam bem mais entre si do que os homens;
- d) Todo o dia em que se trabalha é um dia perdido;
- e) A virtude premeditada é a virtude do vício.

06) FGV – PC RN/2021

“É minha opinião que não se deve dizer mal de ninguém, e ainda menos da polícia. A polícia é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade.” (Machado de Assis, A Semana – 1871)

Ao redigirmos um texto devemos ter cuidado com a grafia das palavras empregadas; no caso do pensamento de Machado, há o emprego graficamente correto da palavra *mal*.

A frase abaixo em que o emprego da mesma palavra está INCORRETO é:

- a) O mal é combatido pela polícia;
- b) O mal-educado nunca é bem-vindo;

- c) Desrespeitar as leis é um mal hábito;
- d) Mal chegou a polícia, todos se retiraram;
- e) Não há mal que sempre dure.

07) FGV – IMBEL/2021

Assinale a opção que apresenta a frase em que o termo “onde” não é empregado corretamente.

- a) “Não sei mais onde amarrei meu burro.”
- b) “Onde falta o dinheiro, tudo desmorona.”
- c) “Nunca se vai ao lugar onde mora a fera.”
- d) “Em toda iniciativa pensa bem onde queres chegar.”
- e) “Quem tem fome não tem escolha: seu espírito não vem de onde ele gostaria, mas da fome.”

08) FGV – Oficial de Justiça - TJ RS/2020

Em todas as frases abaixo ocorre uma troca indevida do vocábulo sublinhado por seu parônimo; a única das frases cuja forma de vocábulo sublinhado está correta é:

- a) O motorista infligiu como leis do trânsito;
- b) O prisioneiro dilatou os comparsas do assalto;
- c) Não há nada que desabone sua conduta imoral;
- d) A cobrança é bimestral, ou seja, duas vezes por mês;
- e) Os cumprimentos devem ser dados na entrada da festa.

09) FGV – Agente Censitário – IBGE/2019

Texto 2

Notícia publicada na imprensa na penúltima semana de setembro de 2019:

“Tráfico da Rocinha ameaça quem joga lixo na rua

Bandidos espalham cartazes em área onde houve deslizamentos de terra nas últimas chuvas, alertando moradores para não despejar detritos em beco. Medida seria tomada porque venda de drogas é interrompida quando a região alaga”.

Sobre a estruturação do texto 2, é INCORRETO afirmar que:

- a) a palavra “tráfico” é empregada em lugar de “traficantes”;
- b) a forma verbal “houve” está empregada corretamente;
- c) a palavra “deslizamentos” deveria ser grafada com S em lugar de Z;
- d) o verbo “despejar” poderia ser substituído por “jogar”;
- e) a palavra “região” se refere aos becos em geral.

10) FGV – Técnico Judiciário – TJ/CE/2019

“Causam menos dano cem delinquentes do que um mau juiz”; no caso dessa frase, o vocábulo MAU está corretamente grafado; a frase abaixo em que esse mesmo vocábulo deveria ser grafado com a forma MAL é:

- a) Mau é o juiz, se má é a sentença;
- b) O castigo é mau, se não é justo;
- c) O crime é sempre mau feito;
- d) Todos devem combater o mau juiz;
- e) Nem sempre um mau homem é um mau jurado.

11) FGV - BANESTES/2018

A frase abaixo em que houve troca indevida entre parônimos ou homônimos é:

- a) “A evolução da técnica chegou ao ponto de tornar-nos **inermes** diante da técnica” / inertes;
- b) “Quem **aspira** a grandes coisas também deve sofrer muito” / expira;
- c) “Aquele que não deixa nada ao **acaso** raramente fará coisas de modo errado, mas fará pouquíssimas coisas” / ocase;
- d) “Fala como sábio a um ignorante e este te dirá que tens pouco bom **senso**” / censo;
- e) “Ao entrar em um restaurante, todo cliente espera satisfazer desejos de ordem física e emocional. Os cardápios devem vir **de encontro a** essas necessidades” / ao encontro de.

12) FGV - CM Salvador/2018

“A violência é um fenômeno social presente no cotidiano de todas as sociedades sob várias formas”.

A frase abaixo em que houve troca indevida entre sob/sobre é:

- a) O clima sob os tetos das celas era tenso;
- b) Deus faz chover sob homens justos e injustos;
- c) Sob o ponto de vista político, essa proposta é inviável;
- d) O preso trazia, sob o casaco, drogas proibidas;
- e) Cavando o solo, os presos traziam muita terra sob as unhas.

13) FGV - TJ AL/2018

Duas palavras do texto que obedecem à mesma regra de acentuação gráfica são:

- a) indébita / também;
- b) história / veículo;
- c) crônicas / atribuídos;
- d) coíba / já;
- e) calúnia / plágio.

14) FGV - CM Salvador/2018

A palavra “agrícola-ambiental” aparece grafada com hífen pela mesma razão semântica do seguinte vocábulo abaixo:

- a) segunda-feira;
- b) tenente-coronel;
- c) inter-relacionamento;
- d) cara-de-pau;
- e) político-econômico.

15) FGV - ALERJ/2017

Há palavras na língua portuguesa que apresentam mais de duas grafias aceitas como corretas; as formas que NÃO se encontram nesse caso são:

- a) bêbedo/bêbado;

- b) enfarte/enfarto;
 - c) mágoa/mágua;
 - d) catorze/quatorze;
 - e) cociente/quociente.
-

16) FGV - ALERJ/2017

Entre as palavras abaixo, aquela que só existe com acento gráfico é:

- a) história;
 - b) evidência;
 - c) até;
 - d) país;
 - e) humanitárias.
-

17) FGV - ALERJ/2017

Com relação aos ditongos ÉI/ÓI, o Novo Acordo Ortográfico retirou o acento gráfico do seguinte par de palavras:

- a) destróier/caracóis;
 - b) jibóia/odisséia;
 - c) méier/alcalóide;
 - d) constrói/colméia;
 - e) pastéis/ovóide.
-

18) FGV - ALERJ/2017

Os vocábulos cuja acentuação gráfica pode ser justificada simultaneamente por duas regras são:

- a) herói/papéis;
- b) econômico/histórico;
- c) pátria/tênue;

- d) gás/três;
 - e) têm/vêm.
-

19) FGV - ALERJ/2017

O vocábulo abaixo que contraria as novas regras ortográficas é:

- a) herói;
 - b) anti-inflacionário;
 - c) co-réu;
 - d) minissaia;
 - e) hiperinflação.
-

20) FGV - ALERJ/2017

Com as novas regras gráficas, a duplicação RR/SS só deve ocorrer no seguinte vocábulo:

- a) portarretrato;
 - b) correligionário;
 - c) mestressala;
 - d) superrápido;
 - e) hiperreacionário.
-

21) FGV - IBGE/2017**Texto 2 – AS DOZE BACTÉRIAS MAIS AMEAÇADORAS**

“Pela segunda vez em apenas cinco meses, a Organização Mundial de Saúde (OMS) veio a público para chamar a atenção do mundo a respeito da ameaça causada pelas bactérias super-resistentes à ação dos antibióticos. Na semana passada, a entidade divulgou uma lista com doze famílias de microorganismos considerados de alto risco e contra os quais as opções terapêuticas estão se esgotando.

No documento dirigido aos governos, cientistas e indústrias, a organização enfatiza a necessidade de criação urgente de novos recursos para combater essas bactérias antes que seja tarde demais”.

(Isto É, março de 2017)

No texto 2 há um erro de grafia ou acentuação, segundo as novas regras, que é:

- a) microorganismos;
- b) super-resistentes;
- c) bactérias;
- d) antibióticos;
- e) indústrias.

22) FGV - ALERJ/2017

Uma carta de leitor do jornal O Globo mostrava o seguinte texto em 1988: "Levando um amigo ao Hospital Souza Aguiar, notei uma dedicação heróica dos médicos no trabalho noturno. Um dos atendimentos de urgência necessitava de uma vacina antirrábica, que não havia em estoque, mas que foi rapidamente adquirida. Ainda se vêem profissionais como antigamente e minha idéia é divulgar esse trabalho para servir de exemplo".

(O Globo, 02/10/1988)

Segundo o sistema ortográfico oficial vigente em 2013, o vocábulo que está corretamente grafado é:

- a) heróica;
- b) noturno;
- c) antirrábica;
- d) vêem;
- e) idéia.

23) FGV - CODEBA/2016

A frase cuja grafia do vocábulo sublinhado está correta é:

- a) *Ambição não é nada se não a sombra maligna da aspiração.*
- b) *O que é uma erva daninha se não uma planta cujas virtudes ainda não foram descobertas?*
- c) *Liberdade não é nada se não a distância entre a caça e o caçador.*
- d) *Se você espera pelo amanhã, o amanhã chega; se não espera pelo amanhã, o amanhã chega.*
- e) *A civilização nada mais é se não uma camada de pintura que qualquer chuveiro lava.*

24) FGV - CODEBA/2016

A frase em que se trocou o emprego de onde/aonde é:

- a) Não sei aonde vou, mas já estou a caminho.
- b) Quantas vezes eu descobri onde deveria ir apenas por partir para algum outro lugar.
- c) Se você não sabe para onde vai, todos os caminhos o levam para lugar nenhum.
- d) Eu irei, não importa aonde, desde que seja para frente.
- e) A coisa mais importante não é de onde se veio, mas aonde se vai.

25) FGV - DPE MT/2015

A partir do fragmento a seguir, responda à questão.

Diminuir a higiene pessoal

Deixar de escovar os dentes, de lavar a louça ou de dar descarga, acumulando sujeira no corpo e em casa, não são as melhores formas de economizar água, porque não adianta optar por isso em troca da saúde. O ideal é economizar usando um copo com água na escovação, diminuindo a louça usada para cozinhar (levar à panela à mesa em vez de usar um refratário) e usar água de reuso no vaso sanitário.

"levar à panela à mesa em vez de usar um refratário"

Seria conveniente que não se confundisse a expressão sublinhada com "ao invés de", como ocorre na seguinte frase

- a) "Os fregueses bebem suco se frutas em vez de água."
- b) "Preferimos lanches em vez de grandes jantares."
- c) "Muitos casais viajam em vez de ficar em casa."
- d) "Comeram churrasco em vez de feijoada."
- e) "Usam os celulares em vez de telefones fixos."

26) FGV - MPE RJ/2016

"Essas pessoas sofrem com as grandes distâncias dos locais de residência com os centros comerciais e os locais onde trabalham"; a frase abaixo em que o vocábulo onde/aonde foi mal empregado é:

- a) "Muitos suicidas se detiveram no limiar da morte ao pensar no café aonde vão todas as noites para sua partida de dominó" (Balzac);
- b) "Onde há casamento sem amor, vai haver amor sem casamento" (Franklin);

- c) "Circo é o lugar onde se permite a cavalos, pôneis e elefantes verem homens, mulheres e crianças bancarem idiotas" (Ambrose Bierce);
- d) "As pessoas onde é difícil achar defeitos devem ser difíceis de achar" (Nouailles);
- e) "Os *Lusíadas* se tornaram para nós um pesadelo, porque ninguém sabia onde o diabo escondia o sujeito da oração naqueles versos retorcidos" (Fernando Sabino).
-

27) FGV - DPE MT/2015**O texto a seguir refere-se à questão**

Sobre o tema "O jogo no Brasil", uma leitora do jornal *O Globo* escreveu o seguinte: "Não entendo por que não se legaliza o jogo no Brasil. Todos os países que têm o jogo reconhecido, além de arrecadarem uma fortuna em impostos, dão emprego a muita gente. Quem quer jogar, o faz livremente pela Internet e nos bingos ilegais, onde quem arrecada é o contraventor. Os mais abastados deixam dólares lá fora, que poderiam ajudar a educação e saúde, aqui dentro".

Na frase "Não entendo por que não se legaliza o jogo no Brasil", o termo sublinhado tem a grafia em dois termos exatamente pelo mesmo motivo que em

- a) "A legalização do jogo é o motivo por que luta a leitora."
- b) "Por que razão não se legaliza o jogo?"
- c) "Desconheço por que a legalização do jogo é proibida."
- d) "Esse é o caminho por que ele veio."
- e) "O projeto por que me empenho é de grande utilidade."
-

28) FGV - ALBA/2014

Assinale a opção que indica o vocábulo que recebe acento obrigatoriamente, já que só existe com a forma acentuada.

- a) Público
- b) Saúva
- c) Hieróglifo
- d) História
- e) Xérox
-

29) FGV - INEA/2013

Assinale a alternativa que indica os vocábulos do texto que **não** são acentuados pela mesma regra de acentuação gráfica.

- a) após / só
- b) Petrópolis / óbitos
- c) possuíam / constituídas
- d) através / também
- e) vácuo / municípios

30) FGV - Técnico Judiciário (TRE PA) / 2011

Partidos devem ir às ruas explicar para os cidadãos por que existem e quais são suas propostas.

No período acima, empregou-se corretamente a forma POR QUE. Assinale a alternativa em que isso **NÃO** tenha ocorrido.

- a) O povo não entende por que os partidos políticos se esquivam de se apresentar claramente.
- b) Nem sempre é fácil entender as modificações por que passam os partidos políticos.
- c) As pessoas desejam entender por que, nas relações entre os partidos políticos, as alianças rapidamente se dissolvem.
- d) Às vezes sem saber por que, o povo escolhe determinados candidatos para cargos importantes.
- e) Na realidade, o povo sabe por que deve escolher bem seus representantes.

31) FGV - Analista Judiciário (TRE PA) / 2011

Assinale a palavra que tenha sido acentuada seguindo a mesma regra que *distribuídos*.

- a) sócio
- b) sofrê-lo
- c) lúcidos
- d) constituí
- e) órfãos

32) INÉDITA

Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que **NÃO** deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra rubrica é:

- a) Nobel
- b) recorde.
- c) gratuito.
- d) negligencia

e) medico

33) INÉDITA

A frase que está totalmente de acordo com o padrão culto da língua é:

- a) Os fiéis católicos reconheceram que Vossa Santidade, apesar da exiguidade do vosso tempo, manteve uma agenda de eventos relevante.
- b) O assunto lhe sucitou interesse e desejo de pôr em debate diversas questões importantes do cotidiano profissional.
- c) Alguns estudiosos consideraram ultrage associar o início da modernidade à Descartes, mas a questão não pára por aí.
- d) As ponderações do iminente cientista, insertas em sua tese de pós-doutorado, nada têm de polêmicas.
- e) O acusado quer adivinhar o que alguns delatores dirão acerca de sua atuação à frente do governo, pois crê que essa seja a estratégia para eles auferirem credibilidade perante as autoridades policiais.

34) INÉDITA

Compare os dois trechos que seguem:

I – O diretor da multinacional está estudando demitir os funcionários do departamento fabril que não **mantém** produtividade satisfatória.

II – O diretor da multinacional está estudando demitir os funcionários do departamento fabril que não **mantêm** produtividade satisfatória.

Suponha que um funcionário tenha uma produtividade considerada satisfatória, porém trabalha em um departamento cuja produtividade total está aquém do esperado. Com base nas duas versões apresentadas, pode-se afirmar que é de se esperar que ele:

- a) se preocupe bastante com a situação I, uma vez que, de acordo com a mensagem, o resultado negativo do departamento levará à demissão de todos os funcionários que lá trabalham.
- b) se preocupe bastante com a situação I, porém sem motivo, pois não há possibilidade alguma de ele ser demitido.
- c) não deve ter preocupações, pois ambas as possibilidades lhe são favoráveis.
- d) deve se preocupar com II, uma vez que a demissão atingirá todos os funcionários.
- e) não deve se preocupar com I, pois, de acordo com a mensagem, dificilmente alguém será demitido, mesmo em departamentos com baixa produtividade.

35) INÉDITA

Com relação aos ditongos ÉI/ÓI, o Novo Acordo Ortográfico retirou o acento gráfico do seguinte par de palavras:

- a) pastéis/caracóis;
- b) paranóico/odisséia;
- c) Méier/heróico;
- d) destrói/jóia;
- e) fiéis/centopéia.

Lista de Questões

Leia o texto para responder às questões 01 e 02 .

Nos anos 30, milhões de americanos foram atingidos pelos efeitos calamitosos da Grande Depressão — e não foi diferente com Napoleon Hill (1883-1970). Empreendedor que saltava de galho em galho, e naquela altura tentava a sorte como escritor, ele sobrevivia do socorro financeiro da família da esposa — isso, até o divórcio arrastá-lo ao fundo do poço. Mas Hill encontrou uma forma de dar a volta por cima: se ele não podia lutar contra a ruína econômica, por que não lucrar com ela? Com base em seu próprio desalento, escreveu o que viria a ser seu maior sucesso, *Quem Pensa Enriquece* (1937). Hoje com 120 milhões de cópias vendidas, a obra foi pioneira em explorar uma premissa básica do aconselhamento motivacional: com determinação e pensamentos positivos, qualquer um pode vencer na vida.

Que a literatura de Hill tenha conservado seu apelo ao longo das décadas não chega a ser surpresa. Ele foi, afinal, um dos inventores da autoajuda moderna. Não deixa de ser uma ironia, contudo, seu súbito empoderamento no Brasil da pandemia, da crise econômica e da polarização tóxica. *Mais Esperto que o Diabo*, livro que o americano fez em 1938 e ganhou edição no Brasil em 2014, atropelou o mercado editorial no ano passado. Isso mesmo: a obra de autoajuda dos anos 30 foi o livro mais vendido do país em 2020, com 234000 cópias comercializadas.

A ascensão do título coroou um movimento que se delineava desde 2019, quando o líder do ranking foi *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas* (1936), de Dale Carnegie (1888-1955) — outro autor que fez fama à sombra da Grande Depressão. “Vivemos um período de medo, o que aumentou a busca por livros de superação”, diz o editor Marcial Conte Jr. Inebriado pela obra de Hill, Conte Jr. largou o ramo farmacêutico para se dedicar ao editorial e, junto de outros empresários, criou a Citadel, casa de *Mais Esperto que o Diabo*.

Hill escreveu a obra em 1938, na esteira de *Quem Pensa Enriquece*. O livro, contudo, foi engavetado por veto de dona Annie Lou, última das cinco esposas do autor, por questões religiosas. Além da menção ao dito-cujo no título, o manual é todo construído em torno de uma fictícia entrevista entre o autor e o diabo — que exige ser chamado de “Sua Majestade”. Hill usa a metáfora demoníaca para denunciar os pensamentos negativos como fonte insidiosa de toda infelicidade. Essa pérola só seria publicada pela primeira vez nos Estados Unidos em 2011.

(Raquel Carneiro, O pai da autoajuda. Veja, 27-01-2021)

1. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

É correto afirmar que o texto, de natureza

- a) científica, tem caráter explicativo e emprega expressões em sentido figurado, tais como “lutar contra a ruína econômica” e “sobrevivia do socorro financeiro da família da esposa”
- b) polêmica, tem caráter argumentativo e emprega expressões em sentido próprio, tais como “premissa básica do aconselhamento motivacional” e “Essa pérola só seria publicada pela primeira vez nos Estados Unidos em 2011.”
- c) jornalística, tem caráter informativo e emprega expressões em sentido figurado, tais como “saltava de galho em galho” e “dar a volta por cima”.
- d) religiosa, tem caráter doutrinador e emprega expressões em sentido figurado, tais como “foi engavetado por veto de dona Annie Lou” e “uma fictícia entrevista entre o autor e o diabo”.
- e) opinativa, tem caráter educativo e emprega expressões em sentido próprio, tais como “autor que fez fama à sombra da Grande Depressão” e “atropelou o mercado editorial”.

2. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

Tratando de um livro escrito em 1938, a matéria de Veja destaca

- a) o empreendimento editorial mais bem sucedido de 2020 e sua relação com os insucessos do mercado livreiro.
- b) a relação entre a obra de Dale Carnegie e os eventos que antecederam a Grande Depressão nos Estados Unidos.
- c) o sucesso editorial, nos dias atuais, de Quem Pensa Enriquece, graças à reedição pela Citadel.
- d) a necessidade de superar obstáculos nos momentos de dificuldade e a falta de obras de autoajuda no Brasil.
- e) a reapropriação, hoje, de um tema que desperta interesse por estar associado a períodos de crise.

Leia a tira e responda à questão 03



3. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

Tendo em vista a fala de Armandinho, é correto afirmar que o efeito de sentido da tira consiste em

- a) corroborar a visão preconceituosa acerca das responsabilidades femininas de cuidar dos filhos.
- b) corroborar o senso comum segundo o qual há brinquedos que são, na prática, exclusividade de meninas
- c) tecer uma crítica implícita ao estereótipo que considera que cuidar dos filhos é tarefa feminina.
- d) tecer uma crítica explícita ao comportamento infantil de levar boneca a passear, como se fosse um bebê.
- e) tecer um comentário pertinente acerca de certos hábitos infantis que devem ser vigiados pelos pais.

Leia o texto, para responder às questões 04 e 05.

É conceito da moda. Usam em encontros motivadores. Na Física, é a volta à forma original após uma deformação. O termo se origina da capacidade de ricochetear, de saltar novamente. Por extensão, usamos para falar de quem sofre pressão e consegue manter seus objetivos.

Uma pessoa resiliente ideal teria três camadas. Na primeira, suporta: recebe o golpe sem desabar. Ouve a crítica e não “desaba”, vive a frustração sem descontrole, experiencia a dor e continua de pé. A primeira etapa da resiliência é administrar o golpe, o revés, o erro, a decepção. O tipo ideal que estamos tratando sabe a extensão da dor, mas se considera (ou é de fato) mais forte do que as ondas das adversidades.

O segundo estágio é a recuperação/aprendizagem. Combinam-se os dois conceitos. Sinto o golpe, não desmonto (fase um) e ainda recupero a posição anterior ao golpe com o acréscimo de algo novo. Toda dor contém sua lição. Ninguém duvida disso. O resiliente consegue aprender com o golpe sentido.

O terceiro momento do modelo perfeito é a resignificação da estratégia e da consciência a partir do aprendizado. O tipo aqui descrito nunca se vitimiza, mesmo se for a vítima. Não existe lamúria ou sofrimento para o mundo. A dor existe, foi sentida, houve reação com aprendizado e dele surgiu um novo ser, mais forte e mais sábio.

É bom descrever tipos perfeitos. Quase sempre são inexistentes. São como a biografia de santos medievais: sem falha, diamantes sem jaça; modelos e, como tal, inatingíveis. Existe um propósito didático de mostrar a perfeição para nós que chafurdamos no lodo da existência banal. Todos temos graus variados de resiliência diante da vida. Ninguém é o tipo ideal. Uma coisa não invalida a outra.

Como narrativa de santos, o modelo perfeito serve como para indicar o ponto no qual não me encontro, porém devo reagir para almejá-lo. Sempre é bom ser resiliente e todos os palestrantes e livros têm razão: sem resiliência em algum grau, épico ou homeopático, é impossível enfrentar o mundo.

O conto extraordinário de Kafka, Um Artista da Fome, fala de um homem com extrema resiliência para aguentar jejuns prolongados. Era um herói! Ao final, emitiu a verdade surpreendente. Ele não era um homem de vontade férrea, apenas nunca havia encontrado um prato que... o seduzisse realmente. Seu paladar nunca fora tentado. Creio ser a receita geral da resiliência: a serenidade diante das coisas que, na verdade, não nos atingiram. Esperança ajuda sempre.

(Leandro Karnal. Os heróis da resiliência. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br>. Acesso em 20.01.2021. Adaptado)

4. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

No último parágrafo, o episódio do conto de Kafka é usado pelo autor como

- a) exemplo das qualidades do homem resiliente, capaz de não se deixar abater diante da fome.
- b) modelo de comportamento a ser adotado ante as dificuldades que se interpõem no caminho.
- c) relato motivador para o leitor, incitando-o a buscar forças para vencer as tentações a que é submetido.
- d) interpretação do conceito da Física quando aplicado a situações concretas, independentemente de idealizações.
- e) ilustração bem-humorada, para expressar ponto de vista que desconstrói o tipo resiliente ideal.

5. VUNESP – Soldado – PM SP/2021

É correto afirmar que, no texto, a descrição da pessoa resiliente

- a) cria a imagem de um ser que atingiu a perfeição, graças à dedicação aos ensinamentos de livros e palestras.
- b) retrata um ser em desenvolvimento, que deve vencer as resistências que ele próprio se impôs.
- c) projeta um tipo idealizado, dotado de qualidades a serem buscadas no enfrentamento da realidade.
- d) representa o que cada um de nós é na realidade, apesar da impossibilidade de lutar para vencer as adversidades.
- e) simboliza todos os que querem abandonar uma vida banal para dedicar-se a vencer na vida.

Texto para as questões 06 a 07

Será uma boa ideia ter armas que definem seus alvos e disparam os gatilhos automaticamente? Um robô capaz de selecionar contratados em uma empresa seria confiável? Como garantir que a tecnologia faça bem ao ser humano? Essas são algumas perguntas presentes no debate ético em torno da IA (inteligência artificial). O crescimento da área é acelerado e muitas vezes incorre em aplicações questionáveis.

Diversos países correm para dominar a tecnologia visando benefícios comerciais e militares. Para isso, criam políticas nacionais a fim de fomentar a pesquisa e a criação de empresas especializadas na área. EUA, China e União Europeia são destaques nesse mundo.

O caso chinês é o mais emblemático, com startups sendo incentivadas a desenvolver sistemas sofisticados de reconhecimento facial. O governo usa a tecnologia para rastrear algumas minorias, como os uigures, população majoritariamente muçulmana. Câmeras nas ruas e aplicativos nos celulares monitoram os passos dos cidadãos. A justificativa chinesa é pautada na segurança nacional: o objetivo é coibir ataques extremistas. O sistema de vigilância já foi vendido a governos na África, como o do Zimbábue.

A discussão sobre ética no ocidente tenta impor limites à inteligência artificial para tentar impedir que a coisa fuja do controle. Outras ferramentas poderosas já precisaram do mesmo tratamento. A bioética, que ajuda a estabelecer as regras para pesquisas em áreas como a genética, é frequentemente citada como exemplo a ser seguido. Uma boa forma de lidar com os riscos de grandes avanços sem impedir o progresso da ciência é por meio de consensos de especialistas, em congressos. Eles podem suspender alguma atividade no mundo todo por um período determinado – uma moratória – para retomar a discussão no futuro, com a tecnologia mais avançada.

Essa ideia de pé no freio aparece na inteligência artificial. Um rascunho de documento da União Europeia obtido pelo site “Político”, em janeiro, mostra que o grupo considera banir o reconhecimento facial em áreas públicas por um período de três a cinco anos. Nesse tempo, regras mais robustas devem ser criadas.

(Raphael Hernandez. Inteligência artificial enfrenta questões éticas para ter evolução responsável. Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br>. Acesso em: 25.02.2020. Adaptado)

6. VUNESP – Analista de Redes (TJM SP)/2021

No conjunto de argumentos do texto, as referências às aplicações da IA na China são apresentadas como

- a) dados objetivos que explicam a importância da IA para o progresso das nações.
- b) ações do poder público para garantir a liberdade de ir e vir dos cidadãos.
- c) exemplos que justificam a necessidade de debates éticos sobre essa tecnologia.
- d) medidas efetivas de relações comerciais entre os países por meio da IA.
- e) casos bem-sucedidos de integração de ações, para debates em congressos.

7. VUNESP – Analista de Redes (TJM SP)/2021

A associação, no texto, entre o uso da IA e a bioética está fundamentada na ideia de

- a) expansão de pesquisas, na expectativa de novas aplicações.
- b) troca de experiências, com perspectiva de compartilhamento de dados.
- c) limitação de controle estatal, garantindo a independência da pesquisa.
- d) verificação das bases científicas da IA, como medida de segurança.
- e) restrição de atividades, com objetivo de revisão e regramento.

Texto para as questões 08 a 09**Redes antissociais**

Para além do hábito, as redes sociais se transformaram em paixão. Toda paixão nos torna cegos, incapazes de ver o que nos cerca com bom senso, para não dizer lógica e racionalidade. Nesse momento de nossa experiência com as redes sociais, convém prestar atenção no seu caráter antissocial e psicopatológico. Ele é cada vez mais evidente.

O que estava escondido, aquilo que ficava oculto nas microrrelações, no âmbito das casas e das famílias, digamos que a neurose particular de cada um, tornou-se público. O termo neurose tem um caráter genérico e serve para apontar algum sofrimento psíquico. Há níveis de sofrimento e suportabilidade por parte das pessoas. Buscar apoio psicológico para amenizar neuroses faz parte do histórico de todas as linhagens da medicina ao longo do tempo. Ela encontra nas redes sociais o seu lugar, pois toda neurose é um distúrbio que envolve algum aspecto relacional. As nossas neuroses têm, inevitavelmente, relação com o que somos em relação a outros. Assim como é o outro que nos perturba na neurose, é também ele que pode nos curar. Contudo, há muita neurose não tratada e ela também procura seu lugar.

A rede social poderia ter se tornado um lugar terapêutico para acolher as neuroses? Nesse sentido, poderia ser um lugar de apoio, um lugar que trouxesse alento e desenvolvimento emocional? Nas redes sociais, trata-se de convívios em grupo. Poderíamos pensar nelas no sentido potencial de terapias de grupo que fizessem bem a quem delas participa; no entanto, as redes sociais parecem mais favorecer uma espécie de “enlouquecimento coletivo”. Nesse sentido, o caráter antissocial das redes precisa ser analisado.

(Cult, junho de 2019)

Leia a charge.



(Chargista Lute. <https://www.hojeemdia.com.br>)

8. VUNESP – Agente Fiscal de Tributário (Prefeitura de Campinas)/2019

A partir da leitura do texto e da charge, é correto afirmar que

- a) as pessoas têm buscado apoio psicológico nas redes sociais.
- b) as relações pessoais e familiares se fortalecem nas redes sociais.
- c) as redes sociais têm promovido certo enlouquecimento coletivo.
- d) as redes sociais são lugares terapêuticos para acolher as neuroses.
- e) as pessoas vivem confusas e desagregadas sem as redes sociais.

9. VUNESP – Agente Fiscal de Tributário (Prefeitura de Campinas)/2019

De acordo com o texto, a experiência vivida com as redes sociais permite que

- a) as pessoas as usem com cautela, uma vez que é de conhecimento geral o mal que elas podem causar.
- b) as contradições de personalidade humana se evidenciem, já que não existe forma de tratar as neuroses.
- c) as muitas linhagens da medicina encontrem nelas uma forma de amenizar os conflitos humanos familiares.

- d) as neuroses sejam tratadas cada vez mais de forma eficiente no meio digital, graças ao aspecto relacional.
 - e) as neuroses nelas se instalem, manifestando o que ficava escondido no âmbito das relações em geral.
-

10. VUNESP – Inspetor Fiscal de Tributário (Prefeitura de Guarulhos)/2019

A arte mostra-se presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. Sem dúvida, ela pode ser considerada como sendo uma necessidade de expressão do ser humano, surgindo como fruto da relação homem/mundo. Por meio da arte a humanidade expressa suas necessidades, crenças, desejos, sonhos. Todos têm uma história, que pode ser individual ou coletiva. As representações artísticas nos oferecem elementos que facilitam a compreensão da história dos povos em cada período.

(Rosane K. Biesdorf e Marli F. Wandscheer. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. Itinerarius reflectionis.)

De acordo com o texto, a arte caracteriza-se como

- a) a maneira de o homem fugir à realidade refugiando-se em um passado glorioso.
 - b) um documento de produção coletiva com o fim de registrar objetivamente a história.
 - c) um meio de expressão que revela como o homem vive ao longo da história.
 - d) uma linguagem universal, que anula as diferenças entre os povos de cada período.
 - e) o principal modo de uma geração acessar registros históricos da geração que a antecede.
-

11.VUNESP – Inspetor Fiscal de Tributário (Prefeitura de Guarulhos)/2019



(Charles M. Schulz. Minduim. O Estado de S. Paulo, 29.03.2018.

<http://cultura.estadao.com.br>)

Considerando a organização do conteúdo nos balões de cada quadrinho, pode-se afirmar que no segundo, no terceiro e no quarto quadrinhos são expressos, respectivamente,

a) um projeto, uma reprovação e uma reclamação.

- b) uma indagação, uma recordação e um gracejo.
- c) um ideal, um alerta e um lamento.
- d) um desejo, uma retificação e uma crítica.
- e) uma constatação, uma recomendação e um deboche.

12. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

A destruição da humanidade por uma guerra nuclear está prestes a ser detonada por uma “pirraça impulsiva”, alertou neste domingo [10.12.2017] a Campanha Internacional para Abolir Armas Nucleares (Ican), vencedora do Nobel da Paz deste ano.

“Será o fim das armas nucleares ou será o nosso fim?”, afirmou a líder da Ican, Beatrice Fihn, em discurso ao receber o prêmio, em Oslo, na Noruega.

Também discursou em Oslo Setsuko Thurlow, 85, sobrevivente do ataque atômico de Hiroshima, em 1945 no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial. Hoje ela é ativista da Ican.

Ela foi resgatada dos escombros de um prédio a 1,8 km do epicentro da bomba. A maioria de seus colegas morreu queimada viva.

(Mundo. Folha de S.Paulo, 10.12.2017. Adaptado)

No contexto da premiação, a presença de Setsuko Thurlow justifica

- a) o ativismo a favor do armamento nuclear, uma vez que um país não deve ficar desprotegido de seus principais inimigos.
- b) o apoio à Campanha Internacional para Abolir Armas Nucleares, cuja atenção se volta para os sobreviventes da Segunda Guerra.
- c) a preocupação das pessoas com a possibilidade de um conflito nuclear, cuja consequência pode ser o fim da humanidade.
- d) a certeza da humanidade de que, em determinados momentos históricos, a destruição serve para conscientização acerca do poder.
- e) o desconhecimento por grande parte da população mundial em relação à vida em Hiroshima após o ataque atômico de 1945.

Texto para as questões 13 e 14

Ensino com diretriz

Está quase pronto o documento que definirá o padrão nacional para o que crianças e jovens devem aprender até o 9º ano do ensino fundamental. Trata-se da quarta versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Caso aprovada até janeiro, a diretriz deve começar a ser implementada nos próximos dois anos.

A BNCC define conteúdos a serem estudados e competências e habilidades que os alunos devem demonstrar a cada passo da vida escolar. Soa como obviedade, mas não existe norma válida em todo o país que estabeleça de modo

preciso a progressão do ensino e o que se deve esperar como resultado.

Note-se ainda que a base curricular não especifica como alcançar seus objetivos – isso será papel dos currículos a serem elaborados por estados e municípios, que podem fazer acréscimos conforme necessidades regionais.

A existência de um padrão pode permitir a correção de desigualdades do aprendizado e avaliações melhores. A partir de um limiar mediano de clareza, inteligência pedagógica e pragmatismo, qualquer modelo é melhor do que nenhum. Nesse aspecto, a nova versão da BNCC está perto de merecer nota de aprovação.

O programa ainda se mostra extenso em demasia, não muito diferente do que se viu nas escolas das últimas décadas, quando raramente foi cumprido. O excesso de assuntos dificulta abordagens mais aprofundadas e criativas.

A BNCC lembra a Constituição de 1988. Detalhista, arrojada e generosa, mas de difícil aplicação imediata e integral. É indiscutível, de todo modo, a urgência de pôr em prática esse plano que pode oferecer educação decente e igualitária às crianças.

(Editorial. Folha de S.Paulo, 10.12.2017. Adaptado)

13. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

No editorial, fica claro que

- a) a aprovação da BNCC é importante, considerando-se que não existe, em nível nacional, norma válida que define a progressão do ensino e os resultados que dele devem ser esperados.
- b) o papel da BNCC a ser aprovada é questionável, uma vez que a ação maior ficará com estados e municípios na elaboração de seus currículos.
- c) a organização da BNCC corresponde a um programa cuja extensão permitirá sua execução, garantindo abordagens mais aprofundadas e criativas.
- d) a validade da BNCC é relevante, considerando-se que se trata de um documento que não especifica como alcançar os objetivos em relação à progressão de ensino.
- e) o impacto da BNCC será a longo prazo, considerando-se que ela trata de questão educacional sobejamente discutida, cuja aplicação educacional não é de caráter de urgência.

14. VUNESP - Analista de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

De acordo com o editorial, a implementação da BNCC

- a) pode comprometer a qualidade da educação, com o excesso de assuntos nela previstos.
- b) fortalece uma ação cidadã, com o objetivo de ofertar educação decente e igualitária às crianças.
- c) merece ser aprovada, com a convicção de que é melhor ter essa base do que nenhuma.
- d) ameaça a qualidade do ensino, com base na ideia de que raramente será cumprida.
- e) recupera a esperança de uma educação de qualidade, com sua semelhança à Constituição.

Texto paras as questões 15 a 16

O crescimento dos robôs colaborativos é a parte mais visível de uma transição que vem ocorrendo no mercado de trabalho no mundo todo. A mecanização das linhas de montagem e a automação de tarefas antes feitas por humanos vêm se acelerando nas empresas. A cada ano, mais 240 000 robôs industriais são vendidos no mundo e esse número tem crescido a uma taxa média de 16% ao ano desde 2010, puxado principalmente pela China. Atividades rotineiras nas fábricas, como instalar uma peça, hoje podem ser feitas usando máquinas como os braços robóticos de baixo custo. Com o advento de novas tecnologias, como a inteligência artificial, os carros autônomos e a análise de grandes volumes de dados (o chamado big data), a expectativa é que as máquinas e os computadores passem a substituir outras tarefas que hoje só podem ser realizadas por pessoas. Já existem algoritmos que fazem a seleção de candidatos a vagas de emprego no recrutamento de empresas e também carrinhos autônomos que transportam produtos dentro de uma central de distribuição. Muito mais está por vir.

Diante desse cenário, muitos especialistas vêm se perguntando se o rápido avanço da tecnologia chegará a tal ponto que tornará boa parte do trabalho obsoleta. Para os economistas, o que determina se uma profissão tende a ser substituída por um robô ou um software não é se o trabalho é manual, mas se as tarefas executadas pelas pessoas são repetitivas. Um famoso estudo publicado em 2013 por pesquisadores da Universidade de Oxford, no Reino Unido, analisou 702 profissões nos Estados Unidos e o risco de elas serem trocadas por computadores e algoritmos nos próximos dez ou 20 anos. O resultado é alarmante. Quase metade dos empregos dos Estados Unidos está ameaçada, segundo os pesquisadores.

(Exame, 02.08.2017)

15.VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

O objetivo do texto é discutir

- a) a dificuldade enfrentada pelos robôs colaborativos para ocupar postos de trabalho.
- b) a mecanização das linhas de montagem na China e seus reflexos pelo mundo.
- c) a redução das profissões nos Estados Unidos após o advento das novas tecnologias.
- d) a acelerada substituição do trabalho humano pelo uso de robôs e softwares.
- e) a relutância das empresas para a utilização de robôs colaborativos rotineiramente.

16. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

O estudo da Universidade de Oxford revela que

- a) os computadores e algoritmos encontram dificuldades para substituir os humanos nas tarefas executadas manualmente.
- b) as profissões que se baseiam em tarefas repetitivas tenderão a ser realizadas pelos computadores e algoritmos.
- c) as relações de trabalho, no futuro, terão influência das tecnologias, mas poucas pessoas serão substituídas pelas máquinas.
- d) os Estados Unidos têm incentivado a substituição do trabalho manual pelos realizados por computadores.
- e) os softwares e algoritmos perderam espaço no mercado de trabalho, por causa da ênfase dada ao trabalho manual.

17. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018



(Folha de S.Paulo, 30.11.2017)

No plano verbal, o efeito de humor da tira vem do emprego da

- a) palavra "medo", que se mostra aparentemente incoerente no contexto.
- b) pergunta, com que a menina atenua o sentimento de medo do rato.
- c) frase "Não sei!", gerando ambiguidade no segundo quadrinho.
- d) palavra "Ele", que não tem um referente explícito anteriormente.
- e) palavra "desconhecido", cujo sentido se modifica entre os quadrinhos.

Texto para as questões 18 e 19**Para se alfabetizar de verdade, Brasil deve se livrar de algumas ideias tortas**

Meses atrás, quando falei aqui do livro de Zinsser, um leitor deixou o seguinte comentário: “É de uma pretensão sem tamanho, a vaidade elevada ao maior grau, o sujeito se meter a querer ensinar os outros a escrever”.

Pois é. Muita gente acredita que, ao contrário de todas as demais atividades humanas, da música à mecânica de automóveis, do macramê à bocha, a escrita não pode ser ensinada.

Por quê? Porque é especial demais, elevada demais, dizem alguns. É o caso do leitor citado, que completou seu comentário com esta pérola: “Saber escrever é uma questão de talento, quem não tem, não vai nunca aprender...”

Há os que chegam à mesma conclusão pelo lado oposto, a ilusão de que toda pessoa alfabetizada domina a escrita, e o resto é joguinho de poder espúrio.

Talento literário é raro mesmo, mas não se trata disso. Também não estamos falando só de correção gramatical e ortográfica, aspecto que será cada vez mais delegado à inteligência artificial.

Estamos falando de pensamento. Escrever com clareza e precisão, sem matar o leitor de confusão ou tédio, é uma riqueza que deve ser distribuída de forma igualitária por qualquer sociedade que se pretenda civilizada e justa.

(Sérgio Rodrigues. Folha de S.Paulo, 07.12.2017)

18. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

De acordo com as informações do texto, conclui-se corretamente que uma ideia torta é acreditar que

- a) existem técnicas que melhoram a escrita.
- b) ter talento é um fato raro realmente.
- c) escrever com clareza e precisão é uma riqueza.
- d) saber escrever é uma questão de talento.
- e) escrever é um direito numa sociedade justa.

19. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

Ao levar para seu texto os comentários do leitor, o autor pretende

- a) apresentar uma opinião da qual discorda radicalmente, já que ele defende que a escrita pode ser ensinada.
- b) fundamentar a sua argumentação a favor da inspiração para escrever, o que encontra eco nesses comentários.
- c) buscar um caminho alternativo para o modo como as pessoas escrevem, marcadamente confuso e enfadonho.
- d) tratar de novas nuances da boa escrita, que ele acredita estar sob responsabilidade da inteligência artificial.
- e) mostrar que o que interessa de fato na produção escrita é o atendimento à correção ortográfica e gramatical.

20. VUNESP - Assistente de Gestão Municipal (IPSM SJC)/2018

Leia a tira.



(Alexandre Beck. Armandinho. <http://tinyurl.com/yd9qyey7>)

Armandinho atribui ao vocábulo **responsável** o sentido de

- a) adulto.
- b) aplicado.
- c) culpado.
- d) obediente.
- e) prudente.

Texto para as questões 21 e 23

“Quando eu tinha mais ou menos uma semana de idade, eu me lembro de estar enrolada em um cobertor rosa de algodão”, conta Rebecca Sharrock. Considerando que a memória da maioria das pessoas não é capaz de gravar acontecimentos anteriores aos quatro anos de idade, **pode ser fácil pensar que a descrição de Sharrock seja um sonho nostálgico em vez de uma memória real.** Mas a mulher australiana de 27 anos não tem uma memória comum – ela foi diagnosticada com uma síndrome rara chamada “Memória Autobiográfica Altamente Superior”, ou HSAM na sigla em inglês, também conhecida como Síndrome da Supermemória. **Essa condição neurológica única significa que Sharrock consegue se lembrar de absolutamente tudo que ela fez em qualquer data.**

Pessoas com essa síndrome podem se lembrar instantaneamente e sem esforço algum de qualquer coisa que fizeram, o que vestiram ou onde estavam em qualquer momento da vida. Elas podem se lembrar de notícias e acontecimentos pessoais com tantos detalhes e com uma exatidão tão perfeita que são comparáveis a uma gravação.

Por que algumas pessoas nascem com a supermemória? **As pesquisas ainda estão em andamento, já que existem poucos indivíduos com a síndrome no mundo, e a área ainda é relativamente nova.** Mas alguns estudos indicam que o lobo temporal (que ajuda no processamento de memória.) é maior nos cérebros das pessoas com HSAM.

Ter uma supermemória significa que as memórias são gravadas em detalhes vívidos, o que é fascinante em termos científicos, mas pode ser uma praga para quem tem a síndrome. Algumas pessoas com HSAM dizem que suas memórias são muito organizadas, mas Sharrock descreve seu cérebro como “entupido” e diz que reviver memórias lhe dá dor de cabeça e insônia. Apesar disso, **ela aprendeu a tentar usar memórias positivas para superar as negativas:**

“No começo de todo mês, eu escolho todas as melhores memórias que tive naquele mês em outros anos”. **Reviver acontecimentos positivos facilita na hora de lidar com as “memórias invasivas” que a fazem se sentir mal.**

(Sarah Keating, BBC. 17.11.2017. www.bbc.com. Adaptado)

21. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Um esclarecimento do que seja a Síndrome da Supermemória está expresso na seguinte passagem:

- a) ... pode ser fácil pensar que a descrição de Sharrock seja um sonho nostálgico em vez de uma memória real.
- b) Essa condição neurológica única significa que Sharrock consegue se lembrar de absolutamente tudo que ela fez em qualquer data.
- c) As pesquisas ainda estão em andamento, já que existem poucos indivíduos com a síndrome no mundo, e a área ainda é relativamente nova.
- d) ... ela aprendeu a tentar usar memórias positivas para superar as negativas...
- e) Reviver acontecimentos positivos facilita na hora de lidar com as “memórias invasivas” que a fazem se sentir mal.

22. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

De acordo com o terceiro parágrafo, os estudos acerca da supermemória

- a) ainda não avaliaram fisicamente o cérebro de pessoas com HSAM.
- b) confirmam que o crescimento anormal do lobo temporal leva à síndrome.
- c) rejeitam a hipótese de que esteja relacionada ao tamanho do cérebro.
- d) não permitem fazer afirmações conclusivas acerca de suas causas.
- e) não avançaram porque as pessoas com a síndrome são muito reservadas.

23. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

A partir do último parágrafo, conclui-se que Sharrock

- a) tem mais facilidade em se lembrar de memórias recentes.
- b) apaga as más memórias concentrando-se nas boas.
- c) gosta de se envolver em experimentos científicos.
- d) não é capaz de selecionar o que vai lembrar.
- e) não tem total controle sobre suas memórias.

Texto para as questões 24 e 25

Ei, você aí. Se fosse possível apagar da sua memória o que lhe causa dor, você apagaria? Seria perfeito, pois **manteríamos tudo de bom e esqueceríamos completamente o ruim**. Mas não, não seria perfeito. E sabe por quê? Porque **precisamos das perdas** para valorizar os ganhos, **o bom precisa do ruim** para ser compreendido e vice-versa. Simples assim. Só que geralmente **nos agarramos às derrotas e não enxergamos as conquistas**. Escondemos as **recordações bonitas** lá no fundo da gaveta, enquanto carregamos as mágoas agarradas pela mão, para cima e para baixo.

É possível, sim, **seguir adiante sem tanta culpa** pelo erro e sem o medo de falhar novamente, a partir do momento em que entendemos que **as quedas são necessárias** para que nos tornemos pessoas mais completas, aptas a resolver problemas e encontrar saídas. Então, passamos a enxergar a dor como **um mal necessário**. Inclusive, é ela que, muitas vezes, nos tira da inércia e nos impulsiona a reagir.

Usemos as decepções a nosso favor para que nos tornemos grandiosos diante da vida, aptos a receber o que nos mandam e transformar tudo o que vier em aprendizado. É impossível esquecer as tristezas, mas que elas não sejam lembradas a todo instante.

24. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Na opinião da autora, as experiências negativas devem ser compreendidas como fonte de aprendizado,

- a) mas infelizmente as pessoas as esquecem com facilidade.
- b) por isso mesmo precisam ser cultuadas com regularidade.
- c) porém não devem ser constantemente evocadas.
- d) portanto deveriam ser frequentemente estimuladas.
- e) embora sejam menos eficazes que as experiências positivas.

25. VUNESP - Oficial de Atendimento e Administração (CM 2 Córregos)/2018

Duas construções que, no texto, expressam a mesma ideia estão em:

- a) ... esqueceríamos completamente o ruim... ... o bom precisa do ruim...
- b) ... manteríamos tudo de bom... ... não enxergamos as conquistas.
- c) ... recordações bonitas... ... um mal necessário.
- d) ... nos agarramos às derrotas... ... seguir adiante sem tanta culpa...
- e) ... precisamos das perdas... ... as quedas são necessárias...

26. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018



(André Dahmer. <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/cartum/cartunsdiarios/#27/10/2017>. 27.10.2017)

A leitura da tira permite concluir que

- a) os internautas têm sido cada vez mais cautelosos com relação ao teor das postagens nas redes sociais.
- b) as possíveis consequências das publicações em redes sociais deixaram de ser uma preocupação na atualidade.
- c) os internautas vêm recorrendo sistematicamente ao anonimato para fazer comentários considerados ofensivos.
- d) a disseminação do acesso às redes sociais, diferentemente do que se esperava, fez com que se perdesse o interesse por elas.

e) os comentários considerados agressivos vêm perdendo espaço na internet para mensagens que pregam tolerância e respeito.

Texto para as questões 27 e 28

Destruindo Riqueza

A economia cresce encontrando soluções, em geral tecnológicas, para reduzir ineficiências e, nesse processo, libera mão de obra.

Um exemplo esclarecedor é o do emprego agrícola nos EUA. Até 1800, a produção de alimentos exigia o trabalho de 95% da população do país. Em 1900, a geração de comida para uma população já bem maior mobilizava 40% da força de trabalho e, hoje, essa proporção mal chega a 3%. Quem abandonou a roça foi para cidades, integrando a força de trabalho da indústria e dos serviços.

Esse processo pode ser cruel para com indivíduos que ficam sem emprego e não conseguem se reciclar, mas é dele que a sociedade extrai sua prosperidade. É o velho fazer mais com menos.

A internet, com sua incrível capacidade de conectar pessoas, abriu novos veios de ineficiências a eliminar. Se você tem um carro e não é chofer de praça nem caixeiro viajante, ele passa a maior parte do dia parado, o que é uma ineficiência. Se você tem um imóvel vago ou mesmo um dormitório que ninguém usa, está sendo improdutivo. O mesmo vale para outros apetrechos que você possa ter, mas são subutilizados. Os aplicativos de compartilhamento, ao ligar de forma instantânea demandantes a ofertantes, permitem à sociedade fazer muito mais com aquilo que já foi produzido (carros, prédios, tempo disponível etc.), que é outro jeito de dizer que ela fica mais rica.

É claro que isso só dá certo se não forem criadas regulações desnecessárias que embaracem os acertos voluntários entre as partes. A burocratização da oferta de serviços de aplicativos torna-os indistinguíveis. Dá para descrever isso como a destruição de riqueza.

(Hélio Schwartsman. Folha de S.Paulo. 31.10.2017. Adaptado)

27.VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

Conforme o texto, as soluções encontradas pela economia, em geral tecnológicas, para reduzir ineficiências

- a) são socialmente condenáveis, na medida em que a produção de riquezas passa a depender menos de mão de obra, causando desemprego.
- b) constituem um retrocesso, já que prejudicam especialmente a força de trabalho que veio do campo, e que não está adaptada a tecnologias.
- c) não provocam grandes impactos, uma vez que a totalidade dos trabalhadores oriundos da agricultura e da indústria acabam sendo absorvidos.
- d) são muito positivas econômica e socialmente, pois exigem que os trabalhadores se reciclem e requerem grande volume de mão de obra especializada.
- e) podem ser danosas aos trabalhadores que, não conseguindo se adaptar a essa realidade, ficam sem emprego, mas necessárias para a prosperidade social.

28. VUNESP - Diretor (CM 2 Córregos)/2018

Conforme o autor do texto, a internet possibilitou

- a) a eliminação da ineficiência do trabalho no campo e na indústria, mas teve menos sucesso nos resultados do setor de serviços.
- b) ganhos econômicos com soluções tecnológicas que garantiram maior eficiência na produção de bens de consumo como automóveis.
- c) novas formas de produção, fornecendo soluções tecnológicas que tornaram os carros mais eficientes e os imóveis mais confortáveis.
- d) novas maneiras de gerar riqueza a partir de bens improdutivos ou subutilizados, por meio dos aplicativos de compartilhamento.
- e) a abolição de vagas de trabalho e em áreas específicas de prestação de serviços, arruinando a geração de riquezas e comprometendo economias.

Texto para as questões 29 a 30

Quem assiste a “Tempo de Amar” já reparou no português extremamente culto e correto que é falado pelos personagens da novela. Com frases que parecem retiradas de um romance antigo, mesmo nos momentos mais banais, os personagens se expressam de maneira correta e erudita.

Ao UOL, o autor da novela, Alcides Nogueira, diz que o linguajar de seus personagens é um ponto que leva a novela a se destacar. “Não tenho nada contra a linguagem coloquial, ao contrário. Acho que a língua deve ser viva e usada em sintonia com o nosso tempo. Mas colocar um português bastante culto torna a narrativa mais coerente com a época da trama. Fora isso, é uma oportunidade de o público conhecer um pouco mais dessa sintaxe poucas vezes usada atualmente”.

O escritor, que assina o texto da novela das 18h ao lado de Bia Corrêa do Lago, conta que a decisão de imprimir um português erudito à trama foi tomada por ele e apoiada pelo diretor artístico, Jayme Monjardim. Ele revela que toma diversos cuidados na hora de escrever o texto, utilizando, inclusive, o dicionário. “Muitas vezes é preciso recorrer às gramáticas. No início, o uso do coloquial era tentador. Aos poucos, a escrita foi ficando mais fácil”, afirma Nogueira, que também diz se inspirar em grandes escritores da literatura brasileira e portuguesa, como Machado de Assis e Eça de Queiroz.

Para o autor, escutar os personagens falando dessa forma ajuda o público a mergulhar na época da trama de modo profundo e agradável. Compartilhou-lhe o sentimento Jayme Monjardim, que também explica que a estética delicada da novela foi pensada para casar com o texto. “É uma novela que se passa no fim dos anos 1920, então tudo foi pensado para que o público entrasse junto com a gente nesse túnel do tempo. Acho que isso é importante para que o telespectador consiga se sentir em outra época”, diz.

(Guilherme Machado. UOL. <https://tvefamosos.uol.com.br>. 15.11.2017. Adaptado)

29. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

De acordo com o texto, entende-se que as formas linguísticas empregadas na novela

- a) constituem usos comuns na linguagem moderna, porém a maior parte das pessoas não os entende.
- b) estão associadas ao coloquial, o que dá mais vivacidade à linguagem e desperta o interesse do público.
- c) harmonizam-se com a linguagem dos dias atuais porque deixam de lado os usos corretos e formais.
- d) divergem dos usos linguísticos atuais, caracterizados pela adoção de formas mais coloquiais.
- e) correspondem a um linguajar que, apesar de ser antigo, continua em amplo uso na linguagem atual.

30. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

As informações textuais permitem afirmar corretamente que

- a) a harmonização entre a linguagem e a estética da novela contribui para que a caracterização de uma época seja mais bem entendida pelo público.
- b) a opção por escrever uma novela de época implica a transposição de elementos visuais e linguísticos para o tempo presente, modernizando-os.
- c) a linguagem coloquial atrai sobremaneira os autores de novelas, como é o caso de Alcides Nogueira, que desconhecia o emprego de formas eruditas.
- d) a linguagem erudita deixa de ser empregada na novela quando há necessidade de retratar os momentos mais banais vividos pelas personagens.
- e) a proximidade entre a literatura e as novelas exige que haja um senso estético aguçado em relação à linguagem, por isso essas artes primam pelo erudito.

31. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Leia o texto para responder à questão.

Se determinado efeito, lógico ou artístico, mais fortemente se obtém do emprego de um substantivo masculino apenso a substantivo feminino, não deve o autor hesitar em fazê-lo. Quis eu uma vez dar, em uma só frase, a ideia – pouco importa se vera ou falsa – de que Deus é simultaneamente o Criador e a Alma do mundo. Não encontrei melhor maneira de o fazer do que tornando transitivo o verbo “ser”; e assim dei à voz de Deus a frase:

– Ó universo, eu sou-te, em que o transitivo de criação se consubstancia com o intransitivo de identificação.

Outra vez, porém em conversa, querendo dar incisiva, e portanto concentradamente, a noção verbal de que certa senhora tinha um tipo de rapaz, empreguei a frase “aquela rapaz”, violando deliberadamente e justissimamente a lei fundamental da concordância.

A prosódia, já alguém o disse, não é mais que função do estilo.

A linguagem fez-se para que nos sirvamos dela, não para que a sirvamos a ela.

(Fernando Pessoa. A língua portuguesa, 1999. Adaptado)

No texto, o autor defende que

- a) a forma como muitas pessoas se comunicam cotidianamente tem deturpado a essência da língua, comprometendo-lhe a clareza.
- b) os discursos lógicos e artísticos, para serem mais coerentes, têm evitado as violações linguísticas a que poderiam recorrer.
- c) a transformação das formas de comunicação está restrita à linguagem oral, normalmente menos formal que a escrita.

- d) o estilo dos escritores rompe com a tradição da linguagem, o que implica que eles, cada vez mais, estão submissos a ela.
- e) a linguagem deve atender às necessidades comunicativas das pessoas, nem que para isso suas regras tenham de ser violadas.

Texto para as questões 32 a 36

Ai, Gramática. Ai, vida.

O que a gente deve aos professores!

Este pouco de gramática que eu sei, por exemplo, foram Dona Maria de Lourdes e Dona Nair Freitas que me ensinaram. E vocês querem coisa mais importante do que gramática? *La grammair qui sait régenter jusqu'aux rois* – dizia Molière: a gramática que sabe reger até os reis, e Montaigne: *La plus part des occasions des troubles du monde sont grammairiens* – a maior parte de confusão no mundo vem da gramática.

Há quem discorde. Oscar Wilde, por exemplo, dizia de George Moore: *escreveu excelente inglês, até que descobriu a gramática*. (A propósito, de onde é que eu tirei tantas citações? Simples: tenho em minha biblioteca três livros contendo exclusivamente citações. Para enfeitar uma crônica, não tem coisa melhor. Pena que os livros são em inglês. Aliás, inglês eu não aprendi na escola. Foi lendo as revistas MAD e outras que vocês podem imaginar).

Discordâncias à parte, gramática é um negócio importante e gramática se ensina na escola – mas quem, professoras, nos ensina a viver? Porque, como dizia o Irmão Lourenço, no *schola sed vita* – é preciso aprender não para a escola, mas para a vida.

Ora, dirão os professores, vida é gramática. De acordo. Vou até mais longe: vida é pontuação. A vida de uma pessoa é balizada por sinais ortográficos. Podemos acompanhar a vida de uma criatura, do nascimento ao túmulo, marcando as diferentes etapas por sinais de pontuação.

Infância: a permanente exclamação: Nasceu! É um menino! Que grande! E como chora! Claro, quem não chora não mama!

Me dá! É meu!

Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

Olha como o vovô está quietinho, mamãe!

Ele não se mexe, mamãe! Ele nem fala, mamãe!

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! Criança – não verás nenhum país como este!

Dá agora! Dá agora, se tu és homem! Dá agora, quero ver!

(Moacyr Scliar. Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar, 1996. Adaptado)

32. VUNESP - Escrivente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

No texto, o autor recorre a várias citações, com a finalidade de

- a) enfatizar as discrepâncias quanto à necessidade da gramática para a vida, concluindo que ela é inútil e só tem servido como atividade escolar.

- b) discutir a falta de necessidade do ensino de gramática, uma vez que seu domínio não implica necessariamente saber usar a língua de forma adequada.
 - c) questionar a fascinação que grandes personalidades têm em relação à gramática, a qual, na maioria das vezes, ultrapassa os limites do contexto escolar.
 - d) mostrar diferentes perspectivas em relação à gramática, concluindo que ela é relevante e que algumas de suas partes assemelham-se a fases da vida.
 - e) propor a obrigatoriedade do ensino da gramática dentro e fora da escola, possibilitando que as pessoas usem melhor a língua materna.
-

33. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Observe as passagens do texto:

O que a gente deve aos professores! (1º parágrafo)

... mas quem, professoras, nos ensina a viver? (4º parágrafo)

Observando-se o contexto em que ocorrem e a pontuação nelas presentes, conclui-se que as frases apontam, correta e respectivamente, para os seguintes sentidos:

- a) o narrador ironiza a educação e os ensinamentos de seus professores; o narrador sugere que a gramática não tem importância nenhuma na vida das pessoas.
 - b) o narrador sente que está em dívida com os professores, por tudo o que aprendeu; o narrador acredita que o papel da gramática no cotidiano é incompreendido.
 - c) o narrador questiona os ensinamentos gramaticais que recebeu dos professores; o narrador discorda da ideia de que a gramática seja a disciplina mais importante.
 - d) o narrador demonstra reconhecimento pelo que lhe foi ensinado pelos professores; o narrador questiona qual é o papel da gramática na vida cotidiana das pessoas.
 - e) o narrador expressa certo descontentamento com o que os professores lhe ensinaram; o narrador tem plena certeza de que a gramática transforma a vida das pessoas.
-

34. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Quando o autor diz que a vida é pontuação e associa a infância à exclamação, seu objetivo é mostrar que

- a) as crianças normalmente descobrem o mundo sem reagir aos acontecimentos que marcam essa etapa de seu desenvolvimento.
- b) o pleno encantamento marca esse período da vida, e as emoções tendem a mostrar-se com mais intensidade e espontaneidade.
- c) os adultos têm dificuldade para atender o encantamento das crianças pelas suas descobertas com o mundo que as circunda.
- d) os adultos tendem a ficar incomodados com a forma como as crianças vão descobrindo os segredos do mundo.

e) a percepção exagerada das crianças não tem como se justificar na relação que elas estabelecem com os adultos e o mundo.

35.VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

O que Oscar Wilde afirma acerca de George Moore – *escreveu excelente inglês, até que descobriu a gramática* – significa que

- a) o contato com a gramática ocasionou, na obra de George Moore, o comprometimento da qualidade de sua escrita.
- b) o fato de escrever com excelência em inglês não impediu George Moore de buscar linguagem mais contemporânea.
- c) a gramática agiu, na obra de George Moore, para acentuar sua tendência a uma escrita de alta qualidade técnica.
- d) George Moore passou a escrever em inglês popular somente depois que descobriu a riqueza da gramática.
- e) a descoberta da gramática por George Moore surpreendeu a todos, pelo padrão de excelência de sua obra.

36. VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP) /2018

Assinale a alternativa em que as frases da passagem "*Infância: a permanente exclamação*" expressam as vivências infantis relacionadas à possessividade e à escolarização, respectivamente.

- a) Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste! / Dá agora, quero ver!
- b) Claro, quem não chora não mama! / Olha como o vovô está quietinho, mamãe!
- c) Que grande! E como chora! / Ele nem fala, mamãe!
- d) Dá agora! Dá agora, se tu és homem! / Ele não se mexe, mamãe!
- e) Me dá! É meu! / Ovo! Uva! Ivo viu o ovo! Ivo viu a uva! O ovo viu a uva!

37.VUNESP - Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2018

Ei-lo agora, adolescente recluso em seu quarto, diante de um livro que não lê. Todos os seus desejos de estar longe erguem, entre ele e as páginas abertas, uma tela esverdeada que perturba as linhas. Ele está sentado diante da janela, a porta fechada às costas. Página 48. Ele não tem coragem de contar as horas passadas para chegar a essa quadragésima oitava página. O livro tem exatamente quatrocentas e quarenta e seis. Pode-se dizer 500 páginas! Se ao menos tivesse uns diálogos, vai. Mas não! Páginas completamente cheias de linhas apertadas entre margens minúsculas, negros parágrafos comprimidos uns sobre os outros e, aqui e acolá, a caridade de um diálogo – um travessão, como um oásis, que indica que um personagem fala a outro personagem. Mas o outro não responde. E segue-se um bloco de doze páginas! Doze páginas de tinta preta! Falta de ar! Ufa, que falta de ar! Ele xinga. Muitas desculpas, mas ele xinga. Página quarenta e oito... Se ao menos conseguisse lembrar do conteúdo dessas primeiras quarenta e oito páginas!

(Daniel Pennac. Como um romance, 1993. Adaptado)

O texto relata que

- a) o adolescente considera penosa a tarefa de ler um livro de 446 páginas.
- b) a história do livro desanima o adolescente, que pula páginas em busca de um diálogo.
- c) o livro cativa o adolescente, ansioso por terminar logo a leitura das quase 500 páginas.
- d) o xingamento do adolescente é inevitável, mas ele se arrepende e volta a ler o livro.
- e) a recordação do conteúdo do livro ameniza o sofrimento do adolescente com a leitura.

38. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018

Black Friday? Levantamento feito pela Folha* mostrou que boa parte dos “descontos” oferecidos nesta sexta-feira não passa de manipulações até meio infantis de preços, com o objetivo de iludir o consumidor.

Antes, porém, de imprecisar contra a ganância dos capitalistas, convém perguntar se os consumidores não desejam ser enganados. E há motivos para acreditar que pelo menos uma parte deles queira.

No recém-lançado *Dollars and Sense* (dinheiro e juízo), Dan Ariely e Jeff Kreisler relatam um experimento natural que mostra que pessoas podem optar por ser “ludibriadas” voluntariamente e que, em algum recôndito do cérebro, isso faz sentido.

A JCPenney é uma centenária loja de departamentos dos EUA que se celebrizou por jogar seus preços na lua para depois oferecer descontos “irresistíveis”. Ao fim e ao cabo, os preços efetivamente praticados estavam em linha com os da concorrência, mas os truques utilizados proporcionavam aos consumidores a sensação, ainda que ilusória, de ter feito um bom negócio, o que lhes dava prazer.

Em 2012, o então novo diretor executivo da empresa Ron Johnson, numa tentativa de modernização, resolveu acabar com a ginástica de remarcações e descontos e adotar uma política de preços “justa e transparente”.

Os clientes odiaram. Em um ano, a companhia perdera US\$ 985 milhões e Johnson ficou sem emprego. Logo em seguida, a JCPenney remarcou os preços de vários de seus itens em até 60% para voltar a praticar os descontos irresistíveis. Como escrevem Ariely e Kreisler, “os clientes da JCPenney votaram com suas carteiras e escolheram ser manipulados”.

Num mundo em que o cliente sempre tem razão, não é tão espantoso que empresas se dediquem a vender-lhe as fantasias que deseja usar, mesmo que possam ser desmascaradas com um clique de computador.

* Jornal Folha de São Paulo

(‘Caveat emptor’. Hélio Schwartzman. <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2017/11/1937658-caveat-emptor.shtml> 24.11.2017. Adaptado)

Segundo as informações do texto, a afirmação de que parte dos consumidores agem como se desejassem ser enganados é

- a) contestável, pois o experimento comprovou que esses consumidores são vítimas de uma política obscura de maquiagem de preços pelas empresas.
- b) justificável, já que ficou comprovado que alguns consumidores não resistem ao prazer experimentado nessas situações de desconto aparente.

- c) procedente, mas o experimento mostrou que os consumidores deixam de comprar quando as lojas tentam fazer os descontos parecerem grandes demais.
- d) controversa, pois a política de remarcações de preços para forjar descontos trouxe grande prejuízo a uma loja de departamentos nos EUA.
- e) falsa, já que ficou demonstrado que os consumidores tendem a preferir situações em que os preços são apresentados de forma transparente.

39. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018



(Bill Watterson. O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. Adaptado)

É correto concluir, da leitura da tira, que os meios de comunicação

- a) prezam pela expressão da arte pautada por valores estéticos.
- b) têm tentado, sem sucesso, reproduzir elementos da realidade atual.
- c) como a televisão e o cinema não refletem aspectos da realidade atual.
- d) tornaram-se monótonos devido à insistência em retratar a realidade atual.
- e) têm sua programação pautada pela viabilidade econômica do que é veiculado.

Texto para as questões 40 a 41

Novo Analfabetismo

O Instituto de Estatísticas da Unesco alerta, em informe recente, que grande parte dos jovens da América Latina não alcança níveis apropriados de proficiência em leitura. São 19 milhões de adolescentes que concluem o ensino fundamental sem conseguir ler parágrafos simples e deles extrair informações, num fenômeno que Silvia Montoya, dirigente do instituto, chama de "nova definição do analfabetismo".

A preocupação da diretora procede, pois a falta de competência leitora fragiliza a cidadania. Afinal, quem não consegue ler jornais ou livros depende do que a televisão lhe recomenda como condutas corretas e não consegue

formular seus próprios juízos.

Além disso, em tempos em que o mundo do trabalho extermina postos baseados em tarefas rotineiras, que não demandam capacidade de concepção, as chances de sucesso profissional e de realização pessoal de quem tem letramento insuficiente se tornam muito limitadas.

Aqui, só 30% dos alunos saem do 9º ano com aprendizado adequado em leitura e interpretação, de acordo com dados do Inep. É menos que a média da América Latina, que tanto chocara Silvia Montoya.

Ora, num país de elites não leitoras, o fato de tantos jovens não estarem aptos a ler livros talvez não choque.

Não é mais suficiente ter um nível mínimo de alfabetização. Não ter competência leitora traz obstáculos para a vida em sociedade, especialmente no tocante à dificuldade em compreender os próprios direitos e deveres como cidadão, ainda mais num mundo em turbulência como o que vivemos.

(Claudia Costin. Folha de S.Paulo, 27.10.2017. Adaptado)

40. VUNESP - Professor (SME Barretos)/2018

Conforme o texto, o frágil e insuficiente desenvolvimento da competência leitora dos jovens que concluem o ensino fundamental na América Latina impacta diretamente

- a) nas políticas educacionais da Unesco para a região, que passa a pressionar governantes a fim de que adotem medidas capazes de reverter esse quadro.
- b) na cidadania de milhões desses jovens, que desistem da escola em face à dificuldade para extrair informações de contextos de leitura simples.
- c) na formação desses leitores enquanto cidadãos, já que a proficiência em leitura é fundamental para a formação da capacidade de julgamento.
- d) na formação social desses jovens, que não conseguem se apropriar de normas de conduta divulgadas pela televisão indispensáveis para esse fim.
- e) no modo como informações são transmitidas em livros e jornais, que acabam tendo de adaptar sua linguagem ao nível de entendimento dos leitores.

41. VUNESP - Professor (SME Barretos)/II/2018

Conforme a autora do texto,

- a) a dificuldade com leitura não chega a ser preocupante quanto à colocação no mercado de trabalho, ainda marcado por atividades que não requerem instrução.
- b) a passividade ante um número tão alto de leitores inaptos pode ser justificada pelo desinteresse pela leitura inclusive dos que estão no topo da sociedade.
- c) a demanda por qualificação em detrimento do trabalho em atividades rotineiras por enquanto não compromete o futuro de quem tem letramento insuficiente.
- d) a constatação do quadro de competência leitora abaixo do esperado tem obrigado o mercado de trabalho a adequar suas exigências a essa realidade.
- e) o baixo nível de letramento, embora crie dificuldades para a leitura de livros e jornais, não chega a constituir um empecilho para a vida em sociedade.

Leia a tira para responder às questões 42 a 43.



(Folha de S.Paulo, 26.10.2017)

42. VUNESP - Pref Mogi Cruzes/2018

Ao referir-se a escrever uma monstruosidade nas redes sociais, a personagem constata que isso

- a) é algo reprovado por todos os internautas.
- b) era prática inexistente na época do Orkut.
- c) ocorre com facilidade atualmente.
- d) deixou de acontecer depois do Orkut.

e) tende a sumir muito brevemente.

43. VUNESP - Pref Mogi Cruzes/2018

No último quadrinho, a expressão “essas frescuras” faz referência ao fato de as pessoas

- a) comunicarem-se pelo Orkut.
 - b) escreverem algumas monstruosidades.
 - c) postarem comentários no Orkut.
 - d) lembrarem-se da época do Orkut.
 - e) comentarem de forma anônima.
-

Texto para as questões 44 a 45

Estima-se que, até o fim deste ano, o número de pessoas vivendo na miséria no Brasil crescerá de 2,5 milhões a 3,6 milhões, segundo o Banco Mundial. O número de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza passou dos 16 milhões, em 2014, para cerca de 22 milhões neste ano, de acordo com o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social). Em momentos assim, o Brasil depara com outra chaga, diferente da pobreza: a desigualdade. Os mais ricos se protegem melhor da crise, que empurra para baixo a parcela da população já empobrecida. Por isso, o FGV Social alerta sobre um aumento relevante da desigualdade no país. Ela já subiu no ano passado, na medição que usa um índice chamado Gini. Foi a primeira vez que isso ocorreu em 22 anos. Trata-se de um fenômeno especialmente ruim num país em que a desigualdade supera a normalmente encontrada em democracias capitalistas. Para piorar, descobrimos recentemente que subestimávamos o problema.

Até o ano retrasado, a régua da desigualdade era organizada só com o Índice de Gini, baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Por esse método, ficavam de fora do quadro os rendimentos que principalmente os mais ricos conseguem de outras fontes, que não o salário – a renda do capital, oriunda de ativos como aplicações financeiras, participação em empresas e propriedade de imóveis. Isso mudou quando a Receita Federal publicou números do Imposto de Renda (IR) de pessoa física de 2007 em diante. Os números mais recentes, referentes a 2015, foram abertos em julho deste ano. Eles evidenciam que a concentração de renda no topo da pirâmide social brasileira é muito maior do que se pensava. A análise restrita às entrevistas domiciliares indicava que o 1% mais rico de brasileiros concentrava 11% da renda. Com os dados do IR e do Produto Interno Bruto (PIB), essa fatia saltou para 28%.

(Época, 13.11.2017)

44. VUNESP - Auxiliar de Apoio Administrativo (Pref Mogi Cruzes)/2018

O texto traz uma série de dados com o objetivo de

- a) mostrar que a condição de pobreza no Brasil se agrava, o que reforça a desigualdade social.
- b) enfatizar que a desigualdade social no Brasil, que já foi um problema, diminuiu significativamente.
- c) comparar a situação de pobreza atual com a de 22 anos atrás, que gerava muita desigualdade.

- d) denunciar a desigualdade social no Brasil, que é a menor entre as chamadas democracias capitalistas.
- e) relativizar o impacto da desigualdade social no Brasil, já que há estabilidade no número de pobres no país.

45. VUNESP - Auxiliar de Apoio Administrativo (Pref Mogi Cruzes)/2018

Com base nos dados estatísticos apresentados no texto, é correto afirmar que houve

- a) aumento no número de pessoas na miséria no Brasil, as quais superam o contingente das que vivem abaixo da linha da pobreza.
- b) inexpressiva alteração na concentração de renda no topo da pirâmide social brasileira com os dados do IR e do PIB.
- c) diminuição dos mais ricos e também aumento dos mais pobres nos últimos 22 anos na sociedade brasileira.
- d) aumento na desigualdade social no Brasil, já que nos últimos 22 anos houve um aumento de 22 milhões de pessoas na pobreza.
- e) aumento no número de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza no Brasil, no período de 2014 a 2017.

46. VUNESP - Delegado de Polícia (PC BA)/2018

Vamos partir de uma situação que grande parte de nós já vivenciou. Estamos saindo do cinema, depois de termos visto uma adaptação de um livro do qual gostamos muito. Na verdade, até que gostamos do filme também: o sentido foi mantido, a escolha do elenco foi adequada, e a trilha sonora reforçou a camada afetiva da narrativa. Por que então sentimos que algo está fora do lugar? Que está faltando alguma coisa?

O que sempre falta em um filme sou eu. Parto dessa ideia simples e poderosa, sugerida pelo teórico Wolfgang Iser em um de seus livros, para afirmar que nunca precisamos tanto ler ficção e poesia quanto hoje, porque nunca precisamos tanto de faíscas que ponham em movimento o mecanismo livre da nossa imaginação. Nenhuma forma de arte ou objeto cultural guarda a potência escondida por aquele monte de palavras impressas na página.

Essa potência vem, entre outros aspectos, do tanto que a literatura exige de nós, leitores. Não falo do esforço de compreender um texto, nem da atenção que as histórias e os poemas exigem de nós – embora sejam incontornáveis também. Penso no tanto que precisamos investir de nós, como sujeitos afetivos e como corpos sensíveis, para que as palavras se tornem um mundo no qual penetramos.

Somos bombardeados todo dia, o dia inteiro, por informações. Estamos saturados de dados e de interpretações. A literatura – para além do prazer intelectual, inegável – oferece algo diferente. Trata-se de uma energia que o teórico Hans Ulrich Gumbrecht chama de “presença” e que remete a um contato com o mundo que afeta o corpo do indivíduo para além e para aquém do pensamento racional.

Muitos eventos produzem presença, é claro: jogos e exercícios esportivos, shows de música, encontros com amigos, cerimônias religiosas e relações amorosas e sexuais são exemplos óbvios. Por que, então, defender uma prática eminentemente intelectual, como a experiência literária, com o objetivo de “produzir presença”, isto é, de despertar sensações corpóreas e afetos? A resposta está, como já evoquei mais acima, na potência guardada pela ficção e pela poesia para disparar a imaginação. Mas o que é, afinal, a imaginação, essa noção tão corriqueira e sobre a qual refletimos tão pouco?

Proponho pensar a imaginação como um espaço de liberdade ilimitada, no qual, a partir de estímulos do mundo exterior, somos confrontados (mas também despertados) a responder com memórias, sentimentos, crenças e

conhecimentos para forjar, em última instância, aquilo que faz de cada um de nós diferente dos demais. A leitura de textos literários é uma forma privilegiada de disparar esse mecanismo imenso, porque demanda de nós todas essas reações de modo ininterrupto, exige que nosso corpo esteja ele próprio presente no espaço ficcional com que nos deparamos, sob pena de não existir espaço ficcional algum.

(Ligia G. Diniz. <https://brasil.e/pais.com>. 22.02.2018. Adaptado)

Uma frase em consonância com o que se argumenta no texto é:

- a) Essencialmente racional, a literatura diferencia-se das demais manifestações artísticas por ser ela incapaz de despertar reações corpóreas.
- b) Um texto literário exige mais concentração e esforço intelectual para ser compreendido, em comparação com outros tipos de texto.
- c) A literatura é imprescindível para que o pensamento racional seja cultivado em detrimento de percepções motivadas pelo instinto.
- d) Somos incapazes de ver aspectos positivos na adaptação de um filme do qual gostamos muito, pois nosso julgamento é puramente emocional.
- e) Inseridos em um contexto impregnado de informação, precisamos da literatura mais do que nunca para aguçar nossa imaginação.

47. VUNESP - Investigador de Polícia (PC BA)/2018

Algoritmos e desigualdade

Virginia Eubanks, professora de ciências políticas de Nova York, é autora de *Automating Inequality (Automatizando a Desigualdade.)*, um livro que explora a maneira como os computadores estão mudando a prestação de serviços sociais nos Estados Unidos. Seu foco é o setor de serviços públicos, e não o sistema de saúde privado, mas a mensagem é a mesma: com as instituições dependendo cada vez mais de algoritmos preditivos para tomar decisões, resultados peculiares – e frequentemente injustos – estão sendo produzidos.

Virginia Eubanks afirma que já acreditou na inovação digital. De fato, seu livro tem exemplos de onde ela está funcionando: em Los Angeles, moradores de rua que se beneficiaram dos algoritmos para obter acesso rápido a abrigos. Em alguns lugares, como Allegheny, houve casos em que “dados preditivos” detectaram crianças vulneráveis e as afastaram do perigo.

Mas, para cada exemplo positivo, há exemplos aflitivos de fracassos. Pessoas de uma mesma família de Allegheny foram perseguidas por engano porque um algoritmo as classificou como propensas a praticar abuso infantil. E em Indiana há histórias lastimáveis de famílias que tiveram assistência de saúde negada por causa de computadores com defeito. Alguns desses casos resultaram em mortes.

Alguns especialistas em tecnologia podem alegar que esses são casos extremos, mas um padrão similar é descrito pela matemática Cathy O’Neill em seu livro *Weapons of Math Destruction*. “Modelos matemáticos mal concebidos agora controlam os mínimos detalhes da economia, da propaganda às prisões”, escreve ela.

Existe alguma solução? Cathy O’Neill e Virginia Eubanks sugerem que uma opção seria exigir que os tecnólogos façam algo parecido com o julgamento de Hipócrates: “em primeiro lugar, fazer o bem”. Uma segunda ideia – mais custosa – seria forçar as instituições a usar algoritmos para contratar muitos assistentes sociais humanos para complementar as tomadas de decisões digitais. Uma terceira ideia seria assegurar que as pessoas que estão criando e rodando programas de computador sejam forçadas a pensar na cultura, em seu sentido mais amplo.

Isso pode parecer óbvio, mas até agora os nerds digitais das universidades pouco contato tiveram com os nerds das ciências sociais – e vice-versa. A computação há muito é percebida como uma zona livre de cultura e isso precisa

mudar.

(Gillian Tett. www.valor.com.br. 23.02.2018. Adaptado)

Ao aproximar os pontos de vista de Virginia Eubanks e de Cathy O'Neill, o autor defende a tese de que os algoritmos preditivos

- a) necessitam manter-se restritos à economia e a áreas afins.
- b) devem ser abandonados, pois ainda não beneficiaram os cidadãos.
- c) podem levar à tomada de decisões equivocadas e injustas.
- d) são bem-sucedidos no setor privado, mas não no setor público.
- e) precisam ser confiáveis ao ponto de substituir as escolhas humanas.

48. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Leia a charge para responder à questão.



(Malika. *Em tempo*. <http://d.emtempo.com.br/charges>. 07.10.2017)

A charge tem como assunto principal

- a) a evolução dos aparelhos de comunicação.
- b) a interação estabelecida nas redes sociais.
- c) as limitações da comunicação via internet.

- d) o acesso limitado aos meios de comunicação.
- e) o uso excessivo de dispositivos tecnológicos.

Leia o texto para responder às questões 49 a 50.

Pela primeira vez, vício em games é considerado distúrbio mental pela OMS

A 11ª Classificação Internacional de Doenças (CID) irá incluir a condição sob o nome de “distúrbio de *games*”. O documento descreve o problema como padrão de comportamento frequente ou persistente de vício em *games*, tão grave que leva “a preferir os jogos a qualquer outro interesse na vida”. A última versão da CID foi finalizada em 1992, e a nova versão do guia será publicada neste ano. Ele traz códigos para as doenças, sinais ou sintomas e é usado por médicos e pesquisadores para rastrear e diagnosticar uma doença.

O documento irá sugerir que comportamentos típicos dos viciados em *games* devem ser observados por um período de mais de 12 meses para que um diagnóstico seja feito. Mas a nova CID irá reforçar que esse período pode ser diminuído se os sintomas forem muito graves. Os sintomas do distúrbio incluem: não ter controle de frequência, intensidade e duração com que joga *video game*; priorizar jogar *video game* a outras atividades.

Richard Graham, especialista em vícios em tecnologia no Hospital Nightingale em Londres, reconhece os benefícios da decisão. “É muito significativo, porque cria a oportunidade de termos serviços mais especializados.” Mas para ele é preciso tomar cuidado para não se cair na ideia de que todo mundo precisa ser tratado e medicado. “Pode levar pais confusos a pensar que seus filhos têm problemas quando eles são apenas ‘empolgados’ jogadores de *video game*”, afirmou.

(Jane Wakefield. BBC Brasil. www.bbc.com/portuguese. 02.01.2018. Adaptado)

49. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Segundo o texto, uma vantagem de o vício em *games* estar incluso no guia de Classificação Internacional de Doenças (CID) diz respeito

- a) ao barateamento imediato dos tratamentos especializados no controle da doença.
- b) à rapidez com que os viciados em *games* decidem procurar um médico.
- c) à facilidade em diferenciar o vício em *games* de dependências que ainda não foram catalogadas.
- d) à possibilidade da ampliação da oferta de serviços mais especializados no tratamento dessa condição.
- e) ao acesso mais fácil a medicamentos que impedem o surgimento desse tipo de vício.

50. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

De acordo com Richard Graham,

- a) a decisão de se considerar o vício em games como distúrbio mental é benéfica e não existe restrição para ser posta em prática.

- b) os pais de jovens viciados em games também precisam de tratamento especializado, para saberem como medicar os filhos.
- c) os serviços especializados no tratamento de pessoas com inclinações ao vício carecem de maior apoio dos governantes.
- d) nem todos os jovens viciados em games precisam ser tratados e medicados, já que essa condição costuma ser passageira.
- e) a classificação de um indivíduo como viciado em games deve ser feita com cautela, pois ele pode ser apenas um jogador entusiasta.

51.VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

Leia o cartaz para responder à questão.



(www.sintracoop.com.br/?p=58879. Adaptado)

A partir do texto verbal, conclui-se que

- a) a prevenção de acidentes deve ocorrer de forma esporádica.
- b) os riscos do trabalho devem ser compensados pelo patrão.
- c) desobediência ao empregador pode causar acidentes.
- d) o trabalhador deve se responsabilizar por sua imperícia.
- e) acidentes de trabalho podem e devem ser prevenidos.

Leia o texto para responder às questões 52 a 53

O trabalho dignifica o homem. O lazer dignifica a vida

“Escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia em sua vida.” A frase do pensador Confúcio tem sido o mantra de muitos que, embalados pela concepção de que ofício e prazer não precisam se opor, buscam um estilo de vida no qual a fonte de renda seja também fonte de alegria e satisfação pessoal. A questão é: trabalho é sempre trabalho. Pode ser bom, pode ser até divertido, mas não substitui a capacidade que só o lazer possui de tirar o peso de um cotidiano regido por prazos, horários, metas.

Não são poucas as pessoas que eu conheço que negligenciam o descanso em prol da produção desenfreada, da busca frenética por resultado, ascensão, status, dinheiro. Algo de errado em querer tudo isso? A meu ver, não. E sim. Não, porque é digna a recusa à estagnação. Sim, quando ela compromete momentos de entretenimento, minando, aos poucos, a saúde física e mental de quem acha que sombra e água fresca são luxo e não merecimento.

Recentemente, um construtor com o qual eu conversava me disse que estava havia nove anos sem férias, e lamentou o pouco tempo passado com os netos. O patrimônio veio de dedicação e empenho, mas custou caro também. Na hora me perguntei se era realmente preciso escolher entre sucesso e diversão.

Poucas coisas são tão eficazes na função de honrar alguém quanto o ofício que se exerce. Momentos de pausa, porém, honram o próprio ofício. A vida se equilibra justamente na possibilidade de converter o dinheiro advindo do esforço em ingressos para o show da banda preferida, passeios no parque, pipoca quentinha e viagens de barco.

(Larissa Bittar. Revista Bula. www.revistabula.com. Adaptado)

52.VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

A autora defende a opinião de que

- a) a busca por ascensão e dinheiro não deve ser vista como dignificante, pois compromete o lazer.
- b) o ideal é que se encontre prazer no trabalho, mas o lazer não deve ser negligenciado.
- c) o lazer não pode ser substituído pelo trabalho, especialmente porque este não é fonte de prazer.
- d) o lazer deveria ser a única preocupação das pessoas e não o trabalho, como é comum.
- e) a dedicação exclusiva ao trabalho é justificável, quando gera alegria e satisfação pessoal.

53. VUNESP - Agente Policial (PC SP)/2018

A referência ao construtor, no terceiro parágrafo, serve para

- a) ilustrar o quanto o trabalho pode destruir a saúde física e mental de alguém.
- b) exemplificar que a opção pelo lazer pressupõe a recusa do sucesso.
- c) demonstrar que a preocupação com os bens materiais é antiética.
- d) mostrar como a dedicação excessiva ao trabalho pode levar à frustração.
- e) denunciar um comportamento cada vez mais raro entre as pessoas.

Texto para as questões 54 a 55**Escravos no século XXI**

Esses retratos, junto com muitos outros, formam uma galeria que o país não gosta de ver. São vários Antônio, vários Francisco, vários José que dão carne e osso a um grande drama brasileiro: o trabalho em condições análogas às de escravidão. Sim, todas essas pessoas foram escravizadas – em pleno século XXI.

Enredadas em dívidas impagáveis, manipuladas pelos patrões e submetidas a situações deploráveis no trabalho, elas chegaram a beber a mesma água que os porcos, e algumas sofreram a humilhação máxima de ser espancadas, para não falar de constantes ameaças de morte.

Quando os livros escolares informam que a escravidão foi abolida no Brasil em 13 de maio de 1888, há exatos 130 anos, fica faltando dizer que se encerrou a escravidão negra – e que, ainda hoje, a escravidão persiste, só que agora é multiétnica.

Estima-se que atualmente 160 000 brasileiros trabalhem e vivam no país em condições semelhantes às de escravidão – ou seja, estão submetidos a trabalho forçado, servidão por meio de dívidas, jornadas exaustivas e circunstâncias degradantes (em relação a moradia e alimentação, por exemplo). Comparada aos milhões de africanos trazidos para o país para trabalhar como escravos, a cifra atual poderia indicar alguma melhora, mas abrigar 160 000 pessoas escravizadas é um escândalo humano de proporções épicas. Em 1995, o governo federal reconheceu oficialmente a continuidade daquele crime inclassificável – e criou uma comissão destinada a fiscalizar o trabalho escravo. O pior é que, em vez de melhorar, a situação está ficando mais grave.

(Jennifer Ann Thomas, Veja, 09 de maio de 2018. Adaptado)

54. VUNESP - Agente de Telecomunicações Policial (PC SP)/2018

É correto afirmar que o segundo parágrafo do texto

- a) mostra ações de intolerância de patrões, as quais não têm registro na história do país.
- b) apresenta argumentos que fundamentam a abolição da escravidão, ocorrida em 1888.
- c) aponta a necessidade de subsistência como fator motivador do trabalho escravo.
- d) critica a omissão do Estado e da sociedade, que se calam diante de fatos tão graves.
- e) expõe fatos que justificam a afirmação de que ainda se escravizam pessoas no Brasil.

55. VUNESP - Agente de Telecomunicações Policial (PC SP)/2018

Estima-se que atualmente 160 000 brasileiros trabalhem e vivam no país em condições semelhantes às de escravidão – ou seja, estão submetidos a trabalho forçado, servidão por meio de dívidas, jornadas exaustivas e circunstâncias degradantes (em relação a moradia e alimentação, por exemplo).

É correto afirmar que essa passagem

- a) retoma algumas informações anteriormente expressas, introduzindo um dado novo, referente ao número de escravizados.
- b) destaca a quantidade de escravizados atuais, equiparando-a à quantidade dos retratados na galeria de fotos.

- c) traz informações novas acerca das condições de trabalho escravo, evitando repetir fatos anteriormente mencionados.
- d) contradiz os dados expostos na sequência, evitando fazer comparações com a quantidade de escravos africanos.
- e) repete informações anteriormente expressas, inclusive a que se refere à quantidade de pessoas vivendo como escravas.

Leia o texto para responder às questões 56 a 57.

O físico e matemático inglês Isaac Newton é um dos maiores cientistas da humanidade. Filho de fazendeiros, Newton nasceu em Woolsthorpe, uma pequena aldeia da Inglaterra, em 1643. Desde criança, demonstrava mais interesse por desenvolver inventos do que pelos negócios da família. Aos 18 anos, foi aceito no Trinity College, da Universidade de Cambridge, onde recebeu o grau de Bacharel em Artes.

Em 1671, assumiu o cargo de professor catedrático de matemática na mesma universidade e, em 1703, foi eleito presidente da Real Sociedade de Londres para o Melhoramento do Conhecimento Natural, uma instituição destinada à promoção do conhecimento científico. Dois anos depois, tornou-se o primeiro cientista a receber o título de "Sir", sagrado cavaleiro da rainha da Inglaterra. Newton morreu em 1727, aos 84 anos, por complicações decorrentes da idade extremamente elevada para a época.

No período em que cursava faculdade em Cambridge, a Peste Negra assolou a Inglaterra e matou um décimo da população. Por 18 meses, a universidade ficou fechada, e Newton voltou para casa. Um belo dia, sentado à sombra de uma macieira (cujas descendentes ainda existem!), viu uma maçã cair no chão – ou na sua cabeça, a história vai do gosto do freguês – e formulou a Lei da Gravitação Universal, que explica a força da gravidade. Com essa descoberta, Newton deu início à ciência moderna. Como diria o cientista em um ensinamento que vale para a vida: "nenhuma grande descoberta foi feita jamais sem um palpite ousado".

(Marília Marasciulo. *O que você pode aprender com as descobertas de Isaac Newton*. 17.01.2018. <http://revistagalileu.globo.com>. Adaptado)

56. VUNESP - Agente Previdenciário (PAULIPREV)/2018

De acordo com o texto,

- a) Newton deixou a faculdade com suspeita de ter contraído a Peste Negra, que já matara um décimo dos estudantes.
- b) a história de que Newton elaborou a Lei da Gravitação Universal após se sentar sob uma macieira é falsa.
- c) os familiares de Newton insistiram para que estudasse artes em vez de matemática, mas ele preferiu esta última.
- d) a ciência moderna teve início com uma lei formulada por Isaac Newton a partir de um palpite ousado.
- e) a Lei da Gravitação Universal, que revolucionou a ciência, levou dezoito meses para ser desenvolvida.

57. VUNESP - Agente Previdenciário (PAULIPREV)/2018 (e mais 2 concursos)

Os dois primeiros parágrafos apresentam fatos da vida de Newton

- a) certamente inventados.

- b) ocorridos em concomitância.
- c) que obtiveram repercussão idêntica.
- d) relacionados entre si por acaso.
- e) dispostos em ordem cronológica.

Leia o texto para responder às questões 58 a 59.

A revolução digital fortalece as previsões de que as casas ou lares inteligentes oferecerão mais conveniência e menos dispêndio de energia em um futuro.

A definição de conveniência para esses novos lares tecnológicos, com redução ou eliminação de trabalhos domésticos. Portanto, para que as edificações inteligentes tenham sucesso, elas deverão se estruturar com base nessa visão de conveniência como solução para os que vivem em um mundo acelerado e estar ancoradas em uma grande variedade de sistemas tecnológicos acessíveis e fáceis de operar, tornando a vida das pessoas mais simples.

Além da conveniência, outro relevante benefício das casas inteligentes, para os consumidores é a sua capacidade de incorporar aspectos relacionados à administração do gasto de energia, principalmente com iluminação, condicionamento de ar e eletrodomésticos. Um conjunto de sensores, adequadamente configurados para gerenciar esses sistemas, pode gerar diminuição considerável nos gastos com energia, com reflexos ambientais e econômicos importantes.

O departamento de engenharia da computação da Academia Árabe de Ciências e Tecnologia desenvolveu um estudo para avaliar a economia no consumo de energia gerada com o uso de sensores inteligentes, em um apartamento de um dormitório, cozinha, sala de estar, sala de jantar e banheiro. O estudo concluiu que a economia pode chegara quase 40% do consumo médio mensal de energia.

A tendência de crescimento desse mercado é clara. A empresa de pesquisa Zion Research prevê que a tecnologia das casas inteligentes deve alcançar um faturamento de US\$ 53 bilhões (R\$170 bi) em 2022. O crescimento estará calcado, principalmente, na conexão da casa com os ambientes digitais externos, como por exemplo, a conexão do refrigerador com os equipamentos dos fornecedores de alimentos.

Naturalmente, a tecnologia das casas inteligentes continuará a evoluir, tornando-se acessível e barata. Com isso, mais pessoas poderão utilizar-se dela, e novos padrões, modelos e estilos de vida devem se consolidar, principalmente nas áreas urbanas.

(Claudio Bernades. Casas inteligentes trarão conveniência e reduzirão gasto de energia. Folha de S. Paulo. www.folha.uol.com.br. 22.01.18. Adaptado)

58. VUNESP - Analista de Suporte à Regulação I (ARSESP)/2018

Na opinião do autor, a evolução da tecnologia das casas inteligentes

- a) permitirá que a conexão de eletrodomésticos com fornecedores de energia reduza as necessidades de consumo.
- b) levará a um menor gasto energético em decorrência do investimento público em fontes de energia renovável.
- c) ensinará o desenvolvimento de novos hábitos, especialmente entre os moradores de áreas urbanas.
- d) fará com que as pessoas passem a dedicar mais tempo a atividades domésticas em seu dia a dia.
- e) deverá se tornar mais barata em centros urbanos, o que acarretará uma intensificação do êxodo rural.

59. VUNESP - Analista de Suporte à Regulação I (ARSESP)/2018

O autor organiza sua argumentação de modo a apresentar.

- a) no último parágrafo, uma informação que contesta que foi exposto nos parágrafos anteriores.
- b) no parágrafo 1, uma opinião para a qual expõe um argumento a favor e outro contra nos parágrafos 2 e 3, respectivamente.
- c) no parágrafo 2, uma informação polêmica que é contrariada logo em seguida, no parágrafo 3
- d) nos parágrafos 2, 3 e 4, os dois principais benefícios das casas inteligentes apontados logo no parágrafo 1.
- e) no parágrafo 3, uma ressalva para o que se explicita no parágrafo 2 acerca das edificações inteligentes.

60. VUNESP - Juiz Estadual (TJ RS)/2018

Nas escolas da Catalunha, a separação da Espanha tem apoio maciço. É uma situação que contrasta com outros lugares de Barcelona, uma cidade que vive hoje em duas dimensões. De um lado, há a Barcelona dos turistas, que se cotovelam nos pontos turísticos da cidade, fazem fila para entrar nos museus e buscam mesa nos restaurantes. Para a maioria deles, a capital da Catalunha segue seu ritmo normal. Nos bairros afastados do centro turístico, onde se concentram os moradores de Barcelona, todas as conversas tratam da tensa situação política – e há muita divisão em relação à independência. Segundo a última pesquisa feita pelo jornal El Mundo, 33% dos catalães são a favor da criação de um estado independente, enquanto 58% são contra. A divisão pode ser verificada pelas bandeiras penduradas nas sacadas e janelas. Chama a atenção ver as esteladas, como são conhecidas as bandeiras independentistas, disputando o espaço com as bandeiras da Espanha.

Nesse quadro de cisão, o separatismo tem nas escolas suas grandes aliadas para propagar as ideias nacionalistas. Isso ocorre desde a redemocratização espanhola, no fim dos anos 1970. Antes disso, durante a ditadura comandada pelo general Francisco Franco, que governou a Espanha entre 1938 e 1973, os colégios públicos eram proibidos de ensinar em catalão. Somente os privados ofereciam aulas nessa língua. Em sua maioria, essas escolas tinham perfil inovador e vanguardista, se comparadas às tradicionais escolas católicas da época. Com a queda do general Franco, as escolas catalãs privadas foram incorporadas à rede pública e tornaram-se o modelo principal do sistema educacional, que hoje abriga 1,5 milhão de alunos e 71 mil professores. Como a educação pública na Espanha está a cargo dos governos regionais, os diretores dos centros escolares são escolhidos a dedo pelo governo catalão – que toma o cuidado de selecionar somente diretores separatistas. “A manipulação dos jovens é central para o independentismo catalão. É assim com qualquer movimento supremacista na Europa”, diz a historiadora espanhola Maria Elvira Roca. “É mais fácil convencer estudantes a apaixonarem-se por uma causa do que trabalhadores que estão encerrados num escritório”.

(*Época*, 13.11.2017. Adaptado)

Ao tratar do movimento separatista catalão, o texto

- a) resgata dados da história da dominação franquista na Espanha, com a finalidade de propiciar conclusões favoráveis ao retorno do sistema educacional aos moldes tradicionais.
- b) mostra-se tendencioso, apontando fatos e dados que levam o leitor a concluir que o objetivo da maioria dos catalães se justifica, em nome da liberdade ideológica.
- c) privilegia a objetividade na apresentação das diferenças de opinião da comunidade catalã e aponta ações oficiais para afirmar a ideia de independência da Catalunha.

- d) apresenta argumentos contraditórios, ao partir de premissas que contrapõem dados sem vínculo lógico, tais como o modo como os catalães e turistas se envolvem na causa.
- e) relata com subjetividade os princípios dos grupos ideologicamente divididos sobre a causa, enfatizando o argumento da importância dos jovens nas tomadas de decisão.

61. VUNESP –Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2017

O problema de São Paulo, dizia o Vinicius, “é que você anda, anda, anda e nunca chega a Ipanema”. Se tomarmos “Ipanema” ao pé da letra, a frase é absurda e cômica. Tomando “Ipanema” como um símbolo, no entanto, como um exemplo de alívio, promessa de alegria em meio à vida dura da cidade, a frase passa a ser de um triste realismo: o problema de São Paulo é que você anda, anda, anda e nunca chega a alívio algum. O Ibirapuera, o parque do Estado, o Jardim da Luz são uns raros respiros perdidos entre o mar de asfalto, a floresta de lajes batidas e os Corcovados de concreto armado.

O paulistano, contudo, não é de jogar a toalha – prefere estendê-la e se deitar em cima, caso lhe concedam dois metros quadrados de chão. É o que vemos nas avenidas abertas aos pedestres, nos fins de semana: basta liberarem um pedacinho do cinza e surgem revoadas de patinadores, maracatus, big bands, corredores evangélicos, góticos satanistas, praticantes de ioga, dançarinos de tango, barraquinhas de yakissoba e barris de cerveja artesanal.

Tenho estado atento às agruras e oportunidades da cidade porque, depois de cinco anos vivendo na Granja Viana, vim morar em Higienópolis. Lá em Cotia, no fim da tarde, eu corria em volta de um lago, desviando de patos e assustando jacus. Agora, aos domingos, corro pela Paulista ou Minhocão e, durante a semana, venho testando diferentes percursos. Corri em volta do parque Buenos Aires e do cemitério da Consolação, ziguezagueei por Santa Cecília e pelas encostas do Sumaré, até que, na última terça, sem querer, descobri um insuspeito parque noturno com bastante gente, quase nenhum carro e propício a todo tipo de atividades: o estacionamento do estádio do Pacaembu.

(Antonio Prata. “O paulistano não é de jogar a toalha. Prefere estendê-la e deitar em cima.” Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas>>. Acesso em: 13.04.2017. Adaptado)

É correto afirmar que, do ponto de vista do autor, o paulistano

- a) busca em Ipanema o contato com a natureza exuberante que não consegue achar em sua cidade.
- b) sabe como vencer a rudeza da paisagem de São Paulo, encontrando nestes espaços para o lazer.
- c) se vê impedido de realizar atividades esportivas, no mar de asfalto que é São Paulo.
- d) tem feito críticas à cidade, porque ela não oferece atividades recreativas a seus habitantes.
- e) toma Ipanema como um símbolo daquilo que se pode alcançar, apesar de muito andar e andar.

Leia o texto para responder às questões 62 a 63.

Para responder à questão, observe a charge que retrata uma cena em que uma família faz selfie ao lado de um corpo caído no chão.



(João Montanaro. Disponível em: <<https://www.facebook.com>>. Acesso em 21.04.2017)

62. VUNESP –Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2017

Assinale a alternativa contendo uma ideia implícita a partir dos fatos retratados na charge.

- a) As pessoas sorriem para a câmera.
- b) O corpo está estendido no chão.
- c) A violência está banalizada.
- d) O pau de selfie permite fotografar várias pessoas.
- e) O grupo familiar posa unido.

63. VUNESP –Escrevente Técnico Judiciário (TJ SP)/2017

Assinale a alternativa que expressa ideia compatível com a situação representada na charge.

- a) Hoje, a tecnologia leva a uma compreensão mais ética da realidade circundante.
- b) Não se pode condenar a postura ética das pessoas que se deixam encantar com os modismos.
- c) O verdadeiro sentido da solidariedade está em comover-se com o semelhante desamparado.
- d) A novidade tecnológica reforça a individualidade, levando as pessoas a ficar alheias à realidade que as cerca.

- e) Um fato violento corriqueiro não justifica a preocupação com a desgraça alheia.

64. VUNESP –Escreveinte Técnico Judiciário (TJ SP)/2017

Há quatro anos, Chris Nagele fez o que muitos executivos no setor de tecnologia já tinham feito – ele transferiu sua equipe para um chamado escritório aberto, sem paredes e divisórias.

Os funcionários, até então, trabalhavam de casa, mas ele queria que todos estivessem juntos, para se conectarem e colaborarem mais facilmente. Mas em pouco tempo ficou claro que Nagele tinha cometido um grande erro. Todos estavam distraídos, a produtividade caiu, e os nove empregados estavam insatisfeitos, sem falar do próprio chefe.

Em abril de 2015, quase três anos após a mudança para o escritório aberto, Nagele transferiu a empresa para um espaço de 900 m² onde hoje todos têm seu próprio espaço, com portas e tudo.

Inúmeras empresas adotaram o conceito de escritório aberto – cerca de 70% dos escritórios nos Estados Unidos são assim – e até onde se sabe poucos retornaram ao modelo de espaços tradicionais com salas e portas.

Pesquisas, contudo, mostram que podemos perder até 15% da produtividade, desenvolver problemas graves de concentração e até ter o dobro de chances de ficar doentes em espaços de trabalho abertos – fatores que estão contribuindo para uma reação contra esse tipo de organização.

Desde que se mudou para o formato tradicional, Nagele já ouviu colegas do setor de tecnologia dizerem sentir falta do estilo de trabalho do escritório fechado. “Muita gente concorda – simplesmente não aguentam o escritório aberto. Nunca se consegue terminar as coisas e é preciso levar mais trabalho para casa”, diz ele.

É improvável que o conceito de escritório aberto caia em desuso, mas algumas firmas estão seguindo o exemplo de Nagele e voltando aos espaços privados.

Há uma boa razão que explica por que todos adoram um espaço com quatro paredes e uma porta: foco. A verdade é que não conseguimos cumprir várias tarefas ao mesmo tempo, e pequenas distrações podem desviar nosso foco por até 20 minutos.

Retemos mais informações quando nos sentamos em um local fixo, afirma Sally Augustin, psicóloga ambiental e de design de interiores.

(Bryan Borzykowski, “Por que escritórios abertos podem ser ruins para funcionários.” Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 04.04.2017. Adaptado)

Segundo o texto, são aspectos desfavoráveis ao trabalho em espaços abertos compartilhados

- a) a impossibilidade de cumprir várias tarefas e a restrição à criatividade.
- b) a dificuldade de propor soluções tecnológicas e a transferência de atividades para o lar.
- c) a dispersão e a menor capacidade de conservar conteúdos.
- d) a distração e a possibilidade de haver colaboração de colegas e chefes.
- e) o isolamento na realização das tarefas e a vigilância constante dos chefes.

65. INÉDITA

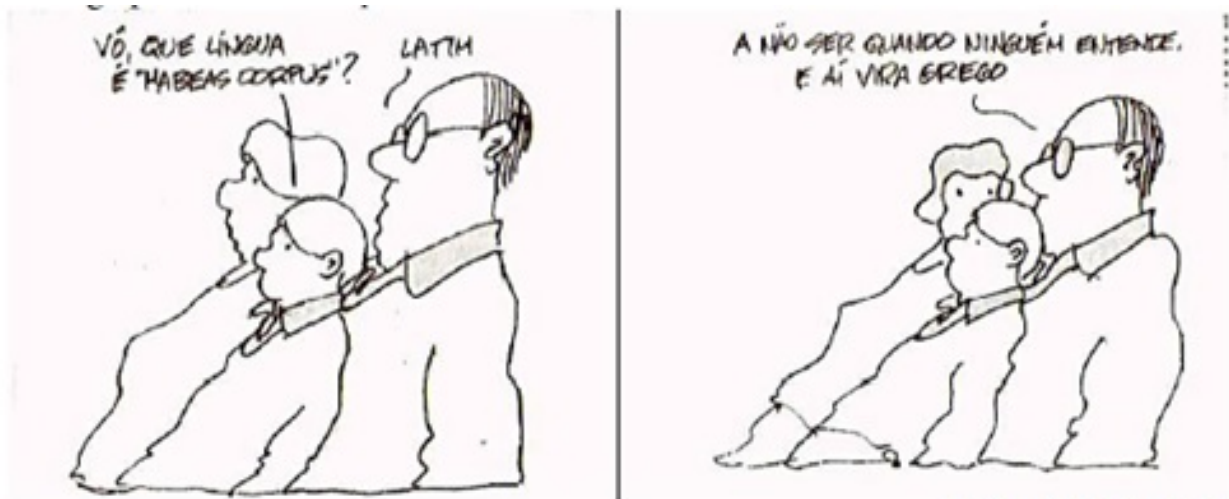


A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

- a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.
- b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.
- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.
- d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.
- e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

66. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

- a) O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão "habeas corpus".
- b) A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- c) A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- d) A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- e) O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

67. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

"Nossa meta é servir bem."

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra "meta" estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo "Nossa", que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.
- e) O emprego do substantivo "diferencial" no lugar de "meta" não alteraria o sentido original do anúncio.

68. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".)

I – Há uma relação semântica de contraste "banhos intermitentes de sangue" e "ela era toda pálida e suave"

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - "Muito!" – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho "Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo" faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

69. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.
- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino ínterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

70. ADAPTADA

CALVIN E HAROLD

BY BILL WATTERSON



http://2.bp.blogspot.com/_wBWv8NQAZ78/TBWEMQ8147I/AAAAAAAAACE/zmFW9c8uA0k/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg.
(Acesso em 12/05/2016)



http://4.bp.blogspot.com/_20adcvrO4Kw/U_4ga8lc56I/AAAAAAAAAZQ/hq2oxMLA7yY/s1600/mafalda-1.jpg.
(Acesso em 12/05/2016)

Analizando as duas tirinhas, NÃO se pode afirmar que

- a) Calvin se revela incapaz de compreender o noticiário, diferentemente do pai de Mafalda.
- b) Calvin e Mafalda, apesar de crianças, são críticos em relação ao conteúdo televisivo.
- c) a reação de Calvin e a de Mafalda são diferentes diante do conteúdo televisivo.
- d) ambas tratam da relação entre telespectador e mídia televisiva.
- e) ambas apresentam personagens que questionam o noticiário veiculado pela TV.

Gabarito

- 1. C
- 2. E
- 3. C
- 4. E
- 5. C

6. C
7. E
8. C
9. E
10. C
11. C
12. C
13. A
14. B
15. D
16. B
17. E
18. D
19. A
20. C
21. B
22. D
23. E
24. C
25. E
26. B
27. E
28. D
29. D
30. A
31. E
32. D
33. D
34. B

- 35. A
- 36. E
- 37. A
- 38. B
- 39. E
- 40. C
- 41. B
- 42. C
- 43. E
- 44. A
- 45. E
- 46. E
- 47. C
- 48. A
- 49. D
- 50. E
- 51. E
- 52. B
- 53. D
- 54. E
- 55. A
- 56. D
- 57. E
- 58. C
- 59. D
- 60. C
- 61. B
- 62. C

63. D

64. C

65. B

66. E

67. B

68. A

69. C

70. A

Lista de questões

Texto para as questões 01 a 02

- Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade. Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de
- 5 que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.
- Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:
- 10 — Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.
- Como não acaba? — Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.
- 15 Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças,
- 20 às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tomando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.
- 25 Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.
- E agora que é que eu faço? — Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.
- Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.
- 30 Perder a eternidade? Nunca.
- O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhávamo-nos para a escola.
- 35 — Acabou-se o docinho. E agora?
- Agora mastigue para sempre.
- Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a
- 40 mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a van-tagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie
- 45 de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.
- Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

1. CESGRANRIO – Banco da Amazônia/2021

A narradora do texto experimenta um sentimento de perplexidade diante da ideia de eternidade.

Esse sentimento se revela, explicitamente, no seguinte trecho:

- a) “Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava.” (l. 4-5)
- b) “quase não podia acreditar no milagre.” (l. 18-19)
- c) “Perder a eternidade? Nunca.” (l. 33)
- d) “Acabou-se o docinho. E agora?” (l. 37)
- e) “Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade.” (l. 47-48)

2. CESGRANRIO – Banco da Amazônia/2021

No texto, a narradora suscita a reflexão acerca da eternidade a partir da

- a) mentira que pregara na chegada à escola.

- b) limitação que a falta de dinheiro lhe impunha.
- c) descoberta de que o chicle não acabaria nunca.
- d) relação afetiva que havia entre a ela e sua irmã.
- e) satisfação que o gosto adocicado do chicle proporcionava.

Texto para a questão 03

Texto III

Beira-mar

- Quase fim de longa tarde de verão. Beira do mar no Aterro do Flamengo próximo ao Morro da Viúva, frente para o Pão de Açúcar. Com preguiça, o sol começava a esconder-se atrás dos edifícios. Parecia resistir ao chamado da noite. Nas pedras do quebra-mar caniços de pesca moviam-se devagar, ao lento vai e vem do calmo mar de verão. Cercados por quatro ou cinco pescadores de trajes simples ou ordinários, e toscas sandálias de dedo.
- 10 Bermuda bege de fino brim, tênis e camisa polo de marcas célebres, Ricardo deixara o carro em estacionamento de restaurante nas imediações. Nunca fisgara peixe ali. Olhado com desconfiança. Intruso. Bolsa a tiracolo, balde e vara de dois metros na mão.
- 15 A boa técnica ensina que o caniço deve ter no máximo dois metros e oitenta centímetros para a chamada pesca de molhes, nome sofisticado para quebra-mar. Ponta de agulha metálica para transmitir à mão do pescador maior sensibilidade à fígada do peixe. É
- 20 preciso conhecimento de juiz para enganar peixes.
- A uma dezena de metros, olhos curiosos viam o intruso montar o caniço. Abriu a bolsa de utensílios. Entre vários rolos de linha, selecionou os de espessura entre quinze e dezoito centésimos de milímetro,
- 25 ainda fiel à boa técnica.
- Na nossa profissão vivemos sempre preocupados e tensos: abertura do mercado, sobe e desce das cotações, situação financeira de cada país mundo afora. Poucas coisas na vida relaxam mais do que pescaria, cheiro de mar trazido pela brisa, e a paisagem marítima — costuma confessar Ricardo na roda dos colegas da financeira onde trabalha.
- 30

LOPES, L. **Nós do Brasil**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2015, p. 101. Adaptado.

3. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

A leitura atenta do Texto III mostra que Ricardo

- a) trabalhava no setor de financiamento de material de pesca.

- b) dava pouca importância aos pescadores simples do quebra-mar.
 - c) praticava a pesca por diletantismo nas horas de folga ou de lazer.
 - d) era um assíduo frequentador da beira do mar no Aterro do Flamengo.
 - e) dava mais importância ao ritual de preparação para a pescaria do que ao esporte.
-

Texto para a questão 04

Texto II

Serviu suas famosas bebidas para Vinicius, Carybé e Pelé

Os pedaços de coco *in natura* são colocados no liquidificador e triturados. O líquido resultante é coado com uma peneira de palha e recolocado no aparelho, onde é batido com açúcar e leite condensado. Ao fim,
5 adiciona-se aguardente.

A receita de Diolino Gomes Damasceno, ditada à Folha por seu filho Otaviano, parece trivial, mas a conhecida batida de coco resultante não é. Afinal, não é possível que uma bebida qualquer tenha encantado
10 um time formado por Jorge Amado (diabético, tomava sem açúcar), Pierre Verger, Carybé, Mussum, João Ubaldo Ribeiro, Angela Rô Rô, Wando, Vinicius de Moraes e Pelé (tomava dentro do carro).

Baiano nascido em 1931 na cidade de Ipecaetá,
15 interior do estado, Diolino abriu seu primeiro estabelecimento em 1968, no bairro do Rio Vermelho, reduto boêmio de Salvador. Localizado em uma garagem, ganhou o nome de MiniBar.

A batida de limão — feita com cachaça, suco de
20 limão galego, mel de abelha de primeiríssima qualidade e açúcar refinado, segundo o escritor Ubaldo Marques Porto Filho — chamava a atenção dos homens, mas Diolino deu por falta das mulheres da época. É que elas não queriam ser vistas bebendo em
25 público, e então arranjavam alguém para comprar as batidas e bebiam dentro do automóvel.

Diolino bolou então o sistema de atendimento direto aos veículos, em que os garçons iam até os car-

reto aos veículos, em que os garçons iam até os carros que apenas encostavam e saíam em disparada. A novidade alavancou a fama do bar. No auge, chegou a produzir 6.000 litros de batida por mês.

SETO, G. Folha de S.Paulo. Caderno "Cotidiano". 17 maio 2019, p. B2. Adaptado.

4. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

O Texto II diz que o principal motivo do sucesso da vendagem no estabelecimento de Diolino Damasceno foi

- a) a receita secreta de sua batida de limão.
- b) seu jeito peculiar de combinar os ingredientes.
- c) a clientela de grandes nomes da cultura e do esporte.
- d) fazer uma bebida que podia ser ingerida por diabéticos.
- e) o sistema original de atendimento direto aos veículos.

Texto para a questão 05

Texto I

Projetos urbanísticos, patrimônios e conflitos

O Porto do Rio – Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária do Rio de Janeiro foi divulgado pela Prefeitura em 2001 e concentrou diferentes projetos, visando a incentivar o desenvolvimento habitacional, econômico e turístico dos bairros portuários da Saúde, Gamboa e Santo Cristo. Em meados de 2007, quando se iniciou esse estudo sobre o Plano e seus efeitos sociais, a Zona Portuária já passava por um rápido processo de ressignificação perante a cidade: nos imaginários construídos pelas diferentes mídias, não era mais associada apenas à prostituição, ao tráfico de drogas e às habitações “favelizadas”, despontando narrativas que positivavam alguns de seus espaços, habitantes e “patrimônios culturais”.

Dentro do amplo território portuário, os planejadores urbanos que idealizaram o Plano Porto do Rio haviam concentrado investimentos simbólicos e materiais nos arredores da praça Mauá, situada na convergência do bairro da Saúde com a avenida Rio Branco, via do Centro da cidade ocupada por estabelecimentos financeiros e comerciais.

GUIMARÃES, R. *A Utopia da Pequena África*. Rio de Janeiro: FGV, 2014, p. 16-7. Adaptado.

5. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

Segundo o Texto I, a Zona Portuária, até o início do século XXI, era vista como

- a) uma área desvalorizada social e urbanisticamente.
- b) uma mancha no cenário carioca de belezas naturais.
- c) uma região cercada de arranha-céus.
- d) um reduto dominado pelo crime organizado.
- e) um bairro histórico com poucas áreas habitáveis.

Texto para as questões 06 e 07

Texto II

Estojo escolar

Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas, bastava telefonar e eu receberia um *notebook* capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma estação espacial.

Minhas necessidades são mais modestas: tenho um PC mastodôntico, contemporâneo das cavernas da informática. E um *laptop* da mesma época que começa a me deixar na mão. Como pretendo viajar esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o *top do top* em matéria de computador portátil.

No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser aberto. Depois de mil operações sofisticadas para minhas limitações, retirei das entranhas de isopor o novo *notebook* e coloquei-o em cima da mesa. De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um corte na memória e vi diante de mim o meu primeiro estojo escolar. Tinha 5 anos e ia para o jardim de infância.

Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. Fechei o estojo para proteger aquele cheiro, que ele ficasse ali para sempre, prometi-me economizá-lo. Com avareza, só o cheirava em momentos especiais.

Na tampa que protegia estojo e cheiro havia gravado um ramo de rosas muito vermelhas que se destacavam do fundo creme. Amei aquele ramalhete – olhava aquelas rosas e achava que nada podia ser mais bonito.

O *notebook* que agora abro é negro, não tem rosas na tampa e, em matéria de cheiro, é abominável. Cheira vilmente a telefone celular, a cabine de avião, ao aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma moça veio ver como sou por dentro. Acho que piorei de estojo e de vida.

CONY, C. H. *Crônicas para ler na escola*. São Paulo: Objetiva, 2009. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz12039806.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

6. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

A partir da frase que finaliza o Texto II – “Acho que piorei de estojo e de vida” (ℓ. 41-42) –, constata-se que o autor

- a) comportava-se de modo nostálgico.
- b) era fortemente apegado ao objeto.
- c) carregava consigo objetos inusitados.
- d) tinha muito cuidado com seus pertences.
- e) apresentava um perfil marcado pelo egoísmo.

7. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

Com base na leitura de todo o Texto II, entende-se que ele tem como foco a contraposição entre

- a) cheiro de notebook e cheiro de estojo
- b) requinte e simplicidade
- c) sociedade e indivíduo
- d) presente e passado
- e) trabalho e lazer

Texto para as questões 08 a 12

Texto I

**Obsolescência programada:
inimiga ou parceira do consumidor?**

Obsolescência programada é exercida quando um produto tem vida útil menor do que a tecnologia permitiria, motivando a compra de um novo modelo — eletrônicos, eletrodomésticos e automóveis são exemplos evidentes dessa prática. Uma câmera com uma resolução melhor pode motivar a compra de um novo celular, ainda que o modelo anterior funcione perfeitamente bem. Essa estratégia da indústria pode ser vista como inimiga do consumidor, uma vez que o incentiva a adquirir mais produtos sem realmente necessitar deles. No entanto, traz benefícios, como o acesso às novidades.

Planejar inovação é extremamente importante para melhoria e aumento da capacidade técnica de um produto num mercado altamente competitivo. Já imaginou se um carro de hoje fosse igual a um carro dos anos 1970? O desafio é buscar um equilíbrio entre a inovação e a durabilidade. Do ponto de vista técnico, quando as empresas planejam um produto, já tem equipes trabalhando na sucessão dele, pois se trata de uma necessidade de sobrevivência no mercado.

Sintomas de obsolescência são facilmente percebidos quando um novo produto oferece características que os anteriores não tinham, como o uso de reconhecimento facial; ou a queda de desempenho do produto com relação ao atual padrão de mercado, como um *smartphone* que não roda bem os aplicativos atualizados. Outro sinal é detectado quando não é possível repor acessórios, como carregadores compatíveis, ou mesmo novos padrões, como tipo de bateria, conector de carregamento ou tipos de cartão de um celular, por exemplo.

Isso não significa que o consumidor está refém de trocas constantes de equipamento: é possível adiar a substituição de um produto, por meio de *upgrades* de *hardware*, como inclusão de mais memória, baterias e acessórios de expansão, pelo menos até o momento em que essa troca não compense financeiramente. Quanto à legalidade, o que se deve garantir é que os produtos mais modernos mantenham a compatibilidade com os anteriores, a fim de que o antigo usuário não seja forçado constantemente à compra de um produto mais novo se não quiser. É importante

diferenciá-la da obsolescência perceptiva, que ocorre quando atualizações cosméticas, como um novo *design*, fazem o produto parecer sem condições de uso, quando não está.

É preciso lembrar também que a obsolescência programada se dá de forma diferente em cada tipo de equipamento. Um controle eletrônico de portão tem uma única função e pode ser usado por anos e anos sem alterações ou troca. Já um celular tem maior taxa de obsolescência e pode ter de ser substituído em um ano ou dois, dependendo das necessidades do usuário, que pode desejar fotos de maior resolução ou tela mais brilhante.

Essa estratégia traz desafios, como geração do lixo eletrônico. Ao mesmo tempo, a obsolescência deve ser combatida na restrição que possa causar ao usuário, como, por exemplo, uma empresa não mais disponibilizar determinada função que era disponível pelo simples *upgrade* do sistema operacional, forçando a compra de um aparelho novo. O saldo geral é que as atualizações trazidas pela obsolescência programada trazem benefícios à sociedade, como itens de segurança mais eficientes em carros e conectabilidade imediata e de alta qualidade entre pessoas. É por conta disso que membros de uma mesma família que moram em países diferentes podem conversar diariamente, com um custo relativamente baixo, por voz ou vídeo. Além disso, funcionários podem trabalhar remotamente, com mais qualidade de vida, com ajuda de dispositivos móveis.

RAMALHO, N. Obsolescência programada: inimiga ou parceira do consumidor? Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/obsolescencia-programada-inimiga-ou-parceira-do-consumidor-5z4zm6km1pndkokxsb-14v6o96/>>. Acesso em: 23 jul. 2019. Adaptado.

8. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

De acordo com o Texto I, obsolescência perceptiva (ℓ. 45) é aquela que é caracterizada pelo(a)

- a) aumento da vida útil dos produtos eletrônicos
- b) ampliação da capacidade técnica dos produtos

- c) necessidade de compra de produto recém-lançado
 - d) renovação do modelo estético dos produtos
 - e) queda de desempenho do produto antigo
-

9. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

Nos seguintes trechos do Texto I, o adjetivo destacado apresenta valor discursivo de avaliação subjetiva, em relação ao substantivo a que se liga, em:

- a) "um produto tem vida **útil**" (ℓ. 2)
 - b) "exemplos **evidentes** dessa prática." (ℓ. 5)
 - c) "uso de reconhecimento **facial**" (ℓ. 25-26)
 - d) "geração do lixo **eletrônico**" (ℓ. 58-59)
 - e) "moram em países **diferentes**" (ℓ. 70)
-

10. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

No Texto I, a tese defendida pelo autor pode ser resumida no seguinte trecho:

- a) "Obsolescência programada: inimiga ou parceira do consumidor?" (título).
 - b) "Essa estratégia da indústria pode ser vista como inimiga do consumidor" (ℓ. 8-9).
 - c) "Planejar inovação é extremamente importante para melhoria e aumento da capacidade técnica de um produto" (ℓ. 13-15).
 - d) "Isso não significa que o consumidor está refém de trocas constantes de equipamento" (ℓ. 34-35).
 - e) "O saldo geral é que as atualizações trazidas pela obsolescência programada trazem benefícios à sociedade" (ℓ. 64-66).
-

11. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

O fragmento do Texto I que comprova a estratégia argumentativa usada pelo autor para aproximar-se do leitor, buscando persuadi-lo, é:

- a) "Uma câmera com uma resolução melhor pode motivar a compra de um novo celular" (ℓ. 5-7)
- b) "Já imaginou se um carro de hoje fosse igual a um carro dos anos 1970?" (ℓ. 15-17)
- c) "Outro sinal é detectado quando não é possível repor acessórios como carregadores compatíveis" (ℓ. 29-31)

d) “É preciso lembrar também que a obsolescência programada se dá de forma diferente em cada tipo de equipamento.” (ℓ. 49-51)

e) “É por conta disso que membros de uma mesma família que moram em países diferentes podem conversar diariamente” (ℓ. 68-71)

12. CESGRANRIO – UNIRIO/2019

O Texto I, que aborda a obsolescência programada, busca

- a) condenar a produção excessiva de lixo eletrônico.
- b) denunciar o preço exorbitante das mercadorias modernas.
- c) alertar sobre o consumo desenfreado de novas tecnologias.
- d) destacar a queda vertiginosa na qualidade dos itens à venda.
- e) analisar a suplantação dos produtos disponibilizados ao consumidor.

Texto para as questões 13 a 15

A viagem tem uma estruturalidade típica. Há a escolha do destino, uma finalidade antevista, uma partida e um retorno, um trajeto por lugares, um tempo de duração. Há situações iniciais e finais, outras
5 intermediárias, numa dimensão linear, e há atores, um dos quais o viajante, que serve de fio condutor entre pessoas, acontecimentos, locais e deslocamentos. Supõe uma subjetividade que se abre ao desconhecido, a perda de referências familiares, o abandono do mesmo pelo diferente, o encontro com o outro
10 e o reencontro consigo mesmo. Em contrapartida, a narrativa de viagem depende em primeiro lugar da memória e de anotações. Seleciona experiências, precisa estabelecer um projeto de narração, não necessariamente cronológico ou causal, torna-se,
15 mesmo sem intenção, um testemunho. E é orientada por perspectivas do narrador-viajante, que incluem seu estilo de vida, sua mentalidade, assim como sua visão de mundo e sua posição de sujeito, ou seja, o
20 local cultural de onde fala.

13. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

No Texto II, a autora diz que, numa viagem, “há atores, um dos quais o viajante” (l. 5-6)

Ela usa a palavra “ator” porque está referindo-se à pessoa que

- a) tem papel ativo em algum acontecimento.

- b) desempenha um papel quando está em cena.
 - c) age como se estivesse representando um papel.
 - d) encara uma viagem como se estivesse num palco.
 - e) é capaz de simular emoções, sentimentos, atitudes.
-

14. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

Para a autora do Texto II, a narrativa de viagem depende essencialmente de quais condições?

- a) Dos lugares visitados e das pessoas com quem o viajante lidou.
 - b) Das recordações feitas pelo viajante e dos apontamentos da viagem.
 - c) Do domínio que o viajante tem sobre a organização textual de uma narrativa.
 - d) Do olhar apurado do viajante para as pessoas e as paisagens que conheceu.
 - e) Dos dados pitorescos e surpreendentes com os quais o viajante teve contato.
-

15. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

Objetivamente, entende-se a partir da leitura do Texto II que uma viagem tem

- a) sentimento de fuga
 - b) começo, meio e fim
 - c) planejamento fortuito
 - d) imprevistos e percalços
 - e) data de ida, mas não de volta
- Texto para as questões 16 e 17**

Texto I

O som do apito do juiz ainda vibrava nos ouvidos de Lúcio. Naquele momento, quem o visse de perto perceberia o suor escorrendo frio por seu rosto liso de menino, sob o sol de domingo no fim de tarde. Ele
5 com as mãos na cintura, estático, os olhos baixos, mirando a bola fincada na marca do pênalti. Quem pudesse, naquele instante, encostar a cabeça no seu corpo suado sentiria o descompasso da respiração, o coração dando saltos, e veria a tensão estampada
10 nos olhos que se mantinham fixos na direção da bola, de tal modo que o simples fato de desviá-los sequer um segundo parecia significar a perda total da concentração e o chute torto nas mãos do goleiro ou por cima da trave, a bola zunindo em direção às árvores
15 que se estendiam para além do campo. O juiz já apitava, aquele som estridente, ele ouvira muito bem, mas seus músculos pareciam inertes, sem comando, e lhe faltava ar, como se as árvores em volta do campinho de várzea invertessem a ordem natural e sugassem o
20 oxigênio que era dele. Lúcio não precisava levantar a cabeça, mudar a direção do olhar e dar uma espiada em torno para saber, dali mesmo tinha certeza de que todos o observavam. Sabia, sem precisar ver, que os reservas sentados no banco de alvenaria à beira do
25 campo, empurrados pelas costas pelos torcedores que se acotovelavam do lado de fora do alambrado, e mesmo os privilegiados que podiam se dar ao luxo de ocupar um lugar apertado nas poucas tábuas da pequena arquibancada, ou ainda os mais ousados,
30 trepados nas encostas do morro, mais atrás, todos eles e ainda os outros jogadores, do seu time e os do time adversário, ali em campo, e o juiz, e principalmente o velho Gaspar, ex-centroavante do Bangu e agora técnico do seu time, todos esperavam por
35 um movimento seu, um caminhar, um correr na direção da bola, o chute, um desfecho. Nunca, porém, a distância entre as duas traves lhe parecera tão curta, nem a figura do goleiro tão imensa.

16. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

O Texto I mostra algumas características da atuação do juiz daquele jogo, mas dá ênfase para

- a) o som estridente do seu apito.
- b) o suor escorrendo pelo seu rosto.
- c) a atenção que dedicava àquele lance.
- d) sua marcação da penalidade máxima.
- e) seus gestos espalhafatosos e caricaturais.

17. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

O Texto I diz que, entre todos os participantes da cena descrita, espectadores da ação que Lúcio devia executar, se destacava a figura

- a) do juiz.
- b) do velho Gaspar.
- c) dos reservas sentados no banco de alvenaria.
- d) dos torcedores trepados nas encostas do morro.
- e) do público que se acotovelava do lado de fora do alambrado.

Texto para a questão 18

Diz o velho ditado que “a mentira tem pernas curtas”, mas nestes tempos de internet parece que a situação se inverteu, pelo menos no mundo digital. Pesquisadores mostram que rumores falsos
5 “viajam” mais rápido e mais “longe”, com mais compartilhamentos e alcançando um maior número de pessoas, nas redes sociais, do que informações verdadeiras.

Foram reunidos todos os rumores nas redes
10 sociais – falsos, verdadeiros ou “mistos”. Esses rumores foram acompanhados, chegando a um total de mais de 4,5 milhões de postagens feitas por cerca de 3 milhões de pessoas, formando “cascatas” de compartilhamento.

15 Ao compararem os padrões de compartilhamento dessas milhares de “cascatas”, os pesquisadores observaram que os rumores “falsos” se espalharam com mais rapidez, aumentando o número de “degraus” da cascata – e com maior abrangência do que os considerados verdadeiros.

20 A tendência também se manteve, independentemente do tema geral que os rumores abordassem, mas foi mais forte quando versavam sobre política do que os demais, na ordem de frequência: lendas urbanas; negócios; terrorismo e guerras; ciência e tecnologia; entretenimento; e desastres naturais.

25 Uma surpresa provocada pelo estudo revelou o perfil de quem mais compartilha rumores falsos: usuários com poucos seguidores e novatos nas redes.

30 — Vivemos inundados por notícias e muitas vezes as pessoas não têm tempo nem condições para verificar se elas são verdadeiras — afirma um dos pesquisadores. Isso não quer dizer que as pessoas são estúpidas. As redes sociais colocam todas as informações no mesmo nível, o que torna difícil diferenciar o verdadeiro do falso, uma fonte confiável de uma não confiável.

18. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

De acordo com o texto, no mundo digital, “mentiras têm pernas longas” porque

- a) abordam temas desconhecidos pelo público.
- b) conseguem atingir grande número de pessoas.
- c) demoram muito tempo para serem desmentidas.
- d) fazem propaganda de produtos desnecessários.
- e) tendem a ser esquecidas em curto prazo de tempo.

Texto para a questão 19

Mobilidade e acessibilidade desafiam cidades

A população do mundo chegou, em 2011, à marca oficial de 7 bilhões de pessoas. Desse total, parte cada vez maior vive nas cidades: em 2010, esse contingente superou os 50% dos habitantes do planeta, e
5 até 2050 prevê-se que mais de dois terços da população mundial será urbana.

No Brasil, a população urbana já representa 84,4% do total, de acordo com o Censo 2010. É preciso, então, que questões de mobilidade e acessibili-
10 dade urbana passem a ser discutidas.

No passado, a noção de mobilidade era estreitamente ligada ao automóvel. Hoje, como resultado, os moradores de grande maioria das cidades brasileiras lidam diariamente com congestionamentos insupor-
15 táveis, que causam enormes perdas. Isso, sem falar no alto índice de mortes em vias urbanas do país. Depreendemos daí que a dependência do automóvel como meio de transporte é um fator que impede a mobilidade urbana.

É importante investir em infraestrutura pedestre, cicloviária e em sistemas mais eficazes e adequados de ônibus. Ao mesmo tempo, podemos desenvolver cidades mais acessíveis, onde a maior parte dos serviços esteja próxima às moradias e haja opções de
20 transporte não motorizado para nos locomovermos.

BROADUS, V. **Portal Mobilize Brasil**. 16 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.mobilize.org.br/noticias/2419/mobilidade-acessibilidade-e-deficiencias-fisicas.html>>. Acesso em: 9 jul. 2018. Adaptado.

Glossário:

Mobilidade urbana – É a facilidade de locomoção das entre as diferentes zonas de uma cidade.

Acessibilidade urbana – É a garantia de condições às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, para a utilização, com segurança e autonomia, dos espaços públicos.

19. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

No segundo parágrafo, o texto defende a necessidade de discutir questões relativas à mobilidade urbana.

Antes disso, o texto refere-se à

- a) ampliação da população urbana mundial
- b) diminuição da distância entre casa e trabalho
- c) imobilidade urbana causada pelo automóvel
- d) importância do investimento em infraestrutura
- e) paralisação do trânsito das grandes cidades

Texto para as questões 20 e 21

Quem está acostumado a ler romance e conto não cai tão fácil em conto do vigário. Ou conto de político.

Continuo acreditando que um dos melhores antídotos para a mentira é a ficção. Explico o paradoxo: quando lemos na mídia uma versão fantasiosa ou uma deturpação muito bem arranjadinha da realidade, somos mais suscetíveis de ser enganados se não estivermos acostumados a ler narrativas literárias, pois estaremos sujeitos ao embuste de acreditar em mentiras sem exigir coerência no relato ou sem atentar para detalhes deixados a descoberto. E no que se refere à psicologia dos personagens, o leitor desavisado é muito mais sujeito a aceitar qualquer versão, sem perceber discrepâncias evidentes mas disfarçadas em embalagens vistosas. Por tudo isso, quem está acostumado a ler romance e conto não cai tão fácil em conto do vigário. Ou conto de político. É menos propenso a ser vítima.

Movendo-se à vontade nesse universo da narrativa literária, que transfigura a experiência do real e lhe confere sentido, o cidadão que lê literatura tende a ter mais condições de separar o falso do verdadeiro. Liga um sinal de alerta e fica com um pé atrás, diante de mentiras embrulhadas para presente, destinadas a defender o indefensável, disfarçadas por papéis coloridos, adesivos brilhantes ou laçarotes de cetim. Percebe melhor quando dentro da caixa está a intenção de obstruir a Justiça, defender privilégios, manipular números, garantir o próprio poder ou salvar a pele. O opaco da enganação se torna transparente.

Volto então a um jogo que tenho proposto todo início de ano. Aproveitemos o verão para ler literatura. Romances, contos e até ensaios bem escritos — para quem se sente mais seguro se não tiver de enfrentar de cara uma realidade imaginada. Ótima leitura para eventuais férias. Utilíssima na formação de cidadãos democráticos. Quanto mais lermos, menos nos enganarão. Vá a uma livraria ou biblioteca e escolha um livro.

20. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

A expressão que melhor representa o paradoxo a que se refere a autora logo no início do texto é

- a) “Verdades na ficção” (título).
- b) “deturpação muito bem arranjadinha da realidade” (l. 7-8).
- c) “discrepâncias evidentes mas disfarçadas” (l. 15-16).
- d) “conto do vigário” (l. 18).
- e) “mentiras embrulhadas para presente” (l. 25)

21. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

De acordo com o texto, quem lê romances e contos tende a ter uma visão mais crítica da realidade, não se deixando enganar com tanta facilidade, porque

- a) é mais suscetível de perceber os descaminhos na ficção literária.
- b) tende a minimizar a coerência na versão dos fatos pela mídia.
- c) está mais propenso a ser vítima daquilo que a ele se mostra.
- d) está mais preparado para perceber a transfiguração do real.
- e) pode perceber a relevância da deturpação do que é literário.

Texto para as questões 22 e 23

O ano de 2017 foi difícil. Avalio pelo número de amigos desempregados. E pedidos de empréstimos. Um atrás do outro. Nunca fui de botar dinheiro nas relações de amizade. Como afirmou Shakespeare, perde-se o dinheiro e o amigo. Nos primeiros pedidos, eu ajudava, com a consciência de que era uma doação. A situação foi piorando. Os argumentos também. No início era para pagar a escola do filho. Depois vieram as mães e avós doentes. Lamentavelmente, aprendi a não ser generoso. Ajudava um rapaz, que não conheço pessoalmente. Mas que sofreu um acidente e não tinha como pagar a fisioterapia. Comecei pagando a fisio. Vieram sucessivas internações, remédios. A situação piorando, eu já estava encomendando missa de sétimo dia. Falei com um amigo médico, no Rio de Janeiro. Ele aceitou tratar o caso gratuitamente. Surpresa! O doente não aparecia para a consulta. Até que o coloquei contra a parede. Ou se consultava ou eu não ajudava mais.

Cheio de saúde, ele foi ao consultório. Pediu uma receita de suplementos para ficar com o corpo atlético. Nunca conheci o sujeito, repito. Eu me senti um idiota por ter caído na história. Só que esse rapaz havia perdido o emprego após o suposto acidente. Foi por isso que me deixei enganar. Mas, ao perder salário, muita gente perde também a vergonha. Pior ainda. A violência aumenta. As pessoas buscam vagas nos mercados em expansão. Se a indústria automobilística vai bem, é lá que vão trabalhar. Podemos esperar por um futuro melhor ou o que nos aguarda é mais descrédito? Novos candidatos vão surgir. Serão novos? Ou os antigos? Ou novos com cabeça de velhos? Todos pedem que a gente tenha uma nova consciência para votar. Como? Num mundo em que as notícias são plantadas pela internet, em que muitos sites servem a qualquer mentira. Digo por mim. Já contaram cada história a meu respeito que nem sei o que dizer. Já inventaram casos de amor, tramas nas novelas que escrevo. Pior. Depois todo mundo me pergunta por que isso ou aquilo não aconteceu na novela. Se mudei a trama. Respondo: — Nunca foi para acontecer. Era mentira da internet. Duvidam. Acham que estou mentindo.

22. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

No penúltimo parágrafo, o autor do texto revela ser autor de novelas, mas reclama

- a) do assédio dos fãs.
- b) da falta de privacidade quando anda pelas ruas.

- c) dos casos de amor que atribuem a ele nas redes sociais.
 - d) da necessidade de ter consciência na hora de votar.
 - e) das versões falsas publicadas na internet das histórias de suas novelas.
-

23. CESGRANRIO – LIQUIGÁS/2018

No texto, o autor diz que aprendeu a não ser generoso (l. 9-10).

A circunstância que justifica essa atitude foi o fato de ele

- a) sentir-se enganado por um rapaz, que sofrera um acidente.
 - b) já haver ajudado muitos amigos desempregados.
 - c) estar ficando sem dinheiro para ajudar as pessoas que o procuravam.
 - d) desconfiar de que alguém estava desviando o dinheiro de sua ajuda.
 - e) ter uma formação muito rígida, voltada unicamente para a família.
-

Texto para as questões 24 e 25

Clima alentador

China e EUA anunciam metas para combater o aquecimento global e revivem expectativa de acordo em Copenhague.



Questões de CONCURSOS.com.br

Copenhague, afinal, pode sair menos ruim que a encomenda. Quando já se contava com um fiasco da conferência sobre mudança do clima, que começa daqui a uma semana na capital dinamarquesa, surgem
5 sinais animadores de que um acordo razoável possa ser obtido. Limitado, mas melhor que acordo nenhum.

Já se sabe que não será aprovado um tratado forte, com compromissos legais dos países para redução de gases do efeito estufa. Essa era a expecta-
10 tiva anterior: algo mais ambicioso que o Protocolo de Kyoto (1997), fracassado, que determinava corte médio de 5,2% nas emissões só das nações desenvolvidas. O compromisso obtido em Copenhague será apenas "politicamente vinculante".

15 O novo acordo precisa ir muito além de Kyoto, se a meta for impedir que o aumento da temperatura média da atmosfera ultrapasse 2°C de aquecimento neste século, como recomenda a maioria dos climatologistas. Isso exige dos países desenvolvidos
20 chegar a 2020 emitindo 25% a 40% menos poluentes que em 1990, ano-base de Kyoto.

Os países menos desenvolvidos, por seu turno, precisam desacelerar a trajetória crescente de suas emissões. Estima-se que seja necessário um corte de
25 15% a 30%, aplicados no caso sobre os níveis que estariam emitindo em 2020, mantido o ritmo atual. A ideia é de que a redução não prejudique seu esforço de de-

envolvimento e redução da pobreza.
Os sinais alentadores surgidos na semana
partiram dos EUA e da China. Juntos, respondem por
40% das emissões mundiais.

Jornal Folha de S. Paulo, Editorial. 29 nov. 2009, p. A2. (Fragmento)

24. CESGRANRIO – BACEN/2010

Em defesa de seu ponto de vista, este editorial marca sua opinião de vários modos. Das afirmativas a seguir, a que não se constitui em opinião, mas sim em um fato que contribui para a comprovação da tese apresentada no texto é

- a) "Quando já se contava com um fiasco da conferência sobre mudança do clima, (...), surgem sinais animadores de que um acordo razoável possa ser obtido." (L. 2-6)
- b) "Já se sabe que não será aprovado um tratado forte, com compromissos legais dos países para redução de gases do efeito estufa." (L. 7-9)
- c) "O compromisso obtido em Copenhague será apenas 'politicamente vinculante' ". (L. 13-14)
- d) "Os países menos desenvolvidos, (...), precisam desacelerar a trajetória crescente de suas emissões." (L. 22-24)
- e) "Juntos respondem por 40% das emissões mundiais." (L. 30-31)

25. CESGRANRIO – BACEN/2010

O título Clima alentador, do editorial da Folha de S. Paulo,

- a) expõe a opinião de um jornalista de sucesso.
- b) aponta para o fracasso do compromisso de Copenhague.
- c) descreve o esforço dos países ricos na redução da pobreza
- d) antecipa o ambiente favorável ao acordo climático.
- e) sintetiza as conclusões do Protocolo de Kyoto.

26. INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo "batom da marca X, cor 42, lote A-439". O mesmo personagem talvez interroge um suspeito e declare "sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho". No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o

investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: "Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado".

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjugam a complexidade das técnicas científicas.
- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

27. INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.
- d) uma mudança de comportamento no trabalho.
- e) uma maior produção de batatas.

28. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua Brasília, brasileira ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.
- e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

29. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a ‘geração da cabeça baixa’. “É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens.” E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. “Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para uma desvio de coluna.”

<https://www.diariodaregiao.com.br/conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html>

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.
- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

30. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
 - b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
 - c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.
 - d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.
 - e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.
-

31. INÉDITA

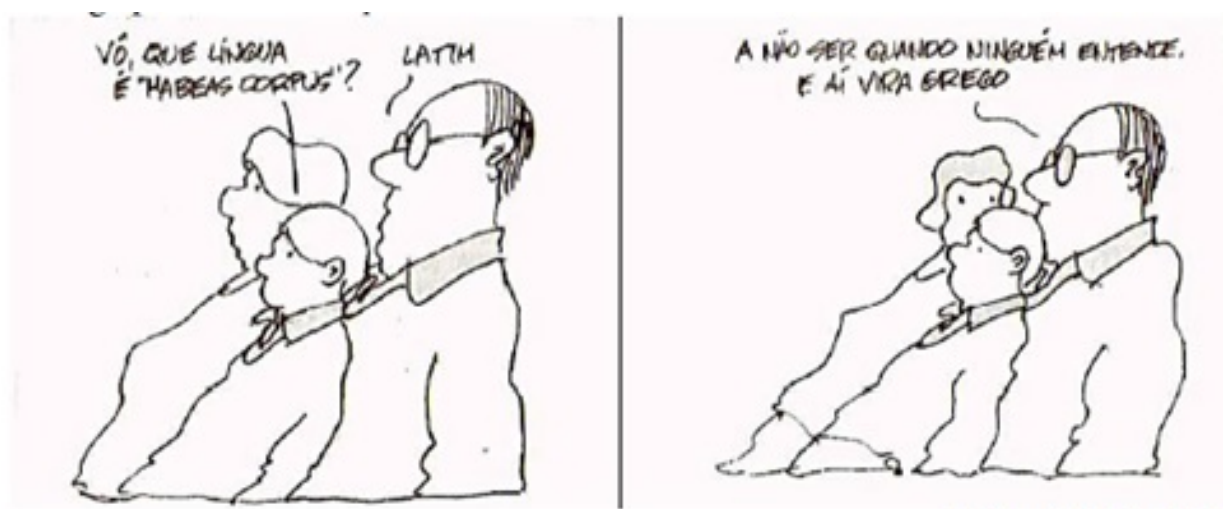


A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

- a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.
- b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.
- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.
- d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.
- e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

32. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

- a) O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão "habeas corpus".
- b) A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- c) A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- d) A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- e) O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

33. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

"Nossa meta é servir bem."

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra "meta" estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo "Nossa", que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.
- e) O emprego do substantivo "diferencial" no lugar de "meta" não alteraria o sentido original do anúncio.

34. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensar a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo.

"Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".)

I – Há uma relação semântica de contraste "banhos intermitentes de sangue" e "ela era toda pálida e suave"

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - "Muito!" – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho "Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo" faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

35. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.
- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino íterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

Gabarito

- 1. B
- 2. C
- 3. C
- 4. E
- 5. A
- 6. A
- 7. D
- 8. D
- 9. B
- 10. E
- 11. B
- 12. E
- 13. A

14. B

15. B

16. A

17. B

18. B

19. A

20. A

21. D

22. E

23. A

24. E

25. D

26. E

27. D

28. A

29. C

30. D

31. B

32. E

33. B

34. A

35. C

Lista de Questões

Texto para as questões 01 a 02

Idosos órfãos de filhos vivos são os novos desvalidos do século XXI

Nestas últimas décadas, surgiu uma geração de pais sem filhos presentes, por força de uma cultura de independência e autonomia levada ao extremo, que impacta negativamente no modo de vida de toda a família. Muitos filhos adultos ficam irritados por precisarem acompanhar os pais idosos ao médico, aos laboratórios. Irritam-se pelo seu andar mais lento e suas dificuldades de se organizar no tempo, sua incapacidade crescente de serem ágeis nos gestos e decisões.

Separação e responsabilidade

Nos tempos de hoje, dentro de um espectro social muito amplo e profundo, os abandonos e as distâncias não ocupam mais do que algumas quadras ou quilômetros que podem ser vencidos em poucas horas. Nasceu uma geração de “pais órfãos de filhos”. Pais órfãos que não se negam a prestar ajuda financeira. Pais mais velhos que sustentam os netos nas escolas e pagam viagens de estudo fora do país. Pais que cedem seus créditos consignados para filhos contraírem dívidas em seus honrados nomes, que lhes antecipam herança, mas que não têm assento à vida familiar dos mais jovens, seus próprios filhos e netos, em razão – talvez, não diretamente de seu desinteresse, nem de sua falta de tempo – da crença de que seus pais se bastam.

Este estilo de vida, nos dias comuns, que não inclui conversa amena e exclui a “presença a troco de nada, só para ficar junto”, dificulta ou, mesmo, impede o compartilhamento de valores e de interesses por parte dos membros de uma família na atualidade, resulta de uma cultura baseada na afirmação das individualidades e na política familiar focada nos mais jovens, nos que tomam decisões ego-centradas e na alta velocidade: tudo muito veloz, tudo fugaz, tudo incerto e instável. O desespero calado dos pais desvalidos, órfãos de quem lhes asseguraria conforto emocional e, quiçá material, não faz parte de uma genuína renúncia da parte destes pais, que “não querem incomodar ninguém”, uma falsa racionalidade – e é para isso que se prestam as racionalizações – que abala a saúde, a segurança pessoal, o senso de pertença. É do medo de perder o pouco que seus filhos lhes concedem em termos de atenção e presença afetiva. O primado da “falta de tempo” torna muito difícil viver um dia a dia em que a pessoa está sujeita ao pânico de não ter com quem contar.

A dificuldade de reconhecer a falta que o outro faz

Do prisma dos relacionamentos afetivos e dos compromissos existenciais, todas as gerações têm medo de confessar o quanto o outro faz falta em suas vidas, como se isso fraqueza fosse. Montou-se, coletivamente, uma enorme e terrível armadilha existencial, como se ninguém mais precisasse de ninguém. A família nuclear é muito ameaçadora. Para o conforto, segurança e bem-estar: um número grande de filhos não mais é bem-vindo, pais longevos não são bem tolerados e tudo isso custa muito caro, financeira, material e psicologicamente falando. Sobrevieram a solidão e o medo permanente que impregnam a cultura utilitarista, que transformou as relações humanas em transações comerciais. As pessoas se enxergam como recursos ou clientes. Pais em desespero tentam comprar o amor dos filhos e temem os ataques e abandono de clientes descontentes. Mas, carinho de filho não se compra, assim como ausência de pai e mãe não se compensa com presentes, dinheiro e silêncio sobre as dores profundas, as gerações em conflito se infringem. [...]. Diálogo? Só existe o verdadeiro diálogo entre aqueles que não comungam das mesmas crenças e valores, que são efetivamente diferentes. Conversar, trocar ideias não é dialogar. Dialogar é abrir-se para o outro. É experiência delicada e profunda de autorrevelação. Dialogar requer tempo, ambiente e clima, para que se realizem escutas autênticas e para que sejam afastadas as mútuas projeções. O que sabem, pais e filhos, sobre as noites insones de uns e de outros?

O que conversam eles sobre os receios, inseguranças e solidão? E sobre os novos amores? Cada geração se encerra dentro de si própria e age como se tudo estivesse certo e correto, quando isso não é verdade.

FRAIMAN, A. "Idosos órfãos de filhos vivos são os novos desvalidos do século XXI". Disponível em <<http://www.revistapazes.com/54402/>>. Acesso em 30 out. 2017. (Adaptado)

1. Instituto AOCF - Médico (SES DF)/Medicina Intensiva/Adulto/2018 (e mais 3 concursos)

De acordo com o texto, é correto afirmar que

- a) os idosos são rebaixados socialmente, por serem improdutivos e reclamarem sobre todas as atitudes dos mais jovens.
- b) a maioria dos filhos se sentem confortáveis em acompanhar os pais idosos ao médico, laboratórios e terapias.
- c) a ideia de "falta de tempo" é a desculpa mais utilizada pelos mais jovens para não dar atenção aos pais, os quais têm medo de adoecerem sozinhos.
- d) a política familiar focada nos jovens, que prezam pela rapidez e pelas relações fugazes, dificulta o compartilhamento de informações e valores dentre os membros das famílias de hoje.
- e) o empréstimo de dinheiro aos filhos e a antecipação da herança são os fatores que mais aborrecem os idosos.

2. Instituto AOCF - Médico (SES DF)/Medicina Intensiva/Adulto/2018 (e mais 3 concursos)

De acordo com Ana Fraiman, autora do texto, é correto afirmar que

- a) por dialogarem pouco, os filhos de pais idosos acabam afastando-os de suas vidas particulares, gerando um sentimento de culpa nos mais velhos.
- b) conversar com os idosos, o mínimo que seja, é suficiente para estabelecer um diálogo verdadeiro.
- c) a cultura utilitarista da atualidade contribui com a formação de um ideário social em que o jovem toma todas as decisões dentro de uma família e os idosos só são úteis quando oferecem seus conselhos.
- d) as gerações entram em conflito, pois os filhos acreditam que com presentes é possível remediar relações afetivas malsucedidas pela falta de diálogo verdadeiro.
- e) tanto pais quanto filhos têm medo de falar sobre a falta que os familiares fazem em suas vidas, e cada geração, equivocadamente, acredita que é autossuficiente, encerrando-se dentro de si própria.

Texto para as questões 03 a 05

PROJEÇÃO PSICOLÓGICA e INGRATIDÃO: a incongruência na falta de consciência dos próprios problemas

Adilson Cabral

Não se pode analisar o ser humano dentro de critérios lógicos e totalmente racionais. Por esta razão, a ingratidão humana, quando analisada sob a ótica da projeção psicológica, em vez de denotar uma falta de caráter, torna-se uma carência de desenvolvimento egoico, quase que uma infantilidade (que por infelicidade da humanidade, ainda é muito recorrente, independentemente da idade, classe social ou formação educacional dos indivíduos). Não há correlação direta entre um maior nível educacional e um menor nível de projeção nas relações pessoais do indivíduo (mesmo que às vezes tenho a impressão que quanto mais instruídas algumas pessoas, mais insensíveis à sua própria

carência egoica elas são... e mais necessitadas de um bom e longo tratamento psicoterápico também... chego a pensar que pessoas mais simples são mais saudáveis em termos psicológicos... mas isto é tema para futuras postagens). Mas o que é projeção, então? O que ela tem a ver com a ingratidão? Começemos por aí, então...

Projeção é nossa capacidade de negar em nós mesmos algo que nos incomoda, 'projetando' este mal em quem está mais próximo de nós. Melhor dizendo: nossa incapacidade de aceitar nossos defeitos, nossos PIORES DEFEITOS, diga-se de passagem. Somos capazes de admitir pequenas falhas, mas grandes defeitos... só os grandes seres humanos é que são capazes de admitir.

A projeção existe desde nosso nascimento, e é extremamente necessária para nossa rápida adaptação ao ambiente: ferramenta essencial de formação do Ego. Ego que é quem somos (ou pelo menos quem achamos que somos), é a separação entre o Eu e o Outro, entre você e sua mãe (principalmente). Sem o Ego, você não pensaria sozinho, não iria querer nada (quereria o que os outros quisessem por você), não teria opinião, não seria ninguém. Pense em um fantoche: seria alguém sem ego.

Com a Projeção, o Ego se fortifica enquanto você forma sua personalidade: a criança é capaz então de se ver como 'boazinha', e acreditar em si própria, negando seus próprios defeitos. Até este ponto, isto é saudável. A criança naturalmente projeta quando, por exemplo, diz que quem quebrou o vaso foi a 'bola', e não quem a chutou... que quem comeu o bolo foi o 'gatinho', e não ela que era a única capaz de abrir a porta da geladeira naquele momento e local.

A coisa começa a tomar outra figura quando crescemos, ganhamos a capacidade de saber bem quem somos, conhecemos nossos defeitos mas passamos a justificá-los... esta 'racionalização' de nossos próprios defeitos (comum e diretamente proporcional à capacidade intelectual do indivíduo) é capaz de fazer grandes estragos, principalmente na vida das pessoas que estão em volta do 'projetor'. Dona da verdade, para esta pessoa tudo se justifica porque ela 'está certa', e qualquer um que discorde ou tenha outra opinião estará errado. Os demais passam, então, a receber toda a carga de projeção deste indivíduo, pela sua incapacidade de evoluir reconhecendo suas próprias carências e defeitos.

Vamos ser mais claros citando exemplos: imagine alguém que passe boa parte de seu tempo de trabalho no computador fazendo outra coisa que não trabalhar (navegando na internet, no facebook, fazendo atividades alheias ao seu trabalho), enquanto seus colegas de trabalho simplesmente se esgotam com enorme quantidade de serviço. É impossível que o inconsciente desta pessoa não a cobre, não transmita-lhe culpa de sua atitude incorreta... mas a reação do ego infantil deste indivíduo será a contrária da que realmente se esperaria de um verdadeiro adulto: ela adotará um discurso e uma atitude de que trabalha mais do que os outros, que estes deveriam receber mais carga de trabalho pois sua situação, em sua visão, seria injusta... um contrassenso, não é? Sim, mas é isto que ocorrerá: a pessoa que projeta o faz lançando nos outros suas próprias falhas...e não para por aí.

Pense em alguém que ajude esta pessoa com carência egoica... este(a) será uma tela de projeção para os piores defeitos do projetor. E é aí que chegamos ao tema da ingratidão: pessoas altamente projetivas (portadoras de um ego mal formado, infantil) agem com o que seria caracterizado como 'ingratidão': ao mesmo tempo em que você age com profissionalismo, seriedade e honestidade, esta pessoa tentará lhe identificar como preguiçoso, desonesto, mentiroso, infantil... exatamente as próprias características que lhe pertencem.

A culpa, a vergonha, a inferioridade, a incapacidade, e todos os demais maus sentimentos que elas sentem são insuportáveis para seu pequeno e mal formado ego, sendo, portanto, lançados no inconsciente. Lá, esses conteúdos só tem duas alternativas: atacar a si próprio(a) (o pior caminho, transformar-se em uma doença ao somatizar-se, em uma neurose profunda ou em uma psicose nos piores casos) ou lançá-los na direção de quem estiver mais próximo e suscetível (geralmente pessoas com características contrárias aos seus defeitos, e às quais, no fundo, invejam, ou no mínimo desejariam ser iguais). O último é o caminho mais fácil, mais natural, o mais seguido pelas pessoas.

É aí que nascem as grandes injustiças nos ambientes de trabalho, nas salas escolares, na vida social no geral. Quanto maior o cargo do projetor, maior sua capacidade de fazer besteira e cometer grandes injustiças na vida das demais pessoas, por conta de sua própria inferioridade de maturidade psicológica, sua falha no desenvolvimento egoico. E infelizmente, ainda não temos muitos meios para nos defendermos deste tipo de 'doente'.

O máximo que podemos fazer, quando somos obrigados a estar em ambientes assim, é ficarmos calados e nos afastarmos (quando for possível). Qualquer coisa que tentar dialogar com alguém projetando sobre você seus próprios defeitos é conseguir fornecer mais material para queimar no 'fogo' de sua projeção. Lembre-se: o que ela está vendo

em você está na cabeça dela, não em você; você não conseguirá mudar a imagem que este tipo de pessoa tem de você até que ela procure um profissional de psicologia para tratar sua falha de desenvolvimento psicológico.

É lamentável quando vemos pessoas altamente instruídas e incapazes de reconhecer suas próprias falhas, seus próprios deslizes. Costumamos vê-las apresentando um discurso totalmente alheio às suas próprias ações, e se você tentar confrontá-la com suas próprias ações, provavelmente ela se tornará irascível e despejará contra você toda uma série de insultos e ironias, se não passar para um ataque físico: a pior coisa que um 'projedor' quer à sua frente é ser confrontado com a realidade: sua própria realidade (a de uma criança fragilizada e birrenta, no corpo de um adulto). (...)

Texto adaptado: http://www.psicologia.med.br/2015/04/projecao-psicologica-e-ingratidao_1.html

3. Instituto AOCP - Analista de Tecnologia da Informação (UFOB)/Desenvolvimento/2018 (e mais 3 concursos)

A projeção psicológica é um mecanismo de defesa desnecessário ao ser humano por prejudicar os relacionamentos. Ela é a responsável por gerar a ingratidão em pessoas que desenvolveram o seu Ego de forma inadequada.

() CERTO () ERRADO

4. Instituto AOCP - Analista de Tecnologia da Informação (UFOB)/Desenvolvimento/2018 (e mais 3 concursos)

A partir das informações do texto, é possível inferir que o Ego caracteriza a personalidade de uma pessoa. Por definição, Ego é a imagem que cada um tem de si próprio, é a consciência do indivíduo, é ele quem determina as suas ações e instintos. É através do ego que somos capazes de balancear o que queremos (desejos) e o que temos (realidade).

() CERTO () ERRADO

5. Instituto AOCP - Analista de Tecnologia da Informação (UFOB)/Desenvolvimento/2018 (e mais 3 concursos)

Uma pessoa muito projetiva verá na outra as suas próprias características ruins, ainda que esta pessoa possua boas qualidades.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 06 a 10

Pesquisadores descobrem como transformar sangue A e B em O

A novidade pode ajudar bancos de sangue ao redor do planeta e salvar milhões de vidas

Ninguém sabe ao certo como morreu o Papa Inocêncio VIII, no século 15. Uma lenda recorrente diz que, oito anos antes dos portugueses pisarem no Brasil, a Igreja estava tão desesperada para salvar o pontífice moribundo que cometeu uma loucura: pediu para três crianças, de 10 anos, trocarem parte de seu sangue por um pedaço de terra. O

médico do líder católico ainda teria determinado que o sangue deveria ser bebido, via oral. Não deu certo. O Papa teria morrido logo depois.

Essa história é, provavelmente, mentira – a Universidade de Toronto até chegou a buscar provas em 1999, mas não encontrou. A lenda, porém, se consagrou como “o primeiro transplante sanguíneo da história”.

De lá pra cá, a lenda se tornou fato – e a medicina evoluiu muito quando o assunto é sangue. Em 1818, o obstetra inglês James Blundell realizou a primeira transfusão devidamente registrada, e em 1901 o austríaco Karl Landsteiner descobriu os tipos sanguíneos (A, B, AB e O), e como eles interagem entre si.

Agora, um século depois, a maior revolução do tipo pode estar prestes a ser confirmada: um grupo de pesquisadores da Universidade de British Columbia, no Canadá, alega que conseguem transformar sangue tipo A, B ou AB em sangue tipo O.

(...) Todo mundo tem um tipo sanguíneo. Você mesmo é ou A, ou B, ou AB, ou O. Isso é importante porque a transfusão entre tipos de sangue diferentes pode matar – se você colocar sangue A em uma pessoa cujo tipo sanguíneo é B, o próprio organismo vai reagir e atacar esse novo malote de sangue. O contrário também ocorre. Sangue tipo A só doa para tipo A ou AB. Tipo B só doa para tipo B ou AB. AB é o menos flexível e só doa para o tipo AB.

Por isso, o tipo sanguíneo mais valioso é o tipo O. Ao contrário dos demais, ele não promove reações defensivas no organismo de pessoas com nenhum tipo sanguíneo. Conhecido como doador Universal, o sangue O pode ser transferido pra qualquer pessoa. É por isso, é claro, que os Bancos de Sangue estão sempre procurando por doadores tipo O.

Com a descoberta da universidade canadense, porém, os Bancos de Sangue podem ter ganhado na loteria. Qualquer sangue pode ir pra qualquer pessoa, uma revolução que tem o potencial de salvar milhões de vidas.

Para conseguir o feito, o pesquisador Stephen Withers analisou a característica que difere entre cada tipo sanguíneo: são os chamados “açúcares antígenos”.

O sangue tipo A carrega um determinado antígeno junto às suas células, quem tem sangue B possui outro, quem tem AB possui os dois. O sangue da transfusão só é aceito quando o corpo não detecta nenhum antígeno diferente do seu próprio.

Só que quem tem sangue O não possui antígeno nenhum. E passa despercebido pelos sistemas de defesa. A ideia, então, foi tentar destruir esses açúcares das células de sangue – assim, em teoria, qualquer fluido sanguíneo ficaria igual ao tipo O.

A saída para o extermínio adocicado se deu por meio de enzimas. Os pesquisadores procuraram substâncias que conseguissem quebrar as moléculas açucaradas (sem danificar o restante do material). O estudo procurou o elemento em mosquitos e sanguessugas, mas encontrou a solução em um local muito mais próximo: no nosso próprio intestino.

Withers percebeu que alguns dos açúcares que consumimos são estruturalmente muito parecidos com os antígenos. Eles observaram que algumas bactérias presentes na flora intestinal auxiliam no processamento desses açúcares da alimentação – e decidiram entender como elas reagiriam em contato com as células sanguíneas.

Foi tiro e queda: elas fizeram a “digestão” dos antígenos – e o que restou era sangue tipo O. (...)

Por Felipe Germano access_time23 ago 2018, 15h54 - Publicado em 22 ago 2018, 19h29
<https://super.abril.com.br/saude/pesquisadores-descobrem-comotransformar-sangues-a-e-b-em-o/>

Considerando o texto apresentado, julgue, como VERDADEIRO ou FALSO, o item a seguir.

6. Instituto AOCP – UNIR - 2018

Como recurso composicional, o texto introduz o assunto com uma narrativa, buscando imprimir veracidade ao conteúdo relatado.

() CERTO () ERRADO

7. Instituto AOCP – UNIR - 2018

A descoberta dos tipos sanguíneos veio no século seguinte ao da primeira transfusão.

() CERTO () ERRADO

8. Instituto AOCP – UNIR - 2018

O uso da expressão “Ao contrário”, no parágrafo 6, indica um movimento de contra-argumentação feito pelo autor, ao afirmar que o uso do sangue O pode ser maléfico, pois ele “não promove reações defensivas no organismo”.

() CERTO () ERRADO

9. Instituto AOCP – UNIR - 2018

No parágrafo 5, os usos do pronome de tratamento ali existente funcionam como uma estratégia discursiva para levar o leitor a aliar-se ao enfoque do autor, no sentido de realizar uma aproximação entre receptor e texto, incluindo o leitor na discussão sobre o tema, mostrando que o assunto do texto interessa a todos.

() CERTO () ERRADO

10. Instituto AOCP – UNIR - 2018

O parágrafo 6 começa com recurso anafórico que faz referência ao conteúdo do parágrafo anterior.

() CERTO () ERRADO

Texto para as questões 11 a 12

A liberdade enriquece

A liberdade surge no oceano da economia, de onde se espalha para todos os lugares. Isso é o que imaginava Ludwig von Mises, o arquiteto mais destacado da escola austríaca de economistas neoclássicos. Ele estava errado: a liberdade nasceu no continente da política, mais propriamente como liberdade de expressão – o direito de imprimir sem licença. O parto deu-se pelas mãos do poeta e polemista John Milton, em 1644, no epicentro da Guerra Civil Inglesa entre o Parlamento e a Monarquia. Naquele ano, Milton publicou a Aeropagitica, fonte do mais clássico dos

argumentos racionais contra a censura: os seres humanos são dotados de razão e, portanto, da capacidade de distinguir as boas ideias das más.

Ludwig von Mises não errou em tudo; acertou no principal. Liberdade não é um artigo de luxo, um bem etéreo, desconectado da economia. A Grã-Bretanha acabou seguindo o caminho preconizado por Milton e se converteu na maior potência do mundo. Os Estados Unidos, com sua Primeira Emenda à Constituição – que proíbe a edição de leis que limitem a liberdade de religião, a liberdade de expressão e de imprensa ou o direito de reunião pacífica –, assumiram o primeiro posto no século XX. Liberdade funciona, pois a criatividade é filha da crítica.

(Trecho adaptado de Demétrio Magnoli. Veja, 22 de setembro de 2010, pp. 80-81)

11. INÉDITA

Considerando-se o teor do texto, é correto afirmar:

- a) Trata-se de um texto opinativo, em que o autor, apoiando-se em teorias e oferecendo exemplos de sucesso, tece comentários a respeito da relação entre liberdade e desenvolvimento econômico.
- b) Há crítica em relação ao papel desempenhado na economia de alguns países por proposições hipotéticas de poetas e economistas sob influência de escolas estrangeiras.
- c) No 2º parágrafo encontra-se defesa por inteiro da opinião do economista austríaco, em flagrante contradição com a observação de que ele havia se enganado, como consta do 1º parágrafo.
- d) O título se volta para a comprovação da tese do poeta inglês de que o desenvolvimento econômico de uma nação se associa inequivocamente à racionalidade de seus cidadãos.
- e) O autor se baseia em opiniões polêmicas de defensores da liberdade de expressão para enaltecer a política colonialista de ingleses e de norte-americanos, entre os séculos XVII e XX.

12. INÉDITA

A última frase do texto

- a) vem confirmar a opinião do autor de que a liberdade se impôs na Inglaterra e nos Estados Unidos por ser decorrente do desenvolvimento econômico dessas nações.
- b) comprova o equívoco cometido pelo economista austríaco, pois liberdade de expressão e sucesso econômico são conceitos que se encontram em campos diferenciados da atividade humana.
- c) pretende demonstrar que o espírito crítico, ainda que associado à liberdade de expressão, nem sempre se mostra suficiente para garantir a estabilidade econômica de uma grande nação.
- d) constitui um fecho coerente de todo o desenvolvimento, com base na defesa da capacidade de discernimento dos seres humanos e da importância da liberdade para o sucesso da economia.
- e) conclui objetivamente a teoria, exposta por Ludwig von Mises e complementada pelo poeta John Milton, de que a origem e a importância da liberdade, bem como os valores dela decorrentes, pertencem ao terreno da economia.

13. INÉDITA

Trânsito mata mais do que assassinatos no Brasil

Quando a maioria da população, com razão, está escandalizada com a violência que impera nas cidades do País, um outro número não recebe tanta atenção quanto os cerca de 60 mil assassinatos registrados anualmente no Brasil. No trânsito, morrerão, neste ano de 2018, segundo estimativas oficiais, 80 mil pessoas. A projeção está baseada no fato de que, nos primeiros meses do ano, os acidentes de trânsito já provocaram 19.398 mil mortes e 20 mil casos de invalidez permanente no País. Os dados são do Centro de Pesquisa e Economia do Seguro, órgão da Escola Nacional de Seguros. As principais vítimas são homens de 18 a 65 anos e motociclistas.

Além das mortes e sequelas as mais diversas, muitas deixando inválidos pelo resto da vida homens, mulheres e crianças, pessoas jovens, ainda há um brutal prejuízo, calculado em torno dos R\$ 96 bilhões pelas faltas ao trabalho dos acidentados.

Ora, tantas vítimas mostram um quadro de insegurança que está presente e que vem ceifando, dia após dia, vidas nas ruas, avenidas e, muito mais, nas rodovias da nação. Pois, da mesma forma que todos condenam o grande número de mortes violentas por conta do tráfico de drogas, da disputa entre gangues, de desavenças familiares, pouca atenção é dada para o massacre que ocorre no trânsito. Da mesma forma que se pede mais educação, devemos nos lembrar que a educação no trânsito é mais do que importante.

Jornal do Comércio

(https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/opinioao/2018/09/648589-transito-mata-mais-do-que-assassinatos-no-brasil.html)

A mensagem principal do editorial é que:

- a) a violência no trânsito não é considerada um assunto importante.
- b) as mortes por acidentes de trânsito superaram as por homicídios.
- c) a sociedade está chocada com o número de homicídios.
- d) as mortes no trânsito não geram tanta comoção.
- e) a educação no trânsito é negligenciada no currículo escolar brasileiro.

14. INÉDITA

Os programas de investigação criminal de ficção não reproduzem corretamente o que ocorre na vida real quando o assunto são as técnicas científicas: um cientista forense da Universidade de Maryland estima que cerca de 40% do que é mostrado no CSI não existe. Os investigadores verdadeiros não conseguem ser tão precisos quanto suas contrapartes televisivas. Ao analisar uma amostra desconhecida em um aparelho com telas brilhantes e luzes piscantes, o investigador de um desses seriados pode conseguir uma resposta do tipo “batom da marca X, cor 42, lote A-439”. O mesmo personagem talvez interroge um suspeito e declare “sabemos que a vítima estava com você, pois identificamos o batom dela no seu colarinho”. No mundo real, os resultados quase nunca são tão exatos, e o investigador forense provavelmente não confrontaria diretamente um suspeito. Esse desencontro entre ficção e realidade pode acarretar consequências bizarras. Em Knoxville, Tennessee, um policial relatou: “Estou com um homem cujo carro foi roubado. Ele viu uma fibra vermelha no banco traseiro e quer que eu descubra de onde ela veio, em que loja foi comprada e qual cartão de crédito foi usado”.

De acordo com o texto, os programas de investigação criminal não reproduzem corretamente a realidade, pois

- a) subjagam a complexidade das técnicas científicas.

- b) superestimam a complexidade dos casos.
- c) minimizam a importância das pistas coletadas.
- d) limitam a atuação dos investigadores.
- e) exageram na minúcia das informações obtidas na investigação.

15. INÉDITA

Entre os Maoris, um povo polinésio, existe uma dança destinada a proteger as sementeiras de batatas, que quando novas são muito vulneráveis aos ventos do leste: as mulheres executam a dança, entre os batatais, simulando com os movimentos dos corpos o vento, a chuva, o desenvolvimento e o florescimento do batatal, sendo esta dança acompanhada de uma canção que é um apelo para que o batatal siga o exemplo do bailado. As mulheres interpretam em fantasia a realização prática de um desejo. É nisto que consiste a magia: uma técnica ilusória destinada a suplementar a técnica real. Mas essa técnica ilusória não é vã. A dança não pode exercer qualquer efeito direto sobre as batatas, mas pode ter (como de fato tem) um efeito apreciável sobre as mulheres. Inspiradas pela convicção de que a dança protege a colheita, entregam-se ao trabalho com mais confiança e mais energia. E, deste modo, a dança acaba, afinal, por ter um efeito sobre a colheita.

(George Thomson)

O texto descreve o uso da dança como marca de manifestação cultural de um povo. De acordo com o exposto, nos Maoris, essa prática tem como efeito direto:

- a) o abandono de técnicas consagradas.
- b) o fortalecimento das sementeiras de batatas.
- c) a convicção na efetividade das técnicas reais.
- d) uma mudança de comportamento no trabalho.
- e) uma maior produção de batatas.

16. INÉDITA

Sérgio Buarque de Holanda afirma que o processo de integração efetiva dos paulistas no mundo da língua portuguesa ocorreu, provavelmente, na primeira metade do século XVIII. Até então, a gente paulista, fossem índios, brancos ou mamelucos, não se comunicava em português, mas em uma língua de origem indígena, derivada do tupi e chamada língua brasílica, brasileira ou, mais comumente, geral.

No Brasil colônia, coexistiam duas versões de língua geral: a amazônica, ou nheengatu, ainda hoje empregada por cerca de oito mil pessoas, e a paulista, que desapareceu, não sem que deixasse marcas na toponímia do país e na língua portuguesa. São elas que nos possibilitam olhar um caipira jururu à beira de um igarapé socando milho para preparar mingau — sem os termos que migraram para o português, só veríamos um habitante da área rural, melancólico, preparando comida às margens de um riacho. Sem caipira, sem jururu, sem igarapé, sem socar e sem mingau, a cena poderia descrever uma bucólica paisagem inglesa.

Com base na leitura do texto, é possível afirmar que a principal intenção do autor é:

- a) enfatizar a influência da língua geral no português falado atualmente no Brasil, enaltecendo sua expressividade singular.
- b) evidenciar o português falado pelos caipiras, destacando a forma bem-humorada com que se comunicam.
- c) comparar a expressividade do português falado no Brasil, parte herdado de antigas línguas indígenas, com a da língua inglesa.
- d) destacar a clareza de comunicação como marca identificadora do português falado no Brasil.
- e) explicar a origem e o significado de expressões usadas no português falado no Brasil, como “jururu” e “igarapé”.

17. INÉDITA

As amigas Beatriz Ismael, Aline Secone e Pietra Favarin, todas com 18 anos, já perderam a conta de quanto tempo passam com o celular na mão. Conversas no WhatsApp, atualizações nas redes sociais, novidades no Snapchat: é muita coisa para acompanhar. Basta o aparelho vibrar para baixarem a cabeça a fim de verificar o que está acontecendo. Beatriz, Aline e Pietra talvez não percebam agora, mas o fato de passar horas com a cabeça curvada por causa do celular ou tablete pode acarretar sérias consequências futuras para elas.

O alerta é de médicos sobre o uso exagerado desses aparelhos por crianças e adolescentes. Pietra admite que fica tanto tempo usando o celular que seu braço chega a adormecer. Já Aline e Beatriz afirmam que não sentem dor alguma. Segundo o ortopedista e traumatologista Guaracy Carvalho Filho, professor da Faculdade de Medicina de Rio Preto (Famerp), a ausência de dores imediatas por causa da cabeça curvada é comum nos jovens que compõem a ‘geração da cabeça baixa’. “É óbvio que eles não vão sentir dores agora.

A estrutura corporal é mais flexível, mas quando chegarem à fase adulta provavelmente vão sentir dores provocadas pela postura errada quando jovens.” E é por causa da ausência de reclamações que os pais ou responsáveis devem prestar atenção nas crianças e nos adolescentes, segundo o médico. “Em princípio, a cabeça curvada para baixo resulta em uma alteração postural. Entre os 13 e 14 anos, o enrijecimento acontece mais rápido. Evoluindo de uma alteração para uma desvio de coluna.”

<https://www.diariodaregiao.com.br/conteudo/2016/01/cidades/saude/667159-uso-excessivo-de-celular-afeta-postura-do-jovem-e-coloca-seu-corpo-em-risco.html>

Ao abordar os impactos gerados pelo uso excessivo de smartphones, o texto enfatiza:

- a) as queixas de jovens com dores precoces resultado da má postura corporal.
- b) as complicações posturais em adultos que curvam a cabeça quando usam celular.
- c) as alterações posturais em jovens que podem resultar em dores na idade adulta.
- d) as sequelas posturais imediatas em jovens resultado do uso excessivo do celular.
- e) a perda de flexibilidade corporal em crianças devido à ausência de reclamação por parte dos pais.

18. INÉDITA

Apesar da nova era em que vivemos, materiais impressos dificilmente deixarão de existir. A divulgação de serviços pela internet tem o custo menor, isso é fato, além de diversas outras vantagens, mas para atingir um público mais abrangente e com hábitos de consumo diferentes, o material impresso é fundamental, pois apesar de vivermos na era digital, muitos ainda preferem o material impresso. É preciso adequar o conteúdo para as duas plataformas, assim a empresa conseguirá atingir todos os públicos e mercados.

Outro item que faz dos impressos uma importante ferramenta de comunicação é a veracidade e a credibilidade das informações. No mundo digital, é praticamente impossível regularizar o conteúdo. Qualquer pessoa pode postar qualquer informação, sem analisar a precisão do conteúdo. Além disso, uma informação armazenada eletronicamente pode ser modificada de uma maneira muito fácil. Já o impresso é palpável, com maior visibilidade e facilidade na memorização do conteúdo.

<https://utidasideias.com.br/index.php?/blog/midia-impressa/mas-o-que-e-midia-impressa>

O trecho reproduzido aborda como as empresas de conteúdo devem lidar com as mídias impressas e digitais, visando atingir os diversos públicos e mercados. Sua principal linha de argumentação consiste em:

- a) afirmar que os conteúdos digitais são capazes de atingir um público mais abrangente.
- b) propor a adaptação de conteúdos didáticos para as duas plataformas: impressa e digital.
- c) alertar o leitor de que conteúdos digitais podem ser facilmente modificados.
- d) enfatizar as significativas aceitabilidade e credibilidade dos materiais impressos.
- e) defender a adoção de comunicação predominantemente impressa.

19. INÉDITA

Editorial: Educação e desigualdade

"O Censo Escolar é uma inquietante denúncia da realidade das escolas públicas, no contexto de deficiências que o Brasil não consegue reduzir", afirma jornal

Fonte: Zero Hora (RS)

O Censo Escolar é uma inquietante denúncia da realidade das Escolas públicas, no contexto de deficiências que o Brasil não consegue reduzir.

É um retrato da realidade brasileira e das suas consequências na Educação o conjunto de dados do Censo Escolar 2013, agora divulgado. O cenário que emerge das estatísticas é desolador para um país que tem assumido a condição de protagonista internacional, pela evolução da economia e pelos avanços sociais. Alguns dados, que não se referem exatamente à qualidade da Educação, mas à estrutura e aos equipamentos à disposição dos Alunos, são alarmantes. Não há como aceitar como razoável o fato de que apenas 36% das Escolas públicas brasileiras, que acolhem 40 milhões de estudantes, têm rede de esgoto. Ou que a grande maioria não disponha de quadras de esportes ou mesmo prédios e equipamentos com as mínimas condições de uso, ou de rampas de acesso para pessoas com deficiência.

Não são detalhes, são partes de um cenário em que faltam laboratórios, bibliotecas, computadores. A realidade mais assustadora é, obviamente, a das Escolas do meio rural. É nesse aspecto que o Censo significa também a denúncia de uma cruel desigualdade: crianças de regiões já maltratadas pela desassistência estatal frequentam os piores colégios. Como observa a secretária de Educação básica do Ministério da Educação, Maria Beatriz Luce, o diagnóstico sintetizado pelo documento é, claramente, resultado de todo o contexto histórico-social do país, do desprezo pelo cumprimento integral do direito à Educação e das responsabilidades previstas na Constituição.

São, como ressalta a Educadora, a expressão não só das desigualdades do Ensino público, especialmente quando este é confrontado com a situação da rede privada, mas das diferenças estruturais do Brasil. Escolas sem esgoto estão no entorno de áreas praticamente abandonadas. Se têm equipamentos, muitos não funcionam.

Apenas 29% dispõem de um espaço para abrigar livros, tão precário que nem sempre pode ser chamado de biblioteca. Para quem reclama da falta de aparelhos e de acesso à internet, a secretária de Educação básica informa que, por mais absurdo que pareça, isso não é o mais grave. O pior é que Escolas desequipadas muitas vezes não têm nem mesmo eletricidade.

O desalento desse Brasil que nem sempre se enxerga está no dado-denúncia do Censo, na avaliação correta da Fundação Lemann, que analisou as estatísticas. O que se vê no levantamento é o confronto de dois Brasis, o urbano, ainda com deficiências, mas em lenta evolução, e o rural, em boa parte estagnado e ignorado.

Muito já se disse sobre as atribuições de União, Estados e municípios na Educação. O Censo fala por si: mesmo com tarefas bem definidas, todas as esferas de poder têm falhado, ressalvadas as exceções. Se cada um fizesse o que deve, o retrato da estrutura do Ensino público do país não seria tão degradante.

Os gêneros textuais presentes no dia a dia apresentam diferentes linguagens e recursos expressivos como elementos de caracterização. Com base na leitura do texto e de sua identificação como um editorial, é possível identificar como seu elemento constitutivo o(a):

- a) presença de opinião de cunho crítico emanada por um jornalista de prestígio.
- b) predomínio de uma abordagem informativa, que contribui para a impessoalização e imparcialidade.
- c) emprego de adjetivações e afirmações categóricas como marcas argumentativas.
- d) uso de dados provenientes de fontes oficiais – no caso, o Censo Escolar 2013 – com o objetivo principal de explicitar o posicionamento da Fundação Lemann.
- e) confronto de pontos de vista heterogêneos acerca do assunto tratado – no caso, a realidade das escolas públicas brasileiras.

20. INÉDITA

A Coruja mestra de canto

A Majestade Dona Águia

Quis aprender a cantar,

E mandou por seus arautos

Os bons mestres convocar.

Piam logo as andorinhas

Que o canário vencerá,

Pondo as honras outras aves

No canoro sabiá.

Foi preferida a coruja

Dando-se como razão:

Que tinha um ar mais sisudo,

Na vista certa expressão.

Mire-se bem neste espelho

Quem lugares pretender,

Agrade, nisto vai tudo,

Largue aos tolos o saber.

A fábula apresentada tem como principal diferencial em relação a outros textos de mesmo gênero:

- a) um desfecho moralizante, que induz o leitor a uma mudança de comportamento
- b) um encorajamento da meritocracia, tema incomum em produções desse tipo.
- c) uma estruturação em versos e estrofes, padrão incomum em produções similares.
- d) um ensinamento politicamente incorreto, divergente do padrão virtuoso típico.
- e) uma linguagem predominantemente conotativa, avessa à objetividade.

21. INÉDITA

O termo nude é do inglês e vem sendo utilizado na Internet por usuários de redes sociais para designar fotos íntimas que retratam a pessoa sem roupa. O envio e a troca de nudes são facilitados em aplicativos de celular, o que torna essa prática popular entre seus usuários, incluindo-se menores de idade, e facilita o compartilhamento das fotos.

Havendo vazamento de fotos íntimas, há violação do direito de imagem da pessoa prejudicada, que, por isso, terá amparo do Estado. A pena para o acusado de vazar as fotos ainda pode ser considerada branda, sendo um pouco mais severa quando se trata de um crime contra a infância. "Quando se trata de crianças e adolescentes, há um agravante, pois, no art. 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente, é qualificada como crime grave a divulgação de fotos, gravações ou imagens de crianças ou adolescentes, sendo prevista a pena de três a seis anos de prisão, além de pagamento de multa, para os que cometem esse crime", diz a advogada presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/AC.

Para combater o compartilhamento de fotos íntimas por terceiros, são necessárias ações preventivas, afirma a advogada. Jovens e adolescentes devem ser educados, de forma que tenham dimensão do problema que a divulgação desse tipo de imagem pode acarretar.

O texto, visando estabelecer uma progressão das ideias, foi dividido estruturalmente nas seguintes partes:

- a) 1ª parte – exposição de opinião acerca de tema polêmico; 2ª parte – detalhamento do assunto, com o apontamento de causas e consequências; 3ª parte – recomendação para combater o problema.
- b) 1ª parte – definição do problema e identificação do principal público afetado por este; 2ª parte – detalhamento do amparo legal relacionado à discussão; 3ª parte – proposição de soluções para o problema.
- c) 1ª parte – relato de fato ocorrido; 2ª parte – explicitação das consequências legais previstas; 3ª parte – sugestões de ações para resolver o problema.

- d) 1ª parte – defesa contundente de opinião; 2ª parte – enumeração de argumentos que atestam a opinião apresentada. 3ª parte – mera síntese do que foi exposto nas duas primeiras partes.
- e) 1ª parte – contextualização do tema proposto; 2ª parte – fundamentação legal que rege a discussão - 3ª parte – proposição de ações de cunho repressivo como solução para o problema.

22. INÉDITA

A BOA MORTE

Aparentemente ninguém deu muita bola para a proposta, feita pela comissão de juristas que revê o Código Penal, de descriminalizar certos tipos de eutanásia. Esse, entretanto, é um assunto importantíssimo e que tende a ficar cada vez mais premente, à medida que a população envelhece e a medicina amplia seu arsenal terapêutico.

Desligar as máquinas que mantêm um paciente vivo pode ser descrito como um caso de homicídio, ainda que com o objetivo nobre de evitar sofrimento, ou como uma recusa em prosseguir com tratamento fútil, o que é perfeitamente legal.

Como sempre, acho que cabe a cada qual fazer suas próprias escolhas. Mas, já que nem sempre sabemos o que é melhor, convém dar uma espiadela em como pensam aqueles que, de fato, entendem do assunto.

Num artigo que está movimentando a blogosfera sanitária e já foi reproduzido no “Wall Street Journal” e no “Guardian”, o doutor Ken Murray sustenta que, embora os médicos apliquem todo tipo de manobra heroica para prolongar a vida de seus pacientes, quando se trata de suas próprias vidas e das de seus entes queridos, eles são bem mais comedidos.

Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres. Murray diz que um de seus colegas chegou a tatuar o termo “no code” (sem ressuscitação) no próprio corpo.

A pergunta que fica, então, é: se não são sádicos, por que os médicos fazem aos outros o que não desejam para si mesmos? E a resposta de Murray é que ocorre uma perversa combinação de variáveis emocionais, econômicas, mal-entendidos linguísticos, além, é claro, da própria lógica do sistema. Em geral, para o médico é muito mais fácil e seguro apostar no tratamento, mesmo que ele se estenda para muito além do razoável.

“Como estão familiarizados com o sofrimento e os desfechos das medidas extremas, querem estar seguros de que, quando a sua hora vier, ninguém vai tentar reanimá-los nem levá-los a uma UTI para entubá-los e espetá-los com cateteres.”.

No período destacado, a primeira oração expressa em relação à seguinte o valor semântico de:

- a) causa
- b) consequência
- c) finalidade
- d) comparação
- e) conformidade

Texto para as questões 23 a 25

A história da clorpromazina (comercializada como Amplictil no Brasil) e de outras drogas psiquiátricas, incluindo lítio e várias gerações de antidepressivos, é contada de forma apaixonante por Lauren Slater em "Blue Dreams" (sonhos azuis).

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica. Sofre de transtorno bipolar e diz estar convicta de que foi apenas o uso maciço de combinações variadas de antidepressivos e lítio que a manteve por mais de três décadas longe das internações de que precisou na juventude.

Ela é uma fã desses fármacos, mas nem por isso deixa de exercer o espírito crítico em relação aos laboratórios. O fato de as drogas funcionarem não significa que seja pelas razões alegadas pela indústria. O modelo da depressão como um desbalanço químico marcado por baixos níveis de serotonina, por exemplo, é mais furado do que um queijo suíço.

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação. Como bônus, ela fala também de fármacos ainda ilegais, mas bastante promissores para uso psiquiátrico, como o MDMA e o LSD.

Hélio Schwartzman

23. INÉDITA

Assinale a opção cuja reescrita mantém a correção gramatical e preserva o sentido original do seguinte trecho:

Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas sem esconder os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

- a) Slater não só mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mas explicita os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- b) Embora Slater não esconda os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação, mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes.
- c) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, mesmo não escondendo os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- d) Apesar de mostrar o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.
- e) Slater mostra o que de bom essas drogas fizeram pelos pacientes, à medida que não esconde os graves efeitos secundários que elas provocam e o tamanho da nossa ignorância em relação a seus mecanismos de ação.

24. INÉDITA

Slater parte de um ponto de vista privilegiado. Além de escritora, ela é psicóloga e paciente psiquiátrica.

É possível identificar entre as duas frases que o compõem uma relação de:

- a) Adição
- b) Explicação
- c) Comparação

- d) Oposição
 - e) Conclusão
-

25. INÉDITA

Lendo uma notícia de um jornal, nota-se o seguinte trecho:

*"Muitas são as pessoas que estão se mudando daquela cidade **graças à** violência que lá tem sido tão frequente."*

Um leitor mais atento julgou incorreto o emprego da expressão "graças a".

Assinale a opção que traz uma justificativa coerente para esse julgamento e uma proposta de correção:

- a) A locução conjuntiva "graças a" não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por "devido a".
 - b) A locução conjuntiva "graças a" não transmite a ideia de causa. Assim, seria interessante substituí-la por "em virtude de".
 - c) A locução conjuntiva "graças a", embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por "devido a".
 - d) A locução conjuntiva "graças a", embora transmita a ideia de causa, tem uso restrito a causas de tom positivo. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por "mesmo com".
 - e) A locução conjuntiva "graças a" transmite a ideia de consequência exigida na frase. Assim, seu emprego no texto é inadequado, sendo interessante substituí-la por "devido a".
-

26. INÉDITA

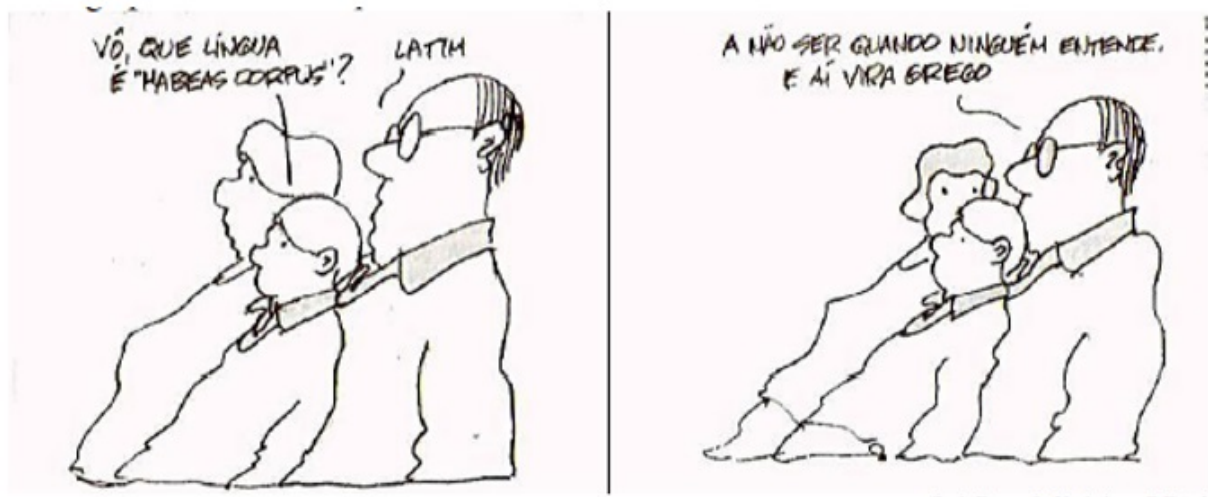


A partir da comparação entre as charges, é possível afirmar que:

- a) As charges sugerem que diferentes gerações encaram a tecnologia de forma negativa e desinteressada.
- b) Os adultos da segunda charge são menos ávidos por tecnologia do que o menino.
- c) A segunda charge explicita as dificuldades da geração mais madura em identificar as funcionalidades presentes nos equipamentos eletroeletrônicos atuais.
- d) A expressão facial e gestual do garoto demonstra que ele gostaria de receber outros presentes que não fossem eletroeletrônicos.
- e) Ambas as charges explicitam as facilidades que o desenvolvimento tecnológico introduziu na vida contemporânea, apesar de alguns se aborrecerem com ela.

27. INÉDITA

A leitura da tirinha permite inferir que:



(Luís Fernando Veríssimo, O Estado de São Paulo, 27/07/2008)

- a) O avô tenta disfarçar, por meio de suas respostas, seu desconhecimento sobre a origem etimológica da expressão "habeas corpus".
- b) A resposta deixa pressuposta a ideia de que, na opinião do avô, o assunto em questão não deveria ser do interesse de uma criança.
- c) A pergunta da criança pode ser considerada retórica.
- d) A fala do avô deve ser compreendida como uma crítica explícita aos políticos de modo geral.
- e) O comentário do avô, no segundo quadrinho, contém uma crítica às iniquidades permitidas pelo judiciário.

28. INÉDITA

Um restaurante muito famoso uma certa vez lançou o seguinte slogan publicitário:

"Nossa meta é servir bem."

Sobre esse anúncio é correto dizer:

- a) A escolha das palavras no anúncio tem por objetivo realçar o bom atendimento, que é característica do restaurante.
- b) A palavra "meta" estabelece um significado implícito que contraria a intenção inicial do anúncio.
- c) O intuito de persuasão, presente em todo texto de caráter publicitário, é plenamente atendido no anúncio, haja vista a escolha apropriada das palavras para tal fim.
- d) O texto não cumpre sua finalidade persuasiva devido ao emprego do pronome possessivo "Nossa", que compromete o tom impessoal presente em textos publicitários.
- e) O emprego do substantivo "diferencial" no lugar de "meta" não alteraria o sentido original do anúncio.

29. INÉDITA

O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura? Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. "Muito!", disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro — e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

(Rubem Braga, "A mulher que ia navegar".)

I – Há uma relação semântica de contraste "banhos intermitentes de sangue" e "ela era toda pálida e suave"

II – A resposta dada pela personagem à pergunta que lhe foi dirigida - "Muito!" – deixa evidente seu interesse pelo assunto tratado.

III - O termo sublinhado no trecho "Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo" faz uma alusão catafórica à percepção do efeito das luzes do anúncio no braço da personagem.

Está(ão) correta(s):

- a) I apenas
- b) II apenas
- c) III apenas
- d) I e II apenas
- e) II e III apenas

30. INÉDITA

Graciliano Ramos, em seu livro *Infância*, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino. Leia o trecho a seguir, extraído dessa obra:

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo, as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

Com base na leitura apresentada, é possível afirmar que o trecho “Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.”:

- a) simboliza no texto o início de um tratamento carinhoso atípico por parte do pai e da mãe do garoto.
- b) faz menção no texto à violência a que era submetida a criança, proveniente de diversos familiares.
- c) consiste em uma metáfora para o fim do repentino íterim de atenção e afeto dirigidos à criança pelos pais.
- d) revela no texto um sentimento de saudosismo dos tempos de convívio entre pais e filhos.
- e) destaca no texto o quão consciente era o garoto da transitoriedade das mudanças de humor de seus pais.

Resumo Direcionado

